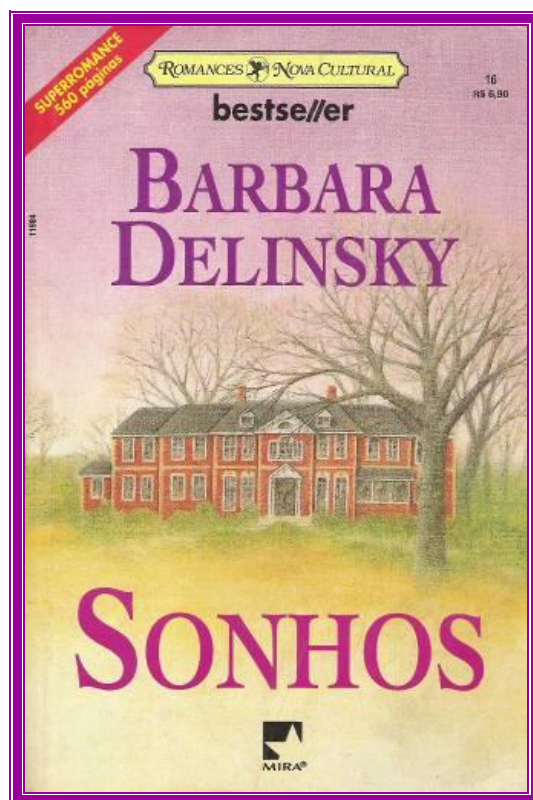


Sonhos

(Dreams)

Barbara Delinsky



Crosslyn Rise, uma magnífica propriedade, abrigou uma das mais aristocráticas famílias de Massachusetts durante cinco gerações. Porém, o tempo e a negligência causaram o início de sua decadência.) Então, algumas pessoas reuniram-se para restaurar esta propriedade

Jéssica Crosslyn está preparada para o desafio de salvar o lar de seus Ancestrais, mas não está disposta a dividir essa tarefa com Carter Malloy, um homem a quem odeia. Carter, arquiteto, sabe que a restauração é mais do que a oportunidade de um trabalho excitante, pois representa sua chance de obter o perdão de Jéssica pelas faltas do passado.

Jideon Lowe, contratado para transformar Crosslyn Rise no mais elegante condomínio da costa do Atlântico, não consegue trabalhar com Christine Gillette, uma das mais importantes decoradoras da região. Os dois são como óleo e água, que nunca se misturam, mas o desejo pode transformá-los em amantes!

Nina Stone, corretora de imóveis, sabe que pode alcançar os preços mais altos pelas casas do luxuoso condomínio, pois confia em sua habilidade. Mas John Sawyer, um dos que investiram grande parte de suas economias só na reforma de Crosslyn Rise, recusa-se a concordar com as idéias audaciosas de Nina e faz de tudo para que ela aceite as suas.

Crosslyn Rise torna-se a paixão de todas essas pessoas, é um sonho que compartilham. E, à medida que elas trabalham para realizá-lo, são envolvidas por outros sentimentos, que podem levá-las a concretizar seus sonhos pessoais.



Copyright © by Mira Books

Originalmente publicado em pela Mira Books.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada através de contrato com a Mira Books.

Mira e o coloíao e coloíao são marcas registradas e licenciadas e patenteadas. Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: Dreams

The Dream Copyright © by Barbara Delinsky

The Dream Upfolds Copyright © by Barbara Delinsky

The Dream Comes True Copyright © by Barbara Delinsky

Tradução: Vera Maria Marques Martins

Editor: Janice Florido

Chefe de Arte: Ana Suely Dobón

Paginador: Nair Fernandes da Silva

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Rua Paes Leme, – ° andar CEP: - - São Paulo - Brasil

Copyright para a língua portuguesa:

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Fotocomposição: Editora Nova Cultural Ltda.

Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

O Sonho (The Dream)

CAPÍTULO I

Jéssica Crosslyn acomodou-se na poltrona estofada diante da escrivaninha, ajeitou a graciosa saia de lãzinha e endireitou os óculos redondos no nariz. Devagar e com relutância, permitiu que seu olhar se encontrasse com o olhar expectante de Gordon Hale.

— Não consigo — disse baixinho. — Havia derrota na suavidade de sua voz e no rosto de feições delicadas. — Mas tentei, Gordon. Fiz malabarismos, tentando me equilibrar. Fechei quase tudo, ficando apenas com os cómodos de que necessito. Mantive o aquecimento num grau tão baixo, que quase congelei, no inverno. Fiz apenas os reparos indispensáveis. Pedi empréstimos baixos, e ainda assim encontro dificuldade para fazer os pagamentos. — Ela suspirou, e seus ombros curvaram-se levemente sob o peso da decepção. — Mas não consigo. Simplesmente, não consigo.

Gordon ficou em silêncio por alguns instantes. Fora amigo dos pais de Jéssica e a conhecia desde o dia em que ela nascera. Durante mais de quarenta anos fora o banqueiro dos Crosslyn e, como resultado, não podia manter-se emocionalmente distante, como deveria. Conhecia muito bem a luta que Jéssica vinha enfrentando, e seu coração comoveu-se.

— Avisei seu pai muitas vezes, sabe? — informou asperamente. — Dizia-lhe que ele não havia tomado as providências adequadas, mas Jed apenas ignorava meus avisos. Depois que sua mãe morreu, ele nunca mais foi o mesmo, não conseguiu mais pensar com clareza.

Jéssica não pôde impedir-se de sorrir à lembrança do pai. Foi um sorriso afetuoso e triste.

— Ele nunca pensou com clareza. Seja sincero, Gordon. Meu pai escreveu alguns tratados científicos verdadeiramente brilhantes, mas era um excêntrico, um esquisitão. Nunca soube direito como funcionava o mundo do dia-a-dia. Era mamãe quem cuidava de tudo, e tentei assumir a mesma tarefa, após a morte dela, mas então as coisas já estavam bastante ruins.

— Sua mãe foi uma excelente pessoa.

— Mas não era nenhum gênio financeiro, e estava tão apaixonada por papai, que tinha medo dele. Mesmo que ela percebesse os problemas financeiros, duvido que falaria com ele a respeito. Não ia querer perturbá-lo. Não ia querer macular a mente criativa, falando de uma coisa tão mundana quanto dinheiro.

Gordon arqueou uma das sobrancelhas espessas e grisalhas.

— E agora, quem ficou com a mente maculada foi você — comentou.

— Não — Jéssica negou. Sabia o que ele estava pensando.

— Minha mente não é criativa como a de papai.

— Acha que vou acreditar nisso? Você é Ph.D. em lingüística, fala russo e alemão fluentemente, leciona na Harvard. E tem um livro publicado. Você é tão instruída quanto Jed foi.

— Se sou instruída, isso se deve apenas ao fato de eu adorar aprender. Mas o que faço não pode nem ser comparado ao que papai fazia. Minha mente não é igual à dele. Não posso simplesmente olhar para o espaço e de lá tirar complexas teorias científicas. Não concebo idéias

do nada. Faço o que estudei para fazer. Tudo muito bem ordenado e pragmático. Sou professora de línguas estrangeiras. Leio livros nos idiomas que ensino e, como tive acesso a certas obras russas, algo que ninguém mais teve, foi fácil para mim escrever sobre elas. Por isso tenho um livro publicado.

— Você devia ter orgulho disso.

— Eu tenho, mas, se forem vendidos mil exemplares do meu livro, eu me darei por feliz, porém não salvarei Crosslyn Bise com isso. Muito menos com meu salário. — Ela deu uma risadinha contrafeita. — Acho que, infelizmente, nisso sou igual a meu pai.

— Crosslyn Rise era responsabilidade dele — Gordon argumentou. — A propriedade pertence a sua família há cinco gerações. Jed passou a vida toda lá. Era seu dever mantê-la, por todos os que o precederam, assim como por você. Se ele houvesse sido responsável, você não estaria na situação em que se encontra agora. Mas não, deixou a propriedade deteriorar-se. Eu disse a seu pai que as coisas ficariam feias, se ele não fizesse reparos, mas não fui ouvido.

Jéssica tornou a suspirar.

— A situação está mesmo feia. Para piorar tudo, estou enfrentando problemas com os encanamentos e a fiação elétrica. Até agora mandei fazer remendos aqui e ali, mas isso já não dá mais certo. Quando me disseram isso, fui à procura de uma segunda opinião, de uma terceira, e tornei a ouvir que tanto os encanamentos como a fiação precisam ser substituídos. E, devido ao tamanho e ao tipo de construção de Crosslyn Rise...

Ela não precisava terminar a frase. Gordon conhecia Crosslyn Rise muito bem. A idéia de instalar novos encanamentos e fiação elétrica numa casa de dezessete quartos e oito banheiros, espalhados por quase dois mil quinhentos e cinqüenta metros quadrados de área construída, era realmente assustadora. E tornava-se ainda mais assustadora, quando se pensava na multidão de problemas que poderiam surgir durante a reforma de uma casa tão antiga.

Movendo alguns papéis para outro ponto da mesa, Gordon disse com voz hesitante:

— Eu poderia emprestar-lhe algum dinheiro.

— Um pouco mais, você quer dizer. — Ela abanou a cabeça levemente e respondeu: — Já estou achando difícil pagar as parcelas em dia. Você sabe disso.

— Sei, sim, Jéssica, mas eu lhe emprestaria mais um pouco. Conheci sua família e conheço você. Este é um banco humilde, mas sou o presidente e, se eu não puder mexer

alguns pauzinhos em benefício de pessoas especiais, se não puder ajudá-las, a quem ajudarei?

Ela ficou comovida, e o sorriso que endereçou a ele deixou isso evidente. No entanto, a generosidade de Gordon não modificava os fatos. Mais uma vez ela abanou a cabeça, lentamente, num gesto de resignação.

— Obrigada, Gordon. Agradeço sua oferta, mas, se a aceitasse, apenas estaria me afundando ainda mais. Vamos encarar os fatos. Adoro meu trabalho, mas nunca ganharei muito dinheiro com ele. Mesmo que eu escrevesse mais um livro ou dois, ou que no próximo semestre desse aulas em mais um curso, ainda assim não ganharia o dinheiro de que preciso.

— Sabe do que você precisa? De se casar com um velho rico que ficaria satisfeito apenas em poder morar num lugar como Crosslyn Rise — comentou Gordon.

Jéssica não moveu um músculo, mas seu rosto tornou-se mais pálido do que já estivera antes.

— Já fiz isso uma vez — observou.

— Chandler não era rico, nem velho.

— Mas queria a propriedade — ela disse, com um olhar que passou de agastado a dolorido, numa fração de segundo. — “Eu não enfrentaria aquilo novamente, nem que Crosslyn Rise fosse feita de ouro maciço.

— Se fosse feita de ouro maciço, você não teria de enfrentar coisa alguma — Gordon ponderou, lamentando ter feito Jéssica pensar em Tom Chandler. As lembranças que ela guardava daquele casamento de curta duração não eram boas. Inclinando-se para a frente, ele cruzou as mãos sobre a mesa. — Quais são suas alternativas?

— Não são muitas — ela respondeu, pensando que fazia meses que sofria, avaliando suas opções.

— Não existe ninguém que possa ajudá-la? Talvez um parente distante, que tenha algum direito sobre Crosslyn Rise.

— Direito? Não. A propriedade era só de papai. O irmão dele, que poderia tê-la herdado, caso meu pai morresse primeiro, morreu antes. Os dois nunca se deram muito bem.

Papai não era bom nisso de comunicar-se com os outros, se é que você me entende.

Gordon entendia e moveu a cabeça num gesto afirmativo.

— Bem, agora papai também faleceu — Jéssica continuou. — Como sou filha única, Crosslyn Rise é minha, de modo que nenhum outro membro da família tem sobre ela o que você chama de “direito”.

— Ninguém tem amor pela propriedade? Nenhum tio, tia ou primo ama bastante aquele lugar para desejar ajudá-la a mantê-lo na família?

— Não, nenhum tio ou tia, mas tenho uma prima. Ela é a filha mais velha do irmão de papai e, se eu lhe telefonasse, ela viria de Chicago no primeiro avião, para me dar conselhos — respondeu Jéssica.

Gordon observou-lhe o rosto, que revelava seus pensamentos com uma surpreendente falta de malícia, embora, graças à mãe dela, Jéssica houvesse vivido seus primeiros anos entre os ricos do litoral norte, a quem malícia não faltava.

— Parece que você sabe que conselhos seriam esses — comentou.

— Oh, sei, sim. Felícia demoliria a casa, dividiria os vinte e três acres em lotes e venderia cada um deles para quem fizesse a melhor oferta. Ela mesma me disse isso, quando veio para o enterro de papai, algo muito esquisito, porque ela não o via desde que completou dezoito anos. Nem precisa dizer que veio por causa de Crosslyn Rise.

— Mas a propriedade é sua.

— Felícia sabia que estávamos tendo dificuldade em mantê-la, e que essa dificuldade aumentaria com a morte de meu pai. Sabia também que eu jamais concordaria em demolir a casa, então planejou comprar as terras ao redor. Achou que isso me daria bastante dinheiro para reformar e manter a casa. Em troca quadruplicaria o valor de seu investimento, vendendo os lotes de terra.

— Com certeza — Gordon concordou. — Voltada para o mar, Crosslyn Rise tem localização privilegiada. Além disso fica em Cambridge, uma cidade rica, com boa administração, ótimas escolas e um excelente serviço de transporte público. E daqui a Boston são apenas vinte e três quilômetros... Sua prima faria mais do que quadruplicar o valor do investimento. — Estreitou os olhos, malicioso. — A menos que você pedisse uma soma exorbitante pelas terras.

— Eu não venderia as terras por soma nenhuma — Jéssica declarou. — Levantando-se,

caminhou até a janela. — Não quero vendê-las para ninguém, mas se fosse obrigada a isso, a última pessoa em quem pensaria como compradora seria Felícia. Ela é uma bruxa.

Gordon pigarreou, limpando a garganta.

— Não esperaria esse comportamento de uma mulher tão culta.

Jéssica virou-se para ele com um sorrisinho acanhado.

— Eu sei, mas acho difícil me comportar como tal com uma pessoa que provoca tanto antagonismo em mim. — Pôs as mãos nos bolsos da saia, e o gesto fez com que se sentisse mais segura. — Felícia é um ano mais velha do que eu, de modo que sempre vinha me visitar, quando éramos crianças. Ela já almejava alcançar a grandeza, e em Crosslyn Rise sentia que trilhava o caminho certo. Sempre brincava, dizendo que ficaria com a propriedade, se eu não a quisesse. Claro que não era apenas uma brincadeira, se você entende o que quero dizer.

Gordon moveu a cabeça num gesto afirmativo, e Jéssica prosseguiu:

— Na época em que terminou o colegial, Felícia descobriu que sua grandeza não viria de Crosslyn Rise. Então, começou a procurar outros caminhos. Como estou com trinta e três anos agora, ela está com trinta e quatro. Casou-se três vezes, sempre com homens ricos, que deram-lhe grandes somas por ocasião do divórcio.

— Então, ela é rica. Mas alcançou a grandeza?

Com um olhar ligeiramente perverso, Jéssica meneou a cabeça, negando.

— Felícia tem muito dinheiro, mas vive sem rumo.

— Surpreende-me que não tenha se oferecido para comprar Crosslyn Rise logo após a morte de seu pai.

— Ah, ela se ofereceu, sim, logo após o enterro. — Jéssica aprumou-se, dando uma aparência majestosa a seu porte de um metro e sessenta e cinco. — Mas recusei a oferta, quase tão bruscamente quanto ela a fez. De jeito nenhum permitirei que fique com Crosslyn Rise. Ela venderia a propriedade, ou a dividiria em lotes, em menos de um ano. — Fazendo uma pausa, respirou fundo e, voltando-se novamente para a janela, arrematou em tom baixo: — Não posso deixar que isso aconteça.

Voltaram a falar das alternativas para salvar Crosslyn Rise. Gordon sabia, tanto quanto ela, que era necessário melhorar o estado da casa.

— O que pensa fazer, Jéssica? — perguntou o mais gentilmente que pôde.

Ela ficou completamente imóvel por alguns segundos, o lábio inferior apertado entre os dentes, olhando na direção do porto. A paisagem encantadora, parcialmente visível de Crosslyn Rise, que ficava a três quilômetros de distância, tornava a idéia da perda ainda mais dolorosa. Mas era uma possibilidade que precisava ser levada em consideração.

— Eu poderia vender parte das terras da periferia — Jéssica começou em tom duvidoso. — Mas seria apenas uma medida tapa-buraco. Eu venderia dois lotes este ano, mais dois no ano que vem, e assim por diante. E não teria o direito de dizer o que deveriam construir neles. A zona é residencial, mas você sabe, tanto quanto eu, que ergueram casas de todos os estilos, uma mais feia do que a outra.

— Não está sendo esnobe? — Gordon provocou.

Ela o fitou, sem um pinga de arrependimento no olhar.

— Estou. O estilo de Crosslyn Rise é colonial georgiano, a casa é linda. Seria transformada num travesti, se ficasse rodeada de casas menos imponentes.

— Há muitas casas imponentes, cujo estilo não é colonial georgiano.

— Mas Crosslyn Rise é, e tudo a sua volta deve harmonizar-se com ela — Jéssica

argumentou, então ergueu um olhar desamparado para o teto. — Essa é a última coisa que eu quero discutir, a última coisa em que desejo pensar.

— Você ama de fato aquela casa.

Ela analisou o pensamento por alguns instantes.

— Não é dos tijolos que a formam que eu gosto, nem da cozinha, da sala de visitas ou da biblioteca. Gosto dela como um todo, daquele encanto de velho mundo. Gosto do cheiro de madeira encerada e da história, da beleza das árvores e lagos, das aves e dos esquilos, da paz, da serenidade. — Mas era mais do que isso, ela refletiu. — Além disso, a propriedade pertence a minha família há muito tempo, e é um pequeno mundo em si mesma. — Calou-se por um momento. — É verdade, eu amo Crosslyn Rise. E preciso fazer alguma coisa. Se não fizer, você será forçado a executar a hipoteca qualquer dia desses.

Gordon não negou. Podia dar mais tempo a Jéssica, podia até conceder-lhe mais um pequeno empréstimo, na esperança de que, por um golpe de sorte, ela conseguisse superar as dificuldades. Mas, no fim, negócios eram negócios.

— O que gostaria de fazer? — ele indagou. Ela fez menção de tornar o olhar pela janela, mas percebeu que isso não facilitaria as coisas. Chegara o momento de encarar os fatos. Cruzou os braços na altura da cintura e respondeu:

— Se eu pudesse escolher, venderia casa e terras, tudo junto, para uma adorável família grande e amorosa, mas as chances de encontrar uma assim, que tenha dinheiro para comprar a propriedade, são quase nulas. Tenho conversado muito com Nina Stone nos últimos oito meses. Se fosse para eu vender, ela seria minha corretora. Sem cadastrar a propriedade na imobiliária, Nina ficou de olho nos clientes, procurando compradores que preenchessem todos os requisitos, mas não encontrou nenhum. O mercado de imóveis está fraco.

— Você pode não encontrar um comprador particular, mas qualquer grande construtor compraria a propriedade num piscar de olhos.

— E no minuto seguinte a cortariam em pedaços, vendendo lotes do menor tamanho possível pelo maior preço

que pudessem pegar. Fariam tudo o que minha prima Felícia faria, com a mesma falta de preocupação com a integridade de Crosslyn Rise. — Jéssica olhou com firmeza para Gordon.

Não, não posso fazer isso. Já é duro ter de me separar de Crosslyn Rise após todos esses anos. Não posso jogá-la para cima e deixá-la cair em qualquer lugar. Quero que me digam o que vão fazer com a propriedade. Quero que tudo o que tiver de ser feito seja feito com dignidade. Quero preservar o encanto do lugar.

Parou de falar, mas ainda não terminara, porque nem mesmo as lentes dos óculos conseguiram ocultar o leve alargamento dos olhos e o brilho de antecipação que havia neles.

— Tem algum plano? — Gordon incentivou-a a continuar.

— Tenho, mas não sei se é viável.

— Diga-me do que se trata, e lhe direi se é viável ou não. Ela apertou os lábios, querendo não precisar dizer nada, mas sabendo que precisava. Fora jogada contra a parede, pois Crosslyn Rise corria perigo, e o que ela imaginara parecia a mais aceitável das opções.

— O que acha de transformarmos o imóvel num condomínio exclusivo? — perguntou, então, sem esperar que Gordon respondesse, acrescentou depressa: — Poderíamos construir casas no mesmo estilo da mansão, ou em estilos compatíveis, espalhadas pelo bosque, em lugares bem escolhidos. — Então, continuou ainda mais rapidamente, levada pelo impulso das próprias palavras: — E se a própria mansão fosse reformada e convertida numa combinação de academia

de ginástica, sede de clube e restaurante? E se criássemos, na área do porto, algo pequeno mas de classe, com lojas finas e uma marina?

Calou-se abruptamente, quando não teve mais nenhum "e se".

Descruzando as mãos, Gordon endireitou-se na poltrona.

— Está disposta a fazer tudo isso? — indagou.

— Disposta, estou, mas não tenho meios. O que descrevi foi um projeto astronomicamente caro e...

Ele interrompeu-a com um gesto.

— Está disposta a transformar Crosslyn Rise num condomínio?

— Estou, se for para fazer as coisas do jeito certo — ela respondeu. De repente, passara para a defensiva, sentindo-se vagamente desleal com Crosslyn Rise. — Se tivesse escolha, não mexeria na propriedade, mas tudo está deteriorando-se mais a cada ano que passa. Não posso restaurá-la, mas tenho de fazer alguma coisa. Essa minha idéia seria a melhor das alternativas. Se tudo fosse feito com cuidado e classe, depois de muito estudo, poderíamos mudar a natureza de Crosslyn Rise, sem mudar seu caráter.

— "Poderíamos"?

— Isso mesmo. — Jéssica afastou-se da janela para suplicar: — Preciso de ajuda, Gordon. Não tenho dinheiro, e eu teria de fazer empréstimos, mas, assim que as casas fossem construídas e vendidas, eu pagaria minha dívida. Então, não estou pedindo que me conceda um empréstimo para fazer consertos em Crosslyn Rise. Posso conseguir a quantia de dinheiro de que necessito?

— Não.

Ela pestanejou, surpresa.

— Não?! Então, não gostou da idéia?

— A idéia do condomínio? Gostei, é muito boa.

— Mas você não me ajudará.

— Não posso emprestar tanto dinheiro.

Ela voltou a sentar-se, deslizando para a borda da poltrona.

— Por que não? Ofereceu-me dinheiro, momentos atrás. Sei que eu precisaria de muito mais, mas seria um investimento que garantiria lucro suficiente para eu pagar o empréstimo e ainda ficar com algum dinheiro.

Gordon olhou-a carinhosamente. Tinha infinito respeito por Jéssica, pelo trabalho que desempenhava na Harvard. Mas precisava admitir que ela não possuía nenhum tino para negócios.

— Nenhuma instituição financeira lhe emprestaria tanto dinheiro, Jéssica. Se você fosse uma respeitada empreendedora no setor de imóveis, construtora ou arquiteta, talvez

tivesse uma chance. Mas, do ponto de vista de qualquer banqueiro, emprestar uma enorme soma a uma professora de lingüística, para ela construir um condomínio, seria o mesmo que emprestar dinheiro a uma bibliotecária para ela comprar o time dos Red Sox. Você não está no ramo de imóveis. Pode saber o que deseja para Crosslyn Rise, mas não sabe como realizar seu projeto. Não tem o tipo de credibilidade necessária para conseguir o empréstimo.

— Mas preciso desse dinheiro! — ela exclamou. Nunca usava um tom de voz tão alto, e isso refletia sua frustração, que aumentava a cada minuto.

— Então, precisamos encontrar pessoas que tenham a credibilidade necessária para tal projeto.

Ela sentiu sua frustração diminuir. Tudo o que precisava era de um fio de esperança.

— Certo — concordou. — Como se faz isso? Como essas coisas funcionam?

Gordon relaxou na poltrona. Gostava de fazer projetos e sentia-se aliviado por Jéssica mostrar-se disposta a aceitar sugestões.

— Podemos criar um consórcio, um grupo de pessoas interessadas em investir no futuro de Crosslyn Rise. O lucro de cada membro, no fim, será de acordo com sua contribuição financeira para o projeto.

Jéssica não tinha muita certeza de que gostava daquela idéia de consórcio, simplesmente porque parecia real demais.

— Um grupo de estranhos? Que nem conhecem Crosslyn Rise? Como podemos garantir que não vão contribuir com suas idéias, além de dinheiro, criando algo horrível?

— Nós os escolheremos um por um. Só aceitaremos pessoas que estejam tão interessadas quanto você em preservar a dignidade e o encanto de Crosslyn Rise.

— Ninguém tem tanto interesse quanto eu.

— Talvez não. No entanto, tenho visto lindos projetos, similares ao que você imaginou, criados nos últimos anos. Há investidores que também são defensores da natureza.

Jéssica acalmou-se apenas um pouco, um fato atestado por um aperto em seu estômago.

— Quantas pessoas?

— Tantas quantas forem necessárias para levantarmos o dinheiro. Três, seis, doze.

— Doze pessoas estranhas?

— Só serão estranhas no princípio. Você as conhecerá, porque também participará do consórcio. Faremos com que a propriedade seja avaliada no justo valor de mercado, e isso determinará sua parte no projeto. Se quiser, eu lhe emprestarei mais dinheiro, para que aumente sua parte. Você terá de decidir quanto lucro deseja obter.

Os olhos dela flamejaram.

— Não estou atrás de lucro!

— Claro que está — afirmou Gordon, naquele tom de pessoa mais velha e mais sábia.

— Se Crosslyn Rise for transformada num condomínio, essa será sua herança, Jéssica. Nunca se esqueça disso. Você pode achar que está com um pé na pobreza, mas a propriedade, mesmo com todos os problemas, vale uma fortuna. E valerá ainda mais, quando o empreendimento for concluído.

Empreendimento. A palavra assustou-a. Ela se sentiu culpada apenas pelo fato de estar pensando nisso. Uma traidora mercenária. Num instante, estava desapontada consigo mesma, no outro, furiosa com o pai.

Mas nem desapontamento, nem fúria, modificariam os fatos.

— Por que tem de ser assim? — murmurou com tristeza.

— Porque a vida continua, e as coisas mudam — Gordon filosofou baixinho. Inclinou a cabeça para um lado, olhando-a pelo canto dos olhos. — Pode não ser tão ruim. Você deve se sentir muito só, morando em Crosslyn Rise sem ninguém por perto. O lugar é muito grande. Você pode escolher uma das casas menores e mandar que seja projetada a seu gosto.

Jéssica ergueu a mão em protesto. Ele estava indo depressa demais.

— Ainda não decidi se vou aceitar sua idéia.

— É uma boa idéia.

— Mas você faz parecer que já é algo real, e isso me dá a sensação de estar perdendo o controle da situação.

— Você seria membro do consórcio — Gordon lembrou-a. — Teria o direito de opinar sobre a execução do projeto.

— Eu seria uma entre três, seis, ou, talvez, doze membros.

— Mas você é a proprietária de Crosslyn Rise. Nada seria feito sem sua aprovação.

— Verdade?

— Verdade.

Isso a fez sentir-se melhor, mas apenas um pouco. Ela sempre fora do tipo introvertido. Achava difícil imaginar-se sentada à ponta de uma mesa, ouvindo um grupo de investidores falantes discutir seu futuro. Eles falariam mais do que ela, seriam mais espertos, teriam planos diferentes dos seus.

— Quero mais do que isso — declarou num impulso. Afinal, tratava-se de lutar pela sobrevivência. — Quero ser o principal membro do consórcio, quero que minha parte seja a maior. Quero que me garantam que terei controle sobre o resultado final. — Empertigou-se na poltrona. — Isso é possível?

Gordon ergueu uma sobrancelha, parecendo duvidoso.

— Tudo é possível. Mas será aconselhável? Não sei, Jéssica. Você é uma intelectual. Não sabe nada de empreendimentos imobiliários.

— Posso aprender, ouvindo os que sabem. Tenho bom senso e olho artístico. Sei o que quero. E amo Crosslyn Rise. — Enquanto falava, ela se convencida do que dizia. — Basta-me ter o poder de aprovar ou desaprovar. Quero participar do projeto, do começo ao fim. Só dessa maneira conseguirei dormir, à noite. — Não estava gostando muito da expressão de Gordon. — Acha que não serei capaz disso, não é?

— Não, não é isso. — Ele hesitou. Previa muitos problemas, um dos quais era imediato. Escolheu as palavras para dizer a Jéssica o que estava pensando, desejando não ser ofensivo. — Você precisa entender que, por tradição, os homens é que são investidores, pessoas que já se envolveram em outros projetos. Estão acostumados a trabalhar de uma determinada maneira. Não sei o que vão achar de receber ordens de uma novata.

— De uma mulher, você quer dizer — ela observou, e ele não negou. — Mas sou uma pessoa razoável. Não sou irracionalmente teimosa, nem maldosa. Terei a mente aberta para qualquer coisa, menos o comprometimento da dignidade de Crosslyn Rise. Que dirigente melhor eles poderiam querer?

Gordon, cauteloso, tentou uma tática diferente.

— Mudar o aspecto de Crosslyn Rise vai ser doloroso para você. Tem certeza de que deseja estar profundamente envolvida no processo?

— Tenho — ela afirmou.

Ele respirou fundo e olhou para o tampo da mesa, tentando pensar em outros argumentos evasivos, mas não conseguiu. Por fim, decidiu dizer a verdade, expondo o problema real.

— O fato, Jéssica, é que, se você insistir em dirigir o consórcio, talvez eu encontre dificuldade em reunir investidores. — Ergueu a mão num gesto conciliador. — Não é nada pessoal, entenda. A maioria das pessoas em quem estou pensando não sabem quem e o que você é, e o fato de uma mulher jovem e inexperiente estar no comando do projeto pode deixá-las arredias. Elas acharão que você talvez leve uma eternidade para tomar uma decisão e que depois de tomá-la mude de idéia de repente. E isso nos leva de volta à questão da credibilidade.

— Mas isso não é justo!

— A vida nem sempre é justa — ele murmurou, pensativo. — Mas há uma maneira de contornarmos a situação.

— Qual?

Gordon refletiu por uns instantes.

— Assumir uma espécie de compromisso — sugeriu por fim. — Para começar, poremos toda a idéia no papel. Você trabalhará com um arquiteto, dizendo-lhe o que deseja, e ele esboçará alguns projetos. Os dois juntos examinarão todo o trabalho, modificando o que for preciso, até que você fique completamente satisfeita. Então, procuraremos os possíveis investidores com um *fait accompli*. — Entusiasmava-se cada

vez mais com o plano, à medida que falava — Acredito que dará certo. Com suas idéias expostas nos projetos de um arquiteto, poderemos calcular os gastos mais precisamente. E o fato de sermos específicos pode ajudar a seduzir os investidores.

— O que você quer dizer é que isso compensará a desvantagem de trabalharem comigo? — Jéssica comentou secamente, mas não estava irritada.

Sexismo existia, ponto final. Ela já o enfrentara e enfrentaria novamente.

— Tudo ficaria mais simples — continuou Gordon, ignorando o comentário dela. Você controlaria o projeto, e os investidores saberiam exatamente em que tipo de negócio estariam entrando. Se não gostarem de sua idéia, não investirão e, se não conseguirmos reunir pessoas suficientes, você pagará apenas o arquiteto.

— E quanto isso me custaria? — Jéssica perguntou, pois um de seus colegas, que precisara do trabalho de um arquiteto, reclamara do preço, não muito tempo antes.

— Menos do que o usual, se você contratar o homem que tenho em mente.

Jéssica não sabia se ficava nervosa ou impressionada. A coragem que sentira momentos antes começava a desaparecer, com toda aquela conversa sobre coisas específicas, como arquitetos.

— Já pensou em alguém?

— Já — respondeu Gordon, olhando-a nos olhos. — Ele é o melhor, afinal, Crosslyn Rise merece.

Contra aquilo ela não podia argumentar.

— Quem é?

— Trabalha no ramo há apenas doze anos, mas tem feito coisas incríveis. Durante sete desses doze anos trabalhou para uma firma de Nova York e percorreu a costa leste, criando projetos de DUP.

— DUP?

— Desenvolvimento Urbano Planejado. Cinco anos atrás, ele abriu sua própria firma, em Boston. Já fez projetos como esse que você tem em mente. Eu os vi, são de tirar o fôlego.

O comentário atçou a curiosidade de Jéssica.

— Quem é ele?

— É um sujeito prático, com grande experiência no ramo de construções, o que o torna um arquiteto ainda melhor. Não é cheio de si, de modo que não é difícil trabalhar com ele, e acredito que ficará muito interessado nesse projeto.

Jéssica estava tentando lembrar-se se lera alguma coisa nos jornais a respeito de um arquiteto que pudesse encaixar-se na descrição de Gordon. Não, um artigo desse tipo sairia na seção de negócios, que ela nunca lia, um fato que, infelizmente, reforçava algumas das opiniões de Gordon a seu respeito. No entanto, ela confiava em suas idéias. E, se ia trabalhar com um

homem como aquele que Gordon descrevera, não podia perder essa confiança.

— Quem é ele? — repetiu.

— Cártter Malloy.

Jéssica encarou o banqueiro, aturdida. O nome não lhe era nada estranho. Cártter Malloy. Fiapos de lembranças começaram a flutuar por sua mente.

— Conheci um Cártter Malloy — disse, pensativa. — Era filho do casal que trabalhava para nós em Crosslyn Rise. A mãe cuidava da casa, e o pai era o jardineiro. — Experimentou um momentâneo desejo. — Oh, como seria maravilhoso, se agora eu pudesse usar o talento de Michael Malloy para a jardinagem. Acima de tudo, Crosslyn Rise precisa de um bom trabalho de paisagismo. Mas faz mais de dez anos que os Malloy aposentaram-se e foram para o sul do país. — O desejo desvaneceu-se, e ela franziu a testa. — Faz mais tempo ainda que não vejo o filho deles, graças a Deus. Que rapaz horrível! Era mais velho do que eu e nunca me deixou esquecer isso. Ficava louco, quando pensava que os pais dele eram pobres, e os meus, não. Tinha boca suja, entrava em encrencas na escola e ficava irritado à toa. E era feio.

— Ele não é feio, agora — Gordon informou em tom baixo, a expressão neutra.

— O que disse?

— Eu disse que ele não é feio, agora. Cresceu e melhorou numa infinidade de sentidos, inclusive neste.

Jéssica surpreendeu-se.

— Tem tido contato com Cártter Malloy?

— Ele tem uma conta aqui. Claro que poderia entregar seus negócios a um dos maiores bancos de Boston, mas diz que se sente ligado ao lugar onde cresceu.

— Sem dúvida que se sente. Tem ficha na polícia daqui, por roubo, não?

— Ele se regenerou.

A expressão de Jéssica deixou transparecer que ela duvidava que aquilo fosse possível.

— Eu sempre me espantei com o fato de pessoas maravilhosas como Annie e Michael Malloy terem posto no mundo um filho como aquele. Os dois sofreram muito por causa dele. — Ela meneou a cabeça, entristecida. — Cártter não está morando por aqui, está? Diga-me, para que eu possa ficar atenta. Não quero me encontrar com ele na rua.

— Mora em Boston.

— O que faz lá? É vendedor de carros usados?

— É arquiteto. Jéssica ficou atônita.

— O Cártter Malloy que conheci? Não!

— Como eu disse, ele cresceu.

O pensamento que invadiu a mente de Jéssica foi tão horrível, que ela tratou de expulsá-lo.

— O Cártter Malloy que conheci não poderia tornar-se arquiteto. Mal conseguiu terminar o colegial.

— Esteve no Exército e quando saiu foi para a faculdade.

— Mas, mesmo que ele tivesse cérebro para cursar uma faculdade, não teria a paciência e a dedicação necessárias. Nunca conseguiria aplicar-se por muito tempo. A única coisa que fazia bem era criar confusão.

— As pessoas mudam. Cártter Malloy agora é um respeitado e bem-sucedido arquiteto.

Jéssica nunca pegara Gordon numa mentira, então, aquilo devia ser verdade. Agarrando-se a um ténue fio de esperança, ela deu uma risadinha tensa.

— Não será uma coincidência? Não existirão dois arquitetos chamados Cárter Malloy? Aquele em quem você pensou para o meu projeto também mora em Boston, ou tem uma casa num dos subúrbios?

Gordon não respondeu. Olhando-o rapidamente, Jéssica levantou-se e começou a andar de um lado para o outro, as mãos nos bolsos da saia e, ao mesmo tempo em que a lãzinha fina revelava a esbeltez de seus quadris e pernas, mostrava também os punhos cerrados com força, apertados contra suas coxas.

— Você sabe o que Cárter Malloy me fez, quando eu tinha seis anos? Desafiou-me a subir até a terceira forquilha do grande olmo perto da lagoa dos patos. — Ela se virou para a janela, mas estava olhando para o passado. — Não preciso dizer que subi mas que depois não consegui descer. Ele me olhou, deu um sorriso perverso e foi embora. — Parou diante de uma estampa de Currier e Ives na parede, mas sem vê-la. — Fiquei aterrorizada. Sentei-me e esperei, achando que Cárter voltaria, mas ele não voltou. Gritei, mas estava longe demais da casa para ser ouvida. O tempo foi passando, e cada vez que eu olhava para o chão, sentia vertigem. Fiquei lá, chorando, durante três horas, até que Michael finalmente me encontrou e chamou o corpo de bombeiros para me trazer para baixo. — Deu mais alguns passos. — Tive pesadelos durante várias semanas, depois disso. E nunca mais subi numa árvore.

Parou junto de um aparador, virou-se e encarou Gordon, encostando-se no móvel de mogno.

— Se o Cárter Malloy que conheci é o mesmo em quem você está pensando para o trabalho, a resposta é "não". Esta é minha primeira decisão como dirigente do consórcio, e não quero discussão.

— É disso que tenho medo — disse o banqueiro num tom que pretendia ser brincalhão. — Vai ser difícil conseguir investidores, se você começar a tomar decisões importantes sem querer ouvir a opinião de pessoas mais experientes. Difícil, não, quase impossível. Eu próprio não poria dinheiro num negócio desses. Deve ser um inferno, trabalhar com uma mulher tão cabeça-dura.

— Gordon! — ela protestou.

— Estou falando sério, Jéssica. Você disse que aprenderia ouvindo, mas não parece disposta a fazer isso.

— Estou disposta, sim, mas não no que se refere a Cárter Malloy. Eu não suportaria trabalhar com ele. Seria um desastre, e o que aconteceria a Crosslyn Rise? — ela argumentou em tom de súplica. — Deve haver outros arquitetos. Ele não pode ser o único disponível.

— Não, não é. Existem outros, mas ele é o melhor.

— O melhor, em toda a cidade de Boston?

— Considerando-se as circunstâncias, sim, é o melhor.

— Que circunstâncias?

— Ele conhece a propriedade e gosta dela.

— Gosta?! — ecoou Jéssica, surpresa. — Acho que ele prefere queimá-la até que tudo vire cinzas, do que transformá-la em algo bonito.

— Como é que você sabe? Quando foi a última vez que falou com ele?

— Quando eu tinha dezesseis anos. — Afastando-se do aparador, ela recomeçou a andar de um lado para o outro. — Fazia tempo que eu não o via e...

— Porque ele estava no Exército — Gordon interrompeu-a.

— Que seja. Os Malloy não falavam muito sobre o filho, e eu seria a última pessoa a

perguntar. Uma noite, eu estava no alpendre, esperando meu namorado, e Cárter foi à mansão buscar alguma coisa para o pai. Ele disse... — Foram as lembranças que a interromperam daquela vez. Lembranças dolorosas, que a mantiveram em silêncio por alguns instantes. Então, Jéssica prosseguiu num murmúrio: — Ele me disse coisas cruéis, contundentes. — Parou de andar para fitar Gordon. — Cárter Malloy me odeia tanto quanto eu o odeio. De jeito nenhum ele concordaria em fazer o trabalho para mim, mesmo que eu quisesse seus serviços, o que não é o caso.

Gordon, porém, não cedeu.

— Faria, e muito bem. O Cárter Malloy que conheci no decorrer dos últimos cinco anos é um homem muito diferente do rapaz de quem você se lembra. Nunca se perguntou como

os pais conseguiram aposentar-se tão cedo? Não tinham nem sessenta anos, e eram saudáveis. Haviam juntado algum dinheiro, nos anos de trabalho, então Cárter comprou-lhes uma casa na Flórida, com bastante terreno em volta, para que o pai pudesse ter um jardim para cuidar o ano todo. Foi a primeira coisa que ele fez, quando começou a ganhar bem, e até hoje não deixa que falte nada aos pais. É uma maneira de compensá-los por todo o desgosto que lhes deu quando era mais jovem. Se ele a magoou um dia, tenho certeza de que gostaria muito de ter a oportunidade de ajudá-la agora.

— Duvido — ela disse em tom de desprezo, mas um pouco mais calma. Ficara surpresa com o que Gordon dissera. Cárter Malloy nunca parecera ter um pinga de sensibilidade. — O que você quer dizer com isso de ele me ajudar?

— Aposto como Cárter vai querer participar do consórcio.

— Com pena de mim?

— Não, absolutamente. Ele é um empresário inteligente. Participará do consórcio porque se trata de um bom investimento, e também por amor aos velhos tempos. Já o ouvi falar com muito carinho de Crosslyn Rise. — Fazendo uma pausa, Gordon passou os dedos sobre o lábio superior. — Sou capaz de dizer que ele aceitará colocar seus honorários como parte de sua contribuição para ter mais chance de fazer com que os planos tenham sucesso e, se não tiverem, você não terá de lhe pagar quarenta, cinquenta mil dólares por um projeto abortado.

— Quarenta, cinquenta mil? — Jéssica não imaginara que seria tão caro. Engolindo em seco, sentou-se mais uma vez, afundando-se na poltrona como em busca de proteção. — Não estou gostando nada disso, Gordon.

— Eu sei. Mas, levando em conta que, nas atuais circunstâncias, Crosslyn Rise não poderá ser salva, essa é uma opção empolgante. Deixe-me telefonar para Cárter e marcar um encontro.

— Não! — ela gritou. Então repetiu, mais baixo: — Não.

- Seria só um contato introdutório. Você poderá explicar a Cárter a idéia geral do projeto e ouvir o que ele tem a dizer. E decidirá por si mesma se é o mesmo homem de antigamente. Não haverá nenhum compromisso. Irei com você, se preferir.

Jéssica ergueu o queixo com altivez.

— Nunca tive medo de Cárter Malloy. Só não gostava dele.

— Agora vai gostar. É um bom sujeito. Você mesma disse que ele ficava louco porque era pobre, e você, rica. Ele deve ter desejado muito ser dono de Crosslyn Rise. Então, deixe-o juntar esse desejo e a idéia que você teve e desenhar alguns projetos.

— Esses desenhos tanto poderão ser muito bons como muito ruins.

— Mas há duas coisas que você precisa lembrar. A primeira é que Cárter tem uma carreira e uma reputação para proteger, e a segunda é que a palavra final será sua. Se você não gostar do trabalho dele, poderá vetá-lo. De certa maneira, isso coloca Cárter na palma de sua mão, não é verdade?

Jéssica pensou na última vez em que vira Cárter Malloy. Lembrou-se do que ele lhe dissera, nitidamente, percebendo que a dor e a humilhação ainda existiam, mesmo depois de tantos anos. Talvez sentisse grande satisfação, se pudesse tê-lo "na palma da mão".

E, claro, Crosslyn Rise ainda era sua. Se Cárter não criasse nada que a agradasse, ela lhe viraria as costas e iria embora. Mostraria a ele quem riria por último.

CAPÍTULO II

Jéssica nunca gostara de participar de eventos sociais. A mãe, consciente da importância da família Crosslyn, dera-lhe uma orientação nesse sentido, na infância, levando-a a festas de aniversário, para as quais a vestia com apuro, fazendo-a ter aulas de equitação e de balé, mandando-a para acampamentos de verão. Assim, Jéssica aprendera tudo o que era exigido de uma jovem de classe privilegiada, embora não se enquadrasse no esquema. Para começar, não fora uma menina bonita. Os cabelos longos e rebeldes, o corpo reto como uma tábua e as feições comuns não ofereciam nenhum atrativo, e o fato de ela sorrir muito pouco não ajudava em nada. Ela era compenetrada, quieta, tímida, não muito diferente do pai. Na verdade, só sentia-se realmente bem quando estava em Crosslyn Rise, em seu quarto, lendo um bom livro. No entanto, num recanto de seu íntimo, guardava o sonho de ser a bela do baile.

Receber uma amiga em casa para brincar representava para ela uma experiência que lhe causava tanto entusiasmo quanto apreensão. Gostava de ter companhia e ainda mais da sensação de ser apreciada por alguém, mas sempre tinha medo de entediar sua convidada. Pelo menos, a mãe alertava-a incansavelmente para evitar o tédio. Já adulta, Jéssica compreendera que a mãe, bem lá no fundo, achava o marido tedioso, embora adorasse seu intelecto, e que fora essa a causa de suas eternas advertências. Mas no tempo de criança aceitara os avisos e, quando recebia uma amiga, fazia de tudo para agradá-la.

Foi por esse motivo que se sentiu esmagada pelo que Cárter lhe fez, quando ela estava com dez anos. Laura Hamilton, a menina que mais chegou perto de ser uma amiga íntima, fora visitá-la. Não ia a Crosslyn Rise com muita frequência, porque o lugar não era considerado divertido. Mas naquele dia estava lá, porque ela e Jéssica tinham de fazer um trabalho escolar em conjunto, e na biblioteca dos Crosslyn havia todas as enciclopédias e as National Geographic de que as meninas iam precisar.

O dia de outono estava morno, e, quando terminaram o trabalho, Jéssica sugeriu que fossem para a varanda, um de seus lugares favoritos porque, sombreada por enormes bordos e carvalhos, oferecia a quietude e a privacidade que a faziam sentir-se segura.

E foi assim, segura, que se sentiu ao ver que Laura gostara da varanda. Sentaram-se lado a lado no sofá de estampa floral, blocos de papel no colo e lápis na mão, e começaram a escrever poesias, uma atividade que Jéssica achava deliciosa.

Cárter Malloy, porém, pensava diferente. Com uma tesoura de poda nas mãos, surgiu de

trás dos rododendros, onde, para desgosto de Jéssica, ele aparentemente estivera sentado, ouvindo o que elas diziam.

— O que é que vocês duas estão fazendo? — ele perguntou como quem sabia exatamente a resposta e num tom que deixava perceber que achava que escrever poesias era uma grande bobagem.

— O que é que você está fazendo? — Jéssica replicou, irritada. O tamanho de Cárter, sua voz profunda, o fato de ter dezessete anos não a intimidavam. Talvez ela sentisse um pouco de medo, um pouquinho só, de seu ar de valentão, mas não ia deixar que isso a atrapalhasse. Como era filho de empregados, ele não ousaria tocá-la. — O que está fazendo aí?

— Podando as sebes — Cárter respondeu com um olhar insolente.

Ela estava acostumada àquele olhar, mas ficava na defensiva sempre que o via.

— Não. Você estava nos espionando.

Ele inclinou-se um pouco para um lado, apoiando a mão na coxa, mas mantinha o peito para a frente para enfatizar os músculos em desenvolvimento.

— Por que, diabos, eu faria isso? Vocês estão escrevendo poesias idiotas.

— Quem é ele? — Laura perguntou num cochicho, nervosamente.

— Ninguém — foi a resposta clara de Jéssica. Sempre respondera às provocações de Cárter, mas daquela vez isso lhe parecia ainda mais importante. Tinha de impressionar Laura. Então, prosseguiu, dirigindo-se a ele: — Você devia estar podando os arbustos, mas não estava. Nunca faz o que seu pai manda.

— Tenho vontade própria — Cárter retrucou, olhando-a nos olhos agressivamente. — Mas você não sabe o que é isso. Só sabe ir a festas, como sua mãe, ou ficar com o nariz enfiado num livro, como seu pai. Não saberia fazer nada por vontade própria, mesmo que tentasse. Então, de quem foi a idéia de escrever poesias? De sua amiguinha cheia de afetação? Jéssica não sabia se ficava zangada ou embaraçada.

— Vá embora, Cárter.

Ele ergueu a tesoura preguiçosamente e cortou um único ramo.

— Estou trabalhando.

— Vá trabalhar em outro lugar — ela gritou com uma frustração de menina de dez anos. — Há muitos outros arbustos.

— Mas são estes que precisam de poda. Jéssica estava determinada a não recuar.

— Queremos ficar sozinhas.

— Por quê? O que há de tão importante em escrever poesias? Vocês têm medo que eu roube suas rimas? — Ele olhou atentamente para Laura. — Você é da família Hamilton, não é?

— Não responda — Jéssica disse à amiga.

— É dos Hamilton, sim — Cárter decidiu. — Já vi você na igreja, com sua família.

— Mentira — Jéssica declarou. — Você não vai à igreja.

— Vou, às vezes. É divertido ver todos aqueles pecadores pedindo perdão. Veja o velho Hamilton, por exemplo. Ele conseguiu ser deputado estadual porque comprou...

Jéssica levantou-se, o corpo trêmulo. A única coisa que sabia era que Cárter ia dizer algo para ofender Laura e, se isso acontecesse, a menina nunca mais a visitaria.

— Cale a boca, Cárter!

— Ele comprou seu lugar na câmara, e agora só fica lá sentado, erguendo a mão de vez em quando. Mas acho que não precisa fazer nada. Se eu tivesse tanto dinheiro quanto ele, também não faria.

— Você não tem tanto dinheiro. Não tem dinheiro nenhum.

— Mas tenho amigos, e você não tem.

Jéssica não saberia dizer como Cárter descobrira seu calcanhar-de-aquiles, mas a verdade era que ele acertara no ponto mais doloroso.

— Você é um cretino, um burro! — gritou. — Além de idiota, tem espinhas. Eu não aceitaria ficar em sua companhia por nada deste mundo!

Com os olhos cheios de lágrimas, arrastara Laura pela mão, levando-a para dentro.

Laura nunca mais foi a Crosslyn Rise e, quando olhava para o passado, Jéssica ainda se lembrava de como sofrera por isso. Não fazia diferença o fato de ter descoberto, no colegial, que Laura Hamilton era tão tediosa quanto ela própria temera ser, nem de não tê-la visto durante anos, depois dessa época, ou de haver percebido que as duas nada tinham em comum. Mas, aos dez anos de idade, quisera fervorosamente que Laura fosse sua melhor amiga, e Cárter Malloy estragara tudo.

Esses eram seus pensamentos, enquanto o trem subterrâneo corria pelo túnel, levando-a da praça Harvârd em direção a Boston. Ia encontrar-se com Cárter Malloy às duas horas, no escritório dele. Gordon marcara a entrevista e, quando perguntara-lhe se queria que ele fosse junto, Jéssica respondera que se sairia bem sozinha.

No entanto, ela não tinha muita certeza se tomara a decisão certa. Sentia-se nervosa, como se toda a insegurança que experimentara na infância retornasse com força total. Voltara a ser a menina não muito bonita, não muito popular, não muito sociável. O apoio de Gordon poderia ajudá-la.

Porém, Jéssica precisava provar alguma coisa a ele também. Dissera-lhe que desejava estar na direção do consórcio, e Gordon fora cético quanto a sua capacidade de fazer isso. Ela precisava mostrar-lhe que estava preparada para o trabalho, para que ele se sentisse seguro e demonstrasse a agressividade e o entusiasmo necessários para atrair pessoas dispostas a investir em Crosslyn Rise. Então, afirmara que lidaria com Cárter Malloy sozinha.

E era o que iria fazer, pensou, livrando-se por um momento das dúvidas. Mas as dúvidas voltaram e, quando ela saiu do trem, começando a subir a escadaria íngreme até a Park Street, odiava Cárter Malloy mais do que nunca.

Sabia que aquele estado de espírito não era o melhor, no momento em que se dirigia para uma entrevista importante, de modo que fez um pequeno desvio em seu caminho para o escritório de Cárter. Tinha tempo, pois, pontual como era, saíra cedo de Cambridge. Assim, entrou na West Street e parou na Livraria Brattle para folhear uns livros. Embora não comprasse nada, a sensação de conforto que experimentou na companhia dos livros, principalmente dos antigos e lindos, que George Gloss colecionara, fez a parada valer a pena. Foi com alguma relutância que finalmente afastou-se das prateleiras e saiu da livraria.

Como fora direto da escola para Boston, usava o costumeiro traje de dar aulas, saia longa, blusa macia, blazer folgado e sapatos de salto baixo.

Olhando por acaso para uma vitrina, viu-se refletida no vidro e achou que estava perfeitamente apresentável. Os cabelos, claro, não tinham jeito. Embora já não tão rebeldes como anos atrás, continuavam fartos, grossos e difíceis de pentear, motivo pelo qual prendera-os na nuca com um lenço de seda, como sempre. Afinal, não estava pretendendo impressionar

ninguém, muito menos Cárter Malloy, mas esperava estar com uma aparência profissional, de pessoa no gomando de si mesma.

O prédio onde Cárter mantinha sua firma ficava na South Street, que recentemente

tornara-se a meça dos artistas e arquitetos. Tinha seis andares e, revestido de tijolos, era agradavelmente convidativo, em contraste com o edifício comercial ao lado, mais alto e mais moderno. No térreo funcionava uma galeria de arte muito chique, uma igualmente chique loja de artigos para arquitetos, uma não tão chique empresa de biscoitos da sorte e uma lanchonete feia que, mesmo àquela hora, duas horas da tarde, estava cheia de homens de terno e gravata.

Entrando pela porta principal do prédio, Jéssica não pôde deixar de ficar impressionada com o saguão, de paredes revestidas de granito. Imaginou que o aluguel de um conjunto naquele edifício devia ser muito caro, o que apoiava a alegação de Gordon de que Cárter estava em ascensão.

Tomando o elevador para o último andar, ela tentou, como vinha fazendo freqüentemente desde que Gordon mencionara o nome de Cárter pela primeira vez, cinco dias atrás, ligar o rapaz grosseiro que conhecera ao homem que se tornara um arquiteto bem-sucedido. Mas, por mais que se esforçasse, não conseguia livrar-se da imagem do jovem Cárter ou da lembrança do que ele lhe fizera. Nem mesmo a elegante e moderna sala de recepção, com suas paredes claras, a iluminação indireta e os móveis escassos em estilo avante-garde apagou a figura do delinqüente juvenil mal-humorado e de aparência desleixada.

— Sou Jéssica Crosslyn — ela se apresentou à recepcionista com uma voz calma que não traía a inquietação que sentia. — Tenho uma entrevista marcada com o sr. Malloy, às duas horas.

A recepcionista era uma mulher atraente, aparentando quarenta e tantos anos, bastante elegante para combinar com o ambiente.

— Não quer sentar-se? O sr. Malloy atrasou-se em uma reunião, mas já deve estar chegando.

Jéssica devia ter adivinhado que Cárter se atrasaria. Fazê-la esperar era uma mesquinha jogada na luta pelo poder. Ele certamente planejava aquilo cuidadosamente.

Mais uma vez desejou estar com Gordon, pelo menos para mostrar-lhe que Cárter Malloy não mudara tanto assim. Mas Gordon estava longe. Inquieta demais para sentar-se, ela recusou o convite com um gesto de cabeça, afastou-se da mesa da recepcionista e andou ao longo de uma das paredes, olhando alguns desenhos emoldurados. Hingham Court, Pheasant Landing, Berkshire Run, nomes bonitos para condomínios que, Jéssica tinha de admitir, deviam ser muito bonitos também, se fossem fiéis aos desenhos. Se ela pudesse apagar o nome da firma, Malloy e Goodwin, que aparecia num canto de cada um deles, poderia entusiasmar-se. Mas o nome Malloy, em particular, parecia saltar do papel e bater zombeteiramente em seu rosto. Numa atitude de autodefesa, ela deslizou para uma das confortáveis poltronas baixas.

Segundos depois, a porta abriu-se, e o coração de Jéssica disparou. Quatro homens entraram, entretidos numa conversa animada, enquanto o olhar dela passava de um rosto para outro. Gordon dissera que Cárter Malloy mudara muito, mas mesmo levando isso em consideração, ela não achou nenhum dos homens parecido com o Cárter que conhecera, nem mesmo remotamente.

Constrangida, pegou uma revista da mesinha de vidro a seu lado e começou a folheá-la. Imaginou que, se Cárter estivesse naquele grupo, tomaria conhecimento de sua presença bem depressa. Enquanto isso não acontecia, ela tratou de manter os óculos no ângulo certo, aparentando calma, frieza e desinteresse, o que ficou difícil, quando a discussão entre os quatro homens começou a tornar-se mais acalorada. O assunto parecia referir-se a um mandado da cidade de Boston que aparentemente estava obrigando os construtores a gastar centenas de

milhares de dólares por projeto. Jéssica pegou-se erguendo os olhos da revista para observar o grupo. Deduziu que um dos homens representava a cidade, que outro pertencia à firma de Cáster, enquanto que os dois

restantes eram de uma empresa de construções. Refletia que o que supunha ser um arquiteto era o que falava melhor, quando a porta tornou a abrir-se. O coração dela mal tivera tempo de voltar ao normal no momento em que Cáster Malloy entrou. Ele se aproximou do grupo, apertou a mão de três dos homens que ela identificara como não pertencentes à firma, lançou um olhar interrogativo à recepcionista e, então, em resposta ao olhar da mulher, fitou Jéssica.

Durante vários segundos ficou com a respiração em suspenso. Aquele homem era Cáster Malloy, sem dúvida nenhuma, mas, de fato, ele mudara. Estava mais alto, mais corpulento. No lugar de uma camiseta suada com uma estampa obscena qualquer, calça jeans rasgada e botas sujas de barro, ele usava um blazer de tweed, camisa de cambráia com o botão do colarinho aberto, calça cinzenta e mocassins. Os cabelos escuros, que sempre tombavam em tufo espetados sobre a testa estava mais curto, bem cortado e limpo. A pele também tornara-se limpa, e o tempo definira-lhe as feições. A expressão mal-humorada que permanecia na lembrança de Jéssica abrandara-se, tornara-se controlada, mas ainda era intensa. Linhas finas marcavam o canto dos olhos e havia uma pequena cicatriz na pele ligeiramente bronzada da face direita.

Gordon tinha razão, ela constatou com espanto. Cáster deixara de ser feio. Na verdade, não havia nada de feio nele e isso complicava as coisas. Ela não se sentia muito à vontade na companhia de homens em geral, mas os atraentes deixavam-na nervosa. Já não tinha tanta certeza de que ia conseguir fazer o que se propusera.

No entanto, não podia fugir. Essa seria a maior de todas as indignidades. Além disso, se fugisse, o que diria a Gordon? Mais precisamente, o que Cáster diria a Gordon? O projeto dela, com certeza, iria por água abaixo.

Juntando toda a compostura que conseguira manter, levantou-se ao ver Cáster andar em sua direção.

— Jéssica? — ele perguntou com voz profunda, num tom ligeiramente duvidoso.

Com o coração aos saltos, ela moveu a cabeça num gesto

afirmativo. Manteve deliberadamente os braços abaixados, porque oferecer a mão para um cumprimento parecia-lhe imprudente.

Por sorte ele não forçou a situação e ficou olhando para ela, nem sorrindo, nem carrancudo.

— Desculpe o atraso. Esperou muito?

Jéssica meneou negativamente a cabeça. Sabia que devia dizer alguma coisa, mas, por mais que tentasse, ela não conseguia pronunciar uma palavra. Perguntava-se por que se sentia tão pequena, por que Cáster parecia tão alto, por que sua mente fora incapaz de gravar acuradamente algo tão simples quanto o porte de uma pessoa.

Ele fez um gesto na direção da porta de sua sala.

— Vamos entrar?

Jéssica concordou, movendo a cabeça. Quando Cáster abriu a porta, segurando-a para lhe dar passagem, ela se surpreendeu. O Cáster que conhecera deixaria a porta bater em seu rosto. Quando ele pousou a mão levemente em sua cintura, guiando-a por um corredor ladeado de escritórios, a surpresa dela foi dobrada. O Cáster que ela conhecera não seria capaz de qualquer atitude cavalheiresca.

Ele a levou para o último escritório, e Jéssica impressionou-se com o tamanho e o conforto. Mas a sensação durou apenas um minuto, pois foi substituída por outra, de gratidão, quando ele ofereceu-lhe uma cadeira. Ela continuava a sentir o coração disparado, suas pernas estavam trêmulas. Então, Cárter acomodou-se na banqueta alta da prancheta de desenho e fitou-a, os olhos mostrando aquele brilho malicioso que ela conhecia tão bem.

— O gato comeu sua língua? — perguntou.

Jéssica sentiu-se estranhamente aliviada. Com o antigo Cárter ela sabia lidar, pelo menos até certo ponto. O sarcasmo dele era menos debilitante do que o charme. Respirando fundo, pela primeira vez desde que pusera os olhos em cima dele, ela respondeu:

— Minha língua está onde sempre esteve. Mas só a uso quando tenho algo para dizer.

- Então, está perdendo uma das melhores coisas da vida comentou Cárter com tanta inocência, que Jéssica levou alguns segundos para ligar as palavras ao brilho em seu olhar.

Ignorando o comentário e o rubor que lhe subiu às faces, ela decidiu expor sua idéia o mais rápido que pudesse, para poder ir logo embora.

Gordon lhe disse o motivo de minha visita?

Cárter fez um gesto afirmativo com a cabeça, lentamente, parecendo muito à vontade.

— Faz bastante tempo que não nos vemos — comentou, em vez de falar sobre o que conversara com Gordon. — Como você está?

— Estou bem.

— Está com boa aparência.

Ela não sabia por que ele dissera aquilo, mas ficou aborrecida.

— Não mudei nada — declarou como que estabelecendo um fato óbvio, então continuou, após uma breve pausa: — Mas você mudou.

— Espero que sim.

Enquanto as palavras morriam no silêncio da sala, ele continuou a fitá-la. Os olhos escuros mudavam de expressão, exibindo um ar de zombaria e, em seguida, mostrando genuína curiosidade.

Jéssica quase desejava ver o desprezo que costumava encontrar neles, porque isso seria menos perturbador. Desviando o olhar, fitou as mãos, então ergueu uma delas para ajustar os óculos. Pigarreou, preparando-se para falar.

— Decidi fazer umas mudanças em Crosslyn Rise—começou.

— Soube da morte de seu pai. Lamento muito — Cárter disse, não lhe dando chance de continuar.

”Ah, lamenta mesmo”, ela pensou ironicamente, enquanto agradecia com uma leve inclinação de cabeça.

— Estou sozinha, agora, e manter Crosslyn Rise seria um desperdício. — Aquilo não era bem a verdade, mas ela não conseguia dizer a Cárter que o problema real era a falta de dinheiro. — Quero reformar a propriedade, transformando-a

em algo mais prático, e Gordon sugeriu que eu falasse com você. Para ser franca, não gostei muito da idéia.

Observou-o atentamente, querendo ver sua reação ao comentário. Cárter, no entanto, não deixou nada transparecer.

— Por que não? — perguntou com perfeita calma. Jéssica nem sequer piscou.

— Nunca gostamos um do outro. Trabalharmos juntos pode ser difícil.

— Está supondo que não podemos gostar um do outro agora — ele comentou.

— Nós não nos conhecemos, agora.

— Foi por isso que veio aqui.

— Foi — ela concordou. Hesitou, então prosseguiu: — Eu não tinha certeza se podia acreditar em tudo o que Gordon me disse. — Olhou em volta, observando a grande escrivaninha coberta de rolos de papel, obviamente plantas de obras, a prancheta, os croquis presos na parede revestida de cortiça. — Nada disso combina com o Cárter de que me lembro.

— Aquele de quem você se lembra não era um homem, mas quase um menino. Quantos anos faz que nos vimos pela última vez?

— Dezesete — ela respondeu depressa, então, quando viu um lampejo de satisfação nos olhos dele, desejou ter sido mais lenta, ou se mostrado indecisa.

— Não sabia que eu era arquiteto?

— Como poderia saber? Ele deu de ombros.

— Através de amigos em comum?! — sugeriu com exagerada inocência.

— Ah, claro! — Jéssica exclamou, sarcástica. Era óbvio que Cárter estava gostando de ver seu desconforto, algo mais de acordo com o que ela esperara. — Nunca tivemos amigos em comum.

— Falou como a Jéssica de que me lembro, arrogante como ela só. Mas os tempos mudaram, meu bem. Subi na vida. E agora temos pelo menos um amigo em comum: Gordon.

— Ele não tinha motivo nenhum para me dar informações sobre sua vida, assim como eu não tinha nenhum motivo para perguntar — ela desfiou cheia de raiva, por ele ter usado chamá-la de "meu bem". — A última coisa que eu soube de você é que estava roubando carros.

A expressão indulgente de Cárter desapareceu, substituída por outra, quase dura.

Cometi alguns erros, quando era jovem, mas paguei minha dívida. Tive de começar de baixo, lutando para subir, não tive ajuda de ninguém, mas consegui.

— E quantas pessoas você machucou ao longo do caminho?

— Nenhuma, depois que comecei a escalada, mas muitas, antes de começar — ele admitiu, o rosto sombrio e, embora mantivesse a mesma pose, parecia menos descontraído. — Queimei muitas pontes atrás de mim e estou construindo outras. Essa foi uma das razões pelas quais modifiquei minha agenda, quando Gordon telefonou, e abri espaço para recebê-la. Você era insuportável, em menina, mas eu contribuía para isso.

Ela se enrijeceu.

— Insuportável? Muito obrigada!

— Eu disse que contribuía para isso. Estou disposto a arcar com a maior parte da culpa, mas admita que era insuportável. Arrepiava as penas, só de me ver.

— Não imagina por quê? Você dizia e fazia coisas horríveis. Acabei ficando condicionada a esperar só maldades de você e fazia o que podia para me proteger, então erguia as defesas assim que o via.

Em vez de continuar discutindo, Cárter desceu da banqueta e foi até a escrivaninha. Pegou um clipe e ficou brincando com ele por alguns momentos, antes de olhá-la novamente.

— Meus pais mandaram-lhe lembranças.

Jéssica não sabia se ficava mais surpresa com a gentileza na voz dele ou com as palavras que ouvira.

— Disse a seus pais que íamos nos encontrar?

— Falei com eles ontem à noite. — Diante da expressão incrédula de Jéssica,

acrescentou: — Faço isso, de vez em quando.

— Não fazia, antigamente. Na verdade, você era mau para eles também.

Cárter voltou sua atenção para o clipe, torcendo-o e revirando-o entre os dedos.

— Eu sei.

— Por quê? Eles eram pessoas maravilhosas. Eu costumava desejar que meus pais fossem tão calmos e bem-humorados como os seus. E você tratava-os tão mal!

Ele lhe lançou um olhar de advertência.

— É fácil achar que os pais de outra pessoa são maravilhosos, quando não se vive com eles. Você não conhece a verdade, Jéssica. Meu relacionamento com meus pais era muito complicado. — Fez uma pausa, respirando fundo, o que pareceu devolver-lhe o bom humor. — Bem, eles querem saber tudo a seu respeito, como você é, se está trabalhando, se casou, se teve filhos, como está Crosslyn Rise.

A última coisa que Jéssica queria era discutir sua vida pessoal com Cárter. Ele faria questão de dissecá-la, fazendo-a sentir-se mais desajeitada do que nunca.

— Vou lhe dizer como Crosslyn Rise está — falou apressadamente. — Continua linda e grande, mas está envelhecendo. Ou gasto uma enorme quantia em reformas, ou opto por um plano alternativo. É por isso que estou aqui. Para discutir esse plano com você.

Cárter revirou o clipe várias vezes entre os dedos antes de largá-lo. Acomodando-se na poltrona executiva atrás da escrivaninha, cruzou as mãos na frente do corpo.

— Pode falar — disse baixinho.

”Negócios, estou tratando de negócios”, Jéssica disse a si mesma, fortalecendo-se com essa afirmação.

— Não sei o que Gordon lhe contou, mas estou pensando em transformar Crosslyn Rise num condomínio, construindo casas no bosque e fazendo da mansão um tipo de clube para os moradores. Também pensei em fazer uma marina na praia.

Pela expressão incrédula que passou pelo rosto de Cárter, era evidente que Gordon não lhe dissera quase nada.

— Por que deseja fazer isso, Jéssica?

— Porque Crosslyn Rise ficou grande demais para mim.

— Então, procure alguém para quem a propriedade não seja grande demais.

— Tentei, mas o mercado de imóveis está horrível.

— Às vezes, encontrar o comprador certo demora um pouco.

”Não posso esperar”, ela respondeu mentalmente.

— Poderia levar anos, e prefiro tomar alguma providência mais rapidamente.

— Há motivo para pressa? Crosslyn Rise pertence a sua família há várias gerações. Ficar com ela alguns anos mais não fará muita diferença.

Jéssica gostaria que ele não argumentasse tanto. Ela própria não gostava do que estava propondo, e Cárter parecia também não gostar.

— Acho que está na hora de mudar a situação.

— Mas, um condomínio? — ele perguntou, intrigado. — Por quê?

— Porque outra alternativa seria lotear a propriedade, e isso me parece muito pior. Do modo como imaginei fazer as coisas, pelo menos terei algum controle sobre o resultado.

— Por que precisaria optar pela alternativa do loteamento?

— Tem alguma idéia melhor? — ela indagou secamente.

— Tenho. Se não consegue vender para uma pessoa, venda para uma instituição, uma

escola, por exemplo.

— Nenhuma instituição, seja escola ou qualquer outra coisa, cuidaria de Crosslyn Rise da maneira certa. Não consigo imaginar enormes áreas de estacionamento e lixo por toda parte.

— O que acha de vendê-la ao município, para que seja transformada em um museu? Imagine a dedução de impostos que conseguiria.

— Não estou atrás de deduções e, além disso, o município pode ser rico, mas não tanto. Tem idéia de em quanto fica a manutenção da propriedade, por ano? — Percebendo que estava perto de se trair, ela fez uma pausa, então continuou mais calmamente: — No fim, o município teria de vendê-la, e eu não poderia fazer nada.

— Mas... um condomínio?

— Por que não? — Jéssica retrucou, odiando-o por pressioná-la tanto.

Se ele tivesse um pinga de sensibilidade, saberia que ela se encontrava entre a cruz e a espada.

Cárter inclinou-se para a frente, cravando os olhos escuros nos dela.

— Porque Crosslyn Rise é um lugar magnífico. É uma das mais belas, mais tranquilas, mais elegantes propriedades que já vi, e acredite, vi muita coisa nos últimos anos. Não entendo como você pode pensar em vendê-la.

— Não tenho escolha! — ela gritou.

Alguma coisa em seus olhos devia ter revelado a verdade a Cárter, porque ele comentou:

— Não pode manter a propriedade, não é?

Ela baixou o olhar para o braço da poltrona e começou a fazer desenhos imaginários na superfície cromada.

— Não, não posso — admitiu baixinho.

Sentia-se derrotada, como acontecera no escritório de Gordon, e humilhada. Achava bastante difícil admitir a verdade, mas revelá-la a Cárter era muito pior. Contudo, precisava terminar o que começara.

— Como eu disse, Crosslyn Rise está envelhecendo. Ninguém fez os reparos que deveriam ter sido feitos no correr dos anos, de modo que uma reforma, agora, seria extensa.

— Seu pai não cuidou da propriedade.

Ela não olhou para ele, mas captou gentileza na voz profunda.

— Não foi nada proposital. Meu pai vivia pensando em outras coisas, e minha mãe evitava perturbá-lo. O dinheiro era... — Jéssica calou-se repentinamente, não querendo fazer aquela confissão, mas sabendo que era obrigada. — O dinheiro era curto.

— Está brincando, não é?

— Não, eu não brincaria com uma coisa dessas — ela respondeu, erguendo os olhos para os de Cárter e vendo incredulidade neles.

— Você nunca foi de brincar. Tem medo de que um sorriso deforme seu rosto?

Jéssica encarou-o duramente.

— Você não mudou nada — sibilou, levantando-se da poltrona. — Eu não devia ter vindo. Foi um erro, como eu sabia que seria.

Estava quase chegando à porta, quando Cárter apareceu a sua frente, bloqueando-lhe o caminho.

— Não vá — ele pediu em tom baixo. — Desculpe-me se a ofendi. As vezes digo coisas sem pensar. Tenho me esforçado para corrigir esse defeito, mas acho que ainda tenho muito que

melhorar.

O que mais surpreendeu Jéssica naquele momento não foi o embaraço que sentia a respeito de Crosslyn Rise, nem sua reação às palavras ofensivas de Cárter, nem mesmo o fato de ele lhe pedir desculpas. O que mais a surpreendeu foi notar como ele era bonito. Seu olhar prendeu-se ao dele por um instante, então, sem que ela pudesse evitar, percorreu lentamente o ângulo sombreado do maxilar, o queixo, então parou na boca. O lábio inferior era mais cheio do que o superior, e os dois estavam entreabertos, tocados apenas pelo ar que ele respirava.

Desviando o olhar para o lado, ela engoliu em seco e curvou a cabeça.

— Acho mesmo que foi um erro — murmurou. — Tudo isso está sendo muito difícil para mim, e trabalhar com você não me ajudará.

— Mas eu me importo com Crosslyn Rise.

— Foi o que Gordon disse. Mas talvez o que você queira realmente seja tirá-la de mim. Sempre me invejou por causa de Crosslyn Rise.

Ela esperou que Cárter negasse, mas nada aconteceu.

— Eu invejava muitas pessoas que tinham o que eu não tinha — Cárter confessou após alguns segundos de silêncio. — Estava errado. Não digo que não compraria Crosslyn Rise de você, se tivesse dinheiro para isso, porque, como já disse, aquele lugar é muito especial. Mas não tenho. Suponho que não tenho mais do que você. De modo que estamos no mesmo barco. Em pé de igualdade. Um não está acima nem abaixo do outro.

Parou de falar dando a Jéssica a chance de argumentar, mas ela não tinha nada para dizer. Era direito de Cárter ser maldoso, naquele momento, mas, em vez de zombar dela, ele estava sendo completamente lógico.

— Isso a perturba, Jéssica? Acha difícil me ver como um igual?

— Não somos nada parecidos, você e eu.

— Eu não disse "parecido". Disse "igual". Estava me referindo a nossa situação financeira.

Mantendo os olhos abaixados, ela indicou o interior da sala com um gesto de cabeça.

— Tenho a impressão de que você está um pouco melhor do que eu, nesse aspecto.

— Mas você tem Crosslyn Rise, que vale muito. — Cárter fez uma pausa, viu-a dar de ombros, então continuou: — Vamos sentar e conversar, por favor.

Jéssica não tinha muita certeza do que a levou a concordar. Talvez tivesse algo a ver com o modo delicado com que ele pedira, com o "por favor", com o fato de ele estar bloqueando a porta, e não seria fácil empurrá-lo para abrir passagem. Ela suspeitou até de que houvesse algo a ver com sua própria curiosidade. Embora visse em Cárter vestígios do rapaz que conhecera, a mudança que se operara nele era inegável e intrigava-a.

Sem uma palavra, ela voltou para sua poltrona e sentou-se. Cárter, em vez de colocar-se atrás da escrivaninha, acomodou-se na poltrona ao lado dela. Embora houvesse um cubo baixo de ardósia entre os dois, ele estava mais próximo, mais visível. Isso deixou-a acanhada. Para combater aquela sensação, ela fixou o olhar nas mãos e o pensamento nos planos que traçara para Crosslyn Rise.

— Também não gosto de condomínios — admitiu. — Mas, se as casas forem construídas em número limitado, em grupos bem localizados, se a reforma da mansão for feita com classe, assim como a construção da marina, o resultado final não será tão mau. Pelo menos tudo ficará bem conservado, porque os moradores pagariam muito bem pelo privilégio de viver naquele lugar e teriam interesse em sua preservação.

— Você ainda leciona? — Cárter perguntou, mudando de assunto abruptamente. Ela lançou-lhe um rápido olhar, surpresa.

— Ha... sim, ainda leciono.

— Não casou novamente?

Daquela vez, os olhos dela fixaram-se nos dele.

— Como sabe que já fui casada?

— Por meus pais. Eles mantiveram contato com sua mãe, até ela morrer. Depois...

— Papai não era muito sociável — Jéssica disse à guisa de explicação. No entanto, ela também não mantivera contato com os Malloy. — Não sou muito melhor do que ele, suponho. Como estão seus pais?

— Muito bem — ele respondeu no tom mais alegre que usara até então. — Adoram viver num lugar ensolarado. O clima quente é bom para a artrite de mamãe, e meu pai está encantado com o fato de poder cultivar plantas o ano todo.

— Você os vê sempre?

— Três, quatro vezes por ano. Sou muito ocupado. Ela comprimiu os lábios e abanou a cabeça.

— Arquiteto. Quem diria...

— O que achava que eu era?

— Escroque. Jogador. Ex-presidiário.

Ele teve a graça de olhá-la com humildade.

— Acho que mereci.

— Mereceu. — Ela ainda o olhava, presa por algo que não conseguia definir. Tinha a impressão de que, se dissesse uma certa palavra, se fizesse um certo gesto, Cárter voltaria a ser o demônio de cabelos arrepiados que fora um dia. Mas ele apenas continuava sentado descontraidamente, com as pernas cruzadas, observando-a com atenção. Ela precisava conter-se para não se remexer na poltrona. Desviou o olhar, e então, irritada, voltou a fitá-lo. — Por que está fazendo isso?

— Isso, o quê?

— Por que está me encarando desse jeito?

— Porque você parece diferente, e estou tentando descobrir o que mudou.

— Fiquei mais velha, só isso.

— Talvez — ele concedeu laconicamente.

O silêncio que se seguiu era tão incômodo quanto o exame minucioso a que Cárter a submetia. Jéssica não sabia por que experimentava tanto constrangimento, quando, por uma questão de justiça, era ele quem devia sentir-se constrangido.

— Tenho um compromisso em Cambridge às quatro — informou, querendo romper o silêncio e usando a desculpa que preparara para poder ir embora quando quisesse. — Acho que deveríamos falar de negócios. Gordon disse que você é bom na profissão — comentou, olhando para a parede revestida de cortiça. — Foi você quem fez aqueles croquis, ou um assistente?

— Fui eu.

— E aqueles desenhos, na sala de recepção?

— Alguns são meus, outros, não.

— Quem é Goodwin?

— Meu sócio. Nós nos conhecemos em Nova York. Ele se especializou em projetos comerciais, e eu, em residenciais, de modo que um complementa o outro.

— Ele era um daqueles homens que entraram na sala de recepção?

— Não. O que estava de blazer era um dos três arquitetos que trabalham aqui.

— O que eles fazem?

— Administram os projetos. Dois já são arquitetos registrados, e o terceiro está prestes a ser. Sob a supervisão deles há quatro desenhistas, e temos também uma secretária, um contador e uma recepcionista.

— Você é o sócio majoritário?

— Quer saber se de nós dois sou eu quem põe mais dinheiro na firma? — Esperou que Jéssica afirmasse, então continuou: — No ano passado fui eu, mas no anterior foi ele. Isso varia.

— Você gostaria de trabalhar no projeto de Crosslyn Rise?

— Não particularmente. — Cárter ergueu a mão num gesto apaziguador, quando ela olhou-o, zangada. — Eu gostaria

que Crosslyn Rise fosse preservada do jeito que é. Mas, se você não tem dinheiro para isso, algo tem de ser feito. — Descruzou as pernas e inclinou-se para a frente, apoiando os braços nas coxas e deixando as mãos penderem entre os joelhos. — E se você está determinada a ir em frente com essa idéia de condomínio, prefiro fazer o trabalho do que deixar que um estranho o faça.

— Você é um estranho — ela observou friamente. — Não é mais a mesma pessoa que cresceu em Crosslyn Rise.

— Ainda me lembro do que sentia pela propriedade naquela época. E agora entendo muito melhor aqueles sentimentos.

— Acho que não confio em seus motivos.

— Acha que eu arriscaria perder tudo isto pelo prazer de uma vingança? — ele perguntou, olhando em volta da sala. Então, suspirou, acrescentando: — Escute, Jéssica, não vou negar o que fui e o que fiz no passado. Já disse isso, não? Sei que fui um pontapé na canela.

— Muito pior do que isso, acho.

— Tudo bem, fui pior, mas agora sou outra pessoa. Passei por coisas que você nem conseguiria imaginar. Atravessei o inferno em vida e saí do outro lado. Por causa disso, sei apreciar coisas que as outras pessoas não valorizam. Crosslyn Rise é uma dessas coisas.

Jéssica desejou que ele não estivesse tão próximo, que não a fitasse tão atentamente, que não estivesse falando com tanto bom senso. Ou ele estava sendo profundamente sincero, ou era um ator danado de bom. Ela não saberia dizer qual das duas alternativas era a correta, mas sabia que não poderia simplesmente excluí-lo do projeto.

— Você acha que meu plano para Crosslyn Rise... daria certo? — perguntou hesitante.

— Poderia dar.

— Estaria disposto a fazer alguns croquis?

— Teríamos de conversar mais, para eu saber o que você quer. Teria de ver uma planta do lugar e ir até lá, naturalmente. Sem falar que faz tempo que não vejo a propriedade, nunca olhei para o lugar com esse tipo de coisa em mente.

Jéssica concordou. As observações eram justas. O que ela não achava justo era o modo como ele falava, usando um tom profissional e muito masculino. Pela segunda vez, em poucos minutos, ela desejou que Cárter não estivesse tão perto. Desejou não estar tão consciente da presença dele.

Pegando a bolsa que pusera no colo, levantou-se.

— Preciso ir — disse, concentrando a atenção nas alças de couro que ajeitava no

ombro.

— Mas não combinamos nada, Jéssica!

Ela ergueu os olhos para ele, que também se levantara e estava a não mais de sessenta centímetros de distância. Caminhou para a porta.

— Combinamos, sim. Combinamos que precisamos conversar mais, que eu preciso lhe arranjar uma planta da propriedade e que você irá a Crosslyn Rise. — Ela mantinha os olhos na maçaneta da porta, mas sentia Cárter ao seu lado. — Talvez você queira conversar com Gordon também. Ele lhe explicará o que pretende fazer para levantar fundos para a execução do projeto.

— Quer dizer que estou contratado? — ele indagou, estendendo o braço para a abrir a porta para ela.

— Não sei. Precisamos fazer todas aquelas outras coisas, antes.

— Quando podemos nos encontrar de novo?

— Telefonarei para você — ela respondeu, caminhando de modo firme pelo corredor, com Cárter acompanhando-a de perto.

— Por que não marcamos um dia agora? — ele sugeriu.

— Porque não estou com minha agenda.

— É tão ocupada assim?

— Sou! — ela exclamou, estacando. Ergueu os olhos para ele, engoliu em seco, tornou a baixar os olhos e recomeçou a caminhar. — Sou — repetiu quase num murmúrio. — Estamos nos aproximando dos exames. Meus horários ficam loucos, nessa época.

A explicação pareceu satisfazê-lo, o que a deixou aliviada. Seu alívio aumentou, quando viu que se aproximavam da

porta que levava à sala de recepção. Ela estava se sentindo oprimida pela presença de Cárter. Ele era um pouco calmo demais, um pouco agradável demais, um pouco másculo demais. Presa entre essas coisas e uma certa lembrança, tudo o que ela queria era ir embora.

. — Vai me telefonar, então? — ele perguntou, abrindo a porta da sala de recepção.

— Eu disse que vou.

— Tem meu número?

— Tenho.

Saíram para o corredor externo. Cárter foi com ela até o elevador e apertou o botão.

— Quer me dar seu número?

Grata por ter algo com que se ocupar, Jéssica tirou da bolsa uma caneta e um caderninho. Escreveu o número de seu telefone, arrancou a folha e entregou-a a Cárter. Guardava a caneta, quando uma campainha soou, anunciando a chegada do elevador. Seus olhos fixaram-se no painel acima da porta.

— Jéssica? — Cárter chamou baixinho.

Ela ousou olhá-lo uma última vez. Foi um erro. Ele franziu a testa de leve, e sua expressão era uma mistura de confusão, surpresa e prazer.

— Foi muito bom ver você — disse, e seu tom combinava com a expressão.

Era como se estivesse surpreso por realmente ter gostado de vê-la. Então, sorriu, e em seu sorriso só havia prazer.

Foi naquele momento que Jéssica soube que se metera numa grande encrenca.

CAPÍTULO III

Carter de fato gostara de ver Jéssica, embora não soubesse bem ao certo por quê. Em menina, ela fora uma coisinha esnobe que olhava-o de cima. Tudo nela o irritava, de maneira que sua maior alegria era humilhá-la. Às vezes, chegava a ser cruel. Tocava justamente nos pontos que mais doíam, sem nenhuma piedade.

Era óbvio que Jéssica não esquecera, assim como era óbvio que não ficara muito feliz com a idéia de vê-lo, mas concordara com a entrevista, por isso era fácil imaginar a dificuldade que ela enfrentava no que se referia a Crosslyn Rise. Curioso, desejando saber mais, Cârtter ligou para Gordon assim que ela se foi.

Quando ligara para marcar a entrevista, Gordon dissera apenas que Jéssica desejava discutir com ele um projeto arquitetônico para Crosslyn Rise. Agora, sob o interrogatório de Cârtter, admitira que ela estava com grandes problemas financeiros e falara em reunir um grupo de investidores. Explicara que Jéssica insistia em estar na direção do projeto e chegara até a explicar o papel que Cârtter deveria desempenhar em tudo aquilo.

Embora Cârtter houvesse sido sincero ao dizer que seria preferível que Crosslyn Rise ficasse como era, depois que aceitou a idéia da mudança encontrou satisfação no pensamento de que participaria do processo de transformação. Parte dessa satisfação era maldosa. Havia um elemento de justiça poética no fato de ele ter subido bastante na vida para poder modelar o futuro de Crosslyn Rise.

havia outros motivos para ele ficar satisfeito. Era uma proposta excelente, do ponto de vista monetário. Seu instinto lhe dizia isso, antes mesmo de ele fazer os cálculos. Se investisse no projeto o valor de seus honorários e os cem mil dólares de que podia dispor, dentro de dois, três anos, receberia de volta uma soma considerável.

Pretendia aplicar uma boa parte na expansão de seus negócios. A Malloy e Goodwin estava indo bem, produzindo grandes lucros anuais, mas havia certos projetos, mais compensadores do ponto de vista artístico do que do económico, que Cârtter poderia empreender, tendo os fundos necessários e um quadro de funcionários maior.

Além disso, trabalhando na remodelação de Crosslyn Rise, como arquiteto e investidor, veria Jéssica mais vezes. Esse pensamento continuou flutuando em sua mente muito tempo após ele ter desligado o telefone.

Queria ver Jéssica mais vezes, por mais incrível que parecesse. Ela não era linda. Não era sexy, nem espirituosa. Não era nada parecida com as mulheres com quem ele costumava sair. Mas, no final da entrevista, ele sentira algo cálido percorrê-lo. A sensação devia ter sido causada pelas lembranças do passado compartilhado. Não havia muita gente com quem pudesse partilhar a lembrança daqueles tempos, o que era muito bom, pois cometera grandes erros. No entanto, experimentara aquela agradável sensação de calor que o fascinara, principalmente porque sentira muitas emoções conflitantes durante a conversa com Jéssica.

Essas emoções haviam surgido em lampejos: raiva e ressentimento, numa reação quase automática a cada insinuação de arrogância por parte dela, vergonha e remorso, quando ele se lembrava das coisas que dissera e fizera anos atrás. Jéssica não mudara, mas ao mesmo tempo parecia diferente, mais velha, naturalmente, embora o tempo a houvesse tratado bem. A pele continuava imaculada, os cabelos estavam mais doces, os movimentos mais coordenados, apesar do nervosismo dela durante a entrevista. E que nervosismo! Com certeza fora ele que a deixara

naquele estado, embora fizesse o possível para ser delicado.

Cárter descobriu que queria que ela o olhasse através das lentes de seus óculos de vovó e visse a pessoa decente em que ele se transformara. Queria fechar o livro do passado. Queria que Jéssica o aceitasse. Embora não tivesse pensado claramente sobre isso, durante o encontro, de repente percebeu que ser aceito por ela era de suma importância. Ele só se livraria verdadeiramente do passado, quando isso acontecesse.

Nas horas que se sucederam à entrevista, Jéssica tentou pensar o menos possível nos momentos que passara com Cárter. Com essa finalidade, manteve-se ocupada, o que não era difícil, com a aproximação dos exames e a resultante avalanche de reuniões com alunos e professores-assistentes. Parecia que o número de telefone de Cárter incendiava sua agenda, mas ela tentava ignorar essa impressão. Tinha de estar no comando de si mesma. Não pretendia deixar que Cárter percebesse que a perturbava.

Não estava muito orgulhosa do show que dera no escritório dele. Ficara visivelmente nervosa. Mas, felizmente, ele esperara até o momento da despedida para sorrir. O sorriso de Cárter era poderoso e a confundira, excitara, assustara, avisando-a de que trabalhar com ele não ia ser nada fácil, quase convencendo-a a não tentar.

Ela esperou dois dias, antes de telefonar. Então, na quinta-feira à tarde, quando saiu de uma agradável reunião de chefes de departamentos, decidiu que aquele era um bom momento. Gostava daquelas reuniões e dos colegas, que também gostavam dela. Na esfera acadêmica, ela se sentia plenamente confiante, consciente de sua capacidade. Aproveitou aquela onda de autoconfiança para telefonar a Cárter.

— Cárter? Aqui é Jéssica Crosslyn.

— Pensei que nunca fosse ligar — ele ralhara, e ela imediatamente ficou irritada... até que ouviu-o prosseguir em tom de brincadeira: — Eu começava a achar que você tinha mudado de idéia.

Ela não sabia o que responder. Nunca vira Cárter brincar, antes.

- Foram só dois dias — defendeu-se por fim.

- Um tempo longo demais.

— Há motivo para pressa?

Sempre há motivo para pressa, quando se trata de entusiasmo e bom tempo. Ela achou aquela declaração muito curiosa. Entusiasmo?

— Estou muito animado com o projeto, agora, e disponho de tempo para começar — ele explicou. — Não é sempre que essas duas coisas coincidem.

Jéssica supôs que podia acreditar naquilo, embora se perguntasse se fora propositalmente que ele injetara o sutil lembrete de que era um profissional requisitado.

— E quanto ao clima? — indagou, um tanto cética. — Não estamos nem em maio, ainda, e a melhor época para construções começa no meio do ano.

— Não é bem assim. Precisamos de tempo para fazer e revisar os primeiros croquis — Cárter observou, sempre em tom calmo. — A menos que nos apressemos agora, só estaremos prontos para começar em setembro ou outubro. Não se esqueça de que é preciso reunir investidores e contratar construtores. — Tendo exposto seu argumento, fez uma pausa, então continuou: — Gordon me deu informações sobre a situação financeira e disse que você deseja ser a única a aprovar ou desaprovar o projeto, antes que ele seja apresentado aos possíveis investidores.

— Você se opõe a isso? — Jéssica perguntou, desconfiada.

— Depende. Se prometer que vai aprovar o projeto de que gostei... — Ele deu uma risadinha, então acrescentou depressa: — Estou brincando.

— Não, acho que não está.

— Claro que estou — ele afirmou. — O cliente me paga para trabalhar. Faço o que ele quer.

— E se o que o cliente quiser for horrível?

— Sempre posso optar por não aceitar o trabalho.

— Então, nesse caso, faz de tudo para que o cliente aprove o projeto de que você gosta — ela persistiu, sem saber por que estava sendo tão obstinada.

— Não, exatamente, mas tento deixar o projeto o mais parecido possível com aquilo que eu gostaria de fazer. E não há nada de errado nisso. É o único jeito sensato de trabalhar. Além disso, suponho que os clientes me procuram porque gostam do meu estilo.

— Não posso dizer se gosto ou não do seu estilo — Jéssica argumentou. — Não vi muita coisa.

Parecia que ela dera uma olhada no passado e estava provocando briga, como Cárter costumava fazer. E ele foi pronto em apanhar a deixa.

— Se me pedisse, no outro dia, eu teria lhe mostrado algumas fotos. Tenho uma pasta cheia delas. Muito tempo e esforço teriam sido poupados. Mas você estava com uma pressa danada de voltar para sua torre de marfim, de modo que... Interrompeu-se assim que percebeu o que estava fazendo. Jéssica permaneceu em silêncio. Ele esperou em vão que ela retrucasse, como nos velhos tempos.

— Você está aí? — perguntou num tom muito mais baixo.

— Estou — ela murmurou. — Nem sei por quê. Isso não vai dar certo, Cárter. Nós dois somos como fogo e água, não combinamos.

— O passado está atrapalhando. Velhos hábitos não morrem facilmente. Desculpe-me. Eu não precisava dizer o que disse.

— Em parte você acertou. Eu estava mesmo com pressa, porque tinha outra entrevista. — Ele tinha de saber que não era o único requisitado. — Mas, quanto à "torre de marfim", saiba que foi ela que produziu intérpretes oficiais para reuniões da máxima importância, nas embaixadas em Moscou, Leningrado e Bonn. Meu trabalho não é inútil.

— Eu sei — Cárter concordou baixinho. — Desculpe-me. — Não disse mais nada por vários segundos, esperando que ela dissesse que o desculpava, mas pelo jeito as coisas entre eles não seriam fáceis. — Bem, gostaria de que você e eu conversássemos novamente. Diga-me, quando tiver algum tempo livre. Se eu tiver algum compromisso, tentarei desmarcá-lo.

Jéssica não podia negar que ele estava sendo simpático, mostrando-se disposto a facilitar-lhe as coisas. Olhou para

o calendário afixado na parede. Estava coberto de anotações, e as que assinalavam os dias das próximas semanas eram mais compactas. Se tivesse escolha, marcaria a entrevista com Cárter para depois dos exames, quando estaria mais tranqüila, mas lembrou-se do que ele dissera sobre o tempo. Se iam de fato fazer alguma coisa em Crosslyn Rise, era melhor fazer logo. Quanto mais se demorassem em arranjos preliminares, mais cresceria a chance de as obras não terminarem antes da chegada do inverno. E ela sabia que, quanto mais longo fosse o processo de reforma, mais doloroso se tornaria.

— Estarei livre até o meio-dia, na próxima terça-feira — informou. — Quer vir para cá? Poderia examinar Crosslyn Rise.

Cárter sentiu um frémito de excitação. Fazia anos que ele não via Crosslyn Rise e, embora nunca houvesse morado lá, pois os pais sempre haviam vivido numa casinha alugada, na cidade, voltar à propriedade seria como voltar para casa.

Ele tinha uma reunião marcada para a manhã de terça-feira, mas seria fácil adiá-la.

— Terça-feira, então — concordou. — A que horas?

— Nove? Ou acha muito cedo?

— Está ótimo. Ajudaria, se até lá você anotasse suas idéias, de modo que pudéssemos discuti-las o mais detalhadamente possível. Se vir fotos que a agradem, em revistas ou jornais, recorte-as. Quanto mais ficar claro o que você deseja, mais fácil será meu trabalho.

Como pessoa eficiente que era, Jéssica achou as sugestões dele bastante sensatas.

— Você disse que gostaria de ver a planta da propriedade, mas acho que não tenho. Onde posso conseguir uma cópia?

— Na prefeitura, mas pode deixar que eu cuido disso. Vou telefonar com antecedência, pedindo uma cópia, e posso pegá-la na terça-feira, a caminho de Crosslyn Rise. Fique aí quietinha, com sua casa e seus pensamentos. — Cárter fez uma pausa. — Certo?

— Certo.

— Até terça, então.

— Até.

Jéssica não conseguia decidir se fazia café, ou não, e perdeu muito tempo pensando no assunto. Num minuto, achava que devia ter o café pronto e fresquinho, para oferecer a Cárter quando ele chegasse, mas no minuto seguinte achava que essa cortesia seria uma bobagem. Era Cárter Malloy, afinal. Ele não devia esperar nada dela, além da aspereza com que fora tratado e com que a tratara, no passado.

Mas isso acabara muitos anos atrás, e Cárter Malloy mudara. Crescera. Era um arquiteto. Um homem. E ela, embora não pensasse em dar-se ao incômodo de fazer com que o antigo Cárter se sentisse em casa, refletia que devia tratar com cordialidade o arquiteto que talvez desempenhasse um papel importante em seu futuro.

Quanto à perturbação que ele, como homem, lhe causava, tratou de empurrá-la para o canto mais profundo da consciência, dizendo a si mesma que a ansiedade que estava sentindo era causada pela natureza da entrevista daquela manhã.

Cárter chegou às nove em ponto. Estacionou o carro na alameda coberta de pedregulhos que fazia uma curva a mais ou menos seis metros da varanda franjada de hera. O veículo era azul-escuro e baixo, mas Jéssica não saberia dizer a marca, nem sequer se interessou em tentar adivinhar, porque estava ocupada demais, tentando acalmar-se.

Ela foi recebê-lo na porta, segurando a maçaneta com uma das mãos trêmulas. Com a pulsação disparada, observou-o entrar e olhar lentamente em volta do vestibulo redondo e em seguida erguer os olhos para o topo da escadaria que descrevia uma curva larga.

— Que estranho — ele murmurou em voz baixa e reverente.

— Estranho? O quê?

— Entrar pela porta da frente, ver isto após tantos anos. É incrivelmente impressionante.

— Se não olhar muito de perto — ela comentou. Cárter lançou-lhe um olhar indagador.

— Está tudo desgastado — Jéssica explicou, querendo estabelecer esse fato antes que ele o fizesse. — A grandiosidade de Crosslyn Rise desapareceu.

— Não — Cárter negou, caminhando devagar para o centro do vestibulo. — A

grandiosidade está na estrutura. Nada pode fazer isso desaparecer. Talvez o resto tenha sofrido a ação do tempo, mas o lugar ainda é uma verdadeira maravilha.

— Essa é uma opinião profissional? Ele abanou a cabeça.

— Não. Pessoal. — Olhou na direção da sala de estar. A entrada era larga, o aposento, enorme. Se não fosse pelas janelas, que começavam a quarenta centímetros do chão e iam quase até o teto, deixando entrar fartamente a luz do dia, o ambiente seria escuro, devido ao veludo que predominava na decoração. Os raios do sol caíam obliquamente sobre a lareira gigantesca, iluminando os intrincados entalhes em baixo-relevo do aparador de pinho. — É uma opinião pessoal. Sempre amei esta casa.

— Com certeza — ela replicou, surpreendendo-se com a rispidez de seu tom.

Daquela vez ele endereçou-lhe um olhar mais penetrante.

— Fica aborrecida por me ver aqui? Minha presença fere sua sensibilidade vitoriana? Preferia que eu ficasse lá fora, nos fundos, perto do galpão de jardinagem?

Jéssica sentiu remorso.

— Claro que não. Desculpe. Eu só estava me lembrando do...

— Recordar o passado é um erro, porque você se lembraria do modo como eu me comportava, não do que sentia. Você não conhecia meus verdadeiros sentimentos. Eu mesmo não conhecia, na maior parte do tempo, mas sabia que amava este lugar.

— E me odiava, por que eu morava aqui, e você, não.

— Isso não tem importância, agora. O fato é que sempre amei Crosslyn Rise e gostaria de ter a liberdade de expressar o que penso e sinto, enquanto a percorremos. Pode ser, ou prefere que eu reprima tudo?

— Você?! Reprimir o que sente e pensa? — ela retrucou, irritada por ele estar sendo tão moderado.

— Posso conseguir, se tentar. Claro, não sou tão bom nisso quanto você, que tem anos de prática. Você é uma perita. Sem dúvida existe um Ph.D. em dissimulação, no meio de todos os diplomas na parede de seu escritório. — Ele estreitou os olhos, parecendo querer ver dentro dela. — Nunca enjoa de reprimir tudo o que sente?

Jéssica estava começando a tremer por dentro. Queria acreditar que fosse apenas uma reação de raiva, mas essa não era toda a verdade. Cáster parecia prestes a repetir coisas que lhe dissera uma vez. A mesma mágoa que sentira então, ameaçava dominá-la novamente.

— Eu não reprimo tudo — defendeu-se, engolindo um nó na garganta.

— Reprime, sim — Cáster afirmou. — Como sempre fez.

— Mal acabou de falar, arrependeu-se. Ela parecia assustada, e por um horrível momento deu a impressão de que iria começar a chorar. — Não... — ele murmurou, aproximando-se com as mãos estendidas. — Por favor, desculpe. Diabos, estou me desculpendo novamente. Não acredito. Por que você me faz dizer coisas rudes? O que há em você, que desperta o que existe de pior em mim?

Lutando contra as lágrimas, ela não respondeu. A única coisa que conseguiu fazer foi dar de ombros.

— Grite comigo — Cáster ordenou, querendo a todo custo impedi-la de desatar em lágrimas. — Vá em frente, diga tudo o que pensa de mim. Diga que sou um miserável, que não sei do que estou falando porque não a conheço. Diga, Jéssica. Mande-me calar a boca e não me meter na sua vida, diga-me para ir para o inferno.

Não, ela não podia fazer aquilo. Bem no fundo, sabia que era a vilã da peça. Provocara

muito mais do que fora provocada. E ele estava certo. Ela reprimia os pensamentos e emoções. Só que doía, ouvi-lo dizer essa verdade. E ela descobrira que era muito mais doloroso agora, quando estava com trinta e três anos, do que fora quando tinha dezesseis.

Andando para o pé da escadaria, encostou-se no pilar espiralado, ficando de costas para Cárter.

— Passei minha vida toda em Crosslyn Rise — começou com voz trêmula. — Desde que me conheço por gente, este é meu abrigo. É para cá que volto depois do trabalho, é aqui que encontro silêncio e paz. Este lugar me aceita como sou e não exige nada de mim. Não posso mais mante-lo, por isso tenho de vendê-lo. — Fez uma pausa, então continuou num murmúrio atormentado: — Isso dói. Dói demais. E ver você traz de volta muitas lembranças. Acho que estou me sentindo em carne viva.

A sensação calorosa que Cárter experimentara durante a entrevista em seu escritório estava de volta. Vencendo a distância que os separava, ele colocou as mãos nos ombros dela.

— Sei o que está sentindo, Jéssica — afirmou, e havia um carinho surpreendente em sua voz. — É verdade. — Com movimentos leves, começou a massagear os ombros dela. — Eu gostaria de poder oferecer uma solução milagrosa, algo que lhe permitisse conservar Crosslyn Rise intata. Mas se houvesse uma solução desse tipo, acredito que você e Gordon teriam descoberto. O que posso prometer é que criarei projetos espetaculares para a modificação que você tem em mente. Mas, por mais espetaculares que sejam, Crosslyn Rise não será mais o lugar que você conheceu a vida toda. Esse pensamento machuca agora e machucará ainda mais, mas com o tempo você se sentirá melhor.

Parando de falar, ele continuou com a massagem, e estava gostando do que fazia, pois a blusa de seda era macia, e os ombros dela eram redondos. Sem cessar, continuou movendo os dedos, até sentir que a tensão começava a abandoná-la.

— Mas a dor só se agravará, se continuarmos a nos agredir — observou. — Eu já disse que fui péssimo, na adolescência. Se eu pudesse, faria o tempo voltar e mudaria o passado. — Sem pensar, pegou uma mecha solta dos cabelos dela e enrolou-a no coque preso na nuca. — Mas não posso. A única coisa que posso fazer é tentar tornar o presente melhor, e o futuro, melhor ainda. Entendeu? Posso tentar. Cometerei erros. Sou uma pessoa espontânea, talvez seja melhor dizer impulsiva, mas isso você já sabe. — Virou-a

para que o encarasse e, vendo receptividade nos olhos dela, foi ainda mais gentil ao concluir: — A diferença é que agora reconheço que sou assim. Naquele tempo eu não sabia voltar atrás, mas hoje sei. Então, se eu disser alguma coisa que a aborreça, diga. Colocaremos tudo em pratos limpos, pondo um fim na questão.

Jéssica ouvia o que ele dizia, mas de maneira meio longínqua. A vibração serena da voz dele e os movimentos hipnóticos de suas mãos estavam aquecendo-a por inteiro. Nem mesmo o fato de estar encarando-o e de não poder negar que estava frente a frente com Cárter Malloy, conseguia lançar um sopro frio naquele calor.

— Eu gostaria de pegar esse trabalho, Jéssica — ele declarou, os olhos escuros desviando-se por um momento dos olhos dela para pousar em cada uma das feições. — Gostaria muito, mas acho que você deve decidir se trabalhar comigo vai ser penoso demais, aumentando a dor que já sente. Se for, cairei fora — disse, fascinado pela maciez da face que começara a acariciar.

Seus dedos pararam no canto da boca, e o tempo pareceu parar também. Num lampejo de percepção que atingiu-os simultaneamente, eles viram que estavam separados apenas por

alguns centímetros. Ele a abraçava como abraçaria uma mulher desejável, e ela o fitava como fitaria um homem desejável.

Jéssica não conseguia mover-se. O sangue martelava, correndo pelas veias, zombando da paralisia das pernas, que a impedia de afastar-se. Cárter dava-lhe conforto, fazendo-a sentir que não estava mais tão sozinha. E fazia com que ela tomasse consciência de que era mulher.

A percepção daquela proximidade pegou Cárter de surpresa. Ele sempre vira Jéssica como um ser assexuado, mas algo acontecera, quando suas mãos pousaram nos ombros dela. Não. Algo acontecera antes, quando ela ficara perturbada, à beira das lágrimas, e ele desejara confortá-la. Ele sentira o impulso de protegê-la. Não se lembrava de ter sentido aquilo em relação a nenhuma mulher, principalmente porque as mulheres que conhecia eram fortes e poderosas,

que não se permitiam momentos de perturbação, e o fato é que gostara de sentir-se necessário. Não que Jéssica fosse admitir que precisava dele. Mas era algo em que pensar.

Entretanto, pensaria naquilo em uma outra hora, pois Jéssica parecia assustada e prestes a fugir a qualquer instante, e ele não queria que ela fugisse. Lentamente, quase com relutância, deixou os braços penderem ao longo do corpo.

Jéssica curvou a cabeça, erguendo uma das mãos trêmulas para ajeitar os óculos sobre o nariz.

— Desculpe-me — murmurou, certa de que interpretara mal o que vira e sentira. — Não sei o que deu em mim. Costumo ser mais controlada.

— Você tem direito de ficar tão perturbada — Cárter declarou quase tão baixinho quanto ela, sem mover-se do lugar. — De vez em quando é bom perder o controle.

Ela não ergueu a cabeça, nem disse nada por um longo minuto, porque o cheiro limpo e masculino que pairava no ar a mantinha cativa. Então, chamando-se mentalmente de tola, pigarreou, limpando a garganta.

— Ha... Eu... eu fiz café. Quer um pouco?

O que ele queria no momento era um pouco mais de espaço. Precisava distanciar-se mentalmente daquela Jéssica fragilizada, por quem experimentara um instante de desejo.

— Acho que primeiro devíamos dar uma volta lá fora — sugeriu. — Assim, saberei o que você tem em mente, quando examinarmos sua lista. Fez uma, não?

— Fiz, sim — ela afirmou, olhando-o de relance.

— Bom — Cárter aprovou, recordando a maciez da seda sob seus dedos. Notou que Jéssica usava uma saia que ia até uns vinte centímetros abaixo dos joelhos, meias opacas que aqueciam as pernas e sapatos de salto baixo, mas a blusa fina, que se amoldava gentilmente aos seios, não a protegeria do ar frio. — Não quer vestir um suéter? Não está nada quente, lá fora.

Ela concordou com um gesto de cabeça e foi até o armário de agasalhos, de onde tirou um blazer, que vestiu rapidamente.

Cárter a teria ajudado, se tivesse tido tempo. Imaginou se ela estaria com pressa de sair, também precisando de espaço, mas censurou-se pelo pensamento fantasioso. Seria uma aberração, se ela houvesse sentido algo sexual por ele. De modo algum Jéssica se permitiria sentir desejo por Cárter Malloy, se era que ela sabia o que a palavra "desejo" significava, o que ele duvidava. É claro que ele não a estava desejando. Fora apenas um momento, quando, aceitando o fato de que ela era uma mulher, ele a vira como uma pessoa a quem gostaria de conhecer melhor.

Saíram pela porta principal, desceram pela trilha pavimentada de tijolos e atravessaram a alameda de pedregulhos, chegando ao extenso gramado, que se estendia nivelado por alguns metros, antes de inclinar-se graciosamente na direção do mar.

—Esta é a melhor estação do ano—ele comentou, respirando fundo. — Tudo é novo e fresco, na primavera. Dentro de duas semanas as árvores estarão cobertas de brotos. — Fitou Jéssica, que olhava com ar sombrio para o lado da praia, e, notando sua tristeza, decidiu fazer uma pergunta, mesmo sabendo que poderia aborrecê-la. — O que vai fazer, se levar seu plano adiante e transformar Crosslyn Rise num condomínio?

Ela levou mais de um minuto para responder. Pusera as mãos nos bolsos do blazer, mas mantinha a cabeça erguida e os ombros retos. O ar frio e a caminhada estavam ajudando-a a recuperar o equilíbrio que perdera, quando sentira Cárter tão perto.

— Ainda não sei com certeza.

— Pretende ficar aqui?

— Não sei. Poderia ser muito difícil. Ou, talvez, seja mais difícil partir. Não, não sei. Ainda não pensei nisso com seriedade — ela respondeu, parando de andar.

Cárter imitou-a, seguindo-lhe o olhar, voltado para a inclinação do terreno gramado.

— Diga-me o que vê — pediu.

— Algo pequeno e bonito. Uma marina. Algumas lojas. Vê como as pedras se alinham? Formam um meio círculo.

Vejo barcos ancorados lá. — Jéssica apontou para a ponta mais distante do meio círculo. — Vejo também uma prainha e lojas enfileiradas ao longo da ponta mais comprida.

Cárter não tinha certeza de que arranjaria os elementos da mesma forma que ela, mas isso era um assunto de menor importância, no momento. Recomeçou a andar.

— E este declive? Ela seguiu-o.

— Eu deixaria como está, apenas faria umas trilhas para proteger o gramado e plantaria alguns arbustos aqui e ali.

Começaram a descer para a praia.

— No inverno você costumava deslizar de trenó por esta rampa — ele recordou. — Lembra-se?

— Claro. Era um trenó Flexible Flyer.

— Que sempre continuou novo em folha, cintilante.

— Eu não o usava muito. Não tinha graça, brincar sozinha.

— Eu teria compartilhado aquele Flexible Flyer com você.

— Compartilhado? — ela repetiu, inocentemente demais.

— Talvez não. — Ele fez uma pausa. — Mais provavelmente eu correria atrás de você, fazendo-a entrar no bosque, então a enterraria sob um monte de neve e ficaria com o trenó só para mim.

Ela o olhou com um sorriso comedido e ligeiramente oblíquo.

— Acho que sim.

Cárter gostou do sorriso que, afinal, não rachara o rosto dela e a fizera parecer bem mais jovem. Na verdade, fizera com que ele se sentisse bem mais jovem.

— Eu era um encenqueiro.

— Era.

— Você deve ter escrito coisas horríveis a meu respeito, em seu diário.

— Nunca tive um diário.

— Não? Engraçado, eu seria capaz de jurar que você era desse tipo de menina.

— Estudiosa?

— Do tipo literário.

— Eu escrevia poesias.

Ele apertou os olhos maliciosamente, quando se lembrou.

— Certo... você escrevia poesias.

— Não sobre você — ela esclareceu rapidamente. — EU escrevia sobre coisas bonitas, e não via nada de bonito em você, naquele tempo.

— E agora, vê? — ele perguntou, sem poder conter-se. Jéssica não saberia dizer se fora por causa da brisa fresca que brincava com seus cabelos, ou do ritmo embalador das ondas quebrando na areia, mas seu nervosismo desaparecera. Sentia-se mais à vontade com Cárter, de um modo como jamais se sentira antes, por isso ousou responder à pergunta dele:

— Você tem pele boa. A acne sumiu.

Ele se sentiu estranhamente contente com o elogio.

— Consegui me livrar das espinhas aos vinte e cinco anos — contou. — Minha adolescência foi longa, em muitos aspectos.

Entrara num assunto que poderia dar margem para Jéssica perguntar por que ele fora um adolescente tão rebelde, mas ela preferiu manter o tom leve da conversa.

— Onde conseguiu esse bronzado?

— Passei uma semana em Anguilla, no início de março. Estavam atravessando a faixa de areia e pedras, em direção à água.

— Gostou de lá? — Jéssica indagou.

— Muito. É um lugar quente e ensolarado, tranquilo, repousante.

Ela imaginou se ele fora sozinho.

— Você nunca se casou, não é?

— Não.

— Eu não me surpreenderia, se você já houvesse casado três vezes — ela comentou, obedecendo ao impulso de recorrer ao antigo sarcasmo.

— Talvez houvesse, se deixasse que me induzissem ao casamento — ele admitiu. — Ou eu próprio sabia que não era confiável, ou as moças que namorei percebiam isso. Eu teria sido um marido horrroso.

— Naquele tempo. E agora?

Hoje é difícil encontrar uma moça adequada — ele respondeu evasivamente. — Tornam-se muito complicadas, quando chegam aos trinta, e a idéia de casar com uma menina de vinte, quando estou quase com quarenta, não me atrai. As mulheres mais jovens são imaturas, e as mais velhas, maduras demais.

— "Maturas demais" significa "complicadas"?

Ele moveu a cabeça, afirmando, parou, pôs as mãos nos bolsos da calça escura e ficou olhando para a água.

— Geralmente têm uma profissão e estilos de vida já estabelecidos. Agarram-se a seu jeito de viver e são muito exigentes na escolha de um parceiro. Isso causa uma pressão muito grande sobre um relacionamento.

— Você não é exigente? — perguntou Jéssica, sentindo-se na obrigação de defender suas companheiras de sexo, embora, por ter amizade com várias mulheres solteiras, soubesse que Cárter tinha razão.

— Claro que sou — ele respondeu, erguendo um dos ombros, num gesto de displicência. — Já não sou tão jovem assim. Tenho minha profissão, um estilo de vida estabelecido, e estou agarrado a meu jeito de viver. Por isso, continuo solteiro. — Olhou em

volta, desejando mudar de assunto. — Está pensando em restringir a praia ao uso dos moradores?

— Não pensei nisso, ainda. — Ela o viu franzir a testa. — Algum problema?

— Problema nenhum, se você for flexível a respeito do que deseja. Do modo como vejo as coisas, ou você opta por uma praia, um ancoradouro e um abrigo para barcos, ou por uma marina, com cais, lojas e pessoal adequado para cuidar de tudo. Mas, se escolher a marina e as lojas, a área não poderá ser restrita aos moradores do condomínio. Você poderia fundar um iate clube, que receberia sócios de toda a costa norte, e cobraria um bom preço por isso, o que tornaria o clube exclusivo, mas não vejo como as lojas sobreviveriam num lugar assim restrito. — Ele olhava em volta, enquanto falava, examinando o local. Então, voltou-se Para Jéssica e perguntou: — Que tipo de lojas você imagina?

— Estabelecimentos que supram as necessidades básicas dos moradores. Farmácia, loja de conveniência, de artigos para presentes e artesanato... — Parou de falar ao vê-lo abanar a cabeça. — Não?

— Não, a menos que outras pessoas, além dos moradores, tenham acesso a elas. Lojas assim não iriam para a frente com base numa clientela tão limitada.

Isso mostrava como ela não entendia nada de negócios, Jéssica pensou, aborrecida.

— Mas imaginei lojinhas bem pequenas.

— Por menor que seja, uma loja precisa de um certo movimento para sobreviver. Se você quiser levar essa idéia adiante, terá de permitir o acesso do público em geral.

— Está falando de filas de carros passando por aqui? Cártter percebeu pela expressão de seu rosto que não era aquilo, absolutamente, que ela queria.

— As pessoas não precisariam chegar até aqui de carro. A área da praia pode ser tratada de maneira a impedir o acesso de veículos.

— Não sei... — ela murmurou, perturbada. Virando-se, começou a andar na direção da casa. Cártter seguiu-a, ficando alguns instantes em silêncio.

— Não precisa tomar essa decisão imediatamente — disse por fim.

— Você mesmo disse que não podemos perder tempo.

— Isso, se você quiser começar as obras ainda este ano.

— Não quero começar nunca! — Jéssica exclamou, andando mais depressa.

Sabendo que o momento era difícil para ela, Cártter deixou-a adiantar-se e só alcançou-a no topo da inclinação.

— Conseguiu a planta, na prefeitura? — ela perguntou, olhando-o.

— Consegui. Está no carro.

— Quer levá-la, quando formos ao bosque?

— Não. Darei uma olhada nela, mais tarde. O que eu quero é que você me explique como imaginou distribuir as casas. Os fatores ecológicos terão de ser levados em conta,

Quando tomarmos a decisão final, mas mesmo assim suas idéias podem ser um ponto de partida. — Inspirando fundo, ele plantou as mãos nos quadris e correu o olhar pela primeira fileira de árvores. — Andei muito por esse bosque, mas isso foi há muito tempo atrás, e, claro, nunca o olhei pensando numa coisa dessas.

Jéssica observou-o, querendo saber o que ele estava sentindo naquele momento, porque, de repente, sentia-se desamparada, precisando de apoio. O rosto de Cártter, porém, não deixava transparecer nenhuma emoção.

— Você disse que gostaria de trabalhar no projeto — comentou, caminhando em

direção a uma trilha, tão sua conhecida, acreditando que Cárter a seguiria, o que ele realmente fez.

— Disse, sim, e é verdade.

— Por quê?

— Porque é algo que me entusiasma. Crosslyn Rise faz parte de meu passado. É um lindo lugar, e preservar sua beleza é um desafio. Se eu conseguir isso, será uma honra. Serei beneficiado como profissional e terei uma grande satisfação pessoal. Além disso, se investir no projeto, como Gordon propôs, ganharei dinheiro, uma coisa de que preciso.

Aquela declaração surpreendeu-a.

— Pensei que estivesse indo bem.

— E estou, mas há certos luxos que exigem uns trocados a mais. Eu gostaria de poder rejeitar um trabalho lucrativo, mas que não desperta meu entusiasmo, e aceitar outro que me entusiasma, mas que não é lucrativo.

O argumento era sensato. Ele era sensato. Muito mais do que ela teria esperado. Gordon dissera que ele mudara. Cárter dissera que mudara. Pela primeira vez, enquanto andavam lado a lado pela trilha, com as folhas secas do inverno estalando sob os pés, Jéssica perguntou-se o que teria causado a mudança. A idade? Ela duvidava. Afinal, havia muitos adultos desajustados no mundo. Talvez essa Pudesse ser a explicação, se Cárter simplesmente houvesse se suavizado. Mas, por ele ter sido o delinqüente que fora

na adolescência, "suavizado" era um termo fraco demais para descrever a mudança. Ela diria que a personalidade dele passara por uma total transformação. Bem, não total, propriamente, porque ele continuava um tanto impulsivo e dono de uma língua afiada, mas não estava longe disso.

Andaram por algum tempo sem conversar. O estalar das folhas começou a misturar-se ao som de grunhidos, quando eles se aproximaram do lago. Emergindo da trilha entre árvores que terminava numa clareira, Jéssica estacou. A superfície e as margens do lago estavam pontilhadas de cabecinhas irisadas, em tons de azul, verde e roxo. Os patos mostravam-se em todo seu esplendor, esperando pela explosão da primavera.

— Eu construiria algumas casas aqui, desde que os patos fossem protegidos — ela disse.
— O lugar é muito lindo para ser desperdiçado.

Cárter concordou.

— No outro dia, quando falou sobre isso, você estava se referindo a casas separadas umas das outras, mas em conjuntos de duas ou três, ou grupos de casas geminadas?

— Não sei com certeza — ela respondeu sem olhar para ele, pois achava mais fácil assim. As cabecinhas oscilantes dos patos no lago ofereciam uma cena mais calmante. Mas em sua voz havia a curiosidade que os olhos escondiam. — O que você acha?

— Gosto da idéia de casas geminadas. Vejo um grupo delas, numa variação do tema georgiano.

— Não seria mais fácil construir casas separadas?

— Mais fácil, mas não mais interessante. — Ele exibiu um sorriso, que ela captou ao olhá-lo de relance. — E não tão desafiador, para mim. Mas recomendo as casas geminadas por motivos econômicos também. Tome por base o lago dos patos. Se optarmos por construir casas separadas aqui, não havemos de querer mais de duas, no máximo três, e cada uma não poderia ser vendida por menos de um milhão. Por outro lado, construindo três grupos de duas ou três casas geminadas, seria possível vender cada uma por

quinhentos mil, o que tornaria a venda mais fácil, com uma margem maior de lucro.

Jéssica lembrou-se de quando Gordon falara de lucro. Sua reação fora a mesma que estava sentindo agora, uma sensação de enjoo.

Dinheiro não é a questão principal — comentou.

. Talvez não seja para você, mas...

— É, para você? — ela o interrompeu, olhando-o com atenção.

— Não deixa de ser uma das questões, não necessariamente a principal. Mas posso lhe garantir que vai ser a questão principal para as pessoas a quem Gordon apresentar o projeto do consórcio. Você e eu estamos ligados sentimentalmente a Crosslyn Rise, os outros não estão. Talvez eles se deixem cativar pelo lugar e queiram preservá-lo o máximo possível, mas verão o projeto como um negócio, nada mais.

— Você precisa ser tão brutal? — Jéssica perguntou, aborrecida porque sabia que Cárter estava com a razão, mas não podendo evitar que as palavras dele a ferissem.

— Pensei que quisesse ouvir a verdade.

— Quero, mas não precisa falar tão cruamente — ela reclamou.

Virou-se abruptamente e, ignorando os grasnidos assustados, provocados por seu movimento brusco, começou a andar de volta para a trilha.

— Quer que eu adoce a verdade? — ele perguntou, seguindo-a. — Aonde vai?

— Para a campina — ela respondeu por cima do ombro. Com um mínimo de esforço, Cárter alcançou-a.

— Se quer levar esse projeto adiante, Jéssica, precisa encarar os fatos. Ou você o financia sozinha, ou...

— Se eu tivesse tanto dinheiro, não haveria projeto nenhum!

— Muito bem, você não tem esse dinheiro. — Ele fez uma Pausa, irritado por ela virar-lhe as costas. — Por que não tem? Não paro de me perguntar isso. A família Crosslyn é rica.

— Era rica.

— O que aconteceu com o dinheiro?

— Como vou saber? — Jéssica deu meia-volta para encará-lo. — Nunca me preocupei com dinheiro. Era de meu pai, e supunha-se que ele o estivesse empregando do modo certo. Nunca perguntei nada. Nunca dei importância. O que posso saber? — Ergueu uma das mãos, fazendo um gesto para o alto. — Fiquei trancada naquela minha torre de marfim. Como vou saber o que houve com o dinheiro que acreditávamos existir, mas que agora não existe mais?

Cárter tomou-lhe a mão, quando ela começou a baixá-la.

— Não estou pondo a culpa em você. Calma.

— Calma?! — ela gritou. — A mudança da única coisa estável que tenho na vida está prestes a acontecer, uma escolha minha, para piorar, e você me diz para ter calma? Solte minha mão.

Ele, porém, não soltou. Entrelaçou os longos dedos nos dela.

— A transformação de Crosslyn Rise pode ser dolorosa, mas não é o fim do mundo. É apenas uma casa, pelo amor de Deus!

— É a história de minha família.

— Então, chegou a hora de escrever um novo capítulo. Crosslyn Rise sempre será Crosslyn Rise. Não vai desaparecer. Simplesmente passará por uma cirurgia plástica. Não prefere fazer isso agora, quando pode supervisionar a reforma, do que deixar que estranhos o façam, depois que você morrer? Seria diferente, se você tivesse uma porção de filhos a quem deixar a

propriedade.

De todas as coisas que ele disse, aquela foi a que mais doeu. Jéssica sempre desejara ter uma família, passar algo da herança genética dos Crosslyn para outra geração, e essa impossibilidade a magoava. Seus amigos não tocavam nesse assunto. Nem Gordon fizera qualquer referência a isso, na conversa que tivera com ela sobre o futuro de Crosslyn Rise. E o fato de ter sido Cárter Malloy a remexer na ferida foi insuportável.

— Solte-me — ela exigiu baixando a voz e lutando para livrar a mão da dele.

-Não.

Estou mandando você me soltar — ela sibilou por entre os dentes, torcendo a mão aprisionada e usando a outra para tentar abrir os dedos de Cárter.

Não vou soltar. Você está nervosa demais.

E o que está fazendo não vai me acalmar. — Ela o fitou nos olhos, sabendo que os seus estavam cheios de lágrimas, mas sem se importar com isso. — Por que tem de dizer coisas que me machucam tanto? — perguntou baixinho. — Por que faz isso, Cárter? Sempre soube atingir meu ponto mais sensível. Você diz que mudou, mas continua me magoando. Por quê? Por que não cuida de seu trabalho e me deixa em paz?

Ele, então, fez-se a mesma pergunta. Teria sido muito mais fácil cuidar daquele trabalho como cuidaria de qualquer outro. Mas estava emocionalmente envolvido, tanto com Crosslyn Rise como com Jéssica. Sem parar para analisar os detalhes daquele envolvimento, puxou-a para si e envolveu-a nos braços.

CAPÍTULO IV

Na adolescência, Cárter achava que Jéssica(era feita de pregos. Quando tornara a reencontrá-la, tantos anos depois, notara que havia algo de macio nela, mas foi só quando sentiu-a contra seu corpo naquele abraço, que descobriu, surpreso, que ela era toda macia. Surpreendente também foi a ternura que o invadiu e que ele atribuiu ao fato de ter visto lágrimas nos olhos dela. No entanto, era óbvio, pela tensão que ele sentia no corpo de Jéssica, que ela ainda o repelia.

— Pode chorar, Jéssica — Cárter pediu num murmúrio, baixando a cabeça de modo a quase encostar os lábios no ouvido dela. — Você se sentirá muito melhor, se desabafar, e não vou pensar mal de você por isso.

Mas ela não podia. Já fora fraca demais na presença de Cárter, e chorar seria o máximo da humilhação.

— Estou bem — afirmou, mas sem tentar afastar-se dele. Fazia muito tempo que ninguém a abraçava e queria sentir um pouco mais daquele conforto, principalmente porque ainda estava dominada pela sensação de vazio provocada pelas palavras dele.

— Não fiz por querer — ele disse baixinho, junto do ouvido dela. — Talvez eu a magoasse de propósito, quando éramos crianças, mas agora não faria isso. Falei sem pensar, não quis magoá-la. — Não fez nenhuma insinuação de que desejava saber se as coisas que dissera eram verdadeiras, mas ainda tocara no assunto, em outra hora. — Sinto muito,

Jéssica. Desculpe-me se a magoei. Sei que devia cuidar do meu trabalho e deixá-la em paz, mas não consigo. Talvez seja porque a conheço há muito tempo, ou porque seus pais faleceram, deixando-a sozinha. Ou, talvez, seja porque lhe devo algo pelas maldades que fiz.

— Mas você está fazendo mais maldades — ela argumentou com voz sufocada, porque estava com o rosto enterrado no peito dele.

— Não de propósito — Cártter observou, afagando as costas dela. — Sei que vai atravessar momentos difíceis e quero ajudar. Se eu pudesse emprestar-lhe o dinheiro de que precisa para conservar Crosslyn Rise, emprestaria, mas não posso. E Gordon disse que você refinanciou seu empréstimo, no banco.

— Viu? Está fazendo aquilo outra vez — Jéssica censurou, novamente magoada.

— Não. Estou explicando que não posso fazer nada, financeiramente. Melhorei muito de situação, mas não sou rico. Não poderia comprar um lugar como Crosslyn Rise. Moro num prédio de luxo, mas meu apartamento é pequeno.

— Não estou pedindo que...

— Sei que não, mas quero fazer alguma coisa. Quero ajudá-la a suportar tudo isso, tornar as coisas mais fáceis. Acho que estou querendo dizer que desejo que sejamos amigos.

Amigo, ele? Cártter Malloy, o torturador de sua infância, seu amigo? Parecia muito estranho. Mas estranho também era o fato de ela estar nos braços dele, extraindo conforto de sua força. Nunca imaginara que um dia desejaria tocá-lo, muito menos aconchegar-se ao corpo forte daquela maneira. Ele era forte, sim, tanto fisicamente quanto emocionalmente, e ela precisava de um pouco daquela força.

— Também penso que devia saber um pouco mais sobre você — ele continuou. — Quando éramos crianças eu lhe dizia coisas horríveis, achando que não podia atingi-la porque você era esnobe demais.

— Você me atingia, o que dizia me machucava.

— Se eu soubesse disso, aposto como faria coisas ainda

piores — Cártter confessou honestamente. — Mas agora é diferente. Assim, se souber o que você pensa, quais são os pontos onde mais sente dor, não tocarei neles. Talvez até possa ajudá-la a curá-los. — Refletiu que gostava daquela idéia. — Parece que estou querendo muito, mas se nossos objetivos não forem altos, não chegamos a lugar nenhum.

— Quando foi que se tornou filósofo? — perguntou Jéssica, e não havia sarcasmo em sua voz, apenas curiosidade.

Ele fitou os olhos cinzentos que brilhavam por trás dos óculos.

— Quando estive no Vietnã. Muitas das coisas que fazem de mim o que sou hoje, adquiri lá. — Vendo o olhar espantado dela, ele também se surpreendeu. — Não imaginava? Não se perguntou o que teria operado a mudança?

Ela meneou a cabeça quase imperceptivelmente.

— Eu estive ocupada demais, tentando negar que você mudou.

— Pode negar quanto quiser, mas a verdade é que mudei. Vou provar, se você deixar, mas terá de parar de me atacar cada vez que digo uma besteira. — Quando ela abriu a boca para replicar, Cártter pousou um dedo em seus lábios e prosseguiu: — Tenho a capacidade de aprender, Jéssica. Converse comigo, argumente, me explique certas coisas. Não vou virar as costas e me afastar. Ouvirei o que tem a dizer.

Os olhos cinzentos alargaram-se ainda mais.

— Para quê? — ela perguntou, ainda sem sarcasmo. Mas, em vez de curiosidade, havia

medo em sua voz. — Para usar contra mim o que eu lhe disser? Se deseja vingar-se, esse seria um jeito de conseguir.

— Vingar?

— Você sempre detestou tudo o que eu representava. Ele moveu a cabeça lentamente, negando, sem desviar os olhos dos dela.

— Pensei que detestasse, mas só detestava a mim mesmo. Essa foi uma das coisas que aprendi daquele tempo para cá. Por várias razões, fui um garoto infeliz. Não vou dizer que tudo mudou da noite para o dia. Passei quatro anos no Exército, tive bastante tempo para refletir sobre muitas

coisas. E ainda refletia, quando voltei. — As mãos dele moveram-se para baixo, parando um pouco acima da cintura dela. Na última vez que a vi aqui em Crosslyn Rise eu ainda era bem desajustado. Você se lembra, tinha dezesseis anos.

A lembrança era um grande peso, que a fez curvar a cabeça. Ela sentiu que Cárter pousava o queixo no alto de sua cabeça, ouvindo-o dizer baixinho:

— Eu a tratei muito mal, também naquela ocasião.

— Foi o que fez de pior. Eu já estava insegura, e o que você disse...

— Insegura? Não, não estava.

— Estava, sim.

— Não parecia.

— Mas me sentia insegura. Ia ter o segundo encontro de minha vida. — As palavras começaram a fluir, sem que ela pudesse detê-las. — Eu não gostava do rapaz, não queria sair com ele, mas para mim era importante ser igual a minhas amigas. Elas tinham namorados, então eu também precisava ter um. íamos a um baile, na escola dele, e precisei me vestir a rigor. Minha mãe comprou um vestido que ficava maravilhoso nela, mas horrível em mim. Eu não tinha o rosto dela, nem o corpo, nem o colorido. Mas vesti o vestido, calcei as meias e os sapatos e deixei que ela me maquilasse e me penteasse. Então, fiquei de pé na varanda, olhando-me no vidro da janela, tentando puxar o vestido para cima e fazê-lo parecer mais bonito. Foi então que você apareceu e disse que eu podia puxar quanto quisesse, mas que não ia adiantar nada, porque o vestido não escondia nada que valesse a pena ser visto. Disse...

— Jéssica, não...

— Disse que qualquer homem que valesse o feijão que comia veria isso no primeiro momento, mas que eu não precisava me preocupar, porque um homem que valesse isso não me convidaria para sair. Continuou, dizendo que não havia problema, porque...

— Por favor...

— Porque eu era uma porcaria empertigada e que a única

coisa que podia oferecer a um homem era dinheiro. Disse que eu podia comprar um marido, que dinheiro era poder, então...

— Jéssica, pare.

— Então, você tirou do bolso uma nota de um dólar e enfiou-a no decote do meu vestido, dizendo que eu podia usá-la para tentar subornar meu acompanhante para que ele me beijasse.

Ela se calou, levemente espantada por ter posto tudo aquilo para fora e sentindo a humilhação que sentira naquele dia, mesmo depois de dezessete anos. Mas não podia trazer as palavras de volta, nem que quisesse, e não teve tempo para avaliar o estrago que fizera com o

desabafo, porque Cárter tomou-lhe o rosto entre as mãos e ergueu-o.

— Ele a beijou, Jéssica?

— Não.

— Então, devo-lhe isso também — ele murmurou e encostou os lábios nos dela, sem lhe dar a chance de adivinhar sua intenção.

Jéssica tentou livrar-se, em vão. Cárter segurava-a com firmeza, movendo os lábios de um lado para o outro, e quando sentiu os dela perderem a tensão, apossou-se deles num beijo leve.

Foi uma carícia breve, mas deixou-a atônita, respirando com dificuldade e incapaz de pensar. Se pensasse, descobriria que sentira prazer, mas quando sua mente clareou, ela se sentiu incrédula.

— Por que fez isso? — perguntou num murmúrio, baixando os olhos, quando a incredulidade transformou-se em embaraço.

— Não sei — Cárter respondeu com sinceridade, pois não planejava beijá-la. — Senti vontade, de repente.

— Não devia. — Jéssica empurrou-o para afastar-se, e ele a soltou. No mesmo instante, sentindo falta do calor do corpo forte, ela puxou o blazer, apertando-o a sua volta. Reunindo o que lhe restava de dignidade, ajeitou os óculos sobre o nariz e fitou Cárter nos olhos. — Acho melhor continuarmos a andar. Há muito o que ver, ainda.

Sem esperar resposta, começou a caminhar pela trilha que circundava a parte posterior da casa. Mantinha a cabeça erguida e os ombros retos, mostrando-se mais segura do que se sentia. O instinto dizia-lhe que era da maior importância fingir que aquele beijo nunca acontecera. Não podia acreditar que acontecera, não podia mais pensar naquele momento, do contrário daria um grande motivo para Cárter divertir-se. Nem olhava para trás, temendo ver a expressão de maldosa satisfação que certamente havia no rosto dele. Mas o ruído de folhas secas esmagadas indicava que ele a seguia, sem dúvida pensando em como ela beijava mal.

Cárter devia beijar maravilhosamente, a julgar pelos rápidos segundos em que aprisionara os lábios dela com o seus. Não que ela houvesse gostado. Claro que não podia gostar de um beijo de Cárter Malloy. No entanto, ficara enfraquecida, e sua mente, anuviada. Para não fazer papel de tola, tinha de recuperar-se rapidamente de todo aquele tumulto emocional. Mas como? Esse era o problema. Como podia recuperar-se, se estava andando por um lugar que amava tanto e que dali a um ano já não seria o mesmo, se estava sendo seguida por um demónio que emergira do passado, transformado num homem bonito? O que precisava fazer era pensar e agir como uma mulher de negócios. Para todos os efeitos, em seu relacionamento com Cárter, não passaria disso, de uma mulher de negócios.

Andaram em silêncio até que a trilha, saindo de entre as árvores, terminou em uma campina. Embora a grama ainda não estivesse totalmente verde, ambos sabiam que a beleza do local seria de tirar o fôlego no auge da primavera e no verão.

Jéssica parou e esperou que Cárter a alcançasse.

— Outro grupo de casas poderia ser construído aqui. O lugar é lindo, e por tratar-se de um campo, poucas árvores teriam de ser sacrificadas. Quero preservar o meio ambiente o mais que puder.

— Entendo — ele afirmou, entrando no campo. Entendia alguma coisa, pelo menos, e isso deixava-o satisfeito. Não entendia por que beijara Jéssica, nem por que

achara o beijo tão estranhamente doce. Como não podia analisar os sentimentos naquele momento, continuou a andar pelo terreno de cerca de dezesseis mil metros quadrados, parando em determinados pontos para olhar em volta. Foi até a extremidade mais distante, onde ficou algum tempo, profundamente concentrado, então voltou para o centro.

Durante todo esse tempo, sem ter outra coisa para fazer, Jéssica observou-o. Um homem bonito? Com certeza. As roupas, blazer verde-escuro, calça cor de ardósia e camisa branca, eram de ótima qualidade e tinham caimento perfeito, mas não era isso que fazia dele um homem bonito. Cárter era bonito porque tinha ombros largos, quadris estreitos, longas pernas, porque seus movimentos eram fluídos, tinha um andar elástico, confiante, porte orgulhoso e rosto másculo.

Se ele percebeu que estava sendo examinado tão atentamente, não se deixou perturbar por isso. Isso não era de admirar. Ele devia estar acostumado a ser observado por mulheres. Era de fato atraente, chamava a atenção.

Com um suspiro, Jéssica virou-se e começou a voltar pela trilha. Passaram-se vários minutos, antes que Cárter a alcançasse.

— O que acha? — ela perguntou.

— Daria certo.

— Se quiser ficar aí mais um pouco, sinta-se à vontade. Vou para casa. Pode me encontrar lá.

— Está com frio? — ele quis saber, porque ela continuava a apertar o blazer de encontro ao corpo.

— Não.

Cárter olhou na direção da campina.

— Foi apenas um exame preliminar. O que vi basta, por hoje. Aonde iremos agora?

— Ao pinheiral.

— No outro lado da casa? — ele perguntou, obviamente surpreso. Quando ela confirmou, movendo a cabeça, ele continuou: — Tem certeza de que deseja construir lá?

— Preciso de um terceiro local — ela disse, olhando-o. — Se souber de um melhor, fale. Estou aceitando sugestões.

Reunindo as lembranças que tinha do lado sul da propriedade, Cárter teve de admitir que o pinheiral era a escolha lógica.

Teríamos de derrubar muitas árvores — comentou.

Não há nenhuma clareira de tamanho considerável, como no lago dos patos. — Abanou a cabeça com tristeza. — Eu odiaria ter de derrubar um só desses pinheiros.

Jéssica suspirou.

— Agora você sabe o que sinto a respeito deste projeto - disse em tom melancólico. — Mas não tenho escolha.

Determinada a permanecer forte e controlada, ela desviou o olhar e continuou a andar.

Pela primeira vez, Cárter realmente soube o que ela sentia. Uma coisa era lidar com a idéia, baseado no que se lembrava de Crosslyn Rise, mas outra, muito diferente, era andar pelo lugar, vê-lo, sentir-lhe os cheiros, estar rodeado por sua beleza natural e majestosa e pensar que tudo aquilo, de repente, estava à mercê dos humanos.

Quando chegaram ao pinheiral, ele mais do que nunca tomou consciência daquela beleza. Os pinheiros antigos erguiam-se em direção ao céu como se tivessem um contato íntimo

com as nuvens. Os mais jovens cresciam a alturas diferentes, e arbustos que conseguiam viver na sombra preenchiam os espaços. O chão parecia um tapete formado por musgo e folhas secas. O cheiro penetrante era inconfundível, divino.

“Não tenho escolha”, Jéssica dissera, numa variação do tema que repetira várias vezes, e, como acreditava nela, ele estava determinado a criar algo muito especial.

Quando finalmente voltaram para casa, Jéssica estava gelada. Mas não reclamou, com medo de que ele lhe oferecesse seu blazer. Não queria expor-se ainda mais à masculinidade dele, pois já se sentia fraca ao imaginar-se com ele entre quatro paredes.

— Acho que vai querer percorrer a casa — observou nervosa, enquanto cruzavam a varanda dos fundos e entravam na cozinha.

— Quero, sim, mas o café está com um cheiro delicioso. Importa-se, se eu levar uma xícara comigo?

Satisfeita por ter alguma coisa com que se ocupar, Jéssica se aproximou do balcão onde ficava a cafeteira.

— Açúcar ou creme?

— Os dois.

De modo tão eficiente quanto possível, devido ao constrangimento que a consumia, ela encheu uma caneca com café e adicionou creme e açúcar.

— Não vai tomar? — Cártter perguntou, quando Jéssica entregou-lhe a caneca.

Ela não ousava. As mãos não estavam muito firmes, e cafeína só ia piorar a situação.

— Mais tarde — respondeu e, com a maior calma que pôde aparentar, levou-o para fora da cozinha para que iniciassem a vistoria da casa.

Percorrer o andar térreo poderia não apresentar nenhuma novidade, pois Cártter vira a maior parte, no passado. Mas nunca olhara os cômodos depois que aprendera arquitetura, e isso fez uma grande diferença. O teto alto, largas molduras de portas, aparadores antigos nas três lareiras daquele andar impressionaram-no, e ele não poupou comentários entusiasmados a respeito do que via.

Suas observações foram bastante profissionais para diminuir o desconforto que Jéssica sentia quando subiram a escadaria curva em direção ao segundo andar. Mas o desconforto apenas diminuiu, não desapareceu, e ela nem podia atribuí-lo aos fatos do passado. Algo acontecera, quando Cártter a beijara. Ele a fizera tomar consciência do homem que era. Ela não via o rapaz a quem detestara, mas o homem a quem queria detestar, sem conseguir. Um homem calmo, confiante e decidido, tudo o que ela queria ser naquele momento e não era. Comparando-se a ele, sentia-se desajeitada, fazendo de tudo para passar despercebida.

Tudo foi bem, enquanto eles andavam de uma extremidade à outra do longo corredor, entrando nos cômodos para examiná-los. Cártter viu o quarto de casal, que já fora opulento,

mas que ninguém ocupava havia anos, e vários outros, alguns com lareira, além de um número espantoso de banheiros. Observava tudo com olhos de profissional, bebericando seu café e fazendo anotações mentais. Foi só quando chegaram ao último quarto, junto à escadaria de serviço, que seu interesse tornou-se pessoal.

— Este quarto é o seu — afirmou, não precisando ver o gesto afirmativo de Jéssica para saber que acertara.

Mas, mesmo que visse constrangimento no rosto dela, não desistiria de entrar.

O quarto era menor do que os outros, tinha decoração mais simples, composta de papel de parede floral e móveis brancos.

Incapaz de conter-se, ele examinou as estantes, onde viu obras estrangeiras e clássicas ao lado de livros populares de ficção. Passou um dedo ao longo do tampo da penteadeira, enquanto seus olhos examinavam uma bandeja espelhada que continha uma coleção de vidros de perfume antigos e em seguida detinham-se num porta-retrato. A foto mostrava Jéssica, por volta dos cinco anos de idade, com os pais. Ele ficou parado, olhando a foto, por um minuto inteiro, então caminhou até uma velha arca pintada de branco, sobre a qual havia algumas publicações acadêmicas. Ao lado da arca ficava uma poltrona forrada com um tecido que repetia o padrão esmaecido do papel de parede. Então, ele olhou para a cama, vendo que era de casal. Na cabeceira, sobre a colcha branca, enfileiravam-se várias almofadas de renda da mesma cor, em vários tamanhos e formatos.

O quarto estava muito de acordo com Jéssica, ele refletiu. Limpo e puro, um pouco acolhedor, um pouco severo, um pouco interessante. O tipo de quarto que insinuava a existência de coisas excitantes nos cantos e frestas, logo além da fachada de pureza.

Em tom baixo, porque o quarto pedia silêncio, Cárter perguntou:

— Foi neste quarto que você passou sua infância?

— Não — ela respondeu depressa, ansiosa para voltar ao andar térreo. — Mudei-me para cá para economizar no aquecimento.

Cárter compreendeu.

— Fica em cima da cozinha, de modo que fica aquecido — comentou.

— Isso mesmo.

Ela deu um passo na direção da porta, numa insinuação não muito sutil, mas ele não se moveu. Se estivessem em qualquer outro lugar da casa, ela teria saído, deixando Cárter para trás, mas aquele era seu quarto. Não podia deixá-lo lá sozinho. Seria uma violação grande demais de seu espaço íntimo.

— Gostei da foto — ele disse, fazendo um gesto de cabeça na direção da penteadeira, um leve sorriso pairando nos lábios. — Provoca recordações.

Jéssica fixou o olhar na fotografia para não ter de ver o sorriso dele.

— Por esse motivo a tenho aí. Foi tirada numa rara festa de família.

— Que festa?

— Dia de Ação de Graças. Cárter não entendeu.

— Por que rara?

— Meu pai jantou conosco.

Ele examinou-lhe o rosto, tentando descobrir se ela estava brincando, e decidiu que não.

— Quer dizer que ele não costumava fazer isso?

— Ele não parava para nada, quando estava trabalhando em algo importante, que o absorvia.

— Nem mesmo para um jantar de Ação de Graças?

— Não — ela respondeu sem emoção, olhando Cárter nos olhos. — Acabou a inspeção? Podemos descer?

Ele não deu sinal de tê-la ouvido.

— É de fato incrível. Sempre achei que as festas, em Crosslyn Rise, fossem espetaculares. Sabe como é, de acordo com as tradições, luxuosas, bonitas.

— Eram tudo isso, mas sempre havia solidão.

— Foi por isso que se casou tão jovem? — Cáter viu-a olhá-lo com surpresa, então acrescentou: — Minha mãe disse que você tinha vinte anos.

Jéssica ficou aborrecida com a idéia de que ele andara fazendo perguntas à mãe, querendo saber de sua vida. Mas, sem saber por quê, sentiu-se incapaz de censurá-lo. O interesse dele parecia inocente, e ela cansara de comportar-se como uma megera.

— Talvez eu me sentisse solitária, não sei. O fato é que na época achei que estava apaixonada.

Era óbvio que a certa altura ela descobrira que não estava, Cáter pensou.

— Quanto tempo durou?

— Sua mãe não disse?

— Ela disse que não era da minha conta, como ainda não é. Se não quiser falar a respeito, não fale.

Ela se encostou no batente da porta. Tocou na madeira, alisando um ponto áspero.

— Não é nenhum segredo. — Afinal, o fato era de conhecimento público. — Nós nos divorciamos dois anos após o casamento.

— O que aconteceu?

— Éramos pessoas diferentes, com objetivos diferentes.

— Quem é ele?

— Tom Chandler. — Ela cruzou os braços na cintura. — Você não o conhece.

— Ele não é daqui?

— Não. Veio de Saint Louis. Eu estava no segundo ano de faculdade, e ele era graduando. Tom queria ser escritor e achou que eu o ajudaria, porque pensava que éramos ricos. — O impacto dessa ironia foi tão forte, que o embaraço de Jéssica desapareceu. Olhando Cáter nos olhos, ela admitiu: — Você tinha razão. Eu só pude conseguir um homem com suborno. Mas levei dois anos para descobrir que fora isso o que acontecera.

Cáter deu alguns passos à frente ao ver a palidez que cobrira o rosto dela e a expressão angustiada dos olhos cinzentos. Refletiu que essas reações eram mais desejáveis do que aquela falta de emoção com que ela lhe contava fatos tão dolorosos.

— Não entendi, Jéssica.

— Tom apaixonou-se por Crosslyn Ríse, não por mim. Gostou da idéia de morar aqui, da genialidade de meu pai e do altruísmo de minha mãe, que se dedicou totalmente à tarefa de cuidar do marido, achando que eu faria a mesma coisa por ele. Mas do que mais gostou foi do plano que fez, de transformar o sótão num lugar só para si, onde passaria os dias lendo, pensando e olhando para o espaço.

— Então, você se cansou do casamento antes dele?

— Eu... suponho que posso dizer que sim. Tom cansou-se de mim bem depressa, mas estava satisfeito com o casamento. Foi quando percebi isso que descobri o grande erro que havia cometido.

Cáter viu em seus olhos uma mágoa profunda que ela não estava expressando em palavras. Queria tocá-la para dar-lhe um pouco de conforto, mas não tinha certeza de que seu gesto seria bem-vindo.

— Lamento muito — disse simplesmente.

— Não há nada para lamentar — ela declarou, forçando um pequeno sorriso. — Foram só dois anos, nada mais. Eu estava me formando, então fui direto para o curso de pós-graduação, que sempre tinha planejado fazer.

— Lamento não ter dado certo. Talvez, se você tivesse alguém para ajudá-la a enfrentar a situação aqui...

— Tom? Nunca. Ele era tão ruim em finanças quanto minha mãe, e duas vezes mais desinteressado.

— De toda forma, não teria sido tão difícil, porque você não estaria sozinha.

Ela desviou o olhar dos olhos dele.

— Bem, nada é perfeito na vida — comentou, pensando no lado bom dos fatos, que era o que vinha fazendo durante anos para não perder a coragem. — Tenho muito o que agradecer. Por exemplo, meu trabalho, que adoro, bons amigos e Crosslyn... — Fez uma pausa, então concluiu num murmúrio: — Crosslyn Rise.

Sem se importar em ver se ele a seguia ou permanecia no quarto, saiu e desceu a escada de serviço rapidamente.

Estava junto do balcão, tomando café, quando Cárter entrou na cozinha.

- E então, o que faremos agora, no que se refere ao projeto? — perguntou.

Ele gostaria de conversar mais sobre o legado daquele casamento falido, pelo menos para tentar amenizar a mágoa que via nos olhos dela. O bom senso, porém, alertou-o de que seria mais prudente falar disso numa outra hora. Estava surpreso por Jéssica ter-lhe feito tantas confidências, o que era bom sinal. Isso só acontecia entre amigos.

— Você vai me falar mais a respeito do que deseja — explicou. — Mas primeiro preciso ir buscar minha pasta, que deixei no carro. Volto já.

Ficando sozinha, Jéssica respirou fundo várias vezes. Parecia incapaz de respirar direito, quando Cárter estava por perto. Sua presença dominava tudo, impunha-se em qualquer ambiente onde ele se encontrasse. Mas ela não podia dizer que essa imposição era deliberada, ou ofensiva. Ele estava fazendo o que podia para ser agradável. Não tinha culpa de ser tão alto, de ter uma voz tão sonora, ou de emanar uma tal aura de força.

— Está com a lista à mão? — Cárter perguntou, tornando a entrar na cozinha. Quando ela fez um gesto, apontando para a mesa de carvalho, ele foi até lá e depositou a pasta ao lado de um bloco de anotações. Então, pegou a caneca que deixara sobre o balcão. — Posso tomar mais um pouco?

— Claro que pode — Jéssica respondeu.

Pegou a jarra de vidro da cafeteira, pôs café na caneca e preparava-se para acrescentar creme e açúcar, quando ele protestou, dizendo que podia servir-se sozinho. Ela o dispensou com um gesto da mão, satisfeita por entregar-se àquela simples atividade.

Levando as duas canecas, foi com Cárter até a mesa, que Preenchia uma reentrância semicircular num dos lados da cozinha. Ali havia janelas de onde se via o bosque, um cenário que nunca deixava de encantá-la. Naquela manhã, porém, estava muito consciente da proximidade de Cárter para prestar grande atenção aos dois cardeais que, com sua cor vermelha, adornavam o galho mais baixo de um dos pinheiros.

— Quer começar do topo? — ele indagou, olhando para a lista no bloco de anotações.

— Pode ser.

Ela, então, começou a falar, primeiro hesitante, depois com mais firmeza, à medida que ganhava coragem. Explicou suas idéias, uma por uma. Já discutira várias delas com Cárter, mas outras, sobre detalhes, como as instalações da sede do clube ou cores de tinta, haviam surgido de repente, e ela as anotara por achar que mereciam ser levadas em consideração.

Cárter ouvia atentamente, fazia perguntas e anotações. Embora apontasse para o lado negativo de algumas das idéias, em nenhum momento fez Jéssica achar que dissesse algo idiota. Ilustrava seus pontos de vista usando exemplos tirados de sua própria experiência, e que ela achava excelentes. Era evidente que ele amava sua profissão e que realmente sabia do que estava falando. Quando Cárter, por fim, levantou-se para ir embora, ela se sentia bastante bem com a idéia de entregar a ele a tarefa de criar a nova Crosslyn Rise.

Isso, olhando a questão pelo lado profissional.

Pelo lado pessoal, não se sentia nada bem. Mal o carro dele desapareceu, saindo da alameda curva, ela pegou-se recordando o beijo. A pulsação disparou, as faces aqueceram-se e os lábios palpitaram. Por um lado, ela estava satisfeita por ter conseguido manter o controle sobre si mesma perto de Cárter, mas, por outro, angustiava-se, perplexa, com a intensidade de sua reação instantes após ele ter partido.

Principalmente porque nem gostara do beijo.

Mentira. Gostara, sim. Fora um beijo quente, suave, úmido. E curto. Talvez ela tivesse gostado por isso. Não durara o suficiente para fazê-la sentir-se nervosa, ou assustada ou embaraçada. Mas durara o bastante para dar uma amostra tentadora de algo novo e diferente. Nunca ninguém a beijara daquela maneira, antes. Nem um namorado, porque nenhum dos rapazes com quem saíra sabia beijar, e muito menos Tom, que se mostrara egoísta sempre, até quando fazia amor com ela. Os beijos de Tom haviam sido entediantes.

O beijo de Cárter, mesmo breve como fora, não tivera

nada de entediante. Na verdade, Jéssica descobriu que gostaria de repetir a experiência, o que era, realmente, uma idéia espantosa. Nunca fora do tipo sensual, e pegar-se tecendo tais fantasias a respeito de Cárter era demais.

Afastando energicamente os pensamentos, foi pegar suas coisas, para ir para Cambridge, com o firme propósito de esquecer tudo aquilo.

A tática funcionou. Nem uma vez, enquanto dava aulas, ela pensou em Cárter, e isso não foi devido ao fato de estar mentalmente ocupada. Não pensou nele mesmo nos momentos descontraídos em que comeu um sanduíche em companhia de dois colegas, ou depois, quando fez algumas coisas que tinha de fazer na cidade e foi ao supermercado, e nenhuma dessas atividades exigia grande concentração mental. A mente dela poderia ter dado uma escapada e fixado-se em Cárter, mas isso não aconteceu.

Jéssica só voltou a pensar nele quando chegou em casa, mas em compensação não parou mais. Cada cômodo da casa guardava uma lembrança da presença de Cárter, e os mais intensamente impregnados eram o quarto dela e a cozinha, os dois lugares onde ela passava a maior parte do tempo, quando estava em casa. Entrando no quarto, como fizera em companhia de Cárter, ou sentada à mesa da cozinha, ela tornava a vê-lo, ouvia cada palavra que ele dissesse, sentia sua presença.

Tentou convencer-se de que isso acontecia porque fazia poucas horas que ele estivera lá, mas esse raciocínio não dispersou as lembranças. Cárter tocara o íntimo de seu ser, andando pela casa, olhando todas as pequenas coisas que ela conhecia tão bem.

Jéssica queria ficar zangada, lutava para livrar-se daquela perseguição, mas faltava alguma coisa. Não se sentia ofendida. Não se sentia violada, simplesmente tocada.

Essa percepção gerou mais reflexões. O Cárter que ela conhecera tantos anos atrás era um violador impiedoso, totalmente diferente do Cárter que reentrara em sua vida. Quando o Cárter daqueles tempos aparecia, ela tremia de

raiva, indignação e, por fim, de humilhação. Perto do novo Cárter, eram outras emoções que a faziam tremer.

Jéssica não queria ter esses pensamentos, mas parecia não poder fugir deles. Tentava distrair-se com alguma coisa, mas a distração era momentânea, esfumava-se com facilidade. A situação foi a mesma, quando ela deu início a seus exercícios físicos, acompanhando uma fita de vídeo. Em vez de concentrar-se nos benefícios que a ginástica aeróbica trazia para sua saúde, pegou-se avaliando a firmeza de seu corpo, imaginando se estava mais em forma aos trinta e três anos, por causa dos exercícios, do que estivera aos vinte e cinco. E quando se perguntou por que estava preocupada com aquilo, foi em Cárter que pensou.

No fim da sessão, suada e cansada, mergulhou na água quente da banheira e percebeu que, em vez de sonolenta, sentia-se excitada, o corpo tomado por estranho formigamento. Ao tentar descobrir o motivo, pensou em Cárter.

Mais tarde, usando uma longa camisola branca com babados no decote, sentou-se na poltrona de seu quarto para ler sobre um assunto que deveria prender sua atenção, mas começou a divagar, olhando para os objetos que Cárter vira e tocara. Vizualizou-o como o vira naquela manhã, alto, moreno e másculo, mostrando-se curioso a respeito da vida dela. Passou longos momentos analisando aquela curiosidade, tentando encontrar-lhe a causa.

Ainda não chegara a conclusão nenhuma, quando o telefone na mesa-de-cabeceira tocou. Sobressaltada, ela ergueu-o do gancho com um movimento tão brusco, que o livro que pusera no colo começou a escorregar para o chão. Curvou-se, tentando segurá-lo, ao mesmo tempo em que ajustava o fone no ouvido.

— Alô — disse, meio sem fôlego.

Cárter percebeu e, mortificado, imaginou que a acordara. Deu uma olhada no relógio, vendo que passava das dez. Não percebera que já era tarde.

— Jéssica? É Cárter. Estou sendo inoportuno? Deixando o livro cair, ela pôs a mão no peito para acalmar as batidas descompassadas.

— Não, não. Tudo bem.

— Acordei você?

— Não, eu estava lendo.

Ou tentando, ela acrescentou para si mesma, mas sua mente não produziu mais nada, à espera das próximas palavras de Cárter. Era difícil adivinhar por que ele ligara, e tão tarde.

Cárter não sabia com certeza por que telefonara. Nada do que tinha a dizer era tão urgente que não pudesse esperar um dia, até dois. Mas pensara em Jéssica quase que o dia todo. Haviam se despedido num clima amigável. Ele queria saber se esse clima ainda perdurava, ou se ela mudara de humor. Mas, acima de tudo, desejava ouvir a voz dela.

Aliviado ao saber que não a despertara, ele encostou-se na parede da minúscula cozinha, onde ficava o telefone.

— Foi tudo bem na escola, hoje?

— Foi.

— Quer dizer que não atrapalhei em nada? Não a deixei nervosa, ou coisa assim?

Jéssica sorriu timidamente.

— Não, foi tudo bem — ela respondeu, e o sorriso transpareceu em sua voz. — E seu dia, como foi?

— Foi bom. Muito bom, mesmo. Acho que você me deu sorte. Ela não acreditou naquilo, mas seu sorriso ampliou-se.

— Por quê?

Cárter ainda tentava compreender o que quisera dizer com aquilo.

— Não aconteceu nada estrondoso. Passei a tarde no escritório, trabalhando em outros projetos, e tive uma porção de boas idéias. Foi um daqueles dias em que me sinto realmente sintonizado com meu trabalho.

— Esteve inspirado?

— Isso. — Ele fez uma pausa, receando que ela pensasse que estava querendo impressioná-la. — Parece pretensão?

— Claro que não. Parece bom. Todos nós devíamos ter dias assim.

— O seu não foi?

Jéssica pensou em tudo o que acontecera depois que estivera com ele pela manhã.

— Foi, sim — respondeu, mas cautelosamente. — Dei a aula final para minha turma de literatura alemã e fiquei muito satisfeita com o modo como transcorreu, mas as reuniões que tive após a aula deixaram-me frustrada.

Cárter já não a via mais simplesmente como uma mulher que vivia com o nariz enfiado num livro o dia todo e queria saber mais sobre o trabalho dela.

— Frustrada? Por quê?

— No final do ano letivo os alunos ficam nervosos. Começam a perceber que boa parte de sua nota vai depender de um exame, de uma monografia, ou de ambas as coisas. Se chegam a esse ponto com uma boa média, querem conservá-la. Se a média é baixa, ficam desesperados para aumentá-la. Até o mais negligente fica um pouco tenso.

— Você não ficava nervosa, quando estudava?

— Claro que sim. Por isso tento ser compreensiva. É só uma questão de ouvir o que eles têm a dizer e animá-los. É fácil, quando conheço o aluno, porque posso me concentrar nos pontos fortes dele. Mas quando não conheço é mais difícil, como se estivesse tateando no escuro para apertar o botão certo que fará o aluno deslanchar.

Cárter ficou em silêncio por alguns instantes.

— Estou impressionado — declarou por fim. — Você é uma professora muito dedicada, para preocupar-se em manter essa interação com seus alunos. Meus professores não eram assim. Davam a impressão de que nos viam como futuros concorrentes, de modo que queriam que aprendêssemos, mas não demais.

Alguns colegas de Jéssica agiam daquela maneira e, embora ela não aprovasse esse tipo de conduta, procurou uma explicação para ela.

— Você entrou na faculdade um pouco atrasado. Era mais velho que os outros alunos.

— Nem tanto. Tinha vinte e três anos.

— Mas já tinha um conhecimento do mundo que talvez intimidasse as pessoas.

Um dia antes, Cárter provavelmente tomaria o comentário como uma ofensa. Como isso não aconteceu naquele momento, ele só podia deduzir que sua autoconfiança, no que dizia respeito a Jéssica, aumentara muito. Era também um sinal de que ela mudara de atitude em relação a ele. O tom de sua voz era gentil, receptivo, sugerindo que ela não estava achando a conversa desagradável.

— Como sabe que eu tinha conhecimento do mundo naquela idade? — indagou, refletindo que na época Jéssica vira-o muito pouco.

— Você já tinha, aos dezessete, e era decididamente assustador.

Ele recordou aqueles tempos com uma mistura de nostalgia e censura a si mesmo.

— Tentava ser — observou. — Meu Deus, como tentava! Intimidar as pessoas era a única coisa que eu sabia fazer bem.

— Poderia ter sido bom em muitas coisas. Veja o que é agora. Esse talento não criou vida de repente, quando você chegou à casa dos vinte. Mas você fez com que todo mundo pensasse que não tinha nenhuma inteligência.

— Eu mesmo achava que não tinha. Estava tão atolado, de tantas formas, que burrice parecia fazer parte do pacote.

Jéssica queria perguntar até que ponto ele ficara "atolado", por que e como. Queria compreender a pessoa que Cárter fora e relacioná-la com a pessoa em que ele se transformara. Porque essa nova pessoa era muito interessante. Ela era capaz de gostar do Cárter com quem estava conversando, mas jamais teria sequer sonhado em gostar daquele que fora tão repulsivo.

A ironia de tudo aquilo era que, de várias maneiras, o novo Cárter era mais perigoso do que o antigo.

— Oi, ainda está aí? — ele perguntou.

— Estou — ela respondeu o mais calmamente que pôde, pois sua pulsação voltara a disparar.

Cárter achou que a estava deixando nervosa, falando do passado, ou pelo menos entediada, e não queria que isso acontecesse, não naquela noite, não quando parecia que os dois começavam a se dar bem.

— Você deve estar se perguntando por que foi que telefonei — comentou.

Jéssica estava. Um homem como aquele não telefonaria para ela só para conversar.

— Achei que ia dizer por quê, mais cedo ou mais tarde — disse em tom displicente.

Queria que Cárter pensasse que ela não estava dando muita importância ao telefonema, como não dera importância ao beijo. Não era bom deixar transparecer que se sentia fragilizada no que concernia a ele.

— Bem, vou dizer agora. Quando eu voltava de Crosslyn Rise, esta manhã, ocorreu-me que seria útil para nós dois, se você visse algumas das coisas que tenho feito.

— Vi aqueles croquis...

— Não estou falando de croquis. Queria que visse as obras reais. Fiz alguns projetos similares ao que você tem em mente. Se os visse pessoalmente, poderia decidir se de fato sou o arquiteto certo para o trabalho.

Jéssica sentiu um peso no peito.

— Está em dúvida quanto a trabalhar em Crosslyn Rise?

— Não é...

— Pode ser franco — ela o interrompeu, erguendo o queixo com altivez. — Não vou

ficar desesperada. Existem muitos outros arquitetos.

— Jéssica...

— Gordon indicou-o porque você conhece a propriedade. Achou que ficaria interessado.

— Estou interessado — Cárter afirmou em tom mais alto. — Quer, por favor, ficar quieta e me deixar falar? — Quando não ouviu nenhuma palavra no outro lado da linha, continuou em tom baixo: — Obrigado. Meu Deus, Jéssica, quando você começa, parece um rolo compressor!

— Não estou para brincadeiras, só isso. Se você não quer o trabalho, diga logo, em vez de ficar fazendo rodeios.

— Quero o trabalho. Quero! Quantas vezes preciso dizer?

— Se quer, por que dá a entender que pode pegá-lo, ou não?

— Porque eu quero que você me escolha — ele declarou.

Afastando-se da parede, passou os dedos por entre os cabelos. — Quero sentir que você realmente deseja me entregar o trabalho. Que isso a deixa contente. Não quero que me aceite porque Gordon me indicou, ou porque não tem tempo para entrevistar outros arquitetos.

Ela estava comentando consigo mesma que ele não era um grande homem de negócios, afinal.

— É horrível, como vendedor — disse. — Devia estar me bajulando, não argumentando desse jeito. É assim que lida com todos os seus clientes?

— Não. Este caso é diferente. Você é especial.

As palavras dele operaram maravilhas. Jéssica sentiu-se muito mais leve, embora soubesse que o significado delas era superficial. O que ouvira dera-lhe um profundo bem-estar.

— Tudo bem — murmurou. — Desculpe a interrupção. Perplexo com a rapidez e a graça com que ela capitulara, Cárter ficou sem saber o que dizer. Por mais que pensasse, não conseguia lembrar o que causara o bate-boca.

— Ha...

— Você estava dizendo que talvez fosse bom eu ver algumas das coisas que fez.

— As melhores — ele salientou, pegando o fio da meada.

— Aquelas de que mais gosto. Ficam mais para o norte, ao longo da costa do Maine. A mais distante fica a três horas daqui. Dá para ver tudo num dia só. — Hesitou por um momento. — Estive pensando que, se você quisesse, poderíamos ir juntos.

Daquela vez foi Jéssica quem ficou perplexa. Não podia acreditar que Cárter desejasse passar um dia inteiro com ela.

— Você não estaria fazendo mais do que seria seu dever? — perguntou.

— Como assim?

— Não precisa exagerar. Posso viajar ao longo da costa sozinha.

— Por que iria sozinha, se estou querendo levá-la?

— Porque você perderia um dia inteiro de trabalho.

— Já trabalho muito durante a semana. Você também,

principalmente agora, perto dos exames. Estava pensando que podíamos ir num domingo.

Aquilo era ainda mais incrível, Jéssica pensou.

— Não posso lhe pedir que perca um domingo inteiro comigo!

— Por que não?

— Porque ninguém trata de negócios aos domingos.

— Trataremos de negócios, mas também nos divertiremos. Há bons restaurantes naquela região. Almoçaríamos no caminho.

Jéssica levou novamente a mão ao peito, pois o coração tornara a perder o compasso.

— E você poderia fazer compras. As butikues também são ótimas. Eu não me importaria de esperar.

Ela ficou profundamente confusa.

— Não teria cabimento, eu lhe pedir para esperar.

— Não precisa pedir. Estou me oferecendo. — Um súbito pensamento atingiu-o, e foi em tom quase duro que ele prosseguiu: — A menos que você não queira ficar comigo um dia inteiro.

— Não é isso.

— Então, o que é?

— Sou eu. Acho que você não gostará de ficar tanto tempo comigo. Acabaria chorando de tédio. Não sou a pessoa mais animada do mundo.

— Quem disse isso?

— Você. Quando eu tinha dez anos, você me viu sentada num rochedo, olhando para o mar. Perguntou-me o que eu estava vendo, e quando não respondi, disse que eu era tonta e maçante.

Ele se sentiu um crápula.

— Eu era um exibido, e você, só muito nova — disse à guisa de desculpa.

— Mas Tom também me achava sem graça e maçante. Nunca fui a alma da festa.

— Meu bem, um homem suporta pouco tempo uma mulher que seja a alma da festa. Isso sim, é ser maçante, sabia? Você, por outro lado, é muito interessante. Lê, pensa,

trabalha. Certo, é meio fechada, mas isso não quer dizer que seja maçante. Só quer dizer que um homem precisa empenhar-se um pouco mais para descobrir o que passa por essa cabecinha bonita. E eu quero me empenhar mais um pouco. Acredito que a recompensa será boa. Então, vai me fazer o favor de passar um domingo comigo? — Tomou fôlego rapidamente, não se permitindo pensar em tudo o que dissera. — O que me responde? Quer subir a costa comigo, ou não?

— Quero — Jéssica respondeu com a mesma rapidez e pelo mesmo motivo.

CAPÍTULO V

Naquela noite, Jéssica teve um sonho do qual despertou gradualmente, quase com relutância. No quarto escuro, o mostrador iluminado do relógio indicava que eram duas e vinte e quatro da madrugada. Ela ofegava. O leve tremor no íntimo de seu corpo era mais do que uma simples lembrança.

O tremor continuou, e ela enrodilhou-se para aninhá-lo, porque era uma sensação gostosa, suave, feminina.

Mais lentamente ainda do que despertara, ela foi se lembrando do sonho. Sua relutância, naquele instante, não tinha nada a ver com o desejo de preservar a deliciosa sensação. Ela estava recordando que sonhara com Cáster, e aos poucos o sorriso lânguido que pairava em seus lábios desapareceu.

Perplexa, ela descobriu que tivera um sonho erótico, o primeiro de sua vida. Nunca lhe acontecera aquilo, nem quando, na adolescência, começara a notar o desenvolvimento de seu corpo, nem mesmo no período de namoro com Tom, ou nos anos que se seguiram ao divórcio. Ela não deixava de admirar um homem bonito, mas era seu senso estético que a levava a apreciar a beleza masculina, não o instinto sexual. Nunca isso penetrara em seu subconsciente para provocar prazer intenso no meio da noite.

Virando-se para um lado, estendeu o braço por cima do rosto como se quisesse esconder seu embaraço dos olhos de uma multidão de sorridentes voyeurs escondidos no escuro.

Cáster Malloy. Cáster Malloy, magnífico em sua nudez,

mostrando o corpo escultural. Cáster Malloy, aproximando-se dela, beijando-a, acariciando-a, deliciosamente gentil, enquanto tirava-lhe as roupas, peça por peça. Amando-a com as mãos e a boca, levando-a a um desejo ardente que ela nunca experimentara antes.

Com um gemido, virou-se para o outro lado, encolhendo-se sob as cobertas, mas, mesmo cobrindo o rosto não conseguia deixar de ver as imagens persistentes que passavam por sua mente. Cáster Malloy beijando-a em todas as partes, todas as partes, enquanto oferecia o próprio corpo a suas mãos ansiosas, aos seus lábios sôfregos. No sonho, ela o vira esbelto, mas musculoso, áspero em alguns pontos, macio em outros, duro e palpitante em outros ainda.

Sentando-se abruptamente na cama, Jéssica acendeu a luz do abajur, abraçou os joelhos e esforçou-se para prender-se à realidade dos objetos e móveis antigos e familiares. Conseguiu, até certo ponto. Pelo menos, o tremor no íntimo de seu corpo cessou. O que ficou no lugar, porém, foi uma espécie de frustração quase tão indesejável.

Ela não compreendia o que motivara o sonho. Não era uma pessoa passional. Sexo, com Tom, fora uma parte do casamento que ela simplesmente aceitara. De vez em quando tinha um orgasmo, embora pudesse contar as vezes em que isso acontecera, usando os dedos de apenas uma das mãos. Mas essa falta de frequência nunca a incomodara, pois achava que as pessoas supervalorizavam o ato sexual.

Nada disso podia explicar o sonho que tivera, ou o fato de ela ter chegado a um silencioso e doce clímax.

Sentindo-se novamente mortificada, curvou a cabeça, encostando-a nos joelhos. E se alguém a visse? E se alguém estivesse observando-a dormir? Não que isso fosse possível, mas ela não conseguia deixar de imaginar se fizera barulho, se contorcera-se na cama.

Com certeza, o que provocara o sonho fora algo que ela comera. Era sabido que alguns alimentos excitavam os sentidos. Só podia ter sido isso que a lançara naquele delírio erótico.

Então, começou a pensar em tudo o que comera no dia

anterior. Tarefa nada difícil, porque, além de não comer muito, não se aventurava a experimentar pratos extravagantes, de modo que, ao terminar a revisão, não podia culpar nada por seu erotismo exacerbado.

Talvez fosse algo relacionado com o corpo, ela refletiu. Uma disfunção hormonal, que até poderia ser relacionada com a menopausa. Não, ela só tinha trinta e três anos! Não podia estar beirando a menopausa!

Pensou em outra teoria sobre os hormônios. Diziam que as mulheres alcançavam o pico do interesse sexual mais tarde do que os homens. Mulheres na faixa dos trinta, quarenta anos, eram supostamente as mais quentes, de acordo com as revistas femininas, mas Jéssica sempre se perguntara se os artigos não diziam essas coisas apenas porque era o que as leitoras daquela idade queriam ouvir.

No entanto, devia haver um fundo de verdade nisso. Talvez ela estivesse tendo necessidades que nunca tivera antes. Fazia mais de onze anos que não sabia o que era dormir com um homem. Talvez o sonho fora a forma que seu corpo encontrara de dizer que ela precisava de sexo. Talvez essa necessidade tivesse a ver com seu relógio biológico. Talvez seu corpo estivesse lhe dizendo que estava na hora de ter um filho.

Atirando as cobertas para o lado, ela saiu da cama, pegou os óculos e, descalça, quase correu para fora do quarto e pela escada de serviço abaixo, entrando na cozinha. Logo depois, estava sentada numa cadeira, com as pernas cruzadas e um pacote de pipoca doce no colo.

Aquele era seu remédio para tudo. Em pequena, escondia pacotes no quarto, porque a mãe estava convencida de que o caramelo que envolvia as pipocas estragava os dentes. Agora, que a mãe não estava mais lá, Jéssica não precisava mais esconder sua guloseima favorita. Não que comesse as tais pipocas exageradamente, mas mesmo que fizesse isso não teria importância, porque ela nunca tivera problema de peso. Mas era divertido comer as pipocas deliciosas e leves, algo que ela fazia sempre que se sentia um pouco deprimida.

Não estava se sentindo deprimida naquele momento, mas

frustrada e confusa. Também estava com raiva. Com raiva de Cárter, porque, por mais longa que fosse sua lista de desculpas para o sonho, sabia que não fora coincidência o fato de ele ter sido a figura central. Amaldiçoou-o por ser bonito e sexy, amaldiçoou-se por ser fraca, amaldiçoou Crosslyn Rise por estar envelhecendo e pondo-a numa situação tão difícil. Uma pipoca atrás da outra desaparecia em sua boca. Quando se deu por satisfeita, ela tomou um copo de leite, e a essa altura já eram mais de três horas. Forçando-se a pensar no que apresentaria no seminário de língua russa, naquela tarde, acalmou-se um pouco. Respirando fundo, levantou-se da cadeira, pôs o copo vazio na pia, guardou na despensa o pacote com o resto de pipoca e voltou para a cama.

Quando Jéssica concordara em subir a costa com Cárter, ele sugerira que fossem no domingo seguinte, porque desejava ouvir a opinião dela o mais cedo possível. Ela, porém, convencera-o a adiar a viagem para o outro domingo, pois estava muito ocupada, preparando os exames, e não podia dar-se ao luxo de perder um dia inteiro. Não que o adiamento ajudasse muito. Embora ela tivesse assistentes, que corrigiam as provas, ela gostava de participar desse trabalho, e realmente havia muito a fazer.

Mas Cárter mostrara-se impaciente, e ela cedera, sabendo que conseguiria administrar bem o tempo. Ele dissera que ligaria no dia anterior à viagem para dizer a que horas iria buscá-la, de modo que ela não iria vê-lo até lá, o que era bom, depois daquele sonho vergonhoso que ainda não saía de sua cabeça. No espaço de doze dias ela seria capaz de ver seu relacionamento com ele da forma correta.

Essa forma correta era vê-lo como uma pessoa com quem estava fazendo negócios,

mais nada, e foi nisso que ela trabalhou durante aqueles dias, quando tinha tempo para pensar no assunto. Concentrou-se na idéia de que iriam transformar Crosslyn Rise em algo prático e produtivo, e de que ela teria de acostumar-se à mudança.

Foi pensando assim que ligou para Nina Stone e marcou

um jantar com ela, num restaurante que servia frutos do mar, um lugar chique voltado para o mar, no lado da cidade em que ficava Crosslyn Rise. As duas haviam se conhecido no ano anterior, folheando livros numa livraria, e vários meses depois Jéssica procurara Nina para conversar com ela sobre a venda de Crosslyn Rise. Embora Nina não houvesse crescido no litoral norte, fazia cinco anos que trabalhava ali, onde ficara famosa como corretora de imóveis agressiva, mas também inteligente e elegante. Era exatamente o tipo de mulher que Jéssica sempre achara intimidadora, mas, estranhamente, as duas haviam se dado bem. Jéssica via que Nina tinha um lado duro, mas também outro mais gentil, mais abordável. Era esse lado suave que a corretora mostrava, quando estavam juntas.

A despeito da fama, a despeito da agressividade que Jéssica sabia que existia, Nina jamais a pressionara. A mulher era parecida com Cáster, no sentido de que, tendo vindo do nada, sentia-se um tanto intimidada por Crosslyn Rise, o que significava que não gostaria de ver a propriedade destruída. Foi por essa razão, entre outras, que Jéssica não se sentiu mal ao discutir com ela os planos para Crosslyn Rise.

— Um condomínio? — Nina repetiu, pensativa. Era baixinha, miúda, com jeitinho de duende, o que tornava sua perícia nos negócios um tanto inesperada e, portanto, mais eficiente. — Não sei, Jéssica. Seria uma pena fazer isso com um lugar tão lindo.

— Mas um condomínio pode ser lindo, não pode?

— Mas Crosslyn Rise é mais do que simplesmente linda. Jéssica suspirou.

— Não posso mantê-la, Nina. Você sabe disso. Não posso ficar com a propriedade e deixá-la desabar em ruínas, e você não encontrou nenhum comprador.

— O mercado está péssimo — a corretora comentou, meio defensiva, meio desculpando-se. — Estou vendendo muitos imóveis nas faixas de preço baixo e médio, mas muito pouco na faixa de preços altos. — Parou um momento, refletindo. — Mas condomínios vendem bem, tenho de admitir. Principalmente

nesta região. Há alguma coisa atraente no oceano, -os jovens acham romântico viver à beira-mar, e os mais velhos acham repousante. — Fez uma pausa para tomar um gole de vinho. Os dedos eram finos, e as unhas haviam sido pintadas de vermelho, para combinar com o terninho. — Fale mais sobre o projeto. Se a idéia foi de Gordon Hale, suponho que o empreendimento seja financeiramente seguro. Aquele homem é um espanto. Você disse que ele está criando um consórcio?

Ainda não está, mas começará a agir, quando chegar a hora. Por enquanto, estou trabalhando com uma pessoa para definir exatamente o que quero que seja feito.

— Uma pessoa?

Depois de uma breve hesitação, Jéssica explicou:

— Um arquiteto.

Nina observou-a por alguns instantes.

— Você parece nervosa.

Jéssica ajustou os óculos no nariz.

— Não estou.

— Esse arquiteto é chato?

— Não, é muito agradável. Chama-se Cárter Malloy. Já ouviu falar dele?

— Claro — Nina respondeu. — Da firma Malloy e Goodwin. Ele é muito bom.

De modo curioso, Jéssica sentiu uma ponta de orgulho.

— Conhece o trabalho dele, então?

— Não muito tempo atrás, vi algo que ele fez em Portsmouth, um projeto muito bonito, embora eu não goste daquela cidade. Transformou uma tecelagem em um condomínio. Trabalho excelente, que combinou o antigo e o moderno. — Nina franziu a testa, então sorriu. — Se me lembro bem, o homem também é muito bonito.

— Eu não sei se o chamaria de "bonito" — Jéssica observou um pouco depressa demais, o que despertou o interesse da corretora.

E como o descreveria?

Diria que tem boa aparência. - Não poderia dizer isso do homem de que me lembro.

Para um homem de boa aparência a gente olha e sorri educadamente, mas um homem bonito provoca emoções fortes. Cárter Malloy é tremendamente másculo.

— De fato, tem aparência máscula... eu acho. Nina inclinou-se para a frente.

— Não é possível! — exclamou em tom baixo mas enfático — Duvido que seja tão imune aos homens quanto dá a entender. Um marido nojento não pode tê-la imunizado dêsse jeito, e, além disso, você está longe de ficar velha. Ainda tem muitos anos de divertimento pela frente, a menos que queira deixá-los passar em branco. Quem foi o último homem com quem saiu?

Jéssica deu de ombros, sem responder.

— Quem? — insistiu Nina em tom bem-humorado, voltando a recostar-se na cadeira. — Não se lembra?

— Difícil dizer. O que quer dizer com "sair"? Ir a algum lugar com um homem? Se for isso, saio o tempo todo com meus colegas.

— Não é isso o que quero dizer, e você sabe. Estou falando de um homem ir buscar você em casa, levá-la a algum lugar, acompanhá-la de volta, beijá-la na porta, talvez entrar e até passar a noite.

— Ah, não faço isso.

— Não dorme com homens?

— Você dorme? — Jéssica devolveu, em parte porque a idéia de responder a desagradava, e em parte porque queria mesmo saber.

As duas haviam se tornado amigas no último ano, mas a única coisa que Jéssica sabia sobre a vida social de Nina era que ela raramente passava uma noite de sábado em casa.

— Não ando dormindo com todo mundo, mas gosto de homens — respondeu Nina, parecendo achar a pergunta mais divertida do que qualquer outra coisa. — Há alguns que são muito bons para uma noite de entretenimento. Como não estou procurando casamento, não represento nenhuma ameaça para eles.

— Não quer se casar?

- E eu tenho tempo para isso, querida?

Pode ter, se quiser.

. O que eu quero é ganhar dinheiro — a amiga declarou, parecendo determinada, mas ao mesmo tempo vulnerável. - Quero ter meu próprio negócio.

Pensei que já ganhasse um bom dinheiro.

Não é o bastante.

Precisa de mais?

Preciso de dinheiro desde o dia em que descobri que minha mãe se prostituía para pôr comida em nossa mesa.

Jéssica prendeu a respiração, surpresa.

Desculpe-me, Nina, eu não sabia.

— Não é uma coisa que eu anuncie no rádio — a corretora brincou, mas seu tom era sóbrio. — Tudo aquilo aconteceu em Omaha. Jamais me venderei, como minha mãe fazia. Preciso ter dinheiro, porque me recuso a pedir um centavo a um homem. E não terei de pedir, se fizer as jogadas certas.

— Está indo muito bem.

— Iria muito melhor, se trabalhasse por minha conta. Não posso perder tempo, ou nunca chegarei lá.

Jéssica estava começando a ver uma mulher compulsiva, sem sossego, cuja mente estava sempre funcionando, uma mulher disposta a sacrificar o coração para obter segurança. Era uma imagem triste.

— Mas você só tem trinta anos, Nina.

— E no ano que vem terei trinta e um, no outro, trinta e dois. Do jeito que imagino, se me matar de trabalhar agora e me tornar independente no prazo de um ano, quando estiver com trinta e cinco serei a maior corretora da área, chefe de uma equipe completamente treinada. Talvez, então, eu possa diminuir um pouco o ritmo, até mesmo começar a pensar em casamento. — Exibiu um sorriso malicioso. — Supondo-se que ainda existam homens que prestem por aqui.

— Se existirem, você os encontrará — afirmou Jéssica, sentindo a mesma fígada de inveja que sentia em menina, ao ver que todas as outras garotas eram mais bonitas do que ela e muito mais sociáveis. Nina tinha cabelos curtos

e brilhantes, pele imaculada e ossatura delicada. Vestia-Se num estilo que ficava no limite entre o despojado e o Sofisticado, e uma personalidade que combinava com o modo de trajar-se. — Você atrai pessoas como o mel atrai abelhas

— Sorte minha, do contrário seria uma desgraça, no meu campo de trabalho. — Fez uma pausa para lançar a Jéssica um olhar curioso. — Já me confessei. E você? Pretende casar-se?

Sorrindo, Jéssica abanou a cabeça.

— Não atraio homens como você.

— Por que não? — perguntou a amiga, totalmente séria. — É inteligente, bonita e tem um ótimo emprego. Não são essas coisas que os homens procuram nas mulheres, hoje em dia?

Em parte. Cárter dissera algo parecido. "Um homem precisa empenhar-se um pouco mais para descobrir o que passa por essa cabecinha bonita". Mas falara por falar, com certeza.

— Os homens procuram mulheres que enchem os olhos, como você, Nina.

— E depois que enchem os olhos, dão uma olhada mais de perto e vêem os defeitos. Nenhum homem haveria de me querer, agora. Sou dura demais. Mas você é mais maleável. Além disso tem uma carreira estável e mais segurança do que eu em muitos aspectos.

— Que aspectos? — indagou Jéssica, incrédula.

— Financeiro, por exemplo. Você é dona de Crosslyn Rise.

— Não por muito tempo — foi o comentário triste de Jéssica. Enquanto o garçom servia a lagosta que elas haviam pedido, Nina ficou pensativa. Quando ele se afastou começou a falar:

— Mas ainda é uma mulher rica. O seu problema é de falta temporária de fundos. Não tem dinheiro para manter Crosslyn Rise, porque todos os seus bens estão vinculados a Crosslyn Rise. Se levar adiante o projeto de que falou, logo não terá absolutamente do que se queixar em matéria de dinheiro. Não precisa ter medo de ficar na miséria, como eu. — Parou um instante para amarrar o guardanapo ao redor do pescoço. — É independente, financeiramente. Só isso já é meio caminho andado para a paz de espírito. Tudo

o que tem a fazer — continuou, arrancando uma pata da lagosta fumegante —, é encontrar um bom sujeito para casar, morar não muito longe de Harvard e ter filhos.

Não sei — Jéssica murmurou. Olhava para sua lagosta como se não soubesse por onde começar a comê-la. — As coisas não são simples assim.

— Você vai ver como tudo ficará mais fácil, quando esse problema com Crosslyn Rise estiver resolvido — Nina assegurou, começando a sugar a pata da lagosta.

Jéssica também começou a comer, pensando na declaração da amiga.

— Estamos falando da mesma coisa? — perguntou após vários minutos.

— Homens. Estamos falando de homens.

— Mas o que tem a ver com homens a solução de meu problema com Crosslyn Rise?

— Você se sentirá mais livre, mais aberta à idéia de um relacionamento. De certa maneira, você está casada com a propriedade. Não. — Nina ergueu a mão, conciliadora. — Não me entenda mal, não é nenhuma crítica. Tirei minhas conclusões, durante esse tempo que nos conhecemos. Crosslyn Rise é seu refúgio, onde você passou toda sua vida. Mesmo depois de casada, continuou morando lá.

— Tom quis assim.

— Com certeza. Mas o que interessa é que você nunca viveu em outro lugar, e quando o casamento terminou, Tom deixou-a lá, sozinha.

— Não fiquei sozinha. Meus pais ainda estavam vivos.

— Mas está sozinha agora, e continua morando lá. Crosslyn Rise é sua companheira.

— Não, é uma casa! — Jéssica protestou.

— Mas uma casa com alma própria. Sente-se sozinha, lá?

— Não.

— Mas devia sentir-se. O ser humano não foi feito para viver sozinho.

— Vivo no meio de gente o dia todo, e à noite gosto de ficar sozinha.

— Gosta? — Nina perguntou em tom surpreso. — Eu não. Mas o lugar onde moro não guarda lembranças, como Crosslyn Rise. Se eu voltasse para casa e fosse abraçada por uma avalanche de recordações, provavelmente também não me sentiria solitária. — Fazendo uma pausa, espetou a lagosta com o garfo, distraída, então olhou para Jéssica.

— Assim que Crosslyn Rise não for mais sua, do jeito que é agora, talvez você precise de algo que preencha o vazio que vai ficar.

— Nada como o encorajamento de uma amiga — Jéssica ironizou.

— Mas é encorajamento! A mudança lhe fará bem. Sua vida tem sido uma mesmice só.

Sair da sombra de Crosslyn Rise será ótimo.

A imagem da sombra fixou-se na mente de Jéssica. Quanto mais a analisava, menos a achava estranha.

— Você acha que me escondo à sombra de Crosslyn Rise?

— Era uma pergunta tímida, mas que exigia uma resposta honesta.

— Até certo ponto. No que diz respeito a trabalho, você é segura como qualquer outra pessoa, mas, no que concerne a sua vida pessoal, você se apoia na estabilidade de Crosslyn Rise. Mas não precisa de apoio, Jéssica. Se ainda não sabe disso, logo vai descobrir.

Esse "logo" estava demorando mais do que Jéssica desejava. Pelo menos, era o que ela pensava, na manhã de domingo, enquanto se vestia para a viagem com Cárter. Ele telefonara no dia anterior para perguntar se oito horas era muito cedo para ir buscá-la. Não era. Ela sempre fora madrugadora. A mente funcionava melhor nas primeiras horas do dia, e ela se aproveitava disso para fazer a maior parte de seu trabalho.

Naquela manhã, porém, a mente parecia anuviada, e Jéssica não se sentia nada satisfeita, depois de trocar quatro vezes de roupa, incapaz de decidir o que vestir. Aquele não era um encontro romântico. Cárter e ela iriam tratar de negócios, de certa forma. Mas ele sugerira que parassem

em algum lugar para almoçar, até mesmo para fazer compras, e aquilo não tinha nada a ver com um encontro de negócios. Um terninho parecia muito formal, jeans, muito informal, e ela não queria usar nada do que usava para dar aulas, porque estava cansada daqueles "uniformes".

Por fim, escolheu uma calça de gabardina e um suéter que comprara no inverno anterior. A vendedora dissera que o suéter estava na última moda, mas Jéssica o comprara por ser largo e confortável. Em um tom claro de cinzento, o suéter combinava bem com a calça preta, mais chique do que as outras que ela possuía.

O resultado foi bem satisfatório, e ela se perguntou por que se esforçara por mostrar sofisticação. Devia mostrar-se como era, mais simples do que sofisticada, raciocinou, mas isso não a impediu de calçar sapatos fechados pretos, de salto baixo, de aplicar um pouco de sombra café nas pálpebras e de escovar os cabelos até vê-los brilhantes, antes de prendê-los num coque frouxo na nuca.

Estava uma pilha de nervos, quando Cárter chegou, e a aparência dele não ajudou em nada. Usando um suéter cor de vinho e calça de veludo cotelê cinza-claro, bem barbeado, ele estava maravilhoso.

Pegando o pesado casaco que ela levava nas mãos, Cárter colocou-o no porta-malas do carro juntamente com seu blazer. Abriu a porta do passageiro e segurou-a aberta até Jéssica ajeitar-se no assento, então fechou-a e deu a volta, acomodando-se atrás do volante.

— Preciso avisar que sou uma passageira muito desagradável — ela disse, quando ele ligou o motor. — Se está pensando em correr, saiba que a situação pode ficar bem ruim.

— Eu, correr?

Mesmo sem olhá-lo, ela sentiu que ele sorria.

— Ainda me lembro de uns guinchos de pneus — comentou.

— Isso foi há séculos atrás. E, se servir para acalmá-la, saiba que tive meu último acidente aos dezenove anos de idade — Cárter contou bem-humorado, pisando no acelerador.

Não pisou fundo demais, só o suficiente para manter o

veículo no limite de velocidade, assim que chegaram à rodovia, e em nenhum momento teve vontade de correr mais. Claro, certas vezes, quando estava sozinho no carro, deixava-se seduzir pela força do motor, mas nunca dirigia com imprudência. Não mais desabafava sua raiva na estrada, como costumava fazer nos velhos tempos.

Também, não sentia mais aquela raiva tremenda do mundo que um dia sentira. Raramente se enfurecia, agora. Ficava frustrado, quando um projeto não saía como ele queria, ou quando algum de seus subordinados cometia um erro grave, ou quando lidava com um cliente particularmente difícil. Mas raiva, não sentia.

Naquele momento ele não tinha nenhum motivo para sentir-se frustrado. Esperara ansiosamente por aquele dia. Estava alegre, quase como se fosse o dono do mundo.

Tirou os olhos da estrada por um momento, apenas o tempo suficiente para dar uma olhada em Jéssica. A imagem dela gravara-se em sua mente no instante em que ele a vira, naquela manhã, mas ele queria reviver o prazer que sentira.

Ela estava incrivelmente bonita, e isso não era apenas devido ao fato de que melhorara com a idade. Ele notara a diferença nas duas vezes em que a vira, mas isso ficara ainda mais evidente naquela manhã. Ela estava realmente bonita, adorável, ele diria, se o traje não fosse tão sério, porque mesmo os pequenos óculos redondos produziam um efeito lindo no rosto de feições delicadas. No entanto, apesar de sérias demais, as roupas elegantes e de boa qualidade combinavam perfeitamente com ela, que tinha uma classe que Cárter acreditava que nunca teria.

— Está confortável? — ele perguntou.

— Estou.

Ele deixou alguns minutos escoarem-se em silêncio.

— Como vão os exames? — indagou então.

— Melhor do que pensei — ela respondeu.

— Esperava outra coisa?

— Nunca sei o que esperar. Há anos em que acontece um problema administrativo em cima do outro. Ou os exames

não são impressos a tempo, ou são enviados para o departamento errado, coisas assim.

Desorganização em Harvard? — ele provocou.

Ela aceitou a provocação com um sorrisinho oblíquo.

— Em Harvard — confirmou. — Mas este ano a universidade pode orgulhar-se de si mesma.

— Fico contente por você.

— Eu também — ela disse com uma risadinha, então ficou séria. — Agora começa a correria para a correção das provas e registro das notas. Logo será a formatura, e tudo tem de estar pronto bem antes.

— Você sempre vai à colação de grau?

— Vou.

— Deve ser gratificante.

Ela tornou a rir, e Cárter gostou de ouvir aquele riso. Significava que ela não levava a si mesma ou sua posição na universidade seriamente demais, algo que era bom saber, porque ele passara muitos anos achando-a convencida. Não, ela não parecia ser assim. Melhor ainda, não parecia consciente da diferença social entre os dois. Ele achava que, quanto mais eles se

encontrassem, como arquiteto e cliente, menos ela pensaria nos desastres do passado, e era isso o que mais queria.

Queria outras coisas também. Por mais que tentasse, não conseguia esquecer o momento em que a beijara. Fizera aquilo impulsivamente, mas o beijo voltava a sua mente quando ele menos esperava. Numa dessas vezes, concluíra que Jéssica era um botão de rosa que nunca se abria. Fora casada, portanto um homem a tocara, mas Cárter era capaz de jurar que o marido nunca despertara nela as chamas da verdadeira paixão. Jéssica tinha boca virginal. E corpo virginal. Ela parecia insegura, quase inocente.

Ele nunca fora um deflorador de virgens. Mesmo nos tempos de loucura, sempre preferira mulheres experientes. Ficava horrorizado só de pensar em lágrimas sobre um lençol manchado de sangue, uma gravidez indesejada, cobranças de promessas que não haviam sido feitas. Então, procurava mulheres promíscuas, com vasta experiência sexual, que agora deixavam-no completamente frio.

E beijar Jéssica, mesmo por um breve instante, não o deixara frio, muito pelo contrário. Ele sentira o corpo todo aquecer-se e, mesmo depois, relembando os detalhes daquele contato, experimentara o mesmo calor, a mesma excitação. Aquilo era um espanto, realmente. Jéssica Crosslyn, a pequena esnobe e antipática de outros tempos, conseguira excitá-lo, e isso o deixava perplexo.

Mas o fato era que o excitava. Mesmo ali no carro, tendo de prestar atenção na estrada, ele estava profundamente consciente da proximidade de Jéssica, do modo como ela cruzara as pernas, fazendo com que o tecido da calça se amoldasse às coxas, das mãos unidas no colo, dos dedos longos e femininos, do suéter solto, que sedutoramente fazia pensar nos seios que escondia. Até os cabelos, presos num coque comportado, pareciam uma paródia de comedimento. Tudo era uma promessa de sensualidade, e ela parecia totalmente inconsciente disso.

Cárter refletiu que podia ser apenas sua imaginação. Talvez a sensualidade que ele via em Jéssica não passasse da mudança que se operara nela. E ele, com sua mente lasciva, estava interpretando tudo errado. Fazia algum tempo que não dormia com uma mulher. Era provável que simplesmente estivesse precisando de sexo.

Mas, claro, se fosse isso, ele podia resolver a questão facilmente, procurando uma das mulheres com quem costumava sair. Não, não era o que ele queria. Havia algo terno no desejo que Jéssica despertava nele.

— Você recebeu um voto de confiança de uma amiga minha, que viu um projeto seu, em Portsmouth — ela disse em determinado momento.

— Harborside? Pensei em passarmos lá por último, na volta para casa.

— Ela ficou impressionada. Cárter deu de ombros.

— É bom, mas não meu favorito.

— Qual é seu favorito?

— Cadillac Cove. Detesto o nome, mas o condomínio é especial.

— Quem escolhe os nomes?

— O construtor. Eu só faço as plantas.

— Só as plantas? Quer dizer que seu trabalho acaba, quando elas estão prontas?

— Às vezes sim, às vezes não. Depende do cliente. Alguns pagam pela planta e fazem o

resto sozinhos, outros me pagam para dar consultoria, e nesse caso envolvo-me no processo da construção. Gosto quando isso acontece, e não é por causa do dinheiro, porque ganho mais sentado diante da prancheta, criando projetos. Mas sinto satisfação, quando estou no local da construção, vendo um conceito tomar forma. E saber que estou ali para resolver qualquer problema me dá paz de espírito.

— Os problemas são freqüentes? Tenho ouvido umas histórias de arrepiar os cabelos. São verdadeiras?

— Algumas — Cárter respondeu, ajeitando as mãos no volante de modo mais confortável. — Há um problema básico nos cursos de arquitetura. Não requerem que se faça estágio em construções. Em geral, os arquitetos julgam-se superiores a isso. Achem que ser a inteligência por trás do trabalho de construção é o suficiente, mas estão enganados. São a inteligência e a inspiração por trás do plano geral, mas os operários, com seus martelos e pregos, é que têm o knowhow. Um arquiteto normal não faz idéia de como se constrói uma casa, então, coloca na planta coisas impossíveis de serem construídas, e estou falando de impossibilidade física.

— Parece que Gordon disse que você tinha experiência no ramo da construção — comentou Jéssica, lembrando-se da conversa que tivera com o presidente do banco.

— Quando eu estava na faculdade, passava as férias de verão trabalhando em construções.

— Você sempre quis ser arquiteto? Ele fez uma careta.

— Não. Eu já trabalhava em construções, um ramo onde se ganha bem, antes de ir para faculdade, e foi assim que me interessei por arquitetura. As plantas me interessavam. As maquetes me interessavam. Os homens que ficavam lá,

com seus ternos grã-finos e capacetes, me interessavam. — Riu. — Assim como me interessavam os carros de luxo que eles usavam, Mercedes, Porsche e BMW. Este Supra é modesto, comparado aos carros de meus colegas.

— Por que você não compra um Porsche?

— Outro dia, quando meu sócio me mostrou o novo Porsche que comprou, eu me fiz essa mesma pergunta.

— E qual foi a resposta?

— Caro demais.

— Mas você ganha tanto quanto seu sócio, não é? Cárter deu de ombros.

— Talvez eu ache que vou arranhar o carro por aí, ou que vão roubá-lo. Não tenho uma garagem segura. Deixo o carro numa viela atrás do meu prédio. — Fez uma pausa, refletindo. — Talvez eu tenha medo de que, se comprar um Porsche, acredite que alcancei o pico do sucesso, e isso não é verdade. Ainda tenho muito que trabalhar.

Jéssica lembrou-se de Nina, que achava que felicidade era ter uma conta polpuda no banco. Sabia, instintivamente, que esse não era o caso de Cárter. Ele não estava falando em termos de finanças, mas de profissão.

Talvez até em termos pessoais. Mas isso era uma suposição. Ela não sabia nada sobre as esperanças e sonhos dele.

Esse pensamento a fez ficar em silêncio, refletindo. Embora curiosa, não tinha coragem de, repentinamente, começar a interrogá-lo a respeito de seus sonhos e esperanças, então decidiu continuar calada, deixando-se embalar pelo suave movimento do carro e pelas imagens borradas

da paisagem lá fora. A ausência de palavras entre eles era confortável, algo surpreendente, porque Jéssica sempre associara silêncio a solidão. Quando estava na companhia de um homem, fora do ambiente acadêmico, ela se sentia compelida a falar, e como não era a maior tagarela do mundo, acabava por achar-se desajeitada e sem graça.

Com Cárter, porém, não experimentava o impulso irreprimível de conversar apenas para quebrar o silêncio. Se ele quisesse falar, falaria. Não era tímido, absolutamente.

Ela achou isso engraçado, porque sempre fora atraída por tímidos, pois, na companhia deles, sua própria timidez tornava-se menor.

Percebia que Cárter sentia-se tão bem quanto ela, naquele silêncio. Ele segurava o volante de modo descontraído, as pernas estendidas tanto quanto o espaço permitia. Não havia tensão no queixo quadrado, nem nos ombros largos.

À medida que a viagem prosseguia, os dois continuaram calados, e Cárter só fazia comentários quando passavam por algum local histórico ou que oferecesse algo de interesse.

Viajaram durante quase quatro horas, parando apenas uma vez para um breve descanso, e chegaram a Bar Harbor um pouco antes do meio-dia.

Valera a pena viajar tanto.

— Estou impressionada — declarou Jéssica com sinceridade, quando ela e Cárter acabaram o passeio por Cadillac Cove. Ao contrário do que pretendiam fazer em Crosslyn Rise, as casas eram todas voltadas para o mar, agrupadas de forma a abraçar a praia, enquanto refletiam a graça da montanha Cadillac, que se erguia nas proximidades. — Já estão todas vendidas?

— Já. Nem todas as casas ficam ocupadas o ano todo. Tão ao norte do litoral assim, não se esperaria que ficassem. Acredito que uma ou duas foram colocadas novamente à venda, mas foi uma iniciativa bastante lucrativa para o construtor.

— E para você.

— Recebi pelos meus serviços como arquiteto e ganhei alguns elogios pelo projeto, mas não fiz nenhum investimento que gerasse lucros, como poderei fazer em Crosslyn Rise.

— Gordon conversou mais com você a respeito?

— Não. E com você?

— Também não. Acho que ele está começando a ligar as antenas, digamos assim, mas não quer reunir investidores até que tenhamos algo concreto para mostrar.

Cárter gostou do "tenhamos".

— Ele trabalha com uma lista de investidores habituais?

— Não sei. Por quê?

— Porque conheço um sujeito que pode se interessar. O nome dele é Gideon Lowe. Trabalhamos juntos num projeto, dois anos atrás, em Berkshire, e mantemos contato. É honesto, um dos melhores empreiteiros da região e, seja contratado ou não para fazer o trabalho em Crosslyn Rise, pode querer investir. Está procurando alguma coisa boa em que colocar dinheiro. E nada poderia ser melhor do que Crosslyn Rise.

— Você acha?

— Eu sei. Não investiria meu dinheiro nela, se não soubesse. Estou morrendo de fome — anunciou sem nenhuma pausa. — Vamos comer alguma coisa?

— Ha... claro — Jéssica respondeu, um pouco confusa com a brusca mudança de assunto.

Carter tomou-lhe a mão.

— Venha, então. Um lugar perto daqui serve o melhor ensopado de mariscos de toda a costa.

Jéssica gostou da idéia de comer um ensopado de mariscos bem quentinho, pois o ar marinho estava frio. Sentia-se satisfeita por ter vestido o casaco e pelo fato de a mão de Carter, firme e deliciosamente morna, estar segurando a sua.

O ensopado, acompanhado de salada de espinafre e pão caseiro, era tão bom quanto ele alardeara, se bem que algo do prazer da refeição devia-se à vista do atracadouro e à agradável companhia. Terminada a refeição, voltaram para o carro e partiram para a próxima parada da lista de Carter.

Cinco paradas, três para verem condomínios e duas por prazer, e quatro horas mais tarde, chegaram a Harborside. Como fizera nos outros condomínios, Carter mostrou tudo a Jéssica, dando uma breve explicação sobre o desenvolvimento do lugar, e falou de seus sentimentos a respeito da experiência. Então, ficou em silêncio, esperando que ela desse sua opinião.

— É muito interessante. A idéia de transformar uma tecelagem num condomínio poderia limitar as coisas um pouquinho, mas você expandiu esses limites com a criação desse átrio, que adorei.

Carter percebia que começava a conhecê-la por suas expressões

faciais, e a daquele momento, séria e um tanto analítica, dizia que ela podia ter admirado o átrio, mas que não o adorara.

— Tudo bem, Jéssica. Pode ser franca — ele arreliou. Ela manteve os olhos no prédio.

— Estou sendo. Levando em conta o que você tinha ao começar, o projeto é realmente notável.

— "Notável" como sinônimo de empolgante e dramático?

— Bem, dramático, não. Impressionante.

— Mas você não gostaria de morar aqui.

— Eu não disse isso.

— Gostaria?

Fitando-o, Jéssica viu um brilho travesso em seus olhos. O brilho provocou em seu íntimo uma reação que algo travesso não deveria provocar, mas ela não desviou o olhar, mesmo correndo o risco de ele perceber como sua proximidade a fazia sentir-se maravilhosamente aquecida.

— Acho que eu preferiria morar em Cadillac Cove — admitiu.

— Ou em Riverside — ele acrescentou, começando a sorrir de prazer ao ver o rubor deliciosamente feminino em suas faces. — Ou em Sands.

— Ou em Walker Place — ela disse, terminando a lista dos lugares que haviam visitado. — Certo, este lugar aqui não é meu favorito, mas é muito bom.

— Quer dizer que vai me contratar?

— Claro que vou. Por que pergunta?

— Não fizemos esta viagem para ver se você gostava de meus projetos?

A verdade era que Jéssica se esquecera daquilo, o que a surpreendeu e a fez perceber duas coisas: já começara a considerar Carter como seu arquiteto e divertira-se muito naquele dia, desde o momento em que, entrando no carro, decidira confiar nele como motorista. Esquecera que ele fora um grande encrenqueiro no passado, vendo-o apenas no presente e gostando do que via.

— Gostei muito de seu trabalho.

A boca bonita de Cárter torceu-se num trejeito divertido.

— Não podia dizer isso com um pouco mais de entusiasmo? Enfeitiçada por aquela boca e por seus movimentos sutis, ela repetiu em tom muito mais enfático:

— Gostei muito de seu trabalho!

— Verdade?

— Verdade.

Ele sorriu de modo hesitante.

— Acha que eu poderia fazer algo notável em Crosslyn Rise?

— Acho que você poderia fazer algo notável em Crosslyn Rise!

— Não está dizendo isso em nome dos velhos tempos? Encarando-o, Jéssica deu uma risada cristalina e totalmente espontânea.

— Se fizesse alguma coisa em nome dos velhos tempos, teria mandado fuzilar você.

Cárter poderia jurar que detectara algo parecido com afeição na expressão dos olhos dela, em seu riso solto e na suavidade de sua voz. Profundamente comovido com àquele pensamento, ele tocou-a no queixo, os dedos acariciando a pele lisa, enquanto os olhos pesquisavam os dela, em busca de um pequeno sinal de emoção. E encontraram. O sinal estava lá. Jéssica gostava dele, e essa constatação o fez sentir-se mais vitorioso do que quando ela dissera que gostara do que vira de seu trabalho. Incapaz de conter-se, deslizou o polegar sobre os lábios macios, e quando eles se entreabriram, inclinou-se e tocou-os com os seus.

Um toque leve, depois outro, e Jéssica não podia, nem queria interrompê-los. Era uma carícia tão boa, tão real, mais doce do que os beijos embriagadores que ela experimentara no sonho. Seu corpo começou a tremer, e ela, assustada, não soube dizer se era uma reação à lembrança do sonho, ou ao beijo daquele momento.

— Não — murmurou contra a boca dele. — Não, Cárter, por favor, não.

Erguendo a cabeça, ele viu medo nos olhos dela. Seu desejo era beijá-la de novo, mais profundamente. Sentia que, se fizesse isso, ela se renderia, mas não queria pressioná-la.

- Não precisa ter medo de mim — disse baixinho.

Eu sei. — Os olhos cinzentos desviaram-se dos dele. - Mas... não quero.

Eu poderia fazê-la querer, ele pensou, mas jamais diria tal coisa em voz alta, porque era o que o antigo Cárter diria. Não queria que ela se lembrasse daquele arruaceiro.

— Tudo bem — cedeu, recuando, mas não sem antes acariciar o rosto dela.

Virando-se para um lado, respirou fundo e enterrou as mãos nos bolsos do blazer. Estendeu o queixo na direção da tecelagem que transformara em condomínio residencial, enquanto controlava os instintos, então olhou para Jéssica.

— Você gostou do meu trabalho, e isso me deixou contente. Acho que devemos comemorar. O que acha de voltarmos e jantarmos no Pagoda? Gosta de comida chinesa?

Não podendo confiar em sua voz, Jéssica moveu a cabeça num gesto afirmativo.

— Aceita jantar comigo?

Ela aceitou, novamente com um gesto de cabeça.

— Vamos embora, então?

Responder outra vez do mesmo modo seria ridículo, de modo que, pondo as mãos nos bolsos do casaco, ela começou a andar na direção do carro. Devia ter dito a Cárter que não podia jantar com ele porque tinha trabalho a fazer, pedindo-lhe que a levasse direto para casa. Mas aceitara o convite por três razões.

Primeira, o trabalho podia esperar.

Segunda, ela estava com fome.

E, terceira, ainda não queria que o dia acabasse.

CAPÍTULO VI

Havia uma quarta razão pela qual Jéssica comcordara em jantar com Cárter. Ela queria mostrar a ele que não se abalara com seu beijo. Ou será que era a si própria que queria mostrar? Isso não importava, porque o resultado final seria o mesmo. Não conseguia imaginar por que ele a beijara novamente, a menos que houvesse visto em seus olhos que ela desejava ser beijada. Como não era recomendável reforçar essa impressão, o melhor era comportar-se como se o beijo não tivesse a menor importância.

Mas era mais fácil dizer do que fazer. O Pagoda não apenas servia uma soberba comida chinesa, como oferecia cadeiras de espaldar alto, em estilo romântico, e um ambiente aconchegante, à meia-luz, além de potentes drinques com frutas. Nada daquilo ajudava Jéssica a lembrar-se de que aquele era um jantar de negócios, que tudo o que desejava de Cárter era um projeto espetacular para Crosslyn Rise, que possivelmente ele a beijara levado pela euforia de se ver apreciado como profissional ou simplesmente por arrogância masculina.

Mas tudo no restaurante sugeria que o lugar fora feito para encontros românticos, e nada do que Cárter fazia disfarçava essa sugestão. Ele conversava descontraidamente, disposto a discutir qualquer coisa, de trabalho a documentários de televisão que ambos haviam visto, e até a próxima eleição para governador. Tirava-a da concha de maneira inesperada, fazendo-a pensar e falar sobre assuntos que normalmente ela julgava além de seu alcance. Se parasse

para se lembrar de onde ele saía, ela ficaria espantada com a amplitude de seus conhecimentos. Mas não parava, porque o homem que ele era bloqueava as imagens do passado. Esse parecia ter domínio sobre tudo, inclusive sobre o modo prudente com que ela se portava em relação a ele. Por tudo isso, as defesas de Jéssica estavam baixas, quando retornaram a Crosslyn Rise. Escurecera, o cenário assumira uma aparência de irrealidade, e, se ela já estava meio zozza por causa da bebida, Cárter deixava-a totalmente embriagada. Assim, ela não opôs resistência, quando Cárter passou um braço a sua volta, conduzindo-a para a porta. Lá, sob a luz das lâmpadas antigas, Cárter tornou a pegá-la pelo queixo, forçando-a a erguer a cabeça.

— Foi um dia muito agradável — disse em tom masculinamente grave. — Fiquei contente por você ter concordado em ir comigo, não apenas porque pude lhe mostrar aqueles imóveis, mas porque gostei de sua companhia.

Ela queria acreditar nele o bastante para entregar-se à fantasia por uns momentos.

— Também gostei — afirmou com um sorriso tímido, sentindo que era capaz de afogar-se nas profundezas castanhas dos olhos dele.

— Gostou dos imóveis, ou da companhia?

— Das duas coisas — ela respondeu baixinho. Cárter curvou a cabeça e beijou-a suavemente.

— Gostou disto também?

Jéssica demorou para abrir os olhos.

— Gostei — murmurou.

— Gostaria de beijá-la de novo.

— Você também gostou?

— Se não tivesse gostado, não ia querer repetir — ele explicou com uma lógica que nenhuma mente poderia refutar, muito menos a de Jéssica, que flutuava, enfeitiçada. ” Tudo

bem?

Ela consentiu, e quando ele a beijou novamente, notou que os lábios sedutores eram ainda mais ternos, mais complacentes. Explorou-lhes as curvas, abrindo-os lentamente,

até poder insinuar a língua na boca morna. Mas interrompeu o beijo, quando ela arquejou, assustada.

— Está tudo bem — murmurou, abraçando-a, moldando o corpo esguio contra o seu. — Não tenha medo — pediu sentindo os tremores que a percorriam. — Deixe-se levar Jéssica. Vou tentar outra vez.

E foi o que fez, acariciando os lábios dela inocentemente com os seus, aprofundando o beijo gradualmente, até que sua língua apossou-se da boca que ainda guardava o sabor de fruta dos drinques que ela tomara. Intensificou o abraço, trazendo-a para mais perto, mas não pensava tanto no tremor do corpo dela como no do seu. Precisava sentir a pressão dos seios de Jéssica, do ventre e das coxas, precisava sentir toda aquela maciez feminina contra seu corpo duro de homem.

Ela agarrou-se aos ombros dele, dominada pelo fogo que se espalhava em seu íntimo. O que acontecia era igual ao que acontecera em seu sonho, mas muito mais real. O calor corria por suas veias, lambia os terminais nervosos, alcançavam pontos extremamente sensíveis. Ela se lembrou do sonho novamente, quando Cárter abraçou-a com mais força, movendo o corpo contra o seu, e não protestou, porque queria que ele continuasse. A dureza dele pressionando sua maciez era um bálsamo para a dor dentro dela.

Mas o bálsamo só deu alívio por um instante, e quando a dor aumentou, ela tornou a recordar o sonho. Sentira a mesma dor, até que sua mente providenciara o que era necessário para curá-la.

Por uma horrível fração de segundo, ela receou que aquilo acontecesse novamente. Então, lutou para controlar-se.

— Cárter... — implorou, soltando os lábios dos dele e empurrando-o pelos ombros.

— Não tenha medo — ele repetiu.

— Temos de parar.

— Por quê? Não entendo...

Livrando-se dos braços dele, ela se aproximou da porta. Agarrou a maçaneta e encostou-se na madeira maciça, encontrando em Crosslyn Rise o mesmo apoio que encontrara em Cárter momentos antes.

- Eu não sou assim... — murmurou.

Assim, como?

— Fácil.

Ele não conseguia pensar com clareza. Ou o latejamento em seu corpo estava interferindo em seu cérebro, ou Jéssica estava falando bobagens.

— Ninguém disse que você era fácil. Nós estávamos apenas nos beijando.

— Não foi a primeira vez. E você queria mais do que beijos.

— Você não queria? — ele replicou, antes de poder conter-se. Mas não se arrependeu, porque a dor em seu sexo continuava, fazendo-o querer vingar-se daquela que a causara.

— Não, não queria. Não ando transando por aí — ela informou, olhando-o nos olhos.

— Você queria mais, sim. Estava tremendo, de tanto que queria. Seja honesta, Jéssica.

Não vai morrer, se admitir.

— É mentira! Eu não queria.

— Eu não acredito — ele resmungou, recuando um passo. Inclinou a cabeça ligeiramente e observou-a, estreitando os olhos. — Por que tem tanto medo de mim? Porque sou o sujeito que zombava de você, antigamente, ou só pelo fato de eu ser homem?

— Não tenho medo de você.

— Tem, sim. Posso ver em seus olhos.

— Então, está vendo mal. Não quero ir para a cama com você, só isso.

— Por que não?

— Porque não.

— Ora, vamos, Jéssica. Você me deve uma explicação. Você me tentou o dia todo, parecendo mais próxima do que nunca, embora mantendo-se ainda um pouquinho distante. Foi uma consumada provocadora.

— Não fui! Eu fui eu mesma! Pensei que estávamos nos divertindo. Se soubesse que havia um preço a pagar... — Ela se interrompeu, remexendo na bolsa à procura do chaveiro. — Se soubesse, teria a prudência de não me divertir tanto. Sexo faz parte dos honorários que cobra por seu trabalho?

Cárter passou uma das mãos pelos cabelos, deslizando-a para os músculos tensos da nuca. Sentia-se mais controlado, capaz de pensar com clareza, à medida que o desejo cedia. Percebia que os dois estavam a caminho de começar a xingar-se, como nos velhos tempos, e isso não levaria a nada de bom.

Ergueu a mão, pedindo trégua.

— Vamos esclarecer uma coisa. Quero você porque você me excita.

— Mas isso é...

— Deixe-me terminar. Você me excita. Nada mais. Não espero que me pague um almoço ou jantar com sexo. Você, simplesmente, acende meu desejo. Eu não esperava que isso acontecesse, não queria, porque você é minha cliente, e não me envolvo com clientes. Sexo não tem nada a ver com pagamentos de qualquer tipo. Tem a ver com duas pessoas gostando uma da outra, respeitando uma à outra, depois sentindo atração uma pela outra. Tem a ver com duas pessoas que estão juntas, mas que precisam ficar mais perto ainda. Tem a ver com duas pessoas desejando conhecer-se de uma maneira mais profunda. — Ele fez uma pausa para respirar. — Era isso que eu queria agora. Foi isso que estive querendo o dia todo.

Jéssica não sabia o que dizer. Se estivesse loucamente apaixonada por Cárter, não poderia esperar uma explicação mais doce. Mas não estava, e devia ser por esse motivo que estava tendo tanta dificuldade em acreditar na sinceridade do desejo dele.

— Quanto a "andar transando por aí" — Cárter continuou no mesmo tom baixo —, isso significa fazer sexo indiscriminadamente, com uma porção de pessoas diferentes. Não estou envolvido com ninguém, no momento. Faz algum tempo que não mantenho um relacionamento íntimo. Na verdade, sinto que não conheço nenhuma mulher tão bem quanto conheço você. Assim, se eu fosse para a cama com você, não estaria "transando por aí". Nem você, a não ser que tenha...

Ela abanou a cabeça com tanto vigor, que ele desistiu de terminar a frase. Na verdade, sabia que não existia ninguém na vida dela.

— Esteve com algum homem, depois de seu marido? Lentamente, Jéssica negou com um meneio de cabeça.

— E antes?

Ela negou, novamente.

— Não era bom, com ele? — Cárter soube que cometera um erro no momento em que as palavras lhe escaparam.

Jéssica curvou a cabeça, concentrando-se em introduzir a chave na fechadura.

— Não vá — ele pediu.

Ela, porém, abriu a porta e entrou.

— Não quero falar sobre isso — murmurou. Cárter deu um passo à frente.

— Podemos falar de outra coisa.

— Não. Preciso entrar.

— Conversar sobre sexo não precisa deixá-la incomodada.

— Mas deixa. Não é assunto para dois estranhos discutirem.

— Não somos estranhos. Jéssica encarou-o.

— De certa forma somos. Você é mais experiente do que eu. Não seria capaz de compreender o que sinto.

— Faça um teste, e veremos.

— Preciso entrar — ela repetiu baixinho e, lentamente, fechou a porta.

Ele se sentiu tentado a rebelar-se e empurrar a porta. Mas hesitou, e ouviu a chave girar na fechadura. O momento certo passara, ele perdera a oportunidade. Jéssica fugira.

Mas estava tudo bem. Ela precisava de tempo para acostumar-se à idéia de que o desejava também. E ele lhe concederia esse tempo.

Concedeu-lhe quase uma hora, o tempo que levou para voltar a Boston, chegar em casa, trocar de roupas e fazer café. Então, ligou para ela.

— Alô? — Jéssica atendeu em tom calmo.

— Oi, sou eu. Só quis ter certeza de que você está bem. Ela ficou calada por alguns segundos.

— Estou ótima — disse por fim, no mesmo tom comedido.

— Não está zangada comigo, está?

— Não.

— Bom. — Cárter fez uma pausa. — Não quis magoá-la, perguntando o que perguntei. — Bateu com o dedo na borda da xícara de café. — Só fiquei curioso. Você tem medo de mim, e não paro de tentar descobrir por quê.

— Não tenho medo de você — Jéssica declarou, mas parecia menos segura de si.

— Então, por que não se solta, quando a beijo?

— Porque não sou do tipo que "se solta".

— Acho que podia ser. Acho que quer ser.

— Quero ser exatamente o que sou agora. Não me sinto infeliz, sendo do jeito que sou, Cárter. Estou fazendo o que gosto, com pessoas de quem gosto. Se não fosse assim, eu teria mudado de rumo. Mas gosto de minha vida. Gosto, mesmo. Você parece achar que desejo mais alguma coisa, mas não é assim. Estou perfeitamente satisfeita.

Cárter refletiu que ela estava sendo um pouco repetitiva e enfática demais. Teve a nítida impressão de que Jéssica tentava convencer-se, tanto quanto tentava convencê-lo, o que

significava que não estava tão certa assim do que dizia. Isso era ótimo.

— Você não está satisfeita no que diz respeito a Crosslyn Rise — lembrou-a. Então acrescentou depressa: — E foi também por esse motivo que liguei. Vou começar a fazer uns desenhos preliminares, mas acho que vou precisar dar mais uma volta pela propriedade. Gostaria de tirar fotos da casa, das terras, dos locais onde possivelmente construiremos, da praia. Serão todas fotos externas, de modo que você não precisa estar em casa, mas não quero fazer isso sem sua permissão.

— Tem toda.

— Ótimo. Posso telefonar, quando tiver algo para lhe mostrar?

— Naturalmente. — Ela ficou em silêncio por um momento. — Cárter?

Ele prendeu o fôlego, ansioso.

— O quê?

Depois de breve hesitação ela voltou a falar, e em sua Voz não havia insegurança, mas sinceridade.

— Obrigada novamente pelo dia de hoje. Foi de fato muito bom.

Ele soltou o ar preso nos pulmões e sorriu.

— Foi um prazer. Volto a falar com você em breve.

— Certo.

Naquela semana, sempre que estava em casa, Jéssica quase não fez outra coisa a não ser olhar pelas janelas, procurava desculpas para esse comportamento, dizendo a si mesma que estava cansada de ler monografias, que precisava de distração e de exercício. E continuava a andar de cômodo em cômodo, olhando para fora de cada janela pela qual passava. Por mais desculpas que arranjasse, o que na verdade queria era ver se Cárter estava lá fora, no caso de ela não ter ouvido o ruído do carro, ou de ele ter estacionado em outro lugar, em vez de na entrada de veículos.

Como nunca via nenhum sinal de sua presença, concluía que ele visitara a propriedade enquanto ela estava fora, ou que ainda não fora lá tirar as fotos.

Cárter também não telefonava, e ela imaginava que ele podia ter tentado falar com ela, mas que não a encontrara em casa. Assim, pela primeira vez na vida, ela pensou em comprar uma secretária eletrônica. Mas isso foi num momento de fraqueza. Ela não gostava de secretárias eletrônicas. E, além disso, seria muito pior ter um aparelho daqueles e nunca receber uma mensagem, do que não ter e ficar conjeturando. Enquanto podia conjeturar, podia ter esperança.

Esse pensamento a confundia, pois ela não sabia com certeza por que desejava ter esperança. Cárter Malloy era... Cárter Malloy. Os dois estavam envolvidos apenas como arquiteto e cliente. Claro, ela gostara de passar o domingo com ele. Fora quando realmente avaliara o quanto ele progredira no correr dos anos. E esperava ter mais alguns domingos como aquele.

Mas nada relacionado a sexo ia acontecer entre eles. Carter

não era do tipo de homem que a agradava. E nem ela o agradava, era evidente, pois ele nem sequer telefonara. Pelo modo de ver de Jéssica, quando um homem estava interessado em uma mulher, não a deixava sozinha, sem notícias, durante dias. Telefonava, ia vê-la, deixava recados no local de trabalho dela. Cárter poderia ter feito isso, mas não havia nenhuma mensagem dele entre os papeizinhos cor-de-rosa com recados, que a secretária do departamento entregara-lhe naquela semana.

Ele estava mostrando o que realmente era por baixo das penas coloridas. A despeito de

toda aquela conversa amigável, inclusive sobre sexo, ele não tinha nenhum interesse por ela, o que não era de surpreender, afinal. Cáster exalava sensualidade, enquanto que ela, por outro lado, não tinha nenhuma. A genética a favorecera em muitos aspectos, mas não naquele.

Então, o que ele queria com ela? Por que fazia questão de beijá-la? Era difícil compreender e, por mais que Jéssica tentasse, não compreendia e mais frustrada ficava. A única coisa que podia pensar era que ele estava fazendo uma brincadeira perversa, e isso doía, porque ela gostava dele, respeitava-o como pessoa e profissional e achava-o extremamente atraente e sexy. Seria muito mais fácil admirá-lo à distância do que deixá-lo aproximar-se e mostrar-lhe como ela era incapaz de satisfazer um homem.

Sabendo que, quando mais remoesse aquele assunto, pior se sentiria, Jéssica mantinha-se ocupada o mais que podia. Desistiu de ficar em casa, andando de um lado para outro, olhando pelas janelas, e pelo meio da semana passava quase o dia todo na escola. O trabalho, assim como as pipocas doces, funcionavam como calmantes, e havia muito o que fazer. Quando não estava corrigindo provas ou lendo monografias, ajudava algum aluno, como orientadora de dissertação. Animava-se trabalhando, portanto, não havia motivo para sentir-se tão deprimida quanto se sentia na sexta-feira à noite, quando voltou para Crosslyn Rise. Nunca experimentara aquela sensação, depois de uma semana de trabalho, e decidiu atribuí-la ao cansaço.

Dormiu até às nove horas da manhã, no sábado, tomou um longo banho de chuveiro, demorou-se à mesa do café, pensando que não tinha nada urgente para fazer, a não ser lavar roupas, dar uma limpada na casa e ir à cidade comprar algumas coisas de que precisava. Depois, corrigiria mais um lote de provas. Não se importou em ficar olhando pelas janelas, pois com certeza Cáster não apareceria num sábado. Ele devia ter ido inspecionar a propriedade durante a semana, quando ela se encontrava ausente.

Desse modo, surpreendeu-se quando, preparando-se para descer a escada de serviço com uma braçada de roupas de cama, passou pela janela do patamar e viu de relance algo azul que brilhava ao sol. Com o coração aos saltos, parou abruptamente e olhou novamente para fora. Um carro.

Ela engoliu em seco. Cáster fora a Crosslyn Rise. Num sábado. Justamente quando ela estava usando jeans velhos e um blusão de malha, com as mangas arregaçadas, pronta para lavar roupas. Mas, se não lavasse, quem lavaria? Fora-se o tempo em que Annie Malloy cuidara daquela tarefa.

Então, a campainha da porta de serviço tocou, interrompendo seus pensamentos. Quase em pânico, ela olhou para o blusão desgastado, para a trouxa de roupas em seus braços e em seguida na direção da porta dos fundos, lá embaixo. Se não respondesse, Cáster acharia que ela não estava em casa.

E isso seria bom.

Não, não seria. Agarrando a trouxa com mais força, Jéssica desceu a escada quase correndo, atravessou o pequeno corredor e abriu a porta para Cáster.

Ele usava calça jeans, camisa de flanela xadrez, e trazia uma câmera fotográfica pendurada num ombro. Estava lindo, e isso não contribuiu em nada para que ela se acalmasse. Parecia mais musculoso, mais alto, naquele traje informal. O jeans ajustava-se como uma luva aos quadris estreitos e Pernas fortes. As mangas da camisa, arregaçadas até os cotovelos, exibiam os braços morenos, cobertos por pêlos escuros, e os dois botões abaixo do colarinho, abertos, deixavam entrever parte do peito largo.

— Oi — ela cumprimentou, meio sem fôlego. — Como vai? Cárter refletiu que ia muito bem, agora que estava lá

Durante toda a semana tentara decidir quando iria a Crosslyn Rise. Não se lembrava de jamais ter pensado tanto em alguma coisa ou em alguém. Mas pensara em Jéssica e agora sabia por quê. Olhando para ela, que vestia um enorme blusão cor-de-rosa e uma calça jeans desbotada, justa nas pernas esguias, ele experimentou uma onda de alívio. Ela estava totalmente ao natural, os cabelos longos e brilhantes amarrados num rabo-de-cavalo, o rosto sem nenhuma maquilagem, a pele com aparência saudável, um sorriso comedido, mas feliz, os óculos escorregando nariz abaixo. Maravilhosa. Jéssica era como uma rajada de ar fresco, ele pensou, finalmente conseguindo definir uma das coisas que mais apreciava nela. Diferente de todas as mulheres que conhecera. Natural, despretensiosa. Refrescante.

— Vou muito bem — Cárter respondeu com um sorriso preguiçoso. — Acho que vim para perturbar sua manhã de sábado — comentou, olhando rapidamente para as roupas de cama nos braços dela.

— Lavo minhas roupas no sábado — Jéssica explicou, apertando a trouxa ainda mais contra o peito. — Já devia ter acabado, a esta altura, mas dormi até mais tarde.

— Devia estar cansada — Cárter observou, tentando ver se ela estava com olheiras, mas, ou os óculos as escondiam, ou elas não existiam. E a pele limpa, uma mistura de marfim e rosa, não mostrava sinais de fadiga. — Esteve muito ocupada, durante a semana?

— Muito — ela afirmou com um suspiro e um sorriso.

— Não poderá descansar, hoje e amanhã?

— Um pouco. Ainda há trabalho da escola a minha espera, mas relaxo enquanto faço coisas como esta — ela disse, fazendo um gesto de cabeça na direção da trouxa de roupas — Também acho relaxante ir ao supermercado.

— Não tem tempo para sentar-se, pôr os pés para cima e simplesmente vegetar?

— Não sou de vegetar.

— Eu fazia isso muito bem, no tempo em que era um arruaceiros dos diabos — Cárter informou, torcendo a boca com desgosto. — Deixava minha mãe louca. Toda vez que a polícia ia a minha procura, ela sabia que me encontraria na saleta dos fundos, deitado no sofá, assistindo à televisão. Mas agora não tenho muito tempo para vegetar. — Mostrou a câmera. — Foi por isso que vim aqui hoje. Não tenho nada em que pensar, a não ser em Crosslyn Rise, e o dia está lindo. Quer andar por aí comigo? — convidou, incentivado pela expressão amigável de Jéssica.

Pega de surpresa, ela não foi capaz de tomar uma decisão rápida.

— Não sei... preciso lavar estas roupas... preciso passar o aspirador na casa... — Podia sentir o ar morno que vinha lá de fora, convidativo. — Além disso, acho que você poderá concentrar-se mais, pensar mais criativamente, se eu não estiver por perto.

— Gostaria que fosse comigo. E não conversarei, se a criatividade bater. Vamos. O dia está muito bonito para ficar dentro de casa.

Os olhos dele, à luz da manhã, estavam da cor de leite com chocolate. E como ela nunca notara que os cílios escuros eram incrivelmente espessos?

— Tenho muito o que fazer — ela ainda argumentou, mas sem firmeza.

— Tenho uma idéia. Eu vou primeiro e ando pelos mesmos lugares que visitamos naquele dia, na mesma ordem. Você faz o que tem de fazer, depois vai se encontrar comigo —

ele propôs.

Jéssica achou que, se ele estava sendo flexível, ela não podia continuar rígida. Além disso, embora fosse sábado, Cáster estava trabalhando no projeto para Crosslyn Rise. Talvez quisesse trocar algumas idéias com ela.

— Posso demorar um pouco — avisou.

— Não há pressa. Vou ficar um bom tempo por aqui. Piscando jovialmente para ela, afastou-se.

A piscada mexeu com Jéssica, deixando-a agitada. Passaram-se vários minutos, antes que sua pulsação voltasse

ao normal. Ela vagueou pela cozinha, entrou na despensa e então lembrou-se de que tinha de descer à lavanderia, que ficava no porão. Foi para lá, colocou as roupas na lavadora e programou-a.

Nunca na vida, passara com tanta rapidez o aspirador na parte da casa que estava em uso. Disse a si mesma que estava cheia de energia nervosa, e atirou-se à tarefa de tirar o pó dos móveis.

As roupas de cama já estavam na secadora, e as de uso pessoal na lavadora, quando Jéssica pegou um saco de pão pela metade e saiu de casa.

Sentado na grama, ao lado do lago dos patos, Cáster aguardava ansiosamente a chegada dela, não conseguindo nem prestar atenção às graciosas evoluções das aves na água. Assim que a viu, sentiu-se invadido pela mesma sensação morna de sempre. A presença dela o entusiasmava, algo estranho, porque no passado ele a julgara a pessoa menos excitante do mundo. Mas aquilo fora no passado. Se continuasse como fora, grosseiro e imaturo, ele jamais poderia ter apreciado a riqueza do intelecto de Jéssica, o jeito como ela analisava os assuntos, a natural curiosidade que a fazia ouvir com atenção tudo o que ele dizia. Mas mudara e agora achava a companhia daquela mulher extremamente estimulante, mesmo nos momentos de silêncio. Exceto quando ela se sentia ameaçada e se tornava dogmática, parecendo uma pessoa de mentalidade estreita.

O segredo, claro, era evitar que ela se sentisse ameaçada. Na maior parte do tempo isso era fácil, principalmente porque Cáster, cada vez mais, sentia o impulso de protegê-la. Mas às vezes isso se tornava difícil, e sempre porque houvera alguma menção a sexo, obrigando-o a controlar-se, tanto fisicamente quanto emocionalmente.

Mas ele tentaria manter a paz entre os dois. Tentaria, porque o prêmio era valioso.

— Cuidado com a lama — gritou e viu-a desviar-se de um ponto no chão que ainda não secara totalmente, depois do degelo da primavera. Observou-a aproximar-se apressada, o rabo-de-cavalo balançando no ar. — Trabalhou rápido!

- Sou sempre rápida, com o serviço doméstico — ela replicou em tom brincalhão. Abrindo o saco de pão começou a cortar pedaços com os dedos e jogá-los para os patos, que agradeceram, grasnando alegremente. — Odeio limpar a casa. Faço isso porque tenho de fazer, mas odeio.

- Porque não contrata uma empregada? Não me diga que não pode pagar.

Ela rejeitou a idéia, franzindo o nariz.

— Não há tanto trabalho assim. — Jogou um punhado de pão picado na água e observou os patos passando uns por cima dos outros para alcançar os pedaços. — Contrato uma empresa de limpeza duas vezes por ano, para uma faxina na parte da casa que não uso, mas do

resto posso cuidar sozinha.

— Virou-se para encarar Carter com um olhar de censura, mas quando voltou a falar, seu tom era gentil.

— A não ser que alguém apareça em minha porta, tentando-me com o melhor dia de primavera que tivemos até agora. — Olhou em volta, sem querer descobrir se a alegria que sentia fora provocada pelo ar morno, ou não. Estava cansada de analisar tudo o que lhe acontecia. Tirando mais pão do saco, perguntou: — E então, já está se sentindo inspirado?

— Sempre me sinto inspirado aqui. Este lugar é lindo. Afastando uma porção de penas que cobriam a grama, Carter bateu no chão, convidando-a a sentar-se a seu lado. Ela sentou, lançando um olhar para a câmera no colo dele.

— Já tirou fotos?

— Já. Da casa, do gramado da frente e da praia. Daqui, ainda não. Estou descansando.

Jéssica jogou mais pão na água.

— Você é bom fotógrafo?

— Sou um fotógrafo competente. Tiro as fotos de que Preciso, mas de modo prático, não artístico.

Pegou a câmera, fez vários ajustes nos botões e ergueu-a a altura dos olhos, virando-a para Jéssica. Ela ergueu a mão diante do rosto e virou a cabeça.

— Odeio que me fotografem! Mais ainda do que odeio a casa.

— Por quê?

— Não gosto de ser o foco da atenção — explicou, olhando rapidamente para ele e vendo-o pôr a câmera novamente no colo.

”Ser o foco da atenção” podia ser interpretado tanto de maneira ampla como restrita. Carter tinha a impressão de que ambas aplicavam-se ao caso de Jéssica.

— Por que não? — insistiu.

— Porque acho embaraçoso. Não sou fotogênica.

— Não acredito.

— É verdade. As câmeras exageram todos os defeitos, e já tenho muitos, não preciso também do exagero.

Com os raios de sol brilhando nos cabelos, e aquele rubor de timidez nas faces, ela estava linda, Carter pensou.

— Quais são seus defeitos?

— Por favor, Carter...

— Diga.

Certa de que ele a estava ridicularizando, Jéssica observou-lhe os olhos. Não viu zombaria neles, apenas desafio, e ela estava condicionada a reagir, quando Carter a desafiava.

— Sou feia. Meu rosto é muito magro, meu nariz é muito pequeno e meus olhos são comuns demais.

Carter a encarou.

— Comuns? Está brincando? E não há nada de errado com seu rosto ou seu nariz. Faz idéia do prazer que sinto ao olhar para você, depois de ter de olhar para outras mulheres a semana toda? Podia se achar feia quando era menina, Jéssica, mas você floresceu, tem uma beleza legítima, refrescante.

— Por que diz essas coisas? — ela perguntou, incrédula.

— Porque é tudo verdade.

— Não acredito. — Levantando-se, ela atirou o resto do pão na água, amassou o saco, guardou-o no bolso do jeans e começou a afastar-se. — Você só está me adulando para que eu aprove seus projetos.

Cárter ergueu-se rapidamente e seguiu-a, segurando-a pelo rabo-de-cavalo para fazê-la parar e virar-se.

Jéssica sentiu-se aprisionada. O corpo dele era uma parede

sólida bloqueando-lhe o caminho, a mão em seus cabelos, implacável, a respiração quente em sua têmpora, um cáldo sopro de emoção.

- Não é bajulação! Só não posso ficar calado, ouvindo você depreciar-se. Sinto-me profundamente atraído por você! por que não consegue acreditar?

Abalada pela proximidade dele, como sempre acontecia, jéssica sentiu a respiração acelerar. Fixara os olhos na camisa xadrez, onde não havia nada de sensual para perturbá-la, mas o leve perfume almiscarado que emanava do corpo másculo era uma tentação.

— Não sou do tipo que os homens acham atraente — alegou em tom muito baixo.

— Essa foi outra pérola de sabedoria que saiu da cabeça de seu ex-marido?

— Não. Foi algo que aprendi em meus trinta e três anos de vida. Os homens não se viram na rua para me olhar.

— Os homens não querem as mulheres espalhafatosas, chamativas, que os fazem virar-se para olhá-las. Pode chamar isso de machismo, mas nós preferimos as mais sutis. Você é sutil, e eu a quero.

— Mas conhece mulheres mais bonitas, na cidade.

— E escolho você. Isso não lhe diz nada?

— Isso me diz que você está atravessando uma fase. Digamos que... — Ela ergueu os olhos para os dele, querendo reforçar sua opinião. — Digamos que esteja na fase do "quero dar uma alegria à moça, em homenagem aos velhos tempos".

Sentindo-se perigosamente próximo da raiva, Cárter puxou-a contra si.

— Isso é um insulto, Jéssica. Não pode acreditar que eu tenha um pouco de sinceridade? Já menti para você?

Ela não respondeu.

Não, nunca menti — ele prosseguiu. — Posso ter dito Palavras cruéis no passado, besteiras completas, mas elas trariam o que eu sentia naquela época. Já concordamos em que fui um miserável, mas pelo menos admita que sou honesto. Percebia que o sangue corria com mais força, energizando contato das curvas macias contra seu corpo.

— Sou honesto quando falo. Sou honesto quando faço isso... Capturou a boca de Jéssica com a sua, antes que ela pudesse protestar, e beijou-a com um ardor gerado tanto pelo desejo quanto pela irritação.

Jéssica sentiu suas defesas caírem por terra. Não conseguiria ficar fria, mesmo que tentasse, e aceitou ansiosamente a língua que invadiu-lhe a boca com sofreguidão.

Ficou frustrada, quando ele interrompeu o beijo antes do que ela esperava. Ainda não começara a recobrar o autocontrole, quando Cárter agarrou-lhe a mão e baixou-a para o zíper do jeans, que sua ereção intumescia.

— Acha que eu poderia fingir isto? De jeito nenhum — ele argumentou, segurando a

mão dela sobre seu sexo, pressionando-a num movimento de fricção.

Deixou escapar um gemido e colocou os lábios no pescoço dela.

Jéssica estava atordoada com a intensidade do desejo dele e com sua própria excitação. Ofegava, mas a respiração de Cáster era ainda mais ofegante, e ele fora tomado por um leve tremor que corria pelos músculos de seus braços e pernas.

Não, nenhum homem poderia fingir aquilo, e essa constatação foi embriagadora, fazendo Jéssica sentir-se suave, feminina e ansiosa por conhecer mais intimamente a força que palpitava sob a palma de sua mão. Quase inconscientemente, começou a acariciá-lo. Fechou os olhos. Deixou a cabeça pender para trás, oferecendo o pescoço aos beijos dele. Ergueu o braço livre passando-o ao redor das costas musculosas. E quando tomou consciência da úmida efervescência entre as coxas, arqueou o corpo, num mudo oferecimento.

Cáster deixou escapar um som rouco, gutural. Afastando a mão dela, que ainda acariciava seu sexo, tomou-a nos braços, esmagando-a contra o peito.

— Não se mexa — pediu com voz quase inaudível. ”” Me dê um minuto. Só um.

Jéssica tremia, sabendo que cairia, se Cáster a soltasse, deslizaria para a grama e imploraria para que ele a tomasse, desesperada por acalmar o latejar quase doloroso em seu íntimo-

Essa descoberta foi o maior choque de todos. O sonho erótico que tivera podia ser atribuído a uma infinidade de razões. Mas agora estava realmente nos braços de Cáster, sentindo prazer com o contato de sua rígida masculinidade, ansiando por tê-lo dentro de si, e isso a impedia de continuar mentindo a si mesma por mais tempo.

A questão, naturalmente, era saber o que fazer com o intenso desejo que sentia por ele. Aquele momento passaria. Assim que Cáster recuperasse o controle sobre sua libido, talvez pegasse a mão dela e a guiasse através do bosque. Era provável que conversasse, que lhe perguntasse o que temia, tentando obrigá-la a admitir seu próprio desejo e aceitar que ele a desejava de verdade, mas não a forçaria a fazer algo que não queria.

Não que ela não quisesse fazer sexo com Cáster. O fato é que não estava preparada para isso. Nunca fora impulsiva. Uma coisa era apressar-se em completar as tarefas domésticas para ir passear com um homem, mas outra, muito diferente, era entregar-se a ele precipitadamente, de corpo e alma. Ela fizera aquilo uma vez e se machucara e, embora não houvesse feito voto de castidade, a lembrança do que sofrera deixara-a prudente no que dizia respeito a sexo.

Se um dia fizesse amor com Cáster, queria saber exatamente o que estava fazendo e por quê. Precisava também decidir se valia a pena correr o risco, ou não.

CAPÍTULO VII

Cáster não foi embora imediatamente, nem permitiu que Jéssica fosse para casa. Insistiu para que ela lhe fizesse companhia, enquanto ele tirava fotos do lago dos patos e arredores. Depois, voltaram juntos para a mansão.

Jéssica rezeira que ele quisesse falar sobre o que acontecera, mas, ou Cáster estava tão

surpreso quanto ela com a força do que os envolvera, ou pressentira que aquele não era o momento certo, porque não fez nenhum comentário

Em vez disso, mandou-a entrar e terminar seus afazeres enquanto tirava as últimas fotos lá fora. Depois, levou-a ao supermercado, andou com ela pelos corredores entre as prateleiras, de vez em quando pondo no carrinho algo inusitado. De volta a Crosslyn Rise, preparou sua especialidade, salada de atum com nozes picadas e temperada com pimenta vermelha

Depois do almoço, foi embora.

Telefonou na segunda-feira à noite, para dizer que as fotos que tirara haviam ficado boas, e que ia começar a fazer alguns esboços.

Então, telefonou na quinta-feira à noite, para dizer que estava satisfeito com o rendimento de seu trabalho e Perguntou se ela estaria livre no domingo para dar uma olhada nos primeiros desenhos.

Ela estaria livre, sem dúvida. O trabalho todo terminara, todas as notas, tanto de exames como das monografias haviam sido registradas, e isso lhe dava uma

deliciosa sensação de liberdade, mas, também, mais tempo para pensar em Cárter, para ficar remoendo conjecturas. Ela queria muito ver os primeiros desenhos, mas não confiava nele, nem em si mesma, para recebê-lo em Crosslyn Rise.

Desse modo, sugeriu que se encontrassem no escritório dele, uma solução que achou bastante satisfatória, por diversos motivos. Por exemplo, ela desejava vê-lo mais um pouco em seu local de trabalho, além de refletir que, mesmo que ele a beijasse, mesmo que ela retribuísse o beijo, nada além disso aconteceria em tal ambiente.

Os dias, desde o sábado anterior, haviam se arrastado. Fora uma longa semana, cheia de recordações do que acontecera, e Jéssica, sentindo de novo toda a excitação que experimentara, só conseguia imaginar como seria manter um envolvimento mais profundo com Cárter. Embora ainda achasse incrível, tinha de admitir que ele a desejava. A prova fora conclusiva. E esse era outro motivo pelo qual um encontro no escritório dele tornava-se a melhor opção. Ela se sentiria segura, poderia vê-lo com tranquilidade, conhecê-lo um pouco melhor, sem ter de ficar se preocupando com contatos físicos perigosos.

Outro motivo era Crosslyn Rise. Em parte, Jéssica acostumara-se à idéia de ver a propriedade transformada, e estava ansiosa por ver o que Cárter criara. Era necessário apressar o processo dos projetos, para que fossem logo entregues a Gordon de modo que tivesse condições de começar a reunir investidores. Mas, em parte, ela ainda gostaria de não ter de violar Crosslyn Rise, e era melhor começar a agir logo, antes que essa relutância lhe desse vontade de recuar.

Ela não sabia o que esperava ver, quando deu a primeira olhada nos desenhos de Cárter, mas com certeza não era aquilo que via a sua frente. Havia esboços a lápis em várias folhas de papel, mas ele tomara as partes melhores de todas aquelas idéias e as convertera em algo que bem poderia ser o embrião do projeto final.

— Foi você quem desenhou tudo isso? — ela perguntou, obviamente admirada.

— Foi.

Cárter costumava deixar aquela parte do trabalho a cargo dos administradores de projetos, mas daquela vez quisera fazer ele mesmo os desenhos iniciais. Tratava-se de Crosslyn Rise, e ele pouco estava se importando com a possibilidade de o sócio acusá-lo de estar desperdiçando recursos. O projeto geral para Crosslyn Rise seria seu, do começo ao fim, nem que

para isso tivesse de trabalhar todas as noites até tarde, como acontecera naquela semana. Mas valera a pena. Concentrar-se no trabalho era melhor do que ficar pensando no desejo que sentia por Jéssica.

— Mas isto é arte! — ela exclamou. — Nunca imaginei nada parecido.

— Isso se chama apresentação — ele explicou. — O intuito é impressionar bem o cliente, logo de saída.

— E funciona. Estou impressionada.

— Pela apresentação, talvez, mas gosta do que existe nela? A primeira vista, ela gostara. Diante da pergunta dele, fez um exame mais minucioso, movendo as folhas de papel para um lado, à medida que passava de uma para a outra.

— Desenhei a mansão em seções, mostrando-a do modo que a visualizo depois de pronta — Cárter esclareceu. — E um grupo de casas no lago dos patos. Como todos os grupos seguirão o mesmo conceito, uma variação do tema georgiano, quis testar um deles com você, antes de continuar.

Os olhos dela não se desviavam do papel.

— É incrível, Cárter!

— Foi isso que imaginou?

— Não. O estilo lembra o georgiano, mas é diferente, mais moderno. Interessante.

Ele não sabia se devia interpretar "interessante" como "bom" ou "mau", então perguntou, mas Jéssica ergueu a mão, pedindo tempo, e continuou a examinar o desenho em silêncio.

— Interessante — ela repetiu após vários minutos, mas em tom mais enfático. — Bonito — declarou sorrindo.

Cárter deliciou-se com o sorriso que oferecia algum consolo para o fato de ele querer abraçá-la, mas sem ousar

fazer isso. Não apenas sentia que ela não estava preparada para mais abraços, como temia não poder controlar-se, se a tocasse. O sorriso dela, tão raro, já estava provocando reações perigosas em seu íntimo.

— É apenas um esboço, mas eu queria lhe dar uma idéia geral. — Ele colocou o dedo sobre um ponto do desenho. — O ângulo do telhado, aqui, é que faz a diferença no estilo. Pode ser modificado, mas dessa maneira permite o uso de clarabóias. O atual mercado imobiliário adora clarabóias. — Deslizou o dedo pelo papel, mostrando outros pontos. — Foi deliberadamente que desenhei os pilares e balcões em escala menor, para que não competissem com os da casa principal, que deve continuar sendo a mais imponente. As outras refletirão o estilo da mansão, mas de modo sutil. Elas deverão ser mais valorizadas pela beleza do local.

Jéssica lançou-lhe um olhar enviesado. Ele estava inclinado sobre a prancheta de desenho, apoiado num braço, bastante perto para ser tocado, bastante perto para que ela sentisse o perfume de sua colônia, bastante perto para provocar desejo. Ignorando esses pensamentos, que causaram uma revolução no íntimo de seu corpo, ela comentou:

— Você está se deixando levar por essa beleza.

— Eu? — Os olhos dele brilharam de modo indulgente por um instante, então mostraram veemência. — Não. Pelo menos, nem tanto que isso prejudique minha capacidade de julgamento. E é essa capacidade que me diz que as pessoas comprarão casas em Crosslyn Rise não apenas pela beleza do lugar, mas também pelo valor material dos imóveis. — Voltou sua

atenção para o desenho, correndo o dedo pelo papel. — Coloquei cada casa num ângulo diferente, em parte pela estética, em parte porque isso oferece mais privacidade. Você e Gordon, ou se quiserem esperar, os Membros do consórcio, terão de decidir qual será o tamanho das casas. Por mim, nem pensaria em menos de três quartos. As pessoas gostam de espaço.

Jéssica ainda não pensara naquilo.

- Acho que a pessoa certa para nos aconselhar é

Nina Stone. Ela é corretora e sabe o que as pessoas desta região preferem.

— Será que eu a conheço? — perguntou Cárter, forçando a memória.

— Ela conhece você — Jéssica respondeu, imaginando se os dois se dariam bem, e não muito certa de que gostaria de vê-los juntos. — Ou melhor, conhece algo de seu trabalho e sua reputação de excelente arquiteto.

Depois que saíra de Nova York, Cárter trabalhara muito para construir aquela reputação.

— Isso é gratificante — observou.

— É — Jéssica concordou. — E Nina rotulou-o também de homem bonito.

— Falou de mim com ela?

— Disse que estamos trabalhando juntos.

Ele moveu a cabeça num gesto de entendimento e, para deleite egoísta de Jéssica, não mostrou nenhum interesse em saber mais a respeito de Nina. Tornou a deslizar o dedo pelo papel, dessa vez indicando o lago dos patos.

— Talvez tenhamos problemas por causa da água. O terreno, nessa área, é mais úmido do que nas outras. Vou precisar que um geólogo examine o local, antes de Gordon começar a reunir investidores.

— Problemas sérios?

— Não. Pode ser que precisemos mudar os grupos de casas um pouco mais para a esquerda, ou para a direita e, de toda forma, vão ter um bom recuo, para que os patos não sejam perturbados. A água da casa principal vem de seu próprio poço, e suponho que com as outras acontecerá o mesmo, mas procuraremos a opinião de um perito.

Até aquele momento, Jéssica enfrentara apenas dois problemas: aceitar a venda de Crosslyn Rise para um grupo de consorciados e lidar com Cárter Malloy. Agora, à menção de um possível problema com água, ela pensou em outro.

— E se não conseguirmos investidores suficientes? — conjecturou.

Ele lançou-lhe um olhar surpreso.

— Conseguiremos.

— Tem certeza? Você entende mais dessas coisas do que eu. Existe a possibilidade de o projeto não atrair investidores?

— Não é provável.

— Mas é possível?

— Tudo é possível. Pode ser que a economia entre em colapso amanhã, às dez horas, mas não é provável que isso aconteça, como também não é provável que Gordon não encontre quem invista. — Correu o olhar pelo rosto dela, examinando-o. — Está mesmo preocupada com isso?

— Não estava. Na verdade, nem pensei muito no assunto, mas, de repente, aqui estão

esses desenhos maravilhosos, e o projeto tornou-se tão real, que eu odiaria vê-lo dar em nada.

Jogando a cautela para o ar, Cáster passou um braço pelos ombros dela.

— Confie em mim. Não vai acontecer isso.

Mais do que as palavras, foi a confiança que transparecia na voz dele do que as palavras que a tranqüilizou. E o contato do corpo dele era extremamente confortador. Pela primeira vez, ela realmente sentiu que Cáster dividia com ela a responsabilidade de criar o futuro de Crosslyn Rise. Parecia incrível, porque uma ou duas semanas antes essa idéia lhe pareceria extremamente ridícula, enquanto que agora a acalmava. De fato, ela mudara muito.

— Tenho ingressos para o teatro, para quinta-feira — Cáster informou de maneira casual. — Quer ir comigo?

Apanhada de surpresa, Jéssica não soube o que responder.

— Tem outra coisa para fazer? — ele insistiu, deixando a respiração morna afagar os cabelos dela.

— Não.

— A peça é Gata em Teto de Zinco Quente. Inclinando a cabeça para o lado, ela o encarou.

— Conseguiu ingressos? — perguntou, assombrada, porque fazia semanas que tentava comprar um, sem sucesso.

No entanto, concordar em ir ao teatro com Cáster era o mesmo que marcar um encontro com ele.

— Você vai? — ele pressionou.

— Não sei — respondeu Jéssica, um tanto desamparada. Tudo nele a atraía, cada vez mais. Era bom estar em sua companhia. O problema, como sempre, residia nela.

— Se você não for, devolverei os ingressos. Não há mais ninguém que eu queira levar e também não quero ir sozinho.

— Isso é chantagem — ela protestou.

— Não, não é. Apenas estou lhe dando a chance de ver uma das peças de maior sucesso da década.

— Eu sei, eu sei — ela murmurou, já perdendo a resistência.

— O semestre acabou. Quer comemoração melhor?

— Vou passar a quinta-feira inteira na escola, fazendo o planejamento para o curso de verão.

— Mas a pressão maior já terminou. Você merece divertir-se um pouco, antes que recomence.

Ela não estava preocupada em saber se merecia, ou não, mas em descobrir o que significaria sair com Cáster. Significaria uma mudança em seu relacionamento, uma ampliação. Significaria estar com ele à noite, primeiro num teatro lotado, depois sozinha. Tudo podia acontecer. Ela não tinha certeza de poder resistir.

— Por favor, Jéssica. Eu quero ver a peça.

”Eu também”, ela pensou.

Seus olhos pousaram nos lábios de Cáster. Ela gostava de olhar para aquela boca.

— Eu teria de me encontrar com você no teatro.

— Por que não posso ir buscá-la? — ele perguntou, e os cantos da boca atraente curvaram-se para baixo num trejeito de amuo.

— Porque não sei onde estarei, exatamente.

— Pode telefonar para mim, no escritório, e dizer onde devo pegá-la. São dez minutos, daqui a Cambridge.

— Mais, dependendo do trânsito. E seria bobagem você ficar indo e vindo desse jeito.

— Eu quero ficar indo e vindo — ele afirmou.

Ia sair com Jéssica, e queria fazer as coisas do jeito certo. Além disso, não gostava da idéia de ela viajar sozinha. Jéssica, entretanto, estava acostumada a ir para qualquer

lugar sozinha. E, naquele caso, queria evitar o mais possível dar àquele encontro uma aparência de romantismo. Cártter e ela não eram namorados. Apenas iriam juntos ao teatro.

— Diga-me apenas onde devo encontrá-lo e a que horas - pediu.

— Por que está sendo tão teimosa? — ele censurou. Em seguida, suspirou, rendendo-se. — Desculpe. Seis e meia, no Sweetwater Café.

— Pensei que Gata em Teto de Zinco Quente estivesse sendo apresentada no Colonial.

— O Sweetwater Café fica perto de lá — ele explicou. — Podemos comer alguma coisa antes do espetáculo. — Notando a indecisão dela, continuou: — Você precisa comer, Jéssica. Seja boazinha. Já estou permitindo que vá ao meu encontro, algo que não me agrada. Concorde, pelo menos em jantar comigo.

Fitando os olhos escuros, ela descobriu, repentinamente, que não podia resistir. Não, quando ele mantinha um braço protetor à volta de seus ombros, não quando ele a olhava de modo tão penetrante, não quando ela queria ficar ali com ele para sempre. Cártter fazia com que ela se sentisse especial. Apreciada. Feminina. Naquele instante, ela duvidou de que fosse capaz de recusar qualquer coisa que ele lhe pedisse.

Então, concordou.

Claro que se arrependeu. Mas, depois de um dia de sofrimento por causa disso, perdeu a paciência consigo mesma. Já que concordara em sair com Cártter, sairia. E já que ia sair, trataria de tornar a situação a melhor possível. Também tinha seu orgulho, que lhe mandava fazer o que pudesse. Para que Cártter não se arrependesse de tê-la convidado. Pelo menos, ele ainda não se arrependera. Telefonava todas as noites, só para conversar um pouco.

Jéssica decidiu que um encontro à noite, que nada tinha a ver com o trabalho em que estavam empenhados, exigia que ela se apresentasse bem bonita. Assim, na quinta-feira, saiu da escola às duas horas para fazer compras. Foi primeiro

à butique onde comprara o suéter que usara na viagem ao Maine. Mas o estilo das roupas que vendiam lá era espalhafatoso demais para seu gosto. Ia desistir de encontrar algo que a agradasse, quando a proprietária mostrou-lhe um vestido que lhe pareceu perfeito. De seda verde-lima, de corte reto, sem mangas, ficava um pouco acima dos joelhos e tinha uma gola drapeada que lhe envolveu o pescoço com a mesma graça com que o fino tecido lhe escorria pelo corpo. Era feminino sem ser rebuscado. Jéssica gostou tanto que não se deu ao trabalho de olhar o preço marcado na etiqueta e, na hora de assinar o cheque, sentia-se tão entusiasmada que não se assustou com o preço altíssimo.

Em seguida foi à loja de calçados, onde comprou um par de sapatos pretos de salto alto e uma bolsinha de noite da mesma cor.

Por fim, dirigiu-se ao Mário's, o salão de beleza onde ia para cortar os cabelos a cada dois meses, um hábito que mantinha havia anos. Daquela vez, deu mais liberdade a Mário.

Depois de cortar as pontas, como normalmente fazia, ele acentuou o ondulado natural dos cabelos fartos, penteando-os com o auxílio de uma escova e um secador, o que deu a Jéssica uma aparência suave e elegante. Para completar, prendeu as mechas de um lado bem acima da orelha, usando uma presilha de pérolas. Ela gostou tanto que, ao sair do salão, entrou na joalheria ao lado e comprou brincos de pérola para combinar com a presilha. Então, voltou para seu escritório, na escola, onde deixara os produtos de maquilagem e as meias.

O dia fora quente e úmido, como costumava acontecer na primavera, e quando Jéssica saiu de Harvard em seu carro, tomando a direção de Boston, nuvens cinzentas começavam a amontoar-se no céu. Ela mal notou, pensando nos comentários sobre sua aparência que ouvira dos colegas por quem passara ao sair. Uns haviam dito que ela estava muito bonita, outros, que nem podiam acreditar que se tratava da mesma pessoa que sempre viam, tal a diferença.

Ela própria não acreditava ser a mesma Jéssica. Para começar, estava gostando muito de sua aparência, o

Que normalmente não acontecia. Também era incrível o fato de estar se dirigindo a Boston para um encontro com Cárter Malloy. Quase não acreditava que era ela quem estava naquele carro. O pensamento a fez sorrir, excitada.

A excitação apenas aumentou e, quando estacionou o veículo numa garagem subterrânea e saiu para a rua Common, percebeu que se encontrava na esquina mais distante do lugar para onde pretendia ir. No entanto, estava agitada demais para se importar com isso. Começou a andar rapidamente, nem um pouco incomodada pelos novos sapatos de salto alto.

De repente, sentiu pingos de chuva que, em lenta sucessão, caíam sobre ela. Pingos grandes e mornos. Olhou preocupada para o céu e alarmou-se ao ver uma pesada e enorme nuvem escura. Furiosa consigo mesma por não ter se lembrado de levar uma sombrinha, andou mais depressa, lamentando ter estacionado tão longe.

Para seu desespero, a chuva engrossou. Segurando a bolsinha acima da cabeça, olhou em volta, à procura de um lugar para abrigar-se. Havia árvores ao longo da calçada, mas eram altas demais, de modo que não ofereciam nenhuma proteção.

Ela parou um instante e olhou para trás, para a entrada da garagem subterrânea, que de repente pareceu muito distante, separada dela por uma cortina de pingos pesados. Se voltasse para lá, estaria se distanciando ainda mais do Sweetwater Café e, claro, ficaria encharcada da mesma forma.

Começou a correr, mas em questão de segundos a chuva despencou com toda a força. Pessoas passavam por ela, também correndo, mas ela não lhes prestava atenção, só conseguindo pensar que seu lindo vestido de seda ia ficar ensopado, que o penteado ia desmanchar-se, que os sapatos já deviam estar sujos, além de molhados.

Desesperada, refugiou-se sob uma árvore de tronco largo, achando que era melhor aquele abrigo do que nada. Mas, como para zombar dela, a chuva começou a tombar obliquamente. Olhando para um lado e outro, inutilmente à Procura de alguém que pudesse ajudá-la, sentiu-se nas garras de um horrível pesadelo.

Incapaz de conter-se, gritou, frustrada. Tornou a gritar, então, caindo em si e percebendo que aquilo não ia adiantar, recomeçou a correr, mas com alguma dificuldade, porque a água escorria pelas lentes dos óculos, os sapatos estavam encharcados, e o coração pesava como chumbo em seu peito.

O aguaceiro continuava, quando ela entrou na viela que levava ao Sweetwater Café. A calçada de tijolos abriu-se num pátio, então Jéssica parou de correr, prosseguindo a passos lentos. A chuva não podia fazer mais estragos do que já fizera. Ela não poderia mais ir ao teatro com Cárter. A noite estava arruinada. Só lhe restava ir falar com ele para contar o que acontecera, voltar para o carro e fazer a viagem de retorno para casa.

Um pouco antes de chegar à entrada do café, sentiu as pernas fraquejarem. Tropeçando, encostou-se na parede, cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar.

Foi assim que Cárter, vindo do lado oposto do pátio, encontrou-a. A princípio, não teve certeza de que era Jéssica. Não estava esperando ver um vestido naquele tom de verde, cabelos soltos, e muito menos aquele tanto de pernas à móstra. Mas ao se aproximar, viu que realmente era ela, e que estava chorando, desesperada.

— Jéssica! — chamou, sentindo o coração aos saltos — Você está bem?

Com um gemido, ela se encolheu ainda mais, sem tirar as mãos do rosto.

Ignorando a chuva que continuava a cair, Cárter estendeu um braço e apoiou a mão na parede, usando o corpo para protegê-la dos olhares curiosos.

— Jéssica... — Com a mão livre pôs para trás os cabelos que haviam caído sobre a testa dela. — O que aconteceu? Você está bem? Fale.

— Estou molhada! — Jéssica gritou, ainda tapando o rosto. Isso ele podia ver, mas a suspeita de que ela sofrera alguma violência gelava-o por dentro.

— Só isso? Não foi assaltada, ou... algo assim?

— Não! Só estou molhada. A chuva me pegou, e

Não havia nenhum lugar onde eu pudesse me abrigar. Eu queria estar bonita, e agora estou um horror, Cárter!

Ele ficou tão aliviado em saber que ela não fora vítima de nenhum ataque em um lugar qualquer, escuro e deserto, que abraçou-a com força.

— Você continua bonita como sempre — assegurou.

— Vou molhar você! — Jéssica protestou, descobrindo o rosto e lutando para livrar-se dos braços dele.

— Você está estonteante, diabolicamente sensual, com esse vestido marcando todas as curvas. Venha, você precisa secar-se.

Jéssica seguiu-o sem erguer os olhos uma única vez, grata pelo fato de os cabelos rebeldes caírem para a frente, cobrindo-lhe as faces como um véu. Não queria que Cárter a visse, não queria que ninguém a visse. Sentia-se um rato molhado, um lixo, pensando em como saíra de Cambridge, tão confiante, tão bonita.

Com um braço ao redor de seus ombros, Cárter guiou-a para dentro de um táxi. Continuou abraçado a ela, murmurando palavras de ânimo, enquanto o carro vencia a pequena distância até o prédio onde ele morava. Mas Jéssica mal as ouvia, mantendo a cabeça baixa, desejando poder enfiar-se embaixo do banco.

Cárter morava na avenida Commonwealth, no terceiro andar de um edifício antigo. Por ironia, a chuva cessara, quando eles saíram do táxi. Ele teve o tato de não comentar isso com Jéssica e, antes que ela descobrisse por si mesma, levou-a depressa através do vestíbulo até os elevadores.

— Chegamos — disse pouco depois, destrancando a porta do apartamento.

Levou-a direto para o banheiro e começou a enxugar-lhe os braços com uma imensa

toalha cinzenta que tirou de uma prateleira. Depois, embrulhou-a na toalha, tirou-lhe os óculos e enxugou-os, usando lenços de papel.

— Sente-se melhor? — perguntou. Jéssica recusou-se a fitá-lo.

— Estou um desastre.

— Só está molhada — ele observou, pondo os óculos no

balcão da pia. — Quando vi você encostada na parede, chorando daquele jeito, pensei que houvesse sido atacada.

— Fiz de tudo para ficar bonita para o nosso encontro — ela contou num fio de voz. — Não me lembro da última vez em que me entusiasmei tanto com uma coisa. Eu estava bonita, contente porque ia ao teatro com você, então a chuva começou. Eu não sabia se voltava para o estacionamento ou se ia em frente, então a chuva engrossou, e aí tanto fazia voltar ou continuar, porque fiquei ensopada. — Ergueu os olhos cheios de lágrimas para os de Cáster. — Não era para ser. Sou um desastre no que diz respeito a coisas boas, como jantar com alguém, ir ao teatro...

— Não tem nada a ver — Cáster interrompeu-a, enxugando-lhe o rosto com uma toalha menor. — Choveu, simplesmente. Eu também teria me molhado, se estivesse a pé, mas como já estava em cima da hora, peguei um táxi.

— Começou a secar os cabelos dela, gentilmente.

— Esses aguaceiros de primavera são assim mesmo, desabam repentinamente e com força total.

— Veja em que estado lamentável estão meus sapatos, o vestido, os cabelos...

— Seus cabelos são maravilhosos — Cáster declarou com sinceridade. Mover a toalha por entre as mechas era como tentar domar algo vivo. Ondulada e farta, era uma cabeleira selvagem, exótica. — Devia usá-los assim, soltos, mais vezes. Não, não devia. São lindos demais. Deixe que todo mundo os veja presos e solte-os apenas para mim.

— Estavam tão bonitos, presos de um lado por uma«presilha. Cáster encontrou a presilha enterrada na massa de cabelos castanho-claros.

— Achei. Coloque-a no lugar novamente.

— Não vou conseguir. Foi Mário que me penteou.

— Mário?

— Meu cabeleireiro.

Satisfeito, Cáster refletiu que ela fora arrumar os cabelos, querendo estar bonita para ele. Isso, mais do que tudo o que ela dissera, tocou-o profundamente.

— Ah, Jéssica... — murmurou, tomando-a nos braços, com toalha e tudo. Lamento você ter apanhado chuva. Devia estar linda.

— Linda, não. Bonita.— Linda.

— Mas agora estou um horror. Não posso ir a lugar algum desse jeito. Telefone para alguém, Cáster. Convide outra pessoa para ir com você.

Ele afastou-a ligeiramente para fitá-la no rosto.

— Está brincando?

— Não. Vá telefonar.

Cáster ia argumentar, mas conteve-se.

— Tem razão — disse, saindo do banheiro. — Fique aí quietinha.

Sentando-se na borda da banheira, Jéssica aconchegou-se na toalha. Mas aquilo não substituíra um abraço de Cáster. Não havia o calor nem a força que poderiam aliviar a profunda dor do desapontamento.

Ela sabia que não devia aborrecer-se tanto. O que era um encontro? Ou um vestido? Um penteado? Mas quisera tanto que tudo desse certo! Só agora percebia quanto desejara isso. E estava tudo numa situação lamentável. O vestido, os cabelos, o encontro com Cáster.

— Tudo arranjado — ele anunciou, entrando novamente no banheiro.

Tirara o paletó e a gravata e enrolava as mangas da camisa.

— O que está fazendo? — ela perguntou.

— Me preparando para enxugar você.

— Mas pensei que tivesse ido telefonar...

— Telefonei. Ao agente que me vendeu os ingressos. Vai Devolvê-los à bilheteria e diz que serão vendidos em um minuto. Compraremos outros para a semana que vem. Sexta-feira está bem para você?

— Pensei...

- Pensou que ia convidar alguém para ir comigo ao teatro - ele completou, abaixando-se na frente dela —, apesar de eu dizer que não queria ir com outra pessoa. — Inclinando-se

para a frente, beijou-a levemente na boca. — Por que não ouve o que eu digo, Jéssica?

— Mas estraguei sua noite!

— Nossa noite — ele corrigiu. — E não a estragou. Apenas deixou-a diferente.

— O que podemos fazer agora? — ela choramingou. — Estou horrorosa!

Cáster sorriu de maneira perigosamente atraente.

— Se ficar mais um pouquinho horrorosa, faço amor com você aqui mesmo, no chão do banheiro. Você realmente não sabe como é sensual, não é?

— Não sou.

— É, sim. — ele afirmou. O sorriso desapareceu, e os olhos escuros percorreram o rosto dela. — Você é, e eu a quero.

— Cáster...

— Mas não vamos fazer nada disso — ele declarou, erguendo-se. — Sairemos para jantar, depois que você estiver seca.

— Não posso. Meu vestido....

— Então, pediremos que nos tragam o jantar e esperaremos que seu vestido seque. Mas, primeiro, você precisa tirá-lo.

Ela sentiu que corava.

— Como? Não tenho outra coisa para vestir.

Ele ergueu um dedo, num gesto que a mandava esperar, e saiu de novo, voltando logo em seguida com uma de suas camisas na mão. Pendurou a camisa num gancho, então fez Jéssica levantar-se e virou-a, erguendo a toalha que a envolvia para abrir o vestido, fechado atrás.

— Posso fazer isso sozinha — ela comentou, acanhada.

— Eu sei, mas permita-me o prazer.

Pondo os cabelos dela para um lado, ele soltou os colchetes. As longas mechas caídas nas costas haviam impedido que a chuva molhasse aquela parte do vestido, de modo que o verde-lima era mais vívido ali. Cáster desejou tê-la visto antes do aguaceiro. Sabia como Jéssica era sensível, no que dizia respeito a sua aparência, e era óbvio que naquela noite ficara satisfeita

consigo mesma, achando-se bonita. Ele daria qualquer coisa para compartilhar aquela agradável sensação com ela.

Não que achasse que agora ela não estava bonita. Fora sincero ao dizer-lhe que a achava sensual. Sentia-se excitado e, ficar tão perto dela, correndo o zíper para baixo, indo devagar nos pontos onde o tecido estava mais molhado, só aumentava seu desejo. E era delicioso ver a pele cor de marfim ir se revelando aos poucos. Refletiu que devia deixar Jéssica sozinha no banheiro, mas o calor de seu corpo deixava suas pernas letárgicas. Não poderia vencer a tentação de tocar aquela pele lisa e macia, pelo menos uma vez.

Os dedos dele eram mornos e hesitantes, correndo pela espinha de Jéssica no trecho entre o final do zíper e o sutiã. Ele a ouviu arquejar, mas o som era tão feminino, que ele se sentiu incapaz de interromper a carícia. Espalmando a mão, deslizou-a por toda a extensão visível de pele, deixando-a, por fim, entrar por baixo de uma das partes do vestido.

— Cárter... — ela murmurou.

Ele respondeu, curvando-se e colando os lábios nas costas dela. De olhos fechados, deleitou-se com o cheiro suave e o contato embriagador da pele aveludada. Beijou-a em vários pontos, lentamente.

Cada beijo fazia com que um fluxo de energia sexual percorresse o corpo de Jéssica, que segurava a toalha contra o peito, movida pela necessidade de agarrar-se a alguma coisa. O embaraço que ela sentira, quando ele começara a abrir-lhe o vestido, dera lugar ao prazer provocado por aquelas carícias, que a estavam deixando embriagada.

Jéssica sentiu que os joelhos começavam a enfraquecer, e Cárter devia estar na mesma situação, porque sentou-se sobre o cesto de roupas sujas. Então, puxando-a para o "meio das pernas, ele introduziu as duas mãos pela abertura do vestido. Acariciou a cintura fina, a boca desenhando uma trilha na direção dos ombros, as mãos acompanhando-a, afastando o tecido cada vez mais.

— Acho que não devemos... — ela conseguiu dizer num murmúrio.

— Por que não? Não está gostoso?

Houvera um tempo em que ela, por orgulho e também para defender-se, teria dito que não. Mas esse tempo se fora.

— Está...

— Então, deixe-me continuar. Só mais um pouco. Um pequeno suspiro escapou dos lábios dela, quando ele inclinou-lhe o pescoço para o lado, abrindo espaço para seus lábios. Jéssica entregou-se ao prazer de sentir o toque da boca morna logo abaixo de sua orelha. Ladeada pelas coxas dele, ela se sentia segura, e os beijos leves que causavam aquela sensação tão deliciosa, afastava a lembrança do momentos horríveis que ela passara sob a chuva. O calor das mãos, da boca e da respiração de Cárter dava-lhe a sensação de ser amada. De olhos fechados, ela se sentia flutuar, cada vez mais alto.

Com uma delicada pressão, Cárter virou-a para si. Ela abriu os olhos lentamente para fixá-los nos dele. Não precisava dos óculos para ver o desejo que ardia nas profundezas escuras.

Pegando-a pela nuca, ele puxou-lhe a cabeça para a frente, os lábios à espera dos dela, quentes e famintos. Jéssica rendeu-se ao beijo com uma sofreguidão que antes a teria chocado, mas que naquele momento parecia a coisa mais natural do mundo, porque algo acontecera em seu íntimo. Ela nunca saberia dizer se era efeito das palavras de elogio e encorajamento que ele

lhe dissera, ou do modo gentil e amoroso com que ele a estava tocando e beijando, mas o fato era que estava cansada de lutar. Estava cansada de duvidar, de tentar descobrir os motivos de Cárter, analisando cada palavra que ele dizia. Se estava sendo ingênua, isso não tinha importância. Queria experimentar sensações, deliciar-se com elas, e, se tivesse de pagar tudo aquilo com humilhações, mais tarde pagaria, valia a pena arriscar-se. Naquele momento, ela queria sentir prazer.

Assim, beijou-o como ele a beijava. Havia momentos em que os lábios mal se tocavam, na mais tênue das carícias, e outros em que as bocas se procuravam com avidez, as línguas tocando-se, o ar de suas respirações misturando-se. Jéssica sentiu-se mais enfraquecida, e quando seus joelhos ameaçaram dobrar, ela abraçou-o pelo pescoço, mergulhando os dedos nos cabelos grossos e fartos. Estavam muito próximos, mas ela o queria ainda mais perto. Enquanto a

Velha Jéssica impedia-a de dizer isso com palavras, a nova tentava fazê-lo compreender, arqueando o corpo convidativamente.

Cárter compreendeu. Tomou-lhe o rosto entre as mãos, emoldurando-o. Depois de um último beijo voraz, afastou-se ligeiramente para observá-la. Por alguns instantes não disse nada, apenas mergulhando no prazer que sentiu ao ver o intenso desejo que brilhava nos olhos dela. Se existira uma Jéssica diferente, ele não se lembrava. A única realidade era a mulher adorável e sensual que ele prendia entre as pernas. E a necessidade que sentia de possuí-la era maior do que qualquer outra que ele já experimentara. Todo seu corpo latejava de desejo.

Baixando as mãos, acariciou os seios redondos, aninhando-os nas palmas, excitando os mamilos já enrijecidos. Jéssica soltou um gemido e fechou os olhos por um instante. Quando tornou a abri-los, Cárter sorria.

— Você é tão linda... — ele murmurou, tornando a beijá-la. Foi um beijo mais lento, mais gentil, e quando seus lábios se separaram, Jéssica arfava.

— Eu não sabia que beijos podiam fazer isso — ela comentou baixinho, encostando a testa na dele.

— E ainda nem ousamos ir mais além. Tem pensado nisso, Jéssica? Pelo menos, eu tenho. Quero fazer amor com você, quero muito. Você quer?

Ela ficou em silêncio por um longo momento.

— Quero — sussurrou por fim. — Mas tenho medo.

— Não ficou com medo, quando a beijei, nem mesmo quando toquei seus seios.

— Eu estava flutuando.

— Eu a farei flutuar mais para cima ainda, se você deixar.

— Não sou boa amante.

— Pois, então, me enganou muito bem. Nunca ninguém me beijou desse jeito.

— Não?

— Você é uma bomba, feita de inocência e desejo. Tem idéia de como essa combinação enlouquece um homem?

Não, ela não tinha. Tudo o que sabia era que ele a enlouquecia.

A pulsação exigente no íntimo de seu corpo era prova disso.

— Você me dirá, se eu fizer alguma coisa errada?

— Não vai fazer.

— Você me dirá? Não suportaria, se, depois de tudo, eu achasse que foi uma maravilha, e você me dissesse que não foi tão bom assim.

Não havia acusação nem sarcasmo na voz dela, e isso atingiu Cárter de modo profundo. Ele censurou-se asperamente pelo que fizera a Jéssica no passado.

— Eu não faria isso — assegurou. — Sei que ainda não confia em mim, mas juro que não faria isso com você.

— Mas quero que me diga. Se não estiver bom para você, podemos parar.

Ele colocou um dedo sobre os lábios dela.

— Eu direi, prometo. Mas exijo a mesma coisa. Você me dirá, se eu fizer algo que a desagradar. Promete, Jéssica?

— Prometo — ela murmurou.

— Então, venha me dar um beijo. Mais um, antes de pendurarmos o vestido para secar.

CAPÍTULO VIII

Jéssica beijou-o com todo o amor que vinha crescendo em seu coração desde muitos dias atrás. Amor. Ela ainda se recusava a usar essa palavra para definir o que sentia, mas isso não importava. Em nome do desejo, ofereceu-lhe a boca com abandono. E rendeu-se à luxúria, quando o beijo dele levou-a a lugares onde ela nunca estivera antes. Jamais experimentara tanto prazer nos braços de um homem. Sonhara com aquilo, mas viver a fantasia era algo que superava a imaginação.

Sua embriaguez era tanta, quando o beijo terminou, que ela não esboçou nenhum gesto de protesto ao sentir que Cárter baixava-lhe o vestido. Deixando o tecido amontoado à volta da cintura dela, Cárter colou os lábios sobre a macia elevação acima de uma das taças do sutiã. Não demorou para que ele abrisse o fecho e libertasse os seios, que beijou, um após o outro, sem pressa, languidamente.

Jéssica tentava engolir os gemidos de satisfação que emergiam de sua garganta.

— Está bom? — Cárter perguntou, falando contra a pele quente de um seio.

— Muito bom — ela murmurou.

— Não estou sendo bruto?

— Oh, não, não está.

— Quer que eu seja um pouco mais ousado?

— Um pouquinho.

Cárter abocanhou um mamilo e sugou-o. Daquela vez,

ela não poderia reprimir os gemidos de prazer, mesmo que tentasse. Murmurando o nome dele com voz entrecortada, afundou o rosto nos cabelos escuros. Um homem bonito fazia com que ela se sentisse bonita. Jéssica estava no topo do mundo.

Então, devagar, entre longos e profundos beijos, Cárter puxou-lhe o vestido para baixo, fazendo-o passar pelos quadris e pelas pernas e amontoar-se no chão. Continuando a beijá-la, ergueu-a nos braços e levou-a para o quarto. Colocou-a na cama, deitando-se ao seu lado, as mãos deslizando pelo corpo esbelto, aprendendo o formato do ventre, dos quadris e das coxas. Queria tocá-la inteira, de uma só vez, mal podendo acreditar que ela estava realmente lá. E a cada

toque de suas mãos, Jéssica reagia, suspirando, gemendo ou arqueando o corpo contra o dele. Respirando pesadamente, ele por fim saiu da cama e começou a desabotoar a camisa.

Jéssica sentiu falta do calor de suas carícias, no mesmo instante. Abrindo os olhos, viu-o jogar a camisa para um lado e soltar o cinto. Queria que ele voltasse, pois sentia-se em brasa, incapaz de parar de olhá-lo. Com os cabelos revoltos e caindo sobre a testa, o peito largo nu, livrando-se das peças de roupa, uma por uma, ele era o ser mais másculo que Jéssica vira em toda sua vida.

E lhe dava medo. Para começar, ela era inexperiente e, para acabar, sempre se achara uma criatura assexuada, de modo que tinha dúvidas sobre se poderia satisfazer alguém como Cárter. Encostando-se na cabeceira, dobrou as pernas e cruzou os braços sobre os seios.

— Ah, não! — Cárter exclamou, atirando-se na cama. — Não vai se arrepender agora! — Sua expressão severa deu lugar a um sorriso amoroso, enquanto ele a pegava pelos pulsos e segurava-os contra o travesseiro. — Por favor, não desista agora, meu bem, quando chegamos tão perto, quando estou tão cheio de desejo por você.

— Eu...

— Não. — Ele capturou-lhe a boca, beijando-a avidamente. Então, o beijo tornou-se mais gentil, preguiçoso, incrivelmente

sedutor. Com um gemido sufocado, afastou-a da cabeceira, puxando-a contra o corpo. Jéssica deu um gritinho ao sentir os seios esmagarem-se, pela primeira vez, no peito sólido. Cárter, porém, segurou-a com firmeza, acariciando-a, beijando-a, até que ela começou a se contorcer, roçando o corpo todo no dele, languidamente.

— É tão gostoso... — ele gemeu.

Jéssica também achava. Os pêlos no peito másculo tinham efeito abrasivo na pele sensível dos seios, mas o contato era estimulante. Cárter tinha o abdome chato, e sua ereção era enorme, um pouco assustadora, mas muito excitante. Abraçando-o pelo pescoço, ela se deixou levar pela espiral de desejo que crescia em seu íntimo.

— Você foi feita para mim — ele murmurou, ofegante. — Juro que foi, Jéssica. Você se encaixa direitinho em mim.

As palavras eram quase tão prazerosas quanto as sensações despertadas pelo contato dos corpos unidos. Mas Jéssica precisava ter certeza de que de fato o agradava.

— Não sou magra demais?

Ele correu uma das mãos grandes pelos quadris e nádegas dela.

— Não. Tem curvas deliciosas, nos lugares certos.

— Você não pensava assim, antigamente.

— Eu era um tolo. Além disso, naquele tempo eu nunca a vi assim.

Deslizou as mãos por dentro da cintura da meia-calça que ela usava e puxou-as para baixo lentamente, até a altura dos joelhos. Observou o corpo de Jéssica, acariciando um seio, então fitou-a nos olhos.

— Vou tirar o resto. Quero ver você inteirinha.

Ela não conseguia falar, dominada pelas batidas aceleradas do coração, mas moveu a cabeça, concordando. Embora fosse algo que nunca julgara possível, queria que Cárter a visse totalmente nua. Queria que ele a tocasse, que fizesse amor com ela. Vivia uma fantasia, na qual era linda e desejável. O íntimo de seu corpo era um vácuo escuro e latejante que clamava por ser preenchido. E apenas Cárter poderia fazê-lo.

Ela ergueu os quadris para ajudá-lo a puxar a calcinha para baixo. Quando ele acabou de tirar a minúscula peça, juntamente com a meia-calça, seu olhar percorreu as longas pernas, as coxas, parando no triângulo escuro entre elas.

— Você é linda... — Cáter murmurou, olhando-a profundamente nos olhos. — Linda...

Jéssica acreditou, porque aquilo também fazia parte da fantasia. Estava tremendo. Os seios nus subiam e desciam a cada movimento da respiração ofegante, e o nó de desejo em sua feminilidade apertou-se, causando uma dor quase insuportável. Ela queria pedir a Cáter que a livrasse daquela dor, tocando-a, possuindo-a, mas não conseguia pronunciar uma palavra.

Ele, porém, não precisava ouvir coisa alguma. Nunca vira tanto desejo nos olhos de uma mulher, acabara de descobrir como um olhar daqueles era potente, pois estava trêmulo, sentindo-se embriagado de excitação. Seu corpo implorava por alívio, e ele não sabia quanto tempo mais poderia conter-se. Mas queria que tudo fosse bom, muito bom para Jéssica.

— Tão linda... — repetiu num murmúrio rouco.

Desviando os olhos dos dela, tornou a admirar o corpo esbelto e com um toque leve acariciou os pêlos na base do ventre liso. Ouvindo-a gemer, ergueu os olhos e viu-a fechar os olhos e começar a virar a cabeça de um lado para o outro, pressionando uma das mãos fechadas sobre a boca. Tornou a tocá-la, dessa vez mais ousadamente, ela gemeu outra vez e, movendo-se sedutoramente, arqueou-se na cama.

Foi a vez dele gemer, atônito com a explícita sensualidade que testemunhava, mal podendo acreditar que uma mulher com tal potencial para o sexo pudesse ter vivido de maneira tão casta. Mas ela vivera. Cáter não tinha dúvidas sobre isso. E, se tivesse alguma, ela se desfaria naquele momento, pois, quando Jéssica abriu os olhos, parecia tão atônita quanto ele.

Continuou a acariciá-la em seu ponto mais íntimo, aprofundando o toque gentilmente.

Erguendo as mãos, Jéssica agarrou-se ao travesseiro.

— Preciso de você — sussurrou, frenética. — Por favor.-

Ainda mais excitado pelo olhar carregado de sensualidade e pelas palavras suplicantes, Cáter descobriu que não agüentaria muito mais tempo. O sangue corria quente e rapidamente por suas veias, sua masculinidade pulsava loucamente, tão rija que chegava a doer.

Tirou a cueca depressa.

— Jéssica? — chamou baixinho, introduzindo os dedos entre os dela, forçando-a a soltar o travesseiro.

As mãos dela apertaram as de Cáter ferozmente.

— Por favor, Cáter...

Manter o bom senso estava ficando mais difícil a cada segundo, e ele lutou para conservar o pouco que lhe restava.

— Você está protegida, querida? Está usando alguma coisa? Ela deu um grito de frustração e ergueu a cabeça, encostando a boca entreaberta no queixo dele.

— Me ajude, Jéssica. Diga se preciso usar um preservativo.

— Não! — ela gritou em tom lamentoso. — Eu quero um filho.

Praguejando baixinho, sabendo que não podia confiar em si mesmo, porque a idéia de ter um filho com Jéssica provocara-lhe um delicioso arrepio de prazer, ele saiu da cama e caminhou até a cómoda, no outro lado do quarto.

— Cáster! — ela choramingou.

— Já vou, meu bem. Espere um segundo.

— Preciso de você.

— Eu sei.

Instantes depois, ele estava de volta. Sentou-se na borda da cama e colocou o preservativo que fora buscar. Então, deitou-se sobre Jéssica, as mãos cobrindo as dela, beijando-a vorazmente na boca, enquanto ajeitava-se entre as coxas macias. Penetrou-a.

Gemeu o nome dela num som estrangulado, fechando os olhos com força para impedir-se de chegar ao clímax imediatamente, mas ela não o estava ajudando, envolvendo as Pernas dele com as suas num movimento instintivo para aprofundar a penetração.

abriu os olhos para vê-la. As faces estavam enrubescidas,

os lábios úmidos e entreabertos, os olhos semicerrados e lânguidos. Os cabelos revoltos espalhavam-se em ondas castanhas no travesseiro.

Numa tentativa de diminuir o ritmo, ele pressionou os quadris dela contra a cama, usando o peso dos seus, e ficou imóvel dentro dela.

— Está doendo? — murmurou.

— Oh, não — ela respondeu baixinho. — Está bom para você?

— Nunca foi tão bom — Cáster assegurou, a voz enrouquecida. Você é tão apertada, tão macia, tão feminina. Tem um corpo incrível. Tem certeza de que não está doendo?

— Tenho — ela gemeu, porque, mesmo sem nenhum movimento, a pressão em seu ventre estava aumentando. — Por favor...

— Por favor, o quê?

— Faça alguma coisa... Eu quero... preciso...

Ele saiu de dentro dela quase que completamente, então investiu de novo.

— Cáster! — Jéssica gritou, erguendo os quadris.

Capturando os lábios dela num beijo selvagem, ele começou a movimentar-se mais depressa. Recuava e investia, preenchendo-a cada vez mais, parecendo desafiar as leis do espaço. O suor, numa camada fina, cobria a pele dele, misturando-se ao dela, nos pontos onde os corpos tocavam-se.

Ele nunca conhecera prazer tão grande, nunca imaginara que um ato tão físico pudesse tocar seu coração tão profundamente. Mas estava acontecendo, e a nova experiência era um afrodisíaco contra o qual não adiantava lutar.

Muito antes de ele querer que o prazer terminasse, seu corpo traiu-o, irrompendo num longo e poderoso clímax. Foi só quando as ondas de êxtase começaram a refluir, que ele percebeu os espasmos que agitavam o interior do corpo de Jéssica.

Forçando-se a abrir os olhos, observou o rosto dela, enquanto o final do orgasmo a sacudia. Com a cabeça pousada no travesseiro, os olhos fechados e a boca entreaberta, ela era a mulher mais erótica que ele já vira na vida.

A respiração de Jéssica mal começava a acalmar-se quando os braços de Cáster cederam, e ele desabou sobre ela, enterrando o rosto nos cabelos castanhos espalhados no travesseiro. Vários minutos transcorreram, antes que ele rolasse para o lado, abraçando-a com força. Olhou-a até vê-la abrir os olhos e fitá-lo.

— Oi — disse sorrindo.

— Oi — ela respondeu, timidamente e meio sem fôlego.

— Tudo bem?

Jéssica moveu a cabeça num gesto afirmativo. Os olhos cinzentos, muito abertos, tinham uma expressão expectante, trepidante.

— Parece duvidosa — ele comentou.

— Um pouco.

— Não precisa ter nenhuma dúvida. Tem idéia de como foi bom? — Ao notar que ela hesitava, Cártter declarou: — Foi espetacular.

— Foi?

— Claro. Não acredita em mim?

Jéssica ficou em silêncio por alguns instantes.

— Quero acreditar — respondeu por fim, num fio de voz.

— Mas?

Daquela vez ela não respondeu. Fechou os olhos e encostou o rosto no peito dele.

Cártter teria insistido, se não fosse tão bom estar ali deitado com ela, em silêncio. O corpo esbelto, aconchegado ao dele, era quente e macio. Com gentileza, ele a puxou para mais perto.

— Tom costumava me dizer coisas, quando acabávamos - ela disse de repente, a voz sem nenhuma emoção. - dizia que eu não era boa na cama.

Ele não gozava? — Cártter perguntou, entre furioso encredulo.

Sempre, mas para Tom isso não importava. Ele dizia que eu não era melhor do que um saco de batatas. E acho que não era mesmo. Só ficava deitada, deixando que ele me Possuísse. Não tinha vontade de tocá-lo.

Cártter lembrou-se do modo como as mãos dela tinham

apertado as dele, como seu corpo arqueara-se contra o seu, como as longas pernas haviam envolvido as suas, em busca de um contato mais profundo.

— Por culpa de Tom — declarou asperamente. — Ele não sabia despertar seu desejo.

— Eu sempre me senti desajeitada.

— Pois não devia. Você é maravilhosa. — Aninhando o rosto dela entre as mãos, Cártter beijou-a suavemente. — Não tenho nenhuma queixa do que fizemos, exceto que terminou rápido demais. Mas a culpa foi minha. Não consegui me conter. Desejei você durante muitos dias, imaginando coisas incríveis, e descobri que tudo o que imaginei foi muito menos incrível do que a realidade. — Tornou a beijá-la, de modo mais profundo. — Jéssica... — murmurou em tom trêmulo, apertando-a nos braços convulsivamente, sentindo o desejo voltar.

Com um gemido, soltou-a.

Jéssica ergueu o corpo, apoiando-se num cotovelo e olhando-o atentamente.

— O que foi? — perguntou baixinho. Cártter cobriu os olhos com um braço.

— Estou desejando você outra vez.

Ela olhou aquele braço dobrado, os pêlos na axila, o peito largo, a cintura estreita. Quando seus olhos desceram para a raiz de toda aquela virilidade, estava tão excitada, que não se admirou ao ver a poderosa ereção.

Sem parar para pensar, pousou a mão no peito dele. Cártter sobressaltou-se, e ela começou a retirar a mão, mas ele segurou-a, rindo.

— Parece que sou atingido por um raio, quando você me toca. Não estava preparado,

só isso. — Espalmou a mão dela no peito. — Pode me tocar. Eu gosto.

Muito lentamente, ela deslizou os dedos pela expansão de carne e músculos rijos, afundando-os nos pêlos escuros. Sentiu aquela musculatura contrair-se, o coração dele acelerar, o seu próprio disparar.

— Nunca imaginei... — Calou-se, acariciando um mamilo chato, já duro como pedra.

— Nunca imaginou, o quê? — ele perguntou roucamente.

— Que eu... que nós... você sabe.

— Que faríamos amor?

— É. — Ela fez a mão escorregar para baixo e com o polegar desenhava lentamente o contorno do umbigo dele.

Cárter pôs a mão sobre a dela, imobilizando-a. Jéssica olhou-o, surpresa.

— Você me tocou uma vez. Lembra-se? No lago dos patos.

— Lembro.

— Eu estava de jeans, e o que mais queria era abrir o zíper e pôr sua mão lá dentro.

Quer me tocar agora, Jéssica?

Ela desviou os olhos para a ereção pulsante, então voltou a fitar Cárter no rosto.

— Por favor, me toque — ele pediu num murmúrio. Foi a súplica estampada nos olhos dele que deu coragem a Jéssica, mais do que as palavras.

A mão dela desceu vagarosamente, vencendo a curta distância até a parte do corpo dele que se erguia, firme e orgulhosa. Tocou-a, hesitante, surpreendendo-se ao notar que a pele tinha a maciez da seda. Então, fechou os dedos ao redor daquela rigidez.

Prendendo o fôlego subitamente, Cárter empurrou o membro mais para dentro da mão dela. Queria observá-la, ver-lhe a expressão do rosto, mas a doce agonia provocada por seu toque era grande demais. Ela parecia saber exatamente o que fazer e em que ritmo. Fechando os olhos, ele saboreou aquela delícia o mais que pôde, antes de estender a mão e puxar Jéssica novamente para junto de si. Tomou-lhe a boca num beijo selvagem, enquanto as mãos começaram a deslizar, explorando o corpo dela, centímetro por centímetro. Interrompendo o beijo, percorreu com os lábios o mesmo caminho feito por seus dedos excitados. Não demorou para que Jéssica ficasse fora de si de desejo.

De modo incrível, o prazer que os dois experimentaram «aquela vez foi ainda maior. Quando tudo acabou, eles estavam molhados de suor, ofegantes, sem nenhuma energia.

Dormiram por algum tempo, e quando acordaram o quarto

mergulhara em total escuridão. Cárter saiu da cama para acender um abajur sobre a cômoda e puxar a colcha para baixo. Então, acomodou-se com Jéssica entre os dois lençóis, abraçou-a e encarou o fato de que a queria ali, em sua cama, para sempre.

— Eu te amo — disse, beijando-a na testa.

Ela ergueu os olhos para os dele e fixou-os por um longo minuto, antes de voltar a baixá-los.

— Não — negou, refletindo que não podia levar sua fantasia tão longe. — Você não está pensando direito.

— Estou, sim. Nunca disse isso a uma mulher, nunca senti a necessidade que estou sentindo, de proteger você, de tê-la comigo o tempo todo. Nunca desejei acordar de manhã e ver uma mulher a meu lado, mas desejo agora. Não quero que você vá embora.

— Tenho de ir. Meu lugar é lá.

— Seu lugar é aqui, comigo. Acredita em destino?

— Predestinação?

— É.

Ela não precisou pensar muito para responder.

— Não. Acredito que fazemos nosso próprio destino, que Deus ajuda aqueles que se ajudam.

Cárter não concordava com aquilo.

— Se fosse assim, eu nunca teria voltado do Vietnã. As palavras dele pesaram no ar, enquanto Jéssica sentia o coração perder o compasso. Inclinando a cabeça para trás, olhou-o no rosto.

— O que quer dizer com isso?

— Eu merecia morrer. Nunca tinha feito uma única coisa decente em toda minha vida. Merecia a morte.

— Ninguém merece morrer numa guerra.

— Mas muitas pessoas morrem. Homens bons morreram na minha frente. Uns morreram rapidamente, para outros. a agonia foi longa, e cada vez que um deles partia, mais eu me sentia um réptil nojento.

— Mas estava lutando ao lado deles — ela argumentou.

— Estava, mas eles eram homens direitos, inteligentes.

Formados em universidades, pais de família, e muitos eram ricos. E lá estava eu, me remoendo de inveja, porque não tinha o que eles tinham. No entanto, esses homens morreram e eu continuei vivo. — Cárter deixou escapar um som estranho, uma mistura de riso e gemido. — Suponho que isso diga algo sobre as coisas importantes da vida. Jéssica começava a compreender.

— E foi isso que o fez transformar-se em outra pessoa.

— Foi. — Os olhos dele flamejavam, veementes, quando encontraram os dela — Alguém cuidou de mim, na guerra. Alguém não me deixou morrer. Alguém estava me dizendo que eu tinha muita coisa para fazer na vida. Conheci outros homens, que foram feridos e sobreviveram, mas eu não sofri um arranhão. Foi obra do destino. Assim como foi obra do destino, você me pedir para trabalhar na transformação de Crosslyn Rise.

— Do destino, não. De Gordon.

— Mas estava tudo preparado. Não vê? Você não estava mais casada, e eu nunca me casei. Nunca sequer pensei em casar, até encontrar você. Nunca pensei em ter filhos, até encontrar você. — Ouvindo-a prender a respiração, ele perguntou, baixando o tom de voz: — Você quer filhos, não quer?

Ela sentiu o rosto ficar rubro, quando se lembrou do que gritara no calor da paixão. Cárter acariciou-lhe uma das faces.

— Eu lhe darei filhos, Jéssica. Não quis me arriscar, porque não tinha certeza de que você estava falando sério. Mas estava, não? — Ela concordou, movendo a cabeça em silêncio, e ele prosseguiu: — Achando que as chances eram Muito remotas, você empurrou o assunto para o fundo da mente. Então eu disse que, se você tivesse filhos a quem deixar Crosslyn Rise...

Não poderia deixar Crosslyn Rise para meus filhos, mesmo que os tivesse — ela o interrompeu. — O lugar que eu sempre conheci deixará de existir em breve.

Não existirá mais como é agora, mas a beleza, a dignidade, a força e a estabilidade

estarão sempre em seu corpo. É isso que você dará a seus filhos. Será uma excelente mãe, meu bem.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas. O que Cárter estava dizendo era bom demais para ser verdadeiro. Ele era bom demais para ser verdadeiro.

Aquilo tudo devia ser efeito da atmosfera de ternura criada pela satisfação sexual, Jéssica decidiu. Não podia acreditar que ele quisesse realmente casar-se com ela. Depois de uma noite de sono, ele cairia em si e perceberia que dissera uma bobagem.

— Eu te amo — Cárter repetiu. Beijou-a, sentindo o coração estremecer de ternura. Queria cuidar dela, dar-lhe presentes, fazer o que pudesse por ela, uma mulher delicada, que merecia ser amada e protegida. Acariciando-lhe os lábios com um dedo, comentou: — Você deve estar com fome.

— Um pouco.

— Vou pedir uma pizza. Você gosta?

— Gosto.

Beijando-a mais uma vez, ele rolou para o lado e saiu da cama. Jéssica observou-o caminhar até o armário. Cárter tinha quadris estreitos, nádegas firmes, coxas musculosas. Nu, era extremamente sedutor. Mesmo quando vestiu um robe atoalhado, curto, a lembrança de sua nudez permaneceu na memória dela. Ele entrou no banheiro e voltou em seguida com a camisa que levava para lá.

De súbito, Jéssica sentiu-se acanhada por estar nua. Baixou os olhos.

— Nada disso — Cárter repreendeu-a, adivinhando seus sentimentos, enquanto a ajudava a vestir a camisa. — Eu já conheço tudo, e amei tudo o que vi.

— Não estou acostumada — ela murmurou, lutando com um botão que não queria entrar na casa.

Cárter sabia disso e na verdade gostava daquela timidez que tornava o florescimento da sensualidade inata de Jéssica um presente ainda mais precioso.

— Terá muito tempo para se acostumar — prometeu, guiando-a para fora do quarto.

A pizza chegou instantes depois, e os dois sentaram-se nas banquetas altas junto ao balcão da cozinha para comer.

Embora fosse um ato tão corriqueiro, para Jéssica parecia um cataclisma. Ela não podia acreditar que estava lá, sentada ao lado de Cárter Malloy, usando apenas uma camisa e mais espantoso ainda, que momentos antes estivera completamente nua diante dele. Cárter Malloy. Incrível. Cárter Malloy.

— O que é? — ele perguntou com um sorrisinho perplexo. Ela corou.

— Nada.

— Fale.

Inclinando a cabeça para um lado, Jéssica fixou o olhar no pedaço de pizza que comia.

— Acho surpreendente... eu estar aqui.

— Não devia achar. Faz tempo que estamos caminhando para isto.

Ele tinha razão, mas não era no passado recente que ela estava pensando.

— Falo de outros tempos. Eu odiava você, quando era criança. — Ousou olhar para Cárter, sendo mais uma vez atingida por sua beleza masculina. — Você ficou muito diferente... Comporta-se de modo muito diferente. É difícil acreditar que uma pessoa possa mudar tanto.

— Todos nós temos de crescer, um dia.

— Algumas pessoas não crescem nunca. Só ficam fisicamente maiores. Você de fato mudou. — Observando-o, foi seduzida por seu ar de franqueza. — Como você era, antes do Vietnã? Compreendo que tal experiência tenha modelado seu futuro, mas como foi seu passado? Por que você era do jeito que era? Queria ser rico, mas esse não pode ser o único motivo.

Apertando os lábios, pensativo, Cáster olhou para o prato. Então, os lábios relaxaram, mas ele não ergueu os olhos.

— O desejo de ser rico era apenas uma desculpa para meu comportamento. Uma desculpa conveniente, talvez até válida, de certo modo. Meus pais trabalhavam em Crosslyn Rise, e morávamos na cidade, uma das mais ricas do Estado. Na escola, estudei com meninos que tinham um aquisitivo dez vezes maior que o meu. Fui diferente,

desde o início. Todos os outros conheciam-se desde o jardim-de-infância. Sentia-me um pária social e tornei-me uma pessoa agressiva, com quem era muito difícil conviver.

— Mas por quê? Se tivesse continuado como era, eu diria que devia ser portador de algo genético, fora de seu controle. Mas agora você é uma pessoa agradável e não parece ter que se esforçar para ser assim. Então, se não era nada genético a causa só podia ser externa, como o antagonismo dos colegas, mas você já era difícil quando entrou na escola, de maneira que a causa devia estar em sua família. Não dá para entender, porque Annie e Michael sempre foram pessoas maravilhosas, nada problemáticas.

— Pensa assim porque não é filha deles — Cáster disse no mesmo tom ríspido que usara uma outra vez, ao fazer um comentário semelhante.

Jéssica nem por um segundo achou que a rispidez era dirigida a ela. Cáster pensava na infância e estava claramente aborrecido.

— Como eles eram, como pais? — ela perguntou, movida pelo desejo de conhecê-lo mais profundamente.

— Sufocantes.

— Annie e Michael?! — ela exclamou, incrédula.

— Eles me adoravam. Eu era seu orgulho, sua alegria, a esperança do futuro. Ia ser tudo o que eles não eram, e sempre me disseram isso. Acho que eu não entendia muito bem o que isso significava, mas quando me mostrava lento em alguma coisa eles me empurravam. Eu não gostava de ser empurrado. Ainda não gosto, de modo que deve ser um fator biológico, afinal. Fui percebendo que meus pais estavam sempre em cima de mim, de modo que comecei a fazer tudo o que podia para me livrar deles. Acho que esperava obrigá-los a desistir de mim.

— Mas eles nunca desistiram.

— Não. Nunca desistiram. Sempre foram leais, sempre me deram apoio. — Nesse ponto, ele ergueu os olhos para Jéssica. — Pode imaginar a pressão que isso exerce sobre uma pessoa?

— Seus pais continuavam esperando o melhor de você, e você continuava a desapontá-los.

— Quando cheguei à adolescência, tinha fama de rebelde. Isso magoava meus pais. As pessoas os olhavam com pena, perguntando-se como fora possível terem posto um filho como eu no mundo.

Jéssica lembrou-se de que pensava a mesma coisa, até pouco tempo atrás.

— São pessoas calmas, muito amáveis — comentou. Cáster mais uma vez desviou o olhar, apertando os lábios.

Sentia-se culpado por criticar os pais, mas queria que Jéssica conhecesse a verdade, pelo menos o que ele julgava ser a verdade.

— Calmas e amáveis demais — disse. — Principalmente meu pai.

— Gostaria que ele tivesse sido mais duro com você?

— Comigo, com todo mundo. Ele era mole, ponto final.

— Em que sentido?

— Como homem. Era minha mãe quem dirigia a casa. Fazia tudo. Não me lembro nunca de ter visto meu pai cuidar dela, protegê-la, dar-lhe um presente. A única coisa que fazia era cuidar de jardins.

— Você acha que sua mãe se ressentia com isso?

— Não. Acho que ela achava cômodo, porque gostava de estar no comando de tudo. — Cáster ficou calado por alguns instantes, pensando no que dissera. — Talvez, em vez de dizer que meus pais eram sufocantes, eu deva dizer que minha mãe era controladora. Com aquele seu jeito calmo, ela foi a mulher mais controladora que conheci. Foi contra isso que passei anos me rebelando. Contra isso e contra o fato de meu Pai nunca abrir a boca para reclamar, quando ela, sempre aparentando calma, arrasava com ele. — Fez uma pausa. — Mas quem sou eu para falar mal deles, se os tratei tão mal?

— Não está falando mal deles, apenas explicando como era que se sentia naquela época — Jéssica observou.

Cáster olhou-a nos olhos.

— O que eu disse faz algum sentido?

— Acredito que sim. Sempre achei Annie calma, amável e também eficiente. Muito eficiente. Ela sempre esteve no controle de tudo, lá em casa, mas não era controladora claro. Agora, na própria casa, talvez tenha sido. E Michael era quieto, amável e... Apenas... quieto e amável. Estava sempre calmo, vivia sorrindo.

— Isso me deixava louco de raiva. Eu fazia de tudo para vê-lo perder as estribeiras.

— E conseguia?

Cáster sorriu com ar travesso.

— Muito raramente. E ele ainda é assim, calmo e amável. Duvido que mude.

Jéssica sentiu-se aliviada ao captar orgulho na voz dele.

— Então, aceitou-o do jeito que ele é?

— Claro, é meu pai.

— Você agora é apegado a ele?

— Apegado? Não sei. Conversamos sempre por telefone, mas se meu pai fala comigo cinco minutos, minha mãe fala dez. Os dois gostam de saber o que estou fazendo. — Cáster sorriu ironicamente. — Agora sou alguém, como queriam que eu fosse, mas, com isso, meu mundo ficou muito diferente do deles.

— Eles estão felizes?

— Na Flórida? Estão.

— Não. Felizes por você.

— Muito. — O sorriso de Cáster, daquela vez, foi complacente. — Claro, não entendem por que tenho um sócio, pois acham que posso trabalhar muito melhor sozinho.

Também não entendem por que ainda não me casei.

Jéssica sabia que Annie e Michael ficariam felizes, se Cárter lhes dissesse que a amava, mas esperava que ele não fizesse isso. Fazê-los ter esperança a respeito de algo que nunca aconteceria não era certo. Mesmo que Cárter acreditasse que a amava, veria a verdade tão logo voltasse a sua vida normal de todos os dias. Quanto menos pessoas soubessem da noite em que ele brincara de estar apaixonado, melhor.

Na manhã de sexta-feira, quando Cárter saiu para o trabalho,

Jéssica voltou para Crosslyn Rise. Queria mergulhar em seu próprio mundo, empurrar os acontecimentos daquela noite para o fundo da mente. Mas não conseguiu afastar as lembranças. Após comerem a pizza, ela e Cárter haviam voltado para a cama e feito amor várias vezes até o amanhecer. Apesar de nunca tomar a iniciativa, ela ficara mais apaixonadamente agressiva a cada contato, e isso lhe dava muito o que pensar.

Parecera florescer nos braços de Cárter. Lembrando-se de algumas coisas que fizera, assustava-se. Ela, que nunca desejara homem algum, ficara faminta pelo corpo dele e agira levada por impulsos que surgiam de repente. Quisera tocá-lo e o tocara, quisera sentir-lhe o sabor e sentira. Ao pegar-se fazendo algo mais ousado, parara para ver a reação de Cárter, mas vendo seu inegável prazer, continuara, sentindo-se livre.

Livre. Livre. Ela se sentira livre como nunca, e isso era o mais estranho de tudo. A cada clímax que atingira, sentira-se mais descontraída, mais solta. Era como se acusação que ele lhe fizera, de, durante anos e anos, reprimir as emoções, de negar seus instintos, fosse verdadeira. Bem, ela parara de negar, de reprimir, e isso dava-lhe uma arrebatadora sensação de alegria.

Mas havia um problema. Uma vez liberada, a paixão que existia em seu íntimo não poderia mais ser aprisionada. Tudo estaria bem, Jéssica refletia, se Cárter ficasse com ela, mas isso era algo com que não podia contar. Havia muitos pontos desfavoráveis.

Ela era feia. Sem graça. Não tinha dinheiro.

Cárter era o oposto. Estava subindo na vida e seria um homem de sucesso. Não precisava de uma mulher como Jéssica Crosslyn, um peso morto pendurado em seu pescoço.

Essa foi uma das razões pela qual, quando ele telefonou às quatro horas para dizer que iria para Crosslyn Rise, quando saísse do escritório, ela lhe disse para não ir.

CAPÍTULO IX

- Por que não? — Cárter indagou, preocupado. — Aconteceu alguma coisa?

— Preciso trabalhar um pouco.

— Teve o dia inteiro para isso.

— Bem, dormi durante algumas horas, depois não consegui me concentrar no que tinha de fazer.

Ele não perguntou por que ela precisara dormir durante o dia, nem por que não conseguira concentrar-se. Sabia muito bem qual era o motivo.

— Desista de trabalhar, por hoje. Não vai conseguir fazer muita coisa.

— Quero tentar.
— Tente amanhã. Combinamos que jantaríamos juntos, hoje.
— Eu sei, mas estou sem fome.
— Não está agora. Mas só iremos a um restaurante por volta das seis horas. — Ele fez uma pausa. — Você está escondendo alguma coisa, Jéssica. Vamos lá, diga o que é.
— Não estou escondendo nada. Só gostaria de ficar em casa esta noite.
— Tudo bem, ficaremos em casa.
Cárter estava dificultando as coisas, deixando-a frustrada.
— Gostaria de ficar sozinha.
— Não, não gostaria. Só está com medo, porque tudo o que aconteceu a noite passada foi muito repentino e forte.
— Não estou com medo! — ela protestou. — Só preciso de um pouco de tempo.

- De jeito nenhum! — ele retrucou e bateu o telefone no gancho.

Quarenta minutos depois, entrava em alta velocidade na alameda principal de Crosslyn Rise, freando bruscamente diante da casa. Saiu do carro depressa e subiu os degraus da varanda de dois em dois. Bateu com força na porta, e Jéssica abriu-a quase que imediatamente.

— Não tem o direito de aparecer aqui desse jeito — ela censurou, zangada, acreditando que o ataque era a melhor defesa. — A casa é minha, a vida é minha. Quando digo que quero ficar sozinha, é porque quero mesmo.

Com as mãos fincadas na parte mais baixa dos quadris, Cárter não se abalou.

— Por quê? Me dê uma boa razão para querer ficar sozinha.

— Não tenho que dar nenhuma razão. Tudo o que tenho a dizer é que não quero companhia.

— Hoje de manhã você concordou, quando eu disse que viria. O que aconteceu, de lá para cá, que a fez mudar de idéia?

— Nada.

— O que aconteceu, Jéssica?

— Nada!

Ele estreitou os olhos castanhos.

— Começou a pensar, não é? Começou a procurar razões pelas quais eu não posso sentir por você o que disse que sinto. Voltou para esta casa e, de repente, o que eu disse a noite passada tornou-se um tipo de aberração. Um engano. Uma mentira. Bem, Jéssica, não é nada disso. Eu te amo. Pode dizer quantas bobagens quiser, que isso não mudará o que sinto.

— Então, você é um tolo, porque não quero nenhum envolvimento.

— Besteira. — Ele cravou nos dela os olhos brilhantes de raiva. — Você quer um marido e filhos. Pode fingir que não e talvez isso funcionasse antes, mas agora não funciona porque, queira ou não, já está envolvida comigo. Não vai esquecer o que aconteceu entre nós a noite passada.

- Como você é arrogante!

— Arrogante? Não. Realista. Falo por nós dois, porque também não posso esquecer e quero repetir tudo novamente.

— Você é maníaco por sexo.

— Sexo não teve nada a ver com aquilo. Fizemos amor, Jéssica. Fizemos amor, porque

estamos apaixonados um pelo outro. Se não quer admitir, não faz mal. Eu espero. Mas vou continuar a dizer que te amo.

— Não, você não me ama — ela declarou, empurrando os óculos para cima.

— Eu te amo.

— Pode pensar que ama, mas espere um pouco e verá que se enganou. Você não me ama. Não é possível.

— Por que não é possível? — Cárter perguntou em tom furioso, dando um passo à frente. — Porque não é bonita? Porque parecia um saco de batatas em minha cama? Porque é um rato de biblioteca?

— É Crosslyn Rise que você ama.

Ele a olhou como se ela houvesse enlouquecido.

— Crosslyn Rise não passa de um pedaço de terra com uma casa em cima. Não é feita de carne e osso.

— Mas você a ama e me associa com ela, por isso pensa que o que sente por mim é amor.

— Dedução brilhante, mestra, mas errada. Você está perdendo Crosslyn Rise. Não haveria motivo para eu me envolver com você, se fosse a propriedade que eu quisesse.

— Então, é o dinheiro. Ganhará bastante, se o projeto for bem-sucedido. Está confundindo as coisas. Gosta da idéia de ganhar dinheiro, então acha que gosta de mim.

— Não gosto de dinheiro tanto assim — ele disse com uma risada breve. — Se você fosse uma porcaria, nenhum dinheiro do mundo me faria levá-la para a cama.

— Que jeito grosseiro de falar!

— É a verdade. E devia dizer algo a respeito de meus sentimentos por você. Nunca fiz aquilo tantas vezes numa noite só. Meus músculos doem de cansaço. No entanto, quero mais. Só de pensar em você, tenho uma ereção.

Jéssica apertou as mãos contra os ouvidos, porque as

palavras dele a estavam excitando. Quando viu que ele parara de falar, baixou as mãos.

— A vingança é um afrodisíaco poderoso — comentou.

— Vingança? Do que está falando? Jéssica ergueu o queixo, altiva.

— Essa é sua vingança por todos os anos em que tive tudo o que você desejava ter e não tinha.

— Está brincando, não é? — Cárter perguntou, e pela primeira vez havia um traço de dor em sua voz. — Não ouviu nada do que lhe contei ontem à noite? Não entendeu nada do que eu disse sobre o Vietnã e meus pais? Nunca falei dessas coisas com ninguém. Será que perdi tempo, contando a você?

— Claro que não.

— Mas não consegui fazê-la acreditar que mudei de verdade. Você queria saber o que me fez mudar, no correr dos anos, mas não se convenceu, quando contei. Ou será que ficou assustada porque, pela primeira vez, pôde acreditar que a mudança foi real, definitiva? — Cárter deu mais um passo na direção dela. — Foi isso, Jéssica? Ficou assustada porque teve de admitir que posso ser o homem com quem gostaria de passar o resto de sua vida, e isso a assustou? — Avançou mais um passo, e ela recuou. — Hein? Foi isso?

— Não. Não quero passar o resto de minha vida com homem nenhum.

— Por causa do que seu ex-marido lhe fez? — Cárter pressionou, avançando mais um

pouco.

— Tom e eu estamos divorciados. O que ele fez ficou no passado — ela argumentou, dando alguns passos para trás.

— Mas a lembrança do que você sofreu ainda a persegue.

— Não tanto que possa interferir em meu futuro.

— Seja como for, você não confia em mim, esse é o problema. Não acredita que eu nunca a magoaria, como aquele miserável fez. Diabos, Jéssica, como vou poder provar que as coisas que digo são verdadeiras, se você continuar se recusando a me ver?

— Não quero que prove nada.

Ela tornou a recuar, chegando à escadaria, quando viu Cárter aproximar-se. Então, sentou-se no terceiro degrau.

— Certo. Tudo está acontecendo depressa demais — ele admitiu, apoiando uma das mãos no corrimão.. — Eu lhe darei tempo, se é disso que precisa. Não vou apressá-la, principalmente porque se trata de algo importante como casamento. — Inclinou-se para ela. — Mas não vou me manter à distância, isso não. Preciso ver você. Preciso estar com você.

Jéssica queria argumentar, mas não conseguia, com ele tão perto. Via a sombra da barba nas faces morenas, sentia o calor do corpo musculoso e o cheiro almiscarado da pele. E havia sinceridade nos olhos castanhos. Nas palavras e no tom da voz. E ela queria tanto acreditar nele!

Inclinando-se mais, Cárter encostou os lábios nos dela. Jéssica sentiu-se perdida. Lembranças da noite anterior surgiram, numa tempestade de sensações tão forte que a arrebatou. Precisou abraçá-lo pela cintura para ancorar-se a algo real, e, então, não foram as lembranças que a deixaram em transe, mas a fome sensual com que ele lhe devorava a boca.

Cárter continuou a beijá-la, e quando os óculos dela escorregaram, tirou-os e colocou-os de lado. Sentando-se no mesmo degrau, obrigou-a a inclinar-se para trás, acariciou-lhe os seios, então introduziu os dedos entre dois botões da camisa que ela vestia, para tocar a pele nua. Isso não satisfez seu desejo, e ele desabotoou a camisa e soltou o fecho do sutiã, expondo os seios. Naquele momento, Jéssica moveu-se e acidentalmente roçou as costas da mão na rigidez que se mostrava, indiscreta, na frente da calça dele.

— Oh, meu bem — ele gemeu —, venha aqui. Pressionou-a contra o corpo, enquanto a beijava cada vez mais sofregamente.

— Cárter... — Jéssica murmurou, sentindo-o puxar o zíper de seu jeans. — O que...

— Preciso de você — ele respondeu, abrindo o zíper.

— Agora?

— Agora.

— Aqui?

— Em qualquer lugar. Ajude-me, Jess — ele pediu, começando a desafivelar o próprio cinto.

Ela fez o que pôde, mas suas mãos tremiam demais. Quando tentou ajudar Cárter a abrir o zíper da calça, a ereção dele tornou tudo mais difícil. Desistindo, achou mais importante livrar-se do jeans e da calcinha, mas não conseguiu tirá-los completamente. Estava com as peças descidas até um pouco abaixo do joelhos, quando Cárter, com uma única e poderosa investida, penetrou-a.

Então, os movimentos que ele fazia com os quadris enlouqueceram-na, e ela nem se

importou com o fato de estarem fazendo amor no vestibulo, meio despidos, nem com a possibilidade de serem vistos pelos fantasmas de Crosslyn Rise. Tudo o que lhe importava era o prazer de ser uma só com Cárter.

Aquele fim de semana foi o melhor da vida de Jéssica, porque Cárter esteve sempre perto dela. Os dois fizeram amor livremente, onde e quando sentiam vontade. E, embora parecesse incrível, ela o queria cada vez mais.

Enquanto estavam juntos, ela se sentia bem, enquanto estavam juntos, ela acreditava nas palavras de amor que Cárter dizia, acreditava que aquele ardor seria mantido ano após ano, acreditava que ele nunca se interessaria por outra mulher.

No entanto, quando ele a deixou, na segunda-feira de manhã, para ir trabalhar, ela começou a imaginá-lo no escritório, no restaurante onde costumava fazer as refeições, ou reunido com clientes, e preocupou-se. Foi trabalhar também, e na escola comportou-se como a professora dedicada e reservada que sempre fora.

Talvez, se alguém a houvesse olhado com alguma estranheza, ela se sentisse um pouco diferente. Mas recebeu os sorrisos e cumprimentos costumeiros dos colegas que encontrou. Nenhum olhou-a uma segunda vez, como acontecera quando ela se arrumara toda para ir ao teatro, na quinta-feira anterior. Ninguém parecia imaginar, nem mesmo remotamente, que ela passara o fim de semana envolvida Pelas chamas da paixão.

A não ser pelo delicioso relaxamento de seus músculos, teoricamente, não se sentia diferente do que sempre fora. Mas

ninguém sabia desse relaxamento. Ninguém sabia nada a respeito de Cárter Malloy. Ninguém sabia o que o sofá da biblioteca, o tapete da sala de estar ou a cama no sótão haviam testemunhado.

Desse modo, ela se via como os outros a viam, e tudo o que havia de arriscado e assustador em seu caso com Cárter parecia ampliado.

Até que tornou a vê-lo, à noite. Então, suas dúvidas dissolveram-se, como bolhas de sabão, e ela ganhou nova vida nos braços dele.

A situação continuou inalterada no decorrer das semanas seguintes. Jéssica passava os dias cheia de dúvidas, e as noites mergulhada em felicidade e prazer. O dia da formatura chegou e passou, e o curso de verão começou e, pela primeira vez na vida, ela pegou-se ansiando pelo momento em que poderia voltar para casa, no fim da tarde, e encontrar-se com Cárter. Às vezes, quando ele levava trabalho para fazer à noite, ela se entretinha preparando aulas ou lendo, mas sem conseguir concentrar-se completamente no que fazia, porque preferia ficar olhando para ele, recordando os momentos de amor que haviam tido

Ela estava apaixonada. Admitia isso, mas apenas para si mesma. Achava que se exporia demais, se confessasse seu amor a Cárter, de modo que, embora desejasse fazê-lo, pois sabia o quanto ele desejava ouvi-la dizer que o amava, não conseguia encontrar coragem suficiente. Ela se sentia como se estivesse dirigindo seu carro por uma íngreme e estreita trilha de montanha, e que cairia no abismo, se tivesse um momento de distração. Queria estar preparada para quando Cárter perdesse o interesse por ela. Queria salvar pelo menos um resquício de orgulho.

O tempo foi passando, e Cárter não perdeu o interesse por ela, nem por Crosslyn Rise. Fazia muitos desenhos, alguns diferindo dos outros apenas em ínfimos detalhes, mas queria alcançar a perfeição. Uma noite, ele e Jéssica jantaram com Nina Stone, porque queriam ouvir a opinião dela a

respeito das necessidades do mercado imobiliário local. Como resultado desse encontro, ficou decidido que ofereceriam seis projetos diferentes de moradias, dois para cada tipo, de acordo com o número de dormitórios: dois, três, ou quatro.

Também como resultado do encontro, Jéssica teve a confirmação de que Cárter não estava interessado em Nina Stone. Nina era quem estava interessada nele. Mal desviava o olhar do bonito rosto másculo, e quando foi com Jéssica ao toalete, deixou claro o que sentia.

— Ele é um pedaço e tanto de homem. Se as coisas esfriarem entre vocês dois, você me avisa?

Jéssica ficou surpresa ao compreender que a amiga adivinhara que havia algo mais do que simples relacionamento de trabalho entre ele e Cárter.

— Como foi que descobriu? — perguntou, não ousando olhar Nina nos olhos.

— Pelas vibrações entre vocês. Vibrações quentes. Além disso, estou lançando a Cárter meus melhores olhares convidativos e ele não percebeu nenhum. Meu bem, o homem está caidinho por você.

— Não creio — disse Jéssica, secretamente satisfeita. — Só estamos nos conhecendo de novo.

Era bom minimizar as coisas, pensou, para que sua situação não fosse tão humilhante, quando o caso chegasse ao fim.

No entanto, não havia o menor sinal que a fizesse acreditar que um dia isso aconteceria. Nas poucas ocasiões em que Cárter referiu-se a Nina, depois da noite do jantar, foi apenas para falar algo relacionado ao projeto, o que demonstrava um interesse apenas profissional.

— Não acha Nina bonita? — Jéssica perguntou uma noite.

— Nina? — Ele deu de ombros. — Ela é bonita, sim. Mas não é suave e delicada como você, e nem de longe tão interessante.

Devia estar sendo sincero, ao dizer que Jéssica era interessante, pois passava horas conversando com ela. Os dois falavam da economia do país, da política no departamento dela na universidade, dos méritos de um livro que ele lera

e a fizera ler. Cárter mostrava curiosidade genuína a respeito dos pensamentos dela e ficava visivelmente aliviado ao constatar que podia acompanhá-los, que Jéssica não se perdia em conjecturas abstratas além de sua compreensão.

Quanto à transformação de Crosslyn Rise, ele não punha no papel nenhuma idéia que primeiro não houvesse discutido com ela. Embora as opiniões dela não fossem profissionais, do ponto de vista de um arquiteto, eram bastante sensatas. Quando Jéssica não gostava de alguma coisa, geralmente havia uma boa razão para isso. Ele a ouvia e, apesar de nem sempre concordar com seu modo de pensar, na maioria das vezes admitia que as idéias eram boas. Os interesses pessoais e tendências de um equilibravam os do outro. Assim, quando Cárter estava tão envolvido na criação de um croqui que não conseguia raciocinar de modo prático, ela o fazia pôr os pés no chão, e ele a levava de volta à realidade, quando ela, envolvida demais sentimentalmente com Crosslyn Rise, não conseguia ver a necessidade de uma determinada particularidade arquitetônica.

Em meados de julho, eles já tinham um bom conjunto de planos para apresentar a Gordon. Tão entusiasmada com eles quanto Cárter, Jéssica marcou uma reunião. No dia marcado, os dois, de pé lado a lado, observaram Gordon atentamente, enquanto ele examinava os

desenhos.

— Gostei — o banqueiro declarou por fim, dizendo, pela terceira vez em menos de dez minutos: — Vocês dois formam uma boa equipe.

Jéssica, perguntou-se que mensagem ele estava tentando passar com aquelas palavras. Tentou não olhar para Cárter, encabulada. Era possível que Gordon houvesse captado as mesmas vibrações a que Nina referira-se, embora ela não o julgasse capaz disso. Por fim, refletiu que foram as pequenas atitudes que os haviam traído, o modo como Cárter mantivera a mão pousada de leve em suas costas, quando entraram no escritório, a maneira como ele atribuíra a ela certas idéias, em vez de tomar o crédito para si e o mero fato de não estarem brigando.

Esse último pensamento era o que fazia menos sentido. Jéssica lembrava-se de sua reação, na primeira vez em que Gordon mencionara o nome de Cárter. Voltou a recordar aquele dia, revivendo o horror que sentira sob o peso das lembranças do passado. Aquelas lembranças do jovem revoltado que ele fora agora estavam muito apagadas, superadas pelo que ela via do novo Cárter.

— Jess? — A voz baixa e gentil dele tirou-a da reflexão.

Ela ergueu os olhos, surpresa, e sorriu um pouco constrangida, quando percebeu que se distraíra. Cárter apontou para uma cadeira e, corando, ela se sentou.

— Está tudo bem com você, Jéssica? — indagou Gordon, solícito.

— Está, sim. Tudo ótimo.

— Você sabe como são esses intelectuais, Gordon — Cárter arreliou, sorrindo com ar indulgente. — Estão sempre sonhando com uma coisa ou outra.

Jéssica sentiu que corava ainda mais.

— Perdi alguma coisa do que vocês disseram? — perguntou, disfarçando o embaraço.

— Só a aprovação de Gordon — respondeu Cárter. — Terei de aperfeiçoar os desenhos, mas ele concorda em que estamos prontos para passar para a segunda fase..

Os olhos dela voltaram-se rapidamente para o rosto do banqueiro.

— Reunir investidores? — perguntou.

— Isso mesmo — confirmou Gordon, abrindo uma pasta sobre a mesa. Retirou dois maços de papéis grampeados, entregou-os a Jéssica e Cárter, então, pegou um terceiro Para si. — Talvez eu tenha colocado o carro na frente dos bois, mas decidi que não faria mal, desde que sou eu mesmo que vou cuidar dessa parte — comentou. — Aqui estão os nomes e os perfis de possíveis investidores, juntamente com umalista de seus bens e a contribuição aproximada que podemos esperar deles. Pode pular a primeira página, Jéssica, porque essa fala de você e, Cárter, pode pular a segunda, que é a sua. As três seguintes referem-se a William

Nolan, Benjamin Heavey e Zachary Gould. Você conhece Ben, não é Cárter?

— Claro que conheço. Trabalhei com ele dois anos atrás num empreendimento imobiliário em North Andover. — Cárter virou-se para Jéssica. — Faz quinze anos que ele trabalha no ramo de imóveis. Um cara conservador demais mas direito. Demora para decidir-se a fazer um investimento mas, depois que faz, não volta atrás. — Tornou a olhar para Gordon. — Ele ficou interessado?

— Ficou, quando mencionei seu nome. Eu não quis dar muitos detalhes, até os planos ficarem prontos, mas ele já teve lucro com o investimento que fez num pequeno shopping center em Lynn, de modo que tem fundos disponíveis. Nolan e Gould também têm.

Jéssica tentava ler o mais depressa que podia, mas ainda não chegara à metade da página sobre Benjamin Heavey, quando Gordon mencionou os outros dois.

— Nolan e Gould? — ela repetiu. Teve de voltar uma folha para ler as informações sobre Nolan e avançar duas para encontrar Gould.

— Conhece-os, pelo menos de nome? — perguntou Gordon.

— Não. — Ergueu os olhos para o banqueiro. — Devia conhecer?

Cárter endereçou-lhe um sorriso.

— Só se lesse o caderno de negócios do jornal.

Sabia que esse não era o caso, porque ela sempre deixava esse caderno de lado.

— Bill Nolan é da família da Indústria de Papel Nolan — Gordon explicou. — Começou seus negócios no norte do Maine, mas aos poucos vem abrindo caminho para o sul. Mesmo sendo dono de fábricas de papel, tem verdadeiro respeito pelo meio ambiente. Um projeto como este deve interessá-lo.

Cárter concordou, movendo a cabeça.

— Pelo que sei, ele não anda atrás de lucro rápido e fácil, o que é bom, porque não vai conseguir nada disso aqui. O que ele terá será um sólido retorno de seu investimento — comentou. Virando várias páginas do maço de

papéis em seu colo, disse a Gordon: — Fale de Gould. O nome não me é estranho, mas não sei onde o ouvi.

— Gould é um concorrente meu.

- Banqueiro? — indagou Jéssica.

— Aposentado, embora ainda não tenha sessenta anos. foi fundador e presidente do Pilgrim Trust e suas filiais, pois anos atrás teve um infarto e, como tinha boa situação financeira, decidiu aceitar o conselho do médico e retirar-se da arena. Mas continua investindo aqui e ali. É do tipo capaz de aparecer no local de uma construção todas as manhãs, para acompanhar o progresso da obra. Bom sujeito. Solitário, porque a esposa abandonou-o, alguns anos atrás, e os filhos já estão crescidos. Ele gostaria de participar de um consórcio como o nosso.

Determinada a ler os detalhes quando tivesse tempo, mais tarde, Jéssica virou a folha.

— Quem é John Sawyer? Gordon pigarreou.

— Agora começamos a falar dos que chamo de aventureiros — informou. — Há três deles. Nenhum deles pode entrar com tanto dinheiro quanto os três outros homens, ou quanto você e Cárter, mas cada um tem uma razão não apenas para querer envolver-se, como também para ter certeza de que o projeto seja um sucesso. — Fez uma pausa, dando tempo a Cárter para encontrar a página certa. — John Sawyer mora aqui na cidade. É dono da pequena livraria, na Shore Drive. Estou certo de que você conhece a loja, Jéssica. O nome é Folheando Livros.

Ela sorriu.

— Conheço, sim. É um lugar encantador, pequeno, mas bonito. Não me lembro de ter visto nenhum homem Sempre que vou lá, é Minna Larken quem me atende.

— Você provavelmente vai na parte da manhã ou no começo da tarde — Gordon comentou. — E nesse horário John está em casa cuidando do filho. Só por volta de duas e meia é que deixa o menino com uma babá e vai para a loja.

Quantos anos tem a criança? — Cárter quis saber.

— Três. No ano que vem vai para o maternal. Pelo menos essa é a esperança.

Havia dúvida no tom de voz com que Gordon fez o último comentário, e Jéssica achou aquilo estranho.

— O menino tem algum problema? — perguntou.

— Tem. De audição e visão. Precisa de atenção especial e enfrentaria muita dificuldade numa escola pública. Existe uma escola especializada, que seria perfeita para ele, mas é muito cara.

— Entendo. John faria bom uso de um dinheiro que ganhasse num empreendimento seguro — Cárter observou. — Mas ele tem os fundos necessários para um investimento inicial?

— Tem, sim. A esposa morreu logo após o nascimento do menino, e seu seguro de vida era bom. John estava planejando deixar o dinheiro no banco, para quando o filho fosse para a universidade, mas pelo jeito isso não acontecerá, a menos que o garoto receba tratamento especial.

— Que tristeza — Jéssica murmurou, olhando comovida para Cárter, então novamente para Gordon. — A esposa de John devia ser muito jovem. Como foi que ela morreu?

— Não sei. John não toca no assunto. Morava com a família no Meio Oeste, quando isso aconteceu, e logo depois mudou-se para cá. É uma ótima pessoa, muito inteligente, mas reservado. Tem me perguntado sobre investimentos, e este é o melhor que apareceu em vários meses.

— Mas o dinheiro voltará às mãos dele a tempo? — Cárter indagou. — Se tudo for bem, lançaremos os alicerces no outono e avançaremos bastante na construção antes de o inverno chegar. Se tivermos sorte, faremos algumas vendas antes de as casas estarem prontas, mas a maioria das unidades só estará pronta na próxima primavera, ou no verão. Duvido que algum de nós veja algum dinheiro no prazo de dezoito meses. Assim, se John precisar de dinheiro antes-

— Acredito que ele tenha o bastante para agüentar um ano ou dois. Mas quando percebeu que a educação do menino ia ser um sugadouro, por longo tempo, viu que precisava aplicar o capital de modo diferente.

— Deve convidá-lo para associar-se a nós, sem dúvida — Jéssica declarou, focalizando a atenção na folha seguinte.

— Gideon Lowe. — Olhou para Cárter. — Você não me falou dele, uma vez?

— A você e a Gordon. Falou com ele? — Cárter perguntou para o banqueiro.

— De um modo preliminar. Disse que você o indicara. Ele o acha muito talentoso.

— Acho que ele é mais ainda. Tem orgulho de seu trabalho, e não posso dizer isso de todos os construtores que conheço. Agora, que estão cobrando quantias exorbitantes pelos trabalhos mais simples, tornaram-se arrogantes. E preguiçosos. Trabalhar no inverno? Pode esquecer. Com chuva? Nem pensar. E em dias de sol querem parar o serviço ao meio-dia para jogar golfe.

— Quer dizer que Gideon Lowe não joga golfe? — perguntou Jéssica.

— Não joga — Cárter respondeu com um sorriso malicioso. — Gideon morreria, se tivesse de ficar se arrastando por um campo de golfe. Tem energia demais, precisa de jogos rápidos.

— Como squash? — ela sugeriu, porque squash era o jogo preferido de Cárter, exatamente por ser rápido, como ele explicara.

— Como basquete. Era excelente jogador, no colegial e teria ido para a universidade

com uma bolsa de estudos, para jogar pela escola, se não tivesse de trabalhar para sustentar a família.

Jéssica arregalou os olhos, espantada.

— Ele tinha mulher e filhos, com aquela idade?

— Não. Mãe e irmãs. A mãe já morreu, e hoje as irmãs estão bem de vida, mas agora ele é velho demais para jogar basquete universitário. Então, pertence a uma liga de fins de semana.

— Lembrando-se de alguns jogos a que assistira, Cárter meneou a cabeça. — Tem movimentos incríveis, para um sujeito tão grande.

— E incrível entusiasmo — Gordon apartou. — Ele me

fez prometer que lhe telefonaria tão logo tivesse algo mais a dizer sobre Crosslyn Rise.

— Então, deve telefonar amanhã mesmo — Jéssica disse, porque a recomendação de Cárter era mais do que suficiente para ela. Olhou para a última do maço, e seus olhos alargaram-se numa expressão de surpresa. — Nina Stone?! — exclamou, olhando indagadoramente para Gordon.

— Ela me telefonou — o banqueiro explicou. — Sabe alguma coisa sobre o que estamos fazendo, porque vocês têm conversado com ela. Disse que ficou sabendo que estou reunindo um grupo, que quer participar de qualquer maneira e que tem dinheiro para isso.

— Ela foi muito insistente? — Jéssica quis saber, meio constrangida.

— Pode-se dizer que sim.

— É o jeito dela, Gordon. Muitos vêem isso como autoconfiança, um fato que a ajuda a vender muitos imóveis. No entanto, acho que ela não precisava agir assim com alguém como você, especialmente por telefone. Mas quando você a conhecer vai ver que ela é um dínamo. — Dizendo isso, Jéssica teve uma idéia. Virando-se para Cárter, disse: — Aposto como Nina e Gideon se dariam bem. Ele é casado? Você não disse.

— Não, não é, mas esqueça. Os dois têm personalidade forte demais. Não demoraria muito, e estariam agarrando-se pelo pescoço. Além disso, fisicamente são inadequados um para o outro — Cárter comentou com um brilho travesso no olhar. — Nina é muito pequena, e Gideon, grande demais. Eles teriam dificuldade em... ha... você sabe o que quero dizer.

Ela sabia, mas certamente não ia prolongar o assunto diante de Gordon. Já bastava aquele comentário inoportuno. O único consolo que teve ao sentir as faces em chamas, foi ver que Cárter também corava.

— Se Nina tem dinheiro, não vejo razão para que não o invista em nosso projeto — ele observou, mostrando que seu embaraço não prejudicava sua capacidade de pensar. Olhou para Jéssica. — Saberá dizer o que a motivou a participar do consórcio?

— Nina quer trabalhar por conta própria. Quer a segurança de saber que é patroa de si mesma. O que Gideon quer?

— Que o mundo saiba que ele é seu próprio patrão. Quer ser respeitado.

— Não é respeitado, agora?

— É, como construtor. É, como homem vigoroso, que faz trabalho braçal. Mas não é, como homem inteligente. E ele tem muita inteligência, ou não seria tão bem-sucedido como construtor. Mas as pessoas em geral não vêem as coisas desse modo. Então, agora, ele quer envolver-se com gente que usa paletó e gravata.

Jéssica sabia por que Cárter era capaz de compreender Gideon tão bem. Ele conhecia os

dois lados.

— Se Gideon participar do consórcio, isso o impedirá de ser nosso construtor? — ela quis saber.

— Espero que não — Cárter respondeu, olhando para Gordon com ar indagador.

— Não vejo motivo para isso — o banqueiro disse. — Os investidores ficarão unidos por um contrato legal. E, se Gideon concorrer ao trabalho e perdê-lo para outro construtor, sua posição no consórcio permanecerá exatamente a mesma.

— Não haveria um conflito de interesses?

— De maneira alguma. Este é um empreendimento particular. — Gordon olhou para Jéssica. — Na verdade, teoricamente, você poderia escolher o construtor agora e apresentá-lo como parte do pacote.

— Eu não saberia quem escolher — ela confessou num impulso, então lembrou-se de que devia estar no comando. Recompondo-se, comentou com Gordon: — Você disse que eu devia estar disposta a ouvir pessoas mais experientes do que eu no assunto. Acredito que Cárter me ajudará a escolher o construtor. Você tem algo contra isso?

— Eu? Não, nada, absolutamente.

Algo na maneira como o banqueiro falou, deixou Jéssica desconfiada.

— Tem certeza?

Gordon franziu a testa, olhando para os papéis a sua frente, então encarou-a.

— Talvez eu esteja sendo indiscreto, dizendo isso, mas não esperava que vocês dois se tornassem tão amigos.

— Somos amigos íntimos — Cárter afirmou, endireitando-se na cadeira. — Com um pouco de sorte, logo estaremos casados.

— Cárter! — Jéssica ralhou, virando-se para Gordon. — Esqueça o que ele disse. Cárter exagera, às vezes. Você sabe o que acontece com os homens na primavera, não sabe?

— Estamos no verão — Cárter lembrou-a. — E a única coisa relevante nessa questão de estações é que você terá algumas semanas de férias entre dois semestres, no fim do verão, o que significa que poderemos viajar em lua-de-mel.

— Cárter! — ela tornou a ralar, embaraçada. — Por favor, Gordon, ignore o que esse homem diz.

Para seu desespero, o banqueiro parecia estar se divertindo com a situação.

— Abordei o assunto porque outras pessoas ficarão curiosas a respeito. Ficou claro, no momento em que entraram em minha sala, que algo estava acontecendo entre vocês. Acho que devem decidir o que é esse "algo", antes de enfrentarem o resto do grupo. A última coisa que queremos é que os outros investidores sintam-se pendurados numa corda, indo para cima e para baixo, no ritmo de seu relacionamento.

— Isso não vai acontecer — Jéssica assegurou.

— Tem certeza?

— Certeza absoluta. Estamos falando de negócios. Seja qual for meu relacionamento com Cárter, não deixarei que isso interfira. Serei profissional. Afinal, o âmago da questão é Crosslyn Rise, e ela é minha.

CAPÍTULO X

- Você não está sendo razoável — Cárter reclamou, alargando as passadas para acompanhar o andar rápido de Jéssica, enquanto caminhavam na rua, depois de sair do banco. Ela não lhe dirigira mais do que duas palavras, depois de seu último diálogo com Gordon. — O que há de tão terrível em eu dizer que quero casar com você?

— Essa questão de casamento devia ficar entre mim e você. Não é da conta de Gordon.

— Ele tem razão num ponto. As pessoas nos verão sempre juntos e começarão a tecer conjeturas. Não dá para esconder certas coisas. Somos íntimos. E não há nada de errado em você me consultar sobre o construtor. Se fosse seu marido, eu gostaria que me consultasse.

— Você é meu arquiteto — ela argumentou, irritada. — Tem mais experiência do que eu em situações como essa de escolher um construtor. Quero seu conselho profissional.

— É o que está pensando agora. Mas quando se virou para mim, foi por puro instinto. Quer meu conselho porque confia em mim, e não é a primeira vez que pede minha opinião. Crosslyn Rise pode ser sua, mas você está contente Por ter alguém com quem dividir a responsabilidade. É isso que desejo fazer, Jess. Quero ajudá-la, porque amo você. Não pratiquei muito o dar e compartilhar em minha vida, mas quero praticar agora.

Ela achava difícil continuar zangada, quando ele dizia coisas como aquela.

— Está praticando — afirmou.

— Então, o próximo passo é o casamento. Por que está sendo tão obstinada em não querer casar comigo?

— Não estou sendo obstinada. Só não me sinto preparada para o casamento.

— Você me ama?

Jéssica virou a esquina com ele meio passo atrás.

— Já fui casada — disse, sem responder à pergunta. — As coisas mudam, depois que o casal troca seus votos. É como se não houvesse mais necessidade de manter a encenação.

Isso fez Cárter estacar, mas apenas por um momento. Recuperando-se, recomeçou a andar depressa para alcançá-la.

— Acha, realmente, que estou fazendo uma encenação? Isso é um absurdo! Nenhum homem, principalmente um que passou anos sentindo-se uma pessoa de segunda categoria, envergonhado de si mesmo, ia andar atrás de uma mulher do jeito que ando atrás de você, se não a amasse de verdade. Se ainda não percebeu, fique sabendo que tenho meu orgulho.

— Eu sei — ela replicou em tom mais brando, lançando-lhe um rápido olhar.

— Mas continuarei a pedir que se case comigo, porque é isso que quero, mais do que tudo no mundo.

— É o que você acha que quer.

— É o que eu quero. — Segurando-a pelo braço, ele a fez parar. — Por que não quer acreditar no meu amor?

Ela o olhou e engoliu em seco.

— Eu acredito — admitiu. — Mas não acho que vá durar, talvez fosse melhor apenas morarmos juntos. Assim, não será tão doloroso, quando terminar.

— Não vai terminar. E estamos praticamente morando juntos agora, mas não é isso o que eu quero, Jéssica. Quero você dirigindo meu carro, morando embaixo do meu teto, usando

meus cartões de crédito. E quero que use meu nome

— Esse não é um desejo muito moderno.

— Não importa, se é moderno, ou não. É o que eu quero. Quero cuidar de você. Quero ser forte para você. Eu tinha

raiva do meu pai, porque ele passava pela vida andando no rastro de minha mãe. Recuso-me a fazer isso. Jéssica ficou surpresa.

— Não poderia fazer, mesmo que quisesse. Minha vida é totalmente parada. Você é mais dinâmico do que eu jamais poderia ser. É mais ativo, mais agressivo, mais bem-sucedido, e...

Cárter colocou um dedo sobre os lábios dela para impedi-la de continuar.

— Não serei bastante bem-sucedido, se não conseguir convencê-la a casar comigo.

Com um gemido abafado, ela beijou o dedo dele, então fechou-o na mão e apertou-o com ar brincalhão.

— Oh, Cárter! O problema sou eu. Não você. Quero fazê-lo feliz, mas não sei se sou capaz.

— Você me faz feliz.

— Agora. Mas por mais quanto tempo? Algumas semanas? Um mês? Um ano?

— Para sempre, se você me der a chance. Não quer tentar, Jéssica?

Ela queria tentar, e cada vez que pensava em se casar com Cárter, sentia seu coração ficar leve de alegria. No entanto, no fundo da mente sempre havia uma semente de dúvida. Mais do que namorar ou morar junto, casar era uma declaração pública da união entre um homem e uma mulher. Se o casamento falisse, a declaração de dissolução, não menos pública, era muito humilhante, principalmente se o homem fosse Cárter Malloy, porque todos os que o conheciam gostavam dele e o respeitavam. Esse fato ficou evidente para Jéssica, nas semanas seguintes, quando fizeram reuniões com Gordon, advogados e vários investidores. Apesar do importante papel desempenhado por Jéssica, dona de Crosslyn Rise, Cárter tornou-se o líder do grupo. Ele não pediu para ocupar essa posição, na verdade mantinha-se calado durante muitas discussões, mas tinha a cabeça no lugar e parecia ser aquele que, mais do que qualquer

outro, podia lidar com mão firme com vários elementos envolvidos, como planos arquitetônicos, detalhes de construção, meio ambiente, marketing... e Jéssica.

Especialmente Jéssica. Ela descobriu que se apoiava nele cada vez mais, dependendo dele para manter a confiança e a calma que tantas vezes ameaçava faltar-lhe. Fora-se o tempo em que sua vida transcorreria num inalterado ritmo emocional. Agora, parecia uma seqüência de altos e baixos. No que dizia respeito a Crosslyn Rise, os pontos altos eram os momentos em que ela acreditava que a propriedade se transformaria em algo digno de seu passado, e os baixos, aqueles em que tinha de encarar os aspectos comerciais do projeto. No que concernia a Cárter, os pontos altos eram os momentos em que ele a possuía com paixão, não deixando dúvidas sobre a força de seu amor, e os baixos, aqueles em que, fora dos braços dele, Jéssica olhava-o objetivamente e via um homem vibrante e dinâmico, imaginando o que ele teria visto nela.

A medida que as semanas passavam, ela se sentia como se o prazo final para a tomada de duas decisões estivesse se aproximando rapidamente. Uma decisão referia-se a Crosslyn Rise. O projeto progredia, e logo chegariam os caminhões, tratores e rolos compressores. Assim que comesçassem a trabalhar nos terrenos, não haveria como voltar atrás.

A outra tinha a ver com Cárter. Ele não esperaria muito tempo mais. Já fora muito

paciente e compreensivo, não voltando a mencionar casamento, mas era óbvio que estava frustrado. Quando agosto chegou, e ficou evidente que não haveria nenhuma lua-de-mel, ele planejou uma viagem de férias assim mesmo, levando-a para passar uma semana em Florida Keys.

— Viu?! Passamos uma semana inteira juntos, dia e noite, e ainda amo você — ele provocou, quando voltaram.

No fim de setembro, comentou que fazia cinco meses que namoravam, e que o relacionamento continuava forte. Jéssica não precisava que ninguém lhe dissesse aquilo. Sua vida gravitava ao redor de Cárter. Ele era a primeira pessoa

Em quem ela pensava pela manhã, quando acordava, a última em quem pensava antes de dormir. Embora, às vezes, Jéssica ralhasse consigo mesma por estar tão apegada a Cárter, por depender tanto dele, não podia agir de modo diferente, principalmente porque o início da transformação de Crosslyn Rise aproximava-se rapidamente. Era um tempo de fragilidade emocional para ela, e Cárter representava uma rocha em que se apoiar.

A mais sólida das rochas, porém, tem seu ponto fraco, e o ponto fraco de Cárter era Jéssica. Ele a adorava, não podia imaginar a vida sem sua companhia, mas o fato de ela não querer casar-se com ele, de nem mesmo dizer que o amava, estava minando sua autoconfiança e, conseqüentemente, sua paciência. Quando estavam juntos, ele se sentia ótimo. Amava Jéssica, ela o amava, não havia motivo para estragar momentos tão felizes com reclamações. Mas quando se via sozinho, ele se irritava, refletindo que estava cansado de esperar. Afinal, tudo tinha limite.

Esses eram os pensamentos que ele vinha tentando inutilmente apagar, enquanto dirigia o carro no caminho para Crosslyn Rise, no fim da tarde da última quarta-feira de setembro. Jéssica prometera fazer o jantar, quando o levara para Boston, naquela manhã, e fora a última vez que os dois haviam se falado. O que o aborrecia demais era o fato de ela nunca lhe telefonar, o que deveria fazer de vez em quando, mas era sempre ele quem ligava. Como Jéssica não dizia que o amava, pelo menos podia deixar isso evidente de outras maneiras. Um telefonema bastaria para deixá-lo contente.

Mas ela, como sempre, não telefonara. E quando ele chegou a Crosslyn Rise e entrou pela cozinha, não viu nenhuma panela no fogão. Não havia nenhum cheiro de comida flutuando no ar, e Jéssica não estava lá.

— Jéssica? — ele chamou em tom normal, então repetiu alto: — Jéssica!

Saía da cozinha, quando ouviu-a responder:

— Estou indo.

Cárter percebeu que ela estava no andar de cima, no

quarto principal, onde ficava a enorme cama de casal que os dois haviam começado a usar depois que ele passara a dormir em Crosslyn Rise. Sorriu, aliviado. Chegara adiantado, e Jéssica gostava de tomar banho, trocar de roupa e pentear-se para recebê-lo. Ela com certeza ainda não acabara de se arrumar. Ele subiria e a ajudaria. Ajudaria até no preparo do jantar.

Só de pensar em estar com ela, em abraçá-la e beijá-la, esqueceu as desagradáveis reflexões e a frustração que o haviam acompanhado durante a viagem. Talvez até fizessem amor. Ele nunca se cansava disso, não meramente pelo prazer físico, mas porque, nesses momentos, ele sentia que Jéssica o amava. Ela ganhava vida em seus braços, mostrava uma faceta de si mesma que ninguém mais no mundo conhecia. Nenhuma mulher reagia daquela forma, entregando-se

por inteiro, se não estivesse apaixonada.

Subindo a escada rapidamente, Cárter ainda não chegara ao topo quando viu-a aparecer no patamar. Bastou ver-lhe o rosto para ele saber que algo não ia bem. Jéssica estava bem penteada e até aplicara uma leve maquilagem, mas nem o blush escondia a palidez de suas faces.

— O que aconteceu? — ele perguntou, estacando por um momento, antes de continuar a subir.

— Estamos com um problema — ela respondeu com voz estranha, quando ele parou a seu lado.

— Que tipo de problema?

— Com Crosslyn Rise. Com a construção. Cárter suspirou, aliviado.

— Com isso eu posso lidar. Não poderia, se o problema fosse comigo e com você. — Puxou-a para si. — Venha cá, meu bem. Preciso de um abraço. — Envolvendo-a nos braços, apertou-a contra o corpo durante longos momentos. Depois, afastou-a ligeiramente e beijou-a nos lábios. Foi a vez de Jéssica agarrar-se a ele. Abraçou-o pelo pescoço, trêmula, enterrando o rosto em seu peito. Havia uma espécie de desespero nessa atitude, que deixou-o um pouco nervoso. — Ei, não pode ser tão ruim assim — ele murmurou com uma risadinha, segurando-a com firmeza.

— É, sim. A comissão de zoneamento da cidade não quer nos dar a licença. Disseram que nossos planos não estão de acordo com os regulamentos.

Pondo as mãos nos ombros dela, Cárter afastou-a para encará-la.

— O quê?

— Não darão a licença.

— Mas por quê? Não há nada de anormal no que pretendemos fazer. Obedecemos todas as regras, tiramos toda a documentação necessária. A que eles estão se pegando?

— Ao número de casas... ao espaço que ocuparão. — Jéssica ergueu a mão num gesto de desespero. — Não sei direito. Não consegui entender o que diziam. Quando telefonaram, eu só conseguia pensar que o projeto corre perigo, logo agora, que estamos com tudo pronto para o início das obras.

— Isso só nos dará um pouco mais de trabalho, mais nada. O projeto não corre perigo — ele assegurou. — Com quem você falou?

— Com Elizabeth Abbott. Presidente da comissão de zoneamento.

— Conheço Elizabeth Abbott. É uma pessoa razoável.

— Não me pareceu. Ela me informou que a decisão foi tomada na reunião da manhã de hoje e que podemos apelar, mas sugeriu que retirássemos as máquinas. Disse que não vê a possibilidade de podermos iniciar as obras antes da próxima primavera. — Jéssica ergueu os olhos angustiados para Cárter. — Sabe o que um atraso desses significa? Não posso agüentar todo esse tempo. Com o dinheiro que tenho, mal poderei manter Crosslyn Rise através de outro inverno. Já estou até o pescoço de dívidas com o banco. O atraso talvez não incomode pessoas como Nolan, Heavey e Gould, talvez não prejudique você, mas para mim e outras pessoas... será o fim!

— Acalme-se, querida. Vamos dar um jeito nisso.

— A mulher foi categórica.

Cárter sentou-se no último degrau da escadaria, puxando Jéssica, fazendo-a acomodar-se a seu lado.

— Cidades pequenas não costumam ser tão rígidas com cidadãos, principalmente com os mais importantes.

— Não sou importante.

— Crosslyn Rise é a maior propriedade do município.

— Talvez seja por isso que estão sendo tão exigentes —. Jéssica observou. — Eles querem saber quem virá morar aqui e quando.

Cárter abanou a cabeça.

— Nem a mais esnobe das cidades faz coisas desse tipo. Algo nessa história não cheira bem.

Jéssica prendeu a respiração, tomada por um súbito pensamento. Olhou para Cárter, mas seu ar carrancudo não revelou nada do que lhe passava pela mente.

— Elizabeth Abbott! — ela exclamou, incapaz de esperar mais tempo. — Percebi, pela voz dela, que aquela mulher está por trás de tudo isso.

Ele a olhou, pensativo.

— Você a conhece bem?

— Não. Só a cumprimento, quando nos encontramos na rua. Nunca tivemos nada em comum. Não estou dizendo que ela está deliberadamente sabotando nosso projeto, mas ficou óbvio que é contra o que estamos fazendo. Parecia maldosamente satisfeita, ao falar comigo, e não se mostrou disposta a sequer levar nossos argumentos em consideração. Eles poderiam fazer uma reunião especial, Cárter. Custaria muito, três pessoas reunirem-se durante uma hora? Quando sugeri isso, ela disse que estava fora de cogitação, mas que podemos entrar com uma apelação, que será discutida na próxima reunião, marcada para fevereiro. Não podemos esperar tanto tempo, Cárter! — exclamou Jéssica, quase gritando. — Não podemos! Vá falar com Elizabeth. Ela não quis me ouvir, mas ouvirá você.

— Por que diz isso? — ele perguntou, olhando-a depressa.

— Porque vocês tiveram um caso. Ela me contou.

O rosto dele assumiu uma expressão ainda mais sombria.

— Contou também que isso aconteceu há sete anos atrás, quando eu ainda morava em Nova York, e que o "caso" durou apenas uma noite?

— Vá falar com ela. Talvez consiga abrandá-la.

— Uma noite só, Jéssica, e sabe por quê? — Os olhos dele cravaram-se nos dela, implacáveis. — Porque era algo que eu tinha de fazer, algo que precisava eliminar de dentro de mim, nada mais que isso. Elizabeth e eu fomos colegas de classe, na adolescência. Ela testemunhou algumas de minhas mais estúpidas façanhas. Muito mais do que você, de certa maneira, na minha mente ela era sinónimo das coisas estabelecidas por aqui. Então, quando me procurou naquela noite, numa recepção em um dos grandes hotéis de Nova York, não me lembro qual, senti a súbita necessidade de provar a mim mesmo que vencera. Então, levei-a para a cama. Foi algo totalmente insatisfatório. Nunca mais a vi em Nova York, nem aqui, desde que me mudei para cá.

O coração de Jéssica ora apertava-se dolorosamente, ora batia desatinado. Ela acreditava no que Cárter lhe dizia, a verdade brilhava em seus olhos, mas ainda estava disposta a insistir.

— Mas ela gostaria de ver você novamente — comentou. — Percebi isso. Talvez, se você lhe telefonasse...

— Vou telefonar para outro membro da comissão.

— Elizabeth é a presidente, os outros só fazem o que ela quer. Fale com ela Cárter, convença essa mulher a nos ajudar.

Ele começava a sentir-se constrangido. Encostando-se num balaústre para colocar um pouco mais de espaço entre eles, olhou para Jéssica com ar desconfiado.

— O que sugere que eu faça para conseguir convencê-la? Ela pensara em várias possibilidades durante boa parte da tarde e escolheu a que lhe pareceu mais eficiente, embora a achasse desagradável.

— Sorria para ela, fale com delicadeza, leve-a para jantar, se for necessário.

— Não quero levá-la para jantar.

— Você leva seus clientes.

— Não. Meus clientes é que me levam.

— Faça uma exceção, desta vez. Jantem juntos, tomem vinho. Ela fará o que você lhe pedir, Cárter.

— Tudo bem. Nós dois jantaremos com ela.

— Você não entendeu o que eu quero dizer! — Jéssica exclamou em tom agudo.

— Entendi, sim — ele replicou devagar, sentindo-se gelado por dentro. — O que você quer dizer, corrija-me, se eu estiver errado, é que devo fazer qualquer coisa para conseguir a licença da comissão, qualquer coisa, até mesmo levar Elizabeth Abbott para a cama, se for preciso. Estou certo?

Seu olhar duro impediu-a de responder.

— Estou certo, Jéssica? — ele repetiu.

— Está — ela murmurou.

— Não acredito! — ele exclamou baixinho. — Como pode me pedir para fazer uma coisa dessas?

— Talvez seja a única maneira de darmos prosseguimento ao projeto.

— É só com isso que você se importa? Com o projeto? Com Crosslyn Rise?

— Claro que não!

— Quase me enganou, Jéssica. Mas não chego a me admirar. Você não diz que me ama, não aceita casar-se comigo, e agora me aparece com esse plano idiota.

— Não é um plano idiota. Daria certo. Todos sabem que Elizabeth Abbot faz coisas desse tipo.

— Mas eu não faço. Não vou me rebaixar a esse ponto. Não sou nenhum gigolô nojento. — Levantando-se, desceu três degraus e parou, virando-se para encará-la. — Eu te amo, Jéssica. Disse isso centenas de vezes, e não é mentira. Amo você. Significa que é você que eu quero, não Elizabeth Abbott.

Jéssica engoliu em seco, perturbada.

— Mas você dormiu com ela uma vez e...

— E foi um erro. Eu já sabia disso naquele tempo, agora tenho certeza absoluta. Não vou chegar ao ponto de dizer que Elizabeth está amarrando o projeto por minha causa, porque, mesmo nas vezes em que me telefonou, querendo me ver, e eu me recusei, ela nunca perdeu a classe. Não acho que seja uma pessoa vingativa. Seja como for, não vou dormir com ela. — Agitado, Cárter passou a mão nos cabelos. — Como pode me pedir uma coisa dessas, Jéssica? — indagou com raiva e mágoa. — Não significa nada para você?

Ela estava tão atônita com as emoções que devastavam o rosto dele, que ficou alguns instantes sem poder falar.

— Você sabe que significa — murmurou por fim. Cáter, porém, abanou a cabeça.

— Acho que estive me enganando. O respeito faz parte do amor, e se você me respeitasse pelo que sou, não me pediria o que pediu. — Passou novamente a mão nos cabelos, parando-a no alto da cabeça, como se, mergulhado em pensamentos, não tivesse controle sobre os gestos. — Pensou, realmente, que eu a atenderia? Que tentaria seduzir aquela mulher? Achou que eu ia me sujeitar a isso? — Praguejou baixinho, tirando a mão da cabeça e deixando-a pender ao longo do corpo. — De fato, eu estive me enganando. E como!

Jéssica nunca o vira com aquele ar de derrota que ele agora exibia no rosto. Nem de longe Cáter lembrava o rapaz que fora um dia, vingativo, arrogante e revoltado. Ela sabia que ele mudara, mas até então não conhecera a total extensão dessa mudança. Ainda perplexa, notou que havia lágrimas nos olhos dele. Levou um punho fechado à boca, angustiada.

— Eu faria quase que qualquer coisa por você, Jéssica — ele disse em tom estrangulado. — Então, que Deus me ajude, se você me pedir para deitar nos trilhos do trem, quando o ouvir apitar, aproximando-se. É provável que eu faça sua vontade. Mas me vender... Não, isso eu não faço.

Desviou os olhos dos dela, virou-se e começou a descer a escada.

— Cáter! — ela murmurou de encontro aos nós dos dedos. Tirou a mão da boca, quando ele não parou. — Cáter!

Ele nem sequer virou-se. Chegou ao pé da escada e caminhou para a porta. Jéssica levantou-se e tornou a chamá-lo, começando a descer os degraus. Viu-o abrir a porta e sair. Correu escada abaixo, repetindo o nome dele freneticamente, mas quando chegou à porta, ele já caminhava para o carro.

— Cáter! — gritou. — Cáter! — Sabia que o estava Perdendo. — Cáter, espere! — Ele já abria a porta do carro. Cáter, pare! — Era a luz de sua vida abandonando-a. Em pânico, ela gritou o mais alto que pôde: — Cáter!

Aquele grito angustiado, tão inesperado, partindo dela, fez com que ele parasse e se virasse para olhá-la.

Seu rosto contorcido pelo sofrimento chocou-a, quase deixando-a imobilizada. Mas Jéssica precisava segurá-lo, abraçá-lo, dizer-lhe tudo o que ele significava para ela. Forçando-se a mover as pernas, correu na direção do carro.

Parando na frente de Cáter, ergueu a mão para tocar-lhe o rosto, hesitou, mas ganhou coragem e afagou-o na face. Levada Pelo desejo de segurá-lo, deslizou a mão para trás da cabeça dele, pousando-a na nuca.

Desculpe-me — pediu em tom quase inaudível. — Desculpe-me. — Ergueu a outra mão, espalmando-a no peito largo. Apertando-se contra ele, gemeu: — Desculpe-me, Cáter. Me perdoe. Eu te amo tanto!

Ele ficou imóvel por um longo minuto, antes de lentamente erguer as mãos e segurá-la pelos quadris.

O quê? — perguntou com voz rouca.

Eu te amo. Eu te amo, Cáter.

passou-se outro minuto, antes que ele, suspirando, a abraçasse apertando-a contra o

peito.

Incapaz de conter-se, ela começou a chorar.

Foi uma i-idéia es-estúpida. Um insul-sulto a você — gaguejou entre lágrimas. — Mas alguma coi-coisa aconteceu den-dentro de mim, quando ela disse que teve um caso com você. A-acho que eu queria saber o que acon-aconteceria. ela é muito atraente, e eu... eu amo tanto você. Não sei o que fa-faria se me deixasse.

Você estava me afastando — ele ponderou, enterrando o rosto nos cabelos dela.

— Eu não sabia o que fazer.

Devia ter me telefonado imediatamente. — Cárter apertou o abraço, quase como se quisesse puni-la. — Tem de haver uma solução, Jéssica. Sempre há. Mas você não pode perder de vista as prioridades. E nós somos a prioridade principal-

Agora ela compreendia isso. Por mais tempo que vivesse, jamais esqueceria que vira Cárter Malloy, aquele que fora tão mau, com lágrimas nos olhos. Lágrimas de dor, causadas por ela. Lágrimas humildes, que a haviam chocado, que nunca mais deviam toldar os olhos dele.

Ficando na ponta dos pés, abraçou-o pelo pescoço, murmurando sem parar que o amava, até que ele tomou-lhe o rosto entre as mãos, olhando-a nos olhos.

— O que você quer, Jéssica? — perguntou baixinho, enxugando com os polegares as lágrimas que escorriam por baixo dos óculos dela. — Diga o que quer.

— Quero você. Só você.

— Há outra coisa. O que você quer?

Jéssica sabia que ele precisava ouvir certas palavras e, embora isso representasse a queda de suas últimas defesas, estava preparada para dizê-las.

— Quero me casar com você. Quero usar seu nome, seu carro e seus cartões de crédito. Quero ter seus filhos.

Cárter simplesmente continuou olhando-a, como se não tivesse certeza de que podia acreditar no que ouvia.

— Eu estou sendo sincera — ela continuou. — Acho que é tudo isso que eu quero, desde que fizemos amor pela primeira vez. Mas tive tanto medo... Você é muito melhor do que eu.

— Não, não sou.

— É, sim. Fez muito mais coisas, subiu muito mais na vida, e isso o deixa muito mais interessante. Queria e quero me casar com você. Mas tinha medo, pensando que, se nos casássemos, e um dia você me deixasse, eu morreria. Eu te amo demais.

— Nunca vou querer deixá-la.

— Eu só soube disso agora.

— Agora? Faz semanas que digo a mesma coisa.

— Mas eu não sabia. — Fechando os olhos, ela murmurou: — Oh, Cárter, não quero perdê-lo. Nunca.

— Então, case-se comigo. É o primeiro modo de amarrar um homem.

Jéssica abriu os olhos.

— Vou casar com você.

— E vai me dar filhos. Este é o segundo modo de amarrar um homem.

— Teremos filhos.

— Não deixará de lecionar, porque tenho orgulho de seu trabalho.

— Tem? — ela perguntou com um sorriso hesitante.

— Muito — ele afirmou, esmagando-a contra o corpo. — Sempre tive. E sempre me orgulharei de você, seja como professora, mãe de meus filhos, minha esposa ou minha amante.

Jéssica sorriu, sentindo-se leve e feliz como jamais se sentira.

— Amo você — repetiu.

— Então, confie em mim. — pegando-a pelos ombros, Cárter afastou-a um passo, olhando-a com severidade. — Acredite, quando digo que amo você. Não quero outras mulheres. Nunca quis nenhuma mulher como quero você. Nunca pedi a outra mulher que se casasse comigo, mas pedi a você, não sei quantas vezes. Escolhi você. Quero me casar com você.

— Entendi — ela afirmou, sentindo-se um pouco envergonhada, mas também deleitada.

— Também entendeu o que eu disse sobre prioridades? Crosslyn Rise é linda, antiga, imponente e histórica. Estou investindo muito tempo nela, e dinheiro também, mas se tivesse de escolher entre a propriedade e você, não hesitaria um segundo. Voltaria as costas ao tempo, ao dinheiro, a Crosslyn Rise, para ficar com você. E faria isso sem um pinga de tristeza. Portanto, não quero que fique se preocupando com a comissão de zoneamento. Falaremos com Gordon, Gideon e os outros. Vamos sair dessa, mas tudo isso é secundário. Entendeu?

— Entendi — ela tornou a afirmar.

E estava dizendo a verdade. Naqueles horríveis momentos em que vira as lágrimas de Cárter, em que o vira afastar-se, ela percebera como sua vida seria completamente vazia sem ele. Nem pensara em Crosslyn Rise. Sua propriedade estava em perigo, sim, mas ela podia lidar com isso. Com Cárter a seu lado, podia lidar com qualquer situação.

O Sonho Continua (The Dream Unolds)

CAPÍTULO I

Naquele fim de tarde de setembro, três homens, com o propósito de cumprir uma missão, desceram de seus carros, bateram as portas em rápida sucessão e caminharam a passos largos pela alameda de tijolos em direção à porta da casa de Elizabeth Abbott. Gordon Hale tocou a campainha. Ficara decidido, na reunião feita no banco, que ele falaria primeiro. Era o membro mais velho do grupo, o que organizara o consórcio de Crosslyn Rise, o que representava a menor ameaça a Elizabeth.

Cárter Malloy representava uma grande ameaça porque era um arquiteto brilhante, uma estrela que subia no cenário de sua cidade natal, com um projeto em andamento que traria muito dinheiro ao município. Mas a ameaça não parava aí. Ele conhecera Elizabeth Abbott na adolescência, quando fora a ovelha negra do rebanho. Depois, como adulto decente, cometera o erro de dormir com ela. Jurava que acontecera apenas uma vez, muitos anos antes, a despeito do contínuo interesse de Elizabeth. Mas agora estava prestes a casar-se com Jéssica Crosslyn, e isso dava a Elizabeth um instrumento para sua vingança. Como presidente da comissão de zoneamento, ela estava negando a licença necessária para o início das obras em Crosslyn Rise.

Gideon Lowe, o construtor contratado para desenvolver o Projeto, tinha muito interesse no sucesso do empreendimento. Para começar, a conversão de uma única mansão n meio de muitos acres de terra em um condomínio prometia

ser o projeto mais desafiador em que ele já trabalhara. Além disso, seria sua obra mais visível, e um trabalho bemfeito seria como uma estrela de ouro em seu currículo. Mas havia outra razão pela qual ele desejava que o projeto tivesse sucesso. Era um dos investidores. Pela primeira vez, seu dinheiro estava em jogo. Muito dinheiro. Ele sabia que estava entrando numa aventura, apostando tanto de suas economias, mas se tudo corresse bem, ele poderia estabelecer-se como homem de negócios, um homem inteligente, além de vigoroso. Era isso o que ele queria: uma mudança de imagem. E fora por isso que se permitira trocar o prazer de tomar uma cerveja com os amigos depois do trabalho, para acompanhar Gordon e Cárter naquela missão. Foi um mordomo que abriu a porta.

— Pois não?

Gordon empertigou-se o mais que pôde, tentando aumentar sua estatura de um metro e sessenta.

— Sou Gordon Hale — apresentou-se. — Estes cavalheiros são Cárter Malloy e Gideon Lowe. Viemos falar com a srta. Abbott. Acredito que ela esteja nos esperando.

— Sim, senhor, ela está — o mordomo respondeu, recuando e fazendo um gesto para que os três entrassem. — Venham por aqui, por favor — instruiu, depois de fechar a porta atrás deles.

Gideon seguiu os dois companheiros através do vestíbulo e da sala de estar, até a sala de

visitas, o tempo todo segurando-se para não rir ou fazer algum comentário grosseiro. Detestava a pretensão. Também detestava qualquer tipo de formalidade. Mas se prestava a tudo isso, assim como estava acostumado a usar paletó e gravata, quando a situação exigia, como naquele caso. Contudo, só podia sentir desprezo pela mulher que agora levantava-se de uma poltrona com a pose de uma rainha recebendo seus cortesãos.

— Gordon, que prazer em vê-lo! — ela exclamou com um sorriso, enquanto estendia a mão para o banqueiro.

Gordon apertou-lhe a mão.

— O prazer é meu, Elizabeth. — Virou-se, acrescentando com naturalidade: — Acredito que você conhece Cárter.

— Conheço, sim — ela afirmou sem hesitar, e Gideon teve de admirá-la por isso. Para uma mulher que uma vez estivera nua e ardorosa embaixo de Cárter, ela conseguia manter-se friamente calma. — Como está, Cárter?

Ele não estava tão calmo.

— Estaria melhor, se não fosse esse mal-entendido — respondeu precipitadamente.

— Que mal-entendido? — indagou Elizabeth com fingida inocência, então olhou para Gordon. — Penso que tudo ficou bem claro.

O banqueiro pigarreou.

— Ficou, sim, no que se refere ao fato de vocês nos negarem a licença para construções. Mas o motivo não ficou nada claro. Foi por isso que marcamos esta reunião. Mas, antes de começarmos... — Com uma pausa, fez um gesto na direção de Gideon. — Acho que você não conhece Gideon Lowe. Ele é um dos associados do consórcio, além de nosso construtor.

Elizabeth dirigiu a força de seus maquiados olhos azuis para Gideon.

— Gideon Lowe. Será que já ouvi seu nome antes?

— Duvido, madame — o construtor respondeu, apertando a mão fria e dura que ela lhe oferecia. A mulher parecia feita de aço. Ele entendia porque uma vez bastara para Cárter. E não estava interessado nem mesmo em uma única transa com ela, mas pretendia participar daquele jogo. — Tenho trabalhado mais nos municípios do oeste. Sou novo por aqui.

No momento, bastava que ele parecesse um caipira bonzinho. As mulheres gostavam desse tipo. Achavam os caipiras engraçadinhos, até mesmo charmosos, principalmente se fossem altos e bonitos como ele. Gideon tinha o direito de pensar assim a respeito de si mesmo, pois fazia trinta e nove anos que ouvia as pessoas dizerem que ele era bonito.

- Seja bem-vindo, então — ela disse com um sorriso. — como foi que acabou associando-se a estes dois velhacos?

— Essa é uma boa pergunta — Gideon comentou, sorrindo também. — Parece que fui atraído pela promessa de que tudo transcorreria suavemente. Nós, construtores, estamos

acostumados a atrasos, mas isso não significa que gostamos deles. Minhas máquinas e meus homens estão prontos para trabalhar. A senhora é uma mulher muito poderosa, para controlar um grupo de homens desse jeito.

Elizabeth moveu a boca num trejeito que dizia que ela adorara ouvir aquilo.

— Devo dizer que o mérito não é só meu — observou, um pouco afetadamente. — Sou apenas um dos membros da comissão.

— Mas é a presidente — salientou Gordon, apanhando a peteca no ar. — Podemos

sentar, Elizabeth?

Ela se virou para ele com um ar de moderada irritação.

— Fiquem à vontade, embora esta reunião não vá adiantar nada — respondeu. — Já tomamos nossa decisão. Foi por mera cortesia que concordei em receber vocês, mas a próxima reunião de nossa comissão só acontecerá em fevereiro. Expliquei isso a Jéssica.

À menção do nome de Jéssica, Carter ficou tenso.

— O que disse a ela pelo telefone foi suficiente apenas para deixá-la nervosa — comentou em tom ligeiramente agressivo. — Por que não explica tudo novamente a nós, agora?

— Carter quer dizer que ficamos um pouco confusos — Gordon apressou-se em esclarecer. — Até ontem à tarde, tínhamos a impressão de que toda a documentação fora aprovada. Mantive contato direto com Donald Swett, e o tempo todo ele me assegurou que estava tudo certo.

— Donald não devia ter dito isso. Acho que podemos desculpá-lo, porque é seu primeiro ano na comissão, mas não se pode dizer que está tudo certo num processo, até que o último dos documentos tenha sido examinado — Elizabeth desfiou. — No caso do projeto de vocês, temos sérias dúvidas sobre os benefícios que ele pode trazer a nossa comunidade.

— Está brincando? — perguntou Carter.

Gordon ergueu a mão na direção dele, num gesto apaziguador.

— Estudamos ponto por ponto os possíveis efeitos do projeto sobre a comunidade — disse, falando com Elizabeth.

- E relatamos tudo na proposta que enviamos à comissão. Ficou claro que a cidade tem muito a ganhar, e não estou falando apenas da arrecadação de novos impostos.

A cidade também tem muito a perder — ela replicou.

— O quê, por exemplo? — indagou Cárter, um pouco mais educadamente.

— Movimento exagerado na orla marítima. Gordon abanou a cabeça, negando.

— A marina terá extensão limitada e será exclusiva. O preço das vagas para barcos não será tão acessível que atraia multidões.

— O preço desencorajará também os moradores da cidade — Elizabeth argumentou. — E são eles que pagam os impostos ao município.

— Oh, meu Deus! — Cárter resmungou. — Desde quando se preocupa com o povo, Elizabeth? Você nunca se incomodou com nada, nem ninguém. E...

— Cárter... — Gordon interrompeu-o em tom de advertência.

— Subi na hierarquia desta cidade — a mulher informou, olhando irritada para Cárter. — Agora, é meu dever pensar no bem-estar de todos. — Quando viu Cárter sorrir com ceticismo, dirigiu o olhar para Gordon. — Há também a questão de suas lojas e do efeito que terão sobre as já existentes. A cidade deve alguma coisa aos lojistas que têm sido leais a nós durante tantos anos. Como vê, não é uma questão de dinheiro, apenas.

— Essa foi a coisa mais honesta que você disse até agora — Cárter desferiu. — Mas deveria ter dito que a questão não tem nada a ver com dinheiro, ou com movimento exagerado na orla, ou com prejuízo às lojas antigas. Na verdade, tem a ver com você e comigo.

— Acho que estamos nos desviando do assunto — Gordon alertou.

— Esperava alguma coisa diferente? — perguntou Elizabeth com ar de superioridade. — Certas pessoas nunca mudam. Cárter com certeza não mudou. Era arruaceiro na adolescência e é arruaceiro agora. Talvez esta seja uma das restrições que minha comissão...

Cárter bufou, furioso.

— ”Sua” comissão não faz nenhuma restrição — sibilou. — É você quem faz. Arrisco-me a dizer que ”sua” comissão ficou tão surpresa quanto nós, com o súbito indeferimento ao nosso pedido de licença. Encare os fatos, Lizzie. Você está usando a comissão como instrumento de vingança. Gostaria de saber o que os outros membros, ou o povo da cidade diriam, se soubessem que você e eu...

— Cárter! — Gordon rallou em tom severo.

Gideon também viu que as coisas estavam indo longe demais.

— Ora, ora! — exclamou com voz firme, mas branda. — Vamos com calma. — Conhecia Cárter. Sabia que, quando ele se deixava levar por uma paixão, não havia como segurá-lo. Fora assim com Jéssica, a quem cortejara intensamente durante meses, até que ela, por fim, aceitara casar com ele. Fora assim com Crosslyn Rise, onde passara parte da infância. E aparentemente estava sendo assim com Elizabeth Abbott, embora de um modo negativo. Mas Gideon também conhecia gente como Elizabeth. Trabalhara bastante para pessoas como ela para saber que, quanto mais fosse pressionada, mais aquela mulher fincaria os calcanhares no chão, dominada pelo orgulho. Isso não podia acontecer. Eles precisavam da licença para construções. — Acho que devemos deixar as coisas esfriarem — continuou, coçando a cabeça. — Já é tarde. Não sei quanto a vocês, mas trabalhei o dia inteiro e estou cansado. Estamos todos cansados. — Olhou para Elizabeth com ar suplicante. — Não podemos deixar a reunião para amanhã de manhã?

— Recio que para mim não será possível — ela respondeu.

— Também estarei ocupado — Gordon informou.

— Tenho uma reunião em Springfield — Cárter rosnou.

— Então, vamos jantar juntos, agora, e continuar a conversa. Estou morto de fome.

Gordon abanou a cabeça.

— Mary está me esperando para o jantar, e já estou atrasado.

— Também não posso — disse Cárter.

Gideon olhou para Elizabeth.

— Quer jantar comigo, srta. Abbott? — propôs. — Podemos conversar sobre o projeto, porque estou tão por dentro do assunto quanto eles. Além disso, seria tudo mais pacífico. E muito, muito mais agradável. O que me diz?

Podia ver que Elizabeth ficara interessada nele, mas sabia que ela não aceitaria o convite depressa demais. De fato, ela o olhou pensativa por um longo instante, então fitou Gordon e depois Cárter, esse, apenas de relance. Por fim, voltou a olhar para Gideon.

— Digo que seria uma novidade refrescante — respondeu. — Tem razão. Seria tudo mais pacífico. Você me parece um homem sensato. — Olhou para o relógio de ouro em seu pulso.

— Mas temos de ir logo. Tenho um compromisso às nove. Gideon gostou desse aviso por várias razões. Duvidava que Elizabeth realmente tivesse um compromisso, o que diminuía a credibilidade dela consideravelmente, além de fazê-lo sentir-se menos culpado pelo fato de que ia tentar agradá-la com palavras doces, mas fingidas. Além disso, ele poderia escapar. Estava mais do que disposto a jantar e tomar vinho com aquela mulher, pelo bem do projeto, mas não tinha intenção de passar disso. Esperava que, no momento da sobremesa, ela já houvesse feito as

concessões que ele queria.

E foi tudo ainda melhor do que ele esperara. Entre sorrisos sensuais, pequenas informações sobre si mesmo e pausas súbitas, que sugeriam segredos que ele não queria revelar e que a deixavam imensamente curiosa, Gideon conseguira, no fim da refeição, fazê-la concordar que, embora algumas das restrições tivessem fundamento, havia mais prós do que contras na transformação de Crosslyn Rise em condomínio de luxo.

Por um daqueles maravilhosos golpes de sorte, os dois outros membros da comissão e suas esposas estavam jantando no mesmo restaurante, o melhor da cidade. Incapaz de resistir ao impulso de mostrar a Gideon como era grande sua influência, Elizabeth, passando o braço pelo dele, levou-a a mesa dos dois casais, apresentou-o e disse que pensara e decidira conceder a licença para a transformação

de Crosslyn Rise. Os dois outros membros da comissão pareceram ficar satisfeitos. Apertaram a mão de Gideon vigorosamente, deram-lhe as boas-vindas à cidade, e suas esposas dirigiram-lhe sorrisos amáveis. Gideon sorriu para elas com o mesmo charme com que sorriu para Elizabeth. Sabia que seria muito difícil para ela voltar atrás, após ter anunciado sua decisão diante de tantas testemunhas.

Pouco depois, enquanto guiava Elizabeth para a saída do restaurante, orgulhoso de si mesmo pelo modo brilhante como conduzira a situação, Gideon piscou para uma garçonete que olhava com insistência para ele, certamente achando-o bonito.

Na porta da casa de Elizabeth, afirmou que fora um prazer estar em sua companhia.

— Vamos sair novamente, qualquer dia? — ela perguntou.

— Sem a menor dúvida, embora eu ache que não seria muito direito — ele respondeu.

— Não seria? Por quê?

— Devido aos negócios. Sempre haverá alguém para dizer que nossos interesses são conflitantes.

— A mim ninguém dirá isso — Elizabeth declarou. — Faço o que quero.

— Em sua cidade talvez eu esteja protegido das más línguas, mas trabalho por todo o Estado. Não posso esperar que seja meu anjo de guarda em outros lugares.

Ela franziu a testa, aborrecida.

— Está dizendo que não devemos nos ver mais, até que seu trabalho em Crosslyn Rise esteja terminado? Mas isso é ridículo! Pode demorar anos!

— Não, não é isso — ele assegurou em tom gentil e levemente travesso. — Só estou sugerindo que esperemos até que esteja tudo em ordem com a comissão de zoneamento.

A expressão de aborrecimento desapareceu do rosto dela, substituída por um sorriso malicioso.

— Já está tudo em ordem. Pode ir buscar a licença amanhã, por volta de dez horas — Elizabeth informou, segurando-o pelas lapelas do paletó. — Mais algum problema?

Ele exibiu seu sorriso mais lascivo, olhando para os lábios dela.

— Nenhum, madame. Estarei ocupado, no sábado e no domingo, mas estou certo de que poderemos nos ver num outro dia qualquer. Eu telefono. — Olhou para o relógio. — Quase nove. Você terá de correr para não faltar ao outro compromisso. — Com uma piscadela, despediu-se: — Tchau.

— Então, como é essa Elizabeth Abbott? — Johnny McCaffrey perguntou a Gideon na

tarde seguinte.

Encontravam-se no Sully's, aonde iam quase todos os dias, quando Gideon estava em Worcester, sua cidade natal. O Sully's, uma lanchonete durante o dia, transformava-se em bar quando o sol se punha e era o ponto de encontro dos operários que gostavam de molhar a garganta após o trabalho. Gideon crescera com eles, que agora eram seus carpinteiros, pedreiros e pintores, além de companheiros de time, softball no verão, basquete no resto do ano. Eram também seus amigos.

Johnny, o mais íntimo, tornara-se seu amigo quando ambos tinham oito anos e iam roubar maçãs do pomar dos Drattle, na periferia da cidade. Feio como o diabo, Johnny tinha um coração de ouro, o que, no entender de Gideon, explicava o fato de ele haver se casado com uma mulher linda. Era um marido fiel e confiável, mas isso não queria dizer que não gostasse de ter seus momentos de safadeza à custa das experiências de seu maior amigo.

— Ela é incrível — respondeu Gideon, e não estava fazendo um elogio. — Tem tudo o que uma mulher pode desejar: cabelos loiros, olhos azuis, corpo bonito, lindas pernas. Mas, quando abre a boca, despeja um rio de arrogância. E é meio burra. Homem, foi espantoso. Que mulher da idade dela, hoje em dia, não perceberia minha jogada? Eu queria aquela licença e não fui nada sutil. E queria tê-la antes de tocar em Elizabeth. Mas não precisei nem mesmo beijá-la!

— Que droga.

— Não. Ela não me excitou — Gideon informou, tomando Um gole de sua cerveja.

Johnny olhou para dentro de sua própria caneca e viu que estava vazia.

— Você deve estar ficando velho, companheiro. Costumava pegar qualquer coisa, e quanto mais a mulher era pretensiosa, mais você gostava — lembrou, batendo duas vezes a caneca no balcão.

Gideon acomodou-se melhor na banquetela.

— Isso foi antes de eu mesmo me tornar pretensioso — disse com um sorriso. — Não preciso mais do sucesso dos outros. Tenho o meu.

— Cuidado para não começar a acreditar nisso — Johnny arregalou, então pediu ao barman: — Outra cerveja, Jinko.

— Virou-se para Gideon e comentou:

— Encontrei Sara Thayer, hoje. Ela me perguntou como você estava e disse que adoraria receber um telefonema seu.

Gideon fez uma careta.

— Ora, vamos, Johnny. Ela é uma menina.

— Tem vinte e um anos.

— Não brinco com crianças.

— Criança coisa nenhuma. Sara tem tudo no lugar certo. E não vai esperar para sempre.

Sara Thayer era prima da esposa de Johnny. Apaixonara-se por Gideon numa festa de Natal, dois anos antes, e Johnny, que Deus o abençoasse, tornara-se casamenteiro desde então. Sara era uma boa moça, Gideon sabia. Mas era jovem demais, e não só na idade, em certos aspectos.

Naquele momento, a garçonete aproximou-se de Gideon e passou um braço por seus ombros. Ele enlaçou-a pela cintura e puxou-a para si.

— Esta é que é mulher para mim — disse a Johnny. — Firme e madura. Dedicada. E que sabe apreciar as coisas

— Virou-se para a moça. — O que me diz Cookie? Quer dar uma volta de carro comigo?

Enquanto pensava no assunto, Cookie estourou uma bola de chiclete, então plantou um beijo no nariz dele.

— Hoje não, grandão. Vou trabalhar até meia-noite, e a essa hora você estará no terceiro sono. Soube que pegou um trabalho danado de bom.

— Peguei, sim.

— No litoral, não é?

— É.

— Por que faz isso, Gideon Lowe? Quase não vemos você, quando é contratado para trabalhar fora. Vai ficar muito tempo longe, desta vez?

— Mais ou menos. Mas irei para lá de manhã e voltarei à tarde. Não vou desaparecer.

— Acho bom — Cookie resmungou. — Vou enlouquecer, se tiver de ficar olhando para esse sujeito — ergueu o queixo, indicando Johnny —, sentado aí, com todo o peso de suas outras obras nos ombros.

— Ele dá conta do recado — Gideon disse com confiança. Johnny era seu capataz havia muitos anos e nunca o desapontara. — Só precisa ser boazinha com ele, meu bem, para fazê-lo sorrir. Certo, companheiro?

— Certo — Johnny concordou.

Cookie estourou outra bola, à guisa de ponto final.

— Estão com fome, rapazes? Hoje temos um picadinho que está uma delícia. O que acham?

— Dispensou — respondeu Johnny. — Vou para casa daqui a cinco minutos.

Gideon também ia para casa, mas lá não havia nenhuma mulher esperando-o para jantar. Só o que o esperava era uma escrivanhinha coberta de papéis que precisavam de atenção. A idéia de adiar esse trabalho mais um pouco era atraente demais.

— O picadinho está fresco? — indagou.

A garçonete, como resposta, deu-lhe um tapa na cabeça.

— Então, quero um prato — Gideon anunciou, despachando Cookie com um tapa no traseiro. — E rápido.

— Quer dizer que está tudo pronto para vocês começarem, agora que a licença saiu? — Johnny perguntou.

— Tudo pronto. Vamos começar a cavar os alicerces na segunda-feira. Outubro será um mês complicado, se chover, mas pretendo estar com tudo levantado e fechado antes de a neve chegar.

— Acha que vai dar?

Gideon pensou nas plantas complicadas dos grupos de casas do condomínio e no fato de que os operários com quem costumava trabalhar viajariam mais de duas horas por dia, indo para o local da obra e voltando para casa, como ele próprio faria. Considerara a idéia de contratar mão-de-obra local, mas queria trabalhar com seus homens. Eles o conheciam, sabiam o que ele exigia e, em troca, Gideon tinha certeza de que podia confiar no que seus homens produziam. Claro, se o tempo ficasse ruim, ou se encontrassem uma camada rochosa na escavação e tivessem de explodi-la, haveria algum atraso. Mas, agora, com a licença na mão, eles tinham uma chance.

— Não sei se vai dar, mas com certeza vou tentar.

Com Gideon supervisionando toda a operação, caminhões, trailers, escavadeiras e outras máquinas moveram-se o mais cuidadosamente possível sobre o solo virgem de Crosslyn Rise em direção ao lago dos patos, o local onde ergueriam o primeiro conjunto de casas. Depois que as oito unidades estivessem prontas, mais oito seriam construídas no pinheiral, e as oito restantes, na campina. O lago dos patos era o ponto mais charmoso, e Gideon estava satisfeito pelo fato de trabalhar lá primeiro. O conjunto seria um poderoso instrumento de vendas.

Por sorte, Cárter e Gideon tinham preparado o local, escolhendo, medindo e demarcando, muito antes de o equipamento pesado chegar. Embora ambos estivessem determinados a sacrificar o menor número possível de árvores, várias tiveram de ser derrubadas para abrir espaço para as casas. Uma equipe especializada já as cortara e removera, deixando apenas os tocos, que seriam arrancados pelas escavadeiras.

Assim que a camada superior de terra foi retirada e amontoadada em um lado, as escavadeiras iniciaram o verdadeiro trabalho de escavação. Cárter sempre ia lá, às vezes com Jéssica, que, ao ver a terra violada daquela maneira, senti o coração partir-se. Ela confiava plenamente nos planos de Cárter e, graças à convicção dele, passara a confiar também

na habilidade de Gideon de dar forma ao que fora planejado. Mas, mesmo assim, ela nascera e crescera em Crosslyn Rise. O pai dela também. O lago dos patos era apenas um dos locais que ela achava preciosos.

Gideon entendia os sentimentos de Jéssica. Desde a primeira vez em que percorrera aquelas terras, ele fora capaz de ver sua rara beleza. Mas, envolvido no trabalho, tinha muito em que pensar, de modo que era fácil controlar o sentimentalismo. Ao contrário de Jéssica, ele se sentia mais animado à medida que as valetas aumentavam. Havia camadas de rocha que podiam ser removidas sem necessidade de usar explosivos e havia outras que não podiam, mas contornavam esse problema mudando ligeiramente o lugar das casas ou deixando um pequeno trecho do alicerce um pouco mais raso. Pelo menos não haviam encontrado água, que era o que Gideon temera. Pelos testes feitos no local, não encontrariam, mas ele sabia que de vez em quando os testes falhavam. Estavam com sorte, porque os alicerces poderiam ter a profundidade planejada originalmente, e isso significava menor necessidade de nivelamento posterior e um resultado estético muito mais agradável.

Então, justamente quando tudo ia indo tão bem, quando iam despejar o cimento nas valetas, a chuva chegou. Durou apenas três dias, começando na segunda-feira e acabando na quinta, mas foi tão forte, que só no início da semana seguinte foi que Gideon considerou as valetas bastante secas para receberem o cimento dos alicerces. Ele não teria se importado com o atraso, pois havia muita coisa para ser feita e outras obras onde seus homens trabalhavam, se não fossem os telefonemas de Elizabeth Abbott.

— Ela quer se encontrar comigo — Gideon disse a Gordon no sábado, durante a festa de casamento de Jéssica e Cárter.

Levara o banqueiro para um canto da enorme sala de estar de Crosslyn Rise, enquanto tomavam champanhe, uma bebida de que ele gostava muito. Do que não gostava, porém, era de usar smoking, porque se sentia amarrado, mas Jéssica

insistira. Ela queria um casamento elegante, e Cárter apaixonado como estava, apoiara a noiva em tudo. Quando Gideon se casasse, se isso acontecesse um dia, usaria jeans. Naquele

momento, no entanto, a roupa desconfortável era a menor de suas preocupações. O que o preocupava era Elizabeth Abbott.

— Já me recusei três vezes, mas ela continua ligando —. reclamou. — Aquela mulher é muito teimosa, ou está desesperada. Não percebe que está me amolando.

— Talvez você tenha de ser mais duro — Gordon sugeriu. Apertava os lábios de um jeito, que levou Gideon a acreditar que ele estava achando graça na situação.

Gideon, porém, não achava graça nenhuma. Sentia-se um pouco culpado pela maneira como agira, dando idéias erradas a Elizabeth. Certo, conseguira a licença, deixando felizes não apenas os oito associados do consórcio, mas também os operários designados para a obra. Só que nenhum deles estava recebendo telefonemas sugestivos.

— Claro, posso ser mais duro — concordou. — A questão é saber se há mais alguma coisa que ela possa fazer para nos atrasar daqui por diante. É uma mulher perigosa. Já nos mostrou isso. Não quero fazer nem dizer nada que coloque o projeto em perigo.

Gordon pareceu aceitar essas considerações com mais seriedade. Ficou refletindo, enquanto observava Cárter guiar Jéssica numa valsa graciosa, tocada por um quarteto de cordas.

— Elizabeth não pode fazer muita coisa, agora — disse por fim. — Temos todas as licenças necessárias para o prosseguimento do projeto. Ela até pode pensar em cancelar uma delas, mas não acredito que ouse pôr a idéia em prática. Não, depois de ter negado a licença da comissão de zoneamento e repentinamente voltado atrás. Não creio que ela deseje que a cidade toda saiba que daquela vez a vingança foi contra Cárter e que agora é contra você.

— Contra mim? Não sei por quê. Não dormi com ela. Não saí com ela depois daquele jantar, e assim mesmo foi um encontro de negócios.

— Parece que não totalmente — observou Gordon em tom seco.

— Foi um encontro de negócios, sim. Só insinuei algumas outras coisas. — Gideon fixara o olhar em Cárter e Jéssica, que deslizavam suavemente, girando e girando no ritmo da valsa. — Onde, diabos, Cárter aprendeu a fazer aquilo? Ele nasceu no mesmo lado da cerca que eu. As vezes penso que deve ter tido aulas de dança.

Gordon riu.

— Com certeza.

— Os dois parecem felizes — Gideon comentou, ainda olhando os noivos.

— Concordo.

— Cárter é um sujeito de sorte. Ela é um doce.

— Pode apostar.

— Ela tem irmãs?

— Não tem. Lamento. Gideon suspirou.

— Então vou ver se consigo convencer aquela belezinha ruiva de vestido brilhante a sacudir os ossos comigo. Eu me sacudo bem, sabia?

Tomou um longo gole de champanhe, introduziu um dedo sob o colarinho da camisa, para aliviar o aperto, colocou a taça na bandeja que um garçom apresentou-lhe, pigarreou e afastou-se de Gordon.

A belezinha ruiva de vestido brilhante era uma professora da Harvard, colega de Jéssica. Ela "sacudi os ossos" com Gideon muitas vezes naquela noite. Tinha um fogo que ele jamais poderia esperar encontrar numa professora de história da Rússia. Também tinha uma tendência a pregar sermões, e quando ela começava a falar, ele se sentia novamente com dezessete anos de

idade, pendurado por um fio, tentando desesperadamente conseguir o diploma do colegial apenas para poder fazer, em tempo integral, aquilo de que realmente gostava: trabalhar em construções.

Por isso, ele deixou que o efêmero relacionamento com

a professora tivesse morte natural. Mas não estava sendo tão fácil livrar-se de Elizabeth Abbott. Na primeira vez em que ela ligou, depois do casamento de Cáster e Jéssica, convidando Gideon para sair, ele deu a desculpa de que combinara um encontro com outra mulher. Na segunda, disse que continuava a sair com essa mesma pessoa, e que o envolvimento estava ficando sério. Na terceira, alegou que não poderia envolver-se com outra mulher até que soubesse no que daria o relacionamento com a primeira.

— Não estou dizendo que vamos namorar. Você pode vir a minha casa uma noite, e deixaremos a natureza seguir seu curso — Elizabeth teve o descaramento de propor, ronronando sensualmente.

Gideon conseguiu forçar uma risada.

— Não sei, não, Elizabeth. A natureza não tem me tratado muito bem ultimamente. Primeiro foi a chuva, e agora uma geada prematura. Acho melhor não dar chance ao azar.

— Sabe de uma coisa, Gideon? — ela replicou, não mais ronronando, mas em tom de impaciência. — Essa coisa toda está começando a cheirar mal. Você esteve me enganando esse tempo todo?

Ele refletiu que finalmente ela entendera. Por sorte, tinha uma resposta preparada.

— Não. Gostei mesmo de nosso jantar naquela noite. Você é uma mulher bonita e sexy. É que fui loucamente apaixonado por Marie durante anos, até que ela me deixou e se casou com outro. Agora ela está se divorciando. Eu tinha certeza de que não existia mais nada entre nós, mas me enganei. Ainda existe. Se você quiser, poderá sair conosco, uma noite, ou, se preferir, iremos a sua casa, mas acho que não seria justo. Você merece mais do que apenas a metade do coração de um homem.

”Metade do coração de um homem”, Gideon repetiu para si mesmo. ”Essa foi boa, malandro.”

— Se o casamento dela acabou em divórcio, essa mulher é uma fracassada — Elizabeth criticou, nada abalada. —” Uma mulher fraca. Está arrumando encrenca, Gideon.

— Pode ser — ele concedeu, cauteloso, para o caso de um dia Elizabeth perceber que não havia ninguém na vida dele. — Mas preciso tentar. Se não fizer isso, vou me atormentar para sempre. Quero saber, de uma vez por todas, se ela e eu temos chance.

Elizabeth aceitou sua decisão, mas não totalmente. Continuou a ligar todas as semanas, para perguntar como ia indo seu namoro com Marie. Gideon não era mentiroso por natureza e detestava ter de mentir daquele jeito, mas ela não lhe deixava outra alternativa. De vez em quando achava que estava usando a tática errada, que devia ir à casa dela e mostrar-se o pior amante do mundo. Mas não podia fazer isso. Não podia humilhar-se tanto. Também, apesar de tudo, não queria humilhar Elizabeth.

Assim, ela continuou a ligar. E ele continuou a mentir, o tempo todo amaldiçoando-se por isso, amaldiçoando Cáster e Gordon, que o haviam posto naquela enrascada, amaldiçoando Elizabeth por ser tão insistente. Sentia-se amarrado, sem saber no que aquilo ia dar.

Então, um dia, no pior momento possível, ela apareceu no local da construção. Pelo menos ele achou que era ela. Cabelos loiros, traje elegante, corpo bem-feito, longas pernas. Mas

chovera na noite anterior, e o ar estava carregado de neblina, de modo que, com a visão dificultada, ele não podia ter certeza.

De pé num andaime, no interior do andar superior de uma das casas, ele ajudava sua equipe a fixar uma pesada peça de madeira, quando um vulto cor de creme emergiu da bruma.

— Deus, o que é aquilo? — um dos homens cochichou, distraindo a atenção de um companheiro.

Essa pequena distração foi suficiente para que o homem deixasse o caibro escorregar, fugindo do alinhamento.

— Calma — Gideon gritou, tentando firmar a peça. Cal-ma. Mas o caibro desequilibrara-se e, um instante depois, escorregava por cima da parede e caía lá embaixo, no chão.

Praguejando, furioso, Gideon olhou para baixo para ver Se nenhum de seus homens caíra com a peça ou fora atingido Por ela. Depois, fixou o olhar na mulher que fora responsável Pelo incidente.

CAPÍTULO II

Girando nos calcanhares, Gideon saltou do andaime e desceu pela escadaria ainda sem acabamento até o térreo, correndo para fora. Então viu a mulher de pé, no meio dos patos que se agitavam, grasnando assustados. Elizabeth Abbott estava sendo bastante inconveniente desde a noite do jantar, várias semanas atrás, mas nunca se atrevera a ir perturbá-lo em seu local de trabalho. Até agora. E ele estava decidido a impedi-la de fazê-lo novamente.

Só que, quando ficou frente a frente com ela, descobriu que não era Elizabeth. Sua raiva, porém, não se evaporou com essa descoberta. Fosse quem fosse aquela mulher, ela estava num lugar onde não devia estar.

— O que pensa que está fazendo, aparecendo assim de repente, como um fantasma? — ele gritou, com fúria na voz e plantando as mãos nos quadris. Perturbados, os patos grasnaram ainda mais alto. — Caso não tenha visto a placa lá na frente, isto aqui é uma propriedade particular. Isso significa que não pode ser invadida. — Apontou para o caibro no chão. — Olhe o que você fez! Atrapalhou nosso serviço. e estamos tentando acabar o madeiramento antes que a chuva recomece. Sem falar que poderia ter acontecido coisa muito pior. Você poderia ter morrido, madame. Eu poderia ter morrido. Um de meus homens poderia ter morrido. Isto aqui não é nenhuma atração turística!

Ele não parou de falar por falta de fôlego. Gostaria de continuar ralhando por muito mais tempo, mas alguma coisa na aparência da mulher o fez parar.

De fato, ela era meio parecida com Elizabeth. Tinha cabelos loiros, presos num coque apertado, olhos azuis e pele clara. E, de certa maneira estava vestida como ele imaginava que Elizabeth se vestiria para ir lá. A loira a sua frente usava uma longa saia pregueada, estola ao redor do pescoço e um casaco que parecia parte de um uniforme de beisebol, e botas, tudo bege. Usava também brincos no formato de botões grandes, que tanto poderiam ser de marfim como

de plástico. Gideon não sabia distinguir coisas assim, nem em seus melhores momentos, e aquele era péssimo. Ele ainda estava abalado com o que acontecera. E, pelo jeito como a estranha o encarava, com os olhos muito abertos, as mãos escondidas nos bolsos do casaco, forçando-os para baixo numa atitude de tensão, ela também não se recuperara ainda.

— Não sou turista — ela informou baixinho. — Conheço a dona de Crosslyn Rise.

— Bem, se acha que vai encontrá-la aqui, no meio de árvores molhadas de chuva, digolhe que não vai. Ela está trabalhando. Se fosse realmente amiga dela, saberia disso.

— Eu sei. Mas não vim para falar com Jéssica. Vim ver o que estão fazendo aqui. Ela sugeriu que eu viesse, me deu permissão.

Se havia uma coisa que Gideon detestava era gente que não se alterava quando ele estava prestes a explodir. E aquela mulher, apesar de assustada, não perdera a compostura.

— Bem, ela devia ter me avisado — ele rosnou. — Sou o responsável pela obra, tenho de saber das coisas. Se sei que vamos receber visitas, posso alertar meus homens, para que eles não se assustem, como aconteceu agora.

— Tem razão — ela concordou. — Mas por que se assustaram tanto? Nunca viram uma mulher?

Ela parecia tão inocente, com aquele modo direto de falar.

- Já viram, sim. Já viram muitas mulheres, e em grande intimidade, isso eu posso apostar. Mas o que você fez foi o mesmo que aparecer num banheiro masculino.

Ela riu, e até seu riso tinha um timbre de inocência.

— Boa analogia, mas não adequada. A placa lá na frente

diz que esta é uma propriedade particular, mas não proíbe a presença de mulheres. É culpa minha, se seus homens ficam tão alvoroçados quando vêem uma mulher, que até se descontrolam? Pense bem. Você devia ter gritado com eles, não comigo.

A moça não deixava de ter razão, mas Gideon não estava disposto a admitir.

— O fato é que sua aparição causou um grande transtorno.

— Desculpe-me.

— Não adianta pedir desculpas, depois que o mal foi feito.

— Melhor do que nada. Você também deve se desculpar, não acha?

— Pelo quê?

— Por quase ter me matado. Se eu estivesse mais um pouco à frente, ou se uma lasca houvesse me atingido, eu agora estaria estendida no chão, sangrando.

Gideon olhou-a de cima a baixo.

— Isso não seria bom para suas roupas — comentou.

— Não seria bom para seu futuro, a menos que você goste de ser processado judicialmente.

— Você não teria argumentos para me processar.

— Não? Você e seus homens foram negligentes. Gideon empertigou-se, parecendo ainda mais alto do que era, com seu metro e noventa.

— É juíza e júri, tudo numa coisa só?

A mulher, que não devia ter mais de um metro e sessenta e cinco de altura, também empertigou-se toda.

— Nada disso. Sou decoradora de interiores, e é bem provável que venha a trabalhar neste projeto.

— Não, se eu puder evitar — Gideon retrucou, talvez porque ela parecesse demasiadamente segura de si.

— Então, é bom que você não seja um dos que tomam as decisões — ela observou, virando-se para ir embora. Se eu conseguir o trabalho, vou prestar contas aos consorciados, não a um capataz que não consegue nem comandar seus homens.

Com um último olhar para Gideon, afastou-se.

Ele quase a deixou ir. Afinal, estavam bastante longe da

casa para que os trabalhadores não ouvissem a conversa, de modo que ele não precisava preocupar-se com as aparências. Mas havia seu orgulho. Durante anos ele lutara para ganhar o respeito dos outros, e agora, com aquele projeto estava conseguindo, em muitos aspectos. A última barreira que teria de derrubar era formada por pessoas como aquela mulher, instruídas e educadas, mas com uma arrogância de dar enjoo.

— Você acha que é uma grande coisa, não é? — disse em tom alto, para que ela o ouvisse.

A moça parou, mas não se virou.

— Não. Só estabeleci um fato.

— Você não conhece fato nenhum.

— Sei que é um consórcio que dirige o projeto. E esse consórcio não é uma cooperativa de trabalhadores.

— De certa forma é. Cárter Malloy é um dos consorciados, e é o arquiteto responsável. Nina Stone é consorciada, e cuidará das vendas.

— E daí?

Gideon demorou um pouco para responder, saboreando a satisfação que ia ter.

— Daí que não sou apenas um capataz de obras. Acontece que também pertenço ao consórcio.

A mulher não se moveu por longos instantes. Então, muito lentamente, virou-se para encará-lo. E ele percebeu que ela o estava vendo sob uma nova luz.

— Sou Gideon Lowe — apresentou-se, tocando no gorro de lã que lhe cobria a cabeça. Então, caminhou na direção do caibro caído, gritando para seus homens: — Vamos tirar isto daqui!

Christine Gillette estava atônita. Nunca teria imaginado que o homem que a insultara tão injustamente fosse um membro do consórcio. Bem, ele se expressava melhor do que a maioria dos operários que ela conhecia. Mas era cabeça-dura e grosseiro, nada parecido com a imagem que ela fizera, de homens educados sentados à volta de uma mesa, numa reunião presidida por Jéssica Crosslyn Malloy.

Indecisa sobre o que fazer ou dizer, Christine se virou e

foi embora, quando Gideon Lowe voltou ao trabalho. Durante todo o percurso de quarenta e cinco minutos até seu escritório, em Belmont, ela repetidamente recordou a conversa que tivera com ele. E no fim, sempre voltava a sentir-se mal. Não gostava de agredir os outros com palavras, embora soubesse que naquele caso houvera muita provocação. Além disso, pedira desculpas. O que mais poderia ter feito?

Fosse como fosse, permanecia o fato de que, dentro de algumas semanas ela estaria fazendo uma apresentação diante dos membros do consórcio de Crosslyn Rise. E Gideon Lowe

era um deles. Ele estaria lá. Sem dúvida ostentando um sorriso maldoso no rosto bonito, e seria o primeiro a votar contra sua contratação. Homens prepotentes, bonitos, mais dedicados a atividades físicas do que intelectuais eram capazes de vinganças como aquela. Definiam o mundo em termos machistas e agiam guiados apenas por essa definição. De modo algum ele estaria disposto a deixá-la trabalhar no projeto.

Christine gostaria de poder dizer que não se importava com isso, que Crosslyn Rise era um trabalho como outro qualquer, que ela teria outra oportunidade igualmente boa. Mas não podia. Crosslyn Rise era algo especial, significava muito para sua carreira. Fazia dez anos que ela trabalhava como decoradora. Começara de baixo, aceitando projetos modestos, até mesmo pobres, e aos poucos fora conseguindo trabalhos maiores, que davam mais prestígio. Aquele, em Crosslyn Rise, seria o maior de todos. Do ponto de vista de uma decoradora as possibilidades eram empolgantes, considerando-se o que havia para ser feito, tanto nos conjuntos de casas como na mansão.

Ainda pensava nisso tudo, quando chegou à sala de recepção de seu escritório. Margie Dow, sua secretária, saudou-a agitando os papéis de recados, e anunciou:

— Sybil Thompson está atrás de você. Telefonou três vezes, nas últimas duas horas.

Chris ergueu os olhos para o teto, impaciente, pegou os papéis com recados e entrou em sua sala. Sabendo que esperar não ia melhorar a situação, ligou para Sybil.

— Oi, Sybil, é a Chris. Acabei de chegar e Margie disse que você quer falar comigo. Algum problema?

— O problema não é meu — a outra mulher declarou, dando a Chris uma idéia do que viria a seguir. — É todo seu! Estive no escritório de Stanley. Seus empregados instalaram o carpete errado!

Stanley era marido de Sybil, um advogado que entregara a Chris a decoração de seu novo conjunto de salas. Ela fora contratada um mês antes, e usara de franqueza, quando Stanley e os sócios disseram que queriam um ótimo serviço pronto em uma semana, dizendo que seria difícil encontrar material adequado num prazo tão curto. Eles haviam concordado em lhe dar um mês, e ela fizera o melhor que pudera, correndo de um lado para outro com quadros e amostras, apressando a entrega de certas encomendas e procurando peças decorativas exclusivas. E agora Sybil dizia que haviam colocado o carpete errado.

Erguendo o ombro para segurar o fone de encontro ao ouvido, Chris deu a volta na mesa e foi até o arquivo. Abriu-o e começou a procurar uma determinada pasta.

— Eu estava lá, ontem à tarde, quando foi feita a instalação, Sybil. O carpete é aquele que encomendamos.

— Mas é escuro demais. Qualquer fiozinho de linha aparece. Vai dar a impressão de estar sujo o tempo todo.

— A cor é muito elegante — Chris comentou, retirando a pasta que continha formulários de encomendas, recibos e notas referentes ao trabalho no escritório de Stanley. — Combina perfeitamente com o resto da decoração.

— Escuro demais. Tenho certeza de que escolhemos um mais claro. Procure o formulário de encomenda e confira.

— É o que estou fazendo. De acordo com o formulário, encomendamos a cor vinho-profundo, a cor do carpete que instalamos ontem.

— Não pode ser.

— Mas é — Chris afirmou com delicadeza, pois compreendia que Sybil estava confusa.
— Foi tudo feito rapidamente. Você olhou as amostras de carpetes, escolheu a

que queria, e eu fiz a encomenda. Quando as coisas são feitas assim com tanta pressa, é natural que uma pessoa não se lembre bem de certos detalhes. Eu mesma não me lembraria, se não tivesse tudo anotado.

Claro, não era apenas por essa razão que ela anotava tudo. Fazia isso principalmente para proteger-se de clientes que encomendavam uma coisa, assistiam à instalação e depois alegavam que não fora aquilo que haviam escolhido, simplesmente porque não haviam gostado do resultado final. Não sabia se Sybil encaixava-se nessa categoria, ou se estava realmente confusa.

— Tem razão, Chris. Mas o carpete vai ter sempre uma aparência horrível.

— Não, não vai. Os faxineiros do prédio passam o aspirador todas as noites. Além disso, podemos encontrar muitos fios de linha numa casa, mas não em escritórios de advogados, principalmente daqueles que têm uma clientela tão seleta quanto seu marido e os sócios. Confie em mim. Vinho-profundo é uma cor ótima.

— Acha, mesmo? — perguntou Sybil, amolecendo.

— Não acho, eu sei. Espere um pouco e verá como os clientes vão gostar. Tenho certeza. Eles vão se sentir privilegiados, sem nem saber por quê. Aquele carpete deixou as salas com aspecto luxuoso.

Sybil concordou em esperar pela reação dos clientes e despediu-se. Satisfeita, Chris desligou o telefone, pôs a pasta de volta no arquivo e de uma outra gaveta retirou um tubo de papelão rígido que continha as plantas de Crosslyn Rise. Tirou as plantas e abriu-as sobre a mesa.

Cárter era brilhante. Isso ela era obrigada a admitir. O que ele fizera, tomando como tema o estilo colonial georgiano da mansão, modificando colunas e balcões, alongando os telhados e acrescentando clarabóias só para dar um leve toque contemporâneo, resultara em perfeição. Os conjuntos de casas eram discretos e elegantes, aninhando-se no cenário como se sempre houvessem feito parte dele.

Chris suspirou. Queria trabalhar naquele projeto por um

motivo que nada tinha a ver com desafio, prestígio ou dinheiro. Tinha a ver com sua admiração por Crosslyn Rise, que ela achava maravilhosa, um sonho materializado. Se tivesse de imaginar um lugar que gostaria de chamar de lar, esse lugar seria aquela mansão. Decorá-la lhe daria quase tanto prazer quanto viver lá.

Ela queria aquele trabalho!

Erguendo o telefone, ligou para o escritório de Jéssica na Harvard. A despeito do que dissera a Gideon Lowe, Jéssica e ela eram mais conhecidas do que amigas, mas tinham uma amiga em comum, que fora justamente quem indicara Chris para o trabalho de decoração em Crosslyn Rise. As duas haviam feito uma reunião, e uma gostara da outra. Chris sabia que outros decoradores concorreriam ao trabalho, mas estava certa de que seria uma forte adversária para eles, a menos que Gideon Lowe estragasse tudo.

— Oi — ela cumprimentou a secretária que a atendeu. — Aqui é Christine Gillette. Eu gostaria de falar com Jéssica. Ela já voltou da lua-de-mel?

— Voltou, sim — a mulher respondeu. — Espere um momento, por favor.

Chris não teve de esperar nem um minuto.

— Oi, Christine, como está? — Jéssica saudou-a.

— Estou bem, obrigada. Ei, parabéns pelo casamento! Foi tudo bem?

— Foi tudo perfeito.

Chris percebeu que Jéssica sorria, e sentiu uma pontada de inveja.

— E a viagem a Paris?

— Deliciosa, mas curta demais.

E, Chris tinha certeza, terrivelmente romântica. Paris deixava todo mundo romântico, pelo menos era o que ela uvia dizer, porque nunca estivera lá.

— Um dia vocês irão novamente — consolou. — Quem sabe nas bodas de ouro, como tantos casais fazem?

— Deus do céu, daqui a cinqüenta anos, Cártter e eu estaremos velhos demais — Jéssica riu, e novamente Chris sentiu inveja de sua felicidade.

Um relacionamento como o de Cártter e Jéssica era algo precioso. Assim como devia ser envelhecer ao lado de alguém especial.

— Eu não me preocuparia com a velhice. Vocês têm muitos anos de felicidade pela frente. Desejo tudo de bom para os dois.

— Obrigada, Chris. Mas chega de falar de mim. Fale de você. Está preparando sua apresentação, não é?

— Com certeza — a decoradora respondeu e respirou fundo antes de prosseguir: — Mas tive um pequeno problema esta manhã. Fui dar uma olhada em Crosslyn Rise e perturbei os operários que estavam trabalhando lá.

— Perturbou? Pensei que eles a pertubariam. O que estão fazendo naquele lugar lindo quase me leva à loucura.

— Mas toda aquela bagunça é apenas temporária. Você sabe disso.

— Sei e estou muito entusiasmada com os planos de Cártter e com a aparência que Crosslyn Rise terá. Também sei que essa é minha única saída, porque eu não poderia manter a propriedade, muito menos fazer reformas. — Jéssica suspirou. — No entanto, amo tanto aquele lugar, que sofro só de ver a menor das árvores ser derrubada.

— Entendo como se sente — Chris afirmou com um sorriso. Gostava realmente de Jéssica porque ela não era louca por dinheiro, entre outras razões. Nesse sentido, as duas tinham afinidade. Claro, a transformação de Crosslyn Rise seria lucrativa, mas Jéssica não pensara em lucro, quando tomara sua decisão. Pensara apenas na preservação da propriedade. Da mesma forma, Chris procurava trabalhos lucrativos, como a decoração da firma de advocacia de Stanley Thompson, ou a redecação do condomínio fechado da família Howard, não por si mesma, mas por uma grande causa. Suas necessidades pessoais sempre haviam sido modestas.

— Conte-me o que aconteceu — Jéssica estava dizendo, quando ela despertou do devaneio.

Chris contou-lhe sobre o incidente com Gideon Lowe.

— Foi um erro inocente, Jéssica. Juro. Nunca

Pensei que fosse perturbá-los, ou não teria ido. Fiquei lá parada, observando sem dizer nada, mas um dos homens me viu, mais dois olharam, e o desastre aconteceu. Sinto muito. Tentei dizer isso ao construtor, mas acho que não consegui.

— A Gideon? Estou certa de que conseguiu. Ele é um sujeito cordato.

— Talvez, quando não está nervoso, mas ele ficou furioso quando a peça de madeira caiu, e não posso culpá-lo. Alguém poderia ter se ferido, eles tiveram de começar tudo de novo, e estavam com pressa, porque poderia chover. Bem, acho que Gideon e eu fizemos tudo errado. Ele estava aborrecido e disse coisas que me irritaram. Retruquei, e dei a impressão de ser arrogante. Normalmente não sou assim.

— E agora você tem medo de que ele atrapalhe seus planos de conseguir o trabalho.

— Tenho, sim. Além disso, mesmo que eu vença a concorrência, não vai ser fácil trabalhar com ele. Ele é machão, e não me dou bem com homens desse tipo. Fico intimidada, ergo uma barreira para me proteger e acabo passando por esnobe. Tenho certeza de que é isso que Gideon pensa de mim.

— Ele mudará de idéia, quando encontrar você em circunstâncias diferentes.

— Claro, quando houver outras pessoas em volta, pessoas civilizadas. Mas se trabalharmos juntos, a situação dificilmente será essa. Pode ser que os subalternos dele estejam sempre por perto, mas isso não ajudará muito.

Jéssica ficou em silêncio por vários segundos.

— Está dizendo que não quer entrar na concorrência Para a decoração de Crosslyn Rise?

— Oh, não! — Chris gritou, alarmada. — Eu quero concorrer, quero ser escolhida! Quero muito!

— Isso é bom, porque gostei muito do que vi de seu trabalho — Jéssica disse, parecendo verdadeiramente aliviada. — Você tem uma sensibilidade que não encontrei no trabalho de outros decoradores. Não quero que Crosslyn Rise ganhe um ar pretensioso, que tenha a aparência de decorada”. Quero algo diferente e especial, feito com sentimento. Você é capaz de fazer isso.

— Espero que sim — Chris murmurou, profundamente feliz com o comentário de Jéssica. Mas precisava voltar ao assunto que a levava a ligar. — Quanto a Gideon Lowe...

— Não pense mais nisso, Chris. Talvez você não acredite mas Gideon é um homem agradável e bem-humorado.

— Você está certa. Não acredito. Jéssica riu.

— Mas ele é, de verdade. Só que leva o trabalho muito a sério e deve ter exagerado, hoje. De qualquer modo, aposto como agora está se sentindo um verme. O projeto significa demais para Gideon, porque ele também investiu dinheiro. Foi o primeiro a dizer que, quando fôssemos escolher as pessoas que trabalhariam para nós, deveríamos escolher as melhores.

— Foi por isso que ele escolheu a si mesmo para ser o construtor? — Chris não resistiu à tentação de perguntar.

Nem precisava fechar os olhos para visualizá-lo com aquele sorriso perverso no rosto, ou andando de modo arrogante, quando se afastara.

— Vi algumas de suas obras. Ele é mesmo bom. Já trabalhou com Cáster, que o considera ótimo construtor. Além disso, a reputação de Gideon está em jogo neste projeto, e seu dinheiro também. Ele só deseja o melhor. E se você for considerada a melhor, depois que todos os concorrentes fizerem suas apresentações, ele votará a seu favor.

— Sem reservas?

— Sem reservas. Ele é um profissional sério.

Chris pensou muito a respeito daquilo nos dias que se seguiram. Achava que Jéssica

estava certa ao dizer que Gideon era um profissional sério. Mas que tipo de profissional? Construtor? Empresário? Rolo compressor? Amante. Sem dúvida tinha uma esposa escondida em algum lugar à espera dele com a televisão ligada e uma cerveja gelada. para quando ele voltasse para casa e se jogasse no sofá revestido de plástico. Chris até podia ver. Ele parecia pertencer àquela categoria. Grande, vigoroso e prepotente pronto para ser o rei de qualquer castelo que invadisse.

Mas ele era membro do consórcio. De alguma maneira, isso não combinava com o resto da imagem. Para entrar num negócio daqueles, um homem precisava de inteligência, além de dinheiro. Chris sabia que um construtor competente ganhava um bom dinheiro, e para ser competente era necessário ser inteligente. Mas a inteligência de algumas pessoas podia ser limitada a um campo estreito, enquanto que a de outras abrangia áreas mais largas. E ela não conseguia imaginar nada largo em Gideon Lowe, a não ser os ombros.

Esse foi um dos motivos pelos quais ela foi ficando cada vez mais nervosa, à medida que se aproximava o dia de sua apresentação. Ia dormir tarde todas as noites, desenhando, refazendo o que já considerara pronto, esforçando-se para obter o melhor resultado. Refletia, mudava de idéia sobre alguns detalhes, então desenhava tudo de novo. Sabia que, devido ao antagonismo de Gideon, precisava impressionar bastante o resto do grupo para conseguir o trabalho.

O dia da reunião fora perfeito, fresco e claro, e Gideon sentia-se bem. A primeira parte dos telhados já fora instalada, apesar de um problema de última hora que fizera ele Cárter suar para resolver. Mas as coisas tinham entrado nos eixos e, se tudo continuasse correndo bem, a segunda, terceira e quarta partes estariam instaladas até o fim da semana. Depois disso, a neve poderia cair à vontade, que Gideon não se importaria nem um pouco.

Fazia também oito dias inteirinhos que Elizabeth Abbott não lhe telefonava.

Por tudo isso, ele estava de ótimo humor, quando juntou-se aos outros consorciados para a reunião semanal às sete horas da noite, no escritório de Gordon. Ao cumprimentar os companheiros e ocupar seu lugar à mesa, refletiu que se sentia bem naquele grupo. No começo não fora assim. Ele se sentira acanhado, achando-se quase um impostor, como se aquele não fosse seu lugar, e todos soubessem disso. Porém no decorrer das semanas, percebera que os outros o consideravam igual a eles. Mais do que isso, sua posição

de construtor-responsável colocava-o em destaque. Ele era o membro do grupo que estava tirando o projeto do papel e transformando-o em realidade.

Lá estavam Jéssica e Cárter, sentados lado a lado. Depois vinham os três homens que Gordon trouxera de outras áreas: Bill Nolan, da Indústria de Papel Nolan, de família do Maine, Ben Heavey, do ramo de imóveis, bastante conhecido no leste, e Zach Gould, um banqueiro aposentado com bastante tempo e dinheiro à disposição e que freqüentemente ia ao local da construção. Completavam o grupo, John Sawyer, um livreiro local, e Nina Stone, a corretora que um dia se encarregaria de vender as casas do condomínio.

Sendo solteiro, Gideon notara Nina logo de início. Ele até a levava para jantar uma noite, mas nenhum dos dois quisera dar prosseguimento a algo que nunca resultaria num relacionamento mais profundo. Nina era dura, agressiva, uma batalhadora quase compulsiva. Miúda e um pouco estranha, não era, de jeito nenhum o tipo de mulher de que Gideon gostava. Assim, por mútuo acordo, tornaram-se simplesmente amigos.

Gordon, que sempre participava como uma espécie de mediador, abriu a reunião lendo um relatório sobre a situação financeira do consórcio, então Cárter começou a chamar, um por um, os decoradores de interiores que desejavam trabalhar no projeto.

A primeira pessoa a ser chamada foi uma mulher que trabalhava nas proximidades de Boston, responsável pelos mais notáveis projetos de decoração de condomínios naquela região. Gideon achou que as idéias dela eram pretensiosas

Em seguida apresentou-se um homem que falou um bocado sobre vidro, mármore e decoração monocromática. Gideon achou que tudo parecia árido, inclusive o próprio decorador.

Então, foi a vez de Christine Gillette, e Gideon não conseguiu desviar os olhos dela nem uma única vez. Ela estava usando bege de novo, um conjunto de saia e blazer de lã e uma blusa de cor lisa, e ele foi obrigado a admitir que o traje era muito elegante. Ela parecia um pouco nervosa,

mas manteve a compostura, e era óbvio que ensaiara bastante a apresentação. Foi mostrando um desenho após o outro, enquanto falava sobre recriar o ambiente que, ela acreditava, tornara Crosslyn Rise tão especial. Tinha voz suave, mas que transmitia convicção. Parecia realmente acreditar no que dizia.

Muito contra a vontade, Gideon ficou impressionado. Os olhos dela cruzaram-se com os dele algumas vezes, mas se ela estava recordando o que acontecera em seu primeiro encontro, não deu a perceber. Era fria, mas de maneira positiva. Segura de si, mas não altiva. Não lembrava Elizabeth Abbott em nada.

No fim da apresentação foi embora, como os outros haviam ido, com a promessa de que dentro de uma semana todos os concorrentes tomariam conhecimento da decisão dos consorciados.

— Os projetos de Christine são os que mais transmitem vida — John Sawyer declarou. — Gostei das impressões que ela captou.

Zach Gould concordou com ele.

— Também gostei dela. Christine não foi prepotente, como a mulher que se apresentou em primeiro lugar, nem convencida, como o homem.

— O orçamento dela é alto — Ben Heavy, o mais conservador do grupo, lembrou-os.

— Os três orçamentos são altos — Nina observou. — mas o fato é que, se quisermos fazer as coisas de acordo, teremos de gastar. Tenho a impressão de que Christine, mais do que os outros dois, será capaz de nos dar o máximo, gastando o mínimo. Parece a mais criativa, a menos bitolada.

— Quero saber o que Gideon pensa — Cárter disse, olhando firme para o construtor. — Será ele quem passará mais tempo com o decorador que contratarmos. Em meus projetos há coisas como molduras, portas, pisos que podem ser mudados, se alguma outra opção for melhor para a decoração. Então, Gideon, qual é sua opinião?

Gideon, que apoiara um cotovelo no braço da cadeira, e

o queixo na mão, não sabia bem o que estava pensando. Christine era a melhor dos três, sem dúvida, mas ele não tinha certeza de que queria trabalhar com ela. Havia alguma coisa naquela mulher que o incomodava, embora ele não conseguisse definir o que era.

— Dos três, Christine é a que menos experiência tem — comentou finalmente, baixando o braço e endireitando-se na cadeira. — Que referências a firma dela deu?

— Ela trabalha por conta própria — Jéssica respondeu.

— Tem um pequeno escritório, uma secretária que trabalha o dia todo e dois assistentes que trabalham meio período, diplomados em decoração de interiores e pais de filhos pequenos. Os dois dividem o trabalho. O sistema funciona bem para eles e, pelo que Chris me contou, funciona bem para ela também.

— Divisão de trabalho... — John disse com um sorriso. — Gosto disso.

Todos sabiam que ele era viúvo e pai e que, embora fosse o dono de uma livraria, só podia estar na loja nas horas em que podia deixar o filho com uma babá. Uma mulher ficava na loja no resto do tempo, de modo que os dois também estavam dividindo o trabalho.

Gideon não entendia muito daquilo. Os homens que conhecia trabalhavam em suas profissões e, mesmo que seus chefes permitissem, o que não acontecia, nenhum deles pensaria em sair do trabalho antes da hora para levar um garotinho para fazer ginástica e nadar.

Ficou imaginando qual seria a história de Christine. O currículo que ela entregara ao grupo não dizia nada sobre sua vida pessoal. Ele não vira nenhuma aliança, mas isso não significava nada nos tempos modernos. Era possível que fosse casada, e esse pensamento causou-lhe um vago aborrecimento.

— Ela tem filhos? Precisarão faltar ao trabalho, cada vez que um deles pegar um resfriado? — perguntou em tom rabugento.

— Opa! — John exclamou. — Tenha compaixão, meu amigo. Mas Gideon não era pai, e quanto a compaixão, Christine

parecia merecer de todos naquela sala, de modo que não precisava da dele.

— Cárter falou bem — ele continuou. — Sou eu que vou trabalhar mais tempo com Christine, se a contratarmos. Esse negócio de divisão de trabalho pode dar muito certo em certas áreas, e a construção civil não é uma delas. Se eu precisar encomendar acessórios de banheiro, e ela não puder escolher o que quer porque está na Disneylândia com os filhos, haverá um atraso. — Achava o argumento totalmente válido. Christine podia ter enfeitado todos os consorciados, mas se não pudesse atendê-lo quando ele precisasse dela, não lhe servia. — Não gosto de ver serviço parado. É desse modo que trabalho. Preciso de pessoas que não me deixarão na mão.

— Chris não deixará — Jéssica assegurou. — Não há crianças na casa dela. Pelo que ouvi dizer, e ouvi isso de várias pessoas, ela chega a trabalhar cinquenta horas por semana.

— Ainda assim, se ela trabalha sozinha... — Gideon começou.

— Tem uma secretária e dois assistentes — Jéssica lembrou-o, interrompendo-o.

— Certo, mas é a decoradora principal. Os outros dois candidatos têm sócios, pessoas que assumirão o lugar deles, se algo acontecer.

— O que poderia acontecer? — Jéssica indagou. — Chris tem boa saúde, sempre entrega um serviço dentro do prazo, se não antes. É competente. E precisa deste trabalho. — Ergueu a mão, antes que Gideon pudesse fazer algum comentário sobre isso. — Eu sei, eu sei. Você vai me perguntar por que ela está tão desesperada por trabalho, e não é esse o caso. Será maravilhoso para sua carreira, se ela fizer a decoração de Crosslyn Rise. Ela merece.

— Ei, espere aí — Gideon rebelou-se. — Isto aqui não é casa de caridade. Nem estamos no ramo de treinamento de profissionais.

— Gideon, eu sei disso — Jéssica respondeu com uma carranca zombeteira. — Mais do que todos aqui, eu sei. Morei toda minha vida em Crosslyn Rise. Sou eu que sofro

por não poder deixar a propriedade como ela sempre foi. Quero que Crosslyn Rise receba o melhor tratamento possível. E, se Chris não fosse a melhor em seu ramo, eu não a recomendaria.

— Ela é amiga sua — Gideon acusou, lembrando-se do que Christine lhe dissera.

— Ela é amiga de uma amiga, mas não é por isso que desejo que ela fique com o trabalho. Não me entusiasmei, quando minha amiga me falou de Chris, mas depois vi fotos de ambientes decorados por ela e gostei. Agora, vendo o que ela criou para nós, estou mais convencida do que nunca de que encontramos a pessoa certa. — Jéssica parou de falar, então continuou, quando um novo pensamento cruzou sua mente: — Além disso, há uma grande vantagem em se trabalhar com alguém que tem uma lista de clientes não muito longa. É a velha história de um peixe pequeno num lago grande e vice-versa. Pessoalmente, prefiro ser o peixe grande no pequeno lago de Chris, do que um peixe pequeno no enorme lago de outra pessoa, principalmente porque nenhum dos outros decoradores apresentou idéias tão boas quanto as dela para o nosso projeto. Nem passaram perto.

Gideon poderia ter continuado a argumentar, mas calou-se. Era óbvio que os outros concordavam com Jéssica, como ficou provado pouco mais tarde, quando a votação foi feita. Christine Gillette foi escolhida para ser a decoradora de Crosslyn Rise por unanimidade. Ou quase, porque Gideon absteve-se de votar.

— Por que fez isso? — Cárter perguntou a ele, no fim da reunião, quando a maioria dos membros já fora embora.

— Não sei. Talvez porque ela não precisasse do meu voto

— Mas você gostou das idéias dela, não?

— Gostei.

— Acha que conseguirá trabalhar com Christine? Gideon enterrou as mãos nos bolsos, balançando-se nos calcanhares.

— Trabalhar com ela? Suponho que sim.

— Então, o que o está aborrecendo?

— Não sei.

Cárter começava a ter suas suspeitas.

— Ela é bonita, não é? É solteira — comentou.

— Solteira? — Por algum motivo misterioso, a informação deixou Gideon ainda mais inquieto.

— Solteira. Disponível. Isso representa uma ameaça?

— Só se ela estiver procurando marido. Está?

— Não, que eu saiba. — Cárter aproximou-se mais do amigo e disse baixinho: — Ouvi dizer que leva vida de freira.

— Está querendo me impressionar?

— Não, mas se está preocupado com a possibilidade de ser atacado, é bom que saiba disso.

— Atacado? Eu? Por Christine Gillette? Esta seria minha última preocupação. E quer saber de uma coisa, homem? Não tenho nenhuma intenção de despertar o interesse dessa moça. Mulheres não me faltam. Quando sinto necessidade, tudo o que tenho a fazer é estalar os dedos, e elas vêm correndo.

— Christine não se sujeitaria a isso.

— E eu não sei? Deve ser ela que estala os dedos. Mas, por mais bonita que seja, não me fará correr. Pernas compridas não valem nada. Nem peitos, bundas e grandes olhos azuis. — Gideon fez uma breve pausa. — Eu vou poder trabalhar com essa mulher, sim, desde que ela produza e não banque a poderosa, a superior, nem faça coisas que possam prejudicar meu trabalho, porque será encrenca na certa. Encrenca das grandes.

Outro tipo de encrenca já começara, mas Gideon só percebeu isso três semanas depois, quando Christine telefonou para marcar uma entrevista, e ele ficou todo agitado, com o coração aos saltos e a pulsação disparada.

CAPÍTULO III

Christine não se sentia muito bem fisicamente, quando deixou Belmont bem cedo, naquela manhã de quinta-feira, rumo a Crosslyn Rise. O estômago contraía-se de modo estranho. O chá não ajudara, nem o prato de mingau de aveia. Pior de tudo, o mal-estar refletia-se por seu corpo todo e deixava suas mãos um pouco trêmulas.

Pura excitação, ela disse a si mesma. Estivera flutuando nas nuvens, desde que Jéssica lhe telefonara para dizer que haviam decidido confiar a ela a decoração de Crosslyn Rise. E trabalhara como louca para adiantar outros projetos, de modo que tivesse bastante tempo livre para dedicar-se ao novo trabalho. Assim, o tremor das mãos também podia ser resultado do acúmulo de fadiga, ela refletiu ao entrar na Rota .

Ou do nervosismo. Ela não gostava de pensar que fosse isso, porque nunca ficara nervosa por causa de um projeto, mas, também, nunca trabalhara com ninguém igual a Gideon Lowe. Sempre mantivera a calma, mesmo ao lidar com os clientes mais difíceis, mas com Gideon as coisas eram diferentes. Ele era grandalhão, mas ela já trabalhara com outros homens altos e fortes. Ele tinha gênio explosivo, mas ela já trabalhara com homens de temperamento ainda pior. Ele era machista, mas muitos homens eram, ainda em maior escala. A diferença era que ela não conseguia parar de pensar em Gideon, algo que nunca acontecera em relação a nenhum dos outros homens com quem trabalhara. E ela não entendia por que isso estava acontecendo.

Enquanto o carro corria pela rodovia, ela pensava sobre isso, como pensara em cada minuto livre que tivera, desde sua apresentação no banco, três semanas antes.

Na ocasião ela ficara um tanto atônita ao vê-lo. Gideon tinha outra aparência. No local da construção, ele parecera um operário, com botas sujas, jeans desbotado e gasto, camiseta cinza por baixo de uma camisa de flanela xadrez desabotoada, os cabelos escuros escapando do gorro de lã em total desalinho, a barba por fazer.

Quando ela o viu no banco, achara-o completamente diferente. Os cabelos bem penteados eram mais longos do que os dos outros homens reunidos na sala, mas tinham bom corte. Não havia sombra de barba no rosto bronzeado. E ele tinha bom gosto, como atestavam o blazer cor de chumbo que acentuava os ombros largos, a camisa branca, a gravata com um nó perfeito e a calça cinzenta.

Chris tinha de admitir que Gideon era um homem extremamente bonito, embora se

recusasse a acreditar que isso tivesse qualquer coisa a ver com seu nervosismo. Afinal, ele devia ser casado. Além disso, ela não estava à procura de homem, porque tinha Anthony Haskell, uma pessoa tranqüila e gentil que a levava para assistir a um show ou para jantar, quando ela dispunha de tempo, o que acontecia pouco. Os dois não se viam mais do que duas ou três vezes por mês, mas ela gostava dele e contentava-se com isso, porque tudo o que desejava de um homem era um pouco de companhia.

Quanto a Gideon, ele a intimidava com toda aquela força máscula, isso era inegável. Claro que ela não o deixaria perceber. Pegara o touro pelos chifres, quando telefonara a ele, pedindo uma entrevista, e conseguira manter-se calma e fria. Gideon parecia ser do tipo predador. Se pressentisse fraqueza, cairia em cima da presa sem dó nem piedade.

Fortalecendo-se com a determinação de fazer o melhor trabalho possível em Crosslyn Rise, ela saiu da rodovia e entrou na estrada que acompanhava a praia. Na verdade, teria preferido encontrar-se com Gideon no banco, ou no escritório de Cárter, dois lugares onde ela se sentiria em

segurança, tendo em vista o que acontecera naquela manhã brumosa. Mas Gideon alegara que eles deviam encontrar-se na obra, onde veriam os locais sobre os quais estariam falando, e ela lhe dera razão.

Uma razão para Chris sentir-se animada era que o dia estava ensolarado e claro e não havia nenhuma neblina. Se não fosse pelo frio intenso, perfeitamente normal no mês de dezembro, o tempo estaria perfeito para uma visita ao local da construção.

Ela se protegera ao máximo contra o frio que teria de enfrentar ao ar livre, de modo que vestira calça fusô de lã sob a calça de tweed, um pesado suéter de gola alta e um casaco longo de lã grossa. No assento do carro ao lado do seu estavam as luvas e protetores de ouvidos. Ocorreu-lhe que Gideon podia estar testando sua resistência, deliberadamente sujeitando-a a condições adversas, mas se era isso, ele ia ver quem ela era, uma mulher forte, que não se deixava vencer pelas asperezas do clima.

Claro, isso não significava que ela estava feliz por ter de dirigir vestida tão pesadamente. Desligara o aquecimento quando entrara na rodovia, mas, mesmo assim, ao chegar em Crosslyn Rise, sentia um fio de suor escorrer por entre os seios.

Levou o carro pela trilha aberta pelos caminhões e tratores, até o lago dos patos, mas quando chegou notou que o local parecia deserto. Não havia nenhum veículo à vista. Ela olhou para o relógio. Eram oito e meia, exatamente o horário que combinara com Gideon para o encontro. E ele dissera, num tom que ela achou arrogante, que seus homens começavam a trabalhar uma hora antes. No entanto, ela não viu ninguém trabalhando ali. Abriu a porta do carro e saiu para o ar gelado. O único ruído era produzido pelos patos.

Voltando para o carro, Chris virou-o e voltou pela trilha até o ponto em que o rústico caminho encontrava-se com a alameda que levava à mansão. Entrou por ela, subiu-a e estacionou e saltou do carro, caminhando para a porta protegida pela varanda coberta de hera. Encostando o rosto no vidro lateral, olhou para dentro.

O vestíbulo estava vazio. Jéssica e Cárter tinham finalmente terminado de retirar os móveis e levado alguns para um depósito e vendido outros num leilão, semanas antes. A idéia de Gideon era trabalhar com seus homens no interior da mansão durante o pico do inverno, fazendo as reformas necessárias para transformar a casa na sede de um clube para os moradores

do condomínio, com academia de ginástica e restaurante. Jéssica e Cárter estavam morando no apartamento dele em Boston e ainda não haviam decidido se comprariam uma das casas do condomínio.

Chris tirou do bolso do casaco as chaves que Jéssica lhe entregara, abriu a porta e entrou. Deu alguns passos, parando no meio do vestibulo ovalado. Via, a sua frente, a escadaria curva, que ela achava tão esplêndida, e à direita o espaçoso salão de estar, iluminado pela luz do dia, que entrava à vontade pelas janelas, enormes e desprovidas de cortinas. A esquerda ficava a sala de jantar, igualmente clara.

Foi para a esquerda que ela caminhou, seus passos ecoando na casa silenciosa. Parada na larga porta em arco, olhou de uma janela para outra, observou os lustres e arandelas, os pontos desbotados onde anteriormente havia quadros, visualizando a enorme mesa de mogno entalhado que até pouco tempo atrás dominara o ambiente e que fora usada pela última vez na festa de casamento de Jéssica. Embora não pudesse vê-la, Chris não tinha dificuldade em imaginá-la coberta por uma toalha de linho fino, sobre a qual enfileiravam-se travessas e sopeiras de prata. Entregando-se àquele momento de fantasia, sentiu a atmosfera de felicidade, ouviu os sons da alegria. Então, piscou, assustada, quando a música e os risos que soavam em sua imaginação foram substituídos por insistentes e fortes buzinas.

Voltou correndo para a porta da frente e viu Gideon descer de uma caminhonete. Ele usava roupas de trabalho e não estava agasalhado, a não ser por um colete sobre a camiseta e embaixo da mesma camisa xadrez com que ela o vira na primeira vez, junto ao lago dos patos. Isso a surpreendeu, pois estava realmente frio. Ele tinha sangue quente. Ela devia ter adivinhado.

— Pensei que havíamos combinado que nos encontraríamos lá embaixo — ele disse à guisa de cumprimento e em tom aborrecido. — Estou esperando há dez minutos.

Chris olhou para o relógio em seu pulso.

— Dez minutos, não, porque cinco minutos atrás eu estava lá. Quando você não apareceu, resolvi dar uma olhada na casa. Onde está todo mundo? O dia está claro, realmente bom. Pensei que vocês estivessem trabalhando.

— E vamos trabalhar — ele afirmou, sustentando o olhar dela enquanto se aproximava. — Os homens foram buscar material, mas voltarão. Isso é ótimo, não é? Podemos conversar sobre o que for necessário, e talvez você já tenha ido embora, quando eles voltarem, de modo que o andamento do trabalho não será prejudicado.

Era uma referência mal velada ao problema que Chris inocentemente causara no dia em que aparecera de repente no local da obra.

— Você me mandou vir a esta hora porque já havia planejado tudo, não é? — ela acusou, aborrecida — Isso é evidente.

Gideon coçou a cabeça, e pela desordem dos cabelos, parecia que ele saíra da cama, enfiara as roupas e corraera para o trabalho. Esse pensamento fez Chris sentir-se mais quente do que já estava sob os agasalhos.

— Na verdade, não faria diferença, se os rapazes fossem buscar o material hoje ou amanhã — ele informou com um sorriso zombeteiro. — Depois que você e eu combinamos o encontro, achei que seria melhor se fossem hoje.

— É uma pena, porque eu estava esperando encontrá-los. Seus homens precisam acostumar-se a me ver. Passarei muito tempo aqui, quando as coisas começarem a deslanchar.

— É, eu sei. — O sorriso zombeteiro desapareceu do rosto dele. — Bem...

— Eles não me incomodarão, se é isso que receia — ela prosseguiu, ganhando confiança. — Convivo com operários o tempo todo. Encanadores, colocadores de gesso, pedreiros, pintores, pode citar qualquer categoria, conheço todas. Talvez eles não adorem minha presença, mas pelo menos sabem

que apareço de vez em quando e não se assustam quando isso acontece.

— Meus homens não se assustaram — Gideon protestou. — Você apenas os distraiu num momento crítico.

— Porque não estavam esperando me ver. Não sabiam quem eu era. Acho que seria bom, se você me apresentasse a todos.

— Não seria bom coisa nenhuma! Você não tem nada a tratar com eles, mas comigo! — Ele a olhou com súbita suspeita. — Quer meus homens por perto para se sentir protegida, suponho. Não gosta de ficar sozinha comigo. É isso? Porque se for, posso lhe garantir que está segura. Não me envolvo com prestadores de serviços. Muito menos com loiras.

— Fico aliviada — Chris declarou acintosamente ignorando a observação sobre ”prestadores de serviço”, porque revidar podia ser o mesmo que acender o estopim de uma bomba. — Qual é o problema com loiras?

— Elas são falsas.

— Assim como trabalhadores braçais são grosseiros?

Gideon olhou carrancudo para ela durante vários segundos, como se houvesse muitas outras coisas insultuosas que gostaria de dizer. Mas, antes que ele dissesse alguma, Chris decidiu ceder.

— Olhe, desculpe-me — ela pediu. — Não vim aqui para brigar. Tenho um trabalho a fazer, assim como você. Xingamentos não ajudarão.

Ele continuou carrancudo.

— Eu deixo você nervosa? — perguntou.

— Claro que não. Por que acha isso?

— Estava nervosa durante sua apresentação, lá no banco. E ela que pensara estar mostrando calma! Não enganara ninguém, pelo jeito.

— Naquela reunião havia nove pessoas, contando também o banqueiro. Eu estava me candidatando a um trabalho que realmente queria fazer. Só podia estar nervosa.

— Ficou surpresa, quando soube que vencera a concorrência? — ele indagou.

— Um pouco. Os outros têm mais nome do que eu no campo da decoração.

— Pensou que eu votaria contra você?

— Pensei.

— Não votei.

— Obrigada.

— Eu me abstive de votar.

— Oh... — ela murmurou, sentindo-se estranhamente magoada e depois irritada. — Bem, foi bom ter me dito. Estou contente em saber que gosta tanto do meu trabalho — ironizou.

Ele nem piscou.

— Acho seu trabalho muito bom — admitiu. — Mas não gosto da idéia de trabalhar com você. Nós dois só entramos em atritos. Não sei por quê, mas é assim.

Isso disse quase tudo. Não havia muito que ela pudesse acrescentar. Então, ficou calada,

com as mãos nos bolsos do casaco, imaginando o que Gideon diria a seguir. Ele parecia desejar atirar-lhe flechas.

Ficaram se olhando, desafiadores.

— Não tem nada a dizer? — Gideon perguntou por fim.

— Não.

— Tem certeza?

— Claro.

— Então, por que estamos parados aqui?

Chris sentiu uma onda de rubor subir-lhe às faces.

— Bem, estamos aqui para falar de trabalho — respondeu tolamente. Algo acontecera. Os olhos de Gideon, presos aos dela, deviam ter momentaneamente anuviado sua mente.

— Eu gostaria de dar uma olhada nas casas, ver o estilo das escadas, o material usado nos tetos e assim por diante. — parou e recompôs-se, respirando fundo. — Eu já lhe disse tudo isso por telefone. Foi você quem sugeriu que eu visse o que já foi feito. — Indicou a direção do lago dos patos com um gesto de cabeça. — Podemos ir?

Gideon deu de ombros.

— Claro. — Começou a andar de volta para a caminhonete. — Suba. Eu lhe dou uma carona.

— Obrigada, mas irei com meu carro. Ele parou e virou-se.

— Suba na caminhonete. Eu a trarei de volta, quando terminarmos.

— Isso não é necessário — ela protestou. Mas havia um brilho desafiador nos olhos dele, que a fez reconsiderar. — Tudo bem. Só vou pegar minha bolsa.

Indo até o carro, pegou a grande bolsa de couro onde carregava lápis, canetas e blocos de papel, além de outras coisas necessárias à vida, como carteira, lenços de papel, batom e agenda. Passando as alças da bolsa num ombro, pegou as luvas e os protetores de ouvidos. Então, exibindo um ar de confiança, foi para a caminhonete, abriu a porta do passageiro e entrou no veículo alto sem demonstrar dificuldade.

— Parece que está acostumada com caminhonetes — ele observou.

Chris acomodou-se o melhor que pôde no assento duro.

— Meu pai é eletricista e tem uma. Durante toda minha vida fui para cá e para lá de caminhonete.

Ela sabia o que um veículo daqueles significava para um homem. Era o escritório dele, cheio de objetos pessoais, de coisas úteis, de lembranças. E guardava seu cheiro. O cheiro de Gideon era limpo, lembrava couro, café e masculinidade dominadora.

— Engraçado, mas ninguém diria — ele comentou. Ela engoliu em seco.

— Diria, o quê?

— Que seu pai é eletricista. Eu poderia imaginar que seu velho é o presidente de alguma empresa multinacional. Mas, eletricista, não.

A flechada acertou-a em cheio, deixando-a furiosa.

— Não é vergonha ser eletricista. Meu pai é um homem honesto, trabalhador, que tem orgulho do que faz. Eu tenho orgulho. E quem é você para dizer uma coisa dessas?

Você perguntou, eu respondi — Gideon se justificou, de ombros. — Ainda não consigo imaginá-la rodando Por aí em caminhonetes.

- Acha que estou mentindo? Não, mas poderia mentir. - O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que seria mais fácil de acreditar, se você dissesse que nasceu em berço de ouro, que ficou enjoada de não fazer nada e decidiu ser decoradora, só para fugir do tédio. Quando as mulheres querem que os outros pensem que são trabalhadoras valentes, vão ser corretoras de imóveis ou decoradoras de interiores.

A nova flechada machucou mais do que as outras, sem dúvida porque atingiu um ponto já ferido.

— Você está dizendo besteiras — Chris acusou.

— Se a carapuça serviu... Ela se virou para encará-lo.

— Não serviu. Trabalho muito, talvez mais do que você. E as mulheres que conheço nos dois campos que você mencionou, também trabalham demais. Nós mulheres, precisamos trabalhar duas vezes mais do que os homens, para ganhar metade do respeito, graças a pessoas como você — desfiou. — E para seu governo, não nasci em berço de ouro. Meus pais não podiam me dar um berço de ouro, nem mesmo um de seda, ou de veludo, mas me deram muito amor, algo que é evidente que você não conhece. Sinto pena de sua esposa, ou seja lá quem for que o recebe em casa, à noite. — Pôs a mão na maçaneta para abrir a porta. — Vou com meu carro. Ficar fechada com você numa cabine de caminhonete é opressivo. — Descendo do veículo, virou-se para fulminar Gideon com um olhar. — Melhor ainda, acho que devemos fazer a inspeção numa outra hora. Estou me sentindo mal do estômago.

Batendo a porta com força, Chris marchou de volta para o carro. Estava trêmula, mas nem se incomodaria se ele percebesse, tão grandes eram a raiva e a mágoa que sentia. E essas emoções não cederam durante o retorno a Belmont, um percurso que ela fez em alta velocidade. Quando entrou no escritório, fechou a porta atrás de si e sentou-se, estava se sentindo humilhada.

Gideon Lowe vencera. Ela se esfacelara, quando ele atacara. Não podia acreditar no que fizera. Orgulhava-se de sua profissão. Só Deus sabia quantas adversidades enfrentara para estar onde estava. Ouvira críticas muito mais pessoais e

contundentes do que os comentários de Gideon e sobrevivera. Diante dele, no entanto, enfraquecera, caíra aos pedaços.

Quase se envergonhava de si mesma.

E sentia medo. Ela queria, precisava fazer o trabalho em Crosslyn Rise. Mas fugira, e isso poderia acabar com sua credibilidade. Gordon vira sua fraqueza e tiraria vantagem disso. Se ela pensara que ia ser difícil trabalhar com ele, agora achava quase impossível.

Gideon poderia contar aos outros membros do consórcio o que acontecera, mas disso ela duvidava. Ele não era exatamente inocente naquela história, e tinha sua própria imagem para proteger.

Mas podia mentir, dizendo que ela marcara um encontro para a inspeção da obra, que fora lá mas fora embora poucos minutos depois. Podia alegar que ela o fizera perder tempo e até sugerir que parecia mentalmente desequilibrada.

Se isso acontecesse, ela estaria numa grande encrenca. Queria Crosslyn Rise para firmar sua carreira, não para prejudicá-la.

O que fazer? Sentada atrás da escrivaninha, os cotovelos apoiados no tampo de vidro, e o rosto entre as mãos, ela ficou imaginando que tipo de atitude tomar. Talvez devesse telefonar a Jéssica. Mas já fizera isso uma vez para reclamar de Gideon. Fazer a mesma coisa novamente ia

dar impressão de covardia. Jéssica provavelmente começaria se perguntar se agira bem contratando-a.

Também não podia contar a Cártter. Gideon era amigo dele.

E, com toda a certeza, não podia falar com Gideon. Os dois apenas se envolveriam em outra briga.

Mas precisava fazer alguma coisa. Comprometera-se com Crosslyn Rise. Sua reputação como profissional e seu futuro estavam em jogo.

O telefone tocou. Ela observou a luz piscante tornar-se fixa, quando Margie atendeu. Olhou distraidamente para a pequena pilha de papéis cor-de-rosa sobre a mesa, recados à espera de resposta. Examinou-os, e nada de importante chamou-lhe a atenção.

O intercomunicador soou.

— Chris, Gideon Lowe está na linha. Quer falar com ele, ou anoto o recado?

Gideon. A pulsação de Chris disparou. Não, ela não queria falar com ele agora. Ainda estava dolorida, depois das últimas estocadas. Embaraçada. Confusa. E nada segura de si.

Mas era tolice não enfrentá-lo.

— Quero falar com ele — disse a Margie, depois de respirar fundo, tentando acalmar-se.

Mas esperou alguns segundos, de olhos fechados, até sentir-se melhor, antes de erguer o fone. Assim mesmo, seu dedo tremia, quando ela apertou o botão que a poria em contato com Gideon.

— Alô — disse em tom calmo, mas estava assustada. Esperava que ele rompesse numa série de censuras por ela ter ido embora daquela maneira, sem que houvessem resolvido nada. Mas Gideon não disse nada. Ela olhou para o fone, pensando que talvez ele houvesse desligado.

— Alô — repetiu.

— Desculpe-me — ele disse num tom de voz suave, que ela ainda não conhecia. — O que eu fiz não foi bonito. Eu não devia ter dito nada daquelas coisas.

— Então, por que disse? — ela gritou, só então percebendo a extensão exagerada da mágoa e da raiva que sentira.

Não entendia por que os comentários de Gideon a haviam ferido tanto, se os dois não passavam de temporários companheiros de trabalho, se um não significava nada para o outro. Mas o fato era que ela ficara tão abalada, que perdera a calma que lutara tanto para conseguir segundos antes de tirar o telefone do gancho e apertar o botão, e estava gritando com Gideon.

— Tem algo especial contra mim? — perguntou. — Eu lhe fiz alguma coisa, para você se sentir no direito de fazer o que faz? Tudo começou naquela manhã, quando fui inocentemente ao local da obra e minha presença distraiu seus homens. Pedi desculpas, mas de nada adiantou. Você me joga isso na cara até agora. Por que eu o deixo tão irritado?

Lembro alguém que o fez sofrer um dia, que o decepcionou? Por que você me detesta?

Perdeu o fôlego e parou para respirar. No silêncio que se seguiu, percebeu tudo o que dissera e ficou espantada. Onde estava seu profissionalismo? Mas isso era algo que ela parecia jogar para o ar toda vez que tinha algum contato com Gideon Lowe. Sua vontade era desligar e enfiar a cabeça no cesto de lixo.

— Não detesto, não — disse, ainda em tom baixo, e parecia perturbado. — É que olho para você e... algo acontece. Não sei explicar. Mas venho tentando, acredite. Trabalhei com

muitas pessoas no correr dos anos, inclusive com mulheres, e nunca me comportei assim. Todos acham que tenho bom temperamento.

Chris lembrou-se de Jéssica ter dito algo parecido. Não acreditara, na ocasião, como não acreditava agora.

— Bom temperamento. — repetiu, então murmurou: — Temperamento de um touro chucro, isso sim.

— Ouvi o que disse — Gideon informou. — Mas tudo bem. Eu mereço.

Essa confissão amoleceu-a um pouco.

— Se você nunca foi desse jeito, antes, então o problema sou eu. O que estou fazendo de errado? Tento ser flexível. Achei que precisávamos conversar porque isso faz parte de meu trabalho, e quando você propôs que nos encontrássemos na obra, concordei, embora essa não fosse minha idéia. Tento deixar passar algumas coisas que você diz, mas elas me machucam. Não sou uma pessoa fútil. Nunca consegui nada na vida sem esforço. Trabalho muito e me orgulho disso. Então, por que o aborreço tanto?

Gideon não respondeu imediatamente, então foi interrompido por uma telefonista.

— Tudo bem, tudo bem — ele resmungou. — Não desligue, Chris.

Ela ficou confusa, então ouviu o tilintar de fichas.

— Onde você está?

— Num telefone público, na cidade. Tiraram os telefones

de Crosslyn Rise, e não há nenhuma cabine telefônica naquela rua. Dá para acreditar nisso? Estamos construindo um condomínio de acordo com a mais alta tecnologia, no meio de uma cidade antiquada como o diabo. Vou ter de comprar um telefone de automóvel.

— Telefone de caminhonete — ela corrigiu.

— Hein?

Ela se recostou na cadeira.

— Você dirige uma caminhonete, não um automóvel.

— Telefone de caminhonete? É assim que devo pedir, quando for comprar?

— Sei lá.

— Você não tem telefone em seu carro?

— Não. São muito caros. Além disso, gosto de silêncio, enquanto dirijo. Assim posso pensar.

— Não acha que poderia tratar de coisas importantes, enquanto dirige?

— Pensar é importante.

— Claro que é, mas muitas pessoas me disseram que eu poderia entrar em contato com clientes e até conseguir novos contratos, se tivesse um telefone no carro. Não seria bom para você também?

Chris também ouvira aqueles argumentos.

— Se uma pessoa estivesse tão desesperada para contratar meus serviços que não pudesse esperar até eu voltar para o escritório, eu não a aceitaria como cliente — declarou. — Pode apostar que seria um pesadelo. É o tipo de pessoa impaciente que exige satisfação instantânea. Não faço milagres. — Então, concluiu baixinho: — Tomara fizesse.

— Se pudesse fazer milagres, o que faria?

Ela respirou fundo, embora já se sentisse bem mais calma. Quando não estava gritando, Gideon falava com um tom de voz deliciosamente relaxante.

— Faria com que isso que faz você se irritar comigo desaparecesse. Quero que meu trabalho em Crosslyn Rise seja excelente. Sou perfeccionista. Mas também sou pacifista. Não consigo trabalhar numa atmosfera de hostilidade.

— Não estou me sentindo hostil, agora.

O coração de Chris começou a bater mais depressa, e ela atribuiu isso ao alívio que sentiu.

— Nem eu.

— Porque estamos falando por telefone, não cara a cara.

— O que há de errado com a minha cara, que o aborrece tanto?

— Nada. Seu rosto é lindo.

O elogio inesperado deixou-a sem fala. Antes que pudesse começar a gaguejar qualquer coisa, só para quebrar o silêncio, Gideon disse:

— Mas você não deixa de ter razão. Na primeira vez em que a vi, confundi-a com outra pessoa. Ela me aborreceu tanto que acho que despejei minha revolta em cima de você. — Elizabeth ligara novamente na semana anterior, e ele dissera que continuava a sair com Marie. — Mas não sei por que confundi você com ela. Você é muito diferente.

Chris não sabia se aquilo era um cumprimento, ou não. Ainda se deliciava com o primeiro elogio, embora reconhecendo que era bobagem. Importava, o fato de Gideon achá-la bonita? Ele era apenas uma pessoa com quem ela ia trabalhar. Pelo certo, ela teria de zangar-se, pelo fato de ele a estar julgando pela aparência, não pela capacidade. Mas não era de admirar, sendo sexista como ele era. E enganador, se fosse casado.

— Chris... — ele chamou, hesitante.

— Oi.

— Acho que devemos esclarecer uma coisa. Aquilo que você disse na caminhonete, sobre mim e minha esposa, ou quem me recebesse em casa à noite...

O coração de Chris disparou de novo.

— O que é que tem? — ela perguntou.

— Não existe nenhuma pessoa. Não sou casado. Já fui, muito tempo atrás, mas o casamento durou pouco. Eu gostava mais de me divertir do que de ser marido.

Chris sentiu um calor na região dos seios, que não tinha a ver com o pesado suéter de lã. Por alguma razão, se sentiu inquieta ao ouvi-lo dizer que era livre, embora no seu íntimo já houvesse adivinhado.

— por que está me contando isso?

— porque acho que faz parte do problema. Pelo menos no que me toca. Somos ambos solteiros, e toda vez que olho para você, fico um pouco perturbado.

— perturbado? — Se Gideon queria dizer o que ela estava pensando, havia realmente um problema. — Olhe, se está preocupado comigo, pode ficar sossegado. Não vou assediá-lo. Não estou neste ramo para encontrar um namorado.

Eu não quis dizer isso e...

Estou saindo com um homem a quem aprecio muito - ela o interrompeu. — Mas para dizer a verdade, não tenho muito tempo para ele. Trabalho demais.

E quando é que se diverte? — Gideon perguntou, indignado.

Eu me divirto bastante — Chris respondeu, na defensiva novamente. — Gosto do meu

trabalho, a não ser quando construtores me fazem em pedaços só pelo prazer de me deixar aborrecida.

— Não faço por querer. Era isso que eu estava tentando lhe dizer.

—. Não adianta falar. Tente outra coisa. Tente mudar. Não faça conjecturas a meu respeito, nem me julgue. Não é porque penso e ajo de modo diferente de você, que estou errada. Eu não lhe digo do que deve gostar, portanto não me diga do que eu devo gostar.

Não estou fazendo nada disso — Gideon defendeu-se.

Só estou expressando minha opinião. E me expresso de um jeito que você acha ofensivo. Bem, talvez você seja sensível demais.

- Talvez eu seja humana! Talvez eu goste de me dar bem com as pessoas. Talvez eu goste de ser agradável. Talvez eu goste de ter o respeito delas, de vez em quando.

-- Como deseja ter meu respeito, se não fica perto de mim o bastante para que eu a conheça? — ele revidou. — Ficou irritada com o que eu disse e, em vez de ficar lá e tentar fazer valer sua opinião, você fugiu. Isso não resolve nada, Chris.

Ela apertou o telefone com mais força.

— Ah, eu sabia que íamos chegar a isso, mais cedo ou

mais tarde. Muito bem. Por que não diz o que pensa, por que não tira esse peso do peito? Já estou arrasada. Algumas ofensas a mais não farão mal. Ele não disse uma palavra.

— Vamos lá, Gideon. Diga alguma coisa. Sei que está morrendo de vontade de falar. Diga que sou covarde. Diga que foi otimista demais, quando absteve-se de me dar seu voto, que devia ter votado contra. Diga que duvida seriamente de que eu seja capaz de fazer a decoração de Crosslyn Rise. — Ela fez uma pausa, à espera, então continuou: — Diga que estou na profissão errada, que eu devia ser secretária, ou professora, ou garçonete. Vá em frente. Estou pronta para ouvir. — Fez mais uma pausa, antes de chamar em tom cauteloso: — Gideon?

— Acabou?

Descobrir que ele não havia desligado deixou-a aliviada.

— Acabei.

— Quer almoçar comigo amanhã?

Não era isso que ela esperava ouvir, e foi apanhada desprevenida.

— Ha... eu...

— Escolha o lugar. Iremos aonde você quiser. Posso ir aí, você pode vir para cá, ou podemos nos encontrar no meio do caminho. Temos de almoçar, não temos? Deixarei que pague sua parte, se você preferir. Eu gostaria de pagar tudo sozinho, mas sei que vocês, mulheres, não gostam muito de ser tratadas desse jeito. Deus me livre de fazer você sentir-se em débito comigo.

— Não é por causa disso que gostamos de dividir as despesas. Mas porque esse é o jeito profissional de fazer as coisas.

— Se é assim, por quê, quando vou almoçar com outro cara para tratar de negócios, um de nós paga a conta toda, ficando subentendido que o outro pagará na próxima vez? Mas as mulheres modernas e independentes criam um caso danado por causa disso.

— Então, por que vocês, homens, correm atrás de nós?

— Eu, normalmente, não corro. Na verdade, de modo

geral, prefiro ficar o mais longe possível de vocês. Mas há mulheres que gostam que um homem abra a porta para elas, que as ajude a tirar o casaco, ou puxe a cadeira para que sentem.

Em resumo, gostam de ser tratadas como mulheres.

— Eu também gosto.

— Vá enganar outro.

— Foi você quem sugeriu dividirmos a conta do almoço, mas, se quer pagar sozinho, fique à vontade. Aposto como ganha muito mais dinheiro do que eu.

— Por que pensa assim?

— Investiu em Crosslyn Rise, não?

— Até o último centavo de minhas economias.

— Acha que foi prudente, fazendo isso?

— Pergunte-me isso daqui a uns dois anos, e talvez eu tenha uma resposta. Tenho...

Droga, minhas fichas acabaram, a ligação vai ser cortada. Chris, vai almoçar comigo, ou não?

— Amanhã? — Ela olhou para a agenda aberta sobre a mesa. — Só se for às duas horas. Antes disso estarei ocupada.

— As duas está ótimo — ele disse, apressado. — Onde?

— No Joe's Grille. Fica em Burlington. Saindo da Middlesex Turnpike.

— No Joe's Grille, às duas. Até amanhã, então.

O telefone ficou mudo, e Chris não sabia se Gideon desligara, ou se a telefonista interrompera a ligação. De súbito, ficou alarmada. Marcara outro encontro com Gideon. Apesar de a situação, agora, estar mais a seu gosto, ela ainda sentia-se inquieta.

Ele a deixava muito confusa. Na maioria do tempo deixava-a irritada, então, quando ela menos esperava, tornava-se charmoso. Não que aquele charme a atingisse. Deixara claro que não estava interessada em arrumar um homem, e era verdade, mas seria melhor, se ele fosse casado. Ela se sentiria mais segura.

Mas Gideon era livre. E os dois iam trabalhar juntos. Ajudava um pouco, saber o que Crosslyn Rise significava para ele. Tendo investido tudo o que possuía no consórcio. Gideon certamente queria que tudo desse certo, de modo

que não existia a possibilidade de ele sabotar o trabalho dela, por alguma vingança machista. Também não dissera que a queria fora do projeto, e Chris dera-lhe essa chance.

Esse era o lado positivo da situação. O lado negativo era aquele almoço com que ela concordara estupidamente. Um encontro no banco teria sido melhor. Ir a um restaurante com Gideon parecia tão... íntimo.

Mas ela era uma profissional e tinha um trabalho a fazer. Ia encontrar-se com ele, manteria o controle sobre si mesma e deixaria claro que estava farta de ser provocada. Podia enfrentar Gideon. Era só uma questão de determinação.

CAPÍTULO IV

Gideon mal podia esperar pelo almoço. Sentia-se muito bem, depois de falar com Chris por telefone. Era como se finalmente houvessem conseguido estabelecer uma ligação. A despeito de tudo o que encontrara nela para criticar, aquela moça o deixava intrigado. Ela não era o que

pensara a princípio. Era um mistério, e isso o desafiava.

Ele estava entusiasmado, de uma maneira que nada tinha a ver com o progresso do trabalho em Crosslyn Rise, mas com o fato de que ia encontrar-se com uma mulher bonita. Chris podia chamar o almoço de um encontro de negócios, o que não deixava de ser verdade, mas para Gideon era algo diferente, por motivos pouco profissionais. Ele queria conhecê-la melhor, começar a desvendar o mistério que a cercava. "Começar" era a palavra certa, porque ele imaginava que aquele encontro seria o primeiro de muitos outros. Ela já declarara que não estava à procura de homens, portanto não podia ser apressada. Mas nem isso o incomodava, porque ele imaginava como seria a lenta e agradável evolução do relacionamento.

O primeiro encontro era muito importante, porque lançava a base para os que aconteceriam no futuro. Por essa razão, Gideon estava determinado a comportar-se da maneira mais gentil e educada que sabia. Gostaria de poder parecer também sofisticado e culto, mas não era nada disso. Fingimento funcionaria com Elizabeth, mas com certeza não funcionava com Chris. Ela descobriria a farsa num instante. Era inteligente e perspicaz. Percebera que ele mentira ao

dizer que estivera a sua espera no lago dos patos durante dez minutos, embora ele apenas houvesse exagerado um pouco na verdade. Não, fingir não levaria a nada. Ele seria ele mesmo e faria o possível para agradá-la.

Para começar vestiu-se com apuro. Chegara a Crosslyn Rise às sete e meia, junto com seus homens, e organizou o trabalho a ser feito. Por volta de dez e meia, retirou-se e fez todo o caminho de volta para casa, para tomar banho e trocar-se. Tomou uma boa ducha, barbeou-se, vestiu calça esporte cinzenta, camisa levemente rosada e um suéter de lã mesclada em vários tons da cor da calça. Eram roupas que comprara em Cambridge, no dia em que decidira investir em Crosslyn Rise, pois sabia que haveria situações em que precisaria vestir-se bem. Além dessas peças, comprara um blazer, duas gravatas, uma camisa azul e outra branca. Mas escolhera a camisa rosada para encontrar-se com Chris, achando que ela gostaria de um sutil toque de cor no traje sério.

Vestiu também um casaco de couro que ganhara da mãe num aniversário, muitos anos atrás. Fora um dos poucos presentes dela que o haviam agradado. Quase todos eram, no modo de falar dele, "muito cheios de frescura", que o faziam lembrar de tudo o que a mãe queria que ele fosse e ele não era. O casaco de couro, porém, marrom-escuro e de corte tradicional, era perfeito. Ele o usava bastante.

Deixando a caminhonete no pátio, saiu com o carro Bronco com bastante antecedência, prevendo dificuldades no trânsito. O caminho para Burlington era o mesmo que ele fazia para ir a Crosslyn Rise, e ele achava que poderia percorrê-lo até mesmo dormindo, tão bem o conhecia. Chris dissera que pensava, enquanto dirigia. Ele relaxava, ouvindo música, e esse era um dos motivos que o faziam hesitar em comprar um telefone móvel, porque seria perturbado a cada minuto. Instalara sofisticados aparelhos de som em ambos os veículos, com rádio e toca-fitas, e achava divino correr na rodovia, no limite da velocidade permitida, ouvindo Jr., Willie, ou Waylon.

Naquele dia, porém, não ouviu música, porque estava

muito ocupado, pensando em Chris. Ela era realmente uma beleza, muito feminina, apesar do ar de frio profissionalismo que gostava de ostentar. Ela o excitava. O calor que o

invadia, quando ele a via, era inconfundível. Claro, naquele momento estava um pouco nervoso com a idéia de encontrá-la. Claro, o dia estava muito frio e ele não comeria nada, desde as seis da manhã. Mas os pequenos tremores que sentia por dentro não eram provocados por nada daquilo, mas por um desejo puro e indisfarçado.

Era a última coisa que queria que Chris percebesse. E como a reação ficava mais forte, quanto mais ele pensava nela, Gideon refletiu que precisava fazer alguma coisa. Assim, abriu a janela, pôs uma fita para tocar e começou a cantar junto, a plenos pulmões. Quando saiu da Middlesex Turnpike e parou no estacionamento do Joe's Grille, suas faces estavam vermelhas de frio, a garganta ardia um pouco, e as mãos tremiam levemente, quando ele passou um pente pelos cabelos revoltos. Olhou-se no espelho retrovisor mais uma vez para ter certeza de que estava com boa aparência, respirou fundo e saiu do carro.

Chegara cedo. Haviam combinado de encontrar-se às duas, e faltavam dez minutos. Entrou no restaurante para certificar-se de que Chris não chegara, deu seu nome à recepcionista, juntamente com cinco dólares, para garantir uma boa mesa, piscou para a moça para deixá-la de bom humor, e foi para o shopping center, que funcionava no mesmo prédio, onde ficou andando com as mãos nos bolsos. Faltavam menos de três semanas para o Natal, e a temporada de vendas estava no auge. Uma vitrina mostrava uma decoração mais festiva, mais cintilante, mais criativa do que a outra. Quase como se quisesse escapar daquele exagero de cores e brilho, Gideon caminhou para a parte central do shopping, onde erguia-se uma enorme árvore de Natal decorada com flores naturais em vez de com os ornamentos tradicionais.

Ficou parado, olhando para a árvore durante alguns instantes, achando-a linda, pensando que nunca vira outra igual

— Desculpe-me — alguém ofegante murmurou perto dele-

Gideon olhou rapidamente para o lado e viu Chris. Ela parecia sem fôlego, as faces estavam coradas, mas havia um esboço de sorriso no rosto bonito.

— Cheguei cedo, então pensei em comprar um presente — ela explicou —, mas a caixa registradora da loja estava com um defeito que ninguém sabia corrigir, então tive de esperar até que chamassem o supervisor. E a loja fica no outro lado do shopping. Tive de correr. Foi coincidência encontrá-lo aqui. pensei que estivesse no restaurante. Faz tempo que chegou?

— Não muito — respondeu Gideon, imaginando se ela estava tagarelando tanto por nervosismo. Se fosse isso, era bom sinal. — Mas resolvi vir dar uma olhada no shopping. As vitrinas estão muito bonitas.

Mas Chris estava mais bonita do que qualquer coisa. Usava suéter e calça azul-marinho, um longo casaco bege e um cachecol de lã que passava por trás do pescoço, as duas pontas caindo ao longo da abertura do casaco. Algumas mechas de cabelos haviam escapado do coque e flutuavam ao redor do rosto, a boca parecia macia, e os olhos estavam tão azuis quanto o céu num dia claro de verão.

Gideon quase disse que ela estava mais bonita do que aquela original árvore de Natal, mas conteve-se. Para todos os efeitos, haviam se encontrado para falar de trabalho, e parceiros de trabalho não trocavam elogios daquele tipo.

— Nunca vi uma decoração assim — ele comentou, apontando para a árvore de Natal. — As flores são naturais. Como permanecem frescas?

— A haste de cada uma fica dentro de um tubinho com água. Quando colhidos no momento certo, os lírios duram bastante.

— São lírios?

— São. Eu uso bastante os feitos de seda, em arranjos para vestibulos, aparadores e mesas de sala de jantar. São elegantes.

— Você faz flores de seda?

— Não. Compro de uma moça que é uma verdadeira artista. Ela faz os arranjos do modo como os idealizei.

— Detesto flores artificiais, mesmo as de Seda.

— Porque nunca viu as bem-feitas. Algumas são tão perfeitas, que fica difícil saber se são artificiais ou naturais

— Eu sempre sei.

— Conhece flores tanto assim?

— O bastante para saber que é uma questão de umidade. — O olhar dele pousou nos lábios dela. — A seda pode ser a melhor do mundo, mas as flores não respiram, como as de verdade. Não têm o mesmo brilho, nem transpiram. Uma flor natural é como a pele humana. — Ele passou a polpa do polegar no rosto de Chris, sentindo a maciez, o calor, o leve orvalho causado pela corrida que ela dera através do shopping, também sentiu seu corpo reagir instantaneamente, então pigarreou, retirou a mão e colocou-a no bolso, perguntando: — Está com fome?

— Estou.

— Vamos almoçar, então?

— Vamos — ela concordou, ainda um pouco ofegante. Gideon não queria precipitar-se, pensando que aquilo podia ser atribuído a uma causa menos inocente, mas vira os olhos dela alargarem-se ligeiramente, quando ele lhe tocara o rosto, e notava que ela parecia colada no chão, de tão imóvel.

Ele fez um gesto de cabeça na direção do restaurante, e Chris moveu a cabeça assentindo, aparentemente com algum esforço, então olhou para a sacola pendurada em seu braço.

— Quer que eu carregue para você?

— Ah, não, obrigada. Começaram a andar.

— O que você comprou? — Gideon perguntou. — Ou quer guardar segredo? É alguma peça preta e sexy para sua mãe? — Calou-se, subitamente receando ter cometido um erro. — Ha... sua mãe ainda vive, não?

Chris sorriu. O afeto que obviamente dedicava à mãe deu mais calor aos olhos azuis.

— Claro. Tem cinquenta e cinco anos e é cheia de energia Mas morreria de vergonha, se eu lhe desse "uma peça preta e sexy". O presente é para uma tia e não tem nada a ver com lingerie. Na verdade, não sei o que comprar para minha mãe.

— O que ela gosta de fazer? — indagou Gideon.

- De ler, mas livros são presentes impessoais.

— Gosta só de ler, mais nada?

— Adora bordar ponto cruz, mas já está com três trabalhos começados, não precisa de mais um.

— O que mais?

— Bem, ela cuida da casa, cozinha, mas acho que não gostaria de ganhar uma vassoura

ou algo assim.

Gideon estava visualizando uma amorosa dona de casa, perto de quem se sentiria à vontade em um minuto.

— O que acha de uma panela de cerâmica? — sugeriu.

— Panela de cerâmica? — Chris repetiu, curvando a cabeça, pensativa.

Ele vira algumas panelas daquelas na capa de trás de um dos catálogos que, sem ter pedido, recebia todas as semanas. Bem enroladinhos, eram muito úteis para acender a lareira. De vez em quando, ele via algo interessante, enquanto os enrolava.

— Sabe, daquelas onde se pode cozinhar uma refeição inteira, com as panelas Crockpot, mas de cerâmica.

Haviam chegado ao restaurante, e ele abriu a porta, segurando-a para Chris entrar primeiro.

— Como foi que descobriu essas panelas de cerâmica? — ela perguntou, olhando-o com curiosidade enquanto passava

Gideon deu de ombros. Pondo a mão de leve nas costas dela, guiou-a na direção da recepcionista, que prontamente levou-os a uma mesa para quatro pessoas e que devia ser a mais tranqüila do restaurante. Devia ser, porque àquela hora o lugar estava cheio de pessoas que provavelmente trabalhavam nos prédios comerciais vizinhos, além de mulheres que tinham ido fazer compras de Natal com os filhos. Esses últimos eram os mais barulhentos. Notando que a mesa reservada pela recepcionista ficava um pouco afastada das outras, Gideon achou que o dinheiro da gorjeta fora bem gasto. Privacidade, por mais precária que fosse, era essencial, quando um homem estava tentando agradar uma mulher.

- Quer que eu pendure seu casaco? — ele se ofereceu, quando puxava a cadeira para Chris sentar.

Ela olhou em volta e viu os cabides nas paredes.

— Quero sim, obrigada — respondeu, pondo a sacola e a bolsa numa cadeira livre e começando a tirar o casaco.

Gideon ajudou-a a tirá-lo e foi pendurá-lo. Então, tirou o casaco de couro e pendurou-o num cabide ao lado. Quando voltou para a mesa, Chris já se sentara. Ele ocupou a cadeira à direita dela, pois fora naquele lugar que a recepcionista colocara o segundo cardápio, mas no mesmo instante achou que errara. Chris, muito tesa em sua cadeira, cruzara as mãos no colo e parecia desconfortável.

— Posso sentar aqui, sendo este um almoço de negócios? — ele perguntou em tom de brincadeira. — Ou devo me sentar a sua frente?

Ela lançou um olhar ao redor.

— Acho que, se você sentar à minha frente, não ouvirei uma palavra do que disser. Pensei que a esta hora haveria pouca gente, mas esqueci que era época de Natal.

— Vem aqui muitas vezes?

— Venho. É o restaurante preferido de minha família.

— Família... Seu pai e sua mãe? — ele incentivou.

— E o resto. Dos filhos, sou a mais velha. O mais jovem tem quinze anos. Agora é mais difícil, mas ainda tentamos fazer coisas juntos e nos reunimos sempre que podemos. — Chris abriu seu cardápio, tomando um gole de água. — Os sanduíches especiais, aqui, são muito bons, e a costela é ótima. Eu geralmente peço uma salada. Gosto muito de uma de espinafre.

— Detesto espinafre.

Ouvindo o comentário franco de Gideon, ela finalmente fitou-o.

— Do mesmo modo que detesta flores artificiais?

— Até mais. — Fazendo uma pausa, ele sustentou o olhar dela. Então viu-a corar de leve e pôr para trás da orelha uma mecha dos cabelos loiros. — Gostei de sua roupa. Você fica bem de azul-marinho. É apropriado dizer isso num almoço de negócios?

Chris continuou a encará-lo, então pareceu relaxar.

— Tecnicamente, trata-se de uma observação sexista.

— Não. É um elogio.

— Você faria um elogio desses a um de seus homens?

— Claro que não. O sujeito pensaria que eu estava dando em cima dele.

Ela arqueou as sobrancelhas sugestivamente.

— Não estou dando em cima de você — Gideon apressou-se em dizer e, de certa forma, era verdade. Ele a elogiara porque realmente gostara de vê-la vestida daquele modo.

— Só quis dizer que você está bonita. Além disso, elogio meus homens, mas de outra maneira.

— Ah — ela murmurou com gravidade. — O jeito masculino. — Olhou a camisa dele, o suéter, e sorriu, maliciosa.

— Imagino o que eles disseram, quando o viram usando essas roupas, hoje.

Sentindo uma pontada de desapontamento, Gideon olhou-se.

— O que há de errado com minhas roupas?

— Nada. É um traje bonito, mas muito diferente daquele que vi você usando em Crosslyn Rise.

”É um traje bonito”. Como palavras tão simples podiam fazê-lo sentir-se tão bem?

— Obrigado. Não fui trabalhar vestido assim. Meus homens teriam me chutado para fora da obra. Antes de vir para cá fui para casa, tomar banho e me trocar.

Ela ficou em silêncio por um momento.

— Onde é sua casa? — perguntou, então.

— Worcester.

Chris abriu muito os olhos, espantada.

— Worcester?! Mas é muito longe! Não me diga que vai de lá até Crosslyn Rise todos os dias e depois volta, à tarde.

— Faço o percurso em uma hora e quinze.

— Voando.

Ele apenas deu de ombros. Chris abanou a cabeça, incrédula.

— Quer dizer que hoje viajou até Crosslyn Rise, depois até em casa, e fez todo o caminho de volta para encontrar-se comigo?

— Eu não poderia vir com roupas de trabalho. Você não aceitaria sentar-se à mesa comigo. Além disso, não fiz ”todo o caminho de volta” para chegar aqui. Crosslyn Rise ainda fica mais à frente.

— Mas eu escolheria um lugar mais próximo, se soubesse. Desculpe-me, Gideon.

— Não foi nada demais — ele assegurou com um sorriso. — Pedi para você escolher um lugar, e você escolheu. — Olhou em volta. — E isto aqui é muito bonito.

— Oi — uma garçonete cumprimentou-os, aparecendo entre eles. — Meu nome é Melissa e estou aqui para servi-los. Querem que eu traga alguma coisa do bar?

Gideon olhou para Chris.

— Chá, por favor — ela pediu.

— E o senhor? — Melissa perguntou.

Ele queria uma cerveja, mas isso não fazia parte da imagem que desejava mostrar. Por outro lado, não se via pedindo vinho.

— Quero uma Coca-Cola — respondeu. — E alguma coisa para mastigar, enquanto esperamos o almoço. O que vocês têm?

— Traga uma porção de batatas fritas com casca — Chris pediu, antes que a garçonete respondesse à pergunta de Gideon.

— Como sabe que gosto de batatas fritas com casca? — ele perguntou no instante em que Melissa afastou-se.

— Você gosta?

— Claro.

— Meu pai e meus irmãos também gostam. — Havia satisfação no sorriso dela. — E eles são altos e fortes como você.

Gideon pensou que aquilo era bom, porque era evidente que ela gostava muito do pai e dos irmãos, então outro pensamento ocorreu-lhe.

— E seu namorado? Ele gosta de batatas fritas com casca?

— Meu namorado? Ah, você está falando de Anthony? Ha... bem... na verdade, não gosta, não.

— Então, o que ele escolhe como entrada, quando vem aqui?

— Ele não vem. Mora em Boston. E não é meu namorado. Eu disse a você que não estou interessada nisso.

— Não estaria interessada numa namorada? — Gideon perguntou antes que pudesse conter a língua.

Chris franziu a testa.

— Por que é tão agressivo?

Ele ergueu a mão num gesto pacificador.

— Desculpe — pediu baixinho. — É que eu gosto de saber das coisas. Quero dizer, por que uma mulher bonita e talentosa como você ainda está sozinha?

— Você também ainda está sozinho. Qual sua desculpa? — ela devolveu.

— Eu lhe disse. Estraguei meu casamento.

— Muito tempo atrás, de acordo com você mesmo. Nunca mais tentou.

— Mas eu saio com mulheres. Saio muito. Só que nunca encontrei alguém que quisesse ver a meu lado na cama todas as manhãs. — Ele fez uma pausa, deixando que ela absorvesse todas as imagens sensuais que o comentário sugestivo evocava.

Imaginou Chris em sua cama. Estaria ela imaginando a mesma coisa. Mas não parecia estar. No entanto, ficou calada por longos instantes.

— Mora sozinho, então? — perguntou por fim.

— Moro — ele respondeu, achando que detectara interesse na voz dela.

— Num apartamento?

— Numa casa que eu mesmo construí. Ela exibiu um pequeno sorriso.

- Eu devia ter adivinhado — disse, então calou-se novamente, pensativa.
- Vamos, pergunte o que quiser — ele animou-a em tom gentil. — Eu respondo.
- Mora sozinho numa casa grande?
- Não é grande, mas é bonita e tem tudo o que preciso.
- Você cozinha, limpa a casa, lava e passas suas roupas?

- Só cozinho. Pago uma pessoa para fazer o resto.
- Sabe mesmo cozinhar?
- O bastante para não morrer de fome. Por quê?

— Achei que sabia, porque entende de panelas de cerâmica — ela respondeu, então mostrou-se subitamente alegre. — Não é má idéia, sabia? Minha mãe não tem nenhuma panela dessas. Na verdade é uma ótima idéia. Obrigada.

Gideon sorriu.

- Gosto de ser útil.

Arregalou os olhos ao ver o tamanho da travessa de batatas fritas que a garçonete pôs na mesa. Uma visão tentadora, e ele estava esfaimado.

— Querem pedir o resto agora? — perguntou Melissa. Chris olhou com ar indagador para Gideon, mas ele nem abriu o cardápio.

- Qualquer sanduíche. Escolha por mim, Chris. Você sabe o que é bom.

Ela pediu um sanduíche triplo de peito de peru para ele e uma salada para si mesma. Então hesitou, parecendo indecisa.

- Está ótimo — ele aprovou e piscou para Melissa, que corou e afastou-se.

Quando tornou a olhar para Chris, ela estava tirando um caderno da bolsa. Tirando uma caneta presa na lombada em espiral, abriu o caderno numa página presa por um clipe.

- O que vai fazer? — ele perguntou.

Estava sendo um cavalheiro, esperando que ela se servisse de batatas para poder atacar.

- Tenho algumas perguntas para fazer a você e quero anotar as respostas.

- Perguntas sobre mim?

- Sobre Crosslyn Rise.

— Oh... — Ele olhou cobiçoso para a travessa de batatas. Pegando as duas colheres que acompanhavam a travessa, colocou algumas no prato de Chris.

- Não — ela protestou imediatamente. — São para você.

- Acha que vou comer tudo isso?

- Leve o resto para comer no jantar. Só vou comer a salada.

— Ah! — ele exclamou. — Você é uma daquelas mulheres que estão sempre fazendo regime. Mas não vejo nenhuma gordura sobrando.

- Mas há gordura sobrando.

- Onde?

- Lá — ela respondeu, encarando-o.

Por mais que fantasiasse, Gideon não entendeu se, com aquele olhar, Chris queria se referir às coxas, às nádegas, à cintura ou aos seios, ou outro local onde ela imaginava que tinha gordura acumulada. Então, serviu-se de batatas, decidindo deixá-la fazer as perguntas que preparara.

- Muito bem, pode começar a perguntar.

- Você pensaria em usar telhas de madeira nos telhados?
- Não. Próxima pergunta — ele disse, pondo metade de uma batata na boca.
- Por que não?
- Hummmm... que delícia.
- Por que não usaria telhas de madeira? — ela repetiu, paciente.
- Porque são muito caras e nada práticas.
- Mas são bonitas.
- Tijolos também são bonitos, mas caros como o diabo.
- Essa era minha próxima pergunta. Não podíamos usar tijolos em algumas áreas selecionadas?
- Isso não faz parte do que Cárter imaginou. Ele quer tudo em madeira.
- Qual é sua opinião?
- Que você devia falar com Cárter.
- Qual é sua opinião, Gideon?
- Acho que podemos passar muito bem sem essa despesa extra. Próxima pergunta.
- Janelas. O que pensa das semicirculares?
- Como assim?
- Ficariam espetaculares, acima das portas francesas. Gideon tinha de concordar com ela nesse ponto, mas era realista.
- Mais uma vez, é uma questão de custo — observou,

depois de engolir o que tinha na boca. — Fiz o orçamento com base nos projetos que Cárter me deu. Janelas semicirculares são caras. Se eu estourar o orçamento, também será meu dinheiro que estará sendo desperdiçado.

— Talvez não seja necessário estourar o orçamento — ela ponderou, esperançosa. — Você pode fazer um bom negócio, se encontrar o fornecedor certo.

— Você conhece algum que me daria um ótimo desconto? A esperança de Chris feneceu.

— Pensei que você conhecesse — ela disse, desanimada. Ele olhou para o prato, enquanto cortava outra batata.

— Não conheço, sinto muito. Nunca trabalhei com esse tipo de janelas.

— Não tem nenhum parente no ramo da construção civil? Ele colocou um pedaço de batata na boca, mastigou lentamente e engoliu-o, antes de responder:

— Nenhum vivo. Meu pai era pintor, mas faleceu há dez anos.

Um ar de tristeza cobriu o rosto de Chris.

— Dez anos... Ele devia ser bem jovem, ainda.

— Nem tanto, mas era jovem para morrer. Sofreu um acidente de trabalho e nunca mais se recuperou. — Gideon olhou de maneira sugestiva. — É por isso que fico louco, quando alguém comete uma imprudência no local de uma construção.

— Entendo. — Ela pôs o caderno no colo e olhou diretamente para Gideon. — Você trabalhava com ele, na época?

— Não. Trabalhei com ele quando era adolescente, mas já era construtor, quando o acidente aconteceu. Meu pai trabalhou muito para mim, mas não foi em uma de minhas obras que ele caiu. A escada quebrou.

— Lamento — ela murmurou, e parecia sincera. — Vocês eram muito unidos?

— Eu só tinha ele.

— E sua mãe?

— Ela foi embora quando eu tinha três anos.

— Foi embora, simplesmente? — Chris perguntou, obviamente espantada.

— Encontrou outra pessoa, que lhe prometeu um futuro melhor. Então, divorciou-se de meu pai, casou-se com o outro homem, e os dois mudaram-se para a Califórnia. — Gideon pousou o garfo. — Ela ficou bem, tenho de admitir. Tornou-se uma dama da sociedade e tem arranjos de flores de seda por toda a casa.

— Ah, mas não são flores de boa qualidade, se você percebeu que são artificiais. — Chris sorriu, então ficou séria novamente. — Você vê sua mãe com frequência?

— Uma, duas vezes por ano. Ela nunca deixou de entrar em contato. Uma vez me convidou para morar com ela, mas recusei. Eu não ia trair meu pai. Então, quando ele morreu, a idéia de me mudar não me atraiu. Minhas raízes estão aqui. Quero trabalhar aqui. — Ele sorriu. — Minha mãe não gosta do que eu faço. Acha que é um trabalho vulgar. Por minha vez, não gosto da Califórnia, nem de praia.

— Não gosta de surfar? — Chris perguntou, sorrindo também.

— Não muito. Jogo softball e basquete. Só.

— E já chega! — ela exclamou enfaticamente.

— Seu pai e seus irmãos também jogam?

— Meus irmãos. São fanáticos por basquete.

— E você? Não pratica nenhum exercício físico?

— Faço balé.

Balé. Ele devia ter adivinhado. E ele gostava tanto de bale quanto de bombons Godiva.

— Dança em espetáculos?

— Oh, não! Mesmo que fosse bastante boa para isso, o que não sou, ou bastante jovem, o que também não sou, eu não teria tempo. Vou às aulas duas vezes por semana, para me divertir e me exercitar. — Chris fez uma pausa, respirando rapidamente. — Por que você passou de pintor para construtor?

Gideon queria saber mais a respeito dela, mas Chris continuava a virar as perguntas para o lado dele, e isso o constrangia, porque ele não estava acostumado a falar sobre si mesmo, sobre sua vida. Por exemplo, não contava aquelas coisas a respeito da mãe, mas Chris parecia tão genuinamente

interessada, que ele achava fácil falar sobre aquilo. Ela estava curiosa, como se ele fosse um enigma que precisasse ser decifrado.

— De pintor a construtor? — Gideon recordou o tempo em que decidira mudar de profissão e de como fora difícil de convencer o pai. — Em parte, por causa de dinheiro. O negócio de construções estava indo de vento em popa, enquanto que o da pintura seguia sempre o mesmo velho esquema. Foi também uma questão de independência. Eu não queria ser apenas filho do meu pai. Mas acho que o que me fez mesmo decidir foi o desafio. Passar os dias, um após o outro, pintando casas? No início, achei o trabalho fantástico. Eu podia ficar no alto de uma escada, movendo o pincel de um lado para o outro, ouvindo música o dia inteiro. Mas depois aquilo foi ficando monótono. Parecia que eu estava secando por dentro. Quero dizer, naquele trabalho eu não tinha de pensar.

— Mas aposto que agora tem, e muito.

— Obrigado.

— Estou falando sério.

— Eu sei. Nem imagina como tenho de pensar, todos os dias. As vezes acho isso uma chatice, mas não trocaria meu trabalho por nenhum outro.

— Mas você investiu em Crosslyn Rise. É membro do consórcio. Isso não é uma mudança?

— Estou só fazendo uma experiência.

— Então, não pretende continuar como investidor em empreendimentos imobiliários?

Gideon refletiu sobre aquilo. Um mês atrás teria respondido prontamente, mas agora hesitava.

— Investi em Crosslyn Rise porque nunca tinha investido em nada. Foi como subir mais um degrau da escada, algo que eu queria tentar, que precisava tentar. — Franziu a testa, olhando para o prato. — Tentei, e agora quero realmente que dê certo, e isso causa pressão. — Olhou para Chris. — Entende o que quero dizer?

— Entendo.

— É algo excitante, apesar de tudo. Mas há também

aquela coisa de se precisar trabalhar em um escritório, em vez de numa obra. Gosto das reuniões no banco, de me envolver nas discussões, mas quando tudo acaba, e o pessoal se dispersa, não sinto aquela sensação de ter realizado alguma coisa que sinto no fim de um dia de trabalho e avalio o progresso da construção. Não sinto a mesma alegria de quando vejo uma casa pronta, quando uma família se muda para lá e passa a viver e a amar um lugar que eu construí. Não, eu nunca seria capaz de deixar o que faço, nunca poderia desistir da satisfação que meu trabalho me dá. — Parou de falar e durante alguns instantes ficou pensando sobre tudo o que dissera. — Engraçado, mas nunca disse essas coisas a ninguém. Você é uma influência positiva.

— Não — ela negou suavemente. — Você teria dito, ou reconhecido que é isso que sente, mais cedo ou mais tarde. Eu só fiz uma pergunta que o incentivou a falar.

— Aposto como faz isso com todo mundo que conhece. É preciso ser bom ouvinte para poder fazer a pergunta certa. Você é uma boa ouvinte, Chris.

Ela deu de ombros, mas não disse nada, porque nesse instante Melissa chegou com os pratos pedidos.

— Saber ouvir é importante, no meu campo de trabalho — comentou assim que a moça afastou-se. — Se não ouvir o que um cliente diz, não lhe posso dar o que ele quer. — Mergulhou o saquinho de chá na xícara de água quente. — Por falar nisso, tenho mais perguntas a respeito de Crosslyn Rise.

— Se vai falar de coisas que exigem gastos...

— É claro que exigem — Chris arregaliou com um brilho malicioso no olhar.

— Então, é melhor poupar o fôlego — Gideon avisou, mas em tom gentil. — Como diz Ben Heavey, estamos limitados pelo orçamento. Ele é um dos homens que você conheceu naquela reunião no banco, um pão-duro. Ben deu um novo significado a esse termo.

— Mas, e se pudermos economizar de um lado e gastar de outro? — ela sugeriu.

Com o garfo, Gideon apontou para o prato dela.

- Coma sua salada.

— Os assoalhos, por exemplo. Carter imaginou assoalhos de carvalho em todos os cômodos das casas, menos nas cozinhas e banheiros, é claro. Mas, em todas as casas que decorei, as pessoas deram preferência a carpetes para os quartos. Se fizéssemos isso, poderíamos usar carvalho envelhecido no piso das salas. Ficaria espetacular.

— Carvalho envelhecido dá um trabalho do inferno para limpar.

— Só se houver crianças pequenas na casa. Ou pessoas mal-educadas que não limpam os pés antes de entrar. Mas acredito que Crosslyn Rise despertará o interesse apenas de gente fina. Pense nisso, Gideon. Ou pergunte a Nina Stone. Ela tem certeza de que Crosslyn Rise atrairá pessoas de mais idade, que estão em busca de sossego, não casais jovens, com um bando de filhos pequenos.

— Quantos filhos você disse que seus pais tiveram?

— Eu não disse, mas eles tiveram seis.

— Seis — Gideon ecoou com um sorriso, — Deve ter sido muito divertido. O mais jovem tem quinze anos, e o mais velho...

— Trinta e três — Chris respondeu, percebendo imediatamente que o que ele realmente queria saber era sua idade.

— Eu lhe disse que sou a mais velha. Tenho trinta e três. O que isso tem a ver com Crosslyn Rise?

— Você moraria lá?

— Moraria, se quisesse morar naquela região, o que não quero, porque estabeleci meu negócio em Belmont.

— Então, você mora em Belmont.

— Moro.

— Para ficar perto de sua família?

— Isso mesmo.

— Você pertence a uma família grande e unida. Sabe a sorte que tem, Chris? Não tive irmãos. No Dia de Ação de Graças, éramos apenas meu pai e eu. À mesma coisa no Natal. E no Quatro de Julho.

— Vocês não tinham amigos?

— Claro, muitos amigos. Eles nos convidavam para tudo

e íamos a muitos lugares, mas não era a mesma coisa que passar as festas em casa.

Calou-se, pegou o sanduíche e deu uma mordida. Chris espetou uma folha de alface com o garfo, parecia perdida em pensamentos.

— Minha família significa tudo para mim — declarou baixinho. — Não sei o que faria sem meus pais e meus irmãos.

— Foi por isso que não se casou? Ela o fitou.

— Não. O casamento não ocupa um lugar alto na minha lista de prioridades.

— Porque é ocupada demais. Mas achou tempo para almoçar comigo — ele comentou.

— Para falar de trabalho.

— Mas está sendo muito bom — Gideon afirmou. — Pelo menos, eu acho. Faz tempo que não sinto tanto prazer em almoçar com alguém.

Estava sendo sincero. Era divertido almoçar com os amigos, mas Chris dava-lhe uma

sensação diferente, de excitante satisfação. Não era apenas atração sexual. Ele gostava dela. Chris era inteligente, interessante.

Concentrando-se na salada de alface, azeitonas, cubos de carne de frango e de queijo, ela começou a comer. Gideon comeu seu sanduíche calado, mas observando-a o tempo todo.

— E então? — ele perguntou, quando não agüentou mais o silêncio.

— Então, o quê? — ela perguntou, fitando-o.

— Está achando bom almoçar comigo?

— No momento, não. Estou me sentindo desconfortável.

— Porque estou olhando você comer?

— Não. Porque está esperando que eu diga algo que não quero dizer. — Pousou o garfo suavemente. — Gideon, não estou à procura de um relacionamento. Acho que deixei isso bem claro.

— Bem, você deixou, mas será que devo acreditar em suas palavras como acredito no Evangelho?

— Deve.

— Ora, vamos, Chris! Eu gosto de você.

— Ótimo. Ficará mais fácil trabalharmos juntos.

— E fora do trabalho, não podemos nos encontrar?

— Não. Já disse que não tenho tempo nem disposição para isso.

Recostando-se na cadeira, Gideon lançou-lhe um olhar longo e duro.

— Acho que está blefando, Chris.

Ele também estava. Não era psicólogo, não podia analisar os motivos que levavam uma pessoa a assumir certas atitudes. Mas estava tentando entender aquela mulher, entender por que ela o repelia, quando ele tinha quase certeza de que os dois se dariam bem.

— Acho que está tentando se proteger, que tem medo de envolver-se com alguém — prosseguiu. — Tem sua família, e isso é ótimo. Entendo que queira tempo para dedicar a seus pais e irmãos, mas acredito que, se entrasse num relacionamento, teria tempo para isso também. E muita disposição. — Inclinou-se para Chris, sentindo o delicado aroma floral que emanava dela. Incapaz de resistir, beijou-a de leve na face, então afastou-se. — Não vou desistir — avisou com voz enrouquecida. — Posso esperar o tempo que for preciso. Tenho muito tempo para isso e mais disposição do que você possa imaginar.

CAPÍTULO V

Chris nunca soube como conseguiu ficar naquela mesa até o fim do almoço. Estava acalorada, tremendo por dentro e, até mesmo depois que Gideon, obviamente com pena, mudou de assunto, ela continuou dolorosamente consciente da sua proximidade, porque vinha notando nele o que nunca notara em homem algum, desde os dezoito anos de idade.

Brant também tinha dezoito anos. Era alto e forte, jogador de futebol, que, embora não fosse o melhor do time, jogava bastante bem para conseguir uma bolsa de estudos universitária.

Ela se lembrava das noites que haviam passado juntos, antes da formatura do colegial, no velho Chevy dele, num bosque escuro, atrás do reservatório de água. Ela o adorava, achando-o a criatura mais bonita da face da terra, com aqueles cabelos e olhos castanho-claros, o pescoço e ombros largos, as mãos que sabiam exatamente o que fazer quando acariciava os seios dela, excitando-a loucamente. Querendo agradá-lo, começou por deixá-lo a abrir-lhe a blusa e o sutiã para ter acesso à pele nua. Então, quando isso não foi mais suficiente, permitiu-lhe introduzir a mão na abertura de seu jeans para acariciá-la intimamente. Por fim, passou a usar saias, de modo que Brant só precisaria tirar-lhe a calcinha e abrir o zíper da calça se quisesse Possuí-la. E ele quis. Doe, na primeira vez, e ela sangrou,

depois o sexo ficou cada vez melhor. Agora, tentando entender como se deixara levar tão completamente,

ela concluía que o fato de estar fazendo algo proibido era o que mais a excitava. Nunca fora rebelde mas no último ano do curso colegial jugava-se adulta, numa casa cheia de irmãos mais novos. E achava que Brant era o máximo, mas, anos mais tarde, olhando para o passado via que ele não passava de um sujeito fútil e vaidoso. Mas na época, ele era o sonho de todas as colegas de escola, que ficavam deslumbradas com a cabeleira farta, os músculos flexíveis, o traseiro firme e as coxas grossas e fortes.

Gideon Lowe reduzia a lembrança de Brant a pó. Era maduro, tinha caráter, determinação e força, e tudo isso refletia-se em seu físico. As coisas que Chris notou e que ficaram em sua mente durante muito tempo, depois que ela saiu do Joe's Grille, eram a sombra azulada do bigode raspado, o lóbulo das orelhas, estreitos e bem definidos, os cabelos penteados para trás, os dedos longos e fortes, a cicatriz em um deles. Ela também notou o bronzeado do pescoço e do rosto, as linhas de expressão no canto dos olhos, a ligeira depressão, que não chegava a ser uma covinha, em uma das faces. E o cheiro dele, do qual ela se lembrava cada vez que respirava. Limpo, masculino, tentador.

O problema, claro, era resistir à tentação, algo que ela estava determinada a conseguir. Dissera a verdade sobre não querer envolver-se com um homem. Sua carreira tomava-lhe muito tempo, e ela adorava ficar com a família, quando não estava trabalhando. Mais pessoas haviam participado do almoço de Ação de Graças, porque Jason casara-se, Evan ficara noivo, e Mark e Steven, universitários, haviam levado as namoradas para passar o feriado com eles. Fora muito divertido, e o Natal prometia ser ainda melhor. No entanto, o Natal também significava mais pressão no trabalho. Os clientes queriam que tudo ficasse pronto e maravilhoso para as festas de fim de ano. E Chris via-se numa roda-viva, dando telefonemas, fazendo encomendas, supervisionando instalações. Não, realmente não tinha tempo para Gideon Lowe.

Mas, naturalmente, tentar explicar isso a ele era o mesmo que bater com a cabeça num muro de pedras. No dia em que haviam almoçado juntos, Gideon telefonara uma hora depois de Chris ter chegado de volta ao escritório, só para ter certeza de que ela estava bem. Telefonou novamente dois dias depois para dizer que, embora não pudesse prometer nada, estava fazendo alguns cálculos para ver se podiam usar janelas semicirculares. E outra vez daí a três dias, para convidá-la para jantar.

O som da voz dele bastou para que ela sentisse o sangue aquecer. Não, ela não podia ir jantar com ele.

— Lamento, Gideon, mas não posso.

— Não pode, ou não quer?

— Não posso. Tenho um compromisso — ela explicou, e era verdade.

— Esqueça o compromisso.

— Não posso. — Naquela noite, a escola apresentaria o concerto de Natal, e ela não o perderia por nada deste mundo.

— E amanhã à noite? — ele insistiu. — Podíamos ir ao cinema, ou algo assim.

Ela fechou os olhos, apertando-os num trejeito de aflição.

— Não. Desculpe-me.

Gideon ficou em silêncio por um instante.

— Não quer mesmo me ver? — perguntou.

— Acho que não é uma boa idéia. Trabalhamos juntos. Vamos deixar as coisas como estão.

— Mas estou me sentindo muito só.

Abrindo os olhos, ela ergueu-os para o teto, sentindo-se desamparada. Quando ele falava com aquela franqueza, tornava-se tão encantador, que ela tinha vontade de estrangulá-lo, porque tudo ficava mais difícil.

— Parece que você disse que costuma sair com mulheres, e muito — ela o lembrou.

— Saio sim, mas elas são apenas minhas amigas. Eu me divirto na companhia delas, mas continuo me sentindo solitário. Essas mulheres não satisfazem meus sentidos do Jeito que você faz.

— Pelo amor de Deus, Gideon! — ela ralhou baixinho. Ele era atrevido como o diabo, e o problema era que ela estava gostando. Isso não era justo.

— Diga que sairá comigo no fim de semana. Não importa o dia, nem a hora.

— Tenho uma idéia melhor — ela disse, tentando recuperar o controle sobre si mesma e sobre a situação. — Eu lhe telefonarei, qualquer dia desses. Ainda tenho algumas perguntas a fazer. — Perguntas que esquecera, depois que Gideon a beijara no rosto, durante o almoço. — E pensei em mais algumas coisas que poderiam ser feitas em Crosslyn Rise. O que acha de conversarmos, digamos... de hoje a uma semana?

— Vou esperar uma semana?

— Esta época é terrível para mim. Estou atolada no trabalho. Daqui a uma semana? Por favor?

Por sorte, a súplica causou o efeito desejado, e ele concordou em telefonar na quinta-feira seguinte. Dessa maneira, ela estava despreocupada quando, na terça-feira, depois de ligar para um fabricante de móveis da Carolina do Norte, um importador de pisos de cerâmica de Delaware, e um carpinteiro de Bangor, Maine, ela ouviu uma inconfundível voz masculina que vinha da sala de recepção.

Ficou ouvindo por alguns instantes, até descobrir o que estava acontecendo. Dissera a Margie que não queria ser interrompida durante uma hora, para dar todos os telefonemas, e Gideon estava pressionando a secretária para que ela o anunciasse.

Levantando-se da poltrona giratória, Chris foi até a porta de ligação e abriu-a. Cruzou os braços e encostou-se no batente, olhando para Gideon sem sorrir.

— O que veio fazer aqui? — perguntou em tom severo, mas seu coração perdera o compasso completamente.

Gideon usava jeans, suéter e uma parca que ia até o meio das coxas. Os cabelos estavam

penteados, mas ele devia ter ido para lá diretamente do trabalho, pois não se barbeara. A imagem deixou-a ainda mais perturbada,

mas o pior de tudo foi o modo como os olhos dele brilharam, quando pousaram nela.

— Oi, Chris — ele cumprimentou, alegre. — Como estão as coisas?

— O que veio fazer aqui? — ela repetiu, mas estava chando difícil manter o ar sério.

Para um sujeito tão grande e teimoso, ele tinha uma aparência adoravelmente inocente.

Pondo as mãos nos bolsos do jeans, consciente ou inconscientemente afastando as abas da parca para trás e expondo as pernas musculosas, que o tecido grosso parecia ter dificuldade em conter, ele deu de ombros.

— Eu estava passando e resolvi entrar — informou. — Como você está?

Ela tratou de endurecer-se contra aquele charme.

— Estou bem.

— O fim de semana foi bom?

— Foi. E o seu?

— Nem tanto. Senti muita solidão, como disse que sentiria. A expressão dos olhos dele a avisava de que, se ela não o convidasse para entrar em sua sala, ele não seria muito "discreto na frente de Margie.

Chris não queria isso. E não se tratava apenas de Margie, mas também de Andréa, que se encontrava no outro escritório, com um cliente que com certeza não demoraria a sair. Então, quando Gideon fosse embora, ela não se livraria dos comentários, perguntas e sugestões das duas mulheres. Não. Ela precisava evitar isso a todo custo.

Descruzando os braços, fez um gesto de cabeça, convidando-o a entrar no escritório. Assim que entraram, ela fechou a porta e lançou-lhe um olhar venenoso.

— Eu disse que não podia falar com você. Estou muito ocupada. Estou ocupada demais. — Apontou para a escrivaninha. — Está vendo esta bagunça? É isso o que acontece na época do Natal. Não tenho tempo para brincar. — De súbito, seus olhos alargaram-se, espantados. — O que está fazendo?

— Tirando a parca. Está quente, aqui dentro.

Ela só podia concordar. Havia algo naquilo de os dois estarem fechados numa sala, que elevava a temperatura em vários graus. O calor aumentou, quando ela notou que não usava nada sob o suéter, que se moldava sensualmente aos músculos do peito.

— Vista esta parca! — ela ordenou, e o teria ajudado, se ousasse tocá-lo, o que não ousava. — Você vai embora já.

— Pensei que pudéssemos falar sobre Crosslyn Rise.

— Ora, Gideon, sabe muito bem que não veio para isso — Chris censurou, mas ele parecia não estar prestando atenção.

Gideon olhava em volta, observando a decoração em tons de damasco e cinza-pálido.

— Nada mau — comentou.

Andando até o sofá, afastou uma das almofadas de adorno e sentou-se. Estendendo um braço sobre o encosto, ajeitou-se confortavelmente, como que disposto a ficar lá um longo tempo.

Chris tinha muitos clientes do sexo masculino, que de vez em quando iam ao seu escritório, mas nenhum deles jamais parecera tão à vontade quanto Gideon, sentado naquele sofá.

Ele era assim, despretensioso e capaz de sentir-se confortável em qualquer lugar.

— Preciso trabalhar, Gideon — ela disse em tom de súplica.

— Pois trabalhe. Não vou atrapalhar.

— Não conseguiria, com você aqui.

— Por que não?

— Você me distrairia.

— Não precisa olhar para mim.

— Mesmo que não olhe, verei você aí.

— Ah! — ele exclamou, suspirando. — Uma confissão, finalmente.

Ela corou e franziu a testa para disfarçar o embaraço.

— Gideon, por favor.

Inclinando-se para a frente, ele pousou os cotovelos nas coxas, deixando as mãos penderem entre os joelhos.

— Faz menos de uma semana que nos vimos e parece que faz um mês — declarou. — Você está tão bonita, Chris...

Ela usava uma calça jardineira cor de vinho, com uma blusa creme por baixo. Não se achava nem um pouco bonita, com aquele traje, um dos mais velhos que tinha.

— Por favor, Gideon... — murmurou, acanhada.

— Tenho pensado muito em você, imaginando o que está fazendo, com quem está, e chego a me perguntar se pensa um pouquinho em mim.

— Não tenho tido tempo para pensar. Isto aqui está uma loucura.

— Mas, quando vai para casa, à noite, e fica sozinha, você pensa em mim?

Ela pressionou dois dedos contra os lábios, lembrando que na noite anterior sonhara que Gideon a beijara.

— Não quero que essas coisas aconteçam — disse baixinho.

— Eu também não queria, mas não posso ignorar que sinto uma grande atração por você, algo que não sentia há anos. Tentei me segurar, Chris. Tentei conter a vontade de vir aqui, porque sei como se sente. Mas não sou muito bom nisso de ficar esperando. Chame isso de impaciência de machão dominador, se quiser, mas o fato é que estou acostumado a tomar a iniciativa. E eu queria ver você.

Anthony Haskell nunca tomava a iniciativa, Chris refletiu. Ficava esperando, até que ela o procurasse, mas quando os dois se encontravam não havia nenhum calor entre eles. Mas havia calor entre Gideon e ela, um calor que a invadia e percorria da cabeça aos pés.

Precisando de um escudo, refugiou-se na grande poltrona atrás da escrivaninha.

— Nós havíamos combinado que conversaríamos na quinta-feira — lembrou-o em tom ligeiramente trêmulo.

— Eu sei. E você está certa. Não vim falar sobre Crosslyn Rise e também não quero falar disso na quinta-feira. Não há nada importante a discutir, pelo menos, nada que não possa esperar até o início de janeiro, principalmente se você estiver tão ocupada como diz que está.

— Estou ocupada.

— Acredito. Mas precisa de alguns momentos de descanso, não é. Por que não passa um desses momentos comigo?

— Porque não quero.

— Por quê? Não gosta de mim?

— Claro que gosto. Se não gostasse já teria chamado a polícia para tirá-lo daqui. Você está prejudicando meu trabalho.

— Ainda fica nervosa perto de mim?

— Nervosa, não, Gideon. Exasperada. Por favor, preciso trabalhar.

— Eu não a excito?

— Muito. Fico com vontade de matá-lo. E este não é o momento certo para uma discussão dessas.

— Tem razão. Deixe-me levá-la para jantar esta noite.

— Não.

— Amanhã, então. Ora, vamos, Chris, você precisa comer.

— Eu como. Com meus pais e meus irmãos.

— Eles não podem abrir mão de você nem por uma noite? Ela abanou a cabeça num gesto negativo.

— Então, convide-me para jantar com vocês. — Gideon gostou da idéia que lhe ocorrera inesperadamente. — Eu gostaria muito. Grandes jantares de família foi algo que sempre cobicei e nunca tive. Levarei flores para sua mãe. E charutos para seu pai.

— Ele não fuma.

— Cerveja, então.

— Papai não bebe.

— Castanhas de caju.

— Nem isso. O médico proibiu-o de comer qualquer tipo de castanha.

— Pobre homem! Não lhe restou nenhuma das pequenas alegrias da vida?

— Ele vai à cozinha, quando pensa que ninguém está vendo, e rouba beijos de minha mãe, enquanto ela lava os pratos.

Gideon calou-se, admirado, como se não conseguisse imaginar a cena.

— Isso é bonito — afirmou por fim. — Tenho inveja de vocês. Chris estava começando a sentir-se a pior das pessoas.

A julgar pelo que Gideon dizia, ele era completamente sozinho no mundo. Mas saía com mulheres. Saía muito. E tinha a mãe, que morava na Califórnia. Por que tentava fazer acreditar que um jantar com a família dela era o maior presente que poderia desejar?

— Olhe, meus pais oferecem uma festa todos os anos, perto do Natal. Vai ser no domingo. — A casa ficaria lotada, Chris pensou. Ela poderia fazer sua boa ação e acalmar a consciência, protegida pelo grande número de pessoas. — Pode ir, se quiser.

Gideon sorriu.

— Claro que vou. Onde e a que horas?

Pegando um de seus cartões de visita, ela escreveu o endereço no verso.

— A festa vai das três da tarde às sete da noite. Os melhores pratos vão para a mesa às seis.

— O que devo vestir? — ele perguntou, levantando-se para pegar o cartão.

— Roupas esportivas. Como aquela que você usou para ir almoçar comigo na semana passada.

Ele olhou para o cartão, então inclinou-se um pouco para trás para colocá-lo no bolso da frente do jeans. Então, virou-se, pegou a parca que deixara no sofá e vestiu-a. Por uma fração

de segundo, o suéter subiu o suficiente para deixar entrever uma nesga de pele acima da cintura da calça. O umbigo apareceu, rodeado por pequenos caracóis de pêlos escuros.

Chris sentiu-se como que atropelada por um caminhão.

Inconsciente do tumulto que causara, Gideon caminhou para a porta. Antes de sair, parou, virou-se e olhou para ela com um sorriso enorme.

— Ganhei o dia. Ganhei a semana. Obrigado, Chris. Até domingo.

Com uma piscadela, saiu e fechou a porta atrás de si.

No domingo, enquanto vestia calça e blusão de malha grossa aflanelada, para ir ajudar a mãe a preparar as coisas para a festa, Chris refletiu que seria bom se não tivesse de ver Gideon dali a algumas horas. Fazia apenas cinco dias que ele aparecera no escritório. Muito pouco tempo. Ela ainda não se recuperara do tumulto de emoções que experimentara. Toda vez que pensava nele, sentia a palma das mãos vibrarem, desejando tocar o trecho de pele coberta de pêlos escuros que vislumbrara.

Não entendia o que estava acontecendo. Durante quinze anos, não sentira a mínima atração por homem nenhum. Proibira-se de sentir. Convivia com clientes do sexo masculino, com amigos do pai e dos irmãos, mas nunca um deles despertara seu interesse. Mas o que sentia por Gideon Lowe compensava de sobra todos aqueles anos de castidade e deixava-a assustada. E ela teria de vê-lo de novo naquela tarde. A casa estaria cheia, mas Chris sabia que sentiria intensamente o impacto da presença de Gideon, por maior que fosse o número de pessoas. Ela só esperava que ele não chegasse muito cedo, porque, quanto menos tempo ficasse, melhor.

Gideon teria chegado às três em ponto, se não fosse pela caminhonete que tossiu, engasgou e bufou, recusando-se a funcionar, como se temesse enfrentar o frio. Desfiando todos os palavrões que sabia, enquanto mexia no motor, ele acabou ameaçando trocá-la pelo carro esporte. Quando tentou novamente, o motor começou a funcionar prontamente e ficou ronronando de modo suave e regular, enquanto ele voltava para dentro de casa para lavar as mãos.

Eram três e meia, no momento em que ele estacionou na vaga mais próxima que conseguiu encontrar nas redondezas do endereço que Chris lhe dera. A rua era bonita, ladeada de árvores que, por causa do inverno, estavam totalmente nuas, e o bairro, obviamente antigo, parecia tranquilo e agradável. As casas de madeira enfileiravam-se dos dois lados, em lotes de dez metros de frente, de modo que

sua proximidade passava uma sensação de aconchego, aumentada pelas guirlandas coloridas nas portas e as luzes piscantes que guarneciam as janelas, já acesas, pois o dia estava escuro. A casa dos pais de Chris, como todas as outras, não era muito grande e parecia envolta pela mesma aura convidativa e aconchegante.

Pelo jeito, a festa já estava animada. Algumas pessoas caminhavam na frente de Gideon, indo na direção da porta da frente, totalmente aberta, e vários jovens conversavam no jardim, ignorando o frio.

Quando se aproximava do alpendre, ele precisou desviar-se de duas moças que saíram correndo da casa para juntar-se ao grupo de garotas e rapazes. Chegando à pequena escada, sentiu-se um pouco inseguro pela primeira vez, desde que conseguira fazer com que Chris o convidasse. Já fora a festas de pessoas ricas e influentes, mas nenhuma significara tanto para ele quanto aquela, na casa simples de uma família numerosa.

Devia estar parecendo perdido, porque, mal acabara de atravessar o alpendre e entrar no vestíbulo, quando um homem alto, de cabelos grisalhos, foi a seu encontro.

— Seja bem-vindo — o homem saudou-o falando alto para fazer-se ouvir acima do burburinho, — Entre, fique à vontade.

Gideon estendeu-lhe a mão.

— É o sr. Gillette?

— Peter Gillette — o homem respondeu, apertando-lhe a mão com firmeza. — Mas acho que está procurando meu irmão, Frank. Ele está na cozinha, preparando uma gemada, tarefa complicada, de modo que sugiro que não o atrapalhe. Se a gemada desandar, todos nós sairemos perdendo, porque a dele é muito boa.

— Na verdade, estou procurando por Christine — Gideon informou, olhando para dentro da sala de estar. — Sou Gideon Lowe, amigo dela.

— Ótimo! — Peter exclamou com um sorriso largo. — Por que não pendura seu casaco aí no armário, enquanto vou procurar minha sobrinha?

Gideon já estava tirando o casaco de couro.

— Obrigado, mas eu mesmo posso procurá-la — disse vendo um cabide livre no fundo do armário, cujas portas estavam abertas. — Por onde devo começar?

Peter olhou primeiro na direção da sala de jantar, à esquerda, depois da sala de estar, à direita.

— Deve estar na cozinha, ajudando Frank ou Mellie — conjecturou. — Atravesse a sala de jantar e estará lá.

— Obrigado — Gideon agradeceu, afastando-se.

A sala de jantar estava cheia de pessoas que se serviam de bebidas e também de biscoitos e canapés dispostos em travessas sobre a mesa. Numa das extremidades, Gideon viu uma enorme poncheira, na qual um homem, que ele supôs tratar-se de Frank, despejava, alternadamente, gemada e conhaque. Um homem bem-apegoado, alto e robusto, de cabelos grisalhos e pele corada, que, compenetrado, concentrava-se solenemente no que fazia, ignorando os comentários e elogios das pessoas que o observavam.

Andando devagar, Gideon abriu caminho entre os vários grupos, até chegar a uma porta no outro lado da sala. Passou pela porta em arco, atravessou a copa e entrou na cozinha. Então, viu Chris. Ela estava junto à pia, de costas para ele, ao lado de uma mulher que tinha de ser mãe dela, a julgar pela altura, compleição física, cor de pele e cabelos. As duas fatiavam lingüiças fritas, colocando um palito em cada fatia, que ia para uma travessa já bastante cheia.

Aproximando-se em silêncio, Gideon curvou-se por trás de Chris e beijou-a levemente na orelha.

Ela gritou e deu um pulo para o lado, assustada, então virou-se para ele, furiosa.

— Gideon! Nunca mais faça isso! Oh, meu Deus... o susto me envelheceu quinze anos — exagerou, apertando uma das mãos contra o peito.

Ele fez um gesto na direção da outra mulher, que o olhava com curiosidade.

— Se esta adorável senhora é uma indicação de como

você será daqui a quinze anos, está com muita sorte, mocinha — declarou, estendendo a mão para a mãe dela. — É a sra. Gillette, não é?

Não podia estar enganado. As duas tinham os mesmos cabelos e olhos, a mesma boca.

Chris era mais esbelta e, usando calça larga, túnica longa e sapatos de salto alto, estava mais elegantemente vestida, mas sem dúvida eram mãe e filha.

— Mamãe, este é Gideon Lowe. É o construtor que está trabalhando em Crosslyn Rise e que pode me matar antes mesmo de eu começar a desenvolver meu projeto. — Olhou para ele, com ar de censura. — Pensei que fosse chegar mais tarde.

— E eu pensei em chegar mais cedo — ele informou, apertando a mão da mãe dela calorosamente.

— Muito prazer em conhecê-lo, sr. Lowe.

— Gideon — ele corrigiu amavelmente. — Tenho muito prazer em conhecer a senhora. — Soltou-lhe a mão, e Mellie voltou ao trabalho. — Que beleza de festa, hein? Posso ajudar em alguma coisa?

— Não — as duas mulheres responderam ao mesmo tempo.

— Minha mãe não permite homens na cozinha, a não ser para ajudá-la na limpeza ou, no caso de meu pai, para fazer gemada — Chris explicou.

— E você é um convidado. Seu lugar não é aqui — acrescentou Mellie. — Pode deixar que eu acabo isso, Christine. Vá apresentar Gideon aos outros.

Ele pensou que Chris fosse protestar, mas ela lavou e enxugou as mãos, certamente sabendo que a mãe não aceitaria um "não" como resposta. Então, guiou-o para uma outra porta, que se abria para um longo corredor que levava à parte da frente da casa. Havia muita gente também no corredor, o que deu a Gideon uma desculpa para ficar colado em Chris.

— Você está fantástica — ele murmurou ao ouvido dela, enquanto abriam caminho entre as pessoas.

— Obrigada — ela respondeu baixinho, pegando-o pelo

cotovelo e puxando-o para um lado. — Gideon, este é meu irmão, Steve, calouro na Universidade de Massachusetts. Steven, este é Gideon Lowe, um construtor com quem estou trabalhando.

Gideon apertou a mão do jovem loiro.

— Você deve ser um daqueles fanáticos por basquete — comentou, notando que o moço era quase tão alto quanto ele.

Steven sorriu.

— Acertou. Você também é?

— Sem nenhuma dúvida — Gideon assegurou. — Se não fosse por causa de sua linda irmã, eu estaria assistindo ao jogo, agora. — Inclinando-se para Steven, perguntou pelo canto da boca. — Sabe quanto está o jogo?

— Na última vez em que fui checar, o Celts estavam ganhando por oito pontos — Steven informou. — Alguns rapazes estão vendo o jogo lá em cima. Se quiser ver também...

Gideon deu-lhe um tapinha no ombro, endireitando-se.

— Obrigado. Talvez, mais tarde.

— Não se atreva a subir para assistir a esse maldito jogo — Chris avisou, puxando-o pela mão. — Seria falta de educação.

— Continue segurando minha mão, e não sairei de junto de você nem por um minuto — ele murmurou, então ergueu o tom de voz para anunciar: — Olhe, aí vem outro irmão.

Chris lançou-lhe um olhar divertido.

— É o Jason. Trabalha com papai — contou. — A esposa dele está... — Pondo-se na

ponta dos pés, olhou em volta.

— Não estou vendo Cheryl. Jason apertou a mão de Gideon.

— Ela está lá em cima, dando de mamar ao bebê.

— Gideon Lowe — Gideon apresentou-se. — Vocês têm um bebê?

— Um menininho — Chris respondeu no lugar do irmão. — É o primeiro filho deles.

— Meus parabéns!

— Obrigado — Jason agradeceu, então olhou para a irmã. — Chris, você viu o Mark? Ele estacionou aquela lata velha dele na frente da garagem dos Davisson, e eles precisam sair.

— Procure no alpendre. Não faz muito tempo, eu o vi lá, tentando seduzir uma garota.

Jason afastou-se e Gideon e Chris entraram no vestíbulo. Naquele instante, irromperam aplausos na sala de jantar. Segundos depois, Frank Gillette, com um enorme sorriso no rosto, saía de lá, acompanhado por um grupo de amigos que riam e batiam-lhe nas costas carinhosamente. Quando ele viu Chris, seus olhos brilharam ainda mais.

— Vá tomar minha gemada, querida. A turma disse que nunca fiz uma melhor.

— Eu vou — ela afirmou, apertando a mão de Gideon com mais força. — Papai, gostaria que conhecesse Gideon Lowe. Ele e eu trabalhamos juntos.

— Prazer em conhecê-lo — disse Frank. — E que bom que veio a nossa festa.

— Muita gentileza sua, me receber assim — respondeu Gideon afavelmente.

— Qualquer amigo de minha filha é bem recebido nesta casa. Ei, Evan! — Frank gritou, chamando um jovem de cabelos loiros, obviamente outro irmão de Chris, que passava por ali em companhia de uma moça. — Diga "oi" para Gideon Lowe. Gideon, aquele é meu segundo filho. Está com a noiva, Tina.

Gideon sorriu e cumprimentou-os com um gesto de cabeça. Os dois acenaram e continuaram seu caminho em direção à sala de estar. Gideon começava a perguntar-se como Chris distinguia um irmão do outro, tal a semelhança entre eles, quando mais um apareceu. Aquele era bem mais jovem e ágil. Teria corrido porta afora, se o pai não o segurasse por um braço.

— Aonde vai com tanta pressa?

— Vou conhecer as amigas de Mark. Steven disse que são muito bonitinhas.

Chris sorriu para Gideon.

— Este é Alex, o bebê.

O rapaz fez ar de desagrado.

— Ah, Chris, não me chame de bebê. Já tenho quinze anos. Além disso, a caçula é Jill.

— Jill? — repetiu Gideon. Tivera a impressão de que todos os irmãos de Chris eram homens. — Há mais uma garota?

— Mais uma — respondeu Alex. — Lá vem ela. — Apontou para uma mocinha que descia a escada e, enquanto todos olhavam naquela direção, aproveitou para escapar.

— Venha cá, Jill — Frank chamou.

A juvenzinha aproximou-se e foi para o lado de Chris, que, então, por tácito acordo, ficou encarregada de fazer as apresentações.

— Cumprimente o Gideon — Chris disse à garota. — É o construtor que está trabalhando em Crosslyn Rise, mas tome cuidado com o que diz, porque ele é membro do consórcio também.

Jill sorriu.

— Ah, é aquele?

— Exatamente. Aquele.

Gideon olhava espantado para a menina. Com aqueles longos cabelos e olhos castanhos, era diferente de todos os Gillette a quem fora apresentado. Uma verdadeira beleza, devia ter no mínimo dezessete anos, embora Alex houvesse dito que ela era a caçula. Havia também a possibilidade de ela ter quinze anos, embora aparentasse mais idade, e ser gêmea de Alex, mas nascido alguns minutos depois dele.

— Oi, Jill — Gideon saudou-a, estendendo a mão.

Por um breve instante ela mostrou timidez, então apertou a mão dele.

— Muito prazer.

— O prazer é meu — ele afirmou. — Não é sempre que tenho a sorte de me ver entre duas mulheres lindas.

Chris sorriu maliciosamente para Jill.

— Eu não disse?

— Disse — a mocinha respondeu, também sorrindo.

— O quê? — Gideon perguntou.

— Que você sabe ser charmoso — Jill esclareceu. Gideon olhou para Frank.

— Eu disse alguma mentira? Estas duas mulheres são lindas, ou não?

— São lindas, sim — Frank concordou. — Mas quem sou eu para dizer? Sou louco por elas.

— Todos loiros, e uma morena — Gideon comentou, então perguntou a Jill: — Quantos anos você tem?

— Quinze.

— Mas Alex não tem quinze também? — Gideon indagou, indo para Chris.

— Tem.

— Então, são gêmeos.

— Não, exatamente. Jill é cinco meses mais nova.

— Cinco meses? — Gideon franziu a testa, confuso. — Não pode ser...

Parou de falar quando Chris e Jill começaram a rir, então olhou indagadoramente para Frank, que fitava uma e outra, carrancudo.

— Isso não é nada bonito — o pai ralhcou. — Eu já disse para não fazerem isso. Não é justo confundir as pessoas desse modo.

— Obrigado — Gideon agradeceu. — Estou mesmo confuso.

— Não sou filha dele — Jill explicou, fazendo um gesto de cabeça na direção de Frank. — Sou filha dela — continuou, movendo a cabeça, para o lado de Chris.

Gideon demorou alguns segundos para compreender, então ficou ainda mais confuso. Chris apertou a mão dele, olhando-o com ar sério.

— Fale alguma coisa, Gideon.

— Você é jovem demais para ser mãe de Jill — ele observou, dizendo a primeira coisa que lhe passou pela cabeça.

— Eu tinha dezoito anos, quando ela nasceu.

— Vocês duas parecem irmãs.

— Se Jill fosse minha irmã, seria loira.

— Mas ela tem o sorriso dos Gillette.

— O meu sorriso. Ela é minha filha.

Gideon ficou em silêncio por alguns instantes, ainda achando dificuldade em acreditar naquilo.

— Filha... — murmurou por fim. — Que coisa!

— Ficou chocado? — Chris indagou.

— Fiquei — ele admitiu. — Fiquei, sim.

— Agora está vendo as coisas sob uma nova luz? — ela prosseguiu. Então, antes que ele pudesse responder, soltou a mão e começou a afastar-se. — Com licença. Vou ver se mamãe está precisando de mim.

— Chris... — Gideon chamou, inutilmente. Frank pôs a mão no braço dele.

— Deixe-a ir. Ela voltará.

— Chris interpretou mal o que eu disse. Vai pensar que não vou mais querer saber dela porque tem uma filha, mas juro que não é isso. O que me chocou foi pensar que ela fez uma coisa maravilhosa na vida e que eu, com mais idade, não fiz nada que se compare, nem de longe.

— Esta conversa está ficando chata — Jill comentou. Gideon encarou-a, surpreso. Esquecera-se dela.

— Desculpe, Jill. Não quis ofender ninguém. Gosto muito de sua... mãe. E de você também, porque é filha dela. Diabos, gostei da família toda! Não tenho família, sabe?

Jill arregalou os olhos.

— Não tem nenhum parente?

Mas, antes que Gideon tivesse tempo de responder, Frank inclinou-se para ele com um sorriso amplo.

— Está vendo aquele careca que acabou de entrar? Fazia vinte anos que eu não o via. — Virou-se para Jill, sugerindo: — Cuide de Gideon, querida. Se ficarem sem assunto, leve-o para ver o jogo. Ele gosta.

— Chris me proibiu de assistir ao jogo — Gideon informou. Frank fez uma careta.

— Mellie sempre me proíbe, mas acha que obedeco? Dando um tapa no ombro de Gideon, afastou-se para receber o amigo.

— Você não tem nenhum parente? — Jill repetiu.

— Tenho mãe, mas ela mora longe.

— Mora sozinho?

— Sozinho.

— Que horrível! Eu não suportaria. Gosto de estar no meio de gente e de movimento.

Gideon estava tentando lembrar o que Chris contara sobre si mesma. Não fora muita coisa. Ela respondera algumas perguntas evasivamente, e virara outras contra ele. Fora muito cuidadosa com o que dissera, naturalmente para não ter de mentir.

No que dizia respeito ao lugar onde Chris morava, Gideon tivera a nítida impressão de que ela vivia em sua própria casa, perto da família.

— Você e sua mãe moram aqui? — ele perguntou.

— Não. Moramos bem perto, mas vivemos mais aqui do que em nossa casa — Jill explicou.

— Bem perto? — Gideon insistiu. — Moram ao lado?

— Atrás. Na garagem.

— Na garagem?

— É.

— Vivem espremidas numa garagem?

Jill olhou para ele com um sorriso travesso.

— Quer ver? — convidou.

— Quero, claro — Gideon aceitou depressa, pensando que a garota era uma rica fonte de informações sobre Chris, e que ele não achava má idéia descobrir o que pudesse.

Jill levou-o para fora da casa e ao longo da entrada de carros.

— Meus amigos adoram minha casa — contou. — Ficam perturbando os pais, querendo que eles os deixem morar na garagem.

Pelo que Gideon podia ver, a garagem era igual a qualquer outra. Destacada da casa, ficava no fim da alameda de veículos, tinha uma única porta larga, que subia para deixar entrar dois carros. Sua mente de construtor começou a imaginar todas as possibilidades, mas quando Jill abriu

uma porta lateral e chamou-o para dentro, ele não estava preparado para o que viu.

A garagem fora ampliada nos fundos, convertendo-se numa pequena casa com sala de estar, cozinha e local para refeições, num só ambiente aberto, e acima havia uma galeria onde se viam duas portas, presumivelmente de dois quartos. Lâmpadas que produziam luz indireta compensavam a escassez de janelas, como seria de se esperar na casa da filha e da neta de um eletricitista. Mas o que mais impressionou Gideon foi a decoração. Quase tudo era branco, e o que não era dessa cor tinha um tom suave de azul. O lugar passava uma impressão de luminosidade e limpeza. Não dava para acreditar que se tratava de uma garagem.

— Mas é fantástico! — ele exclamou. Jill sorriu, orgulhosa.

— Mamãe criou o projeto, e vovô e seus amigos fizeram o resto. Eu era bebê, e mamãe ainda não terminara a escola, de modo que ela me deixava com vovó durante o dia e à noite me trazia para cá.

Gideon ainda olhava em volta, captando pequenos detalhes que revelavam carinho, como fotos de Jill em todas as idades, valorizadas por porta-retratos originais, um diferente do outro.

— Então, você cresceu junto com Alex — comentou.

— Cresci. E até que ele é um tio bonzinho. Olhando-a, Gideon viu um sorriso malicioso no rosto bonito.

— Vocês adoram confundir os outros com essa história de tio e sobrinha, não é?

Jill largou-se no braço de um sofá, dando uma risada descontraída.

— Pode crer. As pessoas não sabem o que pensar, quando conhecem nós dois. Estamos na mesma série, temos o mesmo sobrenome, mas somos totalmente diferentes. Ninguém acredita, quando conto a verdade. Todo mundo fica com uma expressão engraçada... como você ficou.

Gideon imaginou se a garota sabia o paradeiro do pai e como explicaria sua ausência. Queria saber, mas refletiu que era algo que devia perguntar a Chris.

— O trabalho de sua mãe não incomoda você? — indagou. Jill deu de ombros.

— Ela precisa ganhar a vida.

— Mas você sente falta dela, com certeza.

— Sinto e não sinto. Tenho vovó, que está sempre em casa, e uma porção de tios. E quando mamãe chega em casa, à noite, me conta tudo o que fez durante o dia.

— Tudo?

— Tudo. Somos muito unidas.

Ele teve a sensação de que aquilo era um aviso.

— O que sua mãe contou a meu respeito? — perguntou cautelosamente.

— Que você é construtor, que faz parte do grupo que a contratou e que é um grande chato — a garota respondeu sem hesitar, como se estivesse esperando aquela pergunta. Então, deu uma gargalhada, quando viu a expressão decepcionada de Gideon. Estou brincando. Ela não disse que você é chato. Disse que acha você muito bonito e muito confiante e que tem a impressão de que não vai ser fácil ser sua companheira de trabalho. — Fez uma breve pausa, antes de acrescentar: — Acho que ela gosta de você.

— Eu sei que gosta.

— Quero dizer que gosta de você. Ele observou a mocinha, hesitante.

— Acha, mesmo? — Viu-a mover a cabeça afirmativamente e pressionou: — Por quê?

— Pelo jeito como ela correu, depois de contar a você quem sou. Estava nervosa, imaginando o que você pensaria. Não ficaria daquele jeito, se não se importasse com sua opinião. Além disso, ela ficou segurando sua mão e não faz isso com homem nenhum. É muito recatada.

— Você notou que ficamos de mãos dadas.

— Com certeza.

Gideon correu um dedo por dentro do colarinho da camisa.

— É muito esperta. Quantos anos disse que tem?

— Tenho de notar coisas assim — Jill declarou em tom

sério. — Ela é minha mãe. Fico atenta para ver o que ela faz com sua vida.

Parecia uma mãe falando da filha, e não o contrário, Gideon pensou.

— Você se importaria, se eu saísse com sua mãe?

— Não. Ela precisa se divertir mais. Trabalha muito.

— O que me diz de Anthony?

— Anthony é um bobo completo.

— Oh... Muito bem. Então, quer dizer que não preciso temer a concorrência?

— Isso é uma piada? — ela perguntou com um ar tão incrédulo no rosto, que Gideon teria rido, se não estivessem falando de Chris.

— Podemos eliminar Anthony, então — ele decidiu. — Há mais algum?

— Ela disse que havia?

— Não.

— Se ela não disse, é porque não existe ninguém.

— Pretendo convidar sua mãe para sair, de vez em quando. Isso de fato não aborrece você, não é?

— Por que aborreceria?

— Porque ela teria menos tempo para ficar com você.

— Gosto de sair com amigos, mas saio pouco, porque fico com remorso de deixar mamãe sozinha — Jill confessou. — Ela pode ir para a casa de vovó e ficar lá com todo mundo, mas não é a mesma coisa. Não me entenda mal. Amo minha mãe e tudo o mais, mas meus

amigos vão ao cinema ou fazem compras nos fins de semana, e isso é divertido. E há também a questão da faculdade. Quero estudar em outro lugar. Nunca saí daqui. Mas como irei embora? Não poderei ir, se tiver de deixar minha mãe sozinha.

Gideon coçou a cabeça, intrigado.

— Sabe, eu poderia pensar que você está tentando arrumar casamento para sua mãe.

— Não é nada disso! — Jill protestou, levantando-se do braço do sofá. — Eu não ando dizendo essas coisas por aí mas você gosta dela, e ela gosta de você. O que quero dizer

é que não precisa me usar como desculpa para não sair com ela. Sou uma boa menina. Não bebo, não fumo, não uso drogas. E dentro de três anos irei embora, o que significa que não vou atrapalhar.

A experiência de Gideon com garotas de quinze anos era nula, mas ele percebeu que Jill tinha sensibilidade. E que, apesar de parecer totalmente ajustada à situação irregular dos pais, apesar de ser muito madura para a idade, ela ainda era uma mehininha que desejava agradar os adultos que faziam parte de sua vida.

O fato de que ela o considerava um desses adultos tocou-o profundamente. Indo até onde ela estava, pegou-a pelo queixo, fazendo-a erguer o rosto.

— Você nunca atrapalharia, Jill. Não sei o que vai acontecer entre mim e sua mãe. Nosso relacionamento ainda nem saiu do chão. Mas o fato de você existir é uma maravilha, acredite. Vivi sozinho a maior parte de minha vida. Gosto da idéia de me relacionar com uma mulher que tem uma filha e uma grande família.

— Famílias podem atrapalhar, às vezes.

— Não diria isso, se não tivesse uma, como eu não tive.

— Vai dizer essas coisas para minha mãe?

— Assim que conseguir ficar com ela tempo suficiente para uma boa conversa.

— O que está acontecendo aqui? — Chris perguntou, aparecendo na porta.

Jill recuou, livrando-se da mão de Gideon.

— Opa! Parece que você vai conseguir falar com ela antes do que pensava — disse a ele. — Oi, mamãe! Acho que vou voltar para casa e pegar algo para beber. Estou com sede. — Já passava por Chris, quando acrescentou: — Convide Gideon para a ceia de Natal. Ele é legal.

Desapareceu, antes que a mãe pudesse dizer qualquer coisa.

CAPÍTULO VI

- De quem foi a idéia de vir aqui? — Chris perguntou. Não estava zangada, nem satisfeita. Na verdade, desde que chocara Gideon com a revelação de que Jill era sua filha, nem sabia o que estava sentindo.

— Ha... Não tenho certeza. Acho que foi um acordo mútuo.

— Sei — Chris resmungou, entendendo tudo. — Foi idéia de Jill, e você a está protegendo.

Gideon ergueu a mão, conciliador.

— Olhe, ela pode ter sugerido que viéssemos, mas só depois que comecei a enchê-la de perguntas, querendo saber onde vocês moravam. — Pondo a mão no bolso, olhou em volta. — É uma casinha linda, Chris. Gostei demais.

— Eu também gosto daqui, mas é apenas um lugar, e Jill é uma pessoa. Não há nada que signifique mais para mim do que minha filha. Não quero vê-la magoada.

Gideon empertigou-se, ofendido.

— Acha que eu seria capaz de fazer alguma coisa que magoasse Jill?

Era exatamente o que Chris achava.

— Você poderia se tornar íntimo e depois perder o interesse. Quando digo que Jill lança uma nova luz sobre tudo, não falo por falar.

— Espere um minuto. Não estou interessado em namorar Jill. É você que eu...

— Mas ela faz parte do pacote — Chris interrompeu-o,

adivinhandando o que ele ia dizer. — É isso que estou tentando fazê-lo entender. Você diz que quer sair comigo. Quase me forçou a convidá-lo para vir aqui hoje. Tudo bem, você veio, e vamos sair juntos, mas tenho de esclarecer a questão de minhas prioridades. Não sou como algumas mulheres, que fazem o que lhes dá na cabeça, não sou leviana, não sou uma tonta qualquer.

— Eu nunca disse que era, nem sequer pensei — Gideon observou. — Desde o início vi que você é uma pessoa séria e sensata, que dá muito valor à família.

— Jill é mais do que um simples membro da família. Ela é criação minha.

— Não apenas sua.

— Minha filha é alguém que eu quis que viesse ao mundo, e sou responsável por ela.

— Acha que é a única mãe que se sente assim? — Gideon desafiou-a impulsivamente. — Acha que as outras mães não se sentem responsáveis pelos filhos? Acha que as outras mães solteiras não se julgam ainda mais responsáveis do que as que têm um companheiro para ajudar? Pelo amor de Deus, Chris, não estou tentando me meter entre você e sua filha. Talvez eu esteja tentando acrescentar algo mais à vida de vocês duas. Já pensou nisso? Diabos, a verdade é que estou tentando, com todas as forças, acrescentar algo a minha própria vida. "Tentando" é a palavra certa, porque você dificulta tudo. Quanto à existência de Jill lançar uma nova luz sobre as coisas, fique sabendo que achei maravilhoso o fato de você ter uma filha. E eu lhe teria dito antes, se você não tivesse fugido de mim daquele jeito. Você vive fazendo isso, Chris. Vive fugindo, e esse é um mau hábito. Você foge da discussão, antes que a situação seja esclarecida.

— Entre nós não há nenhuma situação precisando de esclarecimento — Chris replicou teimosamente. — Não há o que discutir. Jill é minha filha. Nos últimos quinze anos, ela tem sido a primeira pessoa em quem penso assim que acordo pela manhã, e a última em quem penso à noite, de adormecer.

— Acha isso saudável? — Gideon perguntou sem maldade. No mesmo instante, viu que enfurecera Chris.

— Saudável ou não, é assim que é — ela retrucou. — Uma mulher que tem um filho não é igual a uma que não tem. Pense bastante nisso, antes de continuar a me rodear.

Virou-se para ir embora, mas Gideon, numa rápida corrida, alcançou-a, pegou-a pelo braço, puxou-a para dentro e fechou a porta.

— Você não vai fugir desta vez. Agora nós vamos conversar.

— Não posso! — ela quase gritou. — Estamos com a casa cheia de convidados, e...

— Há muita gente de sua família para atender os convidados — ele disse em tom mais brando, afrouxando um pouco o aperto da mão no braço dela, mas não a soltou. — Só um minuto, Chris. Não vou prender você por muito tempo, mas tenho de deixar algo muito claro.

Ela o encarou, e seu coração deu um salto. A expressão que viu nos olhos dele era gentil, quase amorosa.

— Gosto de você — Gideon disse. — Só Deus sabe por quê, levando em conta o trabalho que você me dá, mas gosto muito. Você podia ter cinco filhos, dois dos quais ainda usando fraldas, e eu não me importaria. Agora que sei de Jill, eu a respeito ainda mais pelo que fez como profissional e como mãe, porque é óbvio que soube educar sua filha. — Fez uma breve pausa. — Admito que fiquei chocado, mas foi porque você nunca deixou escapar nada a respeito. Fui pego de surpresa. Nunca poderia imaginar que tivesse tido uma filha ainda na adolescência. O pai de Jill também devia ser muito jovem, não é? Quem é ele, Chris?

— Isso não importa — Chris murmurou e fez menção de virar-se para a porta, mas Gideon impediu-a, segurando-a pelo outro braço também.

— Você o amava? — ele insistiu baixinho.

Chris preparara-se para ouvir críticas, como ouvira da maioria das pessoas ao ficar grávida. "Não tem juízo?", "Não se protegeu?", "Não pensou nas consequências?" Raríssimas

pessoas haviam perguntado o que Gideon acabara de lhe perguntar. Fitando os olhos escuros, quase imaginou ver neles um ar de preocupação.

— Eu achava que amava — respondeu em tom tão baixo quanto o dele. — Estávamos no último ano do colegial. Ele era bonito e popular, divertido e charmoso. Não tínhamos nenhum lugar para ir, então namorávamos no carro, atrás do reservatório. Jill foi concebida lá.

Viu Gideon quase franzir a testa, então conter-se.

— O que aconteceu depois?

— Ele não me quis mais e também não quis o bebê.

Ela contou sem rodeios. Parara havia muito tempo de culpar-se pelo que acontecera, compreendendo que Brant só amava uma pessoa: ele mesmo.

— Disse que o filho não era dele. Daquela vez, Gideon franziu a testa com força.

— Um grande canalha, um miserável! — rosnou. Chris deu de ombros. "

— Ele ia para a universidade, com uma bolsa de estudos, e não queria que nada nem ninguém o atrapalhasse.

— Então, abandonou-a. Você deve ter ficado furiosa.

— Furiosa, magoada e com medo.

— Não tem ódio dele?

— Por quê? Fiquei com a melhor parte. Fiquei com Jill. Por um momento, Gideon pareceu atônito, como se aquela idéia nunca lhe houvesse ocorrido.

— Acho que é disso que gosto mais em você — ele murmurou por fim. — Você sente as coisas. Você ama.

Foi a vez de Chris ficar espantada, porque havia algo como reverência nas palavras e nos olhos dele. Mas não teve tempo para pensar, porque Gideon curvou a cabeça para beijá-la. Pelo menos, foi isso o que ela pensou, porque os dois rostos ficaram muito próximos. Mas Gideon recuou, olhando-a nos olhos, e esse olhar fez alguma coisa dentro dela ceder.

— Pode me beijar — ela murmurou, subitamente desejando o beijo dele mais do que

qualquer outra coisa.

Ele soltou-a, apenas para poder emoldurar o rosto

de Chris entre as mãos. Seus lábios eram firmes. Tocaram os dela com gentileza, a princípio movendo-se tentadoramente de um lado para o outro, então tornando-se mais exigentes.

Chris sentiu-se arrebatada pelo calor do beijo, por sua umidade, pelo cheiro másculo de Gideon, que parecia penetrá-la, enchê-la e transbordar. Necessidades que haviam ficado adormecidas por mais de quinze anos de repente despertaram, provocando uma explosão de sensações dentro dela. As pernas amoleceram, o coração disparou, fazendo o sangue fluir com mais força por todo seu corpo. Sentindo-se tonta e ansiosa ao mesmo tempo, agarrou-se ao suéter de Gideon e deixou escapar um gemido, entreabrindo a boca à muda exigência dos lábios dele.

O beijo continuou, às vezes invasor, depois fugitivo, então novamente exigente, lançando-a num sugadouro de emoções do qual ela julgou que nunca mais emergiria.

Mas emergiu, por fim, quando Gideon interrompeu o beijo, pousando os lábios na têmpora dela. Percebeu que ele a abraçara com força, apertando-a contra o corpo, e que um leve tremor o percorria.

— Gideon... — murmurou num sopro de voz.

— Quietinha — ele pediu num sussurro. — Mais um minuto...

Chris compreendia por que ele precisava de tempo. Sentia a pressão insistente contra sua coxa e, apesar de sua força deixá-la chocada, também a excitava além do que ela podia acreditar. Queria que ele tornasse a beijá-la, que a tocasse. Queria algo mais forte, que aliviasse a dor que sentia no íntimo do corpo.

— Eu sabia que seria assim — ele comentou baixinho.

— Eu nem sabia que podia ser.

Ele deixou escapar um gemido de desejo, apertando-a ainda mais nos braços.

— Isso não vai ajudar — ela ponderou, mas sem afastar o rosto do pescoço largo, onde a pele era firme, quente com um cheiro maravilhoso de homem.

— Sei que não vai, mas preciso disto. Não posso soltá-la ainda.

— Terá de me soltar, porque logo alguém virá nos procurar.

Erguendo a cabeça, ele a fitou nos olhos.

— Sabe o que eu faria, se pudesse?

— Não...

— Encostaria você naquela porta e a tomaria, ali mesmo. Uma onda de calor escaldante e úmido invadiu o ventre dela, deixando-a trêmula.

— Não pode.

— Mas é o que quero — ele declarou, segurando-a pelas nádegas e forçando-a a mover os quadris contra os seus, fazendo-a sentir o poder de sua ereção.

Ela teve de fechar os olhos, vencida.

— Não, Gideon — choramingou, pousando a testa no peito dele. —

— Encostados naquela porta — ele murmurou, beijando-a na orelha. — Depois em sua cama. Nunca fez isso em uma cama, fez?

— Não — ela respondeu, agarrando-se com mais força ao suéter dele. — Não fale,

Gideon.

— Por quê?

— Porque está tornando as coisas ainda mais difíceis.

— Eu que o diga.

Com uma espécie de soluço, ela o enlaçou pelo pescoço, pondo-se na ponta dos pés. Seu corpo experimentava sensações estranhas, porém deliciosas. Sabia o que queria. Mas a mente não estava tão certa.

— Tenho de voltar para a casa de meus pais.

— Você não quer voltar.

— Preciso.

— Quer ficar aqui e fazer amor comigo.

— Oh, Gideon! — exclamou num grito sufocado.

— Quer, sim. E seria gostoso, meu bem, muito gostoso. Eu não a apressaria, não a machucaria, tudo seria incrivelmente bom.

Ele deslizou uma das mãos da nádega para a coxa, guiando-a para dentro e para cima.

— Não... — ela pediu, mas sua súplica não tinha força.

As palavras de Gideon, sua proximidade, estavam deixando-a alucinada. E, quando ele a tocou em seu ponto mais sensível, ela gritou, abraçando-o com mais intensidade.

— Você é tão quente aqui, querida.

— Gideon, não... — ela protestou, mas arqueava-se contra a mão dele com uma ânsia que não podia conter.

A carícia tornou-se mais ousada.

— É isso aí, meu bem. Sinta. Entregue-se.

Ela estava perdida. Num instante de êxtase cegante, explodiu num orgasmo que a deixou sem fôlego. Não conseguia falar, apenas emitir pequenos e involuntários sons roucos, que aos poucos foram cessando. Em seguida, deixou escapar um soluço de vergonha. Separando-se de Gideon tão repentinamente que ele não pôde impedi-la, correu para o sofá mais próximo e deixou-se cair num canto, juntando os joelhos e debruçando-se sobre eles com o rosto entre as mãos.

— Está tudo bem, querida — ele tentou acalmá-la, aproximando-se.

Afagou-lhe os cabelos, e Chris só não fugiu do toque dele porque não havia como fazê-lo.

— Isso não devia ter acontecido! — ela se lamentou. — Estou tão envergonhada!

Gideon agachou-se a sua frente.

— Não precisa estar. Eu não estou. Foi tão bom...

— Não pode ter achado bom. Você não... não conseguiu nada.

— Errado. Consegui muita coisa. — Ele rodeou o pescoço dela com as duas mãos, e sua voz, embora enrouquecida, era terna. Encostou o rosto nos cabelos dela. — Foi sua primeira vez, depois do...

Ela moveu a cabeça freneticamente, afirmando.

— A primeira vez, depois do pai de Jill? Chris repetiu o movimento.

— Nunca fez isso sozinha?

Ela deu-lhe um chute na canela.

— Chris? — ele chamou baixinho. — Chris?

— O quê?

— Acho que estou me apaixonando por você.

— Não diga isso.

— Mas é verdade.

Ela tapou os ouvidos com as mãos, abanando a cabeça. Forçando-a a baixar as mãos e erguer o tronco até que o encarasse, Gideon olhou-a com infinito carinho.

— Não vou dizer novamente, se isso a perturba. Eu mesmo me sinto um tanto perturbado. Nem nos conhecemos direito.

Incapaz de desviar o olhar dos olhos dele, ela apenas moveu a cabeça de leve, concordando.

— Mas há como remediar isso — ele prosseguiu. — Para começar, você precisa parar de inventar desculpas esfarrapadas para não se encontrar comigo.

Ela recuou o mais que pôde.

— Não são "desculpas esfarrapadas". Esta época do ano é a mais agitada, para mim. Entre o trabalho e as coisas que quero fazer com Jilí...

— Convide-me para ir com vocês. Nós dois não precisamos ficar a sós o tempo todo.

O rosto de Chris exibiu incredulidade.

— Que homem faria uma coisa dessas de boa vontade?

— Qualquer homem que saiba que sua mulher é feita de fogo — ele respondeu, novamente em tom rouco de sensualidade. Se eu souber que podemos ficar sozinhos, de vez em quando, serei capaz de esperar.

Chris sentiu as faces ficarem rubras.

— Nunca vai esquecer o que aconteceu aqui?

— Não. Foi a reação mais bonita, mais sensual, mais natural e espontânea que vi em uma mulher.

Ela baixou o olhar, pois os olhos dele eram intensos demais.

— Já estive com muitas mulheres, não é?

— No correr dos anos? Estive. — Gideon fez uma pausa. Mas se está preocupada por uma questão de saúde, pode

ficar descansada. Sempre usei preservativo. Sempre. Também para evitar uma gravidez indesejada, além dos outros motivos. Estou limpo, Chris.

— Não estava preocupada com isso — ela explicou, fixando o olhar numa trança do suéter que ele usava.

O que a preocupava era sua inexperiência, pois nunca estivera com outro homem além de Brant.

— Mas não quero usar nada com você, Chris. Ela o fitou nos olhos, alarmada.

— Tem de usar. Não uso... não tomo...

Gideon tapou-lhe a boca com um beijo rápido mas apaixonado.

— Se você ficasse grávida, eu não fugiria. Ficaria com você, com o bebê, com Jill e toda sua família. Eu me casaria com você dentro de um minuto.

— Esta conversa é muito prematura — ela comentou, defendendo-se das emoções que a estavam deixando ofegante.

— Você precisa saber o que penso, o que sinto.

— Como pode pensar e se sentir assim, tão rápido?
— Não sei, mas é o que acontece.
— Acho que está se deixando levar por algum tipo de fantasia
— Por uma fantasia, não. Por você. Ela não tinha mais nenhum argumento.
— Preciso voltar para a festa — declarou. Gideon sentou-se nos calcanhares.
— Vou ficar até o fim. Podemos conversar depois?
— Talvez fosse melhor deixar as coisas esfriarem um pouco.
— De que vai adiantar? O fogo continuará nos queimando, estejamos juntos ou separados. Me queima, mesmo quando estou dormindo. Tive um sonho erótico a noite passada e...

— Pelo amor de Deus, Gideon!
— Eu tive, sim.
— Mas não me conte.
— Por que não? Sei que vai ficar pensando no que aconteceu aqui, cheia de vergonha. Quero que saiba que não foi a única que perdeu o controle nesta história. E você tem uma desculpa muito mais forte porque eu a toquei daquele jeito.

Chris colocou uma das mãos sobre os lábios dele.

— Por favor — suplicou. — Não diga mais nada. — Acariciou os lábios sob seus dedos, e Gideon ficou calado. Então, continuou: — Agora, vou voltar para a festa. Se quiser, volte comigo. Jéssica e Cárter já devem ter chegado, você pode conversar com eles. Ou assistir ao jogo, se é que ainda não acabou.

— Vão transmitir também o jogo do Lakers — ele murmurou contra os dedos dela.

— O Lakers? Então, meus irmãos vão assistir. Você pode ficar com eles, comer, permanecer na festa até o fim, mas não poderemos sair juntos. Quero ajudar minha mãe na limpeza. Depois, quero passar algum tempo com Jill. E não quero ir para a cama muito tarde. Amanhã terei um dia duro.

Chris deslizou a mão para o colarinho da camisa dele, que aparecia no decote do suéter.

— Estará ocupada, também à noite?

— Até as oito. Tenho de supervisionar a entrega de algumas encomendas.

— Jill vai ficar aqui, com seus pais?

— Ela tem aulas de trânsito, nas noites de segunda-feira. Vou pegá-la, na volta para casa.

— E o jantar?

— Sempre preparo alguma coisa, quando chego.

— O que acha de eu comprar comida chinesa e levar ao seu escritório? Comeremos lá.

— Não vou estar no escritório.

— Posso ir aonde você estiver.

— Levando comida? Não, não pode. Meus clientes teriam um ataque.

— Está certo. E terça à noite? Não. Tenho um jogo. — Os olhos de Gideon brilharam.

— Não quer ir me ver jogar?

Parecia tão ansioso que, por um instante, Chris desejou poder ir. Mas isso estava fora de questão?

— Em Worcester? — perguntou.

— Longe demais, não?

— Além disso, tenho aula de balé-

— E na quarta-?

— Recital de piano de Jill!

— Quero ir.

Mas não vai. Ela já fica muito nervosa em recitais, mesmo sem ter de se preocupar com a presença do namorado da mãe.

Gideon sorriu.

O namorado? Gostei. É melhor do que "o construtor". Mas Jill não ficara nervosa por minha causa. Ela gosta de mim.

Gosta hoje, aqui, porque você é um convidado entre muitos outros, pode sentir-se ameaçada, se perceber que está rolando alguma coisa entre nós-

já percebeu E não se sentiu ameaçada. Jill gosta de mim. Sem falar que quer que você namore. Ela mesma me disse.

a você?!

— Jill disse?

— Disse.

Chris sentiu-se um pouco traída.

— O que mais ela disse?

Não muita coisa. Você apareceu antes que ela tivesse a chance. Mas que diabo, Chris, não combinamos nada, ainda. Quandopoderemos nos ver? Quinta-feira?

Não é um bom dia. Terei aula de balé de novo, depois Jill e eu iremos fazer compras.

— Vou junto.

— Não.

Fazer compras de Natal era algo que se tornara quase uma tradição para elas. Chris não estava pronta para deixar que outra pessoa participasse.

Muito bem. Chegamos, então, ao fim de semana e à véspera de Natal. Vai me convidar, ou não?

Chris não sabia o que fazer. A véspera e o dia de Natal eram datas especiais para a família dela, e todos convidavam quem queriam.

- Gill sugeriu que me convidasse — Gideon lembrou.

— Falou sem pensar.

— O que fazem, na véspera?

— Jantamos, vamos cantar na rua, depois assistimos à Missa do Galo. No dia de Natal fazemos um grande almoço.

— Só para a família?

— Não — ela respondeu honestamente. — Recebemos amigos também. — Suspirou, olhando para ele com ar suplicante. — Mas as coisas entre nós estão indo rápido demais, Gideon. Não podemos ir mais devagar?

— As vezes não dá, como aquilo que aconteceu há pouco. Ela fechou os olhos, apertando-os nervosamente.

— Do que tem medo, Chris? O que está segurando você?

Aquela era uma pergunta que ela fizera a si mesma muitas vezes nas últimas semanas. Abriu os olhos lentamente, fixando-os nos dele.

— Tenho medo de sofrer. Jill pode ser a alegria da minha vida, mas o que BramV fez me machucou demais. Consegui me recuperar e ir em frente, e acho que sou uma boa mãe. Agora, tudo corre suavemente. Não quero que as coisas mudem.

— Nem mesmo para melhor?

— Não preciso de nenhuma mudança. Está tudo bem.

— Acredito que precisa, sim. Há um tipo de intimidade que só um homem pode dar a uma mulher, uma intimidade que acho que você deseja. Diga que não precisa tocar um homem, como quando pegou minha mão, lá na festa, ou como está me tocando agora.

— Eu não estou...

— Está. Olhe para sua mão.

Chris olhou e viu que seus dedos seguravam o decote do suéter de Gideon e estavam em contato com a pele morna do pescoço forte. Retirou a mão cautelosamente, pousando-a no colo.

— Não percebi — justificou-se, acanhada.

— Da mesma forma que não percebi o que estava acontecendo, quando acordei ofegando, hoje de manhã — Gideon comentou. — Uma coisa podemos dizer do subconsciente: é mais honesto do que nós, às vezes.

Ela achou que ele tinha um pouco de razão. Podia negar que não o queria, que não desejava nenhum tipo de relacionamento, mas essa não era a verdade. Mas, apesar de todos os argumentos de Gideon, ela estava disposta a fazer com que as coisas entre eles andassem mais devagar.

— Você já deve ter planejado sua comemoração de AnoNovo — disse, olhando para as mãos cruzadas no colo. — Mas...

— Não planejei nada e aceito seu convite — ele interrompeu-a depressa. — O que você gostaria de fazer? Podemos nos adaptar aos planos de Jill, ou de sua família. Só me diga o que deseja fazer.

Ela ergueu os olhos, hesitante.

— Jill irá a uma festa. Terei de levá-la e depois buscá-la. Ela virá com duas amigas, que dormirão aqui.

— Dormiremos aqui? Vai ser divertido!

— Gideon, você não foi convidado para passar a noite em minha casa!

— O que o convite inclui, então?

— Vamos ficar juntos quatro horas, o tempo que Jill passará na festa. Podemos ir a um jantar-dançante. Ou podemos optar por uma danceteria.

— As danceterias vão estar lotadas e barulhentas. Prefiro um jantar-dançante.

— Pode ser difícil conseguir a reserva de uma mesa, a esta altura.

— Não estou pensando em nenhum restaurante. Quero cear aqui.

Chris não sabia se começava a rir ou chorar.

— O convite não é para isso.

— Mas minha idéia tem lógica, não tem? — ele argumentou. — Os restaurantes, na véspera do Ano-Novo, estarão superlotados, os preços aumentarão, o serviço será lento. Você vai ficar nervosa, com medo de não poder ir buscar Jill na hora marcada e não aproveitará nada. Por outro lado, se comermos aqui, teremos sossego e poderemos conversar bastante. E precisamos conversar, Chris. Além

disso, se formos a um lugar chique, terei de comprar roupas e odeio fazer compras. Não me obrigue a isso, por favor.

— Se odeia fazer compras, por que se ofereceu para ir comigo e com Jill?

— Porque seria divertido. Não gosto de comprar coisas para mim.

— Por quê? — ela perguntou, admirada.

— Porque é muito difícil achar peças que me sirvam. Sou largo, tenho pernas compridas, as roupas precisam ser ajustadas, e isso significa ser apalpado inteiro por uma costureira da loja.

Ela não conseguiu conter uma risada.

— Mas isso não é bom?

— Não! É de dar enjoo. Só quero ser apalpado por você. E, então, o que me diz? Vamos jantar aqui, na véspera de Ano-Novo? Um jantar calmo, relaxante? Posso trazer a comida, se você quiser. Melhor ainda, podemos fazer o jantar juntos. É só você me dar uma lista do que vamos precisar e farei as compras no supermercado. É uma boa idéia, não é?

Chris tinha de admitir que a idéia era ótima. Nunca gostara de comemorar o Ano-Novo fora de casa. E passar quatro horas com Gideon, enquanto Jill estivesse na festa, era uma perspectiva muito atraente.

— Está bem — concordou.

Gideon sorriu, ergueu-se e puxou-a pelas mãos, pondo-a de pé. Enlaçando-a pela cintura, começou a guiá-la em direção à porta.

— A que horas devo vir? Quatro da tarde? Cinco?

— Oito e meia da noite.

A festa de Jill começaria às oito, de modo que Chris teria tempo de levá-la, voltar para casa e arrumar-se.

— De jeito nenhum vou esperar até as oito e meia, quando tudo fecha no meio da tarde. Estarei aqui às cinco e meia. Poderei conversar com Jill também.

- Ela estará preocupada apenas com os cabelos — avisou.

— Direi a ela que o penteado está lindo.

— Venha às sete e meia e irá comigo, quando eu for levá-la.

— Seis horas. Tomaremos um aperitivo.

— Sete. Nem um minuto antes.

— Posso trazer champanhe?

— Gosto mais de vinho. E vista seu melhor traje. É aquele que usou para ir ao banco, quando fiz minha apresentação?

— É, mas gostaria de usar algo mais simples, já que vamos ficar em casa.

Ela abanou a cabeça.

— Não. Na véspera de Ano-Novo devemos usar nossas melhores roupas.

Gideon suspirou, resignado, e abriu a porta.

— Tudo bem. Vou usar a calça esporte e o blazer. — Aspirou longamente o ar frio do anoitecer. — Nossa, estou me sentindo muito bem!

Surpresa, Chris constatou que também estava.

A sensação de bem-estar persistiu, e Chris atribuiu o fato ao espírito natalino. Aquela época, em sua família, sempre transcorria num clima de paz e alegria. No fundo, porém, ela sabia

que estava se sentindo tão bem por outras razões além dessa. Jill estava feliz. Os negócios iam bem. E Gideon entrara no cenário de sua vida.

Ele não a deixava esquecer isso. Telefonava todas as noites, geralmente por volta das dez horas, quando sabia que a encontraria em casa, e, embora nunca prolongasse demais a conversa, mostrava-se carinhoso, querendo saber como fora o dia dela e falando sobre o seu.

As vezes era Jill quem atendia o telefone, mas isso não tinha importância, pois Chris não escondia nada dela, consciente de que só poderia esperar que a filha se comunicasse abertamente com ela, se fizesse o mesmo. O relacionamento das duas sempre baseara-se na honestidade. Além disso, não haveria razão para esconder o fato de que Gideon gostava dela e que por isso telefonava todas as noites.

Mas, claro, Jill não se contentava com isso.

— Você gosta dele, mamãe? — perguntou uma noite, depois de um desses telefonemas.

Chris, gastando o que lhe restava de energia, fazia biscoitos, algo que exigia um mínimo de esforço mental e pouca força física.

— Ele é legal — respondeu, juntando farinha à mistura batida de ovos, manteiga e açúcar. — Não esperava que acharia isso, depois do que acontecera naquele primeiro dia em Crosslyn Rise. Fiquei surpresa. Mas ainda não o conheço muito bem.

— Parece que ele quer mudar essa situação.

— Verdade — concordou Chris, sentindo a mesma excitação que sempre sentia quando pensava em ver Gideon outra vez.

— Por que ele não vem passar o Natal com a gente?

— Eu não o convidei — Chris explicou, mexendo a massa vigorosamente.

— Por que não?

— Ele acabou de nos conhecer, e o Natal é para as pessoas verdadeiramente íntimas. Você sabe como nossa família é. Quem não for um de nós tem de fazer por merecer um lugar a nossa mesa — Chris argumentou, tentando ser espirituosa.

— Mas ele é sozinho! Vai passar o Natal num apartamento, sem ninguém. Acho que nem tem uma árvore.

Chris experimentou um momento de inquietação, imaginando se Gideon queixara-se com Jill a respeito disso. Se havia uma coisa que não permitiria, era que ele usasse sua filha para chegar até ela.

— Ele falou alguma coisa sobre passar o Natal num apartamento, sem ninguém?

— Não, mas disse que não tem família.

— Bem, isso é verdade. Mas, para começar, Gideon não mora num apartamento. Mora numa casa que ele próprio construiu e...

— Certo. Vai passar o Natal numa casa, sem ninguém.

— Não vai, não, Jill. Ele tem muitos amigos e com certeza

será convidado por um deles. Além disso, é um sujeito simpático, expansivo, e disse que teve muitas namoradas. Não acredito que vá ficar sozinho.

Claro, ele aceitaria o convite de Chris sem piscar, se ela o convidasse para a ceia de Natal, pois aceitara imediatamente a sugestão de passarem o Ano-Novo juntos, de modo que não devia ter nenhum plano definido para as festas. Como não queria imaginá-lo com uma mulher, Chris preferiu imaginá-lo festejando o Natal com um grupo de amigos.

Talvez alguns de seus operários.

Talvez seus companheiros do time de basquete.

— Acha que pode gostar dele, mãe?

Arrancada de seu breve devaneio, Chris mexeu a massa com força desnecessária, raspando a colher de pau contra o fundo da tigela.

— Eu gosto dele. Já disse isso.

— Mas acha que pode vir a amá-lo?

Embora não conseguisse esquecer que Gideon dissera que podia estar se apaixonando por ela, Chris abanou a cabeça.

— Muito cedo para dizer. Volte a me fazer a mesma pergunta daqui a um ano ou dois.

— Não é assim que funciona, mamãe. O amor acontece de repente.

— Falou a voz da experiência. Querida, esqueci de pegar a anilina. Quer ir buscar para mim? Verde.

Jill foi até o armário, pegou o pequeno frasco de anilina e tirou a tampa.

— Quantas gotas? — perguntou, preparando-se para verter o líquido na massa.

— Vamos começar com quatro.

Jill pingou quatro gotas na tigela, Chris mexeu a massa, que aos poucos adquiriu um leve tom de verde.

— Um pouco mais.

A mocinha pingou mais três gotas, Chris misturou-as à massa, esperando que Jill esquecesse aquela conversa sobre amor.

— Você amava meu pai, quando fui concebida — a garota comentou, frustrando-lhe a esperança.

— Amava, sim.

Aquele assunto fora discutido vários anos antes, quando Chris explicara a Jill o que significava para uma menina ficar menstruada. Com um mínimo de encorajamento, a garota fizera uma porção de perguntas sobre sexo e bebês. Sabia quem era seu pai, que ele mudara-se de Massachusetts antes que ela nascesse e que agora era corretor de imóveis no Arizona.

Toda a família de Brant mudara-se para aquele Estado, quando o pai dele, muito convenientemente, fora removido para lá, logo após Chris contar que estava grávida. Para que Jill não se sentisse indesejada, embora fosse assim que Brant a houvesse considerado, Chris fizera questão de salientar que ela fora concebida num especial momento de amor.

— Vocês dois se amavam, mas só fazia dois meses que namoravam — Jill observou.

— Os jovens apaixonam-se mais rapidamente, e eu era muito jovem, querida. Coloque mais uma gota.

Jill deixou cair outra gota, e Chris incorporou-a à massa.

— Não é mais romântico quando as pessoas se apaixonam depressa? O que aconteceu com você e meu pai foi muito romântico. Conheceram-se na aula de inglês, começaram a fazer a lição de casa juntos, apaixonaram-se e fizeram amor. Será que ele se casou?

— Provavelmente.

— Acha que ele pensa em mim? Chris lançou-lhe um sorriso afetuoso.

— Tenho certeza. Você foi um acontecimento marcante na vida dele.

— Talvez ele tenha vontade de me ver.

— Acho que não teria coragem. Se a visse, perceberia que perdeu um tesouro. E se

odiaria.

Jill franziu a testa, intrigada.

— Mas que pai não teria a curiosidade de saber como é a própria filha?

Chris fizera-se aquela mesma pergunta milhares de vezes,

sempre acabando por pensar as piores coisas a respeito de Brant. Mas jurara, muitos anos atrás, que nunca falaria mal dele na frente de Jill.

— Um pai que não se perdoa por ter abandonado sua filhinha. Ele sabe que você existe, e acredito que o remorso não o deixe em paz — Chris disse, decidindo dar a Brant o benefício da dúvida.

Jill calou-se, pensativa, enquanto Chris tirava da tigela a massa, que agora exibia um alegre tom de verde e a colocava na mesa para abri-la e cortar os biscoitos.

— Você já imaginou que um dia pode abrir a porta e ver meu pai parado a sua frente? — Jill perguntou por fim.

— Não. — Chris nem queria imaginar uma coisa dessas. Não tinha o menor desejo de ver Brant, nem de que ele visse a filha. Jill era dela. O sentimento de posse em relação à garota era muito forte. Mas, pelo bem de Jill, precisava disfarçar o que sentia. — Seu pai deve estar muito ocupado, cuidando da própria vida. E ele e a família só moraram aqui durante três anos. Não deixaram parentes nem amigos a quem pudessem querer visitar.

— Por que ele não se casou com você, se a amava?

— Tinha outros planos. Ia para a universidade, com uma bolsa de estudos — Chris respondeu, estendendo a massa na mesa.

— Se ele a amasse de verdade, teria se casado com você — Jill insistiu.

O tom petulante, mais do que as palavras, fizeram Chris interromper o que estava fazendo. Pousando o rolo de abrir massas, virou-se para a filha e tomou-lhe o rosto entre as mãos.

— Então, acho que ele não me amava — admitiu baixinho. — Pelo menos, não tanto quanto eu acreditava. Sendo assim, foi melhor não termos nos casado. Nós dois seríamos infelizes e você sofreria. — Fez uma pausa, antes de perguntar:

— Sente muito a falta de um pai?

— Não. Você sabe disso. Mas às vezes fico imaginando como seria ter um, como seria irmos passear juntos, só nós três.

— E o que faríamos com vovô e vovó? — Chris brincou. — E com Alex e os outros tios?

Jill pensou no assunto por alguns instantes, então sorriu e deu de ombros. Chris beijou-a na testa e ia virar-se novamente para a mesa, quando Jill disse:

— Ainda acho que devia ter convidado Gideon para a ceia de Natal.

— Oh, não! Vamos começar com isso de novo?

— Foi só um pensamento.

— Tive outro. O que acha de me ajudar, lavando a tigela?

— Eu? Tenho de acabar a lição de casa — a garota anunciou, correndo para a escada.

Chris nem teve tempo de reclamar. Não que fosse fazer isso. Muito antes do que ela desejaria, Jill estaria saindo de casa para ir para a universidade. Depois, seria independente, dona de sua própria vida. O tempo de que as duas ainda dispunham para estar juntas não podia ser

arruinado com reclamações inúteis.

CAPÍTULO VII

Na véspera do Ano-Novo, Chris não estava pensando em passar o tempo com Jill, mas sem ela. O Natal em família fora maravilhosamente divertido e envolvente, e a mãe adorara a panela de cerâmica sugerida por Gideon.

Ele ainda ligava todas as noites e dizia que fazia isso para ter certeza de que ela não o esqueceria. Como se Chris pudesse esquecê-lo, mesmo que quisesse. Pensava nele constantemente, e uma onda de desejo a invadia, quando ela se lembrava do prazer que experimentara com suas carícias.

Ficaria mortificada, se alguém lesse sua mente naquela semana, pois seus pensamentos eram extremamente sensuais. Em vez de imaginar Gideon de calça e blazer, imaginava-o nos mais variados estágios de nudez. Quando ele telefonava, à noite, visualizava-o deitado em sua cama, só de cueca, ou sem nada. Via o corpo musculoso, a pele morena, os pêlos escuros, que deviam ser mais espessos em certos lugares do que em outros. Imaginava-o em sua casa, na véspera de Ano-Novo, desabotoando a camisa, tirando-a, livrando-se da calça, despindo-se para ela. Um homem no auge de sua virilidade, ostentando-a com orgulho.

Às vezes, Chris perguntava-se se havia algo de errado com ela, se tornara-se tão faminta de sexo que seria capaz de entregar-se a qualquer homem. Mas o mensageiro do prédio, um jovem bonito que apareceu em seu escritório várias vezes naquela semana, não lhe despertou nenhum desejo. Nem seu cabeleireiro, lindo e heterossexual, ou Anthony

Haskell, que ligou querendo vê-la, e a quem ela dispensou o mais gentilmente que pôde.

Chris não se lembrava de alguma vez ter se sentido tão viva, de modo tão feminino, e essa sensação aumentava à medida que se aproximava a véspera do Ano-Novo. E quando o dia chegou, ela se pegou contando os minutos que faltavam para seu encontro com Gideon.

Alguém tocou a campainha às seis e quarenta e cinco, e Chris não teve dúvida de que era Gideon, embora ele devesse chegar às sete horas. Por sorte, ela se arrumara mais cedo. Abriu a porta e recebeu-o com um olhar de censura.

— Vim mais cedo, para o caso de o trânsito estar muito ruim, mas não estava.

Como Chris podia continuar aparentando aborrecimento, se só de ver Gideon sentia-se sem fôlego? Ele usava um sobretudo com a gola erguida contra o frio, sobre o blazer e a calça que ela já conhecia, e parecia muito mais atraente do que naquela noite, no banco. Devido, talvez, ao corado das faces morenas, algo que a intrigou.

— Você está vermelho, parece que ficou exposto ao frio.

— É que deixei as janelas do carro abertas — ele explicou, sem desviar os olhos dos dela.

Chris parecia brilhar, tinha aparência sofisticada, mas também jovem e fresca. Não prendera os cabelos no costureiro coque. Deixara-os soltos, e as mechas, brilhantes e lisas, desciam até os ombros, movendo-se sedutoramente a cada movimento dela.

— Abertas? — ela admirou-se. — Por quê?

— Foi o único jeito que encontrei de manter a atenção concentrada na estrada.

Ela não precisou perguntar o motivo. O desejo que via nos olhos dele era resposta bastante eloqüente e justificava o fato de ela ter gastado um bom dinheiro na compra do vestido que estava usando. Ao contrário de Gideon, ela gostava de fazer compras e, apesar de tomar cuidado para não estourar o orçamento, de vez em quando dava-se ao luxo de fazer uma extravagância. Naquele caso, valera a pena, Pois a admiração de Gideon era mais do que evidente.

— Posso entrar? — Gideon perguntou. Chris corou.

— Claro, desculpe-me. Deixe-me ajudá-lo. — Estendeu as mãos para pegar o saco de papel que Gideon segurava com um braço.

Haviam combinado que ele traria pão francês e uma sobremesa, já que havia uma boa padaria perto de sua casa. Mas ele segurou o saco com mais firmeza e entregou a ela as duas garrafas de vinho que carregava em apenas uma das mãos.

— O que você tem aí? — ela perguntou, olhando com suspeita para o saco de papel.

— Eu me entusiasmei — ele confessou, contendo o desejo de dizer que comprara doces para uma doçura, porque receava que ela o achasse um idiota.

Fechando a porta com um cotovelo, marchou para a cozinha e colocou o saco sobre o balcão. Então, tirou as garrafas das mãos de Chris e olhou-a de alto a baixo com ar aprovador.

— Você está linda — disse, pondo as garrafas ao lado do saco.

— Obrigada — ela agradeceu, meio ofegante. — Você também está muito bonito. Para impedir-se de ceder ao súbito desejo de tocá-lo, cruzou os braços. — Por favor, tire o sobretudo.

Gideon aceitou a sugestão. Chris pegou o agasalho das mãos dele e foi pendurá-lo no armário sob a escada. Quando virou-se, viu-o atrás de si.

— Onde está Jill? — ele perguntou baixinho.

— Lá em cima — Chris respondeu no mesmo tom.

— Ela sabe que cheguei?

— Deve ter ouvido a campainha.

— Temos tempo para um beijo?

— Só se for rápido.

— Não sei se serei capaz. Faz mais de dez dias que sonho com isso. Imaginei um beijo longo, profundo, molhado...

— Oi, pessoal! — Jill gritou do meio da escada. Acabou de descer os degraus apressadamente. — O que vocês estão cochichando aí?

Chris sentiu-se como uma menina apanhada fazendo uma travessura. Levou alguns instantes para perceber que não cometera nenhum erro, que das duas ela era a mãe, e Jill, a filha, e não o contrário.

— Gideon estava me dizendo coisas que não são apropriadas para seus jovens ouvidos — respondeu, caminhando para a cozinha. — Você me faz um favor, queridinha? Converse com ele, enquanto vou cuidar das entradas.

Pondo as mãos nos bolsos do blazer e puxando as abas para a frente para esconder a ereção, Gideon disse a Jill:

— Você deve estar pensando que sou um daqueles homens inúteis, mas não sou, acredite. Sou um bom ajudante de cozinha. Sei quebrar ovos, bater creme de leite e fazer café.

— Por que não chegou mais cedo, então? Mamãe estragou duas assadeiras de cogumelos empanados até conseguir tirar uma antes de torrar tudo. E olhe que ela diz que cogumelos empanados são sua especialidade.

— Distraída, hein? — Gideon comentou, satisfeito ao pensar que Chris ficara nervosa com a idéia de vê-lo.

— Bastante — Jill concordou, recuando um passo. — Como estou?

Ele a examinou dos pés à cabeça.

— Espetacular. A saia jeans é linda. O suéter é lindo. As pernas são lindas. Convidaram também rapazes para essa festa?

Jill ergueu os olhos para o teto com expressão de quem pedia paciência.

— Claro! Acha que não tenho idade suficiente para ir a festas onde há rapazes?

Não, ele não achava. No lugar onde crescera, as meninas de quinze anos faziam muito mais do que ir a festas como aquela. O instinto, porém, dizia-lhe que Jill não era desse tipo, e que Chris não toleraria um tal comportamento.

— Você vai arrasar — declarou com um orgulho que não tinha o direito de sentir. — Ah, seus cabelos também estão lindos.

— Ainda não acabei de me pentear.

— Na minha opinião, o penteado está perfeito.

— Na minha está mais ou menos. Acho que preciso de uma fivela. E de um par de brincos. Mamãe!

— Não precisa gritar — Chris, que já se aproximava, avisou. — Estou aqui. — Olhou para Gideon. — Pus os cogumelos no forno para esquentar. Ficarão no ponto em um minuto.

— Preciso de alguma coisa grande e prateada, mamãe — Jill informou.

— Para os cabelos e as orelhas — Gideon completou. Chris olhava para a filha com ar duvidoso.

— Faz tempo que lhe emprestei alguma coisa prateada, e você ainda não devolveu — disse, pensando na pulseira de berloques que nunca mais vira. — Posso emprestar uma fivela e brincos, desde que você os devolva amanhã de manhã.

— Ela é implicante — Jill comentou com Gideon. Então, virou-se e subiu a escada.

— Quanto tempo você acha que ela vai ficar lá em cima? — Gideon perguntou, novamente cochichando.

— Cinco segundos — Chris murmurou.

— Posso usar a fivela esmaltada que você comprou no último verão? — a garota gritou do quarto.

— Pensei que quisesse algo prateado — Chris gritou de volta.

— Mas a fivela esmaltada faz jogo com um par de brincos.

— O conjunto me custou os olhos da cara — Chris contou a Gideon. — Ela vem querendo usá-lo desde que o comprei. Acho que está se aproveitando de sua presença e do fato de que hoje é véspera de Ano-Novo.

— Diga "não" e pronto — ele sugeriu. Chris suspirou.

— Jill! — chamou, olhando para cima. — Se você prometer tomar muito cuidado, eu lhe empresto a fivela e os brincos. — Captou o olhar de Gideon. — Não me olhe desse jeito.

— Você é sempre assim tão mole? — ele indagou.

— Estamos falando de uma fivela e um par de brincos — ela respondeu. — Se ela me

pedisse uma garrafa de gim, cigarros ou alguma droga, eu diria "não", mesmo que tivesse essas coisas em casa, o que não é o caso. É preciso saber diferenciar as coisas.

Gideon refletiu um pouco.

— Acho que tem razão. — Olhou na direção do fogão. — Os cogumelos já não estão quentes?

— Coloquei-os no forno há dois minutos.

— Vá dar uma olhada — ele recomendou, empurrando-a para a cozinha.

Encostou-a no balcão e capturou-lhe os lábios num beijo que prometia ser longo e intenso.

— Mamãe! — Jill gritou.

Com um gemido rouco, Gideon interrompeu o beijo e recuou. Chris sentia-se girar vertiginosamente numa louca espiral. Estava quente, tonta e frustrada.

— O que é, Jill? — perguntou após alguns instantes de silêncio.

— Onde você guardou o conjunto?

Chris bufou, irritada. Meneou a cabeça e, lançando um olhar de desculpas para Gideon, afastou-se do balcão para olhar para a filha no topo da escada.

— É só dizer onde está — a mocinha disse.

Como não lembrasse onde guardara o conjunto de fivela e brincos, Chris tinha de subir.

— Estou indo.

Pouco depois, no quarto, procurou em várias gavetas, antes de encontrar a caixa com o conjunto.

— Prometa que vai tomar muito cuidado — repetiu, entregando as peças delicadas a Jill.

— Prometo. Viu?! — A garota ergueu os brincos. — Combinam perfeitamente com minha roupa.

Chris refletiu que quase tudo combinava com jeans, mas Jill não deixava de ter razão. A cor verde-azulada das peças esmaltadas eram do mesmo tom do suéter tricotado à mão.

— Muito bem, menina. Precisa de mais alguma coisa? — perguntou.

— Não. Obrigada, mamãe.

— Se for usar meu perfume, lembre-se de que algumas gotinhas bastam. Não vá chegar na festa com cheiro de bordel.

— Tá.

— Vou esperar lá embaixo. Desça, quando estiver pronta. Vai comer alguma coisa antes de ir, não vai?

— Se sobrar alguma coisa. Gideon parecia morto de fome. Fome de outra coisa, Chris pensou. Você não sabe de nada, menina. Ainda bem.

Mas não demoraria muito para que Jill se envolvesse num namoro sério. Então, saberia que tipo de fome podia consumir um homem e uma mulher, descobriria os impulsos poderosos que os levavam a unir-se, nem sempre de modo prudente. O que Chris fizera com Brant dezesseis anos atrás não fora nada prudente, mas ela nunca se arrependeria de ter tido Jill. Fora sincera, quando dissera a Gideon que era feliz com a vida que levava.

Seria mais feliz, relacionando-se com um homem? Não sabia. Mas sabia que se sentia atraída por Gideon de maneira primitiva, dominada por desejos que não podiam ser ignorados. Tornara-se prudente com a idade, mas a atração ameaçava sufocar a prudência. A prova era

aquela excitação física que a invadiu, quando ela voltou para a cozinha e viu que Gideon abria uma das garrafas de vinho branco e enchera dois copos de cristal. Por uma fração de segundo, ela foi novamente arrebatada pela espiral de desejo provocada pelo beijo interrompido. E sentiu a mesma frustração.

— Jill está pronta? — ele perguntou, entregando-lhe um dos copos.

— Está.

— A nós — ele brindou.

Chris tocou seu copo no dele, então tomou um gole do líquido cor de âmbar.

— Hummm... Muito bom. — Olhando para o conteúdo do copo, ela prosseguiu: — Desculpe pela interrupção de momentos atrás. Hora errada.

— Eu reclamei? — ele murmurou, aproximando-se mais dela. — Só estamos prolongando as preliminares, mais nada.

Um arrepio morno correu pelo corpo de Chris.

— Ha... Não quer sentar? — ela murmurou, perturbada.

— Acho que devemos comer alguma coisa.

— Certo. — Pondo o copo no balcão, ela calçou as luvas de cozinha e retirou do forno a assadeira de cogumelos empanados. Arrumou metade deles numa travessa onde já pusera cubos de queijo e bolachinhas salgadas, então devolveu a assadeira ao forno, ajustando o termostato no mínimo. — Assim permanecerão quentinhos.

Gideon levou a travessa para a mesa de centro com tampo de vidro diante do sofá maior da sala de estar e sentou-se. Estava levando um cogumelo à boca, quando Chris juntou-se a ele.

— Opa! — exclamou quando acabou de mastigar e engolir. — Valeu a pena perder duas assadeiras.

— Eu estava distraída — Chris justificou-se, corando.

— Algo desviou sua atenção, como aconteceu com meus homens naquele dia em Grosslyn Rise? — ele arreliou, inclinando-se para ela. — Qual foi a causa de sua distração? Eu?

Ela fixou os olhos na gravata dele, notando que era de seda, com listras diagonais em azul-marinho, amarelo e verde-escuro.

— Claro que não. Estava pensando no meu trabalho.

— Faço parte de seu trabalho, não é?

— Ainda não.

— Consegui janelas semicirculares.

Os olhos dela procuraram os dele, cheios de animação.

— Conseguiu?

— E as instalamos na semana passada, acima das portas francesas, como você queria.

— Você me telefonou todas as noites e não me contou?

— Queria fazer uma surpresa — Gideon alegou, olhando para os lábios dela. — Achei que, se contasse no momento certo, ganharia um beijo. O que me diz?

Sem nenhuma hesitação, Chris beijou-o de leve na boca. Então, porque foi uma carícia gostosa, mas breve demais, tornou a beijá-lo.

— Você está tão cheirosa... — ele murmurou contra os lábios dela. — Aposto como seu corpo todo tem esse perfume.

Ela suspirou, e Gideon pressionou a boca de encontro a dela, beijando-a de modo

ansioso, quase violento.

Chris queria entregar-se ao beijo e a muito mais. Entreabriu a boca num convite sedutor e ficou confusa quando Gideon ergueu a cabeça.

— O que foi? — indagou, meio zozza.

— Rápido demais — ele respondeu, respirando pesadamente. — Quente demais. Público demais.

Inclinou-se para a frente, fincando os cotovelos nas coxas. Seu desconforto era evidente.

Chris ficou atônita, percebendo que esquecera que Jill estava no andar de cima.

— O que deu em mim? — queixou-se.

— A culpa não é apenas sua. São necessários dois para dançar um tango.

Era apenas um modo de expressão, mas Chris agarrou-se àquela oportunidade de aliviar a tensão entre eles.

— Você sabe dançar tango? — perguntou.

— Não. Não danço quase nada, mas faço amor muito bem. Ela gemeu baixinho, visualizando-se na cama com ele, de maneira real demais. Em desespero, apontou para a travessa de cogumelos.

— Coma mais e me conte o que está acontecendo em Crosslyn Rise.

Com um suspiro profundo, Gideon endireitou-se. Comeu mais um cogumelo, depois outro.

— Muito gostosos — elogiou, lançando um olhar na direção da cozinha. — Mas sinto o cheiro gostoso de outra coisa — disse, aspirando o ar na tentativa de identificar o aroma.

— Galeto com molho de laranja — ela contou. — Mas me fale sobre Crosslyn Rise — insistiu, querendo conversar sobre algo que não provocasse os comentários sensuais de Gideon, que tanto a agitavam.

Ele pareceu compreender, pois moveu a cabeça, concordando. Na verdade, não pretendia deixar que as coisas comessem de modo tão quente e intenso. Simplesmente acontecera. Os dois estavam envolvidos numa atmosfera densa de desejo. Mas deviam comportar-se de maneira civilizada, conversando e comendo, antes de permitirem que o fogo da paixão os devorasse.

Cruzando as pernas, aparentando estar à vontade, como se sentia no meio de seus companheiros, Gideon começou a falar. Contou a Chris sobre o progresso que sua equipe de trabalho fizera em Crosslyn Rise, falou dos pequenos problemas que tinham enfrentado, das soluções encontradas. O truque funcionou. Quando Jill desceu, quinze minutos mais tarde, os dois estavam discutindo sobre qual seria a melhor opção para as escadas internas.

— Você está linda, meu bem — Chris disse à filha com um sorriso orgulhoso.

— Mais do que linda — Gideon acrescentou. — Aqueles pobres rapazes vão querer ficar agarrando você o tempo todo.

Chris lançou-lhe um olhar feio.

— E sabem o que vão levar? Um chute naquele lugar que você sabe.

Jill pareceu ficar embaraçada. Olhou rapidamente para Gideon, antes de sentar-se junto de Chris.

— Meus cabelos estão horríveis — lamentou-se baixinho.

— Estão perfeitos, querida.
— Eu devia ter cortado.
— Se cortasse, ficaria puxando as pontas, tentando encompridá-los.
— Eles nunca ficam encaracolados como eu gosto. Tentei durante uma hora e não consegui nada.

— Você queria arrumar os cabelos de um jeito e não conseguiu, mas ficaram lindos. Eu gostei, e todo mundo vai gostar.

— Diz isso porque é minha mãe.

— Não sou sua mãe e também gostei muito — Gideon aparteu.

Jill olhou-o, cética.

— Você diria qualquer coisa para agradar mamãe.

— De jeito nenhum! — ele protestou. — Se descesse um Pouco antes, me ouviria dizer a sua mãe que nem que ela me matasse eu concordaria em instalar escadas curvas nas casas de Crosslyn Rise.

Esse homem é teimoso como uma mula — Chris disse, falando com Jill. — Há uma majestosa escadaria curva na

mansão, e ficaria perfeito, se instalássemos versões menores nas casas do condomínio. Você não acha? Jill franziu o nariz.

— Majestosas escadarias curvas eram boas no tempo em que as mulheres usavam vestidos longos e rodados, mas hoje em dia ninguém usa mais isso.

— É isso aí — Gideon aprovou. — As pessoas modernas gostam de clarabóias, banheiras de hidromassagem e freezers. Encare os fatos, Chris. Você foi derrotada.

— Continuo achando que ficaria lindo, e a decoradora sou eu — Chris replicou.

— E eu sou o construtor e digo que essas escadas são caras demais. Nunca poderíamos usá-las sem estourar o orçamento, então, assunto encerrado.

— Não vai nem mesmo tentar?

— Sabe quanto custa uma escada daquelas? Dez mil! Nem pensar.

Chris percebeu que poderia discutir até cair de cansaço e que de nada adiantaria. Olhou para Jill com ar desanimado.

— Viu? É assim que ele quer me agradar.

— Fui eu que provoquei essa briga? — a garota perguntou, olhando de um para o outro.

— Claro que não.

— Não brigamos.

— Mas os dois parecem bastante irritados.

— Eu não estou irritada.

— Nem eu. Nunca me irrita.

— Acho que vocês não deviam estar falando de trabalho na véspera de Ano-Novo.

— Não sei...

— Bem...

Jill olhou para o relógio de pulso.

— Podemos ir?

— Coma alguma coisa — Chris sugeriu, entrando no papel de mãe.

— Vou comer na festa.

— Sei. Pizza. Mas no mínimo só daqui a uma hora, aposto-

— Vão servir salgadinhos, antes — Jill argumentou, levantando-se para ir buscar o casaco no armário. — Vamos pegar Jenny e Laura no caminho. Elas vão dormir aqui e terão de deixar as sacolas no carro. — Hesitou. — Que carro vamos usar?

— Meu Bronco, se você não se importar — Gideon respondeu depressa. — Traremos as coisas das meninas para cá.

Chris não sabia que teria de apanhar as duas garotas na ida para a festa e deduziu que fora uma combinação de última hora. Não pôde deixar de imaginar se isso tinha algo a ver com a presença de Gideon. Nunca nenhuma das amigas de Jill vira Chris em companhia de um homem. Talvez a menina quisesse que elas soubessem que sua mãe era humana, afinal.

Oh, sim, ela era bastante humana e muito mulher. Logo depois, sentada ao lado de Gideon no banco da frente da caminhonete de cabine dupla, estava plenamente consciente da proximidade dele. Consciente demais. Cada movimento dele parecia atingi-la. Por sorte, ele manteve uma conversa animada com Jill, induzindo-a a contar como seria a festa, quem estaria lá, quais dos convidados eram seus amigos mais chegados, perguntando sobre seu aproveitamento na escola e que carreira pretendia seguir, querendo saber do que ela gostava mais de fazer e que atividades detestava. Quando chegaram à casa de Jenny, Chris ficara sabendo de pequenas coisinhas que até então ignorara.

Dali por diante, Jill ficou conversando baixinho com a amiga, sentada a seu lado no banco de trás. Então, pegaram Laura, que ensinou a Gideon o curto caminho de sua casa até a outra onde seria realizada a festa. Quando chegaram, Jenny e Laura desceram depressa, mas Jill ficou, debruçando-se no encosto do banco da frente.

— Agora vocês vão voltar para casa e jantar? — perguntou.

— Vamos — Chris respondeu.

— Não vão ao cinema ou a algum outro lugar, mais tarde? Chris tocou-a no rosto num gesto tranquilizador.

— Não. Ficaremos em casa. Se houver algum problema, é só telefonar. Do contrário, viremos apanhá-la à meia-noite e meia. — Beijou-a na face. — Divirta-se bastante, querida.

— Você também, mamãe — Jill murmurou, então, acrescentou em tom mais alto: — E você também, Gideon.

— Obrigado, Jill. Divirta-se.

A garota saltou do carro e bateu a porta, caminhando rapidamente para alcançar Jenny e Laura. Olhou uma vez para trás e acenou, antes de desaparecer no interior da casa com as amigas.

— Tive a impressão de que ela estava um pouquinho nervosa — Gideon comentou.

— Pode ser. Jill é bem madura em alguns aspectos, mas em outros...

Ele entendeu o que Chris quis dizer. Jill era fisicamente madura, tinha personalidade já bastante definida e sabia comportar-se, mas ainda tinha muito de criança.

— Ela só tem quinze anos, Chris. É jovem demais.

— Às vezes esqueço. Ela é uma grande amiga, além de minha filha.

— É uma boa garota. — Gideon tomou a mão de Chris, necessitando sentir seu calor. — Mesmo tendo interrompido um beijo que prometia ser um dos melhores de minha vida.

Chris entrelaçou os dedos nos dele, mas não disse nada. Estava subentendido que voltariam a beijar-se no minuto em que entrassem em casa, sem recear uma interrupção.

— O que seus pais farão esta noite? — ele perguntou um tanto casualmente demais.
Era óbvio que também pensava na possibilidade de serem interrompidos.

— Vão jantar fora com amigos. Fazem parte de um grupo que se reúne há vários anos na véspera do Ano-Novo. Mamãe e papai fazem questão de voltar para casa antes de meia-noite para romper o ano com o resto da família, mas hoje não haverá ninguém a sua espera. Saíram todos.

— Menos você.

— Menos eu — ela concordou, apertando a mão dele e deslizando para mais perto.

— Está nervosa? — ele perguntou, intuitivo.

Chris observou-lhe o rosto e viu uma expressão carinhosa.

— Um pouco — confessou.

— E se eu disser que também estou?

— Você?! Mas por quê?

— Porque você é muito especial e quero que tudo seja muito bom.

Um leve tremor percorreu-a por dentro.

— Você só pode fazer com que tudo seja bom — ela afirmou. Fez uma pausa. — Gideon.... você precisa saber de uma coisa.

— Não vá me dizer que é virgem — ele brincou.

— Não, claro que não, mas...

— Você teve uma filha, Chris.

— Eu sei. — Ela pousou o rosto no braço dele. — Mas toda minha experiência com sexo resume-se ao que fiz no banco traseiro de um Chevy ano .

— No banco de trás, hein? — ele comentou, divertido.

— Lá era escuro, eu não via nada.

— Nunca fiz isso num carro. — Gideon não acrescentou que já fizera sexo em quase todos os outros lugares possíveis, menos num carro, porque crescera demais e muito depressa. — Era fácil?

— Isso não interessa.

— Quero saber — ele insistiu, pondo a mão na coxa dela e deixando-a lá. — Eu ficaria todo torto, não é?

— Gideon...

— Sou grande demais para um banco de carro. Chris suspirou.

— Não, não é. Seria capaz de fazer. Só precisaria de um pouco de ingenuidade.

Ela começou a afagar a coxa de Gideon, lentamente.

— Ingenuidade quanto a quê? Quanto às posições? Ela moveu a cabeça num gesto afirmativo, visualizando todo o tipo de imagens loucas.

— Você teria de ficar metade no banco e metade fora.

— Eu ficaria em cima?

Essa fora a única posição que Chris praticara, mas claro que, lendo livros e revistas, ficara sabendo que havia muitas outras.

— Ou embaixo — murmurou.

— Ficaríamos nus?

— Não de todo.

— Eu poderia acariciar seus seios?

Chris prendeu a respiração por um momento.

— Se quisesse.

— Os seios nus? Você tiraria o sutiã?

— Se não estivesse muito frio.

— Mas eu haveria de querer ver tudo de você, depois a aqueceria — ele disse, e sua voz era quente como o fogo líquido que o estava queimando por dentro.

Chris apertou o rosto contra o braço dele.

— Gideon...

Ele pegou a mão dela e deslizou-a para cima de sua própria coxa, levando-a até o alto.

— Estamos esquentando?

— Oh, estamos, sim...

— Não precisamos de muito para pegar fogo, não é?

— Não. E não entendo o motivo. Durante todos esses anos, nunca senti atração por um homem.

Mas sentia o calor escaldante que emanava dele penetrar a palma de sua mão e invadi-la por inteiro. Mais tarde, quando recordasse o que acontecera, ela não saberia dizer qual dos dois fizera o primeiro movimento, mas de repente percebeu que sua mão cobria o sexo dele, que os dedos amoldavam-se à ereção pulsante, aninhando sua dureza.

— Chris... — Gideon emitiu um gemido estrangulado, e ela fez menção de retirar a mão, mas ele a impediu. — Quanto falta para chegarmos em casa?

Chris olhou pela janela. Levou alguns segundos para orientar-se, para conseguir identificar a rua onde se encontravam.

— Mais dois quarteirões. — Olhou para o rosto dele, marcado de tensão. Levada por uma onda de ternura, beijou-o no queixo. — Vai conseguir chegar?

— Vou, sem a menor dúvida — ele afirmou por entre os dentes, soltando a mão dela. — Quer soltar minha gravata, Chris? Está me estrangulando.

Ela afrouxou a gravata e soltou o botão do colarinho.

— Está melhor assim?

— Está. Escute, Chris, se existir a mínima chance de você se arrepender, se pensa que poderá querer recuar, é bom me dizer agora, para que eu esfrie, dando umas voltas no quarteirão, antes de irmos para sua casa.

— Não vou recuar — ela assegurou e estava sendo honesta.

— E o jantar?

— Pode esperar. Gideon, lembra-se do que eu disse sobre anticoncepcionais? Não estou usando nenhum método. Pensei em consultar meu médico, mas depois achei que não ia acontecer nada entre nós e... Bem, você trouxe um preservativo?

Entrando na rua de Chris, ele fez um gesto de cabeça, afirmando. —

— Vai me ajudar a colocá-lo — perguntou em tom rouco.

— Não sei fazer isso.

— Eu ensino.

— Para dividirmos a responsabilidade?

— Não era nisso que eu estava pensando.

— No que estava pensando, então?

— No prazer. Você me tocando, olhando para mim...

— Gideon, o que eu tentei lhe dizer, antes de...

— Que coisa! Nunca falei em fazer amor desse jeito. Parece algo muito calculado? — ele perguntou, entrando na alameda de carros da residência dos pais dela.

— Não. É excitante.

— Eu estou excitado — Gideon murmurou, aproximando-se o mais que podia da garagem que Chris transformara em casa.

— Gideon, eu preciso lhe dizer uma coisa — ela disse depressa para impedi-lo de interrompê-la novamente. — Está certo, até tive uma filha, mas sou inexperiente nisso de sexo. Eu nunca nem...

— Quietinha — ele pediu num murmúrio.

Abrindo a porta, saiu do carro, levando-a junto quase num mesmo movimento. Abraçou-a pelos ombros e apertou-a contra o corpo, enquanto a guiava rapidamente para a Porta. Uma vez dentro de casa, pressionou Chris contra

a parede, descendo os lábios pela testa dela e pelo nariz, até a boca. Ela tinha um cheiro suave, de inocência, e era toda macia. Essa maciez o queimava em todos os pontos onde seu corpo tocava o dela. Ela estava se doando, entreabrindo os lábios para receber a língua faminta de Gideon, movimentando-se de modo instintivo, intensamente feminino, cada vez mais despertando tudo o que havia de masculino nele, enlouquecendo-o com o desejo de possuí-la.

— Seria melhor se eu pudesse esperar mais um pouco, mas não posso — ele engrolou roucamente, puxando o casaco dela pelos ombros abaixo, até tirá-lo e jogá-lo no chão. — Se isso faz de mim um bruto, então eu sou, mas quero você agora.

Colocou as mãos ao redor do pescoço dela, deixou-as escorregar para baixo e cobrir os seios protegidos pela seda do vestido e pelo sutiã. Era a primeira vez que a tocava assim. Chris tinha seios firmes e cheios, os mamilos estavam eretos e duros.

A sensação provocada por aquele toque era tão inebriante, que ela julgou que morreria. Com um gemido abafado, cobriu as mãos de Gideon com as suas.

Ele ficou preocupado. Por mais excitado que estivesse, cumpriria a promessa de fazer com que tudo fosse bom para ela.

— Doeu?

— Não... — ela murmurou, impaciente e ansiosa. Pondo as mãos no peito másculo, correu as palmas pela amplidão musculosa, enquanto Gideon desabotoava seu vestido até a cintura. Sentiu, então, que ele soltava o fecho fronteiro de seu sutiã. Segurou-o pelos quadris, pois julgou que deslizaria para o chão, tomada de timidez, quando as duas partes do sutiã separaram-se, e o ar frio bateu em seus seios. Gideon pressentiu seu acanhamento, e isso intensificou seu desejo. No passado, estivera com as mulheres mais experientes em matéria de sexo, mas nenhuma o enlouquecera tanto quanto Chris. Inclinando-se um pouco para trás, deliciou-se com a visão diante de seus olhos. Os seios dela, que estremeciam a cada movimento da respiração tumultuada, eram claros, os mamilos rosados.

Nunca na vida, ele vira algo tão belo. Chris, encostada na porta, segurando-o pelos quadris, com o vestido aberto e os seios à mostra, oferecia-se, desejosa, apesar da timidez. Incapaz de resistir, ele curvou a cabeça e tomou um mamilo entre os lábios, excitando-o com movimentos circulares da língua.

Ela soltou um gemido que era um grito sufocado.

Gideon interrompeu a carícia e arrancou o blazer e a gravata, desabotoou a camisa e abriu a calça. Então, enterrou os dedos nos cabelos dela e tomou-lhe a boca num beijo forte e profundo.

Chris ansiava por mais.

— Vamos subir — arquejou, quando ele finalmente a deixou respirar. — Quero você em minha cama.

Tomou-o pela mão, e os dois subiram a escada, parando no meio para mais um beijo desesperado. O quarto estava na penumbra, iluminado apenas pela luz que vinha da galeria. De pé, junto à cama, eles começaram a despir-se, lutando contra botões e zíperes, as mãos movendo-se freneticamente. Meio enlouquecidos, riam, gemiam, arquejavam.

Ela estava sentada na borda da cama, tirando as meias, quando Gideon sentou-se a seu lado.

— Me ajude — ele pediu, tentando rasgar um pequeno envelope de papel aluminizado.

Por um instante, Chris deixou de respirar. Ele estava nu, e sua ereção erguia-se, completamente rija.

Notando a imobilidade dela, Gideon olhou-a e viu-a com os olhos fixos em sua altiva virilidade. O pensamento de que ela pudesse estar com medo deu-lhe o controle que de outra forma ele não teria.

— Não vai doer. Você sabe. Já fez isso antes — murmurou em tom tranquilizador.

— Mas nunca vi isso — ela confessou baixinho. — Foi o que tentei lhe dizer. Tenho muitos irmãos, mas quando eles chegaram à puberdade eu estava fora de casa. E com Brant... sempre foi no escuro. — Tocou-o na barriga com uma das mãos trêmulas. — Não estou com medo. Você é muito bonito. Escorregou a mão para baixo, ao longo da linha formada

por pêlos densos, então tocou-o no sexo, descobrindo que a pele era sedosa. Fechou os dedos ao redor daquela rigidez pulsante, movimentando-os cautelosamente para cima e para baixo.

— Chris... — ele gemeu.

— Muito forte?

— Muito fraco — ele respondeu, rasgando a pequena embalagem que segurava.

Retirou o preservativo, e Chris pegou-o.

— Mostre o que devo fazer — ela pediu.

Seguindo as instruções dele, com surpreendente facilidade, levando em conta o tremor de suas mãos, colocou o preservativo. Sentindo-se orgulhosa, excitada e dominada por uma sensação que era quase esmagadora, abraçou Gideon pelo pescoço e encostou os lábios nos dele.

— Você me ama?

— Amo — ele respondeu, quase no fim de seu autocontrole. Enlaçando-a pela cintura, deitou-se na cama, levando-a junto, e os dois arrastaram-se para cima até alcançar os travesseiros.

Foi quando Gideon puxou-a para baixo de si, que Chris conheceu a força total de sua nudez. Ele era totalmente homem, provando isso com tudo, desde o luxuriante peso de seu corpo até a fricção sensual das pernas entrelaçadas nas dela. As mãos grandes acariciavam-lhe os seios, desciam para os quadris, introduziam-se entre as coxas, enlouquecendo-a.

De repente, perdendo a paciência, Chris abriu-se para ele.

— Depressa, Gideon!

Trêmulo, ele ergueu o corpo, ajeitou-se entre as pernas dela e lentamente afundou-se naquele corpo macio.

— Oh, Chris, você é tão apertadinha...

Ela adorou sentir-se daquele jeito, extremamente feminina e desejada.

— Estou machucando você? — ele perguntou.

— Não, não... Isso tudo é tão novo... Você é tão gostoso, tão grande...

Gideon quase chegou ao clímax ao ouvir essas palavras.

Ficou imóvel por um longo minuto, de olhos fechados e dentes cerrados, até recuperar o controle.

— Veja o que você faz comigo — sussurrou, abrindo os olhos. Chris pensava a mesma coisa. No início sentira um leve ardor, mas depois ficara apenas o desejo de que ele a penetrasse com mais violência, que entrasse e saísse mais depressa. Agarrando-o pelos cabelos, olhou-o nos olhos.

— Não pare, Gideon — implorou, arfante. — Quero que me ame agora! — exigiu, meio alucinada.

Ele não precisou ouvir mais nada. Retirando-se dela quase que completamente, voltou a penetrá-la com um grito de triunfo, então repetiu os movimentos cada vez mais rápido. Chris rendeu-se ao desejo que se avolumava em seu ventre, deixando-se levar numa espiral de prazer que subia cada vez mais alto. Fechou os olhos, arqueando o corpo contra o dele, e mergulhou num mar de revoltas e indescritíveis sensações.

Não saberia dizer quanto tempo ficou sem perceber nada que não fosse o êxtase que a envolvera. Mas, por fim, uma tênue luz de consciência brilhou em sua mente, fortalecendo-se lentamente, até trazê-la de volta à realidade. Quando pôde respirar com mais facilidade, abriu os olhos e viu Gideon erguido sobre ela, olhando-a com um sorriso. Ele acendera a luz do abajur ao lado da cama, sem deixá-la, e sua ereção, dentro dela, ainda era tão firme quanto no início. O desejo continuava a arder em seus olhos. Mas isso não parecia incomodá-lo. A expressão de seu rosto, de extrema satisfação, era intrigante.

— O que foi? — ela perguntou.

— Não perguntaria, se pudesse ver o que vejo — ele respondeu em tom baixo e rouco.

Não ia apressar-se em alcançar alívio para a tensão sensual que endurecia seus músculos e o fazia estremecer. Sentia imenso prazer só de olhar para Chris, com os cabelos loiros revoltos, as faces coradas, a pele brilhante de suor, os lábios cheios, úmidos e rosados. Já era um prazer grande demais continuar dentro dela, sabendo que naqueles curtos momentos ela era só dele. E estava se sentindo amado, que era maravilhoso.

— Foi bom? — quis saber.

— Foi divino. Num instante, você me fez explodir. O sorriso dele alargou-se.

— Ótimo. Quero que seja sempre assim.

— Mas você não acabou — ela observou timidamente

— Vou acabar. — Gideon respirou profundamente.

você, Chris.

Ela sentiu uma onda de calor inundar-lhe o peito.

— Como pode saber?

Por causa do que estou sentindo. Acho que poderia ficar para sempre assim como estou

e ser completamente feliz. Lá embaixo, pensei que morreria, se não pudesse fazer amor depressa com você. Mas agora que estou aqui, não tenho mais pressa. Seu rosto, quando você atingiu o êxtase... O que aquela expressão fez comigo foi mais satisfatória do que qualquer clímax.

Os olhos de Chris encheram-se de lágrimas.

— O que disse foi muito bonito — ela murmurou. Tocou-o no peito, acariciando um mamilo chato e escuro. — Você é bonito. — Continuou a acariciá-lo, movendo as mãos pelos ombros largos, pelos músculos desenvolvidos das costas. — Você é muito bonito.

Abraçando-o, ergueu o corpo, beijando-o no pescoço forte. Gideon sentiu-se perdido. Com aquele jeitinho suave e carinhoso, ela ameaçava levá-lo à loucura. Incapaz de esperar mais tempo, recomeçou os movimentos. Percebendo que Chris estava a caminho de outro clímax, controlou-se o bastante para permitir que ela o alcançasse, então rendera-se ao êxtase poderoso que arrebatou os dois.

Muito mais tarde, depois que haviam dado as boas-vindas ao novo ano com brindes e beijos, buscado Jill e as amigas e acomodado as três, depois que Gideon partira de volta para Worcester, foi que Chris, já na cama, pensou em tudo que acontecera.

Gideon fora incrível. Fizera amor com ela mais uma vez na cama e novamente no chuveiro, quando estavam tomando

banho. Mas não fora tanto a potência dele que a impressionara. Ele a cativara mais com as coisas doces que dissera, com os olhares de adoração, com o modo como a fizera sentir-se querida.

Brant nunca fizera nada daquilo.

Mais de uma vez, naquela noite, ela se perguntou se amava Gideon. Saber com certeza era importante, porque ela não acreditava em si mesma, no que se referia ao amor. Confundira esse sentimento com paixão, no passado, e passara quinze anos a compensar Jill pelas consequências do erro que cometera. Se de fato amasse Gideon e se envolvesse com ele de maneira mais profunda, isso afetaria Jill. Pior ainda, se a garota viesse a amá-lo como a um pai, e se magoasse, caso algo de errado acontecesse, Chris nunca se perdoaria.

Decidir se arriscava-se, ou se deixava as coisas como estavam era um problema para o qual ela não conseguia encontrar resposta.

CAPÍTULO VIII

Janeiro era o mês de que Chris menos gostava. Era o mais frio, mais sombrio, e a afetava fisicamente e também emocionalmente. Mas era um período que precisava atravessar para chegar a fevereiro, quando, pelo menos, podia tirar férias. Então, vinha março, com os dias ficando mais longos, e depois abril, com a promessa de um renascimento, e era quando ela começava realmente a sentir-se bem.

Naquele ano, janeiro foi um mês divertido. Ela começou a trabalhar em Crosslyn Rise, dedicando-se à análise séria dos planos de Cárter, visitando os locais das construções uma vez por semana para observar o progresso da obra, examinando amostras de carpetes e papéis de parede,

escolhendo modelos de móveis e armários embutidos, procurando peças de banheiro diferentes.

Embora fosse trabalhar com os compradores das casas, quando eles comessem a aparecer, ela queria montar uma casa como modelo. Além disso tudo decoraria toda a mansão, que seria dividida em três partes: restaurante, academia de ginástica e área de convivência. Teria de chamar pessoal especializado, mas seria a coordenadora do projeto.

Havia muita coisa em que pensar, mas ela adorava isso. Também adorava estar com Gideon, e provavelmente era por esse motivo que ia a Crosslyn Rise com tanta frequência, estando o tempo ainda tão ruim e o trabalho relativamente lento. Discutiam muito, mas não à toa. Ela desistira da

idéia de escadas curvas, mas queria piso de mármore nos banheiros, ladrilhos importados nas cozinhas e tijolos à vista nas paredes onde ficariam as lareiras. Gideon sempre se rebelava por causa dos preços, mas acabava mostrando-se disposto a fazer concessões. As vezes fazia, às vezes não. Mas tentava, e ela não podia exigir mais que isso.

Janeiro também foi um bom mês porque os dois encontravam-se depois do trabalho, uma vez por semana, geralmente quando Jill ia passar o sábado e o domingo na casa de uma amiga. Era pouco, mas a única noite que ficavam juntos compensava a espera. E havia os telefonemas de todas as noites para ajudar.

No início de fevereiro, Gideon pediu para passar um fim de semana na casa dela, mas Chris não gostou da idéia.

— Jill estará entrando e saindo a toda hora — alegou. — Eu não me sentiria bem.

Estavam deitados na cama do quarto de um pequeno motel de beira de estrada, não muito longe de Crosslyn Rise. Eram três horas da tarde. Pouco antes, trabalhando juntos num projeto que ela criara, haviam sofrido um súbito ataque de desejo. Gideon sugerira que fossem àquele motel e ela não protestara.

Agora, descansando após a tempestade de emoções quentes e selvagens, ele só sabia que precisava participar mais da vida de Chris.

— Jill sabe o que está acontecendo entre nós — argumentou.

— Não sabe que estamos dormindo juntos.

— Sabe, sim — ele teimou. — É uma menina perspicaz. Vê o modo como olhamos um para o outro, como nos tocamos. Acha que não percebeu que rolam mais coisas entre nós?

— Não sei se percebeu, ou não — Chris replicou, sentindo-se inquieta, porque sabia que ele estava certo. — Mas seria constrangedor para ela, se você passasse a noite lá em casa. Ainda é muito cedo.

Gideon não concordava. Seu amor por Chris não parava de crescer. Embora sentisse que ela não estava preparada Para um compromisso mais sério, queria pedi-la em casamento.

Já fora livre e desimpedido por um tempo longo demais. Não desejava mais esse tipo de liberdade, que perdera todo o encanto. No entanto, concordava em que precisavam pensar em Jill.

— Ela faz perguntas sobre nós? Sobre o que fazemos?

— Sobre coisas sem importância. Por exemplo, pergunta onde jantamos e o que comemos.

— Você acha que ela me aceitou?

Gideon sabia que a garota gostava dele. Ela até sugerira que namorasse Chris, mas isso

fora antes de os dois começarem a se relacionar. Talvez, ao encarar o fato de que teria de dividir a mãe com alguém, ela houvesse mudado de idéia.

Chris passou a mão entre os pêlos do peito dele.

— Ela o aceita como alguém com quem me divirto nos fins de semana.

— Mas não como seu amante?

— Ela não sabe.

— Você é que pensa.

Após um instante de reflexão, Chris concordou com um gesto de cabeça.

— É. Eu é que penso.

— Acho que devia contar a ela. Você é jovem, saudável, é adulta. Tem todo o direito de ter um relacionamento amoroso.

— Preciso ser um exemplo para minha filha. Gideon arrepiou-se ao ouvir essas palavras. Puxou Chris para mais perto.

— Não está fazendo nada ilegal ou imoral. Está tendo um caso com um homem de quem gosta muito. — Fez uma pausa, então perguntou em tom mais baixo: — Você gosta muito de mim, não gosta?

— Sabe que sim. — Por um momento, envolvida pelo cheiro e pelo olhar carinhoso de Gideon, ela desejou que o que havia entre eles durasse para sempre. Então, o momento passou, e a realidade impôs-se. — Mas você precisa compreender que é o primeiro homem com quem me relaciono

de verdade, depois do pai de Jill. E estamos juntos há pouco tempo. Se, de repente, eu permitir que você passe a noite lá em casa, ela é capaz de pensar que também pode dormir com o namorado depois de alguns encontros.

— E pode.

— Jill só tem quinze anos!

— E você, só trinta e três. Sua filha sabe fazer contas, querida. E não há nada de errado no fato de você estar dormindo comigo, levando em conta que gosta de mim. — Além disso, é uma mulher cheia de paixão. Como ficou sozinha tanto tempo é algo que não consigo compreender.

— Não tive nenhuma dificuldade. Nunca senti por homem algum o que sinto por você.

— Nem mesmo por Brant?

— Nem mesmo por ele — ela assegurou, e era verdade. O que sentia por Gideon, o que fazia com ele, não tinha nada a ver com curiosidade de adolescente, com necessidade de conhecer coisas novas ou desejo de rebelião. Tinha tudo a ver com desejos da maturidade e sentimentos profundos. — Nós éramos jovens demais. Não quero que Jill faça o que eu fiz.

— Não pode pôr um cinto de castidade nela.

— Não, mas posso ensinar-lhe como é importante saber esperar.

— Quer que ela se case virgem?

— Seria bom.

— Isso não existe mais, Chris.

— Eu sei. Mas é compreensível que eu queira encorajá-la a esperar até que encontre alguém que seja verdadeiramente importante para ela. Venho tentando ensinar a Jill que fazer amor é algo muito especial.

— E é. Por que, então, não conta a ela que estamos fazendo?

— Não posso. Jill tiraria conclusões apressadas.

- Converse com ela. Explique as coisas.

Chris, porém, não estava preparada para isso.

Ela sempre ocupou o primeiro lugar em minha vida. Pode ficar amedrontada.

— Não ficará, se você conversar abertamente com ela. Vocês duas são unidas, falam sobre tudo, por que não podem falar sobre isso?

— Porque é algo importante demais.

— Nisso você tem razão — ele concordou, então tornou-se veemente: — Meu Deus, Chris, sabe como quero dormir com você? Não estou falando de fazer amor, mas de dormir. Adormecer com você abraçada a mim, acordar abraçado a você?

— Acordaríamos abraçados, e o que aconteceria então? — ela perguntou.

— Faríamos amor.

— Certo. Com Jill no quarto ao lado, ouvindo a cabeceira de minha cama bater ritmadamente contra a parede.

— Afastaremos a cama da parede.

— O estrado range.

— Posso consertar.

— Você não quer compreender!

— Não faremos amor, pronto. Passarei o resto do dia sofrendo em silêncio.

— Gideon, preciso de tempo — ela disse em tom de súplica. Só isso. Preciso de tempo para que Jill se acostume à presença de um homem em minha vida. Devo isso a ela. Você não entende?

Do ponto de vista dele, Chris devia alguma coisa a si mesma também. Mas nunca fora pai. Nunca tivera aquele tipo de responsabilidade por outro ser humano. E, amando Chris como a amava, só podia respeitar seus sentimentos.

— Está certo — rendeu-se. — Passemos, então, para o plano "B".

— Que plano "B"?

— Vamos viajar juntos. Chris encarou-o, atônita.

— Você ouviu pelo menos uma palavra do que eu disse.

— Nós três. As férias de Jill começarão daqui a duas semanas. Vamos juntos para algum lugar. Desse modo, ela começará a se acostumar à idéia de ficarmos juntos.

— Não vejo diferença entre isso e deixá-lo dormir em minha casa. O problema é o mesmo.

— Não, se ficarmos em quartos separados. Você e Jill podem ficar num quarto, e eu ficarei em outro. Ou vamos para o norte, esquiar, ou para o sul, nadar e tomar sol.

Chris teve vontade de dizer que ele estava louco, mas a idéia não era tão má, afinal. Na verdade, quanto mais a analisava, mais a achava boa.

— Sabe esquiar? — indagou.

— Claro que sei. Não tão bem quanto sei levantar paredes, mas não faço papel de bobo com esquis nos pés. — Gideon percebeu que ela estava tentada a aceitar a sugestão da viagem. — Já estive em Stowe?

Chris meneou a cabeça, negando.

— Só fui até Woodstock, e não foi para esquiar. Stowe fica mais ao norte. Nunca quis ir

tão longe.

— Gostaria de ir comigo?

— Gostaria.

— E Jill?

— Adoraria. Está louca para esquiar.

— Ela sabe?

— Muito mal.

— Não importa. Os instrutores são ótimos. Você gostaria de ficar num apartamento, ou numa pousada?

— Numa pousada.

— Ficaríamos em quartos separados? Chris moveu a cabeça afirmativamente.

— Você iria ao meu? — ele perguntou. Ela sorriu.

— Talvez.

Com um sorriso, ele passou um braço por baixo dos quadris esbeltos.

— Talvez?

— Se não for muito difícil.

— Difícil será não ir. Venha aqui, já.

— Isso é uma ameaça ou uma promessa?

Com os olhos nublados de paixão, Gideon puxou-a para

cima de seu corpo. Tomou-lhe a cabeça entre as mãos e beijou-a. Foi a única resposta que deu.

Quando Chris disse a Jill que iam esquiar, os olhos da garota brilharam. Quando acrescentou que Gideon iria junto, o brilho diminuiu.

— Eu não sabia que ele esquiava — Jill comentou, interessada, apesar de relutante.

— Eu também não, mas ele esquia. E já esteve em Stowe, de modo que conhece os lugares onde se come melhor.

— Vamos alugar um apartamento?

— Pensei que você gostaria mais de ficar numa pousada.

— Vou ter meu próprio quarto?

— Nós duas vamos dividir um.

Jill pareceu surpresa, então, em seguida, aliviada.

— Não vai ficar num quarto com Gideon?

— Não. Vou ficar num quarto com você.

— Ele não se importa?

— Gideon sabe que é assim que tem de ser. A garota refletiu sobre aquilo.

— Você gostaria que fosse diferente?

— Em que sentido?

— Que eu não fosse junto?

— Claro que não! Você é minha melhor amiga!

— E ele, o que é?

— Um homem com quem estou saindo, e de quem gosto muito.

— Você ama Gideon, mamãe?

— Já perguntou isso, outro dia. O que foi que respondi?

— Que era muito cedo para eu perguntar. Mas tem estado muito com ele. Deve ter uma

idéia do que sente por Gideon Ou do que acha que sente. Se vai esquiar com ele...

— Vamos esquiar juntos porque será divertido.

— Podíamos ir juntas, só nós duas, e também seria divertido

— Mas a idéia foi de Gideon. — Chris lançou um olhar intrigado para a filha. — Quem foi que ficou toda preocupada, pensando nele sozinho, na noite de Natal?

— Fui eu, mas era diferente. O Natal é de todo mundo. Mas as férias são minhas, não dele.

Chris experimentou uma pontada de desapontamento.

— Não quer que ele vá?

— Não é isso. Ele pode ir.

— Quanto entusiasmo! — Chris ironizou para esconder a inquietação. — Pensei que gostasse de Gideon.

— Eu gosto. E estou contente porque ele vai esquiar conosco. Só queria saber se você o ama.

— Não sei responder. Há momentos em que penso que amo, mas em outros penso em tanta coisa...

— No quê, por exemplo?

— Pergunto-me se ele está preparado para ficar em segundo plano em minha vida. Você está em primeiro, Jill. Sempre esteve e sempre estará.

— Mas isso não é justo para você. Talvez queira ficar com Gideon. Talvez deva ficar com ele.

— Como você se sentiria, se eu ficasse?

— Feliz por você. Feliz por Gideon.

— Feliz por você também?

— Acho que sim.

— Não me parece muito convicta. Jill olhou para as mãos, pensativa.

— Sei lá... Acho que só preciso me acostumar com a nova situação. Mas gostaria muito, porque você teria companhia. Eu me sinto mal, quando saio e deixo você sozinha.

— Você se sente mal? — perguntou Chris, surpresa.

— Às vezes. Mas também gosto de saber que você está aqui em casa, esperando por mim. Egoísta, não?

— Não, você não é egoísta — respondeu Chris, afastando uma mecha de cabelos escuros da face da filha. — Está um pouco preocupada. Acostumou-se a uma determinada situação e agora vê a possibilidade de as coisas mudarem. Acha que a idéia de uma mudança também não me assusta? Acha que não me deixa confusa, quando Pergunta se amo Gideon?

— Verdade?

— Claro. Estou acostumada com minha vida, com nossa vida. Gosto das coisas do jeito que estão. Não tenho certeza de que vou gostar de uma mudança.

— Mas, se ama Gideon...

— Não sei se amo, e esta é uma das razões pelas quais quero que nós três façamos essa viagem juntos. Você precisa se sentir bem em companhia de um homem que pode vir a fazer parte de nossa vida, e vice-versa, porque, não importa o que aconteça, sempre serei sua mãe. E ficarei a seu lado mesmo que ame dez homens.

Jill fez uma careta.

— Dez? Não tem perigo. Você é puritana demais.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Chris com uma indignação que era fingida apenas em parte.

— Ainda nem foi para a cama com Gideon! E ele é lindo. Jenny e Laura ainda estão babando por causa dele. Por que você...

— Por que não estou babando?

— Não! Por que não está dormindo com ele?

Chris engoliu em seco. Como deixa, aquela era perfeita. Lembrando a conversa que tivera com Gideon há tão pouco tempo atrás, deu-lhe razão. Era muito ligada a Jill. Sempre se orgulhara de sua sinceridade, de sua capacidade de explicar seus sentimentos à filha, que agia da mesma forma. As duas conversavam sobre tudo. O momento de contar a verdade chegara.

— Como sabe que não estou dormindo com Gideon? Jill não percebeu que aquilo era uma insinuação, o que a deixou mais alerta.

— Quando acham tempo? — a garota argumentou.

— Todo mundo encontra tempo, quando quer.

— Mas vocês não tiveram oportunidade.

— Todo mundo encontra uma oportunidade, quando quer

— Bem, vocês dormiram juntos, ou não?

— Acha importante saber?

— Depende. Se não quiser me contar...

— Eu quero. Quero contar, porque algumas das coisas

que compartilhei com Gideon foram muito bonitas. Eu sempre lhe disse que fazer amor com a pessoa certa é algo precioso.

Jill pareceu acanhar-se, como se, de repente, Chris houvesse se tornado uma pessoa diferente daquela a quem sempre conhecera.

— Então, dormiram — murmurou. Chris concordou com um gesto de cabeça.

— Ele é... muito especial.

— Ama você?

— Gideon me ama, sim.

— Acha que vai se casar com ele? — Jill perguntou. Como Chris sempre a ensinara que uma moça só devia fazer amor com uma pessoa especial, que devia casar-se com alguém especial, a garota fizera a associação. E a colocara contra a parede.

— Não sei, querida. Se ficar provado que o que sinto por ele é amor, acho que me casarei. Mas isso ainda vai demorar.

— Por quê?

— Porque eu não faria nada desse tipo antes de você ir para a universidade.

— Pensa que um homem como Gideon vai esperar todo esse tempo?

— Se me amar bastante, esperará. Talvez esse seja o teste decisivo.

— E se você ficar grávida?

— Grávida, Jill? Se já expliquei a você os métodos anticoncepcionais, acha que não sei usá-los? — Chris replicou.

— Qual você usa?

— Jill!

— Não posso saber?

Chris suspirou, pegando a mão da filha.

— Claro que pode, mas essa situação é nova para mim.

Que situação? Usar um método anticoncepcional?

Falar com você sobre o que uso ou deixo de usar.

Você não gostaria de saber qual método escolhi?

— Jill, você não...

— Não! Mas, se fosse o caso, você não gostaria que eu falasse com você a respeito?

— Sem a menor dúvida!

— Então...

Chris tornou a suspirar.

— Fui ao ginecologista, logo depois do Ano-Novo e estou usando um diafragma.

— Está gostando?

— Ha... é bom, quero dizer, é seguro, e se você... ha... tiver de usar alguma coisa...

Jill começou a rir.

— Qual é a graça? — Chris quis saber.

— Você está vermelha como uma pimenta!

— Esta conversa é embaraçosa.

— Por quê? Você já me falou de tantas outras coisas e não ficou com vergonha.

— Isso é diferente. Parece que você é a mãe, e eu, a filha, mas nunca tive esse tipo de conversa com sua avó.

— Foi por causa disso que eu nasci.

— E foi a melhor coisa que me aconteceu. Nunca, mas nunca, mesmo, me arrependi de ter tido você, embora às vezes lamente não ter esperado a hora certa, não ter podido lhe dar irmãos, uma família normal.

— Você ainda pode ter filhos.

— Ei, menina, acabei de dizer que estou usando um diafragma.

— Mas pode parar de usar quando quiser. Você é bastante jovem para ter uma porção de filhos. Gideon não gostaria?

— Não sei. Ainda não falamos sobre isso.

— E você? Gostaria?

— Não sei. Seria muito difícil ter outros como você.

— Claro — Jill disse com um sorriso. Chris também sorriu.

— E então? Quer ir esquiar?

A pousada era pequena e acolhedora, com seis quartos

e dois banheiros no primeiro andar. Se Chris quisesse manter segredo, poderia dizer que ia ao banheiro e esgueirar-se para o quarto de Gideon, pegado ao que ela dividia com Jill. Ela queria passar mais tempo com ele, sem se preocupar se Jill perceberia seu estratagema. No entanto, apesar de não fazer segredo, preferia ser discreta.

Assim, naquela tarde, logo que Jill juntou-se ao grupo de pessoas que tomavam aulas de esqui, ela e Gideon foram para o quarto dele, felizes com a idéia de que teriam três horas de perfeita tranquilidade.

Chris nunca deixava de maravilhar-se com o corpo de Gideon, e aquela vez não foi

exceção. Usando traje de esquiador, calça elástica azul-marinho, grudada no corpo, suéter verde-lima, que combinava com a parca nessas duas cores, ele tinha a aparência de um daqueles homens normalmente fotografados para aparecer em revistas femininas. E quando ele tirou as roupas, revelando aos poucos os ombros largos, o peito musculoso e as pernas longas e fortes, Chris entregou-se a suas fantasias.

Deixando a calcinha cair sobre o resto de suas próprias roupas, ela se aproximou dele. Colocou-lhe as mãos nos ombros, desceu-as pelo peito, moveu-as para as costas e de novo para a frente.

— Lá fora, nas rampas, as mulheres quase caem, quando você passa por elas — disse num murmúrio sensual. — Seus movimentos podem não ser os mais corretos, mas você tem uma graça natural. — Aproximou-se ainda mais, pressionando os seios, a barriga e as coxas contra o corpo duro. — Você é um homem incrível. — Beijou-o no pescoço, baixando as mãos para acariciar o sexo dele.

Gideon pensou que houvesse morrido e ido para o céu.

— É você que me deixa assim — sussurrou. — Tudo isso é seu.

Curvando a cabeça, capturou os lábios dela num beijo, ao mesmo tempo em que a erguia, ajudando-a a passar as Pernas à volta de seus quadris.

A familiaridade dera-lhes a confiança necessária para

que se tornassem criativos na procura da satisfação de seus desejos. Gideon a possuiu em pé, depois sentado na borda da cama, então deitado, com ela embaixo dele, em seguida por cima. Parou de repente para amá-la com a língua até deixá-la quase louca de paixão, então tornou a penetrá-la com a rapidez e a força de que ela tanto gostava. Por fim, gemidos e gritos quebraram o silêncio do quarto, e os dois ficaram largados na cama, ofegantes e cobertos de suor.

— Case comigo, Chris — Gideon pediu quando conseguiu falar.

— O quê? — ela perguntou, sonolenta.

— Quero que se case comigo.

— Eu sei.

— Você quer?

De olhos fechados, ela o beijou no braço.

— Pergunte mais tarde. Agora não consigo pensar. Gideon concedeu-lhe dez minutos. Então beijou-a na boca até acordá-la.

— Oi — ela murmurou, sorrindo.

— Oi — ele respondeu, olhando-a atentamente. Nem em um milhão de anos, se cansaria de vê-la depois do amor, morna, molhada e sensual. Com outras mulheres, nunca tivera energia suficiente para fazer o que fazia com Chris, três, quatro vezes em seguida, com curtos intervalos de sono. Ela o inspirava, energizava-o. — Está acordada?

— Estou — ela afirmou com voz sonolenta. — Isto aqui é tão gostoso... Que bom que viemos.

— Também acho. — Ele fez uma pausa, decidindo abordar o assunto que o interessava de maneira menos direta. — Parece mentira que estamos aqui há quase uma semana. Eu poderia viver assim pelos próximos trinta ou quarenta anos.

Chris entendeu onde ele queria chegar.

— Existe algo especial numa estância de esqui. O ar é tão claro, tão frio, tão revigorante.

E é tão gostoso entrar num ambiente aquecido, depois de estar lá fora algum tempo.

— Quando eu crescer, vou comprar uma casa, não aqui, mais perto, para passar os fins de semana — Gideon disse. — O que você acha?

Chris achou a idéia maravilhosa.

— Como será essa casa? — perguntou.

— Antiga, com charme.

— Uma casa vitoriana na periferia de uma vila. Olhando para um lado, você verá a torre da igreja, e olhando para o lado oposto, a chaminé de pedras da biblioteca municipal.

— Eu mesmo reformaria a casa, de modo que tivesse todas as conveniências modernas. Demoliria algumas paredes, de modo que tudo fosse amplo, e faria uma lareira enorme. Instalaria clarabóias, escadas em espiral e...

— E uma banheira de hidromassagem.

— Gostaria de ter uma?

— Sem a menor dúvida.

— Nunca fizemos amor numa banheira.

— É verdade. — Chris permitiu-se imaginar como seria.

— Eu adoraria.

Gideon estava ficando excitado, só de pensar.

— Eu também.

— Você deveria ter instalado uma, quando construiu sua casa.

— Eu ainda não conhecia você. Homens não ficam de molho em banheiras, a menos que tenham companhia. E você foi a primeira mulher que recebi em minha casa.

— A primeira?

— A primeira, a última, a única. Amo você.

— Eu sei — ela murmurou com um sorriso lânguido.

— Você me ama?

— Estou tentando descobrir — Chris brincou. Gideon, porém, estava sério.

— Já chegou a alguma conclusão?

— Descobri que nunca fui tão feliz como sou agora,) com você.

— Isso não é amor?

— Se não for, está muito perto.

— Quanto tempo ainda terei de esperar para saber se realmente me ama ou não?

— Não sei — ela admitiu, esperando pelos costumeiros protestos de Gideon, que não se conformava com essa resposta.

— Preciso de você, Chris. Quero estar com você o tempo todo, pelo resto de minha vida. Quero que se case comigo.

Ela ia fugir do assunto, como sempre fazia, mas olhou para ele e o que viu deixou-a atônita. Os olhos escuros estavam cheios de amor e desespero. Não, daquela vez não seria possível fugir.

Virou-se e inclinou-se sobre ele, apoiando os braços no peito largo.

— Nunca imaginei que fosse dizer algo assim, porque casamento não fazia parte de meus planos — preludiou, olhando-o nos olhos. — Mas quase posso me ver casando com você. Quase, não. Eu posso. O que sinto por você é tão forte, que às vezes me assusta.

— É amor.

— Pode ser. Mas preciso ter certeza. Por mim, por você, por Jill. Preciso saber que será algo duradouro.

— Será.

— É o que dizem todos os casais diante do altar, mas veja as estatísticas. Além disso, um dia pensei estar apaixonada, e não estava.

— Era muito jovem para saber o que é o amor. Mas amadureceu.

— Olhe-se no espelho. Você também amadureceu. Está com quase quarenta anos — ela observou, sorrindo. — Mas era muito jovem, quando se casou, e o casamento não deu certo. O que sente por mim é diferente do que sentia por sua primeira mulher?

— Completamente diferente — Gideon afirmou com convicção. — Eu não queria ficar o tempo todo com ela, nem mesmo no começo. O lugar que ela ocupava em minha vida era limitado. Eu tinha meus amigos, meus negócios, meus

jogos, que ocupavam quase todo meu tempo. Agora é diferente. Abro mão de muitas coisas para estar com você.

— Mas não devia.

— Faço isso porque quero. Gosto mais de estar com você do que com qualquer outra pessoa. Sabe o que mais desejo?

— O quê?

— Trabalhar com você o tempo todo. Seríamos sócios. Eu construo, você decora. Gostaria disso?

Chris gostaria, muito, mas a emoção apertava-lhe de tal modo a garganta, que ela só pôde mover a cabeça num gesto afirmativo.

Gideon passou a ponta dos dedos nos lábios dela.

— Quero fazer você feliz, e essa é outra diferença entre agora e a primeira vez. Nunca pensei na felicidade de Julie. Era quase um desafio, para mim, mostrar que podia continuar vivendo como sempre vivera, que o casamento não mudara nada. Ainda nem me casei com você, e minha vida já mudou. Johnny, meu amigo, acha que estou doente. Outro dia, estávamos jantando na lanchonete, quando duas mulheres entraram. Os minutos foram passando, então ele começou a olhar para mim de maneira estranha.

— Por quê?

— Porque viu que elas não despertaram meu interesse, apesar de serem atraentes. Diabos, eu nem pisco mais para Cookie!

— Coitadinha.

— É, ela está magoada comigo.

— Tem minha permissão para piscar, Que mal há nisso?

— Piscar é uma espécie de convite. É o mesmo que dizer: "Ei, sou homem e acho você uma gracinha". Isso não me interessa mais. Para mim, só você é bonita.

— Oh, Gideon...

— Até já estive pensando na questão da moradia. Podíamos comprar um terreno no meio do caminho entre Worcester e Belmont, bem grande, cheio de árvores. Por ali existem muitas cidades-dormitórios, com boas escolas Para Jill.

— Não posso transferi-la.

— Por que não?

— Ela já está no colegial e estuda com amigas junto das quais cresceu. Seria cruel arrancá-la de seu ambiente.

— Então, moraremos em Belmont até ela completar o colegial. Enquanto isso, construiremos a casa de nossos sonhos e...

— Pare — Chris pediu baixinho, beijando-lhe o peito.

— Por quê?

— Você está resolvendo as coisas por nós dois.

— Mas eu te amo! Quero fazer o que for melhor para nós dois.

— Você tem razão em achar que amar é isso, mas eu não sou livre para amar assim! — ela declarou, enfática. — Tenho Jill, quero que tudo seja bom para ela nos próximos anos.

Gideon percebeu que haviam completado um círculo e voltado ao mesmo ponto de semanas atrás. Sentiu-se frustrado, mas não ia desistir.

— Tudo será bom para Jill — afirmou. — O fato de eu entrar em sua vida não mudará nada.

— Mudará, sim. Se algo der errado...

— Se algo der errado em quê?

— Em nosso relacionamento. As coisas podem ficar ruins entre nós, e não quero sujeitar Jill a isso. Ela já aceitou bem demais o fato de não ter pai.

— Essa é outra questão em que você precisa pensar. Pode dar um pai a sua filha: eu.

— Não seria a mesma coisa.

Gideon notou amargura no tom de voz e no rosto de Chris. Foi um instante esclarecedor.

— Você se sente culpada por Jill não ter uma família normal, não é?

— Sinto-me culpada, sim. Ele abraçou-a com força.

— Depois de tudo o que deu a Jill, não devia ter nenhum sentimento de culpa. Meu Deus, Chris, você tem sido uma santa-

— Não exagere — ela murmurou, embora as palavras dele a agradassem.

— Jill recebeu mais amor do que muitas crianças que vivem com os dois pais. Não seria tão ajustada, se não fosse assim.

— E quero que ela continue ajustada.

— Eu também — Gideon disse baixinho.

Desistiu de continuar argumentando. Aprendera que Chris não cedia, no que se referia a sua preocupação com o bem-estar da filha. Cabia a ele, nos próximos meses, provar a ela que Jill só teria a ganhar, se os dois se casassem.

CAPÍTULO IX

Gideon, com a melhor das intenções, fazia tudo o que podia para fortalecer seu relacionamento com Jill. Uma noite, quando foi ao cinema com Chris, sugeriu que a garota fosse

também, levando uma amiga. Na semana em que a neve caiu tão intensamente que as aulas foram suspensas, ele levou um tobogã de Worcester até Belmont e levou Chris e a filha para deslizar ladeiras abaixo. Então, Jill quis comprar um presente de aniversário para Chris, e Gideon levou-a não a um shopping center, mas a três, até que ela encontrou o que desejava. E adorou fazer isso. Gostava verdadeiramente de Jill e achava que ela gostava dele.

Chris também achava. Jill apreciava as visitas dele, embora, às vezes, se mostrasse mais calada do que de costume. De vez em quando, falando com Gideon ao telefone, Chris pegava a filha olhando para ela com ar pensativo. Se notava algum sinal de tristeza naquele olhar, perguntava o motivo, mas Jill respondia que era impressão sua, que não estava triste.

Passou-se o mês de março, abril chegou, e Chris começou a preocupar-se de fato. Jill não era mais a mesma. Continuava a ir bem na escola, e sua vida social era tão ativa como sempre, mas em casa mostrava-se distante, distraída. Negava que existisse algum problema, e Chris, que não queria pressioná-la demais, concluiu que deviam passar mais tempo juntas, só as duas. Isso ficara mais difícil, nos

últimos meses, pois Chris, cuidando da decoração da casa-modelo e da mansão de Crosslyn Rise, estava de trabalho até o pescoço. Assim, uma noite, durante o jantar, decidiu falar a respeito com a filha.

— Já pensou no que gostaria de fazer nas férias, Jill? Achei que podíamos passar alguns dias em Nova York.

— Nova York? — a mocinha repetiu, pousando o garfo.

— É, Nova York. Só nós duas. Poderíamos fazer compras, comer em restaurantes famosos, assistir a shows. Você gostaria?

A garota não respondeu. Tornou a erguer o garfo e usou-o para empurrar um pedaço do frango para um lado do prato.

— Jill?

— Pensei em fazer outra coisa nas férias — a filha explicou, largando novamente o garfo.

— Fazer o quê?

— Conhecer meu pai.

Chris sentiu o sangue fugir das faces. Poderia imaginar muitas coisas que Jill pretendesse fazer, mas aquilo nunca lhe passaria pela cabeça.

— Conhecer seu pai?

— É.

— Ha... — Chris fez uma pausa, pigarreando. — Por quê? Jill deu de ombros.

— Estou curiosa.

— É isso que vem perturbando você ultimamente?

— Perturbando? Não. Só tenho pensado muito nisso. Quero saber como ele é. Quero vê-lo.

Sentindo-se tonta, Chris respirou fundo.

— Oh, querida, não sei onde ele está.

— Você disse que ele mora no Arizona — Jill replicou em tom acusador.

— Morava, na última vez em que me falaram dele, mas isso foi há anos.

— Em que cidade do Arizona?

— Phoenix.

- Então, é lá que devo começar a procurá-lo.

— Pretende ir a Phoenix?

— Claro que não. Falaria com a telefonista do serviço de auxílio à lista. Quantos Brant Conway podem existir?

— Muitos.

— Certo, mas você disse que ele é corretor de imóveis. Isso facilita as coisas. Posso telefonar para as imobiliárias. Mesmo que ele não more mais lá, deve haver alguém que saiba para onde foi.

Chris refletiu que a filha analisara as possibilidades com bastante inteligência.

— Vamos dizer que o localize. O que você faria depois?

— Telefonaria para ele e nas férias iria até lá para vê-lo.

— E se seu pai não quiser que vá?

— Podemos marcar um encontro em outro lugar.

— E se ele não quiser isso também?

— Pensarei em outra coisa. Deve haver um jeito.

— Já lhe ocorreu que ele pode não querer vê-la? — Chris perguntou, olhando para o guardanapo que amassava entre os dedos.

— Já — respondeu Jill, desafiadora. — Se ele não quiser, eu não vou.

— Mas ficará magoada. Não quero isso, Jill. Tentei protegê-la do sofrimento. Você não precisa de Brant. Confie em mim. Sua vida tem sido boa sem ele.

— Mas ele é meu pai!

— Biologicamente. Fora isso, não é nada seu.

— Pode ser uma boa pessoa.

— Concordo, mas tem a vida dele, e você tem a sua.

— Não quero entrar na vida dele. Só conhecê-lo. Chris sempre pensara que aquilo poderia acontecer um dia, mas fizera questão de ver essa possibilidade como algo distante e vago. De repente, a possibilidade tornara-se uma realidade, e ela não estava preparada para lidar com isso. Sentia-se traída. Sabia que era errado, mas era assim que se sentia.

— Por que agora? — indagou. — Esse desejo súbito tem algo a ver com Gideon, não tem?

- Não foi um desejo súbito. E por que teria algo a ver com Gideon?

Ele foi o primeiro homem por quem me interessei em todos esses anos. E nas últimas semanas, aproximou-se tanto de nós, que parece um pai para você. — Chris refletiu que sabia que alguma coisa errada aconteceria por causa de seu relacionamento com Gideon. Mesmo assim, arriscara-se. — Estou certa, não estou?

— Gosto de Gideon. Gosto da companhia dele.

— Mas ele a fez pensar em seu pai!

— Não é culpa de Gideon!

Levantando-se abruptamente da mesa, Chris começou a andar pela sala.

— Eu disse a ele que as coisas estavam indo depressa demais! Pedi-lhe para ir mais devagar, mas ele me ouviu? Não, claro que não! Sempre acha que sabe o que é melhor para nós.

— Mamãe...

— O grande sábio, metendo o nariz na vida dos outros!

— Mamãe! — Jill chamou em tom severo, virando-se na cadeira. Quando Chris olhou-a, prosseguiu: — Não é culpa de Gideon! Eu o amo, ele ama você, e você o ama.

— Eu não...

— Ama, sim! Está escrito no seu rosto, quando você fala com ele ao telefone. E eu acho isso ótimo. Quero que você ame Gideon. Quero que você se case com ele. Será divertido ter uma família. Nunca poderia ter uma com meu pai e aceito isso. Não quero nada com ele. Gosto do que tenho aqui. Só quero conhecê-lo, ver quem ele é. Depois, poderei ser a enteada de Gideon.

Em certos momentos, no correr dos anos, Chris achava que a maternidade podia provocar emoções avassaladoras. Um desses momentos fora quando recebera sua filhinha recém-nascida nos braços, outro quando Jill partira no ônibus escolar pela primeira vez, outro, quando ela representara o papel de Branca de Neve no musical encenado pela escola primária. Em todos esses momentos, Chris sentira uma emoção e um orgulho quase sufocantes.

E emoção e orgulho intensos era o que ela estava sentindo agora, juntamente com um sentimento de humildade. Lutando contra as lágrimas, abraçou Jill.

— Você é incrível, meu bem. Jill abraçou-a pela cintura.

— Amo você, mamãe. Sempre amarei. Acredito que nunca poderei amar meu pai, mas quero saber quem ele é.

Recuperando um pouco de compostura, Chris sentou-se novamente à mesa. Queria pensar com clareza e ajudar a filha a fazer o mesmo.

— Na verdade, não sei muito sobre ele. Se seu pai tiver um bando de outros filhos, como você se sentirá?

— Acharei normal.

— E se ele for gordo e careca?

— Não foi você quem sempre me disse para não julgar o livro pela capa?

— Mas estamos falando de seu pai. Talvez você esteja fantasiando, esperando encontrar um tipo de deus.

— Se ele fosse isso, teria vindo aqui para me conhecer. — Jill respirou fundo, parecendo aliviada depois de ter posto para fora o que vinha lhe pesando na mente. — Mamãe, não estou procurando alguém que tome seu lugar, não estou procurando outro lugar para viver. Só quero conhecer meu pai. Assim, saberei quem ele é, terei certeza de que existe e de que ele sabe que existo. Depois, continuarei vivendo como sempre vivi.

Chris sabia que Jill estava certa e que tinha pensamentos adultos e sensatos. Mas saber disso pouco diminuía o medo que sentia. Ela sempre vivera para Jill, e Jill para ela. De alguma forma, a idéia de Brant aparecer no cenário era muito perturbadora. Pela primeira vez, Chris via que surgira uma brecha em seu relacionamento com a filha. Não era uma brecha de hostilidade, mas uma que significava que Jill crescera e que prenunciava a separação. Isso teria de acontecer, era inevitável, mas Chris não estava preparada.

Não se sentia bem, quando Gideon ligou, mais tarde naquela noite.

Estou muito cansada — explicou. — Não podemos conversar amanhã?

Você está doente? — ele perguntou, preocupado.

Não. Só estou cansada.

Quando ele voltou a telefonar, na noite seguinte, ela não alegou fadiga, mas estava quieta, respondendo às perguntas dele o mais brevemente possível, não fazendo nenhum

comentário, não perguntando nada.

— Aconteceu alguma coisa? — Gideon quis saber por fim, percebendo que não conseguiria despertar nenhum entusiasmo nela.

— Claro que não. O que poderia ter acontecido?

Ele não sabia. Mas sabia que Chris não estava agindo de maneira normal e temia que isso tivesse algo a ver com ele.

— Você parece zangada — comentou.

— Não estou zangada, apenas muito ocupada.

— Às dez horas da noite?

— Estou tentando colocar alguns papéis em ordem. Fiz uma porção de encomendas para cinco trabalhos diferentes, e se perder alguma fatura...

— Pensei que Margie cuidasse disso.

— Margie não sabe das coisas tanto quanto eu, e gosto de tudo certinho. Se houver alguma confusão, terei de resolvê-la logo num momento em que estarei muito ocupada com Crosslyn Rise e...

— Chris, por que está trabalhando tanto? — Gideon interrompeu-a.

- Porque sou uma profissional. Tenho compromissos.

— Mas não precisa trabalhar tanto.

As contas têm de ser pagas. Esqueceu que tenho uma filha adolescente para sustentar?

Não, não esqueci — ele respondeu calmamente. — Deixe-me ajudá-la.

- Você já fez demais!

Um pesado silêncio estendeu-se entre os dois durante alguns segundos.

— O que quer dizer com isso? — Gideon indagou por fim

— Nada.

— O quê, Chris? — ele insistiu. Ela suspirou, massageando a nuca.

— Na-da. Escute, estou cansada e irritada. Talvez seja melhor você ficar longe de mim por algum tempo.

— Algum tempo?

— Uns dias.

— De jeito nenhum. Combinamos de jantar juntos, amanhã.

— Não acho boa idéia.

— Mas eu acho. — Ele fez uma pausa. — Você está zangada. O que foi que eu fiz? Diabos, Chris, se não me disser, não saberei o que fazer para remediar. Vamos, fale.

— Hoje, não — ela respondeu com firmeza. — Estarei de volta ao escritório por volta de três da tarde, amanhã. Telefone para lá e decidiremos o que fazer a respeito do jantar.

Gideon não telefonou. Em vez disso, estava no escritório, à espera, quando Chris chegou. Ela parou na porta ao vê-lo, dominada por uma onda tumultuada de sensações. Ele era capaz de provocar isso, estivesse ela aborrecida ou não, e não era apenas algo físico. Ela sentia o coração aquecer e ampliar-se, quando o via, e talvez fosse por essa razão que o estivera evitando. Olhando-o, sentindo-se abraçada pelo olhar carinhoso dele, percebeu que ficava mais confusa do que nunca sobre o motivo da raiva que experimentava.

— Oi, boneca — ele a saudou com um sorriso gentil. Foi até ela e beijou-a no rosto, então endireitou-se. — Ora, ora, ainda está brava comigo?

Passando por ele, ela caminhou para a mesa, onde colocou a bolsa e as pastas que

carregava.

— Chris! — Gideon chamou num tom que deixava claro que ele sabia que havia algo errado e que desejava saber o que era, antes que perdesse a paciência.

Ela sentou-se à mesa e cruzou as mãos no colo.

. Jill quer conhecer o pai — contou.

Ele não esperava por aquilo, mas não se surpreendeu.

Ah! E isso perturbou você.

É óbvio! Ela quer ir atrás de um homem que não quer conhecê-la.

— Como sabe disso?

Porque Jill tem quinze anos, e ele nunca fez a menor tentativa de vê-la. Por mim tudo bem, porque minha filha não precisa dele, mas, de repente, ela decidiu que deseja saber quem ele é. E vai se machucar. Eu sei. E não quero que isso aconteça!

Conhecendo Chris como conhecia, sabendo o que ela queria para Jill, Gideon era capaz de compreender o que ela pensava, embora não concordasse.

— Ela não precisa necessariamente machucar-se — observou em tom confortador. — Ele pode ser amigável, talvez até goste de vê-la.

Chris sentiu todos os seus mais profundos receios subirem à superfície.

— Se for assim, ela vai querer vê-lo sempre, e isso lhe fará mal.

— A ela, ou a você?

— O quê?

— Tem medo por Jill, ou por você? — Gideon esclareceu, paciente.

Chris ficou furiosa ao ver Gideon tão calmo, enquanto ela se sentia como se o mundo fosse desabar a sua volta.

— Por mim?! — Tensa demais para ficar sentada, levantou-se, empurrando a cadeira para trás. — Está dizendo que sou egoísta? Não, não é isso. Eu... Como ousa insinuar tal coisa? — ela explodiu. — Passei a metade de minha vida fazendo tudo por aquela menina, amando-a, pensando só nela. Fiz muitos sacrifícios e não hesitaria em fazer outros. — Trêmula, agarrou-se à borda cromada da mesa. — Egoísta? Quem, diabos, é você,

para dizer que sou egoísta? Você nunca se sacrificou por um filho, nunca se sacrificou por ninguém!

Gideon queria defender-se, mas Chris não o ouviria. Percebeu que ela precisava de extravasar o que sentia. Ele a deixaria desabafar tudo, pensou, encostando-se na parede e cruzando os braços.

— Você viveu divertindo-se, procurando seu próprio prazer — ela acusou. — É daqueles que quando quer alguma coisa, vai lá e pega. Foi o que fez comigo. Mas isso não bastou, não é? Não bastou começarmos um relacionamento, embora não fosse o que eu quisesse, não bastou começarmos a dormir juntos. Você queria casar-se, e depressa. Quando eu disse que estava preocupada com Jill, você respondeu que não havia motivo para isso, que ela o amava. E talvez ame. Mas foi por imaginar que vamos nos casar, que você será seu padrasto, que ela começou a pensar em Brant!

Gideon permaneceu calado, esperando que ela continuasse. Mas Chris não disse mais nada, simplesmente ficou encarando-o com lágrimas nos olhos.

— Acabou? — ele perguntou.

— Se você não tivesse forçado sua entrada em nossa vida, Jill nunca teria começado a pensar no pai.

Estava sendo difícil, para Gideon, ouvir aquelas palavras sem perder a paciência. No passado, jamais permitiria que uma mulher lhe fizesse acusações tão injustas. Devolveria cada uma delas, ou iria embora, deixando-a falar sozinha. Então, talvez, agora estivesse se sacrificando por Chris.

— Posso falar? — tentou novamente.

— Tudo estava tão bem — ela recomeçou. — Jill e eu tínhamos uma vida calma, ela era bem-ajustada e feliz, não usava drogas nem álcool, como fazem alguns adolescentes de sua escola, e eu estava começando a ganhar um bom dinheiro. Então, você apareceu. — Prendeu a respiração, e as lágrimas rolaram por suas faces. — Você apareceu e revirou tudo!

Gideon não suportou vê-la chorar. Desencostou-se da parede e foi até ela.

— Meu bem, acho que você está confundindo as coisas — disse baixinho.

Mas quando estendeu as mãos para tocá-la, ela as empurrou para longe.

— Não estou confundindo nada. De dois dias para cá, não fiz outra coisa a não ser pensar nessas coisas.

— E acabou desorientando-se.

— Não!

— Talvez, se tivesse dividido isso comigo antes, veria que...

— Veria o quê? Que você é a solução de todos os meus problemas? Que tudo o que preciso fazer é me casar com você, deixá-lo que me leve para longe daqui, de modo que Jill possa ficar com o pai?

— É claro que não! Jill é sua, e agora faz parte também de minha vida. Não somos dois, mas três: você, eu e ela. Foi assim desde o começo.

— Ela não quer isso! — Chris exclamou, e seu queixo começou a tremer. — Vai para o Arizona, ver Brant! As coisas nunca mais serão as mesmas.

Gideon não se conteve mais. Tomou-a nos braços e apertou-a contra o corpo, quando ela lutou para se libertar. Dentro de alguns segundos, Chris relaxou, chorando baixinho com o rosto encostado em seu peito.

— Meu bem... — ele murmurou, afagando os cabelos loiros. Sentou-se na borda da mesa e aninhou-a entre as pernas. — Você tem razão. As coisas não permanecem sempre as mesmas. Nós nos encontramos. Jill está se tornando adulta. Crosslyn Rise foi modificada. Isso é crescimento. Isso é progresso. Você sente medo porque pela primeira vez, em muitos anos, sua vida está mudando. Tem medo de perder Jill. É só uma suposição, porque, como você disse, nunca tive um filho, nunca tive de dar tudo de mim a outro ser humano. Então, não sei realmente avaliar o que é ter de enfrentar algo que aparece subitamente para ameaçar esse relacionamento tão profundo.

— Estou morrendo de medo — Chris confessou, soluçando.

— Eu sei, querida, eu sei, mas há algumas coisas que

você não está levando em consideração. Em primeiro lugar, Jill quer conhecer o pai, mas isso não significa que ela vai ter um relacionamento com ele.

— Vai, sim, eu sei que vai.

— Como pode dizer isso? Não sabe o que Brant é agora, sem falar que está

subestimando Jill. Ela nunca faria nada que magoasse você.

— Não? Ela quer ver o pai!

— Ela precisa vê-lo. Isso faz parte do crescimento, da formação da identidade. Jill imaginou muitas coisas sobre o pai, agora precisa ver quem ele realmente é, para parar de imaginar e prosseguir com sua vida.

Chris achou aquelas palavras familiares demais.

— Falou sobre isso com Jill? — perguntou em tom de suspeita.

— Está brincando? Ela não se abriria comigo desse jeito. Pelo menos, ainda não.

— Mas ela disse quase as mesmas coisas que você.

— Porque é assim que ela se sente.

— Como sabe? — Chris indagou, erguendo a cabeça para olhá-lo.

Ele secou as lágrimas dela com a ponta dos dedos.

— Porque passei por isso, quando era mais novo do que Jill. Minha mãe ia me visitar, quando eu era pequeno, mas isso não adiantava muito. Chegou um momento em que eu quis... não, que eu precisei ir procurá-la, ver onde e com quem vivia. Acha que meu pai se sentiu feliz com isso? Ficou furioso! Não conseguia entender por que eu ia gastar todo aquele dinheiro, voando através do país, para ir ver uma mulher que me abandonara. Gritou muito comigo, brigamos várias vezes, até que compreendi que ele estava com ciúme.

— Não estou com ciúme — Chris declarou, mas estava mais calma. Ficara com a mente tão anuviada, desde que Jill falara em ir ver Brant, que não se lembrara de que Gideon passara por uma situação não muito diferente. — Só estou com medo.

— Bem, meu pai também tinha medo. Achava que eu ia olhar para minha mãe e esquecê-lo. Tinha medo de que eu decidisse ir morar com ela na Califórnia, deixando-o sozinho. Ele nem tinha uma família, e você tem.

— Ter uma família não torna as coisas mais fáceis.

— Eu sei — ele murmurou contra os cabelos dela. — A perda de um filho nunca deixa de ser traumática. Mas meu pai não me perdeu. Vi onde minha mãe vivia e descobri que ela era rica, que poderia me dar tudo o que eu quisesse, mas eu não trocava o amor de meu pai por nenhum dinheiro do mundo.

Aquelas palavras caíram como bálsamo na alma de Chris, e ela abraçou-o pela cintura.

Gideon beijou-a no alto da cabeça.

— Acha que Jill não sabe que tem uma mãe que vale um tesouro? Acha que ela não a ama?

— Sei que minha filha me ama, mas ela não sabe quanto eu a amo. Não sabe que destruiria minha vida, se decidisse morar com Brant. Ele foi nojento, fazendo o que fez comigo... e com ela. Fico furiosa só pelo fato de Jill querer vê-lo.

— Mas não conseguiu dizer isso a ela e despejou sua raiva em cima de mim. Está tudo bem, Chris. Melhor despejar em cima de mim do que em cima de Jill. Mas podia ter me contado tudo isso, em vez de mal falar comigo ao telefone. Se quer gritar comigo, grite. Às vezes, gritar é a única maneira de expelir a raiva de dentro de nós. Ou o medo, ou a preocupação. Só não me exclua. Diabos, Chris, não me exclua de sua vida.

Erguendo os braços para enlaçá-lo pelas costas, ela enterrou o rosto em seu pescoço.

— Desculpe-me — murmurou. — Acho que fiz de você meu bode expiatório. Senti-me totalmente infeliz, depois que Jill me contou o que planejava fazer. Fico pensando em todas as possibilidades e...

— Em todas, não, só nas piores.

— Fico pensando que ela vai encontrar o pai, gostar dele e querer ficar em sua companhia, ou que vai detestá-lo,

mas que Brant gostará dela e, Deus nos livre, exigirá direito de poder visitá-la, levá-la para ficar com ele algum tempo. E se Jill estiver mexendo num vespeiro, com essa decisão de encontrá-lo? Ela é uma menina maravilhosa, não quero que isso mude.

— Não vai mudar.

— Mas veja o que acontece com tantas crianças e adolescentes cujos pais se divorciam.

— A situação de vocês é diferente.

— Se, de repente, estourar uma guerra entre mim e Brant, a situação será a mesma.

— Não haverá nenhuma guerra. Jill não vai querer morar com o pai. Ela é feliz aqui, com você, os avós, os tios, os amigos com quem cresceu.

— Mas, e se Brant quiser ficar com ela?

— Isso não vai acontecer depois de tanto tempo.

— E se acontecer?

— Você dirá "não".

— Ele pode lutar por Jill.

— Na justiça? Duvido. Se Brant fizer isso, você poderá exigir que ele pague a pensão alimentícia acumulada durante quinze anos. Acha que ele concordará em pagar?

— Suponhamos que concorde, então exija o direito a visitas.

— Não terá muita chance de ganhar. Ele soube que teve uma filha e ignorou-a. Não deu nenhum dinheiro nem nada de seu tempo a ela. Nenhum juiz verá a causa dele com simpatia. Além disso, Jill não é mais um bebê. Tem idade suficiente para expressar seus sentimentos, e eles serão levados em conta.

— Oh, meu Deus, não quero que Jill seja arrastada através de uma questão judicial.

— Não será — ele assegurou com convicção. — As chances de algo assim acontecer são tão remotas, que é absurdo ficar pensando nelas.

— Não acho absurdo. Sou mãe de Jill. Quero o bem-estar dela.

- Eu também quero, mas não será bom para Jill, se você ficar doente, preocupando-se com coisas que provavelmente não acontecerão. Aposto como ela vai encontrar-se com o pai e ponto final.

Pela primeira vez, as palavras de Gideon e o tom confiante de sua voz penetraram de fato na mente de Chris, que se permitiu acreditar que ele podia ter razão.

— Eu daria qualquer coisa para que de fato fosse assim. Ele a beijou no nariz.

— Jill é uma jovem boazinha e sensata, igualzinha à mãe. Acredito que, se ela soubesse como você está perturbada, cancelaria o plano de procurar o pai.

— Mas continuaria a pensar nele.

— Isso é verdade.

Chris respirou fundo, um pouco tremulamente, mas muito mais relaxada.

— Acha, então, que não vou perder minha filha?

— Isso nunca poderia acontecer. Ela conhecerá Brant, voltará para casa e será a menina que sempre foi. Você disse que ele mora no Arizona?

— Fiquei sabendo que morava em Phoenix, mas faz tempo. Prometi a Jill que nesse fim de semana começaríamos a pesquisar por telefone.

— Vai ajudá-la, então?!

— Claro. Não a deixaria passar por isso sozinha.

— Pretende ir com ela, quando localizarem o sujeito?

— Com certeza.

— Será a primeira vez que o verá, desde...

— Isso mesmo.

— Acha que vai sentir alguma coisa?

— Vou sentir a mesma coisa que senti quando ele disse Que não sabia se o bebê era seu e foi embora: raiva, frustração e medo. — Mesmo que ela não houvesse captado uma ponta de insegurança na voz de Gideon, sua resposta seria a mesma, pois era a verdadeira. Afagou-lhe o rosto e continuou ternamente: — Não precisa se preocupar. Não sinto o menor interesse por ele.

— Eu gostaria de ir com vocês.

— Isso aumentaria a tensão de Jill — Chris ponderou.

— Mas posso ajudá-las a procurá-lo. Tenho um amigo que mora lá e... — Gideon interrompeu-se, quando a viu menear a cabeça, negando. — Por que não? Tudo iria mais depressa.

— Jill poderia pensar que você está tentando livrar-se dela.

— Que bobagem é essa? — Gideon protestou, incrédulo. — Jill não pensaria tal coisa. Sabe que gosto dela. — Notou uma expressão estranha no rosto de Chris e sentiu-se angustiado. — Talvez você não saiba, não acredite. Quero que Jill fique conosco. Por que não aceita isso?

— Muitos homens rejeitam os enteados.

— Não sou "muitos homens" — ele reagiu com aspereza.

— Você vive sozinho há muito tempo. Uma coisa é morar com uma mulher, outra, muito diferente, é herdar a filha dela, adolescente, ainda por cima.

— Alguma vez reclamei? — Gideon argumentou, magoadado. — Sugerí, ainda que da maneira mais remota, que não queria Jill?

— Lembro-me de certas ocasiões em que ela nos atrapalhou, deixando-nos frustrados.

— Eu também me lembro, mas ficaríamos frustrados da mesma forma, se tivéssemos de nos conter por causa de uma filha que fosse sua e minha. Mas isso não significa que eu não queira Jill. E quero filhos, Chris. Por nós, mas também por Jill. Ela me disse que adoraria ter irmãos.

— Disse?

Gideon moveu a cabeça afirmativamente.

— Conversamos bastante, no dia em que fomos fazer compras. Jill disse que esperava que tivéssemos filhos, para que você tivesse de quem cuidar, quando ela fosse para a universidade.

— É, ela irá embora, um dia — Chris murmurou com tristeza.

— Irá, sim.

— O tempo voa, meu Deus! — Fechando os olhos por um momento, ela suspirou. — Por que as coisas têm de mudar?

Gideon nunca se vira como filósofo. Tudo o que podia fazer era dizer o que o coração ditava.

— As coisas mudam porque progredimos. Estamos sempre procurando o melhor. Sei que as mudanças dão medo. Mas pense desta maneira: se Jill encontrar-se com o pai e tirá-lo da cabeça de uma vez por todas, você nunca mais terá de se preocupar com isso. Então, se nós dois

nos casarmos e tivermos filhos, eles adorarão Jill de tal maneira que vão fazer o diabo, quando ela for para a universidade. E você terá com que se ocupar, em vez de ficar chorando sobre um ninho vazio.

— Ninho vazio? — ela murmurou com uma risadinha. — Do jeito que você está falando, o ninho estará tão cheio que mal poderemos respirar.

— Não se preocupe. — Ele riu baixinho. — Sou construtor. Ampliarei o ninho. Então, o que acha?

— O que acho do quê?

— De termos filhos.

— E meu trabalho?

— Trabalhará menos. Eu também diminuirei meu ritmo, e nós dois juntos daremos conta do recado. Quer pensar nisso?

— Agora não. Por enquanto, só quero ver o fim dessa história de Jill conhecer Brant.

— A história vai acabar bem — ele afirmou. — Curvando a cabeça, beijou-a nos lábios. Quando ela não o repeliu, beijou-a de novo, de modo mais persuasivo, mais profundo. Então, perguntou: — Ainda me culpa por Jill querer encontrar o pai?

— Como posso culpá-lo por alguma coisa, quando você me beija assim?

— Promete que nunca mais vai me deixar sem saber o que está acontecendo?

— De que adiantaria? Você daria um jeito de ficar sabendo.

— Vamos jantar, como combinamos?

— Tudo bem, mas preciso ir cedo para casa. Jill está na casa de uma amiga e voltará às nove. Quero estar lá.

— Certo — Gideon concordou, compreensivo.

Ela observou-lhe o rosto longamente, antes de enlaçá-lo pelo pescoço.

— Obrigada, Gideon.

— Pelo quê?

— Por ser meu amigo.

— É um prazer.

Chris suspirou satisfeita, pensando em quanto o amava e reconhecendo que estava começando a depender dele. Não quisera nada daquilo, mas agora queria. Poder apoiar-se em alguém era maravilhoso. Certo, os pais e irmãos nunca haviam lhe negado apoio, mas Gideon era seu homem, e isso fazia uma grande diferença. Era bom estar em seus braços, era bom sentir seu calor e sua força.

CAPÍTULO X

Gideon gostaria de estar ao lado de Chris, quando ela telefonasse para Brant Conway. Mas sabia que aquele telefonema seria, sob alguns aspectos, um momento crucial na vida dela. E na vida de Jill, que certamente estaria dominada pelas mais desencontradas emoções. A última coisa que ele queria era complicar a situação com sua presença.

Mas continuou a manter contato por telefone. Desejava dar apoio a Chris, mostrar-lhe

que era capaz de ouvi-la e dar-lhe conforto, até mesmo servir de esponja para absorver sua raiva e frustração.

No entanto, quando ela finalmente entrou em contato com Brant e em seguida ligou para Gideon para contar-lhe como transcorreria a conversa, estava mais cansada do que furiosa ou frustrada.

— Foi fácil — anunciou, falando na privacidade de seu quarto. — Conseguimos o número dele com apenas uma consulta à telefonista do serviço de auxílio à lista. Ele ainda mora em Phoenix, ainda é corretor de imóveis.

— Quem conversou com ele, você, ou Jill?

— Eu — Chris respondeu enfaticamente. — Jill queria falar, mas não deixei. Já imaginou o que ela sentiria, se Brant dissesse que não era seu pai?

— Ele disse isso?

— Não lhe dei chance. Ele ficou surpreso, quando me identifiquei. Nunca poderia esperar que eu o procurasse.

Então, comecei com alguma vantagem. Disse que Jill estava com quinze anos, que se parecia com ele e queria conhecê-lo. Disse também que iríamos a Phoenix nos feriados de abril.

— E ele?

— Contou, gaguejando, que tinha mulher e dois meninos pequenos e que Jill os deixaria transtornados, aparecendo de repente.

— Que covarde — Gideon resmungou. — O que você respondeu?

— Tive vontade de dizer que ele era a escória da terra, a última pessoa que eu gostaria que minha filha visse, mas ela estava sentada a meu lado, "bebendo" minhas palavras. Então, repeti o que já dissera, que Jill queria conhecê-lo. Deixei claro, pelo meu tom de voz, que isso aconteceria, quer ele gostasse, ou não. Disse que ficaríamos num hotel, e que os dois poderiam encontrar-se lá.

— Ele concordou?

— Com muita relutância, mas deve ter percebido que não tinha escolha. Temos o número de seu telefone, não nos custaria nada conseguir também o endereço. Duvido que o covarde queira que apareçamos na casa dele, surpreendendo a esposa e os filhos.

Gideon captou amargura na voz dela, nas últimas palavras.

— Ficou aborrecida ao saber que ele tem família?

— Eu imaginava que tivesse. Saber com certeza não me aborreceu nem um pouco. Eu não aceitaria aquele canalha, nem que ele aparecesse na minha frente coberto de ouro. O que me aborreceu foi pensar que ele se negou a legitimar Jill e agora tem dois filhos legítimos.

— Ela está melhor sem nenhum vínculo com ele, você sabe disso.

— Sei, sim — Chris confirmou com um suspiro. — Gostaria que Jill também soubesse.

— Vai saber. É uma questão de tempo. Quando vocês pretendem ir?

— Não na próxima segunda-feira, na outra. Voltaremos na quarta. Na terça, Jill conhecerá Brant.

Gideon pensou nas viagens que fizera para ver a mãe. Voava para o oeste, visitava-a e voltava para casa. Anos mais tarde, lamentou não ter tirado maior proveito das longas viagens.

— Por que não aproveitam para conhecer um pouco mais do Estado? Dizem que é bonito, e Jill haveria de gostar. Quero dizer, já que (vão tão longe...

— Pensei nisso, mas acabei achando que talvez não seja boa idéia.
— Por que não?
— Por dois motivos. Primeiro, não quero que Jill associe aquela parte do país com Brant. Prefiro que ela conheça a região em outra ocasião.
— E o segundo motivo?
— Você — Chris explicou baixinho. — Não quero ficar muito tempo longe.
— Mas que praga, Chris! Por que me diz isso por telefone, quando não posso abraçá-la, beijá-la, fazer amor com você?
— Você perguntou.
— Verdade. E tenho mais uma pergunta. Você me ama? Ela suspirou.
— Amo. Eu amo você, Gideon.
— Desde quando?
— Não sei. Acho que desde o primeiro dia, quando tivemos aquele desentendimento em Crosslyn Rise.
— Vai se casar comigo?
— Vou.
— Quando?
— Algum dia.
— Algum dia?! Que diabo de resposta é essa?
— Primeiro, quero ver o fim dessa história de Jill com Brant.
— Vocês viajarão agora, em abril. Podemos marcar o casamento para maio?
— Não podemos marcar nada, por enquanto.
— Mas vai se casar comigo, não vai? — ele perguntou, quase desesperado.
— Claro que sim. — Chris estava sendo sincera. Gideon com seu entusiasmo, seu senso de humor, sua gentileza sua paixão, tornara-se parte essencial da vida dela.
te amo — repetiu.
— Ah, agora sim! — ele exclamou, rindo. — Você me fez muito feliz, Christine Gillette. Cheio de desejo insatisfeito mas feliz.
Gideon satisfez seu desejo no dia seguinte, sábado, na cama de Chris, enquanto Jill estava no cinema com as amigas. E sua felicidade apenas cresceu.
No domingo à noite, porém, Chris telefonou-lhe num estado de pânico mal controlado.
— Brant ligou há alguns minutos. Foi Jill que atendeu — contou, falando mais rápido e alto do que o normal, em frases curtas. — Eu estava no banho. Não vai acreditar no que ele fez, Gideon! Eu não acredito! Aquele homem é uma cobra! Uma cobra nojenta!
— Calma — Gideon pediu, embora também estivesse tenso. — Vá devagar, querida.
— Em vez de esperar que eu fosse falar com ele, aquele miserável conversou com Jill. Disse que seus pais queriam que ela ficasse na casa deles. Só ela, eu, não. Que eu não precisava ir junto, que ele iria buscá-la no aeroporto e levá-la à casa dos avós. — Chris pareceu engasgar-se com as últimas palavras. — Os avós! Bem, pelo menos ele reconhece que Jill é sua filha, mas chamar aqueles dois de avós, quando eles nunca procuraram saber dela, em todos esses anos...
— Chris, calma, meu bem. Talvez eles nem soubessem da existência de Jill.
— Isso não importa. Eles não têm nenhum direito sobre minha filha. Brant não tem nenhum direito. Ela é minha. Aquele infeliz devia ter falado de seus planos comigo! Dá para acreditar em tanta audácia? Ignorar a minha vontade desse jeito?
— Telefone a ele e diga que não aceita a proposta.

— Avisei Jill de que não ia aceitar, e ela ficou toda

irritada. Disse que tem idade suficiente para viajar sozinha, que era o que planejava fazer desde o início, e que ele foi muito gentil. — A voz de Chris baixou, tornando-se um murmúrio desesperado, quando ela continuou: — Mas não posso deixá-la ir sozinha para tão longe, Gideon. Não posso deixá-la sozinha com um homem que, para todos os efeitos, é um estranho. Não sei em que tipo de pessoa ele se transformou.

— Você conheceu os pais dele?

— Vi-os não mais do que duas vezes. — Ela nem se lembrava de como eram. — O que devo fazer, Gideon? Jill é minha filha!

Ele ficou em silêncio por alguns instantes. Chris queria sua opinião, mas o que ele sabia a respeito de filhos, de como lidar com eles?

— Já falou com seus pais?

— Ainda não. Primeiro, queria saber o que você acha.

— Acho que, antes de fazer qualquer tipo de julgamento, você precisa de informações sobre o pai e os avós de Jill.

— Claro, preciso de um dossiê completo! — ela exagerou. Mas só conseguiria isso se contratasse um detetive, uma coisa que me recuso a fazer.

— Tenho um amigo em Phoenix — ele a lembrou. — Também é construtor. Talvez não conheça Brant, mas pode obter algumas informações, através de outras pessoas. Posso telefonar a ele?

Que tipo de pessoa é esse seu amigo?

— Uma pessoa confiável.

Chris concordou em deixá-lo telefonar, sentindo-se grata pela ajuda. No fim da tarde seguinte, Gideon telefonou para dar as informações colhidas pelo amigo.

— De acordo com Paul, Brant Conway tem um bom nome na praça. É um corretor bem-sucedido, tem suas economias, mora numa bonita casa em Scottsdale, uma cidade perto de Poenix. Não pertence à alta sociedade, mas é respeitado, As Pessoas que o conhecem gostam dele. Os pais também moram em Scottsdale.

Chris ouviu tudo numa confusão de emoções. Ficou feliz por Jill, mas não por si mesma. Se as informações fossem de alguma forma negativas, ela poderia cancelar a viagem. Mas parecia que não havia nenhum motivo para isso.

— Seu amigo é realmente confiável? — perguntou.

— É, sim.

— Acha que devo deixá-la ir sozinha?

— Acho que, se não deixar, Jill ficará ressentida. O fato é que, se ela quiser ir, irá, se não agora, mais tarde. Seria muito ruim, se você a impedisse, e isso criasse hostilidade entre vocês duas. Penso que você deve confiar na criação que deu a sua filha, que deve acreditar que ela saberá cuidar de si mesma.

Fora mais ou menos isso que os pais de Chris haviam dito, quando ela falara com eles pela manhã. Ela quisera argumentar contra, como queria naquele momento, falando com Gideon, mas sabia que eles todos estavam certos. Jill não era mais uma menininha. Os avós paternos desejavam recebê-la, cuidariam dela. E, o mais importante, ela era uma garota inteligente e capaz de tomar iniciativas. Se alguma coisa saísse errada, ela saberia chegar ao telefone mais próximo e

ligar para casa.

Nervosa, Chris viu Jill partir para Phoenix na segunda-feira. Brant sugerira que ela ficasse até sexta, outra sugestão que desagradara Chris, mas que ela não pudera recusar.

Não deixara que Gideon fosse ao aeroporto, dizendo que os pais e dois irmãos dela iriam e que, se o número de pessoas aumentasse, o bota-fora de Jill se transformaria numa superprodução de Hollywood. Mas telefonou para ele assim que chegou ao escritório, e à noite, quando voltou para casa, encontrou-o a sua espera no quarto.

Naquela primeira noite, Gideon conteve-se e não fez amor com ela. Não fora lá por causa de sexo, mas para fazer companhia a Chris, para conversar e ajudá-la a vencer a inquietação enquanto não tivesse notícias da filha.

Jill telefonou tarde da noite para dizer que o voo fora

ótimo, que a casa dos avós era bonita, e que Brant tratara-a com muita gentileza. Chris teria ficado mais tranqüila se soubesse que a filha falara com ela longe de outras pessoas, mas, pelo jeito comedido de Jill, percebera que ela não estava sozinha.

— Acha que ela está escondendo alguma coisa? — perguntou a Gideon assim que desligou o telefone.

Ele não era adivinho, não tinha como saber, mas havia algo que podia dizer sem medo de errar.

— Sua filha não é boba — disse. — Se quiser lhe dizer alguma coisa em particular, escolherá outra hora para telefonar.

— E se eles a impedirem?

— Jill dará um jeito. — Tomando-a nos braços, acrescentou: — Chris, não fique esperando pelo pior. Não tem nenhum motivo para pensar que os pais de Brant não sejam pessoas amorosas, que acabaram de descobrir uma linda neta. Jill deu a impressão de estar satisfeita. Tudo está bem, acredite.

O telefonema da garota, na noite de terça-feira, foi igual ao primeiro, carinhoso e comedido. Daquela vez ela falou do tempo, que estava quente, do deserto, que estava florido, e da piscina da casa dos avós, que era um "arraso".

Chris falara no aparelho da sala e pedira a Gideon que ouvisse a conversa na extensão da cozinha.

— Viu, como Jill está sendo bem tratada? — ele comentou, quando desligaram. — Se eles a levaram para um passeio de jipe pelo deserto, é óbvio que estão se esforçando para deixá-la feliz.

— Os avós estão se esforçando — ela salientou. — Jill não falou muito a respeito de Brant.

— E isso não é bom? Ela o viu, satisfaz a curiosidade. Se vai querer cultivar um relacionamento, que seja com os pais dele.

Chris não se imaginava passando pelo inferno de ver a filha viajando para o Arizona várias vezes por ano, mas admitia que Gideon tinha razão. Os avós quase sempre eram

melhores do que os pais. Olhando para o lado positivo de tudo aquilo, ela refletiu que tinha de ser grata pelo fato de os pais de Brant estarem lá.

Agarrando-se a esse pensamento, acalmou-se um pouco. Mas, na quarta-feira à noite, quase caiu de susto, quando Jill ligou, parecendo que ia chorar.

— O que foi, querida? — perguntou, aflita.

— Estou com saudade de você, mamãe.

Os olhos de Chris encheram-se de lágrimas.

— Oh, meu bem, eu também estou com saudade de você — ela declarou, pegando a mão de Gideon em busca de conforto. — Não está se divertindo?

— Estou, mas eles não sabiam que eu existia, até que meu pai contou, depois que você telefonou. Não sabem o que fazer comigo — murmurou com voz embargada. — Eu gostaria que você estivesse aqui. Devia ter vindo comigo, como queria. Ficaríamos num hotel. Eu não estaria numa situação tão esquisita.

Chris engoliu as lágrimas.

— Depois de amanhã você estará em casa.

— Queria estar aí agora.

— Agüente mais um pouco, meu amor. Na sexta-feira iremos ao aeroporto apanhar você.

— Gideon também vai?

— Claro. Ele também está com saudade.

— Mamãe?

— O quê, meu bem?

— Estou contente por você não ter se casado com Brant — Jill disse em tom quase inaudível. — Gideon é muito melhor.

— Oh, querida... — Chris murmurou, olhando para Gideon através das lágrimas. — Diga isso a ele pessoalmente, quando voltar para casa.

— É claro que vou dizer — Jill afirmou, parecendo mais animada.

— Está se sentindo melhor, agora?

— Acho que sim.

— Pode telefonar quantas vezes quiser.

— Certo.

— Não esqueça.

— Não.

— Tchau, querida, eu te amo.

— Também te amo, mamãe. Tchau. Chris pôs o telefone no gancho.

— Ela é uma menina e tanto — observou.

— Nunca duvidei — Gideon replicou um tanto áspero, sentindo-se excluído novamente. — Aconteceu alguma coisa por lá?

— Jill está com saudade e não se sente muito à vontade com os avós. Disse que eu devia ter ido com ela.

Gideon encarou-a durante alguns segundos, então, com ar de desafio, tirou o telefone do gancho e fez uma ligação. Quando acabou, virou-se para Chris.

— Era o que eu devia ter feito logo no começo — comentou. Ela o olhava, boquiaberta de espanto.

— Reservou passagens para Phoenix? — indagou.

— Para nós dois. Não posso ficar aqui sentado, me preocupando com ela. Partiremos amanhã ao amanhecer e chegaremos lá antes do meio-dia, de modo que teremos tempo de pegar Jill, levá-la conosco para um hotel e decidir o que faremos no resto da semana. Meu voto é para

uma visita ao Grand Canyon. Nunca estive lá, e aposto como Jill vai adorar. Voltaremos para casa no domingo.

Chris não podia acreditar no que estava ouvindo.

— Mas... mas você tem de trabalhar — foi tudo o que conseguiu dizer.

— Johnny ficará no meu lugar. Além disso, o trabalho não está atrasado, sem falar que estou precisando de um descanso, mesmo que curto.

— Já descansou em fevereiro, quando fomos esquiar.

— Aquelas foram férias normais, de todo ano. Meus homens também tiveram. Agora quero passar três dias fora, e minha ausência não vai causar nenhum problema. Eu devia ter sugerido isso logo que ficou certo que Jill iria para

o Arizona. Teria sido muito mais divertido, para todos nós, mas fiquei com medo de dizer alguma coisa, porque ela não é minha filha, e você ainda nem é minha esposa. Mas que droga, vamos ser uma família, e isso significa que devemos estar juntos nos bons e nos maus momentos, que devemos compartilhar tudo.

Fez uma pausa, e quando Chris abriu a boca para falar, ergueu uma das mãos, avisando que ainda não terminara.

— Se não concorda comigo, diga logo, Chris. Nesse caso, não sou o homem certo para você. Se concorda, vamos nos casar agora mesmo. Não tenho nenhuma intenção de ficar esperando três anos, até que Jill vá para universidade, e você comece a sentir-se solitária. Ou você me quer, ou não. Durante muitos anos, desejei encontrar uma mulher como você, dedicada, generosa, inteligente, terna e sensual, e agora que encontrei, não posso esperar mais. — Respirou profundamente. — O que vai ser, Chris? Vamos nos casar, ou acabar com tudo?

— Você está me dando um ultimato — ela protestou.

— Certíssimo. E quero uma resposta agora. E não me diga que a estou pressionando, porque, ou a gente sente alguma coisa aqui dentro, ou não — ele desfiou, batendo com o punho fechado na altura do coração. — Amo você e, se você também me amar, seremos capazes de lidar com qualquer coisa que se refira a mim, a você e a Jill. Qualquer coisa. É o amor que conta, Chris. Não vê isso?

Chris teria de ser cega para não ver, ignorante demais para não saber, totalmente insensível para não perceber. Gideon Lowe, mestre-construtor, famoso solteirão namorador, torcedor fanático do Celtics, era também um homem de grande sensibilidade e sabedoria, bom e amoroso, e ela não poderia dar um padrasto melhor para Jill. Não poderia desejar um amante melhor. Ou um marido.

— Tem razão — concordou, pendurando-se no pescoço dele, moldando-se ao corpo musculoso. — É o amor que conta. — Com um sorriso malicioso, convidou: — Vamos?

Os olhos de Gideon brilharam, assumindo aquela expressão travessa de que tanto ela gostava.

— Vamos aonde? Ela sorriu, feliz.

— Casar. — Fez uma pausa. — E para a cama também. Gideon não perdeu tempo. Erguendo-a nos braços, levou-a escada acima.

— Ponha-me no chão, Gideon Lowe — ela gritou, rindo. - Isto é embaraçoso!

— Embaraçoso? Achei que fosse romântico.

— Está se portando como um machão bruto, isso sim. Ele parou no degrau do topo e

olhou-a nos olhos.

— Mas essa ironia é demais!

— Que ironia?

— Entrei no consórcio de Crosslyn Rise justamente para me livrar dessa imagem.

— Que imagem?

— De grosseirão pouco inteligente. E aqui estou eu, carregando você para a cama no melhor estilo de meus companheiros casca-grossa. Mas sabe de uma coisa? — Sorriu amplamente para ela. — Esta é a coisa mais inteligente que já fiz em toda minha vida.

O Sonho transforma-se em Realidade (The Dream Comes True)

CAPÍTULO I

Oito pessoas, homens e mulheres, sentaram-se ao redor da mesa, na sala de reuniões do banco de Gordon Hale. Eram os membros do consórcio de Crosslyn Rise, que estavam financiando as obras que transformariam a propriedade particular num condomínio de luxo. Dos oito, sete sentiam-se perfeitamente satisfeitos com o andamento da reunião matutina. Apenas Nina Stone estava frustrada.

Ela odiava reuniões, principalmente aquelas em que as pessoas não paravam de falar até quase matar os outros de tédio. Mas sabia que discussões faziam parte do processo democrático e, como participante do consórcio, com grande parte de suas economias em jogo, gostava de poder dar sua opinião sobre o que estava sendo feito em Crosslyn Rise. Por isso, suportara sorridente todas as reuniões a que comparecera nos meses anteriores, mas a daquele dia estava sendo diferente. Falavam da venda das casas, algo em que ela era perita. Se os outros investidores não desejavam ouvir sua opinião profissional, agora que chegara o momento de ela finalmente emití-la, aquilo tudo estava sendo uma enorme perda de tempo.

Nina era corretora de imóveis. Fora designada para vender as casas de Crosslyn Rise. Era meados de maio, fazia quase oito meses que as obras haviam começado, e o projeto estava pronto para ser apresentado ao mercado.

— Ainda acho que um preço médio de quinhentos mil é

muito baixo — observou pela terceira vez em meia hora.

Levando em conta apenas a localização, podemos pedir de seiscentos a setecentos. Que outro condomínio fica a quarenta minutos de Boston, sem falar que se ergue entre árvores e campinas e abre-se para o mar? Que outro condomínio oferece uma academia de ginástica, salas de reuniões e quartos de hóspedes que podem ser alugados pelos condôminos para acolher amigos e parentes que os visitam? Que outro condomínio oferece uma marina e um conjunto de lojas?

— Nenhum — Cártter Malloy concedeu. — Pelo menos, não nesta região. — Mas o mercado de imóveis está péssimo. A última coisa que desejamos é estabelecer um preço exorbitante para as casas e depois vê-las ficarem fechadas durante anos.

— Não vão ficar fechadas — Nina insistiu. — Confiem em mim. Conheço o mercado. Venderemos todas as casas.

Jéssica não se convenceu.

— Você mesma disse que o mercado estava ruim para imóveis de alta classe.

— Disse, mas isso foi há mais de um ano, quando você estava pensando em vender Crosslyn Rise do jeito que estava para um só comprador. Vender uma propriedade de vários milhões era quase impossível, na época. Mas a situação melhorou, principalmente para imóveis na

faixa de preço que estamos considerando. — Nina lançou seu olhar mais confiante ao redor da mesa. — Como sua corretora, recomendo um preço médio de seiscentos a setecentos mil, dependendo do tamanho da unidade. Baseada nas vendas que efetuei nos últimos meses, tenho certeza de que esse valor não é exagerado.

— Que vendas foram essas? — perguntou John Sawyer com sua voz calma.

Nina olhou-o, como fizera tantas vezes desde o início da reunião. De todos ali reunidos, ele era o que mais a perturbava, e não por causa de seu jeito de menino que crescera demais, ou dos óculos redondos de armação de metal, os cabelos castanhos, o blazer de veludo cotelê com remendos

de couro nos cotovelos, ou a camisa xadrez aberta no pescoço. Ele a perturbava porque gostava de meter o nariz em coisas das quais nada entendia. Era livreiro, não sabia nada sobre o ramo de imóveis e, embora normalmente ficasse quieto em seu canto, não era o que estava fazendo naquele dia. Com seu jeito calmo e compenetrado, ele vinha questionando quase tudo o que ela dizia.

— Três dos imóveis que vendi nos últimos meses estavam na faixa dos oitocentos mil, um na dos novecentos, e o outro foi vendido por mais de um milhão de dólares — Nina informou.

— Casas como as nossas? — John indagou, desafiador. Ela nem piscou.

— Não. Eram imóveis muito diferentes, mas há dois pontos a considerar: primeiro, muita gente está interessada em nosso condomínio e, segundo, a economia melhorou, agora existe dinheiro no mercado.

— De quem é esse dinheiro? Dos super-ricos? Eles não se mudarão para cá. Não vão querer morar num condomínio, quando podem ter propriedades enormes, só deles. Pensei que nosso alvo fosse o casal de meia-idade, com filhos que já saíram de casa e que estão procurando algo mais tranquilo. Essas pessoas não têm setecentos ou oitocentos mil dólares para gastar. Ainda estão se recuperando das anuidades das faculdades dos filhos.

— Essa é uma das maneiras de analisarmos a situação — Nina concedeu. — Outra é pensar que essas pessoas agora têm dinheiro para gastar consigo mesmas, o que antes não tinham, por causa daquelas anuidades que você mencionou. Elas se sacrificaram muito para criar os filhos, agora Querem aproveitar a vida. É por isso que nosso condomínio é tão perfeito. Atrai pessoas ainda ativas, no auge de suas carreiras, que estão dispostas a conceder-se alguns privilégios sem ter de esperar pela aposentadoria para isso. Têm dinheiro e querem gastá-lo.

E quanto aos lojistas? — John perguntou.

- O que têm eles?

- Eles não têm dinheiro de sobra. Se o preço das casas

for muito alto, os aluguéis das lojas terão de estar de acordo, isto é, também serão altos. E isso excluirá a maior parte de nossos comerciantes.

— Não necessariamente.

— Como assim?

— Os aluguéis não precisam ser altos demais.

— Não podem ser altos — John corrigiu.

— Se forem, você não abrirá uma livraria aqui? — ela rebateu, os olhos brilhando de irritação.

— Eu não poderia abrir, garanto — ele respondeu calmamente.

Dando uma olhada no relógio, Gideon Lowe inclinou-se para a frente.

— Não sei quanto a vocês, mas estou perdendo a melhor parte do meu dia — comentou. — São nove horas. — Sorrindo, olhou para John, então para Nina. — Por que vocês dois não ficam aqui, se bicando, até decidirem alguma coisa? Poderão fazer um relatório para o resto de nós, na semana que vem.

Nina não gostou da sugestão, principalmente porque suspeitava que Gideon estava mais com pressa de juntar-se à esposa do que a seus operários. Não podia culpá-lo. Ele estava casado há menos de um mês, e era, claramente, um marido apaixonado. A esposa, Christine, estava decorando Crosslyn Rise, e Nina gostava muito dela.

No entanto, estavam tratando de negócios, e Nina queria que o grupo tomasse uma decisão. Ficar "se bicando" com John Sawyer não resolveria nada.

— Há uma coisa que precisa ser decidida por todos nós — disse, mantendo a voz no tom mais agradável possível, apesar da frustração que sentia. — O sr. Sawyer é apenas um membro...

— Um membro que provavelmente está em melhor posição do que nós para discutir as questões de dinheiro que você levantou — Cárter interrompeu-a. — Ele é um de nossos lojistas em potencial.

— Acho que Gideon tem razão — Jéssica opinou. - Se

vocês dois trocarem idéias e antes da próxima reunião nos disserem a que conclusão chegaram, pouparão um pouco de nosso tempo. Cárter tem um compromisso em Boston, às dez horas, e eu tenho outro em Cambridge.

Murmúrios de aprovação ergueram-se ao redor da mesa, e os membros do consórcio começaram a levantar-se.

— Mas eu queria ir à gráfica, encomendar a impressão da brochura — Nina observou, levantando-se também, mas mal conseguindo disfarçar a impaciência. — Para isso, preciso ter as informações sobre os preços.

Cárter fechou a pasta de couro.

— Tomaremos a decisão final na semana que vem. — Virou-se para John e perguntou: — Vai reunir-se com Nina, para tratar desse assunto?

Nina olhou para John. O fato de ele continuar sentado não a surpreendeu. Aquelas pessoas todas haviam se reunido pelo menos doze vezes, desde a formação do consórcio, e ela nunca o vira apressado. Ele falava devagar. Movia-se devagar. Se ela não soubesse das coisas, diria que ele não tinha nada para fazer na vida, a não ser passear e molhar os gerânios nas jardineiras sob as janelas da pequena casa vitoriana que abrigava sua livraria.

Mas ela sabia que ele dirigia a loja com a ajuda de apenas uma pessoa, uma mulher de meia-idade chamada Minna Larken, que cuidava de tudo nas horas em que ele ficava em casa, com o filho. Nina também sabia que o menino tinha quatro anos e sérios problemas de visão e audição, o que enchia seu coração de simpatia pela criança e pelo pai. Mas isso não diminuía sua impaciência. Ela precisava trabalhar, tinha um nome a construir, dinheiro a ganhar, e a lentidão e a paciência de John Sawyer davam-lhe nos nervos.

— Acho que podemos combinar um encontro — John finalmente respondeu a Cárter.

Forçando um sorriso, Nina alvoroçou os próprios cabelos curtíssimos.

— Estou com a semana cheia — informou com voz suave.

— Tenho de atender clientes o dia todo, hoje e amanhã. Depois participarei de um seminário, de quinta até domingo

— Na segunda-feira, então — Cáter sugeriu em tom alegre. Pondo um braço ao redor da cintura de Jéssica, guiou-a na direção da porta.

— Cáter! — Nina chamou, mas ele não respondeu. — Jéssica!

— Falo com você mais tarde — Jéssica disse por cima do ombro, antes de desaparecer no corredor.

Todos já haviam saído da sala, com exceção de John, e Nina lançou-lhe um olhar desamparado. Ele endireitou-se na cadeira.

— Se lhe serve de consolo, também não gosto da idéia de nos reunirmos.

— Por que não? — ela quis saber, sem saber se devia sentir-se insultada.

— Porque você é agitada demais, e isso me deixa nervoso. Aí, sim, ela se ofendeu.

— Então, estamos quites, porque você é lento demais, e também me deixa nervosa — ela retrucou, pondo de lado seu costumeiro tato.

Mas os outros membros do grupo esperavam que John e ela tomassem algum tipo de decisão, e não seria prudente decepioná-los. Havia gente importante participando do consórcio. E causar boa impressão a pessoas importantes era um meio de garantir trabalho futuro.

Erguendo a bolsa do chão e colocando-a na mesa, ela abriu-a e retirou uma agenda.

— Então, quando será a reunião? O que acha de segunda-feira, por volta de onze horas? John cruzou as mãos no tampo da mesa.

— Não será possível. Passarei o dia todo em Boston.

— Está bem. — Nina voltou algumas páginas da agenda. O seminário ocuparia seu dia de manhã à noite e seria exaustivo. De modo algum ela poderia encontrar-se com John. Posso marcar para amanhã à tarde, das três e meia às quatro. Mas teremos apenas meia hora.

Ele refletiu um pouco, então abanou a cabeça.

A essa hora estou trabalhando.

Eu também — ela disse depressa. — Mas precisamos arranjar um pouco de tempo aqui e ali. — Correu uma unha cintilante pela página. — Mostrarei uma casa a um cliente às sete da noite, hoje. Que tal mais tarde?

— Mais tarde? A que horas?

— Oito? — ela sugeriu.

Ele ergueu a mão e coçou o lado do nariz.

— Nesse horário estou com meu filho — informou.

— A que horas ele vai para a cama?

— Sete e meia, oito.

— O que acha de nos encontrarmos a essa hora? Pode chamar uma babá?

— Poderia, mas tenho trabalho a fazer na livraria.

— Mas seu filho vai ficar sozinho?

— Moro no andar de cima da casa onde tenho a loja. Escuto, quando ele chora.

Nina suspirou.

— Está bem. A que horas terminará seu trabalho? — perguntou, pensando que preferia reunir-se com John nem que fosse tarde da noite, do que ficar com aquilo pendente sobre sua cabeça a semana toda.

— Lá pelas nove, no máximo dez.

— Estarei lá, então.

Ele a olhou, parecendo desconfiado.

— Não é um pouco tarde para uma reunião?

— Não, se não houver outro horário disponível, e parece que não há.

— Você nunca pára?

— Claro que sim, quando vou para a cama, por volta de uma, duas da madrugada. E então, marcamos para as nove, ou dez?

— Trabalha o dia todo?

O dia todo, sete dias por semana — ela informou com Orgulho. Dos seis corretores de seu escritório, fora ela quem vendera

mais, durante três anos seguidos. Naturalmente, não tinha marido ou filhos que a atrapalhassem, mas isso não queria dizer que ela não trabalhasse muito.

— Quando descansa? — John persistiu.

— Não preciso de descanso.

— Todo mundo precisa.

— Eu não. Para mim, trabalhar é um prazer. — Ela bateu com a caneta na agenda aberta. — Nove ou dez?

Ele a observou em silêncio por longos instantes.

— Nove. Mais tarde do que isso, minha cabeça não funciona direito. Ao contrário de você, sou humano.

A voz dele era calma como sempre. Ela procurou por uma expressão de escárnio nos olhos dele, mas como não eram claramente visíveis por causa dos óculos, não notou coisa alguma.

— Sou humana — replicou baixinho, em tom ligeiramente defensivo. — Só gosto de tirar o máximo de rendimento de cada minuto. — Fechou a agenda e colocou-a de volta na bolsa, que pendurou num ombro. — Até às nove — despediu-se, caminhando para a porta.

Dentro de quinze minutos, depois de passar pelo correio e pela tinturaria, Nina entrou no escritório imobiliário Crown Realty, que ocupava o andar térreo de um pequeno prédio comercial. A firma de Martin Crown era independente. A vantagem que tinha sobre as franchises, imobiliárias muito maiores, era sua ligação com a comunidade. A família Crown vivia na cidade desde muitas gerações atrás. Além de dois restaurantes e de um shopping, os bens dos Crown incluíam um jornal semanal que era vendido até em Boston. O jornal publicava anúncios da imobiliária que teriam custado uma fortuna em outro qualquer. O dinheiro poupado aumentava os lucros, que eram o maior interesse de Nina Stone.

Ela fizera muitos planos para o futuro. Teria sua própria firma, seus próprios funcionários, dinheiro no banco, estabilidade e segurança. Começara a trabalhar como corretora

dez anos antes e passara os quatro primeiros em Nova York. E aprendera que Nova York era mais dura do que ela. Então, mudara-se para o litoral norte do Estado de Massachusetts, onde a vida era melhor e o mercado imobiliário florescia. Durante seis anos progredira incessantemente. E agora estava prestes a alcançar seu objetivo. Com mais um ano de trabalho e o respeitável retorno do investimento que fizera em Crosslyn Rise, ela teria bastante dinheiro para começar sua própria firma.

Um nome sólido, um negócio bem-sucedido e muito dinheiro significavam independência, e independência, para Nina, era a coisa mais importante do mundo.

— Oi, Chrissie — ela cumprimentou a recepcionista. — Algum telefonema para mim?

— Os recados estão em sua mesa — a moça respondeu. Entrando em sua sala, Nina colocou a bolsa na mesa e pegou os papeizinhos cor-de-rosa. Examinou-os e arrumou-os por ordem de importância, então sentou-se e tirou o telefone do gancho. O telefonema mais urgente era para um advogado cujo cliente ia passar a escritura de uma propriedade naquela manhã. A seu pedido, a reunião fora adiada em uma hora, o que significava que Nina teria de mudar o horário de dois compromissos. A seguir, ela retornou os telefonemas de um cliente que estava vendendo uma casa, de um contador que tentava conseguir um espaço na rua comercial mais concorrida da cidade e de uma mulher que queria saber se o proprietário da casa que desejava comprar ia de fato baixar o preço.

Nina ainda estava ao telefone, tentando descobrir se havia um fundo de verdade nesse boato, quando uma moça apareceu na porta da sala. Lee Stockland, com seus crespos cabelos castanhos, saia e blusa conservadoras, seu colar de Pérolas e cinco quilos acima do peso ideal, era, além de colega de trabalho, uma de suas melhores amigas.

— Charlie Dunn, por favor — disse ao telefone, fazendo um gesto para Lee, convidando-a a entrar.

— Lamento, mas o sr. Dunn não se encontra no escritório.

— Aqui é Nina Stone, da Crown Realty. Preciso falar com ele. É urgente. Estarei no escritório ainda por quarenta e cinco” minutos. Se ele chegar neste prazo, peça-lhe para me ligar, sim?

— Certamente.

— Obrigada. — Nina desligou o telefone e voltou-se para Lee. — Maisie Stewart ouviu dizer que o preço da casa da rua Hammond baixou para oitenta e cinco mil. Isso não estava no computador, ontem à noite. Você viu alguma coisa hoje?

— Não.

Nina ligou o computador, puxou a lista que desejava e viu que Lee estava certa. O preço da casa não sofrera alteração

— Charlie conhece as regras. Qualquer mudança deve ser registrada em nossos computadores.

— Ele não é muito chegado a computadores.

Nina suspirou, erguendo os olhos para o teto num gesto de impaciência.

— Eu sei. Ele alega que cachorro velho não aprende truques, mas não concordo com isso, de jeito nenhum. O que uma pessoa se propõe a fazer, ela faz. — Fez uma breve pausa. — E então, o que os Miller acharam da casa?

Lee sentou-se na cadeira ao lado da mesa.

— Eles não gostaram muito de me ver, porque esperavam você, mas gostaram da casa. Principalmente ela, e isso é o que importa.

— Eu sei como ele é. Vê os menores defeitos e fica calculando quanto custará o reparo de cada um. Então, compara os gastos que terá com o preço da casa e não consegue se decidir. De repente, um outro interessado faz uma contra-oferta interessante, e Jason Miller perde o negócio. Aí, começamos tudo de novo. — Nina suspirou, mexendo em um dos brincos enormes. — Obrigada por ter ido em meu lugar, Lee. Jason é um chute na canela. Peço desculpas.

— Desculpas? — Lee riu. — Se não fossem os clientes que você passa para mim, eu ficaria o dia todo sentada numa cadeira, sem ter o que fazer.

Nina não tinha argumentos contra isso. Quando lhe davam

um cliente, Lee trabalhava direitinho, usava todas as técnicas de venda e saía-se bem. Mas não conhecia, como Nina, o significado da expressão "correr atrás". E esse era o nome do jogo. Quando não estava mostrando um imóvel a um comprador em potencial, Nina estava entrando em contato com pessoas que queriam vender uma casa, um terreno, um apartamento, ou enviando folhetos publicitários pelo correio, para manter seu nome e seu ramo de negócios na mente dos moradores da cidade.

Lee não tinha energia para isso. No começo, Nina a repreendera por sua falta de iniciativa, sua passividade, mas depois desistira. A amiga era perfeitamente feliz, trabalhando menos, ganhando menos, funcionando como sua assistente.

— Você é minha salvação — Nina declarou. — Por exemplo, os Miller insistiram em ir ver a casa hoje de manhã, e eu não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo.

— Por falar nisso, como foi a reunião, lá no banco?

— Nem queira saber — Nina respondeu, fazendo uma careta de enfado.

— Não foi boa?

— São lentos demais. Trabalhar com tanta gente ao mesmo tempo é um saco. A tomada de uma única decisão torna-se uma verdadeira odisséia.

— Eles gostaram da brochura?

— Acho que sim, mas não emitiram nenhuma opinião final, porque se perderam, discutindo o preço das casas.

— E o que decidiram quanto ao preço?

— Nada! — Nina quase gritou, mostrando sua frustração. — Querem que eu me reúna com aquele cara... — Naquele instante, o telefone tocou. Ela ergueu-o do gancho. — Nina Stone.

— Srta. Stone, meu nome é Cari Anderson. Quem me indicou a senhorita foi Peter Serretti, que instalou seu novo sistema de computadores.

Nina lembrava-se perfeitamente de Peter. Ele de fato trabalhara para ela e depois tornara-se uma praga, telefonando a toda hora para convidá-la para sair. Agora, era um amigo dele que ligava. Ela ficou imediatamente alerta.

— Claro, eu me lembro do sr. Serretti. O que posso fazer para ajudá-lo, sr. Anderson?

— Estou ligando de Nova York. Minha esposa e eu somos professores e nos mudaremos para Boston em agosto. Estamos pensando em comprar um imóvel no litoral norte. Peter disse que a senhorita era a pessoa certa para me ajudar.

De repente, Nina animou-se.

— Sou, com certeza - afirmou, sorrindo para Lee.

Que tipo de imóvel está procurando?

— Um apartamento de dois ou três quartos. Não temos filhos, mas temos um cachorro e dois carros.

Nina anotou as informações.

— Que preço está disposto a pagar?

— Duzentos e cinquenta mil, trezentos, no máximo. Não podemos pagar mais do que isso. Quando visitamos Peter, ficamos muito impressionados com o litoral norte de

Massachusetts. Se não posso comprar nada com o dinheiro de que disponho, pode me dizer.

— Pode, sim, com certeza. — Nina refletiu que Crosslyn Rise estava fora de cogitação, em termos de preço, mas havia outras opções. — Tenho para oferecer um apartamento de três quartos, num prédio meio antigo, por duzentos e noventa e cinco mil, e vários outros, mais novos, mas com apenas dois dormitórios, na mesma faixa de preço. Há também um condomínio fechado em Salem, perto do porto, muito bonito, que o senhor deve ver. Quase metade das unidades já foi vendida, mas ainda restam algumas de três quartos, que não ultrapassariam o preço que o senhor deseja pagar.

Descreveu as casas, lendo os folhetos promocionais que Lee entregara a ela. Cari pareceu ficar animado.

— Pensamos em viajar para aí na sexta-feira e ficar até domingo para ver alguns imóveis. O que acha?

— Oh, infelizmente estarei ocupada com um seminário durante todo o fim de semana — Nina olhou para Lee. Mas uma de minhas colegas poderá mostrar-lhes tudo o que vocês desejarem ver.

Franziu a testa quando Lee, com um olhar desamparado) negou, abanando a cabeça.

— Peter recomendou a senhorita — Cari insistiu. — Pássamos momentos difíceis com uma corretora, quando compramos o apartamento onde moramos agora. Ela fez uma confusão danada com o contrato de compra e venda e quase perdemos o negócio.

Nina adorava ouvir histórias como aquela.

— Nunca fiz nenhuma confusão nem desse tipo, nem de outro — declarou.

— Foi o que Peter disse.

— Vocês só poderão vir nesse próximo fim de semana?

— Será o único em que tanto minha esposa quanto eu estaremos livres.

— Então, deixe-me fazer uma sugestão. Vou examinar todas as listas, selecionar os imóveis que valem a pena ser vistos, e minha colega os mostrará a vocês. — Lee ainda não parecia animada com a idéia. — Conversarei com o senhor logo cedo, na segunda-feira, e a partir daí cuidarei do resto.

Cari ficou satisfeito com isso. Depois de anotar o endereço e número de telefone dele, além de mais algumas informações concernentes ao imóvel desejado, Nina desligou.

— Algum problema? — perguntou a Lee.

— Não posso trabalhar nesse fim de semana — a amiga anunciou timidamente.

— Oh, Lee, você disse que poderia, quando lhe pedi para me substituir, por causa do seminário.

— Posso, na quinta e na sexta, mas... — Hesitou um instante, antes de continuar: — Tom quer ir a Vineyard no fim de semana. Nunca estive lá. Ele já fez reservas para a balsa e o hotel e está falando em ficar deitado na praia de manhã, percorrer lojas à tarde e jantar em restaurantes de luxo. — Suspirou. — Como posso dizer que não vou?

Nina sentiu uma onda de irritação que nada tinha a ver com o transtorno sofrido por seus planos.

— Não pode. Nunca pode dizer "não" a Tom. Mas os

convites dele para um jantar, um cinema ou uma viagem de fim de semana são sempre de última hora. Por que ele não telefona com antecedência, para saber se você pode ou quer ir?

— Ele não sabe planejar nada. É impulsivo.

— Besteira. O que acontece é que ele não quer nenhum tipo de compromisso. Vai aqui, vai lá e lhe telefona quando precisa levar alguém para a cama. Ele usa você, Lee.

— Mas eu gosto dele.

— Você é boa demais para ele.

— Não, não sou. Estou com vinte e oito anos e ainda sou solteira. Não sou bonita como você, não tenho olhos azuis, sou grandalhona, não posso usar roupas como as suas. Não tenho espírito de competição e nunca ganharei muito dinheiro. Como vê, não tenho muito o que esperar da vida. Mas Tom é bom para mim.

Nina sentiu-se morrer um pouco por dentro ao ouvir tais palavras. Sempre que ouvia uma mulher, mesmo a mais inocente, pronunciá-las, lembrava-se da mãe. Maria Stone dissera aquela frase vezes sem fim: "Mas ele é bom para mim". Nunca recebera nada, em nenhum sentido, dos muitos homens que haviam sido "bons" para ela. Nina odiava pensar que ainda havia mulheres que se sujeitavam a isso. E torturava-se com a idéia de que a mesma coisa que acontecera com sua mãe podia acontecer com Lee, de quem gostava tanto.

— Você não é um caso perdido, Lee — disse enfaticamente, debruçando-se sobre a mesa. — É uma mulher atraente, inteligente e bondosa. Foi você que me ensinou a cozinhar, a arrumar flores num vaso, a economizar dinheiro, comprando em certas lojas que descobri, pesquisando. Você tem muita coisa para oferecer a um homem, muito mais do que eu. Não precisa abaixar-se ao nível de Tom Brody. Se precisa de companhia masculina, há muitos outros homens por aí.

— Para você é fácil falar. Atrai homens como o mel atrai moscas, depois os manda embora.

— Não mando, não.

— Você não quer nenhum relacionamento sério.

— Não estou interessada em casamento, nem quero ser sustentada por um homem, mas namoro, tenho meus casos. Quando aparece um sujeito interessante, e ele me convida para jantar, eu vou.

— Vai, quando tem tempo.

— Isso é errado? — Nina perguntou em tom mais suave. As duas já haviam discutido aquilo antes. — O trabalho significa muito para mim. É o meu futuro. Nesta altura de minha vida, o investimento que faço em meu trabalho vale muito mais do que o investimento que poderia fazer num homem. O retorno é muito melhor.

Lee suspirou.

— Fale apenas por você. As mulheres que não são tão independentes estão procurando desesperadamente por homens direitos, que se casem com elas. Mas parece que os homens certos já estão todos casados.

— Elas só precisam esperar. Um dia, esses homens direitos se divorciarão das esposas e estarão disponíveis. Ouvi dizer que os homens são maridos melhores no segundo casamento.

— Quero Tom. Acho que tenho alguma chance com ele.

Nina, porém, sabia mais coisas sobre Tom Brody do que contava à amiga. Vira-o agir de má-fé contra o chefe dela, anos atrás. Tom fizera de tudo para tentar rescindir um contrato que já estava assinado e registrado.

— Ele não é o homem certo para você, Lee. É um predador, um mercenário, que ataca

e vai embora. Você precisa de um homem menos compulsivo, mais brando. — Um rosto apareceu em sua mente. — Você precisa de alguém como John Sawyer.

— Quem é?

— Um membro do meu consórcio. Ele investiu em Crosslyn Rise, mas não atua no mundo financeiro. Vende livros, é um pensador.

O interesse brilhou nos olhos de Lee.

— Ele é casado?

— Viúvo. E tem um menino de quatro anos.

— Ah, não sei lidar com crianças. Não quero entrar nessa. Vamos esquecer John Sawyer.

— Quisera eu poder esquecê-lo. O homem vai acabar provando que é a maior pedra em meu sapato, ganhando de Throckmorton Malone.

Throckmorton Malone era um eterno comprador de casas. Achava a casa que queria, pagava o sinal, começava a encerrar com o construtor ou com o proprietário por causa dos mais insignificantes detalhes, então caía fora do negócio, depois que muitas outras pessoas, que poderiam ter comprado o imóvel, desistiam.

— Ninguém pode ser uma pedra maior do que Malone — comentou Lee.

Nina suspirou.

— É, acho que não. Mas esse John Sawyer pode me deixar de cabelos brancos. Ele acha que estamos pedindo um preço muito alto pelas casas. Acha que conhece o mercado imobiliário. Pior de tudo, os outros membros do grupo acham que ele realmente entende do assunto. Então, fizeram com que John e eu marcássemos uma reunião separada para tentarmos decidir a questão do preço.

— Qual é o problema? Você pode convencê-lo facilmente a ver as coisas do seu modo.

— Posso, mas ele é tão... — Fazendo uma careta, Nina procurou por uma palavra adequada, então exclamou, zombeteira: — empolado! E nunca tem pressa, nunca se afoba, nunca perde a calma. Qualquer coisa que fariamos em cinco minutos, com ele leva cinquenta. Só de olhar para ele fico irritada.

— É bonito?

— Não, para o meu gosto. É um rato de biblioteca, magro, pálido, insípido e chato.

— É alto?

Nina teve de pensar para responder.

— Sabe que não sei? Engraçado, nunca notei. É aquele tipo de sujeito a quem não se presta atenção. Além disso

quase sempre o vejo sentado. Todo mundo se levanta para sair, e ele fica grudado na cadeira. — Exalou um suspiro exagerado. — E vou ter de me encontrar com ele hoje à noite, às nove horas. Deus sabe por quanto tempo a discussão vai se arrastar. John é capaz de me fazer dormir.

— Isso seria uma grande novidade — Lee brincou. Sabia que Nina dormia pouco, que tinha energia demais para ficar quieta por muito tempo.

Com uma olhada para o relógio, Nina levantou-se da cadeira.

— Vou me encontrar com os Selwyn no cabo Traynor dentro de cinco minutos. Preciso correr.

— E o fim de semana, como fica? — Lee perguntou.

— Não se preocupe — Nina respondeu, pegando uma pasta de cima da mesa. — Acharei alguém para me substituir.

— Desculpe-me, Nina. Detesto decepcioná-la.

— Não me decepcionou, Lee. Pelo menos, não nessa questão de me substituir. Você tem o direito de se divertir. E, se ainda não foi a Vineyard, precisa ir. Eu só gostaria que fosse com outra pessoa, não com Tom.

— Vai dar tudo certo, fique tranqüila.

— Famosas palavras derradeiras — Nina disse baixinho, lançou a Lee um último olhar suplicante, então acrescentou: — Tenho de ir. Tchau.

CAPÍTULO II

O dia de Nina foi tão ocupado, que ela não teve muito tempo para pensar na reunião com John, até que voltou para o escritório, às sete. Preencher as duas horas que faltavam para o encontro não representava nenhum problema, pois havia fichas à espera de atualização, e ela ainda queria dar alguns telefonemas. Mas como não fosse nada tão urgente, Nina permitiu-se alguns momentos de reflexão.

Pensou em Crosslyn Rise, em como as primeiras casas, aninhadas entre árvores, junto ao lago dos patos, estavam ficando bonitas. Pensou na brochura que tivera tanto trabalho para criar com a ajuda do desenhista que fizera os desenhos representando a nova Crosslyn Rise, que já era para estar impressa e em circulação. Acabou por pensar nas discussões sobre os preços, em suas opiniões e nas de John. Comparou a maneira lenta com que ele falava e pensava, com seu próprio jeito de fazer as coisas rapidamente. Quanto mais comparava, mais irritada ficava. Quando, finalmente, entrou no carro para ir à Folheando Livros, a livraria de John, estava louca por uma briga.

A pequena casa branca, em estilo vitoriano, ficava perto do centro da cidade. Nina estacionou sob a lâmpada da rua que iluminava a casa e desceu do carro. O primeiro andar estava escuro, mas havia luz no térreo. Ela andou até a porta, que abriu, virando a maçaneta de bronze, e entrou.

- Oi! — chamou, fechando a porta atrás de si. Quando ninguém respondeu, repetiu em tom mais enérgico: — Oi!

— Um momento — respondeu uma voz distante, e depois de algum tempo ela ouviu alguém subir a escada de madeira que devia levar ao porão. Então, John apareceu, o rosto meio escondido atrás da caixa de papelão que carregava. Chegou na hora — comentou, pondo a caixa no chão cuidadosamente.

Endireitou-se e olhou para Nina, que por alguns segundos não conseguiu dizer nada. O homem a sua frente tinha a voz e as feições de John, mas a semelhança parava aí. O rosto daquele John não era pálido, mas corado, e exibia uma sombra azulada de barba de fim de dia. Os cabelos castanhos daquele John caíam revoltos na testa larga, brilhante de transpiração. Enquanto

ela o observava, ele enxugou um fio de suor que lhe escorria pela têmpora, mostrando um braço musculoso e coberto de pêlos escuros.

— Procuro ser pontual para não me tornar desagradável — ela respondeu por fim, sem conseguir parar de olhar para ele.

John passou as costas da mão sobre o lábio superior.

— Não tenho muito espaço aqui em cima, de modo que os entregadores deixam as encomendas no porão. Faz uma hora que estou trazendo livros para cá, e fiquei suado. Acho que vou tomar uma ducha e trocar de roupa.

— Por mim, não precisa se preocupar — Nina disse, pensando que também não tomara banho e que ainda usava o mesmo vestido vermelho com que fora à reunião no banco.

— Além disso, acredito que não levaremos tempo demais Para tomar uma decisão.

— Não sei, mas não custa tentar — ele replicou. Pegou uma lâmina de cima do balcão e, inclinando-se, cortou a fita adesiva que fechava a tampa da caixa. Ergueu as abas da tampa e colocou a lâmina novamente no balcão. — Pode começar. Estou ouvindo.

Estava usando a mesma camisa xadrez que usara pela manhã. A calça ajustava-se perfeitamente aos quadris

esbeltos, e a camisa revelava ombros largos. Nina não esperara nada daquilo. Achara que o blazer com que o vira na reunião escondia braços magros, peito e ombros estreitos. Também o julgara fraco, mas era óbvio que se enganara. Aquela caixa de papelão devia estar extremamente pesada e, apesar de suado, John não estava sem fôlego.

Inclinando-se novamente sobre a caixa, ele retirou uma pilha de livros.

— Estou ouvindo — repetiu, e o leve brilho em seus olhos era de inconfundível zombaria.

Só então, Nina notou outra coisa diferente nele.

— Você não está usando óculos — comentou.

— As vezes, atrapalham.

— Não precisa deles para enxergar bem?

— Só para ler e dirigir — John respondeu, levando os livros para o balcão onde ficava a caixa registradora.

Nina, então, notou que ele, embora não fosse tão alto quanto Cárter Malloy ou Gideon Lowe, devia ter quase um metro e oitenta, o que era muito, numa comparação com a estatura dela, de um metro e cinquenta e cinco.

— Algum problema? — ele perguntou com uma calma de enfurecer, voltando para junto da caixa de papelão, mas não se curvou para tirar mais livros.

Nina sentiu o rubor subir-lhe ao rosto e ficou constrangida, porque quase nada a fazia corar. Mas, também, raramente se surpreendia com alguma coisa como se surpreendera com a aparência física de John.

— Não, não, só estou achando você muito diferente. Acho que, se entrasse aqui por engano, não o reconheceria como o homem que vejo nas reuniões do banco.

John pareceu refletir sobre aquilo por alguns instantes, então deu de ombros.

— Circunstâncias diferentes, nada mais. Ainda sou o mesmo sujeito a quem você vai ter de dar razões muito boas para justificar sua intenção de estabelecer preços exorbitantes às casas do condomínio.

— Preços exorbitantes?! — ela reagiu prontamente, recuperando-se

de todas as surpresas que tivera. Um milhão de dólares seria um preço exorbitante, mas não seiscentos mil.

— Você estava falando em seiscentos e cinquenta e setecentos mil, na reunião.

— Preços bons para o mercado local. John sustentou o olhar dela sem piscar.

— Há outros condomínios com casas vendidas a esse preço, em nossa região?

Nina não precisava consultar suas listas para responder àquilo.

— Não, mas apenas porque não construíram nenhum com a categoria de Crosslyn Rise. Nosso condomínio é espetacular.

Ele coçou o nariz.

— Isso é motivo para pedir preços tão altos, que ninguém poderá ter o privilégio de morar lá?

— Muita gente terá esse privilégio.

— Não com os preços que você defende. E se as casas não forem vendidas, não haverá lojas lá. Nenhum comerciante, muito menos eu, abriria uma loja numa cidade-fantasma.

— Crosslyn Rise não vai ser uma cidade-fantasma — Nina retrucou, mas aquela era uma boa questão. As casas teriam de ser vendidas, se eles quisessem alugar as lojas. Embora as lojas não fossem depender exclusivamente dos moradores do condomínio, nenhuma sobreviveria sem a preferência do público em geral, e esse público não iria fazer compras lá, se o lugar estivesse deserto.

Curvando-se sobre a caixa, John retirou mais uma pilha de livros.

Incapaz de desviar o olhar, Nina viu como os cabelos escuros caíam sobre a nuca, como a camisa xadrez distendia-se nas costas largas, como ele erguia com facilidade a Pesada pilha de livros. Notou que os dedos dele eram longos, que as mãos passavam uma impressão de força. Nada nele justificava o fato de ela tê-lo chamado de rato de biblioteca, fraco e pálido. Como se enganara tanto a respeito de John! Ela refletiu que aquela calma que a irritava podia muito

bem esconder uma grande teimosia. Se assim fosse, ela estaria encrencada.

— Muito bem. Podemos estabelecer um limite de setecentos mil — propôs. — As casas menores seriam vendidas a seiscentos e pouco, e as maiores, a seiscentos e noventa e cinco.

Ele se afastou, levando a segunda pilha para o balcão ao lado da primeira.

— John?

— Cem mil acima do que seria um preço justo — ele comentou. — Não precisamos explorar os compradores.

— Mas precisamos ter lucro. Este é o nome do jogo que estamos jogando.

— Que você está jogando — ele observou em tom complacente, voltando para pegar uma terceira carga.

— Você não está? Vá contar isso a outro. Aplicou seu dinheiro no consórcio, e pelo que ouvi dizer, era quase tudo o que tinha.

Sem se abalar, John introduziu as mãos na caixa, erguendo outra pilha de livros. E não replicou ao comentário dela.

Nina, tolamente, refletiu que talvez tivesse de falar devagar com um homem que falava devagar, do contrário ele não entenderia.

— Uma pessoa só aplica todas as suas economias em um único negócio, quando acredita que terá um bom retorno — argumentou, falando pausadamente.

— Exatamente — John concordou, erguendo-se.

Ela esperou que ele dissesse mais alguma coisa, mas viu-o levar a pilha para junto das outras, calado. Foi atrás.

— Quanto mais alto o preço das casas, mais alto será nosso retorno. A diferença de cem mil dólares no preço de vinte e quatro casas é de dois milhões e quatrocentos mil dólares. Isso significa um aumento substancial em nosso lucro-

— Nina franziu a testa, olhando para as pilhas de exemplares de um mesmo livro.

— Quantos livros você tem aí?

— Vinte e cinco.

— A quanto venderá cada um?

— Vinte e dois dólares.

— Acha mesmo que venderá os vinte e cinco ao preço de vinte e dois dólares a unidade? Acredito que venda cinco, dez, no máximo doze, numa cidade do tamanho da nossa. Mas vinte e cinco? Como pode ser tão otimista a respeito de livros, e tão pessimista quando se trata de imóveis?

Sem pressa, ele arrumou as pilhas. Quando terminou, limpou a palma das mãos nas coxas e olhou para Nina com ar condescendente.

— Exagero na compra de certos livros, porque as editoras fazem isso valer a pena. Quando querem empurrar alguma coisa encalhada, oferecem incentivos generosos, como descontos e boas condições de pagamento. Esse livro aí está sendo empurrado com desespero.

— Horrível.

— Lamento, mas é assim que funciona o mundo das publicações.

— Não estou falando das transações com as editoras, mas do livro. É horrível.

— Você o leu?

Pela primeira vez, desde que chegara, ela conseguira atingi-lo, se era que aquelas sobrancelhas erguidas indicavam surpresa.

— Li, sim.

— Tem tempo para ler? Achei que trabalhasse noite e dia.

— Eu nunca disse isso.

— Foi o que me pareceu. Você teve um trabalho danado para encontrar um horário vago para esta nossa reunião.

— Esta semana está pior do que as outras por causa do seminário. Serão quatro dias de...

— De quê?

— De aulas sobre negócios com imóveis comerciais. Nos últimos dois anos, tenho ganhado mais com lojas e prédios de escritórios do que com residências. Faz seis meses que desejo participar do seminário, mas é a primeira vez que será realizado num lugar próximo o bastante para que eu possa ir.

— Engraçado, pensei que você pudesse fazer qualquer coisa

— E posso — Nina assegurou sem hesitar. — Mas trata-se de uma questão de prioridades. Deixe-me explicar de novo. Pela primeira vez, o seminário é realizado numa época em que não tenho nenhum compromisso inadiável e num lugar ao qual posso ir sem ter de perder uma semana inteira de trabalho.

— Tudo bem, mas quando encontra tempo para ler? - ele insistiu.

— Tarde da noite.

— Quando não consegue dormir, porque fica pensando em todos os imóveis que poderia captar ou vender, mas não pode, pelo simples motivo de que todas as outras pessoas estão dormindo?

Nina ia replicar com aspereza, refutando o que John dissera, quando, de repente, reconheceu que ele estava certo. Mas não ia confessar isso.

— Quando não consigo dormir porque não estou cansada — informou.

Viu dúvida nos olhos dele, mas não tentou dissipá-la.

— E não gostou deste livro? — John indagou.

— A autora escreveu um livro que ganhou o prêmio Pulitzer, mas isso não significa que tudo o que escreve é bom. No entanto, a publicidade que deram a esse novo livro dela fez o público acreditar que se tratava de algo fantástico. Arrogância da autora e covardia da editora que o publicou.

— Covardia?

— Deviam ter mandado a autora voltar com o original para casa e reescrevê-lo. O livro é péssimo.

John ficou em silêncio por um momento.

— Pois vai estar na lista dos mais vendidos.

— Provavelmente.

— E não perderei um centavo. — Fez uma pausa, antes de continuar: — As pessoas comprarão o livro nem que seja apenas por curiosidade. Ninguém ficará pobre por gastar vinte e dois dólares. Os leitores talvez fiquem furiosos, como você ficou, poderão sentir-se roubados e dizer aos

para não comprarem o livro. É possível até que daqui a três meses eu ainda esteja com duas dessas três pilhas, mas um livro decepcionante não vai arruinar meu negócio. Já com Crosslyn Rise, por outro lado, o prejuízo será enorme, se vendermos apenas trinta e três por cento das casas. Nina abanou a cabeça.

— Sua comparação não foi boa. A mesma coisa seria comparar maçãs lindas e doces com laranjas murchas e azedas. Crosslyn Rise tem qualidade, este livro não tem. Ninguém que comprar uma casa em Crosslyn Rise dirá que fez um mau negócio. Na verdade, acho até que muitas vendas serão feitas através de compradores satisfeitos, que induzirão os amigos a comprar também.

— Os compradores que ficarem apertados financeiramente não terão muito motivo para satisfação — John rebateu.

— Pessoas que sabem que ficarão apertadas, se insistirem em morar em Crosslyn Rise, não deverão nem ir ver as casas, muito menos comprar uma.

Os olhos de John ficaram frios.

— Você é dura.

— Sou realista. Crosslyn Rise não é para pessoas que estão comprando sua primeira casa, para jovens de vinte e cinco anos, recém-casados, que comprarão algo sob hipoteca e sofrerão para pagar as prestações. Tenho propriedades muito mais baratas para vender e clientes interessados nelas. Se um deles estiver sonhando com Crosslyn Rise, deverá ser despertado para encarar uma das duras realidades da vida.

— Que realidade?

— Que tudo tem seu preço. Tudo. Se você compra algo e não tem dinheiro no bolso para pagar, o pagamento sairá de seu couro, o que é muito mais doloroso.

As palavras dela pareceram ficar suspensas no ar. Mais ainda seu tom de voz. Naquele momento, ela era tudo aquilo de que seus adversários a acusavam: dura e fria. Prendeu a respiração, esperando que John também a acusasse.

Ele não disse uma palavra. Em vez disso, depois de observá-la

pelo que pareceu um tempo enorme, virou-se, foi até a caixa de papelão vazia, pegou-a e levou para fora da loja.

Esperando-o voltar, Nina ficou olhando para a porta por onde ele desaparecera. Pelo som dos passos, percebeu que ele descia a escada, certamente indo para o porão. Então, houve silêncio.

Impaciente, ela passou a bolsa de um ombro para o outro, transferiu o peso do corpo do pé esquerdo para o direito, olhou para o relógio. Eram nove e meia, e os dois não haviam chegado a nenhum acordo quanto ao preço das casas.

— John! — ela chamou.

Ele não respondeu, e ela suspirou. Desperdício de tempo deixava-a louca.

Ouvindo um leve estalido acima de sua cabeça, Nina olhou para o teto. John devia ter subido para ver o filho, e ela não podia censurá-lo por isso. Mas ele podia ao menos ter sido educado, pedido licença, dito que voltaria logo. Além de calmo demais, comedido demais, teimoso demais, ele era também mal-educado. Mal-educado? Não. Isso não combinava com John Sawyer. Simples. Ele era uma pessoa simples.

E não gostava dela. A dureza que aparecia em seus olhos de vez em quando, quando ele a fitava, era claramente causada pela desaprovação, mais uma razão para ela acabar logo o que a levara ali e ir embora. John não gostava dela? E daí? Só haviam se encontrado porque precisavam tomar uma decisão, depois se separariam e só tornariam a ver-se na próxima reunião.

Ouvindo passos na escada, ela sentiu-se aliviada. Mas os passos continuaram por mais tempo do que John levaria para descer do primeiro andar ao térreo. Era óbvio que tornara a descer ao porão. Irritada, Nina refletiu que também não gostava dele. Nem um pouco.

Aborrecida, passou da loja para a sala dos fundos, onde se abria a escada para o porão.

— Não tenho muito tempo, John — gritou para baixo, em tom impaciente.

— Já vou subir — ele respondeu.

Girando nos calcanhares, ela voltou para a loja e, pela primeira vez, olhou em volta com verdadeiro interesse. Nos intervalos entre as janelas altas, havia uma lareira, um sofá e várias poltronas, além de estantes carregadas de livros. O lugar, não muito grande, era inegavelmente acolhedor.

Curiosa, ela começou a andar ao longo das paredes, examinando os livros nas estantes. Aos poucos, seus passos foram ficando mais lentos. Isso sempre acontecia com ela em livrarias e bibliotecas. Quisesse, ou não, acabava relaxando. Os livros davam-lhe calma. Não a julgavam, não exigiam nada. Podiam ser lidos ou abandonados, mas estavam sempre lá, pacientemente à espera.

Diante da estante de biografias recentes, ela parou, pegou um livro, abriu-o e começou a ler o prefácio. Gostava de biografias. O livro interessou-a, mas ela não ousaria comprar mais um

antes de ler os outros que continuavam à espera, empilhados em sua mesa-de-cabeceira. Devolvendo o livro à estante, continuou a andar. Parou novamente na seção de culinária. Um dos livros, colocado de modo a exibir a capa, chamou-lhe a atenção. Era uma coletânea de receitas compiladas por um grupo de moradoras da cidade. Pegando um outro exemplar, ela começou a folheá-lo.

— Não me diga que gosta de cozinhar.

Nina olhou para o lado e viu John, que, segurando uma outra caixa de papelão, obviamente cheia, olhava-a com um ar levemente zombeteiro. Outra vez surpresa com a aparência dele, não respondeu imediatamente. Ele era alto, forte, nitidamente masculino. E, de modo estranho, algo dentro dela reagiu de modo quente a tudo aquilo. A sensação de relaxamento que ela experimentava, desapareceu subitamente.

— Gosto de cozinhar, sim.

John virou-se e colocou a caixa no lugar onde a outra estivera.

— Você trabalha, lê e cozinha. Há mais alguma surpresa? Estavam quites, Nina pensou, já que se surpreendiam mutuamente.

— Está ficando tarde — avisou com estudada paciência observando-o abrir a caixa. — Será que você pode fazer uma pausa no trabalho para que possamos resolver a questão dos preços?

Endireitando-se lentamente, ele pôs a lâmina em cima do balcão.

— Ouvi tudo o que você tinha a dizer e ainda não mudei de idéia.

— Talvez não esteja me ouvindo com a mente aberta.

— Estou sempre com a mente aberta — ele replicou.

— Tudo bem. Por que não apresenta seus argumentos novamente?

— Adiantaria alguma coisa?

— Pode ser.

Ele começou a tirar livros da caixa.

— John! — ela protestou.

— Estou pondo as idéias em ordem. Espere um minuto. Contendo a impaciência, Nina esperou. John levou meia dúzia de livros para uma estante, meia dúzia para outra. Nina começava a pensar que ele fazia aquilo apenas para irritá-la, quando o viu parar a sua frente.

— Acredito que devemos manter os preços mais baixos por duas razões principais. — Ele ergueu um dedo. — Primeira, teríamos uma boa chance de vender todas as unidades rapidamente, o que tornaria as lojas mais atraentes, tanto para os lojistas, como para os consumidores. — Ergueu mais um dedo. — Segunda, nosso lucro seria mais do que respeitável.

Baixou a mão e voltou sua atenção para a caixa..

— Só isso?

— É mais do que suficiente — ele afirmou, erguendo uma pilha de livros. — Não a convenci?

— Nem um pouco.

— Talvez você não esteja me ouvindo com a mente aberta — John criticou, usando as mesmas palavras dela.

— Estou sempre com a mente aberta.

— Se isso fosse verdade, você já teria se rendido. Meus argumentos fazem sentido.

— Os meus são mais fortes.

— Os seus só se referem a lucro e nada mais.

Ela teve vontade de puxar os próprios cabelos, de tão irritada.

— Mas fizemos o que fizemos, visando lucro!

— Certo, mas podemos acabar estragando tudo por ganância. Nosso projeto correrá perigo, se exagerarmos no preço.

— Muito bem — ela murmurou com um suspiro. — Se as casas não forem vendidas dentro de seis meses, reduziremos o preço.

— Não. Seria uma declaração de fracasso, e isso macularia nosso propósito. Quanto mais tempo as casas permanecerem vazias, pior será. Olhe, as casas do lago dos patos ficarão prontas seis meses antes das do pinheiral, e as da campina seis meses depois dessas últimas. Se não vendermos depressa as casas do lago, de jeito nenhum venderemos as do pinheiral, e as da campina, então, será melhor esquecermos.

— O que acha de estabelecermos um preço na faixa dos seiscentos mil para as casas do lago, e depois subirmos para setecentos, quando as outras estiverem prontas?

— O que acha de começarmos com quinhentos mil e depois subirmos para seiscentos?

— Não acho boa idéia.

— Acharia, se ouvisse a voz da razão.

— Mas eu sou corretora! Ganho a vida avaliando e vendendo imóveis. Se não ouvisse a voz da razão, não seria tão bem-sucedida.

Segurando uma porção de livros, John empertigou-se e lançou-lhe um olhar tão intenso que a assustou.

— Você é bem-sucedida porque pressiona as pessoas com tanta força e persistência que as vence pelo cansaço. Mas está perdendo seu tempo, comigo. Não sou do tipo que se deixa cansar.

Ela encarou-o, atônita com a veemência de seu ataque. Não podia acreditar no que ouvia. Não podia acreditar que tanta raiva partira daquele livreiro quieto, lento, com jeito

de pensador. Experimentando algo que parecia mágoa, ela engoliu em seco.

— Por que me detesta? — perguntou. — Fiz alguma coisa que o ofendeu?

— Todo seu jeito de ser me ofende.

— Por quê? Porque trabalho muito e ganho bem? Porque sei o que quero e luto para conseguir? Ou porque sou mulher? — Ela recuou um passo. — É isso, não é? Sou uma mulher forte, e você se sente ameaçado.

— Eu não...

— Não pense que é o único — ela prosseguiu, não o deixando falar. — Ameaço muitos homens. Eles invejam minha agilidade, minha inteligência, minha percepção e querem me "pôr no meu lugar", mas não conseguem.

— Não sei onde é seu lugar, e duvido que você própria saiba — John retrucou. — Mas vejo que quer estar no comando de tudo, que nem pensaria em se sujeitar a uma vida de família, a menos que pudesse usar as calças, ocupando o lugar de chefe. Quantos anos você tem?

— Isso não importa.

— Importa, sim. Devia estar em casa, criando filhos. Ela olhou-o, incrédula.

— Quem é você para me dizer uma coisa dessas? Não sabe nada a meu respeito. Não sabe por que sou assim. E parece que não percebeu que estamos na década de noventa. As

mulheres não ficam mais em casa, criando filhos.

— Algumas ficam.

— E algumas preferem trabalhar fora. É uma escolha pessoal, e fiz a minha.

— Isso é mais do que óbvio.

— Claro que é. E se você fosse um homem decente, respeitaria minha escolha. — De súbito, ela se sentiu cansada. Mudando novamente a bolsa para o outro ombro, marchou para a porta. — Amanhã ligarei para Cáster e direi que não podemos tomar nenhuma decisão. Você e eu não podemos trabalhar juntos. De jeito nenhum!

— Está fugindo da raia.

Nina estacou, então virou-se.

— Não. Estou sendo prática. Ficar aqui parada, discutindo com você, não vai levar a nada. Meus argumentos não vão fazer você mudar de idéia, os seus não vão me convencer. Estamos num impasse. Assim, teremos de fazer o que devia ter sido feito logo no início. Apresentaremos nossos argumentos aos membros do consórcio, e eles decidirão pelo voto. Mas você ainda vai precisar desse meu jeito, que tanto detesta.

— Como assim?

— Um dia, quando for vender esta casa, vai querer entregá-la ao corretor mais esperto, capaz de alcançar o preço mais alto possível. Então, vai me chamar.

Com essa, abriu a porta e saiu. Descera os degraus de madeira do alpendre e já caminhava pela trilha que levava à calçada, quando John a chamou.

— Seja o que for que queira me dizer, guarde para dizer no banco — Nina gritou sem se virar.

Alcançando o carro, deu a volta para abrir a porta do motorista.

— Nina, espere.

Ela ergueu os olhos e viu John olhando-a por cima da capota do veículo.

— O que acha de tentarmos de novo? — ele sugeriu.

— Seria pura perda de tempo — ela respondeu, abrindo a porta e sentando-se atrás do volante.

Ele foi para o lado dela e abaixou-se para olhá-la pela janela aberta.

— Podia me dar algum tempo para pensar — propôs.

— Meu amigo, você poderia pensar até ficar careca, e não veria as coisas do meu jeito.

— Talvez possamos chegar a um acordo. Você baixaria um pouco o preço, eu aumentaria um pouco.

Isso fazia sentido, ela pensou, mas a idéia de encontrar-se novamente com John Sawyer não a atraía nem um pouco.

— Por que não sugere isso na reunião de terça-feira?

— Os outros estão esperando nossa recomendação.

— Podemos recomendar que os membros decidam por votação — ela replicou, ligando o motor.

— Escute, eles vão saber que não conseguimos chegar a um acordo, mas isso não me importa. Diabos, sou um simples livreiro tentando ganhar algum dinheiro com um investimento. Mas você foi encarregada da venda das casas. Suponho que queira impressionar os outros que se sentam ao redor daquela mesa.

Ela queria. Sem dúvida.

— Se entrarmos num acordo sobre um preço que fique no meio, entre aquele que você quer e o que eu quero, o caso estará resolvido — ela disse, olhando para a frente, com as duas mãos no volante.

— Podemos conversar sobre isso.

— É a única solução.

— Mesmo assim, ainda acho que devemos conversar. Fazia anos que ela não encontrava um homem tão teimoso quanto John Sawyer.

— Tudo bem — Nina concedeu, virando a cabeça apenas o suficiente para olhá-lo. — Mas há um pequeno problema. Como vimos hoje de manhã, eu e você só tínhamos esta noite livre, e a noite se foi. O que sugere?

— Acharemos um tempinho.

— Minha semana está mais do que cheia.

— No sábado, ou no domingo.

— Eu lhe disse que vou participar de um seminário. O horário é das nove às cinco, sem falar que levarei uma hora para chegar lá e outra para voltar.

— Estará em casa um pouco depois das seis. Não podemos nos encontrar a essa hora?

— Vou me mudar daqui a dez dias. Reservei as noites para embalar minhas coisas.

— Posso ajudá-la a fazer isso.

— Não.

— Por quê?

— Porque é algo que posso fazer sozinha.

— Claro que pode, mas eu gostaria de ajudar. Não sou o fracote que você achou que eu era.

Ela encarou-o, espantada.

— Eu nunca disse...

— Mas pensou. Estava errada. Sou bastante forte para ajudá-la.

— Não quero sua ajuda. Não preciso dela.

Ele ficou em silêncio, sua expressão era um mistério.

— Terça-feira, antes da reunião — decidiu, sempre calmo. — Vamos nos encontrar no Easy Over, às sete e meia, para o café da manhã. Então, conversaremos.

Antes que ela pudesse dizer alguma coisa, ele deu um tapa na lateral do carro e afastou-se.

— John! — ela chamou, mas podia ter poupado o fôlego. Ele não parou. Cobriu a distância até a casa, subiu a escada do alpendre e desapareceu, sem um único olhar para trás.

CAPÍTULO III

Na terça-feira, Nina arrumou-se com apuro para o café da manhã com John. Escolheu um conjunto de saia e blazer bege e uma blusa de seda marrom. Não era o tipo que ela gostava de

usar, pois preferia cores vivas e modelos audaciosos, mas queria impressionar John, não como mulher, longe disso, mas como pessoa capaz de tratar de negócios de maneira eficiente. Precisava deixá-lo propenso a aceitar seus argumentos quanto ao preço das casas de Crosslyn Rise.

Chegou no Easy Over, um local que servia café da manhã e almoço, não muito longe do banco, às sete e meia em ponto. Quando viu que John ainda não chegara, ocupou uma mesa e pediu uma garrafa de café. Ele entrou cinco minutos mais tarde, usando calça caqui de corte largo, uma camisa xadrez, blazer esportivo marrom, e estava de óculos. Sentou-se à frente dela, parecendo meio sonolento.

— Desculpe o atraso — pediu. — Tive um pequeno problema em casa. — Olhou para a garrafa de café. — Está quente?

— Está — Nina respondeu, erguendo a garrafa e enchendo a xícara dele. — Resolveu o problema?

— Ah, sim. — Ele tomou um gole de café, depois outro, antes de reclinar-se na cadeira e fitá-la nos olhos. — Assim é melhor. Não tive tempo de tomar um cafezinho antes de sair de casa.

— O que aconteceu?

Ele tomou mais um pouco de café.

— Meu filho não gosta muito da babá. Não queria me Deixar sair de casa.

— Ele não está acostumado com ela?

— Gosta das moças que ficam com ele à tarde. São divertidas e cheias de energia. Mas, para ir às reuniões no banco, tenho de chamar uma outra pessoa. Ela é boazinha e responsável, mas não se relaciona muito bem com ele.

— Seu filho deve ser muito apegado a você.

— Sou tudo o que ele tem.

Como fora que a mãe do menino morrera? Ele se lembrava dela? Nina fez essas perguntas a si mesma, mas não ia perguntar nada a John. Afinal, estavam ali para tratar de negócios.

— O que vão querer? — a garçonete que parou ao lado da mesa indagou.

Nina não precisava ler o cardápio. Estivera vezes suficientes no Easy Over para saber o que era bom.

— Vou querer um Ronnie especial. O ovo cozido deve estar meio mole, o bacon crocante, e o pão bem tostado, sem manteiga. Para acompanhar, um suco de tomate grande.

A garçonete anotou tudo em seu bloquinho, então olhou para John. Ele nem abrira o cardápio.

— Quero a mesma coisa, mas com ovos mexidos e torradas com manteiga.

— Suco? — a moça perguntou.

— De laranja, grande.

A garçonete afastou-se, ainda escrevendo, e John voltou sua atenção para Nina.

— Para uma garotinha, você come bem.

— Tenho de comer. Quase nunca consigo almoçar, e só janto lá pelas oito, nove horas.

— Isso não é saudável. Ela deu de ombros.

— Não posso evitar. Esta é a época mais movimentada, e se eu não aproveitar... — Ergueu a pasta de couro, que

deixara encostada no pé da cadeira, colocou-a no colo e abriu, a. — Ontem à noite fiz alguns cálculos — anunciou, retirando algumas folhas de papel da pasta e fazendo menção de entregá-las a John.

— Ainda não — ele protestou, erguendo a mão num gesto que pedia calma.

— Não?

— Vamos comer, primeiro. — Ajeitou-se mais confortavelmente na cadeira. — Não penso direito, de estômago vazio.

— Mas estamos aqui para tratar de negócios. Podemos comer e conversar ao mesmo tempo. Os pratos ainda nem chegaram, vamos aproveitar o tempo.

Não acrescentou que teriam de estar no banco às oito e meia, que talvez não conseguissem chegar a uma conclusão a respeito do preço das casas, mas calou-se, porque o olhar de John impediu-a de continuar. Ela viu nos olhos dele algo calmo mas forte, um ar de firme comando. Também viu que os olhos dele eram bonitos e cor de âmbar.

Com o coração batendo um pouco mais rápido do que um momento antes, ela pousou os papéis na mesa, colocou a pasta no chão, recostou-se e cruzou as mãos no colo, imaginando sobre o que poderiam falar até que a refeição fosse servida. Havia muitas coisas que ela gostaria de perguntar a ele, por exemplo, a respeito da esposa falecida e do filho, de seu interesse por livros. Mas nada daquilo era de sua conta.

Ela gostava de falar. Falava muito. Seu papel na vida era manter as coisas em movimento, convencer pessoas, vender. Mas ali com John, não sabia o que dizer.

— Embalou suas coisas para a mudança? — ele perguntou, quebrando o silêncio que começava a incomodá-la.

— Quase tudo — ela respondeu, aliviada.

— Teve ajuda de alguém?

— Não.

— Não apareceram vários admiradores, querendo exibir a força dos músculos?

— Nenhum admirador. Por que imaginou isso?

— Você é uma mulher atraente, deve viver cercada de homens.

— Eu não suportaria isso. Sou uma mulher independente, e não lhe disse que não precisava de ajuda?

— Não. Você disse que não precisava de minha ajuda.

— Você levou para o lado pessoal, então. Eu não precisava... não preciso da ajuda de ninguém. Quando aparecem coisas que não posso fazer sozinha, pago alguém para fazê-las.

— Para onde vai se mudar? — John perguntou após alguns instantes de silêncio.

— Para a rua Sycamore. Ele franziu a testa.

— Ando muito por aquela rua. Não me lembro de ter visto nenhuma placa de "vende-se". Ou você, sendo corretora, pode pegar o que lhe interessa, antes de o imóvel ser anunciado?

Parecia uma estocada, mas os olhos dele tinham uma expressão benigna, e o tom de sua voz era calmo, como sempre.

— Não comprei nada. Aluguei o segundo andar de uma casa sobreposta e, sim, peguei-o antes que fosse anunciado. Esta é uma das vantagens que os corretores têm, algo perfeitamente legal.

Nina usara um tom de desafio e ficou à espera de que ele reagisse, mas John simplesmente mostrou-se surpreso.

— Vai pagar aluguel? Pensei que uma mulher de carreira, tão bem-sucedida, quisesse morar numa casa própria, espetacular, no meio de um amplo terreno, com vista para o mar.

— Não sou tão bem-sucedida assim. Ainda não — ela admitiu. Mas ia ser. Um dia, poderia comprar tudo o que desejasse. — Agora, o lugar onde moro não é tão importante quanto economizar o máximo que puder.

— Aplicou um bom dinheiro em Crosslyn Rise — ele comentou.

— Não mais do que você.

— Apliquei um bom dinheiro. Ela refletiu por um instante.

— Tem razão.

— Você quer abrir sua própria imobiliária.

— Quem lhe contou? — ela quis saber, surpresa.

— Cárter. Quando o consórcio estava sendo formado. Assim como contou a você coisas a meu respeito. Quando pretende começar seu negócio?

— Não sei. Vai depender de quanto ganharemos com Crosslyn Rise e do tempo que isso levará.

Ela ia pegar um dos papéis sobre a mesa, quando a garçonete trouxe os copos de suco. Nina agradeceu, sorrindo, então olhou para John, erguendo a primeira folha de papel.

— Não — ele disse, adivinhando o que ela pretendia. — Primeiro, preciso me alimentar.

— Suco é alimento. Beba o seu, e vamos conversar. Mas, em vez disso, ele tomou o resto de seu café e tornou a encher a xícara.

— Não está satisfeita, na Crown? — indagou.

— Tão satisfeita quanto ficaria se trabalhasse em qualquer outro lugar. Mas meu objetivo sempre foi trabalhar por conta própria.

— Quer ser independente.

— É isso aí.

— E ganhar o máximo que puder? Ela ergueu o queixo com altivez.

— Não tanto pelo dinheiro em si, mas pela liberdade que ele dá. Não gosto de estar subordinada a ninguém.

— Martin Crown é um bom sujeito.

— Muito bom — ela respondeu, pensando que um bom patrão não fora obra do acaso.

Pesquisara muito, ao mudar-se de Nova York para lá, e escolhera a imobiliária dos Crown por causa de sua boa reputação.

— Ele sabe de seus planos? — John perguntou.

— Não, e prefiro que não saiba — ela respondeu em tom

de advertência. — Tenho dado muito lucro a Martin, nos dez anos que trabalho em sua imobiliária. Mas tenho muito que agradecer a ele. Hoje, sou uma corretora muito melhor que era quando cheguei aqui. Graças a mim também, claro. Mas o que quero mesmo é ser independente, e se Crosslyn Rise me der o dobro do que investi, estarei pronta para começar meu negócio.

— O dobro do que investimos é um bocado de dinheiro — John comentou. — Vai precisar de tanto, para abrir sua imobiliária? Pensei que fosse suficiente ter uma sala e um telefone.

— Seria suficiente, mas não para o tipo de imobiliária que desejo. Quero alguma coisa

de muita classe, que funcione no melhor ponto comercial possível. E a decoração tem de ser fantástica, com os melhores móveis, obras de arte. Quero uma secretária, um sofisticado sistema telefónico e um computador de última geração. E, claro terei de fazer publicidade. Tudo isso custa dinheiro.

— Sem dúvida — ele concordou, observando-a como se ela fosse algo muito estranho que fugisse de sua compreensão. — Não pode começar de modo mais simples? Precisa ter tudo de uma vez?

Preciso. Esta é a questão. Há mais imobiliárias do que gente, por aqui. Umas são melhores do que as outras e se sobressaem. Mas uma nova, que apareça tem de ser muito especial para atrair clientes e fazer sucesso. Precisa chamar a atenção. A minha será especial. As instalações serão elegantes, os funcionários e corretores serão corteses, trabalhadores e inteligentes, para completar, haverá muita, muita publicidade.

— Funcionários e corretores? — John repetiu. Ela lançou-lhe um olhar seco.

— Não vou poder fazer tudo sozinha. Seria suicídio. Vou treinar meu pessoal, deixá-los fazer o trabalho e pegar minha parte dos lucros. Não é isso que fazem os grandes empresários? John não respondeu.

A garçonete chegou com os pratos pedidos e colocou-os na mesa. Então, retirou-se.

Acreditando que John, uma vez com o estômago cheio estaria pronto para tratar do assunto que os levava ali, Nina começou a comer.

Ele, porém, não fez menção de levar à boca o garfo com que pegara uma porção dos ovos mexidos.

— O que foi? — ela indagou.

— Estou surpreso que queira estabelecer-se aqui. Se seu objetivo é ganhar muito dinheiro e comprar sua liberdade...

— Comprar, não. Garantir.

— Garantir. Se é isso o que você quer, não seria melhor abrir sua imobiliária numa cidade bem maior?

— Já morei em Nova York e descobri que não gosto de cidades grandes.

— Por que não?

— Tudo muito frio e impessoal. Posso ser dura, agressiva, ambiciosa, uma trabalhadora compulsiva, mas gosto de morar num lugar onde sei o nome do dono da mercearia e ele sabe o meu. Além disso, amo o mar.

— Acha tempo para olhar para o mar?

— Olho sempre, indo para cá e para lá. — Nina apontou para o prato dele. — Coma. O tempo está passando.

— Passa um dia inteiro na praia, de vez em quando?

— Um dia inteiro? Não. Uma hora, duas. Mais do que isso, e começo a ficar inquieta.

— Nunca teve vontade de ficar deitada na areia durante horas, ouvindo as pessoas e o marulhar das ondas?

— Não. Estou sempre muito ocupada.

John levou o bocado de ovos à boca, mastigou e engoliu

— Isso é triste.

— Pode ser para você, mas para mim não é. Prefiro olhar rapidamente para o mar várias vezes durante o dia, certificar-me de que está lá, ouvi-lo à noite, enquanto trabalho em casa, ou

leio, do que ficar deitada na areia, sem fazer nada

— Usa o mar como acompanhamento para suas atividades. Não vai à praia só para admirá-lo?

— Por que iria? É o melhor acompanhamento do mundo, Torna tudo o que faço muito mais agradável.

. — É triste — John tornou a dizer, e Nina começou a ficar irritada.

— Não vejo nenhum bronzado em você — ela atacou.

— Ainda não tive tempo, nesta primavera. Mas pode apostar que não demorei muito para ganhar um bronzado. Assim que as aulas de meu filho diminuïrem um pouco, nós dois iremos à praia todos os dias.

Nina ia perguntar de que aulas ele estava falando, mas conteve-se a tempo, lembrando que o menino era deficiente. Não queria deixar John constrangido. E, afinal, a vida dele não era de sua conta.

— As pessoas são diferentes — disse em tom displicente. — Você gosta de praia, eu não, e assim por diante. — Pensou que havia coisas mais importantes sobre o que falar e pôs a mão sobre os papéis que empurrara para um lado. — Não acha que devemos dar uma olhada nisto? A reunião no banco começará em menos de meia hora.

— Como foi o seminário?

— Foi ótimo. — Bateu nos papéis. — O que tenho aqui é minha recomendação pessoal. Eu...

— Aprendeu muito, no seminário?

Nina moveu a cabeça afirmativamente, encarando-o.

— Quanto mais eu pensava no assunto do preço, mais percebia que encontramos algo de bom, na última vez em que conversamos. A idéia de...

— Valeu a pena passar quatro dias fora?

Ela respirou fundo para não perder a paciência.

— Valeu.

— Agora é melhor corretora do que antes?

— Adquiri mais conhecimento — ela respondeu. — A idéia de ir aumentando o preço das unidades progressivamente...

— Você nunca se cansa?

Nina apertou os lábios, irritada.

— De trabalhar? Adoro o que faço.

— Mas nunca se cansa?

— Fisicamente?

— Mentalmente. Nunca deseja parar, nem que seja por um pouco de tempo?

— Se ficar parando, demorei demais para alcançar meu objetivo.

— Não tem medo de sofrer um esgotamento nervoso?

— Não. Quando chegar onde quero, terei muito tempo para descansar, sem correr nenhum risco.

— Que riscos poderia correr agora?

— De perder não só vendas, como minha reputação, minha posição na imobiliária. Há uma porção de corretores que até matariam para conseguir pegar minhas listas. Se eu não

trabalhar, não conseguir resultados positivos, só perderei.

John fez um trejeito de desgosto.

— Só de ouvir você, fico cansado.

— Não precisa ouvir — Nina retrucou. — Se não me fizer perguntas, não terá de ouvir minhas respostas. Tudo o que quero é chegar a uma conclusão a respeito disto! — exclamou, erguendo o fino maço de papéis e batendo-o na mesa.

John encarou-a. Ela sustentou-lhe o olhar. Quando percebeu, estava sentindo a força tranqüila que emanava dele, a mesma que sentira na noite em que fora vê-lo na livraria. O coração perdeu o ritmo e agitou-se ainda mais, quando os olhos cor-de-âmbar começaram a percorrer o rosto dela num lento exame. Ela se sentiu tocada nas faces, no nariz, no queixo e finalmente na boca.

A indignação que experimentara momentos antes desaparecera, empurrada para longe por uma estranha e agradável sensação.

— John, não temos muito tempo — ela forçou-se a dizer — Precisamos conversar.

Ele, no entanto, ainda não acabara de examiná-la. Seu olhar desceu para o pescoço esbelto e lentamente deslizou para a suave elevação dos seios.

— John! — Nina chamou, tentando ignorar o leve tremor que a percorreu.

— O quê? — ele murmurou, erguendo os olhos para os dela.

— Preciso mostrar-lhe meus papéis.

— Que papéis?

— Estes.

— Não vai desistir, não é?

— Desistir? Mas foi para conversarmos sobre isso que nos encontramos aqui!

John não disse nada, continuando a fitá-la. Nem mesmo as lentes dos óculos disfarçavam a força dos olhos castanho-claros..

— Não foi? — Nina perguntou, sentindo-se invadida por aquele olhar.

— Não.

— Então, para quê?

— Para tomarmos o café da manhã.

— Só para isso? Mas por quê? Seu café da manhã teria sido mais barato, e você não precisaria ter se levantado tão cedo, se ficasse em casa com seu filho. E por quê, pelo amor de Deus, me fez vir aqui, se não tinha nenhuma intenção de falar sobre Crosslyn Rise?

— Vamos falar, sim, depois que acabarmos de comer.

— Eu já acabei — ela informou, exasperada. — O que faço, enquanto espero você?

— Relaxe, respire, olhe por aquela janela e observe as gaivotas. Tome mais café, saboreando, sentindo o cheiro. Você está passando pela vida numa correria louca, Nina. Não sabe o que está perdendo com essa pressa toda.

Ela ficou muda de incredulidade, os olhos fixos nele. Precisou respirar fundo e engolir uma espécie de nó na garganta antes de se sentir capaz de falar.

— A vida é minha — disse por fim. — Sou livre para fazer o que quero, para correr quanto quiser.

— Não vai correr, enquanto estiver comigo — ele declarou em tom gentil, mas firme.

— Muito bem — Nina murmurou. Que fosse como ele queria. Se não chegassem a nenhum acordo, os membros

do consórcio decidiriam a questão através de uma votação.

— Felizmente, não estarei mais com você, depois deste encontro. — Sorriu friamente.
— Coma. Não tenha pressa. Vou ficar sentada aqui, admirando a paisagem.

Não achou fácil ficar quieta durante o tempo que John levou para acabar de comer. Faltavam dez minutos para o início da reunião no banco, quando ele pediu para ver os papéis. De modo surpreendente, os dois chegaram facilmente a um acordo, e a terceira sugestão apresentada por Nina foi considerada a melhor. Então, foram juntos para o banco.

Uma hora mais tarde, quando entrou em sua sala, na imobiliária, ela se sentia como uma panela de pressão prestes a explodir. Jogando a pasta na mesa, fechou os olhos, cerrou os punhos, deixou pender a cabeça para trás e soltou um grito abafado por entre os dentes.

— Como foi a reunião? — Lee perguntou, aparecendo na porta.

— Nem queira saber — Nina respondeu, recuperando a compostura.

— Que sugestão ele escolheu?

— A terceira.

— Os outros membros concordaram?

— Concordaram. Não me pergunte por que não discuti. Devia ter discutido.

— Mas a terceira sugestão é boa.

— Nem tanto.

— Então, por que concordou com John?

— Porque... porque... — Ela hesitou, então quase gritou: — Porque ele me venceu pelo cansaço!

— Você não disse que ele é calmo demais, comedido demais, lento demais?

— E é.

— Mas venceu você pelo cansaço. — Lee sorriu de maneira estranha. — Que novidade! Geralmente, é você que vence os outros assim. Acho que está perdendo o jeito. Deu uma risadinha, quando Nina fulminou-a com um olhar-

— Brincadeira. Vai ver que ele a pegou de surpresa.

Não, não era isso, Nina sabia. Fora a persistência de John, sua fleuma, aquela obstinação que nada tinha de irracional. O fato era que ele possuía uma capacidade de determinação mais forte do que ela esperara.

— Crosslyn Rise ainda vai me matar — resmungou, pegando os recados anotados em papeizinhos cor-de-rosa. Examinou-os, então atirou-os de volta na mesa. — O pior de tudo é que eles querem que John e eu continuemos a trabalhar juntos! Dá para acreditar? Ele será uma espécie de consultor. Durante o verão, os membros do consórcio vão se reunir apenas uma vez por mês, mas querem que nós dois nos reunamos todas as semanas!

— Não será tão ruim, você vai ver — Lee tentou consolá-la.

— Pura perda de tempo. — Nina ergueu os olhos para o teto com ar suplicante. — Alguém lá em cima que me ajude, ou ficarei louca antes do fim do verão. Pelo menos, já posso mandar a gráfica imprimir as brochuras. — Olhou para a amiga, então para um bloco de papel sobre a mesa, onde escrevera uma lista de nomes. — E vou dar uma festa no fim de semana do Quatro de Julho para lançar a campanha de vendas. Isto é, se a casa-modelo estiver pronta. Christine acha que terminará a decoração até o final de junho. Vai ser um arraso. — Tornando a olhar para Lee, perguntou:

— Você tem estado em Crosslyn Rise, ultimamente?
— Não. Prefiro ir com você. Vamos hoje, depois do almoço? Foi só ao ouvir a moça falar em almoço, que Nina lembrou-se de algo que jurara não esquecer.
— O almoço! Tem razão! — Sorrindo, abraçou a amiga.
— Feliz aniversário, Lee!
— Oh, obrigada. Separaram-se, rindo.
— Desculpe-me — Nina pediu. — Quase esqueci, por causa de todos os aborrecimentos que tive esta manhã. É bom completar vinte e nove anos?
— Você já passou por isso. Deve saber como é.
— Não, acho que não sei. Veio e passou tão depressa, que nem senti. — Nina lembrou-se do que John dissera,

sobre ela passar correndo pela vida. Então, afastou o pensamento. — Então, vamos sair para almoçar e comemorar. Fez outros planos?

— Vou jantar com meus pais, num restaurante do centro da cidade.
— Que bom. — Nina disse com entusiasmo.
— Tom e eu já comemoramos, ontem à noite — Lee contou, tocando nas orelhas. — Veja o que ele me deu.

Nina viu os brincos, perguntando-se como não os notara antes, pois brilhavam intensamente nos lóbulos rosados.

— Nossa! — exclamou, aproximando-se para ver melhor. — São lindos!
— Brilhantes — Lee informou com orgulho. — Tom me fez prometer que farei um seguro.

Nina refletiu que, se Tom Brody tivesse classe, daria a Lee um ano de seguro pago, juntamente com os brincos.

— Ponha no seguro, sim — aconselhou, sem acrescentar que devia fazer isso para ter pelo menos algo de valor, quando Tom a abandonasse. Não era uma desmancha-prazeres. — Tom não vai jantar com vocês? Já conhece seus pais?

— Ele precisou ir para Buffalo, mas foi melhor assim. Meus pais começariam a vê-lo como meu futuro marido, e Tom não precisa desse tipo de pressão. O trabalho já o pressiona demais.

Nina sentiu um arrepio gelado. Desculpar um homem era sinal certo de que a mulher estava dando mais do que recebia. Mas, antes que pudesse dizer isso, Lee caminhou para a porta.

— Martin foi ao dentista, tratar de um canal — a moça explicou. — Disse a ele que o substituiria, mostrando alguns apartamentos para um casal de Berkshire, que deseja comprar um para a filha que entrou na universidade de Salem.

— Certo. O que acha de eu fazer reservas no restaurante para meio-dia e meia? — Nina perguntou.

— Ótimo. Estarei de volta bem antes. Tchau.

Nina acenou uma despedida, pensando que quase esquecera o aniversário de Lee. Aquilo era imperdoável, mas,

felizmente, ela se lembrara a tempo. Melhor de tudo, não tinha nenhum compromisso para a hora do almoço, de modo que poderia comer tranquilamente na agradável companhia da amiga. Para compensar o café da manhã, durante o qual só se aborrecera.

John, com aquele seu jeito inocente, fleumático, sabia ser irritante. Era o tipo de pessoa que provocava úlcera gástrica nos outros. Na verdade, era espantoso que pudesse ser tão calmo, tendo um filho deficiente. Não devia ser fácil para ele, criar o menino sozinho.

Com um suspiro, Nina sentou-se e pegou os papeizinhos de recados, começando a alinhá-los na mesa, um ao lado do outro. Viu, então, o recado de Anthony Kimball, o médico que era diretor de uma clínica em Omaha, onde a mãe dela vivia. De acordo com o recado, ele ligara às nove, naquela manhã, e dissera que precisava falar com ela.

Erguendo o telefone do gancho, Nina teclou o número que sabia de cor.

— Dr. Kimball, por favor — pediu. Informou seu nome, então esperou que a ligação fosse transferida para a sala dele.

— Nina?

— Eu mesma, dr. Kimball. Recebi seu recado. Algum problema?

— Sua mãe teve uma espécie de convulsão, à noite, e a pressão sangüínea caiu demais. Nós a estabilizamos, mas vamos fazer exames para tentar descobrir o que causou a convulsão. Pode ser o início daquele enfraquecimento que já é esperado.

— Ela sente dor?

— Não demonstra.

— Tem consciência de alguma coisa?

— Acredito que não. Nina suspirou.

— Acho que precisamos ser gratos por isso — Nina murmurou, pressionando os dedos contra os olhos. Esse enfraquecimento... progride rapidamente, depois que começa?

— Não posso responder a isso, Nina. Cada caso é um

caso. Pode levar um mês, dez, um ano, mas talvez seja bom você não demorar muito para vir vê-la.

Ela não precisava consultar a agenda para saber que não teria nenhum tempo livre em várias semanas. Era a época mais agitada do ano, para corretores. Uma viagem a Omaha tomaria tempo precioso. E a deixaria esgotada, emocionalmente. Ver a mãe era sempre doloroso.

— Posso ligar na semana que vem para saber como ela está — sugeriu. — Se ela continuar estável, esperarei um pouco, antes de ir.

O médico concordou, como ela esperava. Embora a clínica fosse a melhor que Nina encontrara, não era diferente das outras em sua preocupação com dinheiro. Enquanto os cheques continuassem chegando, Anthony Kimball e seu pessoal estariam contentes.

Desligando o telefone, ela sentiu a mesma dor surda que sempre experimentava quando pensava na mãe. Tanto potencial desperdiçado! A linda mulher era agora um vegetal. Nina gostaria de poder atribuir o fato a uma doença como o mal de Alzheimer, mas o cérebro de sua mãe não sucumbira a nada parecido. Ela usara drogas. Drogas pesadas. Drogas demais. Não morrera de uma overdose, sobrevivera, apenas para ficar imóvel, em qualquer posição que a pusessem.

Nina sofria com isso. Não sentia a perda, porque nunca pudera contar com a mãe, mas havia momentos em que imaginava como tudo poderia ter sido diferente. Mas não adiantava pensar, pois apenas sofria mais. Uma das primeiras lições que ela aprendera na vida fora que o único antídoto para o sofrimento era a atividade. Essa era a lição pela qual ela ainda vivia.

CAPÍTULO IV

Nina mudou-se no domingo. Em vez de contratar uma empresa de mudanças, pagou dois jovens para transportar, na caminhonete de um deles, os poucos móveis e a grande quantidade de livros, discos, roupas e utensílios domésticos para a nova residência.

Ao meio-dia foi feita a última viagem, e logo depois Nina começou a trabalhar para pôr ordem naquilo tudo. Empurrou os móveis para os lugares onde achou que ficariam bem, então começou a abrir as caixas de papelão que continham as coisas menores. Estava de pé no meio do caos, sentindo-se um pouco confusa, quando ouviu alguém chamá-la do vestibulo, no andar térreo.

— Quem é? — perguntou, olhando na direção da porta de entrada, que deixara aberta.

— Sou eu, Nina. John Sawyer. Posso subir?

— Ha... — ela olhou em volta, aturdida, então respondeu: — Pode.

John Sawyer? Ela não o vira mais, desde a terça-feira e, embora desse graças a Deus por isso, mais de uma vez imaginara o que fora feito dele. O consórcio queria que os dois trabalhassem juntos, mas como ela não ficara nada satisfeita com a idéia, decidira deixar que ele tomasse a iniciativa de procurá-la. No entanto, não esperara que ele a procurasse em sua casa, muito menos na casa nova, cujo endereço apenas algumas poucas pessoas conheciam.

Ele apareceu no alto da escada segundos depois. Usava

jeans, camiseta e tênis. Os cabelos estavam alvoroçados, as faces e o nariz, vermelhos. E ele exibia um amplo sorriso, que fez algo agitar-se dentro dela.

— Como me encontrou, John?

— Seu carro me deu a pista. Você disse que ia se mudar para esta rua, e não há nenhuma outra casa por aqui com um cintilante BMW vermelho na entrada de veículos.

Por alguma razão obscura, Nina achou que devia justificar o fato de possuir um carro tão caro.

— O BMW não é novo. Comprei-o numa agência de carros usados e mandei pintar. Muita gente acha pretensão minha ter um carro desses, quando vivo tão modestamente, mas é que ele impressiona os clientes. Todo mundo adora passear nele.

John observou-a, sorrindo.

— Você não adora?

— Acho que sim. — Ela fez uma pausa. — O que veio fazer aqui?

— Vim ajudar — John declarou.

Pôs as mãos nos bolsos traseiros do jeans, um gesto que seria totalmente inocente, se não fizesse a camiseta esticar-se sobre os músculos desenvolvidos do peito. Nina sentiu um aperto no estômago e um estranho arrepio.

— Eu disse que não precisava de ajuda — replicou secamente.

— Todos nós precisamos, de vez em quando. — Ele olhou para a grande quantidade de caixas espalhadas no chão. — Isto aqui vai continuar na total bagunça, enquanto todas as coisas não forem tiradas das caixas e guardadas em seus lugares. Por que prefere se sobrecarregar, fazendo isso sozinha, aos poucos, todas as noites ao voltar do trabalho, se nós dois juntos podemos fazer tudo hoje?

Ele não deixava de ter razão, Nina refletiu.

— Não tem coisas melhores para fazer? — perguntou.

— Na verdade, não. Fui com J.J. à praia, de manhã, e ele vai passar o resto do dia na casa de um amiguinho. A loja está fechada, porque é domingo, de modo que tenho

Tempo de sobra. — Tirando as mãos dos bolsos e plantando-as nos quadris, perguntou: — Por onde começo?

— Ha... — Nina tentou concentrar-se, mas, embaraçada, só conseguia pensar que não tomara banho, que estava sem maquiagem e que, com os cabelos curtos, o jeans e a camisa larga, mais parecia um garoto do que uma mulher. — Olhe, John, você não precisa...

— Por onde? — ele insistiu.

Pulando por cima de uma caixa, curvou-se para ler o que estava escrito na lateral da de trás. As palavras "sala de estar" haviam sido riscadas, e abaixo apareciam outras, "sala de jantar", também anuladas. Sobrava "quarto", mas quando ele abriu a caixa, viu que continha panelas.

— Sempre uso essas mesmas caixas em todas as minhas mudanças — Nina explicou. — Mas dessa vez não tive paciência para separar as coisas de acordo, então está tudo misturado.

— Não há problema — John assegurou, erguendo a caixa de panelas. — Esta aqui eu sei que vai para a cozinha. — Moveu a cabeça na direção dos fundos da casa. — Para lá?

— É.

Ele passou por ela, atravessou a sala de jantar, ligada à de estar por uma porta em arco, e entrou na cozinha. Não demorou muito para que Nina ouvisse o barulho de panelas e assadeiras sendo empilhadas. Imaginando onde ele guardaria os utensílios, foi à cozinha e viu agachado diante de um dos armários.

— Não sei se você vai querer as panelas aqui, mas pelo menos tirei-as do caminho.

— Está ótimo — ela afirmou.

— Por que não separa as caixas que vão para o quarto? Eu as levo para lá, e aí você pode guardar suas roupas e tudo o mais, enquanto faço outra coisa.

— John, você não precisa...

— Não preciso, eu quero. E não vá me dizer que não está gostando da minha ajuda. Seria grosseria demais responder que não estava. Além disso, ela estaria mentindo.

— Estou, mas...

— A menos que haja alguma coisa aqui que você não quer que eu veja.

— Não, não há, mas...

— Ou está esperando alguém, e minha presença seria embaraçosa?

— Não estou esperando ninguém.

— Então, não existe nenhum problema.

— Existe, sim! — ela exclamou, exasperada. — Eu lhe disse que, se quisesse ajuda, pagaria alguém.

Ele ergueu os olhos para ela.

— Eu me lembro bem disso.

— Bem, não falei à toa.

Ele voltou a atenção para o que estava fazendo e colocou outra panela no armário, dentro de outra maior. Então, tornou a olhar para Nina.

— Estou fazendo isso de graça, como amigo — disse, franzindo a testa. — Você não me deve nada.

Ela sentiu-se corar.

— Eu sei.

— Acho que não sabe, não. Você deixou claro que prefere pagar, quando precisa de ajuda, mas eu me ofereci e só vejo dois motivos para sua relutância em aceitar minha oferta: ou não suporta minha companhia, ou tem medo de que haja algum tipo de preço.

— Não...

— Sei que não nos demos muito bem, em nossos outros encontros, por isso pode ser que você não me suporte — ele continuou, não permitindo que ela falasse. — Se for este o caso, diga-me e irei embora. E, se tem medo de que eu vá cobrar, de alguma forma, pode ficar tranqüila. Não haverá nenhum tipo de cobrança. Acredita em mim?

Nina não respondeu imediatamente.

— Acredito — murmurou por fim, sentindo-se envergonhada.

— Então, relaxe. Estou aqui para ajudar. Use-me quanto quiser.

— Tem certeza de que não tem mais nada para fazer?

— Absoluta.

Olhando-o ali agachado, com o rosto erguido para ela, Nina disse a si mesma que ele não era feio. Ao contrário, era bem bonito, mesmo com aqueles óculos. Os cabelos mais longos do que o convencional, a pele ligeiramente bronzeada, a camiseta e o jeans davam-lhe um ar moderno, esportivo, e os óculos apenas aumentavam o charme.

— Tudo bem — ela concordou e começou a andar na direção da porta. — Vou separar as caixas.

Quando John voltou à sala, ela dividira as caixas em grupos, um para cada cômodo da casa. Ele levou para o quarto todas as que eram de lá, então continuou a arrumar a cozinha.

Trabalharam sem parar durante duas horas, pouco se falando, o que Nina achou ótimo. No entanto, quando começaram a tirar os livros das caixas e arrumá-los na estante, o trabalho ficou mais lento, porque John começou a tecer comentários sobre eles, parando de vez em quando para folhear um ou outro.

Nina tentou continuar em movimento, arrumando os volumes nas prateleiras, mesmo quando dava sua opinião. Mas as perguntas que John fazia eram boas, exigiam que ela pensasse antes de responder, e os dois acabaram por trabalhar mais devagar.

Ela nunca se considerara uma intelectual. Tinha um diploma universitário, mas estudara mais por motivos práticos do que por amor ao aprendizado. John, no entanto, era um intelectual. Isso ficava claro no modo como ele agia e até em sua aparência, para não falar de sua ocupação. Devido a essa diferença entre eles, Nina deduzira que teriam dificuldade em comunicar-se. Para sua surpresa, não tinham. Ele não fazia referências obscuras a autores clássicos ou a filósofos. Expressava seus pensamentos numa linguagem simples, sem usar termos empolados, sem esnobismo. Ela descobriu que era muito agradável conversar com ele.

Estavam sentados no chão para descansar um pouco, envolvidos

numa discussão sobre James Joyce e a esposa dele Nora, quando John perguntou a Nina se ela almoçara.

— Não — ela respondeu, surpresa, pois nem pensara em comer, então olhou para o relógio de pulso. — Nossa, já passa das três.

— É, eu sei. Estou morto de fome. — Vou buscar alguma coisa — ele disse,

ajoelhando-se e tirando o chaveiro do bolso dianteiro do jeans. — O que você quer?

— Nada, eu...

— Não está com fome?

— Quase nunca almoço.

— Vou querer sanduíche de lagosta — John anunciou. — E você?

Nina sentiu a boca encher-se de água.

— Também quero, mas só se eu pagar.

John hesitou, refletindo que ela era bem capaz de não comer nada, se ele pagasse o almoço.

— Está bem — concordou, embora a contragosto, e pôs-se de pé.

Ela se levantou também e foi pegar a bolsa que estava sobre a lareira. Ao passar por John, sentiu o cheiro da pele dele. Um cheiro saudável de homem. De homem atraente.

Convencida de que a tensão provocada pela mudança estava deixando sua mente confusa, ela pegou a bolsa e procurou a carteira, de onde tirou dinheiro suficiente para pagar os sanduíches e refrigerantes. Entregou as notas a John.

— Eu nunca permitiria que pagasse, se não fosse pela encrenca que você criou, não querendo minha ajuda — ele observou. — Do modo como vejo as coisas, o almoço é o pagamento pelo meu trabalho. Estamos quites. Certo?

O olhar dele era tão firme e penetrante, que Nina sentiu-se meio perdida, incapaz de responder. Apenas moveu a cabeça, concordando.

Pondo o dinheiro no bolso, John saiu e desceu a escada.

Enquanto ele esteve fora, ela entrou em atividade frenética.

Esvaziou as duas últimas caixas de livros, que colocou na estante, então foi desembalar os CDs. Tentou não pensar em nada que não fosse o que estava fazendo, mas às vezes imagens perturbadoras passavam por sua mente: os braços fortes de John, os cabelos castanhos caindo sobre a nuca, o rosto expressivo. E o cheiro másculo, de vez em quando, parecia invadir-lhe as narinas novamente.

Ela já enchera dois suportes de CDs e começava a encher o terceiro, quando John retornou.

— Isto é uma delícia — ele disse com um sorriso, mostrando os sacos de papel da lanchonete.

Num instante, arrumara tudo sobre duas caixas de papelão: os sanduíches de lagosta, embalagens de salada de batatas, milho verde na espiga e latas de refrigerante.

— Hoje escapei do McDonald's. É só lá que vou — comentou com um suspiro.

— Seu filho gosta do MacDonalds?

— Adora. Se dependesse dele, iria lá todos os dias.

— O que ele costuma comer?

— Sempre a mesma coisa: um hambúrguer, um saco pequeno de batatas fritas e milk shake de chocolate. Quase nunca toma todo o milk shake, mas devora o resto. Um espanto, para um sujeitinho tão pequeno.

— Tem quatro anos, não é?

— É. — Sentando-se no chão, encostado numa das caixas ainda cheias, ele pegou um dos sanduíches, mordeu-o, fechou os olhos, mastigou lentamente e engoliu. — Hummmm.... mas é muito bom! — exclamou, abrindo os olhos.

Nina imitou-o, sentando-se no chão e usando uma outra caixa como encosto. Usando um dos garfos de plástico que acompanhavam o resto das coisas, experimentou a salada de batatas.

— Isto também é muito bom — afirmou, comendo mais um pouco.

Refletiu que podia satisfazer sua curiosidade, agora que John e ela eram amigos. De repente, surpresa, percebeu que fazia tempo que pensava em certas coisas.

— Fale de seu filho — pediu, tomando um gole de refrigerante.

Os óculos de John não esconderam a expressão cautelosa que os olhos cor de âmbar assumiram. Era claro que ele protegia o filho, e Nina esperou ouvi-lo dizer que aquele assunto não era de sua conta.

— J.J. é um garotinho meigo, que já sofreu na vida —. ele disse.

— Quantos anos ele tinha, quando a mãe morreu?

— Um ano. Não se lembra dela.

— Você acha isso bom, ou mau?

— Bom, porque assim ele não sabe o que perdeu. Nina gostaria de saber como a mulher morrera, mas não perguntou, achando que seria muita indiscrição.

— Então, você dá amor em dobro ao garoto.

— Tonto. — Pensativo, John tornou a morder o sanduíche e, quando engoliu o bocado, continuou: — As vezes acho difícil saber se estou fazendo o que é certo. As regras costumeiras não se aplicam a J.J., porque ele é um menino especial.

Comendo seu sanduíche, Nina esperou que ele prosseguisse. Por mais curiosa que estivesse, não queria parecer bisbilhoteira. O silêncio entre eles estendeu-se, mas não era incômodo.

— O que sabe de J.J.? — John perguntou por fim, olhando para ela.

— Só que tem problemas de visão e audição.

— Ele usa óculos e aparelho auditivo. — As palavras pareceram causar sofrimento a John. — Oh, Deus, dá pena vê-lo, às vezes. Pobre menininho! Não merecia isso.

— O que foi que causou a deficiência? — Nina quis saber. Ele deu de ombros.

— Ninguém sabe. Nasceu assim.

— Vocês perceberam logo?

— Quando ele tinha seis meses. Notamos que não reagia aos sons. Foi quando levei-o para fazer exames, que revelaram a deficiência visual também. E não podia usar óculos,

pois era muito pequeno. Começou a usá-los com mais de um ano, e foi muito difícil. Infelizmente, não há muito que a medicina possa fazer.

— Mas os óculos ajudam, não?

— Muito. Ele até pode ler.

— Sabe ler, aos quatro anos de idade? — Nina admirou-se. John lançou-lhe um sorriso típico de pai orgulhoso.

— Lê, sim. É muito inteligente.

— Acredito.

— Eu não acreditava que pudesse ser. Devido aos outros problemas, os médicos disseram que havia a possibilidade de ele ter retardamento mental. Graças a Deus, estavam errados.

— Você vai colocá-lo numa escola especial, não é? — Nina comentou.

Sabia que fora mais por essa razão que John investira em Crosslyn Rise. Administrado com perícia no correr dos anos, o lucro cobriria os altos custos de uma educação especializada.

— É necessário — John explicou. — Ele ouve muito mal. Ele precisa aprender a linguagem de sinais, a ler lábios e a falar.

— Vai começar no ano que vem?

— Já começou, desde que descobrimos o problema. J.J. e eu temos sessões com um fonoaudiólogo todas as manhãs, e à tarde ele brinca com crianças que também têm deficiência auditiva. Os outros pais recebem o mesmo treinamento que eu. O aprendizado, para essas crianças, tem de ser contínuo. — John pareceu assustar-se de repente e olhou depressa para o relógio. Então, deixou escapar um suspiro. — Pensei que fosse mais tarde. J.J. está com uma dessas famílias, hoje, e preciso ir buscá-lo, mas ainda tenho algum tempo.

— Oh, John, estou com remorso! Acho que não é sempre que você tem uma tarde livre, como hoje, e desperdiçou-a me ajudando. Desculpe-me.

Ele a olhou com estranheza.

— Por quê? Se eu não quisesse vir, não teria vindo. Você

não me convidou. — Fez uma pausa. — Na verdade, nem me queria aqui. Eu impus minha presença, por isso, não sinto nenhum remorso. — Nova pausa. — Até acabei ganhando um sanduíche de lagosta, além de alguns momentos bastante agradáveis. — Baixou o tom de voz para dizer: — Gosto mais de você quando fala de livros, do que quando fala de imóveis.

— Idem — ela disse. — Você não é tão chato quanto o julguei no começo.

— Não? — ele perguntou com um sorriso lânguido, os olhos pousando nos lábios de Nina por um tempo longo demais.

— Acho que no caso de Crosslyn Rise você mostrou falta de visão — ela desconversou, sentindo a voz enfraquecer. Parecia que todo seu corpo enfraquecia, estranhamente quente e trêmulo por dentro. — Mas foi bom saber que você gosta de sanduíche de lagosta.

— Gosto — ele afirmou, levantando-se. — Bem, acho que preciso ir.

Nina ergueu-se também.

— Obrigada — agradeceu — Por tudo.

John caminhou para a porta, tirando o chaveiro do bolso, e algo no jeito dele alarmou Nina.

— Não o deixei perturbado, perguntando a respeito de seu filho, deixei? — ela perguntou.

— Não, não — ele respondeu, parando na porta, mas sem virar.

Nina aproximou-se.

— Fiquei curiosa, mais nada.

Ele brincou com as chaves em sua mão, fazendo-as tilintar.

— Isso é normal.

Nina se aproximou ainda mais.

— Você deve ser um excelente pai. Estou começando a me sentir um nada.

— Então, somos dois.

Ela franziu a testa, confusa.

— Dois?

John virou-se lentamente, e o que ela viu em seus olhos deixou-a sem fôlego.

— Pensei que fosse imune a mulheres como você. Achei que de modo algum uma mulher que só pensa na carreira poderia despertar meu interesse, mas estava errado.

Nina ouviu uma vozinha interior aconselhá-la a virar-se e fugir, mas as fortes e rápidas batidas de seu coração sufocaram-na.

Ele pôs a mão no rosto dela, deixando-a subir ao longo da face até sentir o leve contato dos cabelos na ponta dos dedos.

— Mande-me parar de querer beijá-la — ele pediu. Ela, porém, não podia fazer isso. Por mais esquisito que fosse, porque John Sawyer era a antítese do tipo de homem que a atraía, ela queria que ele a beijasse. Talvez quisesse o beijo dele desde que o vira chegar, usando aquela camiseta que revelava o peito largo e musculoso. Ou mesmo desde a noite em que fora à loja de John e o achara tão diferente do homem que via todas as semanas no banco. Desde que o vira suado. Suor era algo humano. Suor era algo íntimo. E, se havia a química certa entre um homem e uma mulher, o suor dos dois era um poderoso afrodisíaco.

Quisesse ou não, Nina tinha de admitir que havia a química certa entre ela e John. De maneira alguma ela seria capaz de se mover, de se afastar dele. De maneira alguma poderia virar a cabeça para fugir dos lábios másculos que se aproximavam dos seus.

John beijou-a uma vez, duas, três. Parecia estar saboreando-a. A boca era firme, experiente, molhada, e os beijos deixaram Nina fraca e ofegante. Quando ele finalmente ergueu a cabeça, ela continuou de olhos fechados, sentindo-se a quilômetros e quilômetros de tudo o que era real, transportada para um lugar onde só havia sensações, onde nunca estivera antes.

— Eu não devia ter feito isso — ele disse baixinho.

— Talvez não — Nina murmurou, abrindo os olhos.

— Você não é meu tipo.

— Nem você é o meu.

— Então, por que aconteceu?

— Química? — ela sugeriu.

John ficou em silêncio por alguns segundos.

— Acho que sim — concordou então, passando um dedo nos lábios dela, úmidos e mornos. — Não vim aqui com essa intenção. Espero que saiba disso.

— Eu sei — ela respondeu, e estava sendo sincera.

— Não estou procurando nada — ele continuou. — Não tenho tempo para outras coisas que não sejam minha loja e meu filho.

— Ei! — ela exclamou, dando um passo atrás. — Não estou pedindo nada. — E foi você que começou isso tudo, me beijando.

— Você não me mandou parar.

— Estava curiosa, querendo saber como seria. Agora já sei, minha curiosidade está satisfeita. Acabou. Ponto final.

John moveu a cabeça num gesto afirmativo, mas não se moveu. Parecia mergulhado em pensamentos.

— Foi bom? — perguntou em tom suave.

— Isso não vai melhorar a situação.

— Quero saber.

— Ficaré zangado, porque a última coisa que deseja é que alguém como eu diga que gostou do seu beijo.

— Mas gostou?

— John, por que não deixa as coisas como estão? — Nina implorou.

— Porque eu quero saber — ele repetiu com a teimosia de uma criança.

— Gostei — ela declarou, olhando-o nos olhos. — Foi bom. Muito bom. E lamento que tenha acabado. Mas tinha de acabar, porque somos pessoas totalmente diferentes, com desejos e necessidades diferentes. Você não compreende por que falo tão depressa, e eu não entendo por que você fala tão devagar. Eu quero ganhar dinheiro, você quer meditar na praia. Mundos separados, John. É isso o que somos. Mundos separados.

— É uma pena — ele lamentou, percorrendo as feições dela com o olhar. — Você é tão bonitinha....

— Bonitinha — ela ecoou em tom de zombaria. — É isso que toda mulher de mais de trinta anos deseja ouvir.

— Mais de trinta anos?

— Trinta e um, para ser exata. Ele sorriu de leve.

— Não parece.

Aquele sorrisinho irritou-a. Nina não gostava que rissem dela.

— Bem agora que já sabe minha idade, pode entender que sei o que falo, que sei o que quero, que não sou nenhuma garota que acabou de sair da escola, cheia de entusiasmo e planos grandiosos. Tenho anos de experiência no meu ramo, e agora que estou prestes a atingir meu objetivo não vou deixar que ninguém me atrapalhe. — Parou para tomar fôlego, então continuou: — Portanto, se acha que vou ficar pensando nesses beijos, querendo outros ou algo mais, está redondamente enganado. Eu estou correndo, e você só me atrasaria. Não quero que isso aconteça.

Tendo despejado tudo de maneira tão concisa, ela ergueu o queixo numa atitude de desafio, esperando que John, como de costume refletisse durante longos instantes, antes de replicar.

Passaram-se alguns segundos, então, com um sobressalto, ele olhou para o relógio.

— Estou atrasado — resmungou. Erguendo a mão em despedida, saiu e desceu a escada rapidamente.

Nina nunca o vira mover-se tão depressa, e ficou contente ao pensar que, por causa do filho, ele até mudava seu jeito de ser. O menino precisava de sua dedicação e de seu amor.

Voltando para o meio das caixas, na sala da casa ainda estranha, ela se lembrou de quando tinha quatro anos. Era uma menina perfeita. Inteligente. Esperta até demais. Tão pequena, e já se perguntava por que não tinha pai. Tão pequena, e já percebia que havia algo errado, quando ouvia vozes abafadas no quarto da mãe, tarde da noite. Tão pequena, e já sabia que não era normal a mãe aparecer com hematomas nos braços, nas pernas e no rosto.

Suspirou. Estava a caminho de ter a segurança que tanto queria, superara tudo o que arruinara sua infância. Certo, de vez em quando desejava que as coisas fossem diferentes, que alguém corresse para ela, do modo como John corria para o filho. Mas a vida não era perfeita. Ninguém tinha tudo. Assim, ela não tinha o amor e a dedicação de outra pessoa, mas tinha uma boa carreira, reputação de excelente profissional e o respeito de muita gente. Contentava-se com

isso. Não tinha escolha.

Eram oito horas da noite, quando Nina viu que esvaziara todas as caixas e colocara quase tudo no lugar. Só pensava em tomar um banho bem quente e cair na cama. Tirou a camiseta e o jeans, abriu as torneiras da banheira e foi ao quarto buscar um roupão. Naquele instante, o telefone tocou. Ela pensou em Lee, que devia estar ligando para discutir algum assunto de trabalho. Tirou o roupão do armário e vestiu-o apressadamente. Então, ergueu o telefone do gancho.

— Alô?

— Nina?

A voz era de homem. Embora nunca a houvesse ouvido por telefone, ela logo soube de quem era.

— Oi — respondeu baixinho.

— Sou eu, John.

— Eu sei.

Houve um breve silêncio.

— Liguei para pedir desculpas por ter saído daí tão abruptamente. Mas é que àquela hora eu devia estar em casa, esperando J.J.

— Chegou a tempo?

— Quase. Ele e a família que o levou estavam a minha espera, no carro.

— Esperaram muito?

— Uns cinco minutos. Mas como nunca me atraso, eles estavam começando a ficar preocupados.

— Tudo bem com J.J.?

— Tudo.

— Ele se divertiu?

— Acho que sim. As vezes é difícil dizer se ele se divertiu, ou se só ficou feliz por estar novamente em casa. Uma coisa é certa. Comeu bastante, porque havia manchas de tudo na camiseta dele: mostarda, suco de frutas, chocolate.

— Oh... — ela murmurou, pensando na sujeira. — É você quem lava as roupas?

— Eu mesmo.

— Horrível, não? — ela repetiu.

— Nem tanto. Depois de tudo o que tive de limpar nos últimos quatro anos, lavar uma camiseta, por mais suja que esteja, é moleza.

Nina pegou-se imaginando as outras coisas que ele fizera.

— Você trocava fraldas?

— O tempo todo.

— Um bom pai, um bom marido. Sua esposa devia apreciar muito sua ajuda — Nina comentou, arrependendo-se em seguida, pois ele poderia pensar que ela o estava forçando a falar de sua própria vida.

— Para dizer a verdade, ela achava que eu não fazia mais do que minha obrigação. Tínhamos feito um acordo. Eu queria um filho. Ela concordou em ter o bebê, desde que eu cuidasse dele desde o nascimento.

— Que horror! — Nina exclamou sem pensar. Quando percebeu o que dissera, ficou mortificada. Não tinha o direito de criticar a mulher que John devia ter amado muito. — Bem,

cada um faz o que acha certo.

— Ela voltou ao trabalho logo depois que o menino nasceu, como planejara, mas começou a sentir-se culpada.

— Não deve ter sido fácil para ela.

— Não foi. — John fez uma pausa, então continuou: — Bem, não só estou acostumado a fazer tudo por J.J., como até acho bom. Ser capaz de cuidar dele me dá uma sensação de auto-suficiência.

— Você também cozinha?

— Não sei fazer pratos sofisticados, mas J.J. não se importa com isso. Ele adora sanduíches de carne com alface

e tomate, de pasta de amendoim com geléia, coisas assim. Tudo muito diferente das refeições que você deve preparar.

— Não sou lá essas coisas na cozinha.

— Está sendo modesta. Vi suas panelas. Você tem até aquelas próprias para comida chinesa e para fondue, sem falar nas de cerâmica.

— A que uso mais é a wok, para comida chinesa. Quando a comida congelada não me apetece, misturo uma porção de coisas nela, frito e pronto. Tenho umas receitas muito boas. Posso fazer alguma coisa para você, qualquer dia.

Pela terceira vez, durante aquela conversa, as palavras escapavam de sua boca sem que ela tivesse tempo de pensar. A idéia de John Sawyer ir de novo a sua casa, ainda por cima para jantar, era ridícula. Com certeza, ele era da mesma opinião.

— Bem, podemos pensar nisso — ele respondeu, fazendo nova pausa antes de perguntar: — E então? Acabou de arrumar suas coisas?

— Acabei, e agora estou arcando com as consequências.

— Está dolorida?

— E como! Eu ia entrar na... Droga! Espere um minuto! Esqueci que abri as torneiras! — Deixando o telefone na mesinha-de-cabeceira, Nina correu para o banheiro.

Chegou a tempo de ver a primeira cascata de água fumegante deslizar pela lateral da banheira. Fechou as torneiras, tirou o tampão para deixar que um pouco da água se escoasse, tornou a colocá-lo no lugar e pegou as toalhas que pendurara no suporte menos de meia hora antes.

— Que beleza, Nina! — resmungou, secando o chão com as toalhas limpas.

Quando acabou, jogou-as na pia e voltou ao telefone.

— Não acredito no que fiz! — comentou sem nenhum preâmbulo. — Logo no primeiro dia! Mais um pouco, e haveria água pela casa toda.

— Enxugou?

— Enxuguei — ela respondeu, pensando que a água de seu banho ia esfriar. — Preciso desligar, John. Obrigada por ter ligado. E obrigada novamente por ter me ajudado.

Pouco depois, deitada na banheira, sentindo os músculos cansados começarem a relaxar sob o efeito da água quente, Nina reconheceu que realmente apreciara a ajuda de John e que gostara muito do telefonema. Ele era um homem agradável. Um homem sexy. Mas ela nem podia pensar em beijá-lo novamente, sabia que um relacionamento entre os dois estava totalmente fora de cogitação. No entanto, gostara da companhia dele.

Na segunda-feira de manhã, Lee perguntou a Nina quem a visitara no domingo, explicando que fora à casa dela com a intenção de ajudá-la, mas que vira um carro estranho atrás do BMW, na entrada de veículos e desistira.

— Era John Sawyer — Nina contou.

— Nunca poderia pensar que fosse ele — a amiga comentou. — Ao que me consta, você não gosta dele.

— Não gostava, mas descobri que John é uma pessoa muito agradável.

— Está escondendo alguma coisa de mim? — Lee indagou com ar malicioso.

— Não. John e eu estamos trabalhando juntos na venda das casas de Crosslyn Rise. Ele sabia que eu ia mudar ontem, então foi lá para me ajudar. Só isso.

— Quer dizer que não o acha mais um chato, teimoso e empolado?

— Ele me irritou muito, enquanto não entramos num acordo a respeito do preço das casas. Mas descobri que é bom para carregar caixas pesadas e usei-o — Nina respondeu. — É isso que você precisa aprender a fazer: usar os homens. Vire a mesa em cima de Tom. Use-o, em vez de deixar que ele a use.

— Não vou mudar de casa — Lee brincou.

— Pode usá-lo para outras coisas. Quando convidá-lo para jantar em sua casa, peça-lhe para levar o vinho e a sobremesa. Ou, quando seu carro estiver na oficina, faça com que ele a leve ao supermercado — Nina sugeriu asperamente.

A moça franziu o nariz.

— Tom não gostaria nada.

— Não, não gostaria — Nina concordou, amenizando o tom de voz. — Tudo tem de ser como ele quer. Isso não é bom, Lee. Não é justo.

A amiga deu de ombros.

— Pode ser, mas é assim que as coisas são.

”Para mim, não”, Nina pensou. ”Eu nunca aceitaria uma situação dessas.”

Não precisava de um homem, muito menos de alguém como Tom. Tinha seu trabalho, seus objetivos. Não precisava de mais nada. Com esse pensamento, ajeitou-se na cadeira e ligou o computador.

CAPÍTULO V

Não ver uma pessoa não significava que era possível parar de pensar nela. Nina descobriu isso ao perceber que não tirava John da cabeça. Não conseguia parar de lembrar como fora delicioso ser beijada por ele.

Ninguém a beijara daquela maneira desde... Nunca ninguém a beijara daquele jeito! Na opinião dela, um homem podia beijar uma mulher de duas maneiras: mostrando seu desejo e orgulhoso de sua libido, ou timidamente, mostrando seu medo e querendo fazê-lo passar por sensibilidade. Os beijos de John haviam sido possessivos, mas de um modo suave, cuidadoso, que refletia o que ele era como pessoa. Havia revelado a atração que ele sentia por ela, uma

atração indesejável, que tornava tudo ainda mais especial.

Mas nada mais aconteceria entre os dois, e Nina, tentando parar de pensar nele, mergulhou ainda mais profundamente no trabalho. E havia muita coisa a fazer. Quando ela não estava mostrando imóveis a clientes, preparava anúncios para o jornal, punha em ordem os documentos necessários para a efetivação de uma venda, ou ia atrás de um corretor concorrente que estava oferecendo algo que ela não tinha para oferecer a um determinado cliente, sugerindo que dividissem a comissão, caso o negócio fosse fechado. No escritório, seu telefone não parava de tocar.

Não houve, porém, nenhuma chamada de John. Como todas as reuniões semanais do consórcio estavam suspensas até

o fim do verão, Nina não teve oportunidade de vê-lo, mas os dois tinham muita coisa a discutir e, à medida que os dias passavam, ela começou a imaginar por que motivo ele não a procurava.

Teria ficado tão perturbado com o episódio dos beijos quanto ela?

Teria se sentido envergonhado? Desapontado? Desgostoso?

Ela chegou a pensar que ele a detestava.

Na sexta-feira à tarde, ela se cansou de fazer conjecturas. Decidida, ergueu o telefone e teclou o número do telefone dele.

— Folheando Livros — John atendeu, dando o nome da livraria.

— John? É Nina. Estou ligando numa hora ruim? — perguntou e, com o coração aos saltos, esperou pela resposta.

— Não, de modo algum. Estou até que bem folgado. Como vai?

Nina preferiu acreditar que ele ficara contente ao ouvi-la.

— Estou bem, obrigada. E você?

— Não tenho do que me queixar.

— Como está J.J.?

— Está ótimo. As garotas o levaram para tomar sorvete. Ele adora.

— Garotas? No plural?

— As duas que cuidam dele. São gémeas e não se largam. Devido aos problemas de J.J., é bom que sempre haja mais de uma pessoa tomando conta dele. Se uma se distrair, a outra estará alerta. Você sabe como são essas babás.

Não, Nina não sabia. Ela fora filha única, mas nunca tivera uma babá. Quando saía, a mãe deixava-a com uma vizinha, ou então sozinha, mesmo quando ela era muito pequena. E quando chegara à idade de trabalhar, Nina não quisera trabalhar como babá, preferindo empregar-se num supermercado, onde o horário era mais estável, e o salário, melhor.

— As duas gostam muito de falar ao telefone e por isso se distraem? — perguntou.

— Não é tanto por isso, mas porque gostam muito de

fazer pizzas e de assistir à televisão. Mas, na verdade, são bastante responsáveis e adoram J.J., o que é mais que bom.

— Acredito que ele seja de fato um garotinho adorável — Nina disse com sinceridade, imaginando que o menino devia parecer-se com o pai. — Conseguiu tirar todas as manchas da camiseta dele? As de mostarda não saem muito fácil.

— Manchas? Ah, sim, quase todas.

John calou-se, e o silêncio entre eles estendeu-se por alguns segundos. Nina pigarreou.

— Liguei para falar do nosso trabalho, John. Fui buscar as brochuras na gráfica. Vamos distribuí-las quando a casa-modelo for aberta para visitação, e depois, para todos os que se interessarem por Crosslyn Rise. Você gostaria de vê-las?

— Claro, gostaria, sim — ele afirmou, e ela julgou detectar um tom cauteloso em sua voz.

— Vou trabalhar no fim de semana, mostrando imóveis para clientes, mas no domingo ficarei de plantão na imobiliária, das dez ao meio-dia. Se quiser vir aqui nesse horário... — Não seria prudente convidá-lo para ir a sua casa, nem oferecer-se para ir   dele, porque John poderia pensar que era um truque para forçar uma aproximação. — E, então, o que me diz?

— Acho boa idéia.

— Pode trazer J.J., se quiser. Vai ser rápido. Você talvez queira levar uma brochura para casa, para vê-la com calma. Darei uma para cada membro do consórcio, em nossa próxima reunião, mas achei que você gostaria de ter uma antes, já que estará trabalhando nas vendas.

— Certo. Passarei aí no domingo.

— Entre dez e meio-dia.

— Tudo bem.

— Era só isso, John. Tchau, então.

Nina disse a si mesma que seu contato com John, naquele domingo, não duraria mais do que cinco minutos, porque

era quase certo que ele pegasse a brochura e fosse embora. Mas, mesmo assim, preocupara-se com a roupa, acabando por optar por um conjunto clássico de calça e blazer de linho verde-musgo. Não sabia por quê, mas não se sentiria à vontade com John, se estivesse usando um de seus trajes de cor berrante e modelo nada convencional. Também desistira do esmalte vermelho e pintara as unhas de bege-rosado.

Passava das dez, quando duas pessoas, marido e mulher, entraram na imobiliária. Disseram que estavam pensando em mudar-se para um apartamento, mas que para isso teriam de vender o lugar onde moravam, e perguntaram se não seria muito difícil vender uma casa que fora construída na década de quarenta. Nina deu-lhes algumas informações, e eles foram embora. Dez e quinze. Dez e meia. Um dos clientes de Martin apareceu para pegar alguns documentos que assinara na sexta-feira. Dez e quarenta e cinco. Onze horas.

Nina já começava a achar que ele se esquecera que prometera passar por lá, quando John entrou, andando calmamente. Estava sozinho, e ela experimentou uma sensação de desapontamento. Mas isso durou pouco, porque ele estava muito bonito. Os cabelos ainda úmidos do banho, penteados para tr s, cobriam a nuca. Ele usava camisa social branca, com o colarinho aberto e os punhos dobrados, e uma calça jeans que parecia nova.

Parou diante da mesa de Nina.

— Esteve na praia de novo — ela observou, sorrindo.

— Hoje de manhã. J.J. ainda está lá.

— Oh, John, desculpe-me, eu não queria estragar seu divertimento, muito menos tirá-lo de J.J., acredite. Você poderia vir buscar a brochura num outro dia.

— Você não estragou nada, e J.J. está com uma família.

— A mesma com quem estive na semana passada?

— Não, essa é outra. O casal tem uma filha da mesma idade de J.J., também deficiente.

J.J. e ela pertencem ao grupo de que lhe falei.

— Todas as crianças do grupo têm as mesmas deficiências?

— Nem todas.

— Quantas são?

— Doze.

Nina ficou perplexa.

— São todas daqui das redondezas? — Ela nunca imaginara que houvesse tantas criancinhas deficientes na região.

— Não. Algumas vêm de muito longe, o que significa que também temos de ir muito longe para visitá-las. Mas vale a pena. A socialização é de máxima importância, e é difícil para as crianças especiais conviver, fazer amizade com as que não têm nenhuma deficiência.

— Imagino.

— Por exemplo, não levo mais J.J. ao parque para brincar, porque as mães das outras crianças ficam nervosas, quando ele, por não ouvir direito, não reage do modo que os companheiros esperam.

— Elas que vão para o inferno — Nina resmungou, furiosa.

Ele exibiu um sorriso que abriu uma covinha em sua direita e causou um arrepio em Nina.

— Eu também fico com raiva, quando lembro de certas isas. Mas o que importa é que agora J.J. convive com pessoas que o entendem. E nós, os pais, também nos entendemos, porque passamos pelas mesmas coisas. Nós nos ajudamos, nos revezamos na tarefa de divertir as crianças.

— Por exemplo, levando-as à praia.

— É, coisas assim.

Nina pegou a brochura que separara para dar a ele.

— O dia está lindo, e você deve estar querendo voltar à à praia — comentou, entregando-lhe a brochura.

John pegou-a, mas, em vez de despedir-se e sair, olhou para a cadeira diante da mesa.

— Quer sentar-se? — Nina perguntou, surpresa e deliciada. — Então, sente-se, por favor.

Viu-o acomodar-se na cadeira, estender as pernas confortavelmente e abrir a brochura. Ele era bonito de fato. Vestido daquele modo e com a pele bronzeada, parecia um vaqueiro que acabara de tomar banho após correr atrás de

gado extraviado o dia todo. Só faltavam as botas, mas ela preferia aqueles mocassins, que ele usava sem meias.

Ele leu a brochura, observando cada ilustração atentamente, então fechou-a, olhando para Nina.

— Um trabalho de profissional. Muito bom — elogiou.

— Obrigada — ela agradeceu, exageradamente contente. — Acha que vai impressionar as pessoas?

— Tem tudo para isso. — Ele abriu a brochura na última página, onde havia a lista de preços. — Espero que não tenham errado nos números. Tudo pode acontecer, numa tipografia.

— Não erraram, não. Já examinei. Está tudo certinho. John folheou a brochura

novamente, então levantou-se.

— Gostei muito, Nina.

Ela detestou vê-lo pronto para partir.

— Pensei que você tivesse alguma sugestão a fazer.

— Mas já há um fait accompli, não é?

— Já estão todas impressas, mas se você achar que algo pode ser mudado...

Nina sabia que estava sendo um pouco tola, porque, mandar imprimir novas cópias, centenas delas, por causa de pequenos detalhes, seria um desperdício. Mas o consórcio queria que os dois trabalhassem em parceria, não queria?

— Vou ler novamente em casa — John prometeu. — Com mais atenção. — Após uma ligeira pausa, acrescentou em tom mais baixo e mais lento: — Você me distraiu, bonita como está. Bem, telefonarei, se encontrar algo que gostaria que fosse mudado.

Nina engoliu em seco, toda agitada por dentro.

— Está bem — conseguiu dizer.

Erguendo dois dedos num aceno que podia ser displicente, tímido ou relutante, ele foi embora.

Os dias foram passando, e John não telefonou. Só ligou na quinta-feira à noite, para a casa dela.

— Continuo achando que a brochura está perfeita — ele disse após a troca de cumprimentos. — Mas acho que nós

dois devíamos ir a Crosslyn Rise e dar uma olhada. Faz tempo que não vou lá. Se você quer saber qual será a reação de um homem comum, não encontrará melhor cobaia do que eu.

Nunca, nem no início, quando John a irritava incrivelmente, Nina pensara nele como um "homem comum". Ele era diferente. Movia-se num ritmo próprio, tinha um jeito único de ver as coisas. Por isso mesmo, talvez não houvesse ninguém melhor do que ele para ser submetido ao que poderiam chamar de "teste de reação". John seria espontâneo, honesto.

— Tudo bem — ela concordou. — Quando gostaria de ir?

— Amanhã de manhã, mas sei que para você pode estar muito em cima da hora. Sua agenda deve estar cheia.

Estava. Nina nem precisava olhar para saber. Mas John tinha razão. Eles precisavam ver como iam as coisas em Crosslyn Rise.

— Posso dar um jeito — ela disse. — Mas preciso de meia hora.

— Certo, eu ligo mais tarde.

Nos trinta minutos seguintes, Nina ligou para Lee, quatro clientes e um dos outros corretores. Quando John voltou a telefonar, ela lhe disse que estaria livre durante duas horas, a partir das dez, e combinaram de encontrar-se em Crosslyn Rise.

Nina nunca deixava de se surpreender com o progresso das obras. Daquela vez, o que mais a impressionou foi a reforma da mansão. As paredes haviam sido raspadas, prontas para receber a pintura nova, algumas não existiam mais, pois certos cômodos haviam sido ampliados, e a cozinha fora totalmente modernizada.

— Que bonito — John comentou, olhando em volta do enorme vestíbulo de onde partia a majestosa escadaria curva.

Não parecia muito impressionado, sua voz estava tão tranqüila quanto de costume, mas Nina, que começara a conhecê-lo, viu entusiasmo e admiração em seus olhos.

— Vamos subir? — ela convidou.

No andar de cima, entraram em todos os cômodos, e às vezes, naqueles em que os pedreiros estavam trabalhando, precisavam andar com cautela para não tropeçar em alguma coisa. John, então, ou segurava Nina pelo braço, para ajudá-la, ou ia na frente, avisando-a para ter cuidado.

Ela nunca apreciara muito esse tipo de ajuda masculina, mas era bom sentir a mão de John na pele nua. Devido ao intenso calor de junho, ela usava um vestido de alças, amarelo, que ia até um pouco acima dos joelhos, reto, preso na cintura por um cinto fino. Usava também sandálias de salto baixo, o que aumentava a diferença entre sua altura e a de John, fazendo-a sentir-se frágil perto dele.

Saíram da mansão, por fim, e andaram lado a lado na direção do lago dos patos, onde as primeiras casas do condomínio já estavam quase prontas.

— Não sei como Jéssica pôde desistir de um lugar tão lindo — John comentou em dado momento.

— Foi obrigada. Não podia mais manter a propriedade. Ela nem podia pensar em vender para alguém que poria tudo abaixo e lotearia as terras, então o consórcio foi sua a única saída. Assim, pelo menos, pode estar no comando, para que tudo seja feito como ela quer.

— Não é Cáster quem está no comando? — ele perguntou. Nina olhou-o e viu um sorriso travesso em seu rosto.

— Não, é Jéssica — respondeu, voltando a olhar para a trilha. — Ele a orienta e dirige as reuniões, mas a decisão final é dela.

— Os dois parecem felizes.

— E são.

— Acho que Jéssica está grávida.

Nina tornou a olhá-lo, e dessa vez ele estava totalmente sério.

— Por que diz isso?

— Ela está com aquela expressão.

— Que expressão? Radiante? Pelo amor de Deus, John, isso é folclore.

— Não, não é.

- Quando uma mulher fica grávida, sente enjoos, depois fica gorda e desajeitada. Não há nada de radiante nisso.

— Você nunca esteve grávida. Não pode dizer como é. Nina riu.

— E você pode? Odeio ter de lhe dizer, John, mas...

— Eu me lembro de quando minha mulher estava grávida. — ele a interrompeu mansamente, parando de andar. Ficou olhando ao longe, como se visse uma outra época. — Ela não estava muito feliz com a gravidez, mas eu estava. Achava um milagre o fato de uma vida estar se formando dentro dela. Muito antes de o bebê mexer-se pela primeira vez, eu já podia ver as mudanças, primeiro nos seios, depois na cintura. Via tudo aquilo e achava lindo. Então, quando senti a criança se mexer, foi ainda mais maravilhoso, porque senti realmente a presença de meu filho. — John suspirou e, parecendo surpreso com suas próprias palavras, olhou depressa para Nina. — Desculpe. Eu me deixei levar pelas recordações. Foi uma experiência incrível.

Imóvel ao lado dele, ela sentiu arrepios subirem e descerem por seus braços.

— Você, de fato, faz parecer incrível — ela disse, quase acreditando naquela história de

expressão radiante, porque podia jurar que fora aquilo que vira no rosto dele momentos antes.

Olhando-o, notou que ele observava a pele arrepiada de seus braços.

— Está com frio, Nina?

— Não.

John pegou-a pelos pulsos e lentamente foi subindo as mãos, até quase chegar aos ombros, onde começou uma suave massagem.

— É uma pena que você não queira filhos. Daria uma mamãe muito bonita.

— As pessoas teriam dificuldade em me distinguir de meus filhos — ela tentou brincar, mas sua voz saiu fraca.

— Estou falando de gravidez — ele observou. — Você daria uma grávida muito bonita.

O coração dela estava disparado.

— Ficaria mais gordinha, só isso.

— Não. Gravidez não quer dizer apenas aumento de peso. Há algo mais. — Os olhos dele desceram para os seios dela que subiam e desciam ao compasso da respiração agitada. — Não paro de pensar em você, Nina — confessou, voltando a fitá-la nos olhos. — Não quero pensar, mas penso. Não consigo deixar de lembrar aqueles beijos. Foi tão bom... Pena que apenas nossas bocas se tocaram.

— John...

— Fico pensando em como seria, se nossos corpos se tocassem — ele prosseguiu, implacável, introduzindo os polegares sensualmente sob as alças do vestido dela. Fico deitado, à noite, imaginando, e não é nada divertido.

Ela engoliu em seco.

— Por que não é divertido? Porque você não quer gostar de mim?

— Porque fico excitado.

Ela fechou os olhos e moveu a cabeça vigorosamente de um lado para o outro.

— O que foi, Nina? — ele indagou.

— Não diga coisas assim — ela implorou, abrindo os olhos.

— Fica embaraçada?

— Não, fico excitada.

O brilho intenso nos olhos cor de âmbar revelaram o que as palavras dela tinham provocado. Os dedos de John moveram-se mais intensamente, descendo pelas alças até tocarem o início da elevação dos seios.

— Quero tocá-la mais — ele murmurou, puxando-a para mais perto.

Introduziu os polegares sob o sutiã, empurrando-os na direção dos mamilos.

— John... — ela tornou a murmurar, sentindo as pernas amolecerem e agarrando-se aos quadris dele, receando cair.

Foi então que os dedos dele tocaram seus mamilos enrijecidos, circulando-os, acariciando-os suavemente. Contendo um gritinho, Nina mordeu o lábio, mas a sensação que a

dominava era forte demais, e ela fechou os olhos, inclinando a cabeça para trás.

Com um gemido, John retirou as mãos dos seios dela e puxou-a contra si, abraçando-a. Apertou-a contra o corpo, capturando-lhe a boca num beijo longo e profundo. Envolvendo-o pelo pescoço, Nina pressionou os quadris de encontro aos dele, procurando a dureza de sua ereção. John desceu as mãos pelas costas macias e, colocando-as sobre as nádegas firmes, puxou-

a para mais perto ainda.

Quando o beijo finalmente terminou, os dois ofegavam, tomados de desejo.

— O que vou fazer com você? — ele perguntou em tom rouco, aninhando o rosto dela entre as mãos.

Nina não soube o que dizer.

— Percebe o que faz comigo? — ele insistiu.

Ela simplesmente moveu a cabeça numa afirmativa.

— E então?

— Não sou promíscua — ela conseguiu responder.

— Nem eu.

— Não quero sexo fortuito.

— Nem eu.

— Então, não podemos fazer nada. Eu não sirvo para você, você não serve para mim. Nem mesmo gostamos um do outro. E temos de trabalhar juntos.

John a olhou por um longo tempo, os olhos ainda escurecidos de desejo.

— Tem razão — concordou. — Mas nada disso me faz deixar de querer você. Não quero tanto uma mulher desde...

Foi interrompido pelo ruído de passos.

— Muito bem, amigos, acho melhor pararem com isso — uma voz masculina sugeriu.

John e Nina olharam depressa para o lado e viram Cáster Malloy, que os olhava com expressão divertida.

— Acho que o ar daqui faz isso com as pessoas — ele comentou, parando perto deles.

— Elas esquecem que pode aparecer alguém de repente. Por sorte, fui eu que apareci. Entendo essas coisas.

Nina sentiu as faces em fogo, mas não disse uma palavra para defender-se, nem para protestar, quando John soltou-a. Cáster coçou a nuca.

— Quase passei por isso com Jéssica, um ano atrás, não muito longe deste lugar. — Parou de falar por um momento, olhando de um para o outro. — Mas os patos ficaram menos embaraçados do que vocês.

Nina respirou fundo.

— Você devia ter gritado um aviso de longe, quando nos viu.

— Gritei.

— Oh...

John plantou as mãos nos quadris.

— Devia ter gritado mais uma vez.

— Foi o que fiz — Cáster afirmou. — Bem, agora que já os despertei completamente, vou indo. A gente se vê mais tarde.

Afastou-se, rindo.

— Cáster! — Nina chamou-o, quando ele andara cerca de dez metros. — Jéssica está grávida?

Ele parou abruptamente e virou-se.

— Quem lhe disse?

— Ela está? — Nina insistiu.

Cáster sorriu lentamente, endireitando os ombros numa inconfundível atitude de

orgulho.

— Está, sim. Perdeu nosso primeiro bebê em janeiro, de modo que estávamos esperando mais um pouco para contar aos amigos. Mas ela já está quase no quarto mês, e tudo vai indo bem.

Esquecendo o embaraço que sentira momentos antes, Nina abriu um sorriso largo.

— Parabéns! Isso é maravilhoso. Eu sei o quanto Jéssica quer um filho.

— Nós dois queremos.

John ergueu a mão com o polegar virado para cima.

— Bom trabalho, Cárter — disse com um sorriso.

— Obrigado — Cárter agradeceu, sorrindo, virou-se e foi embora.

Nina olhou para John.

— Não vai se vangloriar com o clássico "eu não disse"?

— Claro que não. O que importa é que eu estava certo.

— Convencido — Nina ralhara brandamente, então sorriu. — Jéssica me disse que estava louca para ter um bebê. Estou feliz por ela.

— Não gostaria de ter um também?

— Não sei, nunca tive contato com bebês.

— Suas amigas não têm filhos?

— Algumas têm, mas quase nem tenho tempo de vê-las. Trabalho demais. Quando nos reunimos, para almoçar ou tomar chá, as crianças não vão. Este é mais um motivo pelo qual um relacionamento entre nós não daria certo. Você tem um filho. Eu não saberia lidar com ele.

John não disse nada. Ficou parado, olhando para Nina, para dentro dela, aparentemente procurando algo que não devia existir. Fitando-o, ela só conseguia ver os cabelos revoltos caídos na testa, o contorno bem definido dos maxilares, o nariz reto, os lábios firmes. Era um rosto que a atraía poderosamente, embora ela continuasse a dizer a si mesma que não podia render-se à atração.

Ele desviou o olhar, finalmente.

— Acho melhor continuarmos andando.

Ela concordou e começou a caminhar na direção do lago dos patos. Mas o entusiasmo que ela sentira naquele dia brilhante desaparecera. Em seu lugar ficara a tensão, física e mental, causada pelo desejo insatisfeito e por algo mais que ela não sabia definir perfeitamente, mas que parecia tristeza.

Percorreram a casa que serviria de modelo, depois por mais duas outras. Nina chamou a atenção de John para vários detalhes, falando de opções, apontando vantagens, como se ele fosse um cliente. Os dois evitavam olhar-se e aproximar-se demais um do outro, mas isso não diminuía a energia que vibrava entre eles.

Quando voltaram para a mansão, Nina sentia-se exausta. Despediu-se rapidamente de John, entrou no carro e partiu.

Não estava acostumada àquele estado de confusão em que se encontrava. Sempre fora senhora de seu destino. Nunca se sentira desorientada. E agora, era isso que estava acontecendo.

Queria sua lucidez de volta.

Queria parar de se sentir como se estivesse pisando em terreno escorregadio.

Mais que tudo, queria compreender o que era que sentia por John. Gostava dele. Ou

não? Respeitava-o por sua sensatez, admirava-o por vários motivos, mas não queria envolver-se num relacionamento com ele.

Entretanto, desejava-o.

Nina passou o resto do dia e parte da noite pensando em John. Acabou por adormecer, mas despertou várias vezes, perseguida pela lembrança dos beijos dele, do toque das mãos fortes em seus seios, da agressividade de sua ereção.

Numa das vezes em que acordou, toda suada por causa do calor de junho, tomou uma ducha rápida e voltou para a cama, apenas para ficar revirando-se, imaginando John beijando-a, fazendo amor com ela. Nessa febre de erotismo, viu a primeira luz da manhã iluminar o céu. Furiosa, disse a si mesma, várias vezes, que nenhum homem tinha o direito de fazer aquilo com ela. Nenhum homem valia aquele tormento. Nenhum, nenhum, nenhum!

As oito horas, a campainha da porta tocou. Úmida de suor, cansada e irritada, ela desceu a escada para atender.

— Quem é? — gritou sem abrir.

— John.

Com um gemido, ela encostou a testa na porta. A madeira estava fresca e tinha um leve odor de mofo.

— Abra, Nina! — ele exigiu. — Precisamos conversar.

— Acho que este não é o melhor momento — ela respondeu, fechando os olhos com força.

John não disse mais nada. Se ela não o conhecesse, pensaria que fora embora. Mas ele era teimoso, além de paciente.

— Nina, abra a porta — voltou a pedir, depois de longos instantes de silêncio. — Por favor, Nina.

Era um pedido, mas também um comando. Por alguma razão, Nina não pôde resistir. Temendo estar cometendo um grande erro, mas incapaz de evitar, suspirou, ergueu a cabeça, recuou um passo e abriu a porta.

CAPÍTULO VI

John entrou. Nina, meio escondida atrás da porta, viu que ele estava de camiseta regata e short e, ao olhar para as longas pernas musculosas e cobertas de pêlos castanhos, sentiu um arrepio quente percorrê-la.

— Eu trouxe donuts — ele anunciou, olhando-a da cabeça aos pés..

Ela usava apenas a camisola curta que vestira de madrugada após o banho, sem nada por baixo.

— Eu ainda estava deitada — explicou. — Não dormi quase nada durante a noite.

Notou que John transpirava. Os cabelos úmidos grudavam-se na testa, a pele do rosto brilhava.

— Fui correr no parque — ele contou. — Então, pensei em vir aqui para conversarmos.

Nina sabia que o desejo que a consumia por dentro estava estampado em seu rosto.

— Não sei se posso...

Olhando-a, John pareceu ter notado o que ela sentia, analisado a situação, lutado contra si mesmo, então, após uma eternidade de silêncio tenso, jogou o saco de donuts num degrau da escada e a tomou nos braços.

Apertando-se contra ele, enlaçando-o pelo pescoço, deixando-o quase erguê-la do chão, ela deixou escapar um gemido e encostou o rosto no peito largo.

Por um longo tempo ficaram abraçados, sem dizer nada.

Nina ficaria ali para sempre, se não fosse o gradual despertar de seu corpo ao contato quente do dele. Começou a mover-se languidamente para melhor senti-lo, e quando isso não foi suficiente, desceu as mãos pelos ombros e pelo peito dele, acariciando-os de modo sensual.

John ergueu-lhe a camisola curta, correndo as mãos ávidas pela carne macia das coxas e das nádegas, onde parou, pressionando-as.

— Se não quiser, fale agora — ele pediu num tom grave que ela nunca ouvira, carregado de desejo.

— Eu quero — ela murmurou, arquejante. — Eu quero, eu preciso — confessou, quando ele a tocou no ponto úmido e morno entre as coxas.

Introduziu as mãos sob as pernas do short que ele usava, deslizando-as sobre os pêlos fartos, fazendo-as passar por baixo da cueca. Não pôde continuar com sua ousada carícia, porque John ergueu-a do chão, fazendo-a passar as pernas ao redor de seus quadris, e beijou-a como se quisesse devorar-lhe a boca. Sem interromper o beijo, começou a subir a escada. Não parou até que chegaram ao quarto, onde deitou-a na cama desarrumada e inclinou-se sobre ela.

— Não estive com nenhuma mulher, depois da minha — revelou em tom rouco, erguendo a camisola dela. — Estou limpo. Quer que eu use um preservativo, mesmo assim?

Com movimentos bruscos, de quem não podia esperar mais, ela arrancou a camisola.

— Não, não quero que use. Também não tenho nenhuma doença — garantiu.

John tirou a camiseta e o short, que saiu junto com a cueca.

— Gravidez... — ele lembrou.

— Não há perigo. Tomo pílulas — ela explicou de modo entrecortado, mal podendo respirar. — Depressa, John.

Ele caiu sobre ela e ajeitou-se com impaciência, então penetrou-a. Surpresa com a força de sua investida, ela soltou um gritinho.

— Nina?

— Não doeu. É gostoso demais...

O que se seguiu quase a enlouqueceu. John usou seu sexo, as mãos e a boca, como se quisesse não apenas possuí-la, mas consumi-la, fundir-se a ela. Quando a viu mover a cabeça de um lado para o outro, arqueada e de olhos fechados, aumentou o ritmo de suas estocadas. Então, de repente, parou, fazendo-a gritar de frustração. Assim que voltou a se movimentar dentro dela, rígido e impetuoso, ela explodiu em êxtase, soluçando sem lágrimas, sua feminilidade pulsando, prendendo-o, enquanto ele também atingia seu clímax violento.

Devagar, «ofegando», John deixou-se cair sobre ela. Após um longo minuto, rolou para o lado, levando-a com ele, ainda dentro dela.

Olhando-o nos olhos, Nina sentiu-se incapaz de falar. Algo fechava sua garganta, uma

espécie de nó de suave emoção, algo que não podia, não queria entender. Fazer amor com John fora a experiência mais maravilhosa de sua vida.

Por fim, já meio refeita, sorriu.

— Quem diria... — murmurou.

— Quem diria, o quê? — ele perguntou em tom arrastado.

— Que esse John moroso, quieto e compenetrado era um campeão de virilidade na cama.

Nina podia jurar que o viu corar.

— Eu estava inspirado — ele explicou.

— Sem dúvida. — O sorriso de Nina desapareceu, e ela declarou: — Foi muito especial.

Ele moveu a cabeça lentamente, concordando.

— Para mim também. Fui muito bruto, Nina?

— Pareço machucada?

— Não. Parece uma mulher que foi bem amada. — Tocou-a nos lábios inchados de seus beijos, numa das faces e nos cabelos. — Como podem cabelos mais curtos que os meus serem tão femininos?

— Não é muito difícil ter cabelos mais curtos do que os seus — ela respondeu em tom brincalhão.

— Parece que não gostou muito de minha aparência, no começo.

— Só de sua aparência? Não gostei de você, John, porque me obrigava a ir devagar.

— Ainda obrigo. Essa é minha missão.

— Pode desistir. Não vai funcionar.

— Claro que vai. Você não está saindo correndo para o trabalho, está?

— Só preciso estar na imobiliária às dez.

— Se tivesse de estar às nove, sairia correndo da cama?

— Talvez. — Nina sorriu. — Depende da força dessa coisa com que você está me prendendo aqui. Não parece muito forte, agora.

John retribuiu o sorriso.

— Espere um pouco e verá.

— Acha que vai...

— Eu sei.

Ela esperou, acariciando-o no peito, arrepiando os pêlos, excitando os mamilos chatos.

— Hummm... — murmurou, quando sentiu-o pulsar e crescer dentro dela. — Acho que tem razão...

— Claro que tenho — ele afirmou, beijando-a gentilmente na boca, então com mais força, à medida que o desejo aumentava. Deitou-se de costas, fazendo-a montá-lo. Fixou os olhos nos seios redondos e cheios e deixou-a mover-se para cima e para baixo, cavalgando-o. Sugou um mamilo rosado e ereto, depois o outro. E levou-a a um segundo clímax. E a um terceiro, depois de fazê-la rolar de costas e possuí-la com uma selvageria que ela não esperava dele, mas que a enlouqueceu de prazer. Quando ele também atingiu o êxtase, os dois ficaram largados, lavados de suor, exaustos.

Por alguns instantes, Nina deixou-se ficar, gozando aquela intimidade. Sua mente, porém, começou a funcionar com clareza, e ela pensou no significado do que acontecera, acabando por ficar assustada. Gostara de fazer amor com John e achava que o aceitaria como

amante, alguém que vinha,

satisfazia seu desejo, satisfazendo o próprio, e depois iria embora. Mas não havia lugar na vida dela para um relacionamento mais profundo. Ela não tinha tempo para dedicar a um homem como John. Não podia parar, não podia ter seus movimentos tolhidos. Não queria ficar amarrada, nem mesmo a seus desejos sensuais.

— Preciso levantar — disse, falando contra o peito dele.

— Não. — John abraçou-a com mais força. — Fique comigo.

— Tenho de ir trabalhar.

— Ligue e peça para alguém substituí-la.

— Não posso.

— J.J. vai ficar com a babá até meio-dia.

Babá. Aquela palavra representava uma das maiores diferenças entre eles dois. Espalmando a mão no peito dele, Nina empurrou-o e sentou-se. Segundos depois estava fora da cama, andando para o banheiro.

— Nina? — John chamou-a.

— Vou tomar banho — ela respondeu.

— Não vá trabalhar — ele pediu.

— Tenho de ir.

Abriu o chuveiro e, assim que a água ficou morna, entrou embaixo do jato e começou a ensaboar-se. Esfregou-se metodicamente, como sempre fazia, lavou os cabelos e por fim enxaguou-se longamente. Fechou o chuveiro, pegou a toalha e enxugou-se vigorosamente. Quando voltou ao quarto, John estava sentado na cama, encostado na cabeceira de ferro trabalhado, parecendo extraordinariamente masculino em contraste com os lençóis de um rosa suave.

Ignorando isso, ela tirou roupas íntimas de uma gaveta do armário e vestiu-as. Em seguida, escolheu um conjunto de short largo e blusa de crepe cor-de-cereja. Vestiu-o, colocou brincos e colar prateados e calçou sandálias cinzentas, de tiras finas e saltos médios. Então, olhando-se no espelho acima da cómoda, penteou os cabelos com os dedos.

— Nina.

Ela olhou para John, surpresa. Não esquecera que ele estava lá, nem poderia, mesmo que quisesse. Mas ele ficara calado tanto tempo, que o som de sua voz, estranhamente áspero, sobressaltou-a.

— Então, é assim? — ele perguntou.

— Não entendi.

— Fazemos amor, você se levanta e vai embora? Ela começou a espalhar loção hidratante no rosto.

— Preciso trabalhar.

— Quero conversar.

Olhando para seu próprio reflexo, ela abanou a cabeça.

— Agora não dá. Vamos deixar para outra hora.

— Quando?

— Não sei. Preciso ver quando estarei livre.

— Pode ficar livre quando quiser — ele ponderou.

— Engano seu. Tenho de prestar serviço a meus clientes.

— E eu?

— Parece que acabei de lhe prestar um serviço — ela replicou, aplicando sombra nas pálpebras.

Praguejando, John levantou-se de um salto e foi para junto dela.

— Não use essa expressão para se referir ao que fizemos — ele a repreendeu.

Dando de ombros para fingir uma displicência que não sentia, Nina continuou a maquilar-se.

— Que diabo, Nina! Não significou nada para você? Depois de tudo aquilo, você se levanta e vai trabalhar?

— Levo meu trabalho muito a sério.

Pelo espelho, ela viu John esfregar a nuca, parecendo tenso. Mas desviou logo a atenção para o batom que estava passando nos lábios. Ele não disse mais nada, mas não se afastou. Dando-se por satisfeita com sua aparência, ela tampou o batom e colocou-o no estojo de artigos de maquiagem que levava na bolsa.

— Pode dizer que sou uma vagabunda fria, que usa os homens e sai correndo para o trabalho. Sabia que seria assim, desde antes de isso acontecer.

— Não significou nada? — ele repetiu.

— É claro, que sim. Fizemos amor, mas isso não muda nada. Você tem suas prioridades, eu tenho as minhas. Nenhum de nós vai mudar, e você sabia disso. Nós dois sabíamos. Foi estupidez fazer o que fizemos.

— E por que fizemos?

Ela tentou encontrar uma resposta cabível.

— Porque não pudemos evitar. Existe uma química entre nós. Foi inevitável. — Virou-se para ir pegar a bolsa que combinava com as sandálias. — Uma coisa estúpida, mas inevitável.

John pôs as mãos nos quadris, nem um pouco embaraçado com sua nudez e parecendo inconsciente da imagem magnífica que oferecia.

— Lamenta o que houve?

— Não. Foi bom.

— Mas isso não a impede de me deixar.

— O que queria que eu fizesse? — ela perguntou, pendurando a bolsa no ombro, enquanto o encarava.

— Que ficasse comigo, que conversássemos.

— Conversar sobre o quê? O que está feito, está feito. Agora, vou voltar para minha vida de sempre.

— Você trabalha demais.

— Você já disse isso — ela comentou, caminhando para a porta.

— Estava com uma aparência horrível, quando cheguei — ele disse, seguindo-a através da casa.

— Culpa sua. Não dormi quase nada, pensando em você.

— Não vai pensar mais, agora?

— Pode crer que vou tentar.

— Como?

— Trabalhando. — Nina abriu a porta e, sem olhar para trás, marchou para a escadaria,

começando a descer os degraus.

— Não vai conseguir — John disse do topo.

— Vou, sim.

— Não conseguirá esquecer o que houve entre nós.

— Conseguirei.

— Não consegue nem olhar para mim! — John gritou. Nina nunca o ouvira gritar, e a surpresa foi tanta, que ela estremeceu. Mas não tão grande que a fizesse virar-se e fitá-lo. Abriu a porta e saiu.

Nina estava determinada a fazer o que dissera. Ia voltar ao trabalho como se nada houvesse acontecido, como se fazer amor com John não houvesse sido algo tão fantástico. Nem John, nem seu corpo fabuloso, ou seu jeito avassalador de amar a desviariam de suas metas.

Assim, naquele sábado, ela se lançou ao trabalho com mais intensidade. Voltou para casa quando já passava de nove da noite e, na manhã seguinte, às sete, já se encontrava a caminho de Hartford para participar de um seminário de um dia. Estava exausta, quando entrou em casa, no fim da tarde, encalorada, suada e dolorida. Recusou-se a atender o telefone, que tocou repetidamente várias vezes naquela noite. Tomou banho e leu até adormecer, por volta de duas da madrugada.

Na segunda-feira, às nove da manhã, Lee entrou em sua sala.

— Faz tempo que chegou, Nina?

— Cheguei às oito. E vou sair daqui a alguns minutos para mostrar a casa da rua Shady Hill para um casal.

Lee aproximou-se da mesa.

— Você está esquisita.

— Esquisita?

— Parece cansada e está pálida.

Nina pousou a caneta que estivera usando.

— Acho que algum tipo de vírus me pegou. Não chegue muito perto.

Embora houvesse dito aquilo brincando, a amiga recuou até a porta.

— Não posso ficar doente — Lee justificou-se. — Vou fazer um jantar na casa de Tom, na sexta-feira, para nós e mais três casais.

— Você vai o quê?!

— Sei que vai dizer que sou louca, mas eu quero fazer isso, Nina — Lee disparou. — Tom não me pediu, fui eu que me ofereci.

— Mas ele deixou você sozinha, olhando para as paredes, dois fins de semana seguidos, enquanto se divertia em Nova York e...

— Em Chicago. E foi lá a negócios.

— Nos dois fins de semana inteiros, ele tratou de negócios?

— Isso mesmo. E se lembrou de mim. Eu lhe mostrei a echarpe que ele me trouxe de lá no primeiro fim de semana. E no outro, me mandou flores. Não foi a Chicago para ficar com outra mulher — Lee assegurou e, diante da expressão duvidosa de Nina, arrematou: — Tom me ama.

— Ele ama o que você faz por ele, e você ama sentir-se pertencente a alguém.

— E o que há de errado nisso?

— Nada — respondeu Nina, desistindo.

Estava cansada de criticar Tom sem parar, sem conseguir nada. Lee estava amarrada àquele homem e não percebia seus defeitos, suas mentiras. Tratava-se de um caso perdido, e Nina odiava casos perdidos, principalmente quando estava cansada.

— Talvez dê certo — disse, forçando um sorriso. — Talvez eu esteja errada, cínica como sou.

— Você deve estar mal mesmo — Lee comentou com ar preocupado. — Falamos de Tom há meses, e em nossas discussões você nunca desistiu de falar mal dele.

— Eu não falo mal dele, falo a verdade, e não estou desistindo, só fazendo uma pausa. Ainda vai me escutar muito.

— Tem certeza de que é apenas um vírus que está deixando você tão abatida?

— Um vírus e a preocupação com minha mãe. Ela não está bem.

— Falou com o médico dela?

Nina começou a juntar os papéis espalhados na mesa.

— Minutos atrás. Ela está tendo uma série de convulsões, e sua condição é instável.

— Acho que deve ir vê-la — Lee sugeriu.

O médico fizera a mesma sugestão, outra vez.

— Como posso ir, com tanta coisa para fazer aqui? — Nina perguntou, pondo os papéis numa pasta. — Ela pode ficar nessa situação por um bom tempo, ainda. Além disso, nem saberia que eu estava lá.

— Mas é sua mãe...

— Faço o que posso. Ela está no melhor lugar que pude encontrar. É caro, mas não me importo de pagar, só que, para fazer isso, preciso trabalhar.

Nina pôs a pasta de lado, levantou-se, pegando a bolsa.

— Mas Omaha não é tão longe!

Nina suspirou, paciente.

— Eu vou ver minha mãe, Lee. Mas agora, estou ocupada demais, vendendo bem. Preciso aproveitar a boa maré. Assim que tiver uma folga, pegarei um avião e irei para Omaha. — Ergueu a mão, abanando-a para indicar que a amiga se afastasse. — Vou passar por você. Fuja dos meus germes.

O mal-estar que Nina sentia continuou por todo o resto da segunda-feira e também no dia seguinte, e ela acabou por aceitar que isso nada tinha a ver com John, a não ser pelo fato de anular qualquer pensamento sobre sexo que pudesse ter. Na quarta-feira, ele foi à casa dela, à noite.

— Tenho tentado falar com você desde sábado! — exclamou, furioso, quando Nina abriu a porta de baixo. — Não recebeu meus recados?

Ela experimentou uma sensação de culpa e tristeza e ficou zangada consigo mesma por sentir-se assim e por notar que seu coração agitara-se, batendo mais depressa.

— Tenho estado muito ocupada — explicou.

— Tão ocupada, que não teve tempo de retornar o telefonema de um homem que levou para a cama no sábado?

— Não foi bem assim. Você me levou para a cama.

— Com seu consentimento. — Ele fez uma pausa curta, algo que a perturbou mais do

que as palavras. John sempre falava devagar. Devia estar muito descontrolado. — Você está com péssima aparência.

— Obrigada.

— Você está bem? — ele perguntou, e sua raiva parecia ter-se evaporado.

— Estou. Só tenho trabalhado muito.

— O que está fazendo não é nada saudável.

— Vai ser por pouco tempo. Estamos no pico da temporada. No outono...

— Outono! Não pode continuar com essa loucura até lá!

— Faço isso todos os anos. Estou fazendo a mesma coisa agora, e a diferença é que pode ser a última vez. Se Crosslyn Rise der o resultado que esperamos, no próximo verão serei dona do meu próprio negócio. Então, meus corretores é que estarão se matando no auge da temporada.

— Se você ainda estiver viva.

— Estarei.

John ficou em silêncio por um longo momento, olhando-a com aquele ar pensativo que ela achava tanto confortador quanto provocante.

— E nós? — perguntou por fim.

— Como assim?

— Podemos continuar nos vendo?

— Acho que não. Preciso de um tempo, John.

— Quanto tempo?

— Não sei.

— Escute, não estou pedindo que negligencie seu trabalho.

— Pediu, no sábado.

— Porque estava tão bom, ficar abraçado com você, que eu não queria deixá-la ir. Mas pensei muito, depois, e reconheci que você estava certa. Tinha compromissos marcados e nem sabia que eu ia aparecer. Tudo o que quero agora é que me deixe vir, quando puder me receber.

— John... — ela murmurou em tom de lamento. — Você nem sequer gosta de mim.

— Não quero gostar. É diferente.

— Se não quer, por que insiste em me ver?

— Estou tentando descobrir por que gosto de você, mesmo não querendo. Vamos conversar, por favor.

Nina viu que estavam prestes a entrar numa discussão complicada. E não estava disposta a isso. Sentia-se cansada, com dores no corpo e um estranho mal-estar no estômago. Iria ao médico, quando tivesse tempo. Mas, por enquanto, a consulta teria de esperar. O trabalho vinha em primeiro lugar.

— Podemos falar sobre isso numa outra hora, John?

— Claro. Basta que me diga quando.

— Preciso ver quando terei tempo livre. Se você me telefonar amanhã...

— Ligo para cá, você não atende. Telefone para a imobiliária e nunca a encontro. Deixo recados, e você não retorna minhas chamadas.

— Desta vez retornarei — ela prometeu enfaticamente. Tudo o que queria era subir e jogar-se na cama. — Ou, melhor, eu ligo para você.

Sentia-se realmente mal e estava esforçando-se ao máximo para não deixar que ele

percebesse.

— Vai ligar, mesmo? — John perguntou, desconfiado.

— Assim que chegar ao escritório, amanhã de manhã.

— Vou ficar esperando — ele avisou, olhando para os lábios dela.

Parecia que ia beijá-la. Nina não queria que isso acontecesse, pois já estava se sentindo mal demais e não precisava de mais aquela carga emocional. Suspirou, aliviada, quando ele, por qualquer razão, recuou e virou-se, começando a andar na direção do carro, estacionado na rua.

Fechou a porta e subiu a escada.

Instantes depois estava na cama.

Mas não conseguiu dormir. Cochilou, apenas para ser

despertada em seguida por uma aguda dor no estômago. Deitou-se de bruços, tornou a cochilar, acordou novamente, percebendo que a dor no estômago piorara. Levantou-se. Tomou água, então um pouco de refrigerante, mas nada disso ajudou. A dor, em vez de diminuir, tornou-se intensa.

Ela começou a sentir medo. Não podia ficar doente! Não tinha tempo para isso. Procurando uma explicação para aquela dor horrível, pensou em tudo o que comera durante o dia, achando que alguma coisa pudesse ter-lhe feito mal. Mas só ingerira comida leve e inofensiva. Por fim, tomou mais um pouco de refrigerante e voltou para a cama, mas logo a dor era tanta, que ela começou a suar frio. Talvez devesse chamar um médico. Não. Esperaria até o dia seguinte e, se a dor continuasse, procuraria ajuda.

Isso decidido, ela conseguiu dormir. Acordou com o próprio grito, quando uma dor mais aguda que as outras percorreu-lhe o estômago. Parecia que tudo lá dentro se retorcia. O fôlego faltou-lhe. Ela tentou sentar-se, mas não conseguiu, trêmula e tonta.

O medo transformou-se em terror. Alguma coisa horrível estava acontecendo, e Nina não sabia o que fazer. Lutando contra o pânico, virou-se com dificuldade e pegou o telefone na mesinha de cabeceira. Teclou o número de John. Ouviu dois toques, então alguém atendeu.

— John, é você? — ela gritou debilmente.

— Nina? — ele perguntou em tom sonolento.

— Estou mal — ela disse, arquejante. — Sinto uma dor horrível! Não sei o que fazer.

— Onde é a dor? — ele perguntou em tom ansioso.

— No estômago. Eu ia esperar até amanhã, mas está ficando cada vez pior. Nunca tive isso antes.

— De que lado do estômago?

— Não sei! De todos os lados! — Ela fez uma pausa. — Não. Dói mais do lado direito.

— Escute, meu bem. Vou chamar uma vizinha e...

— São duas horas da madrugada! Você não pode...

— Acha que conseguirá descer para abrir a porta de baixo? — ele perguntou, interrompendo-a.

— Não sei, acho que sim.

— Desça, destranque a porta e espere por mim. Não vou demorar mais do que dez minutos.

— Oh, meu Deus! John, desculpe-me.

— Faça o que eu disse, Nina. Já estou indo.

— Está bem.

Trêmula, ela desligou o telefone. Então, com medo de que a dor piorasse e a impedisse de descer para abrir a porta, saiu da cama. Aos tropeções, foi para sala. Uma dor violenta a fez parar e dobrar-se para a frente. Quando cessou, ela andou penosamente para a porta. Abriu-a e saiu, cambaleando até a escadaria. Sentou-se no topo e desceu assim, arrastando-se de um degrau para o outro. Mal teve tempo de destrancar a porta, quando foi obrigada a sentar-se no primeiro degrau, dominada por uma dor excruciante.

Devia ter desmaiado, porque, quando abriu os olhos, viu John agachado a seu lado. A mão dele era fria, em contato com sua testa escaldante.

— Nina! Nina!

— Estou bem — ela murmurou, ouvindo a própria voz como se viesse de muito longe.

Mas sentia que tudo por dentro doía. Com um gemido angustiado, tornou a fechar os olhos.

— Não está bem, mas vai ficar — John disse, erguendo-a nos braços.

Ela percebeu que saíam, obviamente em direção ao carro dele. Então, livre do medo, sabendo que John cuidaria do resto, ela concentrou-se em lutar contra a dor terrível que a estava comendo viva.

Nos dias seguintes, Nina teve momentos de consciência, mas muito breves, em que ela percebia o que acontecera, antes de sucumbir novamente sob o efeito dos analgésicos

e sedativos. As vezes, quando acordava, via médicos junto à cama, e eles tocavam nela, fazendo-lhe perguntas que ela mal podia responder, tão fraca se sentia. De outras vezes notava enfermeiras dando-lhe banho, mudando-a de posição, checando o líquido que fluía através de um tubo ligado a seu braço.

John também estava junto dela, em certas ocasiões, e de todos os rostos que ela via na espécie de bruma que a envolvia, o dele era o que distinguia com mais clareza.

— Seu apêndice estava supurado — ele contou numa das primeiras vezes em que ela recobrou a consciência. — Mas está tudo certo, agora. Você vai ficar boa.

— Estou tão cansada...

— Então, durma.

Quando acordava e se via sozinha, procurava dormir novamente para fugir da solidão, da dor, do calor da febre e da confusão em sua mente.

Durante três dias, ficou em estado febril. Na manhã do quarto dia, acordou e percebeu que se sentia melhor. Os médicos foram examiná-la, as enfermeiras cuidaram de sua higiene, então John chegou.

— Ei! — ele exclamou, sorridente, ao vê-la acordada. — Vejo que o pior já passou.

— Passou, finalmente.

— Sua aparência melhorou bastante.

— Mentira. Estou horrível.

— Esteve se olhando no espelho?

— Estive. As enfermeiras me obrigaram a sair da cama e ir ao banheiro.

— Ótimo.

— Ótimo, coisa nenhuma. Não posso endireitar o corpo, e fiquei tão tonta, andando, que quase desmaiei.

— O que esperava? Sair da cama e dançar uma polca? Nina sorriu debilmente.

— Não, mas pensei que pudesse pelo menos andar. Estou deitada aqui há três dias...

— Sem fazer nada — ele completou com expressão sombria.

— Meu bem, você esteve entre a vida e a morte. Mais um pouco e... Não lhe disseram isso?

— Os médicos exageram.

— Não exageraram, no seu caso. Você esteve realmente mal, Nina. Eles queriam saber se você tinha parentes que precisassem ser avisados.

— E o que você disse a eles?

— O que Lee me contou.

— Lee?

— Telefonei para a imobiliária, na quinta-feira de manhã para avisar que você não iria trabalhar, e foi Lee que ligou de volta. Ela esteve aqui duas vezes, mas encontrou você dormindo. — John sentou-se na borda da cama e disse em tom gentil: — Falou de sua mãe. Lamento muito que ela esteja tão doente.

— Faz muito tempo que ela está assim — Nina murmurou, fechando os olhos.

— Eu sei. Lee me contou. — Fez uma pausa, então perguntou baixinho: — Quer dormir?

— Não.

— Pode dormir, se quiser. Estarei aqui, quando acordar — John prometeu, pegando a mão dela.

— Você quase sempre está.

— Não tanto quanto desejaria. Nina sentiu um nó na garganta.

— Desculpe-me — pediu, virando a cabeça para que ele não lhe visse o rosto.

— Pelo quê?

— Por estar sendo um peso. Você tem coisas mais importantes para fazer do que ficar sentado junto de mim. Não devia estar em casa com J.J.?

— Ele está com a babá da parte da manhã.

— Tem ficado muito com babás, nos últimos dias, e tudo por minha causa. Primeiro, tiro você de casa de madrugada, depois...

Pegando-a pelo queixo, ele a fez virar o rosto para o seu lado.

— Graças a Deus, você me tirou de casa de madrugada. Se tivesse esperado até amanhecer, talvez fosse tarde demais.

Nina abriu os olhos.

— Obrigada por tudo, mas não precisa perder tanto tempo comigo, agora.

— Eu quero perder. Pense em mim como em seu guardião. Preciso evitar que você comece a fazer coisas demais, depressa demais, como costuma.

Seu guardião. Era verdade. Lee fora vê-la, mas certamente não ficara muito tempo. Os outros amigos haviam mandado flores e cartões, até telefonado, mas ninguém fora visitá-la. John, no entanto, fizera-lhe companhia quase que constante.

Emocionada com esses pensamentos, ela começou a chorar silenciosamente.

— Ah, Nina... — John murmurou.

— Estou bem — ela afirmou. — Mas acho que preciso descansar um pouco.

Pegou a mão dele e, segurando-a de encontro ao peito, adormeceu.

Acordou e tornou a dormir várias vezes, e John continuava no quarto. Ainda estava lá, na manhã seguinte, e ajudou-a a sair da cama, a andar até o banheiro e a deitar-se novamente. Era, de fato, um guardião.

No sexto dia de hospitalização, Nina finalmente estava melhor. Ainda dormia muito, mas já começava a pensar no trabalho. Havia muito o que fazer. A doença a atrasara. Ela precisava recuperar o tempo perdido.

— Quando vou poder ir para casa? — perguntou ao médico, depois que ele examinou a incisão e deu-se por satisfeito.

— Daqui a dois, três dias.

— Dois, três dias?! — ela exclamou, surpresa. — Mas já estou bem. Quase não sinto mais dor.

— Mas ainda existe o risco de uma infecção. Seu corpo sofreu um trauma. Você precisa de cuidados e de repouso.

— Posso repousar em casa.

— E vai fazer isso? — O dr. Caine era de meia-idade, tinha olhos bondosos e expressivos, que pareciam dizer que ele sabia muito bem que ela era do tipo irrequieto. — Você mora sozinha. Não haverá ninguém para impedi-la de cometer alguma bobagem.

— Já sou grande — ela respondeu com um sorriso. — Sei cuidar de mim mesma.

— Mas vai cuidar?

— Vou repousar, prometo.

— Com o telefone na orelha e uma caneta na mão? — Ele riu e deu-lhe um tapinha na mão. — Não. Acho melhor ficar aqui mais um pouco.

— Descansarei melhor em casa do que aqui — ela teimou, aborrecida. — Dormi bastante, quando estava meio grogue por causa dos remédios, mas agora escuto todos os barulhos que fazem no corredor, sem falar...

— Ainda está fraca, Nina. Não poderá ficar sozinha.

— E se eu ficar com ela? — uma voz masculina perguntou da porta.

Nina olhou para lá e viu John. No mesmo instante, sentiu-se mais calma. Nos últimos dias, descobrira que ele tinha o dom de fazê-la sentir-se segura e tranqüila.

— Pode fazer isso? — o médico indagou.

— Posso, se ela ficar em minha casa.

— Ei, John, espere aí! — Nina protestou. — Não acho boa idéia.

— Por quê? Tenho um bom quarto de hóspedes, com uma cama ótima.

Mas nesse quarto não devia haver um telefone, Nina pensou. Ela não poderia ligar para os clientes, nem para os colegas, e queria começar a pôr em dia o trabalho atrasado.

— Vou poder ver se você come direito e, no caso de haver alguma complicação, o que espero que não aconteça, estarei ali para trazê-la de volta ao hospital — John argumentou, então virou-se para o médico: — O senhor daria alta a ela, se eu a levasse para minha casa?

— Claro. Só assim eu daria. Nina ficou furiosa.

— Mas isso é ridículo! — exclamou, então surpreendeu-se ao notar que se sentia fraca, de repente. — E J.J.? — perguntou em tom bem mais brando.

— Qual é o problema?

— Ele me veria.

— Com certeza.

— Escutem — o médico interrompeu-os. — Conversem a sós e decidam. — Olhou para John e acrescentou: — Pode levá-la, se quiser, mas só à tarde. Quero mais um exame de sangue, antes de liberá-la. Deixe recado na recepção, dizendo o que resolveram. Estarei aqui no hospital a manhã toda.

Saiu, e John voltou sua atenção para Nina.

— Está cansada, não é?

— Estou — ela admitiu.

— O dr. Caine disse que será assim ainda por algum tempo.

— Não sei se devo ir para sua casa, John. Talvez J.J. não goste de ver uma pessoa estranha em casa.

— Não, isso não vai acontecer. Ele é um bom menino.

— Detesto incomodar. Posso me arrumar sozinha.

— Talvez possa, daqui a alguns dias. Mas agora, não. Precisa descansar e se alimentar. E nem pensar em trabalho, até melhorar bem.

Em outras circunstâncias, Nina apresentaria mil argumentos contra a idéia, mas, ou estava fraca demais para isso, ou John era muito persuasivo, porque decidiu não discutir, pelo menos no momento.

— O que vai dizer a J.J.? — perguntou apenas.

— O que tenho dito a semana toda, que você é minha amiga e está doente. Por que se preocupa tanto com ele? É apenas uma criança.

— É seu filho. Pode ser que você não quisesse que eu o conhecesse.

— Por que pensa assim?

— Você sempre o deixa com uma babá, quando vai me ver.

— Porque o que fazemos quando nos encontramos não é apropriado para os olhos de uma criança — ele brincou.

— Não íamos fazer nada, naquele sábado em que você foi à imobiliária, buscar a brochura. No entanto, você não o levou. Preferiu deixá-lo na praia com os amigos.

— Ele estava se divertindo. Mas você não deixa de ter razão. Quero proteger J.J. para que ele não se magoe. Não levo estranhos para casa. As pessoas com quem mantemos contato conhecem o problema dele, de modo que não o deixam perturbado.

— Minha presença em sua casa o deixará perturbado — ela observou.

— Ele está preparado. Sabe que nós dois somos amigos.

— Oh, John... — Nina começou a falar e parou, suspirando.

— O que é?

— Não sei lidar com crianças, e ele é um menino especial. E se eu fizer ou disser alguma coisa errada?

— Ficará em minha casa para descansar, não para lidar com J.J. E não precisa preocupar-se com o que vai dizer, porque ele não a ouviria — John comentou com um sorriso triste. — Quero que vocês dois se conheçam, Nina. Já está na hora.

Ela não tinha muita certeza do que John queria dizer com aquilo, mas não achou importante descobrir. Se ele queria tanto que ela fosse se recuperar em sua casa, ela iria, mas tomaria cuidado para não comprometer sua independência. Afinal, estava doente, realmente precisava da ajuda de alguém.

Depois de refletir um pouco, ela reconheceu que, bem lá no fundo, fosse por curiosidade ou pelo velho egoísmo, também queria muito passar uns dias na casa de John.

CAPÍTULO VII

O médico, satisfeito com o resultado do exame de sangue de Nina, permitiu que John a levasse para casa no meio da tarde. Usando um vestido leve de verão e sandálias, que Lee levara ao hospital na hora do almoço, ela caminhou lentamente para o elevador, apoiando-se no braço de John.

— Agora estou no seu ritmo, hein? — arreliou.

— E isso é muito bom — ele afirmou, observando-a atentamente. — Você está bem?

— Estou — ela respondeu, desejando estar dizendo a verdade.

As pernas estavam fracas e, como ela se recusasse a andar encurvada, os pontos que fechavam a incisão repuxavam de modo bastante desagradável.

Vários minutos mais tarde, quando finalmente chegaram ao carro, ela se acomodou no banco do passageiro com um suspiro de alívio.

— Está pálida como um fantasma — John comentou, depois de ajudá-la. — Tem certeza de que não quer voltar lá para dentro?

— Tenho.

A última coisa que ela queria era voltar para aquele quarto de hospital. Na casa de John não teria liberdade para trabalhar, como planejava, mas pelo menos dormiria quando tivesse vontade, sem ser acordada por médicos e enfermeiras, e usaria o resto do tempo para pensar. John

não a deixaria passar horas no telefone, mas ela poderia fazer planos, soltar a criatividade e escrever instruções relativas a Crosslyn Rise para que Lee as seguisse.

— Passei muito tempo deitada — disse para justificar sua palidez.

— Vamos dar um jeito nisso — ele decidiu, fazendo-a deitar no banco e pôr a cabeça em sua coxa. — Está melhor?

— Muito.

John ligou o motor e pôs o carro em movimento.

— Você foi para o hospital deitada assim, naquela madrugada. Lembra-se?

— Não.

— Fiquei apavorado — ele confessou, afagando os cabelos dela.

— Sabia o que estava acontecendo comigo?

— Imaginei, por isso fiquei apavorado. Dizem que quando o apêndice e rompe a pessoa tem poucas chances de sobreviver, se não for socorrida com o máximo de presteza.

Ela estremeceu.

— Está com frio, Nina?

— Não. Só estou lembrando. A dor foi horrível. Nunca senti nada parecido.

— Ainda bem que me chamou.

Ela pensara muito sobre aquilo, no hospital. Poderia ter chamado Lee, ou Martin. Ou o pronto-socorro. Mas chamara John. Nem pensara em outra pessoa, talvez porque ele fosse a pessoa mais calma, mais controlada, que ela conhecia.

— Nem lhe agradei. Você foi me socorrer, quando chamei, e sabia o que fazer. Salvou minha vida, John.

Ele pigarreou.

— Só faltam os violinos — brincou, mas sua voz estava embargada.

— É verdade, John. Estou muito agradecida.

— Certo. Então, pode mostrar sua gratidão, sendo uma boa menina nos próximos dias e ficando na cama.

— Vou ter de ficar na cama?

— No início, pelo menos.

Ela não disse nada, apenas ajeitando a cabeça na coxa musculosa.

— Não vai discutir? — ele perguntou em tom surpreso.

— Estou cansada demais para isso — ela admitiu. — Só quero descansar.

— Então, descanse. Logo estaremos em casa.

— Você me ajuda a levantar, antes de chegarmos a sua rua?

— Por quê?

— Seus clientes poderão me ver erguer a cabeça de seu colo e pensarão coisas horríveis.

Ele riu.

— Ajudo. Mas cuidado com o que diz, ou vai me deixar num estado escandaloso. Aí, sim, os clientes vão ter o que falar.

Se ela estivesse se sentindo bem, ficaria excitada com aquela conversa. Mas não estava. Sexo estava longe de sua mente. No entanto, não pôde deixar de sorrir ao imaginar o circunspecto livreiro descendo do carro com uma enorme ereção.

Cochilou sorrindo. Despertou quando John acariciou-a no rosto, chamando-a baixinho. Sentou-se com a ajuda dele, e logo depois entravam na alameda de veículos, parando diante da porta lateral da casa. John saiu do carro, deu a volta e ajudou-a a sair, guiando-a para a porta. Ela ficou nervosa.

— O que J.J. costuma fazer a esta hora? Ele vê televisão? — perguntou num cochicho.

— Às vezes, mas agora acho que não está em casa.

— Não está?

— Ia sair com as meninas — John explicou, abrindo a porta.

— Oh... — ela murmurou, desapontada. Quando subiam a escada lentamente, comentou: — Estou começando a achar que J.J. não existe.

— Existe, sim, e logo estará de volta — ele afirmou, segurando-a com mais força, quando a sentiu cambalear.

— Não pensei na escada. É um transtorno.

— Eu também teria de subir uma escada, se fosse para minha casa — ela o lembrou.

— Vai se deitar imediatamente, ouviu?

Nina concordou. Por fim, atravessaram a sala de estar, que ela teve a impressão de ser decorada em tons de azul e marrom, e percorreram um longo corredor. O quarto de hóspedes era o último. Azul e branco, simples, oferecia uma atmosfera suave e calmante. A cama de casal era

um convite, com dois travesseiros fofos, a colcha e o lençol superior, já dobrados para trás. Sentindo-se cada vez mais fraca, Nina sentou-se na beirada e, segurando a barriga com as duas mãos, inclinou-se vagarosamente para o lado, deitando a cabeça no travesseiro. John ergueu-lhe as pernas, ajeitando-as na cama.

Ela suspirou, fechando os olhos.

— Ah, assim é muito melhor.

— Você está suando.

— De fraqueza. Mas vou ficar bem, só preciso descansar.

— Lee incluiu uma camisola, nas roupas que levou ao hospital?

— Não sei, pode ser.

Nina ouviu-o tirar a bolsa do ombro, colocá-la numa cadeira e abrir o zíper.

— Muito bonito — ele resmungou em tom seco, pouco depois.

Nina abriu os olhos e viu-o segurando sua camisola mais sumária, mais provocante. Não poderia usara aquilo, principalmente com um garotinho andando pela casa. Com um gemido, tornou a fechar os olhos.

— Por enquanto posso ficar como estou — murmurou. John saiu do quarto e voltou quase em seguida.

— Como deve chegar aos seus joelhos, será uma camisola decente, além de macia e confortável — comentou.

Ela abriu os olhos mais uma vez, vendo que ele segurava uma de suas camisas. E deixou-o sentá-la na cama, tirar-lhe o vestido e vestir-lhe a camisola improvisada, sem um protesto.

Voltou a deitar-se e sentiu um sopro de ar fresco na pele. Um zumbido suave vinha do teto. Olhando para cima, viu um ventilador, que John obviamente acabara de ligar.

— Gostoso — disse sorrindo, deliciando-se também com o frescor da camisa e das roupas de cama e a maciez do colchão. — Acho que vou dormir um pouco.

Adormeceu quase em seguida.

Acordou desorientada. A princípio, pensou que estivesse no hospital, mas o cheiro era outro, suave e agradável. Em casa também não podia estar, porque aquele zumbido era de um ventilador de teto, algo que ela não tinha. Então lembrou-se de que John a levara para a casa dele, e lentamente abriu os olhos.

E viu um menino a sua frente, a menos de um metro de distância. J.J.”Sawyer tinha cabelos espessos e brilhantes, um pouco mais claros que os do pai, pele lisa, amorenada de sol, nariz pequeno. Estava descalço e usava camiseta desbotada e short jeans. Não parecia frágil como Nina imaginara, ao contrário, era um garoto forte. Se não fosse pelos óculos de lentes grossas e pelos aparelhos auditivos, teria a aparência de qualquer menino travesso de quatro anos de idade.

Nina sentiu um aperto inesperado no coração.

— Oi — cumprimentou-o, sorrindo e com um leve aceno. Ele acenou também, mas seus olhos haviam se fixado na pulseira feita de esparadrapo com o nome dela, que Nina usara no hospital.

Ela estendeu o braço, convidando-o a examinar a pulseira, e o menino, curioso, aproximou-se. Parecia encantado, e ela pensou que, se pudesse tirar aquilo do braço, daria a ele. Mas a tira dupla de esparadrapo era justa demais para sair sem ser cortada.

Depois de pensar um pouco, Nina, usando gestos, fingiu que cortava a pulseira com

uma tesoura. Então, apontou para J.J., depois para a porta e repetiu o gesto de cortar.

Os olhos do menino, aumentados pelas lentes, ergueram-se

para os dela. Ela sorriu de modo encorajador e tornou a fingir que cortava a pulseira. Então, ele se virou e correu para fora do quarto.

Voltou pouco depois, trazendo uma tesoura pequena e de pontas arredondadas. Sentindo-se vitoriosa pelo fato de haver conseguido se fazer entender, Nina ergueu o pulso.

— É capaz de cortar? — perguntou, apontando para ele, então para a pulseira e depois para a tesoura.

Ele introduziu uma parte da tesourinha sob a tira e tentou cortá-la, mas o esparadrapo era resistente demais para as lâminas cegas.

— Tente de novo — ela o incentivou, apontando para a pulseira e fazendo o movimento de cortar com o dedo indicador e o médio.

J.J. tentou, mas não conseguiu. Torceu a boca, desgostoso. Sentindo sua frustração, Nina empurrou a ponta da tesoura para a borda da tira e gesticulou repetidamente, mostrando que os cortes deviam ser curtos.

O garoto entendeu e começou a cortar o esparadrapo, às vezes usando as duas mãos para firmar a tesourinha, até que a pulseira abriu-se e caiu sobre o lençol.

— Menino inteligente! — ela exclamou, sorrindo e erguendo o polegar no gesto de positivo.

J.J. também sorriu, olhando-a.

— Obrigada — Nina agradeceu, exagerando os movimentos da boca. O sorriso de J.J. alargou-se, e ela, pegando a pulseira, estendeu-a para ele. — É sua. Você merece.

Com uma expressão de intensa alegria, o menino pegou a tira, examinou-a, então girou nos calcanhares e saiu do quarto correndo.

Nina sorriu, emocionada. Conseguira comunicar-se com J.J. O problema era que ficara exausta. Quando se livraria daquele cansaço? Fechou os olhos, preparando-se para dormir mais um pouco, quando ouviu o ruído de pequenos pés descalços que corriam em sua direção. Abrindo os olhos, Nina viu que ele segurava a tira de esparadrapo em uma das mãos, e que a outra estava fechada, escondendo alguma

coisa. Olhando-a com um sorriso, J.J. abriu a mão e ofereceu-lhe cinco balinhas minúsculas de goma.

Nina não comera muito na última semana, e seu estômago começava a voltar ao normal. Balinhas de goma não deviam ser o alimento ideal para uma convalescente, mas ela exibiu um amplo sorriso e aceitou-as, pondo todas na boca de uma só vez.

— De-li-ci-o-sas! — exclamou pausadamente, depois que as engoliu. — Obrigada.

Retribuindo o sorriso, o menino foi embora.

Ela achou que ele voltaria em poucos instantes, mas isso não aconteceu, o que foi bom, porque ela se sentia realmente exausta.

Virando-se cautelosamente para o outro lado, puxou o lençol até os ombros, fechou os olhos e adormeceu. Quando despertou, viu que o quarto estava banhado pela luz do crepúsculo, e que John encontrava-se a seu lado, sentado na cama.

— Oi — ele a saudou.

— Oi.

— Dormiu bem?
— Dormi.
— Está se sentindo melhor?
— Por enquanto — ela respondeu, desanimada. — Daqui a cinco minutos estarei cansada outra vez.

— Isso passa.
— Tem de passar.
— Está com fome?
— Não. Tomei um lanche. Cinco balinhas de goma.
— É, fiquei sabendo.
— J.J. é um amor. Um amor!
— Também acho — John concordou, sorrindo.
— Ele é parecido com a mãe? Os cabelos são iguais aos seus, mas...
— Difícil dizer. Quando olho para J.J., vejo J.J., mais ninguém. Ele tem um jeito só seu, talvez por causa do problema, não sei.

— É muito inteligente. Entendeu o que eu queria dizer, rapidamente.
— Está falando da retirada da pulseira?
— É. J.J. lhe contou?
— Ele me mostrou a pulseira e me fez emendá-la para poder usar. — John olhou para a porta. — Falando no diabo... — Fez um gesto com a mão, chamando em tom alto e compassadamente: — Venha cá, filho.

— Ele entende bem o que uma pessoa fala, observando os lábios? — Nina perguntou, olhando para J.J., que corria para o pai.

— Frases simples e curtas. Mas ficará bom nisso. — Pegando o menino no colo, John disse: — J.J., esta é Nina.

Ela acenou para o garotinho, e ele, depois de virar a pulseira de esparadrapo no pulso, ergueu a mão, acenando também.

— É molho de macarrão, isso que vejo em volta de sua boca? — ela perguntou, passando um dedo ao redor dos lábios dele.

J.J. olhou para o pai e fez alguns movimentos com as mãos. John respondeu com outros gestos, então explicou, falando com Nina:

— Ele disse que comeu macarrão, e eu o elogiei por ter entendido o que você perguntou e respondido com os sinais certos.

Nina ficou impressionada.

— A linguagem de sinais parece tão difícil! Ele já a conhece bem?

— Mais ou menos. Nós dois temos aulas com um fonoaudiólogo e praticamos muito. — John fez uma pausa, olhando para o filho com indisfarçável carinho. — Macarrão é um de seus pratos favoritos, de modo que ele aprendeu depressa os sinais referentes a ele. De modo geral está indo muito bem, para uma criança de quatro anos.

— Ele fica irritado, quando se comunica com pessoas que não conhecem a linguagem de sinais?

— Fica muito mais quando quer alguma coisa e não consegue

se fazer entender, mas isso acontece com qualquer criança pequena. J.J. fica irritado com

as pessoas, quando elas ficam irritadas com ele.

— As babás falam com ele através de sinais?

— Um pouco. As meninas gostam mais disso do que a outra babá. Consideram uma brincadeira. — John esfregou o nariz no alto da cabeça do menino, carinhosamente, então colocou-o no chão e levantou-se. — Nós dois vamos trazer seu jantar.

Nina ergueu o tronco, apoiando-se num cotovelo.

— Posso ir comer na cozinha.

— Hoje, não.

— Mas não...

— Por que faria isso, se posso trazer uma bandeja para cá?

— Porque não é certo você ficar me servindo.

— Claro que é. Mas não estou "servindo", e sim ajudando. Foi com esta condição que o médico lhe deu alta.

— Eu não quero...

— Nem mais um pio — John ordenou em tom severo. — Está decidido.

Pegando J.J. pela mão, saiu com ele do quarto.

Não demorou muito para voltar com uma bandeja onde havia um prato de macarrão com bastante molho e outro de salada.

Nina não comera nem metade da refeição, quando voltou a sentir-se incrivelmente cansada.

— Vou deixar o resto para mais tarde — disse, recostando a cabeça no travesseiro assim que John ergueu a bandeja.

Dormiu imediatamente.

Despertou não muito tempo depois. J.J., de pijama, brincava no chão com um caminhão-guincho e dois carrinhos de plástico. Com a cabecinha curvada, concentrava-se em mover os veículos de brinquedo, e de vez em quando emitia um som gutural, imitando o ruído do caminhão. Nina gostaria de saber se ele podia ouvir o ronco real de um veículo, ou se apenas captava as vibrações. Com tristeza, tentou imaginar como seria viver num mundo silencioso. Ficou observando o menino brincar, até que o sono tornou a vencê-la.

Eram onze horas, quando acordou novamente e olhou para o relógio na mesa de cabeceira. John, sentado numa poltrona sob um abajur de pé alto, lia um livro.

Ela o chamou baixinho e disse que precisava ir ao banheiro. Ele ajudou-a a caminhar até lá, esperou que saísse e levou-a de volta para a cama. Então, saiu e retornou menos de dez minutos depois, com um grande copo de milk shake espumoso, que ela tomou com gosto, pois estava quase gelado e muito saboroso. Satisfeita, não demorou muito para voltar a dormir.

Na manhã seguinte, ao despertar, Nina viu J.J. sentado no chão, lendo um livro. Pelo que ela podia ver da cama, havia mais gravuras do que palavras, mas ele virava as páginas lentamente, observando com atenção tudo o que via.

Virando-se na cama, ela estendeu a mão e alvoroçou os cabelos dele. J.J. ergueu os olhos e sorriu. Então, levantou-se, deixando o livro no chão, e saiu do quarto aos saltos, certamente para ir em busca do pai.

John entrou pouco depois, quando Nina já se sentara.

— Dormiu bem? — perguntou.

— Profundamente. Este lugar é muito quieto. Ele observou-lhe o rosto por alguns

instantes.

— Está com aparência melhor — comentou.

— Já era tempo, não?

— Quer tomar café?

— Quero, mas pouca coisa.

A "pouca coisa" que ele levou ao quarto minutos mais tarde era uma bandeja cheia.

— Está querendo me engordar — ela reclamou. — Se eu comer do jeito que você quer que eu coma, perderei todas as minhas roupas.

— Já perdeu, meu bem. Não sei se percebeu, mas emagreceu bastante.

— Tem razão. — Nina fez uma pausa. — Acho que vou levantar e me vestir.

— Amanhã — ele replicou em tom de comando. — Agora, coma.

Ela obedeceu, embora não fosse capaz de consumir nem um terço das torradas com ovos mexidos, biscoitos com geléia, queijo, frutas frescas e suco de laranja.

— Posso ler o jornal, pelo menos? — pediu, quando John retirou a bandeja. — Faz uma semana que não sei o que está acontecendo por aí.

— Acho que não lhe fará mal nenhum — ele concedeu. Naquele momento, J.J. entrou no quarto e, antes que voltasse para junto do livro, John segurou-o pelo braço. Assim que conseguiu a atenção do menino, fez dois movimentos rápidos com as mãos, e J.J. saiu correndo do aposento. Nina repetiu os gestos que vira John fazer.

— Isso significa "jornal"?

— Exatamente.

— Como se diz "obrigado" na linguagem de sinais? John ensinou-lhe. Quando o garoto voltou, trazendo o jornal com ar orgulhoso, Nina agradeceu usando os sinais que acabara de aprender.

Assim que ficou sozinha, começou a ler, mas dormiu antes de chegar à metade.

No fim do dia, depois de dormir e acordar várias vezes, Nina sentia-se mais animada. Quando John foi vê-la, ela começou a reclamar da forçada inatividade, lamentando o tempo perdido, dizendo que precisava trabalhar.

— Por causa dessa obsessão por trabalho, você poderia ter morrido — ele observou, quase áspero, sentando-se na poltrona virada para a janela. — Se houvesse ido ao médico assim que viu que não estava bem, tudo seria resolvido facilmente com uma simples extração do apêndice. Mas, não, deixou que a situação chegasse ao ponto que chegou e por isso sofreu mais, e a recuperação será mais demorada. Não estará em forma antes de um mês, Nina.

— Um mês?! — ela exclamou, horrorizada. — E Crosslyn Rise?

— Cáter e Jéssica estão cuidando de Crosslyn Rise, não se preocupe.

— Estou falando das vendas. Preciso planejar como será a festa que abrirá a exposição da casa-modelo e posso fazer isso na cama, assim que Christine terminar a decoração. Criar alguns anúncios para o jornal, enviar convites e dar alguns telefonemas são atividades que não vão me matar.

— Não, não vão.

— E pretendo estar lá, quando a casa for posta em exposição. Isso também não vai me matar.

— Não, mas o que me diz de ficar andando de um lado para outro, mostrando a casa a possíveis compradores?

— Outras pessoas podem fazer isso por mim.

- Não, Nina. Por favor, espere um mês.
- Mas o Quatro de Julho é o dia perfeito para a festa!
- Quase todos os turistas vão fazer piqueniques fora da cidade, no Quatro de Julho.
- E em agosto todos os turistas vão embora.
- Espere pelo Dia do Trabalho, em setembro.
- Impossível.
- Marque a abertura da exposição para o final de julho, pelo menos.
- O sábado após o Quatro de Julho.
- Não. O último sábado do mês.
- O penúltimo, e não arredo pé.

John bufou e ficou em silêncio um longo tempo, olhando pela janela. Quando tornou a olhar para Nina, sua expressão era mais de divertimento do que de irritação.

— Você me surpreendeu — comentou. — Esperava que brigasse mais para fazer valer sua opinião.

- Acredite ou não, não gosto de brigar, nem mesmo quando estou boa.
- E agora não está.
- Essa maldita fraqueza é que está me atrapalhando!
- É tão horrível assim, sentir-se fraca de vez em quando?
- E! — ela afirmou com veemência.

Odiava a fraqueza. Fechando os olhos, recordou certas passagens de sua vida que desejava poder esquecer.

— Nina?

Invadida por uma onda de tristeza, ela abriu os olhos e viu preocupação nos olhos de John. Decidiu, então, que tinha de lhe dizer a verdade. Era o mínimo que podia oferecer, depois de tudo o que ele fizera por ela.

— Minha mãe costumava me perguntar se era errado ser fraca, de vez em quando. E os homens eram sua fraqueza. Ela precisava da proteção deles, de sua ajuda. Não exigia muita coisa, apenas que lhe dessem algo com que continuar vivendo, e durante anos foi assim. Continuamos vivendo, nós duas. Não tínhamos nada além do essencial, e para mim isso não tinha importância, porque o que eu queria realmente era uma mãe que ficasse comigo, que me fizesse companhia, mas ela quase nunca estava em casa. Quando comecei a entender melhor as coisas, pedi-lhe que arrumasse um emprego onde pudesse trabalhar em horário normal, e ela disse que não podia. Alegou que Fulano era tão bom para ela, que não queria vê-la se matando de trabalhar. Fui crescendo, e brigávamos demais por causa dos Fulanos, que mudavam sempre. Eu dizia que ela era fraca, e ela dizia que não havia problema nisso. Então, comecei a ver os hematomas em seu corpo e dizia que nenhuma mulher tinha de suportar aquilo, mas ela não me ouvia. Continuava permitindo que os homens lhe batessem.

Nina engoliu um nó na garganta e virou a cabeça para o lado.

— Aí, começou a tomar pílulas — prosseguiu baixinho. — E percorreu toda a escala das drogas.

John afagou-lhe os cabelos ternamente.

— Foi uma overdose que a deixou como está? — perguntou.

— Foi. Não morreu, mas vive como um vegetal. — Nina fez uma pausa, pensativa, então, num murmúrio trêmulo, continuou: — Preciso ir vê-la. Ela está numa cama, sozinha. Detestei as horas em que fiquei sozinha, lá no hospital. Preciso ir ver minha mãe, John.

— Você vai sempre à clínica?

— Não. É longe demais, trabalho muito, não tenho tempo.

— Sentimentos confusos demais — ele observou. Ela virou a cabeça para encará-lo.

— Como sabe?

— Pelas coisas que você me contou. Queria que sua mãe ficasse com você, e ela não ficava, pedia-lhe para mudar, e ela não mudava. Você construiu uma vida que é o oposto da dela. — John parou de falar por um instante, usando o polegar para massagear a têmpora dela com movimentos circulares. — Você ainda estava com sua mãe, quando ela começou a usar drogas pesadas?

— Estava, sim. Trabalhava e estudava.

— E seu pai?

Sentindo a mesma dor que experimentara durante anos, ela apenas deu de ombros.

— Não sabe onde ele está? — John insistiu. Ela moveu a cabeça, negando.

— Sabe quem é?

— Não.

Em silêncio, ele passou um braço por baixo das costas dela e ergueu-a, envolvendo-a num abraço.

Nina ficou inerte, a princípio, até que foi dominada pelo desejo de ser confortada. Abraçou-o pela cintura, pousando a cabeça no peito largo. Aos poucos, foi relaxando, sentindo-se leve. Ao revelar seu segredo a John, livrara-se do fardo que carregara durante anos.

— Amar um homem não precisa significar fraqueza — ele disse baixinho contra os cabelos dela.

— Amar é bom — ela afirmou. — Ruim é depender. Os homens eram tudo para minha mãe. Quando nenhum mais a quis, ela desabou.

— Aí, você decidiu que nunca dependeria de um homem.

— Certo.

— Quer ser auto-suficiente.

— Quero. — Ela respirou fundo, aspirando o cheiro reconfortante de John. — Nunca vou ser dependente de outra pessoa. Nunca.

Sentiu-se aliviada. Fora franca. John estava avisado. Se queria cuidar dela, ótimo. Se queria ajudá-la, ser seu anjo guardião, ótimo. Ela não podia negar que era bom poder contar com alguém na doença. Mas, assim que se recuperasse, voltaria a cuidar de sua vida sozinha.

Era bom que ele compreendesse isso.

CAPÍTULO VIII

Na manhã seguinte, Lee apareceu para uma visita, no horário em que John e J.J. estavam no consultório do fonoaudiólogo. Nina estava usando o vestido de verão com que saíra do hospital e pintara as unhas, o que a fez sentir-se muito melhor. E recebeu a amiga na sala de estar. Não dissera a John que sairia do quarto, porque queria surpreendê-lo, quando ele chegasse.

— Uma casa bonita — Lee elogiou, sentando-se no sofá e olhando em volta.

Nina também achava. Um pouco antes de Lee chegar, percorrera tudo e descobrira que a casa era composta de três quartos, sala de estar, de jantar e uma espaçosa cozinha. Nada fora "decorado", mas todos os cômodos passavam uma gostosa sensação de aconchego. E ela estava gostando da casa mais do que pretendia confessar à amiga.

— É limpa e funcional — disse simplesmente. — Não há nada supérfluo. Logo se percebe que é a casa de um homem sozinho.

Lee concordou, movendo a cabeça.

— E, então, como está se sentindo? — perguntou.

— Hoje estou melhor. Até ontem, eu me perguntava quando ia voltar à vida. Parece que faz uma eternidade que não vou trabalhar

— Faz só uma semana. Você ainda está pálida.

Nina não gostou daquilo, porque Lee normalmente

era mais otimista, mais encorajadora. Alguma coisa não estava certa.

— Minha cor vai voltar — assegurou. — Assim que eu tomar um pouco de sol. Estou pensando em ficar um pouco no quintal, mais tarde. Agora me conte o que está acontecendo na imobiliária. Conseguiu alguma coisa com os Donaldson?

— Consegui — Lee respondeu, abrindo a pasta em seu colo. — Eles vão fechar negócio, se sua contra-oferta for aceita.

— Vão? Mas isso é ótimo!

Lee não demonstrou grande entusiasmo, ocupando-se em procurar algo no maço de papéis que tirara da pasta.

— Prometeram ir à imobiliária hoje à tarde, às quatro horas, levando a proposta.

— Muito bom. Faz tempo que estão procurando algo de seu gosto. Podemos satisfazê-los, finalmente, e isso me deixa muito contente.

— Eu sei.

— Obrigada, Lee. Agradeço muito o que fez — Nina disse, sorrindo. Sentia-se realmente grata, embora, a pedido seu, Lee fosse ficar com toda a comissão. Mas a amiga, trabalhando com habilidade, estava mantendo intata sua reputação de excelente corretora. — Sei que trabalhou muito, cuidando não apenas desse caso, como de todos os compromissos marcados para a semana passada. Você é uma amiga e tanto.

Ainda folheando os papéis, Lee deu de ombros.

— É bom ter alguma coisa com que encher o tempo, algo que estou tendo de sobra.

Aquilo era realmente estranho. Lee nunca fora de querer manter-se ocupada o tempo todo, como Nina. Era mais lenta, mais acomodada.

— O que aconteceu, Lee? — Nina perguntou sem rodeios.

— Nada.

— Aconteceu, sim. Você está esquisita.

— Não, não estou.

— Está — Nina teimou.

Recolocando os papéis na pasta, Lee cruzou as mãos sobre ela.

— Tem razão — admitiu, fitando Nina com os olhos cheios de lágrimas. — Tom vai embora. Está vendendo o apartamento para mudar-se para Chicago. Disse que foi transferido, mas acho que vai trabalhar num emprego novo. E não vai me levar. Disse que está tudo acabado

entre nós, que foi bom enquanto durou, mas que agora acabou. — Tirando um lenço de papel do bolso do blazer, enxugou os olhos. — Você estava certa. Conhecia Tom melhor do que eu.

Com dor no coração, Nina estendeu a mão e apertou a dela.

— Oh, Lee...

— Você estava certa — a amiga repetiu, pressionando o lenço contra o nariz. — Sabia o que ia acontecer e me avisou, mas não acreditei. Continuei me recusando a ver a verdade a respeito daqueles fins de semana em Chicago.

— Eu não queria que você se magoasse.

— Por que não ouvi seus conselhos? Você sabia do que estava falando.

— Apanhei muito da vida e aprendi a ser desconfiada, mas isso nem sempre é bom.

— Para você tem sido. Nunca foi enganada por um homem. Tom é um canalha. Todos os homens são.

— Nem todos — Nina discordou, pensando em John, que era tão generoso e compreensivo. — Você vai encontrar outra pessoa, Lee. Uma boa pessoa.

— Acho que não — a moça choramingou.

— Agora que está livre, começará a olhar em volta e verá possibilidades onde antes parecia não haver nenhuma. Vai superar tudo isso, tenho certeza.

— Mas sinto falta de Tom.

— Eu sei. Precisa manter-se ocupada. Há muita coisa para você fazer, se quiser.

— Quero — Lee afirmou, suspirando.

— Muito bem. Vamos falar de Crosslyn Rise.

A partir daí, só fizeram isso. Determinada a não deixar que Lee ficasse pensando em Tom, Nina deu-lhe uma longa lista de pessoas para quem ela deveria telefonar e falar sobre o lançamento da campanha de vendas das unidades do condomínio, quando a casa-modelo seria aberta à visita, no penúltimo fim de semana de julho.

Ela própria precisava dar alguns telefonemas, mas, assim que Lee foi embora rendeu-se ao cansaço que voltara a sentir. Ligou o rádio, sintonizando-o numa estação de músicas clássicas, estendeu-se no sofá e dormiu, só despertando quando John e J.J. chegaram.

O menino atravessou a sala correndo, indo na direção dos quartos. John sentou-se numa poltrona, olhando para Nina com ar severo.

— Quem mandou a senhora sair do quarto? — ele indagou.

— Eu. Lee telefonou, dizendo que vinha me visitar, e eu quis recebê-la em grande estilo — brincou. — Como foram as coisas, lá no consultório?

— Tudo certo — John fez uma pausa, fitando-a de modo perscrutador. — Lee saiu-se bem, substituindo você?

— Mais do que bem. E lhe passei mais uma porção de tarefas, de modo que não sobrou muito para eu fazer.

Parecendo satisfeito com o que ouvira, ele estendeu as pernas descontraidamente. Estava de short, e Nina não pôde deixar de admirar as longas pernas morenas, cobertas de pêlos escuros.

— Disse a Lee que a data do lançamento da campanha foi mudada?

Nina apenas moveu a cabeça, concordando, e mordeu o lábio nervosamente, algo que não escapou a John.

— Algum problema? — ele quis saber.

— Essa mudança de data me preocupa um pouco, por causa do consórcio. Acho que os desapontei.

— Você ficou doente! — John exclamou, carrancudo. — Ninguém pode culpá-la por isso.

— Mas eu garanti que as casas do condomínio estariam no mercado no começo de julho.

— Agora vai dizer que estarão no mercado em meados de julho.

Nina ia replicar, mas nesse momento J.J. entrou na sala, andando devagar, com um polegar na boca e segurando um urso de pelúcia bastante desgastado. Parecia tão desanimado que, num gesto instintivo, ela estendeu um braço em sua direção, convidando-o a aproximar-se. Sem nenhuma hesitação, ele foi até o sofá, e Nina abraçou-o pela cintura.

— Seu amigo já está bem velhinho, coitado — ela comentou, apontando para o nariz esfolado do ursinho.

— Velho, não — John discordou. — Está assim de tão amado que é. J.J. não larga esse brinquedo desde que o ganhou da mãe, um pouco antes de ela morrer.

— Ele sabe que foi a mãe que deu?

— Acho que não. Mas nenhum de seus outros bichos de pelúcia é tão amado quanto esse.

Sentindo-se profundamente triste pelo garotinho que nunca conheceria a mãe, Nina abraçou-o com mais força.

— O que aconteceu com sua esposa, John? — ela perguntou.

Ele endireitou-se na poltrona e cruzou as pernas.

— Acho melhor contar tudo, desde o começo. Nós nos conhecemos em Minneapolis, onde eu tinha uma livraria. Jenna era analista de mercado, e sua empresa a transferira de Nova York para lá.

J.J. livrou-se do abraço de Nina e foi ligar a televisão. O volume estava muito alto, e John sobressaltou-se. Levantando-se, aproximou-se do filho, deu-lhe um tapinha no ombro, e quando o menino olhou para ele, fez um gesto, mandando-o baixar o volume. O menino obedeceu, John desligou o rádio e sentou-se novamente. J.J. voltou para o sofá e sentou-se, aninhando-se na curva do corpo de Nina, sempre abraçado ao ursinho.

— Ele não está machucando você? — John indagou.

— Claro que não — ela respondeu, afagando os cabelos sedosos da criança. — Ele é tão pequeno...

— Mas o corte não dói?

— Não. Parece que J.J. está cansado.

— Ele vai dormir, depois do almoço.

Nina olhou para John, que relaxara na poltrona, recostando a cabeça e estendendo as pernas.

— Continue sua história — pediu.

— Desde o começo percebi que Jenna era do tipo que só pensava na carreira, mas achei que mudaria. Até quando precisei usar de muita persuasão para convencê-la a ter um filho, continuei achando que com o tempo haveria uma mudança. Pensava que, olhando para o pequenino ser, nascido dela, Jenna amoleceria.

— Mas isso não aconteceu, não é? — Nina adivinhou.

— Não. Ao contrário, parecia nutrir ressentimento contra J. J., embora ele fosse tão pequenino e indefeso. Percebi que, infelizmente, o trabalho era tudo o que importava para ela.

John fez uma pausa, olhando para o nada.

— Quando descobrimos que o bebê tinha problemas de audição e visão, tudo ficou pior — continuou em tom melancólico. — Ela o considerou um grande estorvo e lavou as mãos no que se referia ao filho. Passou a trabalhar ainda mais, a viajar sempre que podia. Sempre trazia algum presente para J.J., quando voltava de uma viagem, mas era óbvio que desejava ficar longe dele o máximo que pudesse.

— Queria ficar longe de você também?

— A essa altura não havia quase mais nada entre nós. O som moderado da televisão preencheu o silêncio que caiu sobre eles. J.J. deitou-se de lado, pondo a cabeça na coxa de Nina e puxando as perninhas para cima do sofá. Ela começou a massagear-lhe o braço, mas seus olhos estavam postos em John.

— Como foi que ela morreu? — perguntou baixinho. John olhou para fora da janela.

— Ela voltava para casa, tarde da noite, depois de um simpósio de três dias em outra cidade. Deve ter dormido

ao volante, e o carro saiu da estrada e chocou-se contra uma árvore. Jenna teve morte instantânea.

Nina recuou um pouco para o encosto do sofá, abrindo mais espaço para J.J. e puxando-o para junto de si.

— Que coisa trágica — murmurou, arrepiando-se. Muitas vezes ela dirigira cansada e com sono, voltando de outras cidades, após longos seminários. Muitas vezes tivera de parar num restaurante de beira de estrada para um café que a manteria acordada. John suspirou, cruzando os braços.

— Apesar de nosso casamento estar falido, pois era evidente que acabaríamos nos divorciando, a morte dela foi um choque para mim, claro.

— Um dia você certamente a amou — Nina comentou.

— Foi uma ilusão. Jenna era como uma borboleta, linda e arisca, e eu a queria.

— Sente falta dela?

— Não. Como eu disse, nosso casamento acabara. Era difícil viver com Jenna. Ela estava sempre inquieta, só pensando em trabalho, imaginando o que os colegas da empresa estariam fazendo e como isso poderia afetá-la. A carreira era sua razão de ser. Nunca vi nada igual.

— Eu sou assim! — Nina exclamou impulsivamente, então percebeu o que dissera e defendeu-se, explicando: — Você me acha igual a Jenna, eu sei que acha.

John a olhou de modo penetrante.

— Não imagina por quê?

— Ela trabalhava demais, eu trabalho demais. Ela tentava estar sempre na frente, e eu faço isso. Ela procurava o sucesso, eu também procuro. Só que há uma diferença. Eu nunca viraria as costas para meu filho. Nem para meu marido. Quando uma pessoa casa e tem filhos, assume responsabilidades que não podem ser esquecidas. Quem quer se dedicar apenas ao trabalho, deve permanecer sozinho.

— Então, é tudo ou nada? Ou uma pessoa casa e tem filhos, ou se dedica ao trabalho?

Não existe meio-termo?

— Às vezes existe, às vezes não. Isso depende do estágio de vida em que a pessoa se encontra. Estou no estágio em que preciso trabalhar. Não digo que nunca vou me casar e ter filhos, mas agora não posso fazer nada disso.

— Não poderia conciliar as coisas?

— As horas do dia são limitadas. Se preciso trabalhar muito, onde acharia tempo para dedicar ao marido e aos filhos?

John não disse nada.

— Onde? — Nina insistiu.

— Sempre encontramos tempo para as coisas que realmente queremos — ele declarou com convicção. — Tiramos um pouco daqui, um pouco dali.

— Para mim, é uma coisa ou outra. Se uma mulher escolher marido e filhos, terá de sacrificar a carreira.

— Ela não precisa tomar uma medida tão drástica. Talvez só tenha de adiar o momento em que se sentirá plenamente realizada como profissional. Muitas mulheres fazem isso, voltam a lutar por seus objetivos, e os alcançam, quando os filhos se tornam adultos.

— Quando já estão velhas.

— Uma mulher de, digamos, cinqüenta anos, não pode ser considerada velha.

— Não, mas será tarde demais para ela começar a construir uma carreira.

— Não estará começando, apenas dando seqüência ao processo. Ela começou a construção anos atrás, tirou uma licença para criar os filhos, talvez continuou trabalhando algumas horas por dia, e aos cinqüenta está de volta, livre para dedicar-se ao trabalho. Talvez até descubra que os filhos e a vida familiar lhe dão mais satisfação do que a carreira.

— Mas... — Nina tentou interrompê-lo.

— Agora, vamos analisar a mulher que coloca a carreira acima de tudo — John continuou, ignorando-a. — Formada em alguma universidade, começa a trabalhar como louca e a subir a escada do sucesso. Mas quanto mais sobe, mais

quer subir, quanto mais ganha, mais quer ganhar. Há sempre alguma coisa para ela querer, e isso a aprisiona num círculo vicioso.

— O fato de ela ser mulher dificulta tudo — Nina ponderou.

Para sua surpresa, John concordou, movendo a cabeça afirmativamente.

— Tem razão, e isso a deixa ainda mais determinada a lutar pelo sucesso.. Então, ela não se casa, não tem filhos, para não perder tempo. Um dia, na meia-idade, quando teoricamente está preparada para o cargo de vice-presidente da empresa, descobre que há mais quatro candidatos e que um deles é genro do presidente. Perde a esperança de chegar onde queria. E o que tem? Dinheiro, talvez, e mais nada. Não tem um marido, não tem filhos, não tem um verdadeiro lar. Acha que ela é feliz?

Nina não respondeu, olhando fixamente para ele, surpresa com sua eloqüência.

— Ela está sozinha — John prosseguiu. — Está envelhecendo e começando a pensar o que fará da vida, quando se aposentar. Feliz? Aposto como está morrendo de medo.

Nina desviou o olhar do rosto dele. Solidão fora algo em que pensara muito, nos dias que passara no hospital. Apenas John fora uma companhia constante. Sem ele, ela teria se sentido muito sozinha.

Imaginara como a mãe dela se sentiria na clínica, sozinha, dia após dia. Os médicos diziam que ela não sabia quem era, nem onde estava, quem entrava e saía de seu quarto, que não reconhecia as pessoas, mas Nina sempre rezeira que a verdade não fosse essa. Mantivera aquele receio escondido num canto da mente, mas no hospital encarara-o de frente e julgara-se uma péssima filha.

De súbito, ali na sala de John, sentiu-se uma impostora, sem direito àquele pacífico refúgio.

— Por que me trouxe para cá? — perguntou. John olhou-a, surpreso.

— Como assim?

— Eu lembro Jenna. Sou tudo o que você um dia detestou. Represento a repetição de um erro. Então, por que estou aqui, interferindo em sua vida?

— Está aqui porque eu quis trazê-la.

— Mas por quê?

— Gosto de você.

— Eu só lhe causarei sofrimento.

— Talvez não.

— Explique.

Por um longo tempo, John ficou calado, olhos baixos, sobrancelhas franzidas, e Nina não o pressionou. Estava novamente sonolenta e cansada. Fechou os olhos.

— Gosto de você, Nina — ele voltou a falar por fim. — Tem razão, você lembra Jenna, mas só nessa sua mania de trabalho. No resto, é diferente. Ela era alta, loira, tinha olhos verdes, e você é pequena, morena, e seus olhos são azuis. Ela se vestia de modo discreto, próprio para o ambiente de trabalho, e você se veste para aparecer. Jenna sorria quando achava conveniente, você sorri espontaneamente e é autêntica como ela nunca foi.

Nina abriu os olhos e fitou-o, sentindo um desejo que não era físico.

— Mas amo meu trabalho tanto quanto Jenna amava o dela.

— Eu sei.

— E você odeia isso.

— Tem razão.

— Então, por que está se importando tanto comigo?

— Porque sim.

— Isso não é resposta.

— Gosto o bastante de você para me importar com seu bem-estar. Nunca senti isso em relação a nenhuma mulher. Talvez eu tenha me apaixonado por Jenna, mas não gostava dela. Vi que ela estava mergulhando de cabeça na autodestruição e nada fiz para detê-la.

— Estava ocupado, cuidando de J.J. — Nina observou.

— Mas teria feito alguma coisa, se me importasse. No entanto, Jenna não me ouviria. Depois que enfiava uma coisa na cabeça, ninguém a fazia mudar de idéia. Você não é tão obstinada assim. Apesar de determinada, ouve conselhos.

Ela deu uma risadinha.

— Não tive muita escolha, nos últimos dias.

— Você não estava doente, quando lhe disseram para trabalhar comigo. Não queria fazer isso, mas fez. Achou tempo para falar comigo, embora afirmasse estar com a agenda lotada.

Além disso é sensível, uma coisa que Jenna nunca foi. Não gostou, quando eu disse que teria de deixar J.J. com uma babá para me encontrar com você. Teve medo de fazer algo errado, lidando com ele. E agora, veja como o aconchegou contra você, como está acariciando o bracinho dele. Acho que nem percebeu, não é?

Nina olhou para o garotinho, que parecia estar gostando imensamente de tanto carinho.

John levantou-se e aproximou-se dela.

— Nada mau, para alguém que diz que não quer filhos — murmurou, curvando-se e erguendo o menino nos braços. Então, endireitando-se, virou o rosto para que ele lhe visse os lábios e disse: — Vamos almoçar, companheiro.

J.J. entendeu, porque olhou com ar indagador para Nina.

— Ela também vai — John assegurou, então colocou-o no chão e deu-lhe um tapinha no traseiro.

— Claro que vou — Nina reforçou, erguendo o corpo cautelosamente.

Fazendo o filho olhar para ele, John começou a gesticular, enquanto perguntava devagar:

— O que você quer comer?

J.J. fez o sinal que significava macarrão.

— De novo? Foi o nosso jantar de ontem — John respondeu, fazendo novos gestos.

O garoto moveu as mãozinhas numa sequência de sinais.

— Puré de batata não é suficiente — John comentou. Desenhando alguma coisa no ar, usando as duas mãos, J.J. sorriu sedutoramente.

— McDonalds? Não. Que tal uma surpresa? — John propôs, repetindo o que dissera com vários movimentos dos dedos.

O menino emitiu um som que não parecia uma palavra, mas Nina compreendeu que ficara entusiasmado, porque ele bateu palmas.

John traduziu tudo para Nina, dizendo que propusera salsichão com puré de batatas.

— Você gosta? — indagou.

— Gosto muito — ela afirmou.

Depois do almoço, dormiu um pouco, então John sugeriu que ela ficasse no quintal, respirando ar puro, enquanto ele estivesse na loja, e J.J. passeasse com as babás.

— Eu disse a Lee que gostaria de fazer isso, mas achei que você não fosse permitir.

— Precisa de um pouco de cor nesse rosto. Continua pálida, e não queremos que as pessoas adivinhem que esteve doente, queremos?

— Claro que não — ela respondeu, rindo.

Pouco depois, estava acomodada numa cadeira longa, sob um frondoso carvalho, com todo o tempo do mundo para pensar. E a primeira coisa que pensou foi que era bom muito bom repousar, depois de passar pelo que passara, mas que tudo seria muito melhor quando ela pudesse voltar ao trabalho.

No sábado, John ficou na livraria o dia todo, e J.J., em companhia das gêmeas, teve muito com que distrair. De manhã, Nina leu, dormiu um pouco, então foi à cozinha e preparou sanduíches de peito de frango para o almoço, o que, na mente dela, seria uma agradável surpresa para John.

Mas ele ficou furioso.

— Não quero que você faça nada!

— Estou melhor! — ela replicou, desapontada. — E estava entediada. Não fiz nenhum esforço, John. O que custa, refogar uns peitos de frango, desfiá-los e misturá-los com maionese?

Já posso ficar com o corpo quase que completamente ereto, não sinto dor quando ando e, além disso, tenho a tarde toda para descansar.

Ele apenas olhou-a com ar de advertência e, para satisfação de Nina, comeu dois sanduíches enormes, acompanhados de suco de laranja, antes de voltar para a loja.

Depois do almoço ela foi se deitar, mas apenas cochilou. Então, cansada de ficar na cama, levantou-se, acabou de ler o livro que John lhe emprestara e foi novamente para a cozinha, dessa vez para fazer biscoitos de chocolate.

J.J. podia ter problemas de visão e audição, mas não havia nada de errado com seu olfato. Entrando na cozinha, ele logo sentiu o cheiro dos biscoitos no forno, e vibrou de excitação, quando Nina deixou-o espiar para dentro, através do vidro.

Algun tempo depois, John apareceu na porta da cozinha, onde parou, pondo as mãos nos quadris, ao ver a cena inesperada. As gêmeas, J.J. e Nina, sentados ao redor da mesa, deliciavam-se com biscoitos de chocolate e milk shake.

— Não perca tempo, se quiser comer algum — Nina avisou. — Não vão durar muito.

— Posso perguntar quem fez os biscoitos?

— Não.

J.J. ergueu um biscoito meio comido, mostrando-o ao pai com um amplo sorriso.

— Está gostoso? — John perguntou com palavras e gestos.

Movendo a cabeça vigorosamente numa afirmativa, o menino continuou segurando o biscoito no alto, até que o pai fez menção de pegá-lo. Então, colocou-o na boca com um sorriso travesso.

— Seu diabinho! — John resmungou, pegando um biscoito da travessa sobre a mesa.

Deu um show, mordendo um pedacinho, fingindo que não estava gostando muito, então pondo o resto na boca com expressão de exagerado prazer.

— Você é tão malvado quanto seu filho — Nina observou com um sorriso, levantando-se da mesa.

Foi até um dos armários, pegou uma pequena vasilha de plástico e encheu-a de biscoitos, entregando-a a John.

— Um lanche para levar para o trabalho.

Com aquele seu jeito típico, ele olhou com ar pensativo para ela, então para a vasilha que tinha nas mãos.

— Obrigado — foi tudo o que disse, antes de virar-se e sair.

Nina pensou muito naquele "obrigado". E o que significaria aquela expressão pensativa?

Talvez John estivesse pensando que ela queria impressioná-lo.

Talvez estivesse pensando que ela queria impressionar J.J.

Talvez estivesse pensando que ela já estava bastante bem para ir embora.

E Nina estava, de fato. Sabia disso porque não dormira durante o filme que ele alugara, no sábado à noite. Sabia disso porque passara quase que o domingo todo na praia com J.J. e John, usando o maiô que ele fora buscar em sua casa. E sabia disso porque, à noite, deitada no sofá, tentou ler, mas ficou pensando na irresistível atração que sentia pelo corpo de John, até que, querendo fugir da tentação, disse "boa noite" e foi deitar.

Ele devia ter raciocinado da mesma forma, porque apareceu na porta do quarto dela não muito tempo depois. Então, como uma sombra, entrou silenciosamente e sentou-se na beira da cama. Inclinando-se, tomou-a nos braços.

Com um gemido suave, Nina abraçou-o pelo pescoço. Era tão maravilhoso abraçá-lo, sentir-lhe a solidez, a gentileza e a virilidade que transparecia em tudo, em seu corpo musculoso e até no cheiro de sua pele. Ela se sentiu viva, restaurada, novamente mulher.

— Senti falta disso — ele disse baixinho. — Foi difícil conter o impulso de abraçá-la com força, todos esses dias e principalmente hoje, na praia, quando vi você daquele jeito, bonita demais.

Ela engoliu um nó de emoção que se alojara em sua garganta.

— John...

— Você quer ir embora, não é?

— Não quero, mas não posso ficar. Estou quase boa. Fico melhor a cada dia que passa.

— Vai voltar para a corrida de ratos, Nina, e lá não é seu lugar.

— É, sim. Sempre foi.

— Porque você não tinha escolha. Mas agora tem. Quero que fique comigo, Nina.

— Oh, John... — ela murmurou, sentindo um aperto no coração.

— O que isso significa?

— Que não posso desistir de tudo pelo que lutei a vida toda.

Recuando ligeiramente, ele tomou o rosto dela entre as mãos.

— Não estou pedindo que desista de seu trabalho, mas que aceite outras coisas. Está feliz aqui, eu sei. Sentiu-se bem, quando se conformou com o fato de que não podia trabalhar.

— Mas agora posso. Talvez não o dia todo, ainda, mas...

— Então, fique comigo. Pode ir trabalhar no horário que escolher, e depois voltar para cá.

— Não posso.

— Por quê?

Incapaz de resistir, ela acariciou os lábios dele com a ponta dos dedos.

— Sempre fui independente, estou acostumada a ir e vir, sem dar satisfações a ninguém.

Não posso fazer isso aqui. E sei que não faria, porque não teria vontade.

— O que quer dizer?

Ela beijou-o nos lábios, levemente.

— Eu ficaria tentada a não sair de perto de você. Ficaria tentada a ler até tarde da noite, a passar horas na praia, construindo castelos de areia com J.J., a ficar na cozinha, fazendo biscoitos e bolos, levando todos nós à obesidade. Foi muito bom ficar em sua casa, muito bom, mas preciso

ir embora. Se não for, nunca chegarei onde desejo chegar, e um dia, talvez isso me faça sentir raiva de você. Não quero que isso aconteça, John.

Os olhos cor de âmbar brilharam na fraca claridade vinda da rua.

— Não precisa ser uma coisa ou outra Nina. Não precisa ter apenas sua carreira. Se escolher esse caminho, acabará sofrendo.

— Não, não vou sofrer.

John não insistiu. Deixou as mãos deslizarem para baixo, acariciando o pescoço dela,

então cobrindo os seios firmes e cheios.

— Gosta disso?

— Gosto... — Nina respondeu num fio de voz. — Você sabe me tocar.

— Pelo menos tenho essa virtude.

— Tem muitas mais...

Nina gemeu, excitada, quando ele afagou-lhe os mamilos. O desejo já a amolecia, deixando-a quente e úmida.

— Acho que não devemos ir mais longe. Pode fazer mal a você — ele opinou.

— Não! Eu quero! Você me deixa em fogo, John.

Ele não resistiu mais. Deitando-a delicadamente, beijou-a com avidez, ajudando-a a livrar-se da camisa, que ela ainda usava como camisola. Então, sugou-lhe um seio, depois o outro, excitando os mamilos com a língua, os dedos hábeis acariciando-a no ponto sensível entre as coxas.

— Entre em mim, John — ela implorou, alucinada, arqueando o corpo.

— Não vai doer? O corte...

— Não! Quero você dentro de mim — Nina exigiu.

— Ainda é cedo para isso, depois do que você passou — ele disse num murmúrio entrecortado. — Mas há outro jeito.

Voltando a tocá-la em sua pulsante feminilidade, com movimentos de fricção que ficavam cada vez mais rápidos, sugando, lambendo e mordiscando os mamilos duros, John levou-a ao orgasmo.

Nina demorou para voltar à realidade. Quando finalmente abriu os olhos, viu-se aninhada contra o corpo de John. Por mais que quisesse fazer por ele o que ele fizera por ela, talvez não tivesse forças.

— Oh, John... — sussurrou em tom de lamento. — Eu quero... eu quero...

O cansaço venceu-a, as palavras morreram, e ela adormeceu.

CAPÍTULO IX

Na manhã de segunda-feira, quando a casa ainda estava silenciosa, Nina já se vestira, juntara seus pertences e os pusera na pequena bolsa de viagem. Quando ouviu ruídos na cozinha, foi para lá.

John fritava ovos. Ao vê-lo, ela parou, sentindo o coração apertar-se. Era duro pensar que precisava deixá-lo. Como se a estivesse esperando, ele se virou e fitou-a sem nenhuma surpresa. Voltando a atenção para o que fazia, pegou um prato, onde pôs um dos ovos, juntamente com algumas torradas, e colocou-o diante de J.J. que estava à mesa ajoelhado numa cadeira.

Olhando para o menininho, Nina experimentou novo aperto no coração. Era surpreendente como ficara gostando dele, ela, que nunca convivera com uma criança, muito menos com uma deficiente. Quanto a John, bem, até dez dias atrás ela gostara dele, agora

”gostar” era uma palavra muito fraca para descrever seus sentimentos, que haviam se intensificado, dia após dia.

Sentando-se numa cadeira ao lado da de J.J., ela alvoroçou-lhe os cabelos, num cumprimento mudo. Ele a olhou, sorrindo, e ela sorriu também.

John aproximou-se da mesa com dois pratos. Em cada um havia um ovo e várias torradas.

— Está indo embora, não é? — perguntou baixinho.

— Preciso ir — respondeu Nina.

Ele não argumentou. Os dois já haviam discutido bastante

sobre o assunto, e todos os argumentos haviam sido usados. Nada mudara.

— Quer comer? — John ofereceu.

Embora não estivesse com muita fome, ela não podia negar a si mesma o prazer de passar mais alguns momentos com ele e o menino.

— Quero.

— Um ovo é suficiente para você?

— Claro. E para você?

— Também.

John colocou os pratos na mesa e foi buscar talheres e guardanapos. Quando voltou, sentou-se à frente de Nina. Observando-o, ela pensou como seria bom poder ficar com ele e J.J., mas sabia que não podia. Fazia muitos anos que lutava por sua independência e estava perto de alcançar a vitória.

No entanto, teria de desistir de muita coisa que conhecera nos últimos tempos, e esse pensamento causava uma dor que ela nunca experimentara até então. O que sentia por John ficava cada vez mais forte, e ficar na casa dele só serviria para agravar a situação. Ela gostaria de ficar, de fazer amor John todas as noites, de discutir livros com ele, de brincar com J.J., de ir à praia com os dois, de cozinhar para eles. Mas havia coisas de que gostava ainda mais. De sua autosuficiência, por exemplo. Estivesse certa ou errada, ainda achava que depender de um homem, em qualquer sentido, era sinal de fraqueza. E ela sempre se orgulhara de ser forte.

— Vai voltar ao trabalho imediatamente?—John quis saber. Nina concentrou-se em cortar um pedaço do ovo.

— Amanhã, eu acho. Hoje pretendo ficar em casa, dando uns telefonemas. Mas prometo que não vou exagerar.

Ele não fez comentários. Mordeu uma torrada, mastigou e engoliu, com os olhos fixos no prato. Pareceu nem perceber, quando J.J. saiu da mesa e correu para fora da cozinha.

— Na semana que vem haverá uma reunião do consórcio — Nina lembrou-o, querendo forçá-lo a dizer alguma coisa, mas ele não disse. — Nós dois nos veremos antes?

John deu de ombros.

— Você quer?

Ela refletiu sobre aquilo. De um lado, a idéia de não vê-lo mais era dolorosa, mas um rompimento imediato talvez fosse melhor, pois, afinal, o relacionamento deles não tinha futuro.

Mas eram amigos. Havia enfrentado juntos uma experiência bastante desagradável. Com certeza ele ia querer saber se ela estava bem.

— Acho que podemos conversar, de vez em quando — Nina respondeu por fim. — Eu

gostaria de saber como vão as coisas por aqui e tudo o mais.

— Pode telefonar, quando tiver um tempinho — ele sugeriu entre amargo e sarcástico.
— Coma seu ovo. Está esfriando•

Ela obedeceu. Mas não conseguiu comer todas as torradas. Ofereceu «algumas a John, mas ele recusou com um gesto de cabeça. Era óbvio que estava zangado. Talvez magoado. Ou, talvez, sentisse desprezo por ela, novamente julgando-a igual a Jenna.

Isso, porém, não ia deter Nina. E ela não estava disposta a pedir desculpas ou dar as explicações que já dera mais de uma vez.

— Vou telefonar, chamando um táxi — informou.

— Não precisa de táxi nenhum, diabos! — ele explodiu. — Eu levo você.

Levantou-se, juntou os pratos e talheres e levou-os para a pia. Nina seguiu-o.

— Deixe que eu lave os pratos — pediu. — Vá ver se J.J. está precisando de você.

— Não está.

— Então, vá fazer qualquer outra coisa, mas me deixe ajudar.

John virou-se tão abruptamente para ela, que a fez recuar.

— Não preciso da sua ajuda! Não preciso da ajuda de ninguém! Você não é a única que gosta de ser independente e auto-suficiente.

— Eu sei. Só estou querendo ajudar — Nina explicou mansamente. — Você fez tanto por mim!

— Não quero nada em troca. Assim, não pense que me deve alguma coisa. Não deve. Eu fiz o que quis fazer.

Sem dizer uma palavra, Nina saiu da cozinha. Foi ao quarto, pegou a bolsa de viagem e dirigiu-se à sala. Pondo a bolsa no chão, olhou em volta, procurando J.J. e viu-o de pé junto à estante. Usando como apoio a prateleira ao seu alcance, ele desenhava alguma coisa num bloco, com lápis de cor. Aproximando-se, Nina descobriu que não eram desenhos, mas letras. As que mais sobressaíam eram dois jotas em azul.

— Menino inteligente! — ela exclamou, admirada. Então, lembrando-se de que o garoto não podia ouvi-la, tocou-o no ombro e, quando ele a olhou, fez os sinais que John lhe ensinara e que significavam “muito bom”, batendo palmas em seguida. Um sorriso radiante iluminou o rostinho inocente. Pegando um lápis cor-de-rosa, ela escreveu Nina. Por várias vezes, apontou para si mesma e para o nome, pronunciando-o sem som, mas com movimentos exagerados da boca. Em dado momento, J.J. imitou-a, mostrando o nome e pondo um dedinho no braço dela, movendo os lábios de modo certo. Ele compreendera que ela se chamava Nina.

— Muito bom! — ela elogiou, fazendo os sinais correspondentes.

Sorrindo, o menino bateu palmas. Então, pegou a mão dela e beijou-a várias vezes. Com lágrimas nos olhos, Nina agachou-se e abraçou-o. Iria sentir falta de J.J., sem dúvida.

E sentiria falta do pai dele também.

John levava Nina para casa e insistira em parar no supermercado para que ela comprasse tudo o que precisasse, de modo a não ter de sair para isso. Guardara tudo nos armários e na geladeira e fora embora.

Nina, então, vagueou por todos os cômodos, passando a mão nos móveis para tentar restabelecer a intimidade com seus pertences, pois estava achando a casa estranha demais. Refletiu que melhoraria, se comesse alguma coisa, e foi à cozinha. Abriu a geladeira, mas nada lhe apeteceu. Por fim, decidiu deitar-se e dormir um pouco. Mas, depois de rolar

na cama durante uma hora, desistiu. Sentou-se, apoiada na cabeceira, e pegou a agenda e o telefone de cima da mesinha-de-cabeceira. Precisava de trabalho, que sempre fora sua maior fonte de satisfação.

De fato, após ligar para a imobiliária e vários clientes para avisar de que voltara à ativa, sentiu-se bem melhor. Animada, deu outros telefonemas, até que começou a ficar cansada.

Dormiu, então, e quando despertou fez mais ligações. Depois de falar com todos os clientes com transações pendentes, telefonou para John, mas arrependeu-se e desligou após o primeiro toque do outro lado. Querer conversar com ele, quando fazia tão pouco tempo que o vira, era sinal de fraqueza.

Para não voltar a cair em tentação, pegou um bloco e caneta e começou a fazer uma lista, organizando as tarefas que pretendia cumprir naquela semana. E convenceu-se ainda mais de que o trabalho era seu melhor remédio.

Na manhã seguinte, dizendo a si mesma que era maravilhoso poder movimentar-se sozinha novamente, foi para a imobiliária dirigindo o BMW. Não ficou muito tempo lá, apenas o necessário para conversar com todos os colegas e anunciar que estava de volta e pronta para trabalhar. Armada com uma cópia da última lista de pessoas interessadas em vender ou comprar imóveis, voltou para casa e passou o resto da manhã planejando os próximos passos. Ao meio-dia estava exausta. Desanimada, resignou-se a ficar deitada no sofá a tarde toda, tentando ler, mas mal conseguindo, pois não parava de pensar em John.

Mas não ia telefonar para ele, enquanto se sentisse daquele jeito, deprimida e fraca. Conseguiria reerguer-se sozinha. Sempre conseguira, e não seria daquela vez que sua força de vontade a abandonaria.

Na quarta-feira de manhã, um pouco mais animada, levou alguns clientes para ver imóveis, mas novamente, ao meio-dia, percebeu que não poderia fazer mais nada. Dormiu

quase que a tarde toda, preparou o jantar rapidamente, comeu e foi para a cama com um livro, pretendendo ler até sentir sono. No entanto, estava distraída. Seus pensamentos voavam para a casa de John a todo momento, e ela imaginava o que ele estaria fazendo, se pensava nela. Mas isso não levaria a nada. Ela poderia ter ficado com ele e não ficara. Fizera sua escolha. Teria de agüentar as conseqüências.

E outra coisa. Diabos, se John quisesse saber dela, telefonaria, ou iria vê-la.

Na manhã de quinta-feira, depois de levar dois possíveis compradores para ver três casas e dois apartamentos, sem poder dizer que eles haviam ficado interessados em alguma coisa, Nina foi a Crosslyn Rise. Precisava de ânimo, e a linda propriedade era capaz de dar-lhe.

Deixou o carro diante da mansão, cuja reforma estava bastante adiantada, e dirigiu-se para o lago dos patos, onde o primeiro conjunto de oito casas estava quase pronto. Ficou maravilhada, realmente maravilhada com a beleza do lugar. Viu que o exterior das casas não mudara muito, desde a última vez em que estivera lá. Ela já conhecia os pilares das varandas e os balcões, os tetos lindamente inclinados, que escondiam as clarabóias dos fundos, as molduras de cedro das janelas e portas. Mas havia algo diferente. Sentando-se no chão, com as costas apoiadas no tronco de uma árvore, ela tentou descobrir o que causara a diferença.

Durante um longo tempo, aspirando o ar impregnado de cheiro de mato, ela observou tudo o que a cercava e descobriu que eram as árvores que haviam tornado tudo tão diferente. Com a chegada do verão, estavam mais cheias, exuberantemente verdes. E o gramado era um

tapete cor de esmeralda. As sementes plantadas nos lugares onde tratores e outros veículos pesados deixaram o solo nu, haviam germinado, e a grama nova cobria todos os espaços.

Pela primeira vez, Nina desejou poder ficar com uma das casas para si. Havia paz naquele lugar, sem falar que tudo fora construído com materiais de primeira qualidade e de

modo refinado. Viver ali era um sonho que ela não podia ter esperança de ver realizado. Havia outros sonhos na frente.

Naquele momento, porém, ela não queria pensar em nada, só existir. Num estado de total relaxamento, surpreendeu-se quando viu duas pessoas emergirem da casa-modelo e caminharem em sua direção. Eram Christine e o marido.

— Ei, vocês aí! — Nina saudou-os. — O que vocês estavam fazendo lá dentro?

Os dois pararam à frente dela, e Christine, olhando para Gideon com um sorriso travesso, respondeu:

— Não muita coisa.

— Mas não foi culpa minha — Gideon apressou-se em dizer. — Christine não pára de trabalhar, quando vem aqui. Fico sempre esquecido.

— Mentiroso. — Christine repreendeu-o, então olhou para Nina. — Como você está?

— Bem melhor — afirmou, sem se mover. — Agora estou com preguiça. Este lugar é calmante. Não sei como vocês conseguem trabalhar aqui. Toda vez que venho fico mole deste jeito.

— Está com aparência boa — Chris comentou. — Ninguém diz que passou por aquela tortura, há apenas duas semanas.

— Tive sorte, cuidaram bem de mim.

— John ficou muito preocupado com você — Gideon contou. Nina riu.

— Ele exagerou um pouco, para que nenhum de vocês tivesse a ousadia de perguntar quando eu poderia voltar a trabalhar.

— Não exagerou, não — Chris discordou. — Sabemos que você passou mal. Foi muito bom John ter convencido você a adiar o lançamento da campanha. Mesmo porque eu ainda não terminei a decoração da casa-modelo.

— O tecido da forração dos estofados da sala de estar veio errado — Gideon informou, passando um braço pelos ombros da esposa. — Chris quase teve um ataque, mas agora, com mais duas semanas de prazo, porá tudo em ordem.

— Vocês vão comprar uma casa dessas? — Nina indagou.

Chris e Gideon trocaram um olhar cúmplice.

— Ficamos muito tentados — ele confessou. — O lugar é um espetáculo. Mas a filha de Chris ainda está na escola, não seria justo arrancá-la do meio de seus amigos, e...

— Além disso, há aquela questão do sonho de Gideon — Chris interrompeu-o. — Ele diz que, assim que Jill terminar o colegial, vai vender a propriedade que tem em Worcester, comprar um terreno enorme e construir uma casa fantástica.

— Não é um sonho — Gideon protestou. — É um plano que vou concretizar. Até já fiz alguns desenhos. A construção da casa vai ser demorada, mas valerá a pena.

— Nina, precisamos ir ou nos atrasaremos para o almoço com Jéssica e Cártter — Chris disse, — Sabe que Jéssica está grávida, não sabe?

— Sei, sim, e estou muito feliz por ela.

— Nós também — Chris assegurou, começando a afastar-se com Gideon. — Não trabalhe demais, Nina. Vá com calma. Queremos ver você completamente recuperada. Tchau.

— Tchau — respondeu Nina, acenando para os dois. Seguiu-os com o olhar, sentindo-se feliz por eles, que pareciam profundamente apaixonados.

Chris e Jéssica eram mulheres de sorte, porque Gideon e Cárter eram pessoas excelentes.

Como John. Ela não podia negar que ele era gentil, amoroso, inteligente e sexy. Invasa subitamente pelo desejo intenso de vê-lo, de tocá-lo, gemeu baixinho. Não o via desde quarta-feira e estava com saudade. Afinal, a idéia de um rompimento definitivo não fora muito boa.

Determinada a telefonar para ele à noite, levantou-se cuidadosamente e começou a andar na direção da mansão.

Minutos depois estava no carro, voltando para casa. Durante o percurso, descobriu que falar com John por telefone não seria o bastante. Queria vê-lo. Decidiu, então, fazer uma rápida visita, para saber como ele e J.J. estavam. Iria embora logo, com sua independência e auto-suficiência intatas.

Passava um pouco das sete, quando ela chegou à casa

de John. Ele e o filho já deviam ter jantado, e havia a possibilidade de os dois terem saído para tomar sorvete, mas, se fosse o caso, não demorariam a voltar, porque estava quase na hora de J.J. ir para a cama.

Então, ela viu o carro dele nos fundos da casa, junto à garagem, e seu coração deu um salto, emocionado. Entrou com o BMW na alameda de veículos e parou diante da porta lateral. Desceu e tocou a campainha, antes de empurrar a porta e chamar:

— John!

Ninguém respondeu, então ela entrou e subiu a escada. Encontrou os dois no banheiro. Parou na porta, observando a cena. John dava banho em J. J., e era difícil dizer qual deles estava mais molhado. Pai e filho formavam um par adorável. O menino, excitado, ria e balbuciava coisas sem sentido, e John, com a camiseta grudada no corpo, parecia, aos olhos famintos de Nina, mais másculo do que nunca.

— Que bagunça é essa? — ela perguntou, experimentando uma doce sensação de calor.

John, sobressaltado, virou-se bruscamente para a porta, e o movimento chamou a atenção de J.J., que também olhou na mesma direção. Embora estivesse sem óculos, o garotinho devia tê-la reconhecido, porque começou a pular na banheira, batendo palmas.

— Calma — John alertou-o, virando-se e pegando-o pelo braço. — Se não tomar cuidado, pode cair — disse mais para si mesmo, porque, com uma das mãos segurando o filho e a outra estendida para pegar a toalha, não podia fazer sinais.

Não que tivesse adiantado, porque o menino não desviava os olhos de Nina. Ela se antecipou a John e pegou a toalha, abrindo-a no ar.

— Erga J.J., que eu o pego — sugeriu, ajoelhando-se. John ergueu o filho, tirando-o da água. Em questão de segundos, o menino estava envolvido pela maciez da toalha, e Nina abraçou-o, apertando-o contra o peito. J.J. reclamou, gritando.

— Opa! O que foi que eu fiz? — Nina perguntou, assustada.

— Prendeu os braços dele, impedindo-o de se expressar — John explicou.

O garoto livrou-se num instante de sua prisão de tecido atalhado e abraçou Nina pelo

pescoço, apertando o corpinho úmido contra o dela. Mesmo que estivesse usando seu vestido mais caro, em vez de short e camiseta de malha de algodão, Nina não se importaria com a umidade. Sentiu que abraçava algo mais valioso do que qualquer fortuna. J.J. era precioso, um menininho muito especial.

Ela olhou para John, que a observava com ar intrigado, como se não conseguisse compreender o motivo de sua visita.

— Só passei para ver como vocês estavam -- ela informou.

— Estamos bem.

— Bem, eu também estou. E...

Nina não pôde continuar, porque J.J., livrando-se dos braços dela, começou a fazer sinais, movendo as mãos rapidamente, engrolando monossílabos. Ela não entendia a linguagem de sinais, mas a repetição das mesmas sílabas acabou por fazê-la imaginar que estava compreendendo o que ele dizia. Incrédula, olhou para John, que explicou:

— J.J. escreveu seu nome para o fonoaudiólogo, que ensinou-lhe os sinais e também os sons correspondentes, porque ele insistiu em querer dizê-lo.

— Insistiu? — Nina perguntou baixinho, com um nó na garganta.

— É. E você pode considerar isso uma honra, porque não é sempre que ele fala voluntariamente.

— Mas é uma honra — Nina afirmou. Olhando para o menino, tornou a abraçá-lo e beijou-o, dizendo: — Uma grande honra.

— Foi bom você ter vindo, para que J.J. pudesse mostrar que sabe chamá-la. Ele perguntou por você a semana toda.

Dizendo isso, John virou-se e saiu do banheiro, resmungando algo sobre ir buscar um pijama. Olhando para o menino, Nina disse "obrigada" e, segurando-o com um braço, estendeu o outro e tirou o tampão da banheira para que a

água se escoasse. Tirou o patinho de borracha e entregou-o a J.J. Foi então que viu um arranhão feio no cotovelo dele.

— Oh! — exclamou, exagerando na expressão do rosto, para que o menino entendesse. Erguendo-lhe o bracinho, apontou para o arranhão. — Do-dói?

J.J. moveu a cabeça afirmativamente.

— Foi ontem — John informou, entrando no banheiro com algumas peças de roupa na mão. — Desceu depressa demais pelo escorregador e esfolou o cotovelo.

— Que pena — Nina murmurou, soprando um beijo na direção do ferimento.

John tirou a toalha que envolvia o filho e começou a enxugar-lhe as costas.

— Faz parte do crescimento — comentou.

John acabou de enxugar J.J. e vestiu-o com uma cuequinha de algodão e um pijama curto, de algodão. Agachada, Nina observava, quase desejando ter alguém de quem pudesse cuidar. Mas não tinha tempo para isso, claro.

Movendo as mãos de modo rápido, John e J.J. começaram a conversar. Assistindo àquilo, Nina decidiu aprender a linguagem de sinais.

— Quanto tempo planeja ficar? — John perguntou por fim, olhando para ela.

— Não estou com pressa, mas se você tem outro compromisso...

— Não, não é isso. J.J. quer que você participe da historinha de antes de dormir.

— Participar? Como?

— Segurando o livro e virando as páginas, enquanto conto a história, fazendo sinais.

— Ah, quero participar, sim — ela assegurou, entusiasmada. Refletiu que John não parecia muito satisfeito com sua presença, mas J.J. adorara vê-la, e isso já era um começo. Nos próximos quinze minutos, sentiu-se no céu. Sentada na borda da cama, com o menino aninhado a seu lado, viu John transformar em sinais as palavras da história O Motorzinho Valente, que ela lia em voz alta. A narrativa simples falava de um pequeno motor que, com pura determinação,

contra todas as probabilidades, conseguira transpor uma montanha para levar brinquedos para as crianças que moravam do outro lado.

Então, a história chegou ao fim. J.J., sonolento abraçou e beijou Nina, então virou-se para o pai com os bracinhos estendidos.

Para não invadir a privacidade deles, Nina saiu do quarto e ficou à espera no corredor. Pouco depois, John juntou-se a ela.

— J.J. queria saber se podia ir ao seu quarto, de manhã, acordá-la, e precisei explicar que você não vai dormir aqui — falou em tom quase seco.

Afastou-se, e Nina seguiu-o. Desceu a escada para a livraria, e ela foi atrás. No chão, havia várias caixas de papelão, ainda lacradas.

— É difícil para uma criança, entender por que uma pessoa de quem ela gosta um dia está perto, e no outro, longe — John observou.

— Eu sei.

— Acho que sim, se é que o que me contou sobre sua mãe é verdade.

— É verdade, sim. — Nina fez uma pausa, pensativa.

— Eu não podia imaginar que J.J. se apegasse tanto a mim, em tão pouco tempo.

— Nem eu. Se imaginasse, não teria trazido você para cá. Mas o caso é que você não tem nenhuma idéia pré-concebida sobre o que um menino da idade dele deve ou não deve fazer, de modo que o aceitou completamente. Ele sentiu isso e reagiu de acordo.

Abriu uma das caixas sem usar nenhuma lâmina, só arrancando a larga fita adesiva que a fechava.

— Lamento que isso tenha acontecido — Nina disse. — Mas não lamento ter ficado aqui com vocês. Quem cuidaria de mim, em minha casa?

Esperou que ele apanhasse a caixa e perguntasse como ela estava, mas John tirou uma porção de livros da caixa e levou-os para uma das estantes.

— Estive com Christine e Gideon, hoje — Nina informou, quando ele voltou para pegar mais. — Aprovaram o adiamento do lançamento da campanha, e Christine até ficou aliviada, porque algo deu errado com o tecido dos estofados, e agora ela terá mais tempo para aprontar tudo.

John não disse nada. No mais completo silêncio, fez mais duas viagens da caixa até a estante.

— Não vai falar comigo? — Nina perguntou por fim. Ele preparava uma quarta pilha de livros.

- — Quando você disser alguma coisa que valha a pena comentar. Por enquanto, só ouvi tagarelice — desferiu, andando novamente para a estante.

— Por que não pára de andar para lá e para cá e me encara? — ela desafiou, aborrecida. — Depois diz que eu trabalho demais.

— Preciso colocar estes livros nas prateleiras.
— Tem de ser agora?
— Há algo mais importante exigindo minha atenção? Não há nada de importante que tenhamos para dizer um ao outro.
— Talvez houvesse, se você parasse de ficar carregando esses livros.
Como resposta, ele voltou para junto das caixas, chutou a vazia para longe e abriu outra.
— John, por favor! Quero falar com você!
— Sobre o quê?
— Sobre você. Quero saber como está, o que tem feito.
— Bem, estou ótimo e tenho feito as mesmas coisas que sempre faço.
Erguendo uma nova pilha de livros, ele se virou na direção de outra estante.
— John! Não faça isso comigo! — Nina gritou, não suportando mais aquele descaso.
Ele parou, mas continuou de costas para ela. Nina queria aproximar-se e tocá-lo, mas não ousava.

— Por favor, John, fale comigo. Só um minuto.
Após um longo momento, ele pousou os livros no balcão e virou-se para olhá-la.

— Sobre o que quer falar?
Ela, então, viu mágoa, confusão e expectativa nos olhos dele. Com o coração apertado, deixou escapar um suspiro.
— Estou esperando — John pressionou. Engolindo em seco, Nina aproximou-se dele.
— Senti saudade de você — declarou.
— Para me dizer isso, podia ter telefonado.
— Eu não sabia que sentira tanto, até agora à noite.
— Isso saiu assim, do nada? — ele perguntou em tom sarcástico.
— Não. Descobri quando vi você — ela murmurou, tocando-o no rosto. — Nunca senti saudade de ninguém, antes. — Acariciou uma das faces morenas, então seus dedos desenharam o contorno dos lábios dele.

— Nina...
Antes que ele pudesse continuar, ela se ergueu na ponta dos pés e beijou-o na boca. Foi um toque leve, mas que despertou a lembrança de outros beijos, de outros momentos.

— Senti saudade — ela repetiu, tentando aprofundar o beijo.
Os lábios dele não se moveram. Ela os provocou com a língua, mordiscou-os suavemente, até que os sentiu tremer e entreabrir-se. Com um suspiro de alívio, completou sua invasão. A boca de John era morna e convidativa, e foi maravilhoso, quando ele se rendeu totalmente, retribuindo o beijo com sofreguidão.

Separaram-se após alguns instantes, fitando-se. Os olhos de John eram indagadores e expressavam também uma advertência, mas ela estava incapaz de dar respostas ou de recuar. Só conseguia tocá-lo, reagindo ao clamor de seu coração e de seu desejo.

Com dedos trêmulos, começou a desabotoar a camisa dele.
— Nina, o que está...
— Não diga nada.
Soltou os botões, um a um, até o último. E deliciou-se com a visão do peito amplo e musculoso, que acariciou lentamente, sensualmente.

— Nina... — ele repetiu num murmúrio.

Ela porém, já deslizava a boca pelo peito dele pressionando um mamilo entre os lábios, depois passando para o outro, deslizando a língua sobre os pêlos macios. Excitando-se intensamente enquanto o excitava, procurou o fecho do short que ele vestia.

John segurou-lhe a cabeça entre as mãos, deixando escapar um gemido. Ela acabou de abrir o short e escorregou as mãos para dentro, cobrindo o sexo, rijo e quente, e acariciando-o em movimentos que subiam e desciam, até que John começou a tremer.

— Oh, Nina, é tão gostoso...

Era tudo o que ela precisava ouvir. Ajoelhando-se, puxou o short e a cueca dele para baixo e tomou o membro pulsante na boca. John tentou recuar.

— Assim eu não agüento, meu bem — avisou num gemido torturado, a voz de um homem no auge do desejo.

Ainda mais excitada, ela o amou de um modo que nunca amara homem algum, e quando ele atingiu o clímax, não o soltou, dizendo sem palavras o quanto o queria.

Tremendo, arquejante, John caiu de joelhos, ficando face a face com ela, ainda com as mãos segurando-lhe a cabeça.

— Nunca ninguém fez isso comigo — disse em tom entrecortado.

— Então, foi a primeira vez para nós dois — ela murmurou. John começou a despi-la.

— Preciso sentir você bem perto de mim.

Quando a viu nua, puxou-a para si. Beijou-a no pescoço, enquanto explorava o corpo esbelto com as mãos, que pareciam querer tocar tudo ao mesmo tempo. Seus dedos tocaram o corte da cirurgia, ainda não totalmente cicatrizado.

— Dói? — ele perguntou baixinho.

— De vez em quando, mas é só uma fígada — ela respondeu no mesmo tom.

— Podemos fazer amor?

— Podemos...

Com extrema gentileza, ele a deitou no carpete e estendeu-se

sobre ela. Embora mantivesse o corpo erguido para não soltar o peso sobre ela, sua penetração foi forte e profunda. Com investidas seguras, lentas a princípio, então cada vez mais rápidas, conduziu Nina ao orgasmo e teve o seu logo depois. Rolou para o lado, levando-a em seu abraço. Ficaram inertes, braços e pernas entrelaçados, durante um longo tempo.

— Oh, John, eu estava começando a pensar que você me odiava — ela confessou, quando o tumulto em seu corpo acalmou-se.

Ele respirou fundo.

— Não, eu não te odeio. Eu te amo.

Nina cobriu-lhe os lábios com os dedos, mas já era tarde demais, as palavras haviam escapado.

— Eu te amo, Nina — John repetiu. — E isso é um inferno. Quero tê-la comigo o tempo todo, mas você tem essa mania de independência. Passei uma semana de agonia, esperando que me telefonasse.

— Você poderia ter ligado para mim — ela conseguiu dizer, apesar de abalada pela intensidade da emoção que via nos olhos cor-de-âmbar.

— Não. Insisti para que viesse do hospital para cá, e enquanto você esteve aqui, insisti para que ficasse deitada, que repousasse. Não podia insistir a respeito de mais nada. Você queria

voar para a liberdade, a iniciativa de voltar devia ser sua.

— No dia em que fui embora, você disse que também era independente e auto-suficiente — ela o lembrou.

— E sou, mas não é assim que quero passar minha vida. Não vejo fraqueza no fato de precisar de você como preciso. Não vejo fraqueza no fato de querer dormir com você todas as noites, de vê-la à mesa do café, todas as manhãs, de tê-la comigo no almoço e no jantar. Eu não perderia nada, entregando-me a você. — John fez uma pausa, então continuou em tom quase duro: — Desde que você se entregasse a mim da mesma maneira. Não posso viver como vivi essa última semana, Nina. Não posso viver num vácuo, só pensando em você, cheio de preocupação, dúvidas e desejo. Não

posso ficar esperando que você tenha um minuto livre para me telefonar. E não posso submeter J.J. a isso.

Sentindo-se no céu e no inferno ao mesmo tempo, Nina perguntou:

— O que está querendo me dizer, John?

— Estou dizendo que já trilhei esse caminho antes, só que desta vez meu coração está tão envolvido, que não posso me arriscar. Eu te amo, Nina, de verdade. Mas você tem de me amar, tem de casar comigo e mudar-se para minha casa, tem de diminuir seu ritmo de trabalho para ser uma esposa para mim e uma mãe para J.J., do contrário, nosso relacionamento termina aqui. E tudo, ou nada. Quanto a seu trabalho, não peço que o abandone. Nem me importaria, se vez por outra você tivesse um jantar de negócios, se precisasse chegar tarde em casa. Mas o trabalho não pode ocupar o primeiro lugar em sua vida. Este lugar é meu. Se me quiser, terá de ser assim, sinto muito.

Nina estava à beira das lágrimas e precisou fazer um grande esforço para controlar-se.

— Então...

— Ou é do meu jeito, ou não é de jeito nenhum — ele decretou. — Ou você me ama, ou não ama. Ou ficamos juntos, do modo que deve ser, ou rompemos de uma vez. E não haverá telefonemas nem visitas. Não haverá nada.

— Mas... isso não é justo.

— Talvez para você não seja. Gostaria de deixar as coisas como estão, não é? Ficariamos juntos por algumas horas, quando você tivesse tempo, depois nos separaríamos, conversariamos por telefone... Não, eu não posso aceitar isso. O que sinto por você é forte demais.

— Se me ama tanto, como pode estar disposto a desistir de mim de um minuto para o outro? Isso não faz sentido, John.

Ele apenas deu de ombros e ficou olhando-a com ar perscrutador. Nina, dominada por emoções conflitantes, percebeu que de nada adiantaria pedir a ele que continuasse a lhe dar amor, que não a deixasse, que não impusesse aquelas

condições impossíveis, que entendesse que havia um objetivo que ela precisava alcançar.

Amargurada e aturdida, Nina juntou as roupas e vestiu-se, cobrindo a nudez que exibira com tanto abandono momentos antes.

— Vai embora? — ele perguntou.

— Tenho de ir. Não consigo pensar. Estou confusa, não sei o que fazer. Preciso de tempo.

— Não, Nina. Quanto mais tempo esta situação se arrastar, mais sofreremos.

— O amor não devia causar sofrimento.

— Mas causa.

Nina sentiu vontade de implorar para que ele a aceitasse como era, que não a deixasse ir embora, mas tinha dignidade demais para isso. Calçou os tênis, lutando contra as lágrimas e contra a sensação de pânico que lhe apertava o peito. Levantou-se, endireitou a camiseta e começou a andar na direção da porta.

Uma única palavra de John a teria feito voltar. Mas ele não a pronunciou, e ela saiu, fechando a porta atrás de si.

CAPÍTULO X

Nina foi trabalhar na manhã seguinte, mas estava totalmente sem ânimo. Não dormira bem, estava se sentindo cansada e dolorida. Depois de quatro horas entrando e saindo da imobiliária com clientes, decidiu ir para casa, deixando a cargo de Lee os compromissos que assumira para a parte da tarde.

Mas em casa também não havia nada que ela quisesse fazer e, apesar de exausta, não conseguiu dormir. Mal fechava os olhos, um desfile de imagens começava a passar por sua mente, e todas mostravam John, cada uma trazendo lembranças de um momento diferente.

Mas a que mais a perseguia era a cena no quarto de J.J., quando ela lera a história, e John a traduzira para o menino na linguagem de sinais. De cada vez, ela era assaltada por uma emoção diferente. Sentia-se maternal, ao rever J.J. aninhado contra seu corpo, e John inspirava-lhe admiração, confiança e respeito, sentimentos que nunca experimentara por nenhum outro homem. E, de modo muito surpreendente, tudo isso despertava nela o desejo de fazer parte de uma família.

John dissera que amar causava sofrimento, às vezes, e sem dúvida referira-se a seu amor por ela. E, naquelas horas de solidão em casa, Nina sentiu a dor de querer amar e ser amada, de preencher sua vida com algo que realmente tivesse valor.

Mas a independência não tinha valor? A auto-suficiência? A liberdade?

Contudo, quanto mais se fazia perguntas, mais confusa e infeliz se sentia. As horas arrastaram-se, e quando ela foi para a cama, à noite, demorou a dormir.

No sábado, continuava sem disposição para trabalhar, e isso inquietou-a ainda mais. Ela adorava o que fazia, pelo menos sempre fora assim, e agora tudo lhe parecia sem importância.

O que queria mesmo, era ver John, mas isso era impossível.

Nem conseguiria distrair-se, indo à praia ou ao cinema, ou telefonando para uma amiga, pois estava defrontando-se com a necessidade de tomar a maior decisão de sua vida.

O que acabou fazendo, levada pelo instinto, foi telefonar para o aeroporto e depois para Lee. Em seguida, colocou algumas roupas numa pequena mala, preparando-se para viajar para Omaha.

Fazia poucos minutos que ela chegara à clínica de repouso onde a mãe vivia, quando o

dr. Anthony Kimball foi encontrá-la.

— Estou contente que tenha vindo, Nina — ele afirmou e, depois de apertar a mão que ela lhe ofereceu, guiou-a na direção de um longo corredor. — Achei que não tivesse recebido meu recado, porque não retornou meu telefonema.

— Quando foi que me telefonou?

— Hoje de manhã — ele respondeu. — Não lhe deram o recado?

— Não. — Com um arrepio de medo, Nina indagou: — Ela piorou?

— Infelizmente. O fim não está muito longe, de modo que foi muito bom você ter vindo.

Chegando ao quarto de Maria Stone, o médico abriu a porta e, com uma sensação de pavor, Nina entrou e aproximou-se da cama.

— Ela está tão magrinha — murmurou, horrorizada.

— Os últimos meses foram muito difíceis para o organismo dela, já enfraquecido.

— Mas ela não tomava consciência disso, não é? — Nina perguntou, ansiosa.

— Não.

A resposta aliviou-a, mas apenas brevemente. O mesmo instinto que a fizera tomar um avião naquela manhã, dizia-lhe que sua mãe estava de fato morrendo, como o dr. Kimball informara. E, embora Maria a houvesse decepcionado vezes sem conta, embora não existissem laços de especial carinho entre elas, Nina foi invadida por enorme tristeza. Afinal, a mulher que definhava lentamente naquele leito era sua mãe.

Um gemido de sofrimento escapou de seus lábios.

— Se quiser esperar em minha sala... — o médico sugeriu, tocando-a no ombro.

— Não. Quero ficar com ela — Nina declarou.

E ficou. Sentada numa cadeira que puxara para junto da cama, segurando uma das mãos frágeis entre as suas, observando o rosto macilento e vazio de qualquer expressão, mergulhada em pensamentos, nem viu o tempo passar.

Relembrou o passado, pensando como as coisas poderiam ter sido diferentes. Suas lembranças pareciam todas tristes e desagradáveis, até que, saindo do nada, apareceram outras, que deviam ter estado enterradas em seu subconsciente durante todos aqueles anos. Viu-se, ainda muito pequena, caindo na calçada e esfolando os joelhos. E a mulher que a ergueu do chão e abraçou-a era sua mãe. Viu-se tomando sopa de macarrão, sua preferida. E a mulher que ria, divertida, observando-a comer com tanto gosto, era sua mãe. Nina lembrou-se claramente do riso dela. E de seu perfume. Lembrou-se de como a achava bonita, com aquele perfil delicado, os longos e fartos cabelos, as mãos finas e aristocráticas.

As duas haviam tido bons momentos, Nina reconheceu, sabendo que nunca se lembraria deles, se não estivesse ali, passando aquelas últimas horas com a mãe. Talvez, se houvesse encontrado tempo antes, muitos anos atrás, para estar com Maria, tivesse sentido menos raiva dela, menos pena de si mesma. Talvez houvesse se tornado uma mulher mais completa. Acreditara que subira a um nível muito mais alto que o da mãe, mas, de repente, não tinha tanta certeza.

Maria dera-lhe a vida. A sua própria maneira, dentro do que lhe permitiam suas limitações, ela a amara. Nina, no entanto, nunca dera vida a ninguém. Nem amor. O que fizera fora mergulhar num torvelinho para provar que não precisava de nada daquilo.

Mas estava enganada. Ali, sentada ao lado da mãe, compreendeu muitas coisas a respeito de si mesma. À medida que as horas passavam, tornava-se mais humilde, mais conhecedora de sua própria alma.

O dr. Kimball foi ao quarto, antes de ir para casa, no fim de seu período de trabalho. Leu a papeleta com as anotações das enfermeiras que haviam acompanhado o estado de Maria durante o dia e oferecido café e lanches a Nina, a maioria dos quais ela recusara. Abanou a cabeça com tristeza e saiu do quarto em silêncio.

Nina continuou onde estava. Ficaria ali quanto tempo fosse preciso, segurando a mão lívida da mãe, deixando-a sentir sua presença.

Na manhã seguinte, ao nascer do sol, Maria exalou seu último suspiro.

Nina sepultou a mãe sob uma árvore, num pequeno cemitério na periferia da cidade. Depois de agradecer ao padre por suas bonitas palavras, e ao dr. Kimball, por tudo o que fizera por sua mãe, ela tomou um táxi e foi para o aeroporto. De lá, um pouco antes do anúncio de seu voo, ligou para John.

Como se estivesse esperando seu telefonema, ele atendeu ao primeiro toque.

— Alô?

— John... — ela murmurou timidamente.

— Nina? Felizmente, você ligou! Fiquei preocupado. Está em Omaha?

— Estou.

— E sua mãe?

— Ela faleceu, hoje de manhã.

— Oh, Deus! Lamento muito.

— Talvez... — Nina pigarreou, pois sentia a garganta apertada. — Talvez tenha sido melhor assim.

— É, talvez — ele concordou.

— Mas é duro — ela murmurou, começando a chorar. — John?

— Fale, meu bem.

— Estou indo para casa. Preciso... de você. Será que...

— A que horas? Qual é o voo? — ele perguntou, sem deixá-la terminar.

Nina deu as informações e desligou. Enxugou as lágrimas que escorriam por seu rosto e caminhou para o portão de embarque.

Não chorou durante o voo. Também não comeu nada, nem dormiu. Sentia-se como que anestesiada, incapaz de sentir emoções, de pensar claramente.

O avião aterrissou com quinze minutos de atraso. Pegando a mala, sua única bagagem, Nina acompanhou os outros passageiros através do corredor da aeronave e depois no túnel de desembarque. Quando emergiu no terminal, voltou a sentir a garganta apertada e os olhos cheios de lágrimas. Andando devagar, olhou em volta até que viu John no meio das outras pessoas que esperavam passageiros. Ele parecia tenso.

Ela caminhou em sua direção, com o coração disparado e a garganta bloqueada por um nó de emoções represadas. Apenas quando parou diante dele e sentiu que ali estavam o amor, a força e o calor de que tanto precisava, foi que tudo o que reprimira até então veio à tona. Abraçando-o pela cintura, enterrou o rosto no peito acolhedor e desatou em lágrimas.

John rodeou-a com os braços num gesto de conforto, e ela chorou longamente pela mãe, pelos anos perdidos, pelo amor desperdiçado, pelo que fizera John sofrer, por si mesma.

Quando as lágrimas cessaram, ergueu os olhos para os dele, sentindo-se totalmente sem energia.

— John, me leve para casa — pediu.

O céu estava ficando rosado, anunciando o sol, quando Nina acordou. Embora as lembranças do dia anterior ainda fossem confusas, ela percebeu imediatamente que estava na casa de John, na cama dele, mais uma vez usando uma de suas camisas. A seu lado, apoiado num cotovelo, ele a observava, e sua expressão não revelava nada de seus pensamentos.

— Oi — ela murmurou com um sorriso incerto.

— Como está se sentindo? — ele perguntou, sem sorrir. Nina ficou em silêncio por alguns instantes.

— Estou triste, feliz e com medo — respondeu por fim.

— Muita coisa, não acha? Não quer me falar desses sentimentos, um por um?

Mais uma vez ela demorou para responder, refletindo sobre a melhor maneira de dizer o que lhe ia na alma.

— Estou triste porque minha mãe morreu e nunca cheguei a conhecê-la realmente. Feliz, porque, passando todas aquelas horas com ela, aprendi algo que talvez não aprendesse de outro modo. E com medo porque agora estou certa do que quero, mas não sei se mereço ter. — Sua voz falhou, mas ainda assim ela prosseguiu: — Fui cega a respeito de muitas coisas.

— O quê, por exemplo?

— A respeito de minha mãe, porque não vi que ela me amava, mas que vivia atormentada demais para poder demonstrar isso o tempo todo..

— Isso acontece com muitos pais.

— Agora eu sei, mas não sabia, quando ainda estava crescendo. Então, me tornei amarga e revoltada e culpava minha mãe por todas as coisas que faltavam em minha vida. — Nina fez uma pausa, então confessou baixinho: — Mas fui a única responsável pela falta de muitas dessas coisas.

— Quais?

— Um lar, uma família, um relacionamento firme. Decidi ser rica e independente. Tinha certeza de que isso me daria felicidade e estava determinada a não deixar que ninguém me bloqueasse o caminho. Eu viveria para o trabalho e alcançaria o sucesso. Pensei que isso bastasse para me fazer feliz, mas não basta.

— Por quê? — John indagou, implacável.

— Porque não é a mesma coisa que estar com outra pessoa.

— Estar?

— Viver com outra pessoa.

— Morar na mesma casa?

— Amar outra pessoa.

— E você está amando? — ele perguntou, olhando-a de modo penetrante.

— Estou.

— A mim?

Nina moveu a cabeça, afirmando.

— Para uma mulher que fala pelos cotovelos, quando quer efetuar uma venda, você está tendo muita dificuldade em se expressar — John comentou, e pela primeira vez seu rosto

suavizou-se, perdendo o ar tenso.

— Porque estou falando de algo muito importante. Mais importante do que tudo o que já fiz em minha vida.

— Muito bem, diga logo tudo o que está pensando.

— Estou pensando que não quero ser como aquela mulher que você descreveu uma vez. Não quero acordar, um dia, e descobrir que estou envelhecendo sozinha, levando uma vida vazia. Estou pensando que amo você e que quero morar aqui e ser uma mãe para J.J. e, talvez, de outras crianças que possamos vir a ter. Pode ser que você não queira mais filhos, porque J.J. é um menino especial, que precisa do dobro de amor e dedicação.

— Tenho muito amor para dar, Nina. Tenho amor para dar a você, a ele e a mais um bando de crianças.

— Um bando delas. É isso o que quero.

— E seu trabalho?

— Continuarei trabalhando, mas não o tempo todo.

— Acha que conseguirá? — John perguntou, cético. — Por muitos anos, seu trabalho foi sua vida.

— Até eu encontrar você. Então, tudo mudou, John. Ele finalmente sorriu.

— Isso me agradou muito, mas há mais algumas palavras que eu gostaria de ouvir.

Ela sabia que palavras eram aquelas.

— Eu te amo — murmurou timidamente.

— Repita.

— Eu te amo.

— Mais uma vez.

— Eu te amo!

John abraçou-a, puxando-a de encontro ao corpo.

— Agora, diga isso com um beijo, depois com... — Uma voz rouca soou no corredor, interrompendo-o, e ele exclamou: — Oh, não! J.J. acordou!

— Ele disse "papai"? — Nina perguntou baixinho, cobrindo-se dos pés à cabeça com o lençol. „

— disse.

Ela ouviu a porta abrir-se, então, pelos movimentos de John, percebeu que ele fazia sinais, enquanto saudava o filho em voz alta.

— Bom dia, garotão! Dormiu bem?

J.J. correu para a cama, mas parou de repente e disparou na direção da porta.

— Menino esperto — John comentou. — Viu suas roupas na cadeira e descobriu que você está aqui, só que foi procurá-la no quarto de hóspedes. — Inclinando-se sobre Nina, ainda escondida sob o lençol, avisou: — Esta é sua última chance. Se J.J. encontrá-la em minha cama, você não poderá mais ir embora

Ela riu, acariciando a coxa dele.

— Não poderei?

— Isso não é hora de brincar, Nina. Você vai ficar, ou não? Preciso ter certeza.

— Por J.J.?

— Por mim. Um dia, ele terá sua própria vida, e quero ter a minha. Com você. O que me diz?

— Talvez eu não consiga ser uma boa esposa, quero dizer, uma boa dona de casa.
— Estou disposto a correr o risco.
— Talvez eu não consiga ser uma boa mãe.
— Esse perigo não existe. Você é do tipo maternal, eu percebi. Então, vai se casar comigo?

— Primeiro, quero ouvir as palavrinhas mágicas.
— Eu te amo.
— Repita.
— Eu te amo.
— Mais alto.
— Eu te amo!

Nina ouviu o som de pezinhos correndo pelo assoalho. J.J. voltara.

— Não encontrou Nina? — John perguntou.

Houve um silêncio suspeito. Em seguida, engrolando alguma coisa excitadamente, J.J. puxou o lençol para baixo, descobrindo Nina, e pulou para cima da cama.

Num segundo, ela se viu abraçada pelos dois. Rindo, disse a si mesma que nunca fora tão feliz, que nunca se sentira tão completa, tão amada.

EPÍLOGO

O sol de primavera estava quente, e era delicioso senti-lo na pele, depois de um inverno longo e rigoroso.

Deitada ao lado de John e aninhada contra ele, no gramado que se inclinava para o mar, em Crosslyn Rise, Nina inspirou profundamente e soltou o ar num suspiro de satisfação.

— Humm... não é gostoso?
— O sol, ou eu? — ele perguntou em tom sedutor.
— Os dois.

A mansão no alto da suave colina erguia-se atrás deles, branca e altiva, contra o verde da vegetação e o azul do céu. Atrás das árvores, de um lado e do outro, ficavam as vinte e quatro casas do condomínio, todas já ocupadas, todas lindas. A frente, no pé da colina, abria-se a marina com seus atracadouros brancos, abrigando lanchas e veleiros, e logo em seguida vinham as lojas, que incluíam uma galeria de arte, uma boutique, uma casa de artigos esportivos, uma videolocadora, dois pequenos restaurantes, uma farmácia e a livraria de John.

— Lamenta não termos comprado uma casa aqui? — ele perguntou.
— Não. A livraria já é o bastante. Adoro nossa casa, principalmente agora.

Assim que a Folheando Livros fora transferida para Crosslyn Rise, eles haviam ficado com os dois andares da casinha vitoriana. Com a ajuda profissional de Cárter, Gideon e

Christine, tudo fora renovado, e agora eles viviam num lugar lindo e ainda mais aconchegante.

A venda das casas de Crosslyn Rise dera grande lucro aos membros do consórcio, e

John insistira para que Nina aplicasse sua parte num investimento bancário, para que ela soubesse que aquele dinheiro lhe pertencia e que poderia ser usado da forma que lhe agradasse.

Ele compreendia sua necessidade de sentir-se independente financeiramente. Era uma pessoa realmente fantástica, em todos os sentidos, e Nina o adorava.

— Tem certeza de que não gostaria de alugar uma loja aqui, para abrir sua imobiliária?
— John indagou.

— Mesmo que quisesse fazer isso, não poderia, porque todas já foram Alugadas.

— E quando Alguma ficar desocupada?

— Não. Estou contente, trabalhando na Crown Realty. Ela continuava na mesma imobiliária, e Lee, que ficara noiva de um homem maravilhoso, ainda era sua maior colaboradora.

— Nunca pensa em ter seu próprio negócio, algo com que sonhou durante tantos anos?

Inclinando a cabeça para trás, ela ergueu os olhos para os dele.

— E quando acharia tempo para pensar nisso? Minha vida é tão cheia!

— Mas você queria tanto ser dona de uma imobiliária!

— Não quero mais. Quando é que você vai acreditar?

— Acredito, mas às vezes não posso deixar de me preocupar. Fico lembrando o tempo em que nos conhecemos, pensando em todas as coisas que você queria...

— O que era que eu queria? — ela o interrompeu. — Um negócio só meu, e isso não me interessa mais, porque seria muita responsabilidade para alguém que agora tem tanto o que fazer. Queria ter muito dinheiro, e tenho.

— Queria liberdade...

— E tenho. Você me libertou. — As palavras haviam saído espontaneamente, surpreendendo Nina, que ficou calada

um instante, refletindo. — E verdade — prosseguiu. — Pensei que amar significava uma pessoa tornar-se escrava de outra, mas você me ensinou que não é nada disso. Você me faz sentir completa, importante e segura, me dá forças para fazer coisas novas. — Com um sorriso malicioso, acrescentou: — Floresci, estou com aparência radiante.

Rindo, John acariciou o ventre dilatado, coberto pela leve túnica alaranjada.

— É, você floresceu.

Pondo a mão sobre a dele, Nina suspirou, satisfeita.

— Estou tão feliz...

— Sente medo?

— Claro, um pouquinho.

— Não precisa sentir. Você é uma mãe maravilhosa para J.J., minha querida.

— Ele é maravilhoso — Nina declarou com imensa ternura na voz. — Não acho nenhuma dificuldade em lidar com um menino tão meigo e inteligente. Mas cuidar de um bebê é diferente.

J.J. progredira muito, depois que começara a freqüentar a escola especializada, onde ficava o dia todo. Tinha uma porção de amigos, já lia e escrevia, progredira bastante no aprendizado da linguagem de sinais e da leitura de lábios, e até falava, à sua maneira peculiar. Ele também florescera.

— Nós dois cuidaremos do bebê. Não vai ser difícil — John assegurou.

Eles faziam tudo juntos, e essa era outra razão pela qual Nina jamais sentira que tivera de desistir de algo para casar com John. Ele realmente participava de tudo, era dedicado e prestativo, como pai e marido. Apesar dessa cumplicidade entre os dois, um não sufocava o

outro, e o fato de dividirem o peso de qualquer fardo era um tributo ao amor e ao respeito que os uniam.

Desde que haviam se casado, oito meses antes, Nina tornara-se dependente do amor de um homem, algo que jurara jamais deixar acontecer. Mas aquele não era um homem

qualquer. Era John, e ela confiava nele, sabia, sem sombra de dúvida, que sempre teria seu amor.

Nina olhou para a linda paisagem a frente deles e suspirou.

— Existe alguma coisa diferente neste lugar — comentou. — Cárter disse isso uma vez, e é verdade. Crosslyn Rise lança um tipo de encanto sobre as pessoas. Veja como Cárter e Jéssica são felizes, mais ainda agora, com a filhinha, e morando numa das casas da campina, perfeita para eles.

John beijou-a no alto da cabeça.

— Os dois amam de fato Crosslyn Rise. Nunca optariam por morar longe daqui.

— Nem mesmo na Flórida, onde passam algumas semanas com os pais de Cárter, de vez em quando. E dizem que é um lugar fantástico. — Nina sorriu. — Falando em lugares fantásticos, a casa que Gideon está construindo vai ser incrível. — Como boa corretora que era, não pôde deixar de acrescentar: — Só acho que ele pagou uma quantia exorbitante pelas terras.

— O homem tem dinheiro. O lucro que obteve com o investimento em Crosslyn Rise não foi nada pequeno.

— Além disso, Gideon ficou famoso e encontrou o amor. Ele e Christine são muito felizes. Dá gosto vê-los juntos.

De repente, John ergueu o braço, mostrando o relógio para ela.

— Não está na hora?

Nina abanou a cabeça, ajeitando-a no peito dele.

— Ainda temos cinco minutos.

Depois que o consórcio de Crosslyn Rise fora oficialmente desfeito, os três casais, Cárter e Jéssica, Chris e Gideon, Nina e John, haviam combinado de reunir-se pelo menos uma vez por mês. As vezes jantavam juntos, ou iam assistir a um show, e de vez em quando encontravam-se na casa de um deles, para conversar ou jogar cartas.

Naquele dia, para fazer algo diferente, iam almoçar num dos restaurantes junto à marina. Depois, Nina e John passariam o resto do dia juntos. Embora ele agora trabalhasse na livraria desde manhã até a hora de fechar, pedira a Minna Larken, sua antiga funcionária, que o substituísse naquela tarde. E Nina entregara seus compromissos a Lee, de modo que os dois estavam livres. Depois do almoço com os amigos iriam a Boston, só para passear, fazer algumas compras e tomar cappuccino num dos cafés com mesas na calçada. Na volta para casa, pegariam J.J. na escola.

Era uma vida perfeita, Nina refletiu, e tudo por causa de John. Virando-se para olhá-lo, abraçou-o pelo pescoço.

— Sabe o quanto te amo, John Sawyer? Um sorriso iluminou o rosto dele.

— Acho que sei, mas não me importaria, se você dissesse de novo.

Nina não precisava de palavras. Aproximando o rosto do dele, beijou-o intensamente na boca, e isso disse tudo.